

BOLETIM
DE
FILOLOGIA

TOMO X

MISCELÂNEA DE FILOLOGIA, LITERATURA
E HISTÓRIA CULTURAL A MEMÓRIA DE
FRANCISCO ADOLFO COELHO (1847 - 1919)

I

CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS
TRAVESSA DO ARCO A JESUS, 15
LISBOA

1949

BOLETIM
DE
FILOLOGIA

TOMO X

MISCELÂNEA DE FILOLOGIA, LITERATURA
E HISTÓRIA CULTURAL À MEMÓRIA DE
FRANCISCO ADOLFO COELHO (1847-1919)

I

CENTRO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS
TRAVESSA DO ARCO A JESUS, 13
LISBOA

1949

ÍNDICE

A Obra de F. Adolfo Coelho

J. SIMÕES NEVES, Duas Palavras de Agradecimento	1
SERAFIM SILVA NETO, Francisco Adolfo Coelho e a Filologia Portuguesa	3
JOSÉ PEDRO MACHADO, Adolfo Coelho e o Romancço Moçarábico	15
ANTENOR NASCENTES, Adolfo Coelho e a Etimologia	22
ELZA PAXECO, À Margem do <i>Dicionário Manual Etimológico</i>	25
JORGE DIAS, Adolfo Coelho e o Arado Virgiliano	31
LUÍS CHAVES, Adolfo Coelho e os Contos Populares	43

Lexicografia e Etimologia

GIACOMO DEVOTO, La famiglia di <i>zuzzo</i>	54
J. MAROUZEAU, En feuilletant le dictionnaire: Mots latins à b initial	60
J. ALVAREZ DELGADO, Etimologia de <i>a t t e g i a</i> y sus relacionados	64
CLEMENTE MERLO, Correzioni e aggiunte al <i>Romanisches etymologisches Wörterbuch</i> di Wilhelm Meyer-Lübke	77
GERHARD ROHLFS, Les noms des jours de la semaine dans les langues romanes	88
R. OLBRICH†, Zum bildhaften Ausdruck der Geringwertigkeit und Geringschätzung in den romanischen Sprachen und Mundarten	95
SEVER POP, <i>N a r i s</i> «nez» et <i>n a s u s</i> en roumain. Un problème de méthode	119
VICTOR BUESCU, Survivance roumaine du latin * <i>a p p i c a r e</i>	148
ERNST GAMILLSCHEG, Französische Etymologien	188
YAKOV MALKIEL, Latin <i>i a c t a r e</i> , <i>d e i e c t a r e</i> and <i>e i e c t a r e</i> in Ibero-Romance	207
OLAF DEUTSCHMANN, Formules de malédiction en espagnol et en portugais	215
RODOLFO OROZ, Los animales en el <i>Cantar de Mio Cid</i>	273
CHARLES V. AUBRUN, Port. et cast. <i>amainar</i>	279
GUNNAR TILANDER, <i>Estregar</i>	281
MARIA CONSTANÇA MÚRIAS DE FREITAS, A expressão da dor no <i>Cancioneiro Geral</i> de Garcia de Resende	287
MAX L. WAGNER, O Elemento Cigano no Calão e na Linguagem Popular Portuguesa	296
JOSEPH M. PIEL, Apostilas de Etimologia e Lexicologia portuguesa II	320
JOAN COROMINAS, Duas Etimologias Portuguesas	334
LEANDRO CARRÉ ALVARELLOS, Galaico-port. <i>ler</i> , s. m., y su significado	341
BERTIL MALER, Las palabras <i>ermolho</i> y <i>ermolhecer</i> en la <i>Consoção</i> de Samuel Usque	344
JOSÉ INÊS LOURO, Etimologia de <i>sargaço</i>	353
JOSEPH BRÜCH, Le portugais <i>baloço</i> et le suffixe <i>-oiço</i>	363

Duas palavras de agradecimento

Quando no ano passado iniciámos os nossos trabalhos para a comemoração com que o Centro de Estudos Filológicos desejava celebrar o centenário do nascimento de Adolfo Coelho, mal pensávamos nós que ela viesse a atingir tão alto grau de extensão e profundidade. Na verdade, chegou até nós, em poucos meses, valiosa colaboração de todos os recantos do mundo culto. Nesta época de tão intensas agitações e cupidez, de tão graves faltas de dignidade e moderação, é reconfortante assinalar e exaltar esta nota de íntima solidariedade, de serena isenção, dada por Ilustres Mestres que até nós vieram como lídimos representantes de um alto pensamento de ciência pura e desinteressada. Para todos eles vão os nossos sinceros agradecimentos.

Várias entidades científicas dedicaram já à memória do insigne filólogo e pedagogo as suas homenagens. As duas Revistas das Faculdades de Letras, respectivamente de Lisboa e de Coimbra (*Biblos* vol. XXIII, tomo III e a *Revista da Faculdade de Letras* de Lisboa, tomo XIV, n.º 1), e o Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, de Lisboa, (*A Criança Portuguesa*, ano VI) publicaram números de homenagem em sua honra.

Em 1868 Francisco Adolfo Coelho com a sua obra intitulada «*A Língua Portuguesa*» introduziu em Portugal o critério e os métodos da Filologia moderna, aplicados lá fora ao estudo das línguas novilatinas por Frederico Diez. Este seu trabalho fundamental marca, como disse Leite de Vasconcelos, o início de um período novo na história da Filologia Portuguesa. Ampliando mais tarde o âmbito dos seus estudos nunca abandonou, porém, o campo das disciplinas de que partira.

Ao ainda jovem cientista, é conferido em 1887 o grau de Doctor honoris causa pela Universidade de Goettingen, nos termos mais elogiosos, que a seguir se transcrevem :

«quoniam cum omnem philologiam romanensem auxit scriptis
«numero permultis subtilitate conspicuis tum patriam Lusitanorum

«linguam a se primo ad vera artis praecepta exactam cives altius
«cognoscendam docet et popularium litterarum fontes integros aperit
«denique pro excolenda et emendanda adulescentiae indigenae edu-
«catione et eruditione ardore iuvenili pugnare nunquam cessat.»

O seu intenso labor científico não desmereceu, mas, pelo contrário, confirmou sempre o juízo expresso nas palavras que acabamos de transcrever.

Integrando-o naquela fecunda geração à qual pertenceram Oliveira Martins, Latino Coelho, Antero de Quental, um historiador da filosofia portuguesa vê nele «talvez a mais insaciável e escrupulosa curiosidade de saber de seu tempo» (J. de Carvalho, in *Biblos XXII* 1946, 109).

Mal ficaria ao Centro de Estudos Filológicos deixar em olvido, nesta comemoração do seu centenário, a figura de Adolfo Coelho, especialmente como filólogo, linguista, folclorista e historiador da nossa literatura. Inclui-se neste volume variada e valiosíssima colaboração, compreendendo artigos directamente ligados à sua lembrança, e outros relativos a matérias e problemas que tanto ocuparam e preocuparam o seu espírito. Aos trabalhos de especialistas nacionais vem associar-se em simpática e amiga camaradagem, num acto espontâneo de veneração e estima, a riquíssima colaboração de colegas estrangeiros, em número tão elevado que nos parece lícito afirmar que ela constitui um caso inédito de homenagens deste género em Portugal. À volta da figura de Adolfo Coelho vemos conjugar-se uma valiosa comunidade internacional em homenagem à nossa ciência e aos nossos valores espirituais, que nunca é demais sublinhar e exaltar. Importa fazer realçar no momento presente esta nota interessante.

Esperamos com esta nossa iniciativa ter prestado justa homenagem a Adolfo Coelho e valioso serviço às letras pátrias. Isto nos basta.

J. SIMÕES NEVES

Francisco Adolfo Coelho e a Filologia Portuguesa

«Mas a minha pessoa não é nada para mim, nem o são os meus livros desde que os escrevi; em vez de ver reproduzido o que neles pus, prefiro ver surgir frutos novos. Basta-me que se faça justiça à legitimidade dos meus esforços.

Nada mais aflitivo para quem pensa e estuda a sério do que as duas coisas seguintes: reconhecer que não o entendem ou ver que estão exactamente de acordo com ele».

(F. A. C., NOTÍCIAS FILOLÓGICAS, 1885, pág. 10).

Francisco Adolfo Coelho, a quem devemos a introdução, em Portugal, dos modernos métodos filológicos, nasceu em Coimbra aos 15 de Janeiro de 1847 e morreu em Lisboa aos 9 de Fevereiro de 1919.

A sua longa vida foi eloquente exemplo de combate à rotina, perniciosa e arbitrária, que afogava e inutilizava o estudo da nossa língua. Portugal continuava com os Leonis e os Madureiras, enquanto lá fora, na Alemanha, na Inglaterra e na França, os Bopps, os Diezs, os Paris, os Max Müllers revolucionavam os métodos filológicos.

Por isso, em 1868, embora muito jovem ainda (apenas contava vinte e um anos) Francisco Adolfo Coelho surpreendia e aterrava o meio intelectual português com o seu livro de combate: *A LÍNGUA PORTUGUESA*, Coimbra, XXI — 136 págs.

Nele introduzia as novas ideias, inaugurando, com relação à língua portuguesa, os sadios princípios que Friedrich Diez applicara às línguas neolatinas. De facto, o Mestre de Bonn já publicara em 1836/8 a *GRAMMATIK DER ROMANISCHEN SPRACHEN*, que completara, em 1858, com o *ETYMOLOGISCHES WÖRTER-BUCH DER ROMANISCHEN SPRACHEN*.

O jovem romanista português não encontrou, porém, caminho plano e fácil. É mesmo natural que experimentasse, de começo, mui-

tas decepções, pois a sua avidez de conhecimentos e a seriedade do seu espírito chocavam-se com a vaidade de alguns sabedores oficiais. Eis como ele, em 1872, sopesava a clava julgadora:

«Entre os nossos sábios oficiais não há um só orientalista, nem um só homem que saiba pelo menos sânscrito. Nos estudos de filologia clássica os nossos académicos são duma ignorância a toda a prova, como provam as *Inscriptiones Portugaliae*, já julgadas convenientemente por Hübner e as prelecções do Sr. Viale, que imagina que traduzir grego e latim e saber de cor passagens de poetas antigos e modernos e ter lido muito com os olhos é ser sábio».

Essa falta de ambiente devia-se, em grande parte, a não haver Faculdades de Letras, onde metódicamente se ensinassem e estudassem as disciplinas filológicas. Tão sensível lacuna foi preenchida em 1878, quando o deputado Júlio de Vilhena apresentou um projecto de lei, criando no Curso Superior de Letras uma cadeira de Linguística Indo-Europeia, especialmente românica. Era ainda muito pouco: mas, em todo o caso, sempre representava um começo.

A proposição do representante do povo foi calorosamente aplaudida pela fina flor da intelectualidade portuguesa. Trinta e quatro professores e escritores entre os quais Antero, Teófilo Braga, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Latino Coelho, João de Deus, Joaquim de Vasconcelos e D. Carolina Michaëlis (que assinava, também, em nome dos conhecidos romanistas A. Tobler, G. Gröber e W. Storck) dirigiram às Cortes uma representação de entusiasmado apoio ao projecto. Entre outras coisas, salientavam:

«O Governo Português nada terá que dispendar para habilitar professor para essa cadeira. A ciência estrangeira, a mais competente para julgar das aplicações dos métodos por ela criados, reconhece num linguista português, Francisco Adolfo Coelho, a competência necessária para professar aquela disciplina».

Com tais recomendações, não surpreende que o Mestre obtivesse a desejada nomeação. Na cátedra saiu-se, como era de esperar, às mil maravilhas. Eis o testemunho do Dr. Agostinho Fortes:

«O que representou o trabalho de Adolfo Coelho na regência da sua cadeira que, com diversas designações posteriores, regeu até à morte, só o podem apreciar com exactidão os que saibam e possam avaliar o largo voo e desenvolvimento extraordinário, que adquiriram e mantêm brilhantemente os trabalhos filológicos entre nós. Não há aí ninguém que não tivesse recebido de Adolfo Coelho o ensinamento, o bom conselho, a lição fecunda e frutífera no campo filológico» (in: *A língua portuguesa*, I, pág. 205).

Pela sua própria natureza, tão combativa e aguerrida, a vida científica de Adolfo Coelho está longe de ter sido serena e ordenada. Ele tinha de enveredar por muitos campos, de forma que, muitas vezes, abandonava obras começadas ou ainda em projecto. Lembremos a prometida *Grammaire historique de la langue portugaise* (seria publicada em Heilbronn, em 1882) que jamais saiu a lume.

Além disso, Adolfo Coelho era pessoa muito sensível e irritável, mais pronta a demolir e profligar erros do que a construir verdades. Bastará notar um facto, que me parece típico. Em 1871, certo grupo de jovens intelectuais reuniu-se com o fim de promover conferências públicas no *Casino Lisbonense*. Falaram Antero de Quental (duas vezes), Soromenho e Eça de Queirós na melhor paz e ordem. Por fim vai Adolfo Coelho estudar a «Questão do Ensino»: sobe à tribuna em 19 de Junho. A consequência da sua crítica foi a proibição dessas preleções públicas, por nelas se exporem doutrinas e proposições que atacavam a religião e as instituições políticas do Estado.

Os melhores trabalhos de Adolfo Coelho não são os mais conhecidos. Não são nem a *Teoria da Conjugação* (1871) nem as *Questões da Língua Portuguesa* (1874) nem muito menos, o *Dicionário Etimológico* (1890) (1).

São, pelo contrário, o sólido livro sobre os Ciganos, os artigos, em várias revistas, sobre as influências étnicas, sobre os crioulos, sobre a analogia, sobre o estudo das palavras aliado ao das coisas, etc.

Em 1880, depois de haver escrito várias obras de doutrina e numerosos opúsculos de polémica, o seu espírito foi levado a estudar um campo quase virgem, mesmo fora de Portugal: os falares crioulos.

O seu primeiro estudo, *Os dialectos românicos ou neolatinos na África, Ásia e América* (1880), contém amplos materiais acerca do caboverdiano, do guineense, do ceilonês, do malaquês, do macaísta, do português do Brasil e, fora do nosso campo, do crioulo espanhol de Curaçau (papiamento), do espanhol falado nos campos de Buenos

(1) Este último é, mesmo, das piores coisas que trazem o nome de Adolfo Coelho. Segundo o testemunho de Pedro de Azevedo, cuja probidade não pode ser posta em dúvida, ele foi compilado por dois indivíduos e Adolfo Coelho apenas se limitou a pôr (de maneira superficial e imperfeita que conhecemos) as etimologias (cf. os *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, VI, 1925, pág. 179). Essa versão dos factos é corroborada pela informação, de Mendes dos Remédios, de que Adolfo Coelho recolhia os exemplares que achava no mercado (*Rev. de Língua Portuguesa*, 19, pág. 111).

Aires e Montevideu, do crioulo francês da ilha Maurícia, do crioulo francês da Luisiana, do crioulo francês da Guiana, do crioulo francês da ilha de São Domingos, do crioulo francês da Trindade, do crioulo francês da Martinica e, finalmente, da *língua franca*.

Com tão vasta documentação e seu espírito teórico, não é de estranhar que Adolfo Coelho se abalançasse a considerações gerais, expondo em dois princípios a formação dos crioulos:

1. *Os dialectos românicos e crioulos, indo-português e todas as formações semelhantes representam o primeiro ou primeiros estádios na aquisição de uma língua estrangeira por um povo que fala ou falou outra.*

2. *Os dialectos românico-crioulos, indo-português e todas as formações semelhantes devem a origem à acção de leis psicológicas ou fisiológicas por toda a parte as mesmas e não à influência das línguas anteriores dos povos em que se acham esses dialectos.*

A essas teses veio opor-se uma outra, do sábio francês Luciano Adam, segundo a qual os crioulos representariam a mistura de vocabulário românico com gramática indígena. Esta teoria encontrou larga repercussão, apesar de ser visivelmente infeliz e não representar, de modo nenhum, a realidade dos factos⁽²⁾. Hoje os filólogos reconhecem a superioridade da concepção de Adolfo Coelho. O Prof. Meyer-Lübke diz, por exemplo: «... Kreolisch: ein Radebrechen einer fremden Sprache, die im Verkehr von zumeist ganz Ungebildeten gelernt, nur den einfachsten Verkehrsbedürfnissen genügen muss, daher sie sich mit den einfachsten Ausdrucksmitteln behilft, wie namentlich Coelho von allem Anfang an gelehrt hat». Ferdinand Brunot, que expõe as duas teorias, de Adam e de Coelho, faz justiça ao filólogo português: «Il existe une étude déjà ancienne, mais fondamentale, des patois créoles, c'est celle de Adolphe Coelho». (*Histoire de la langue française*, VIII, 1935, pág. 1136).

O interesse pelos falares ultramarinos forçosamente o levaria a estudar o português do Brasil. Em 1880 estava inteiramente explorado esse vasto campo da dialectologia portuguesa, mas a Adolfo Coelho não escapava a clara visão do problema:

«O Brasil... oferece um campo vasto à alteração do português, à qual se opõe porém a extensão crescente da literatura, e especialmente do jornalismo. Como o domínio literário da velha metrô-

(2) Veja-se, a esse propósito, o que escrevemos em nosso artigo *Falares Crioulos*, publicado na *Brasília*, V. 1949.

pole europeia não cessou com o domínio político, a linguagem literária do grande império da América meridional não se afasta senão nalgumas peculiaridades de importância secundária do português da Europa. A linguagem falada distingue-se, já na boca dos mais instruídos, por essa entoação geral, por essa tendência determinada para tornar abertas todas as vogais átonas, por esse amor do iotacismo, que nos fazem reconhecer ao fim da primeira frase pronunciada por um brasileiro... a sua proveniência. Na linguagem popular, especialmente das províncias, na linguagem dos *matutos*, notam-se modificações fonéticas mais consideráveis, a mais geral das quais é a supressão do *r* final...

Alguns anos mais tarde voltava ao assunto :

«O Brasil pelas condições glóticas em que se acha é um país que naturalmente leva para os estudos filológicos ; dum lado vê-se a língua da mãe pátria que os literatos e doutos tentam em geral escrever e falar com a possível correcção sob o ponto de vista do uso da antiga metrópole, o que conduz ao estudo do português nas suas fontes clássicas, à manutenção das relações intellectuais entre Portugal e Brasil ; doutro surgem os dialectos indigenas, tupi-guarani, língua dos botocudos, etc., que circunstâncias de todo o género levam a estudar por si e nas suas relações com as outras línguas americanas ; além aparecem as colónias estrangeiras, e especialmente as de origem alemã suscitando o conhecimento de línguas europeias distintas da dos primeiros colonizadores ; as línguas africanas chamam ainda a atenção e, não sei se diga por baixo, se por cima de tudo isto, aparece a linguagem peculiar dos cidadãos brasileiros, o dialecto brasileiro se assim se lhe quer chamar, o português alterado no Brasil pela acção de causas tão complicadas como são a mistura étnica, o contacto com línguas diversas que persistem ou desaparecem (como é o caso com os dialectos do elemento negro da população), o clima, a distância da sede originária, e ainda outras, a cada uma das quais, é na maior parte dos casos bem difficil de attribuir o papel que lhe compete. Infelizmente se a lingua portugueza literária não tem sido descurada pelos brasileiros devendo-se até a um brasileiro, António de Moraes e Silva, o dicionário português que, depois do de Bluteau que ele resumia e completava, tem sido a base de todos os dicionários portugueses publicados, se o estudo do português literário está ao contrário em favor, como indicam as publicações de que falei no primeiro número destas notícias, as particularidades da linguagem brasileira (designarei sempre assim por comodidade o português diferenciado do Brasil) tem merecido muito menos a atenção dos escritores do império sul-americano».

«Fora mister examinar as variedades dessa linguagem segundo os lugares e determinar com exacção o que ela apresenta por toda a parte de comum ; investigar cuidadosamente a literatura brasileira

leira para estabelecer até que ponto o substrato popular aflora na língua culta, o que não é fácil pela pobreza das nossas bibliotecas em publicações brasileiras, apurar enfim se havia, como se tem pretendido, influência não puramente lexicológica da parte das línguas indígenas e ainda das dos negros da África sobre o português do império. O lado fonético da questão merece sobretudo um exame especial que só pode ser feito nos lugares mesmos».

«A linguagem brasileira, pelas condições da sua existência e desenvolvimento, apresenta naturalmente uma tão grande série de gradações desde a boca do culto até à do último matuto que qualquer afirmação com respeito às interrogações que faço acima corre perigo de ser pelo menos em grande parte falsa».

É, porém, com *Os Ciganos em Portugal* (1892) que Francisco Adolfo Coelho atinge a plena posse de suas faculdades: larga capacidade para ajuntar materiais, vasta cultura glotológica para poder tirar conclusões gerais, agudeza de engenho para interpretar os factos da linguagem.

Com grande segurança traça, em pinceladas de Mestre, a história dos Ciganos em Portugal, os processos de formação do calão (*deformações fonéticas* — mudanças de acento, supressão de sílabas, inversões de sons e sílabas — *deformações morfológicas, modificações de significação, criação original*), as relações entre os ciganos e o calão, e, certo de que os estudos linguísticos fazem parte de um todo, ajunta materiais etnográficos e antropológicos. Com este livro a Filologia Portuguesa alçou-se ao plano europeu, situação que ia repetir-se, alguns anos mais tarde, com os *Estudos de Filologia Mirandesa* (1900/1901) e a *Esquisse d'une dialectologie portugaise* (1901) de Mestre José Leite de Vasconcelos.

Em 1896 vem a lume a terceira edição, «emendada», de *A Língua Portuguesa. Noções de glotologia geral e especial portuguesa*, Porto, Magalhães & Moniz, 180 págs.

Dentre todos os seus livros de síntese é este o que se apresenta melhor, tanto pelo método revelado no plano, como pela segurança de doutrina que, salvo num e noutra ponto, ainda hoje se pode manter.

Para que os leitores possam fazer ideia dos assuntos nele tratados, transcreveremos o índice:

Secção I — Noções gerais

1 — Glotologia e Filologia.

2 — Classificação da Glotologia.

- 3 — Relações da Glotologia com outras ciências.
- 4 — Gramática comparada.
- 5 — Classificação das línguas.
- 6 — Alguns princípios da história da linguagem.

Secção II — O latim e as línguas românicas

- 1 — Extensão do domínio do latim em Itália.
- 2 — Antigos povos e línguas da península ibérica.
- 3 — Romanização da península ibérica.
- 4 — O latim vulgar e o latim literário.
- 5 — A invasão dos bárbaros e a decadência da cultura romana.
- 6 — Influência dos povos romanizados e dos bárbaros sobre o latim.
- 7 — Formação das línguas românicas.
- 8 — O latim bárbaro.
- 9 — Os muçulmanos na Hispânia.
- 10 — O português língua escrita.
- 11 — Português e galego.
- 12 — Variedades dialectais do português.

Secção III — Formação do léxico português

- 1 — Elementos latinos.
- 2 — Elementos provenientes das línguas faladas na península anteriormente ao latim.
- 3 — Elementos provenientes das línguas faladas pelos conquistadores da península, depois do domínio romano.
- 4 — Elementos provenientes de origens diversas.

Secção IV — Noções de história da língua portuguesa escrita

- 1 — Divisão em períodos.
- 2 — Gramáticos e humanistas portugueses.

Por essa mesma época voltava Adolfo Coelho a empunhar o gládio da crítica justa e bem intencionada, com o opúsculo *O ensino da língua portuguesa nos liceus* (Porto, s.d., 46 págs.). Com mão de mestre examina alguns dos livros adoptados no ensino oficial e censura muitos dos processos de ensino então em voga. Copio os seguintes lanços :

«Num livrinho destinado a servir de chave para os enigmas da análise como a entendem os referidos senhores, há uns 50 nomes de complementos. Entre eles figura um complemento de *provisão* ou *abundância* com o seguinte exemplo : o punhal *escorria* em

sangue. Assim em *sangue* é aqui um complemento de provisão ou abundância. Como chegarão os rapazitos a alcançar tamanha altura de sabedoria!»

«Para fazer essas análises, a que os rapazes aplicam às vezes o termo cómico de *espequelonderíficas*, buscam-se principalmente textos arrevesados, havendo uma grande predilecção pelos que oferecem hipérbatos e anacolutos, e uma verdadeira paixão pelos *anacolutos pleonásticos*, como se acrobatismos de terminologia fossem processo didáctico».

«Ora a verdade, a pura verdade é que essa análise que tanto confunde e enauseia as crianças pela sua segura e abstracção, pela sua incerteza e arbitrariedade, lembra o repertório incessantemente repetido dum relógio, só variado por notas falsas que se introduzem ora num compasso ora noutro, e serve apenas para encobrir a ignorância dos factos da língua que mais importava ensinar».

«Não somos partidário dos que querem suprimir na instrução elementar e nos primeiros anos do liceu o estudo da gramática da língua materna; mas entendemos que ela deve reduzir-se aos elementos indispensáveis e úteis. Para que, por exemplo, fazer decorar séries de regras relativas ao uso das preposições, dos modos, tempos e números em casos em que não se erra no falar vulgar (como os referidos de entrar e cair com *em*, o uso do futuro do subjuntivo com *se* e *quando*), regras expressas às vezes de modo extraordinário? É importante que haja gramáticas com o estudo o mais minucioso possível da sintaxe, assim como das outras partes da gramática da língua nacional, mas não para as fazer decorar nas escolas. São utilíssimos os dicionários, mas quem decora ou quem sequer lê a seguir um dicionário?

Sem dúvida não é fácil marcar exactamente o que convém fazer entrar no ensino; mas se o compêndio de gramática, em vez de ser a base das lições, for só o auxiliar delas, se a leitura e os exercícios escritos e orais ocuparem nessas lições o primeiro lugar, de modo que as regras gramaticais venham apenas para os esclarecer e completar, de modo que pouco e pouco se aprendam os paradigmas da morfologia, os traços essenciais e gerais apenas da sintaxe, deixando o resto para a prática e para ser completado com a comparação no estudo das línguas estrangeiras, ter-se-á feito um grande progresso. A gramática é realmente, no estado actual do nosso ensino primário e secundário, uma das causas principais por que não se aprende a língua».

«Dizia Fontenelle que se tivesse uma mão cheia de verdades, teria toda a cautela para não a abrir. *Obsequium amicis, veritas odium parit*, disse o imitador latino de Menandro.

É certo isso. A verdade tem-nos atraído já muitas vezes insultos e calúnias miseráveis. Não importa. O estado de profunda decadência a que chegou o país é o resultado das mentiras com que têm querido embalar-lo em todos os domínios».

Por volta de 1900, empreendeu o Dr. Adolfo Coelho larga pesquisa acerca da influência étnica na transformação das línguas. O seu plano abarcava os seguintes aspectos :

- 1 — *Diferenças fonéticas das línguas e diferenças anatómicas dos órgãos da fala.*
- 2 — *Influências exercidas pelos sistemas fonéticos dumas línguas sobre outras.*
- 3 — *Causas gerais das alterações fonéticas.*
- 4 — *Influências morfológicas dumas línguas sobre outras.*
- 5 — *Influências sintéticas dumas línguas sobre outras.*
- 6 — *Línguas diversas de gramática mista.*
- 7 — *Formação dos dialectos crioulos.*
- 8 — *Bibliografia e conclusões gerais.*

Desse vasto e sedutor plano o emérito glotólogo só pôde realizar a primeira parte. Nela inaugura, a nosso ver, os estudos de *linguística geral*.

Uma das preocupações dominantes do espírito de Francisco Adolfo Coelho era acompanhar o desenvolvimento que a Ciência da Linguagem ia tendo lá fora. Não lhe podia passar despercebida, portanto, a magistral pesquisa de Schuchardt sobre o fr. *trouver* — no correr da qual o grande Mestre de Graz exigia uma *história da cultura românica* «*romanische Kulturgeschichte*», ao lado da *história das línguas românicas* «*romanischen Sprachgeschichte*». É quase certo, também, que ele conhecia os trabalhos de Meringer, *Etymologien zum geflochtenen Haus* (in *Festschrift Heinzel*, Halle, 1898) e *Das volkstümliche Haus in Bosnien und Herzegowina*, Viena, 1901 — bem como a notabilíssima pesquisa de Schuchardt acerca da fouchinha e do serrote, da fouchinha e do punhal : *Sichel und Säge ; Sichel und Dolch* (in *Globus*, 80, 1901). Esses autores, como se sabe, preconizavam a doutrina de que o estudo das *palavras* devia ser precedido pelo estudo das *coisas*. As *coisas*, minuciosamente descritas, esclareceriam a razão dos nomes. Em suma : *sem objectologia não há filologia*.

Foi certamente inspirado nesse princípio que Adolfo Coelho empreendeu o estudo da alfaia agrícola portuguesa⁽³⁾. Tratou, com a enorme erudição que lhe era proverbial, da *enxada* (**asciata*), da *picareta* (de *picar*), da *picadeira* (id.), do *alfece* (ar. al feç, o alvião),

(3) *Alfaia Agrícola Portuguesa*, Porto, 1902, in 4.º, 38 págs. (separata de *Portugália*, I).

do *alvado* (alveatu: Catão, *Re R.* 43,1 «cavado em forma de canal»), da *segure* (secure), do *sacho* (sarculu), da *enxó* (asciôla), da *pá* de cavar, do *arado* (aratru), da *charrua* (fr. charrue) e respectiva nomenclatura: *rabiça* (de rabo), *rabelo* (id.), *relha* (regula), *ferrão* (de ferro), *dente* ou *coice*, *aiveca* ⁽⁴⁾, *mexilho* (de mexer), *apo* ou *aipo* (or. desc.), *temão* (temone), *teiró* ⁽⁵⁾, *tempera* (de temperar), *pescaz* ⁽⁶⁾, do *labrego* (da raiz de laborare), a *sega* (dev. de *segar*, *secare*), da *pega* ou *araveia* ⁽⁷⁾, das *xalmas*, da *araveia* ⁽⁸⁾, da *grade* (crate), do *rojão* ou *jorrão*, da *foice* (*falce*), da *gadanha*, da *seitoira*, (*sectoria*), de *roçar* (ruptiare), do *escardilho* (de escardar), do *trilho* (triblu), do *peote* (de pé), da *timãozela* (dim. de timão), do *malho* (malleu), do *mangoal* (manuale), do *pertigo* (perticu), do *mango*, da *mangoeira*, do *forcado* (de furca), da *forquilha* (de furca), da *joeira* (de joio), do *crivo* (cribru), da *ciranda*, de *abanar*, do *abano*, do *abanico* e do *rodo* (rutru). No final do artigo expõe as conclusões a que chegou:

«Pelo que respeita à alfaia agrícola portuguesa, em especial, dois factos se puseram em evidência: o carácter eminentemente arcaico das formas conservadas e a excepcional preponderância da terminologia romana. Como foi indicado, este segundo facto não prova necessariamente que essa alfaia seja de origem romana: prova sim a profundidade da romanização pelo lado da língua».

«A conservação de formas muito antigas do arado, a conservação do trilho (forma transmontana), a da foice serreada, a do carro chiante, bastam para mostrar o aferro à tradição da técnica agrícola nos povos peninsulares: por este aspecto excedemos todos os outros da Europa».

(4) «Órgão do arado e da charrua que vira a terra cortada pelo dente e a sega». Até hoje inexplicada.

(5) «Travessa perpendicular que, cravada na cabeça do vessadoiro, sustenta e trespassa o temão». Prende-se, hoje, a *teium* (*R. E. W.* s. v.), de certo a **telariôla*.

(6) «Cunha com que se une o arado à rabiça». Até hoje inexplicada; poder-se-á pensar em **pescu*, de **pescula*, por *pessulu*?

(7) Até hoje inexplicada. Escreve Adolfo Coelho: «Araveias ligar-se-á ao termo náutico *arvelas*, definido por Moraes: argolas que se metem nas cavilhas para fechar melhor as chavetas? Será uma alteração de *aivela*, *arvela*, nome de uma ave? Os nomes de aves e outros animais não são raros na terminologia técnica; lembrarei, como exemplo, *cegonha*, *pomba*, *cabra*, *macaco*, *cavalete*, *asno*, *gato*, *cão*, *porca*; fr. *chat*, *colombe*, *chevron*, etc. Como as *aivecas*, podia a dupla rabiça lembrar as asas duma ave» (pág. 14 n.).

(8) «Arado que abre os regos mais largos que o arado ordinário, com uma só *aiveca*». Até hoje inexplicada, apesar da nota do v. Botelho de Amaral, em *R. Lus.* 38, 1940-1943, págs. 312/314.

Alguns anos depois, em 1906, dava a lume, na *Revue Hispanique* (XV, págs. 28-58) substancioso artigo ⁽⁹⁾, onde sem nunca perder de vista o aspecto teórico da questão, reúne e esclarece numerosos casos de analogia na história da língua portuguesa. Em 1909, o seu espírito voltou-se para um assunto que, apesar de importantíssimo, ainda não pôde ser convenientemente estudado, pela falta de dados e documentos. Trata-se do *romance moçarábico*, ou seja, o desenvolvimento do latim lusitânico no território ocupado durante séculos pelos conquistadores árabes ⁽¹⁰⁾.

Que podemos concluir desse rápido exame da actividade científica do Dr. Francisco Adolfo Coelho? Pensamos colocar bem a sua posição, no luzido grupo de filólogos a que pertenceu, dizendo que, dentre todos, era ele quem tinha maior pendor para os estudos gerais. Era o mais filósofo dos filólogos de sua época. As questões gerais e teóricas exerciam nele maior fascínio do que sobre Leite de Vasconcelos ou Gonçalves Viana. Foi, por excelência, um investigador de gabinete, um filólogo-filósofo, com a constante preocupação de ascender às ideias gerais. Nisso se extremava de Leite de Vasconcelos, tipo completo do *Wanderphilologe*, do mestre consumado nos estudos *in loco*, a que hoje chamamos pesquisas de campo.

O Dr. Francisco Adolfo Coelho esparziu as luzes do seu vasto saber até pouco tempo antes de cerrar definitivamente os olhos. Como Professor era larga e profunda a impressão que deixava nos ouvintes. Um de seus mais ilustres discípulos confessa que foi vivíssima a lembrança que lhe deixou essa «excelsa figura socrática».

Eis como ele descreve a última aula do grande iniciador da Filologia Portuguesa:

«Não é sem emoção que ainda hoje recorro a sua última aula, dada cerca de oito dias antes de falecer, e em que, como se quisesse fechar o circuito da sua vida de pedagogo pela mesma nobre doutrinação por que a começara na Conferência do Casino — versou o tema da necessidade de tolerância, ou melhor, do respeito de todas as posições espirituais para o progresso científico. Lembro-me bem de que, com pleníssima lucidez, o Dr. Adolfo Coelho pôs em relevo, por um lado, a necessidade da não interferência de

⁽⁹⁾ *Casos de Analogia na língua portuguesa*.

⁽¹⁰⁾ *Origens do português do Sul*, in *Serões*, vol. VIII 2.ª Série, págs. 317-324. Cf. José Pedro Machado, in *Rev. de Port.*, 44, 1946, págs. 191-192, e neste volume.

qualquer crença religiosa no ensino oficial, e contrapostamente, por outro, a violência que o Estado cometia opondo-se a que nas escolas particulares fosse ministrado ensino religioso àquelas crianças que os pais desejavam educar na sua fé — visto que a ciência, sendo impotente para demonstrar a falsidade da crença, não deve, sem se contradizer a si mesmo, perseguir ou vexar os que crêem».

Rio de Janeiro.

SERAFIM SILVA NETO

Adolfo Coelho e o Romanço Moçarábico

Chama-se *Origens do Português do Sul* o artigo publicado por Adolfo Coelho na revista *Serões* ⁽¹⁾, em 1909.

Curioso o facto de, no ano anterior, ter saído na *Revista Lusitana* ⁽²⁾ brevíssimo mas útil estudo de Leite de Vasconcelos sobre o mesmo assunto: *Romanço Moçarábico* ⁽³⁾, palavras que se consagraram entre nós como designação genérica dos dialectos neolatinos falados em particular na zona meridional do nosso país, antes da reconquista cristã e mesmo alguns tempos depois desta ⁽⁴⁾.

Aqui fica registado este pormenor, assim como a circunstância de Adolfo Coelho não se referir àquele ensaio do autor do *Esboço de dialectologia portuguesa* que cita, parecendo também ignorar alguns outros trabalhos anteriores, onde se encontram igualmente alusões a certas características dos dialectos portugueses das zonas meridionais que lhe seriam úteis. Lembremos, por exemplo: sobre a simpatia especial demonstrada nessas regiões pelas formas esdrúxulas, D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, em *Algumas palavras a respeito de púcaros de Portugal* ⁽⁵⁾; sobre a entoação e com base em manuscrito de D. Fr. Manuel do Cenáculo, a *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise* ⁽⁶⁾ de Leite de Vasconcelos, que se ocupa do arcaísmo desses falares no citado *Romanço Moçarábico*.

(1) Segunda Série, vol. VIII, N.º 46 (Abril), onde ocupa as páginas 317-324.

(2) Volume XI, p. 354.

(3) Vem reproduzido nos *Opúsculos* do autor, IV, pp. 799-800.

(4) Leite de Vasconcelos reivindica para si a prioridade desta denominação nas *Lições de Filologia* (2.ª ed., p. 17, nota 2).

(5) No *Bulletin Hispanique*, VII, p. 194.

(6) Na p. 154, nota.

Por outro lado, não encontro as *Origens* em algumas das mais modernas bibliografias de Filologia portuguesa ⁽¹⁾.

A sua importância parece capital, não só pela presença antiga de um compatriota nas investigações sobre tão importante ponto da história linguística da Hispânia, mas também pelo seu relativo desenvolvimento, pela confirmação que modernamente estrangeiros considerados deram a pormenores doutrinares aí expostos e ainda por algumas sugestões nele feitas, a que, segundo julgo, ainda não se prestou a atenção devida.

Não se trata de artigo escrito à pressa, pois o texto das oito páginas dos *Serões* por ele ocupadas revela investigação atenta e bastante anterior. O próprio Adolfo Coelho refere-se a ensaios preliminares: em *A Borboleta* (Braga, 1877, pp. 113-114); «numa conferência feita em Lisboa e resumida no *Diário de Notícias* (17-19 maio, 1880), cujas conclusões combateu O. Martins (*História de Portugal*, 2.^a ed., II, 301), e sobretudo nas minhas lições do Curso superior de Letras, a começar de 1878».

E acrescenta: «Só nestes ultimos annos é que a parte que considero mais importante nesta investigação pôde ser não digo terminada, porque ainda bastante ha que fazer para a concluir, mas sufficientemente estudada para que as conclusões sejam mais seguras».

A «*Carta hypsometrica de Portugal*, na escala 1.500000, excellento trabalho do illustre geologo, que há cerca de 30 annos vive entre nós, M. Paul Choffat», levou Adolfo Coelho a examinar o mapa do nosso país e a reparar na existência de uma *zona sul*. Abrange esta três provincias (Estremadura, Alentejo e Algarve), com os distritos de Leiria, Santarém, Portalegre, Lisboa, Évora, Beja e Faro, a que devemos juntar, hoje, o de Setúbal. São 46.622 quilómetros quadrados. A do Norte tem 42.331, mas maior densidade de população.

Essa região de além-Tejo assume aspecto especial por nela ter demorado mais o domínio muçulmano, sem que este tenha implicado ou forçado o desaparecimento da população cristã pré-existente. Sabe-se que esta subsistiu, tal como se sabe do contacto entre ela e os invasores vindos do norte, invasores-soldados e invasores-colonos.

(1) Paiva Boléo, por exemplo, não as cita na *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa* (saída em 1946).

Que língua falavam os Moçárabes ⁽⁸⁾ que por aí viviam? Árabe, segundo escreve Herculano ⁽⁹⁾. «Essa opinião está d'accordo com as velhas afirmações de auctores do reino vizinho, segundo os quais o português derivaria da lingua de Galliza, trazida, pelas conquistas successivas, de lá até ao Algarve». Podemos ver ainda nela reflexo do hoje muito citado passo de Álvaro de Córdova, embora, em geral, mal compreendido.

«Os nossos philologos, que, desde 1881, teem vindo publicando estudos sobre as variedades provinciaes e locaes da lingua portuguesa, não trataram dessa questão, aliás muito importante, a não ser nalgum escrito que, não chegasse ao meu conhecimento», como o «sr. A. R. Gonçalves Vianna, num opusculo de 1892 (repetido mais tarde na *Revista Lusitana*)», que «concluiu de transcripções de nomes de logar na *Geographia* do arabe Edrisi que, no seculo XII, no S. de Portugal, se distinguia entre os sons que em português se representam por ç e s, como se faz ainda na provincia de Trás-os-Montes e numa parte da do Minho». Recordemos o de Leite de Vasconcelos já aqui aludido algumas vezes.

Para Adolfo Coelho, o papel linguístico da colonização setentrional foi nulo ou, pelo menos, quase nulo ⁽¹⁰⁾, pois «foi sempre minha convicção que as populações christãs, do S. do que veio a ser Portu-

(8) Adolfo Coelho escrevia com frequência *mosarabes*; hoje, de acordo com o que se sabe da origem e evolução da palavra, está oficializada a grafia com ç.

A propósito, recordem-se as dificuldades de uma ortografia verdadeiramente científica, consequências sobretudo do atraso em que ainda se encontram os estudos históricos do nosso vocabulário. Assim se compreende que, por vezes, os não-especialistas e os curiosos utilizem e até defendam grafias injustificadas, embora tidas como oficiais. É o caso, por exemplo, do galicismo *fusil*, escrito vulgarmente com z, talvez por se julgar vindo directamente do lat. **tocile*, sem o intermediário francês já documentado no século XII, com as formas *foisil*, *fuisil*.

(9) «Nas povoações situadas pelas variáveis fronteiras das duas raças e que não raro recebiam dentro do mesmo anno, ora o jugo dos Khalifas hespanhoes, ora o dos reis leoneses, os mosarabes, pelo seu duplicado character social, podiam facilmente accomodar-se a qualquer dos dous dominios. Os sarracenos eram homens que falavam a mesma lingua, vestiam os mesmos trajos, e com quem tinham semelhança de habitos, tracto antigo e até relações de familia». Na *História de Portugal*, VI, pp. 34-35, 3.ª ed.

(10) Em *A Língua Portuguesa* apresentara a mesma hipótese: «Suppoz-se que sob a conquista musulmana a lingua vulgar, em que o latim se tinha modificado, desaparecesse, sendo conservada apenas pelos refugiados das Asturias, d'onde se teria extendido depois com a reconquista christã sobre toda a peninsula. Essa hypothese não tem fundamento». Ocorre este passo na p. 126 da 2.ª ed.

gal, fallavam já, antes da reconquista do século XII, a mesma lingua que as do N., embora um pouco diferenciada ⁽¹¹⁾, não constituindo, porém, como se suppõe por uma falsa analogia, absolutamente gratuita, uma lingua distincta, para se poder oppôr á do N., como na França a lingua d'oc á lingua d'oïl», isto é, «o latim... ter-se-hia ido modificando de modo por assim dizer igual nessa faxa (occidental), por opposição ao latim de leste, que seguia outra direcção, revelada nos dialectos que chamamos hispanhoes».

Ao verificar que nos documentos em latim bárbaro até nós chegados e que se datam a partir do século IX, «transparece a lingua vulgar, o português do N.», acha natural que, á falta de textos romances ou latino-bárbaros do Sul anteriores á reconquista, se tenha de «recorrer aos nomes próprios (topónimos)... e investigar se ha entre elles maior ou menor numero que razões acceitaveis nos façam considerar como existentes no S. antes dessa reconquista e examinar se esses nomes devem ser considerados na sua phonetica e morphologia, ou pelo menos na phonetica, como portuguezes».

No estudo dos elementos anteriores á reconquista, considera estes tipos:

1 — «Nomes que remontam á antiguidade romana e como tais os encontramos nos antigos auctores gregos e romanos ou nas inscrições romanas». Cita: *Altér* (< *Abelterium*), *Évora*, *Coina* (< *Equabona*), *Freixo* (< arc. *Freixeno* < *Fraxinus*), *Marateca* (possivelmente de *Malateca*), *Mértola* (< *Myrtilis*), *Lisboa* (< *Olisippo* ou antes *Olisippona*), *Zezere* (< *Osecrus* ou antes *Osecerus*) ⁽¹²⁾.

«Esses nomes do S. nas suas formas medievais e modernas são conformes á phonetica portuguesa».

2 — «Em auctores e documentos do século XII encontram-se

(11) Realmente em *A Língua Portuguesa* (p. 127 da ed. cit.), escrevera: «... não pôde admittir-se que os dialectos romanicos desaparecessem d'entre a população submetida ao dominio arabe». Em *Sobre A Língua Portuguesa*, primeira parte da *Introdução ao Dicionario* de Fr. Domingos Vieira (p. CCV, 1.^a col.), não se contradizia: «A mistura da população christã com a musulmana foi intima, mas não se repetiu, o que já duas vezes se dera na Hespanha: nem os conquistados nem os conquistadores abandonaram a propria lingua».

(12) Em documentos antigos há ora *Orezar*, ora *Uzezar*. «Esta forma faz supetar que O representa a palavra árabe *od-* (ou *ode-* e *odí-*) com a significação de «rio» e *Zezere*, o vocábulo da mesma precedência, mas de origem berbérica, *zez*, «cigarra», com acrescentamento de *r* (*re*) final...», David Lopes, *Toponímia Árabe de Portugal*, na *Revista Lusitana*, XXIV, pp. 270-271.

nomes de logares do S., onde deviam já existir antes da reconquista. Em a narração da tomada de Santarem por Affonso I, mencionam-se entre Coimbra e aquella praça os seguintes logares: *Abdegas, Alfafar, Cornudelos, Aluardos, Ebrahaz* in sumitate *Pernez*, por onde passou aquelle rei na sua empresa».

Passa a estudar os topónimos citados e ainda *Palmela*, aludindo depois a *Alpiarça, Almeiré (Almeirim), Herdade de Bonedello, Herdade da Silveira, Herdade de Fornos, Porto de Cervela, Fremoseli*, como denominações possivelmente anteriores à reconquista. Nas mesmas condições estarão *Silves, Ourique* ⁽¹³⁾ e *Totenique*.

3 — «Muitos nomes de logar são tirados de nomes de plantas, com suffixos ou sem elles. Póde-se, em varios casos, determinar pela historia e geographia da planta, de que se tirou o nome de logar, se esse nome é formação do S. O processo exige por vezes discussão um tanto larga».

Exemplifica com *Alandroal, Aderneira (Aderneirinha, Adarnal, por Adernal)*, derivado de *aderno*, do lat. *alaternum* e refere-se a «*Alamo, Atabua ou Tabua, Arinho, Buxo, Camarinha, Medronho, Tramaga* e derivados desses nomes».

Se não reparássemos na data em que as *Origens do Portugal do Sul* foram escritas e publicadas, poderíamos considerar a lista pobre e propor o acresceto de mais formas como, por exemplo.

Abóbora: Aboboreira ou Abobreira (Abrantes); Aboboreira Cimeira (Tomar); Aboboreira Fundeira (Tomar), e Carrasco: Carrascal (Pombal, Torres Vedras, Alcobaça, Sintra, Arraiolos, Porto de Mós, Tomar, etc.); Carrascalinho (Aljezur); Carrascas (Ancião); Carrascos (Torres Novas, Pombal); Carrasqueira (Torres Vedras, Francos, Lourinhã, Porto de Mós); Carrasqueiras (Odemira); Carrasqueiro (Alenquer).

Trata-se de formas bem antigas na Península Hispânica e tanto

(13) «Vejo nesse nome um derivado de *ouro*, como em *Ourilhe, Ouril* (nomes do N.); *Ouro* apparece tambem como nome de logar». David Lopes, porém, declara que «*Ourique*, provavelmente, é o nome germanico *Auricus* arabizado, e por isso immobilizado nessa forma», *Os Arabes nas Obras de Alexandre Herkulano*, p. 165.

que datam dos pouco conhecidos idiomas pré-romanos locais, donde passaram para latim ⁽¹⁴⁾.

4 — «O estudo doutras series é também instructivo com relação ao fim que temos presente. Assim a serie *Chão* (do lat. *planum*) e seus derivados, que é rica e comprehende as formas *Chãozinho*, *Chãos*, *Chões*, *Chazinha*, *Chada*, *Achadinha*, *Chainça*, *Chaiça*, *Chaicinha*, *Chainha*, *Chainho*, *Cheinho*, *Chaim*, *Cheira* (*Chaeira*, *Chaneira*), *Cheirinho*, *Chello* (*Chaello*), *Chellos*, *Chella*, *Chellas*, *Chellinho*, *Chelleiros*, *Chedas*, essa série deve ter-se desenvolvido parallelamente em o N. e o S.»

Tais formações devem remontar ao período em que não se verificara ainda a queda do *n* medial, isto é, «antes do fim do século XII».

«A discussão meuda da serie *chão* leva-me a aceitar como formas do S., que remontam para além da reconquista, embora em geral se encontrem também no N.: *Achada* (só do S.), *Chainça*, *Chainha*, *Chainho*, *Cheira*, *Cheirinho*, *Cheiro*, *Chellas*, *Chelleiros* (só do S.)».

5 — «Ha uma serie de nomes de logar do S. que tem prefixo o artigo arabe *al*, e apresentam ás vezes outras particularidades attribueis a influencia arabe, como mudança do *o* final em *e* (compare-se *Alvorge*, formado do artigo arabe e do grego *púrgos*, pequena *fortaleza*), mas que por si são portuguezes, taes como os seguintes:

<i>Alcanede</i>	ao lado de	<i>Canedo</i> , <i>Canedinho</i> ;
<i>Alcanhões</i>	» » »	<i>Canhos</i> , <i>Canhões</i> ;
<i>Alcarapinha</i>	» » »	<i>Carapinha</i> e deriv.;
<i>Alcombral</i>	» » »	<i>Combra</i> , <i>Combro</i> ;
<i>Alfeijós</i>	» » »	<i>Feijão</i> e deriv.;
<i>Alfeijoeiros</i>	» » »	» » »
<i>Altundão</i>	» » »	<i>Fundão</i> , etc.;

(14) Cf. o artigo *Elementos Hispânicos do Vocabulário Latino* que publiquei no volume XXXVIII da *Revista Lusitana*. Convém, a propósito, recordar que nesse estudo apenas se mencionam «elementos hispânicos do vocabulário latino». Considerei como tal «qualquer vocábulo que autores latinos afirmam pertencer aos idiomas da nossa Península (e de que não existam provas em contrário), mesmo que esteja comprovada a sua origem em língua estranha a esta região, pois bastam-nos, para assim o considerarmos, as noticias de que teve uso nela e de que foi por intermédio dos idiomas locais que se verificou a sua entrada em latim». Não se trata, por conseguinte, de palavras de étimo latino. Cf. Harri Meier, na *Revista de Portugal* (X, p. 194).

<i>Alfeite</i>	»	»	»	<i>Feito, Feto</i> e deriv.;
<i>Alcoruchel</i>	»	»	»	<i>Coruchel</i> ;
<i>Almofter</i>	»	»	»	<i>Mosteiro</i> e deriv.

«Essas formas com o artigo árabe devem remontar ao domínio musulmano. Póde objectar-se que em *Alcoruchel* o elemento *Coruchel* é d'origem francesa e que portanto devia introduzir-se mais tarde na lingua. É certo que *coruchel*, *corucheu* representam o francês *clocher*. Deve notar-se que já em 1128 D. Teresa dera o Castello de Soure aos templarios, que foram dalli extendendo a sua influencia para o S., por terras já em 1139 sob a acção christã, até o Zezere e Almourol, e tiveram em 1159 a doação de Cera (Thomar). Procederam elles a construcções diversas, que nos explicam a introduccão de termos franceses respectivos já no periodo da conquista da linha do Tejo por Affonso I e nos annos immediatos em que a influencia arabe se fazia ainda sentir».

Tal é, em resumo, o artigo de Adolfo Coelho.

De lamentar que, até à data, não se tenha procurado desenvolver o seu conteúdo, actualizá-lo em certos pontos.

Façamos ao menos votos para que algum bem-intencionado resolva reeditá-lo, o que seria uma das melhores homenagens à memória de Adolfo Coelho e vulgarização de precioso auxilio para progresso da ciência.

Lisboa.

JOSÉ PEDRO MACHADO

Adolfo Coelho e a Etimologia

Frederico Diez, o consolidador da filologia românica, completou com o seu *Dicionário Etimológico* a obra que com a *Gramática das Línguas Românicas* havia iniciado. Adolfo Coelho, seu discípulo, seguiu-lhe as pegadas. Depois de ter introduzido em Portugal os ensinamentos gramaticais da romanística, publicou o seu *Dicionário Manual Etimológico da Língua Portuguesa*. A obra não dá indicação de data, mas sabe-se que é de 1890 (Remédios, *Hist. da Literatura Portuguesa*, 571).

Que era a etimologia portuguesa antes de Adolfo Coelho? Duarte Nunes de Leão, Bluteau e outros, de vez em quando, dão em suas obras indicações etimológicas, embora não o façam de modo sistemático. Alguns dos étimos até hoje valem. Morais não dá etimologias nos casos fáceis, nos casos comuns. Quando sente alguma obscuridade no étimo, procura aclarar a origem, nem sempre de modo feliz. Deixando às vezes hipóteses mais fáceis, vai buscar em línguas germânicas ou orientais origens que poderia ter encontrado no próprio latim, como se dá com a palavra *lama*, por exemplo, que tira com dúvida do alemão *Laim*.

Melhor tratamento não tem a etimologia (nem podia ter) no *Dicionário* de Constâncio, nem no de Faria, revisto por D. José de Lacerda. Adolfo Coelho criticou acerbamente as etimologias deste último, no folheto intitulado *Observações acerca do Dicionário Bibliográfico Português e seu autor*. Depois de longo intervalo, aparece o *Dicionário Contemporâneo* de Aulete-Santos Valente. Admira que este dicionário, para mim o melhor dicionário português até hoje aparecido, com excelentes definições, com fartas abonações embora não identificadas, com muita fraseologia, não houvesse cuidado mais da parte etimológica, merecendo as censuras justas de Mestre José Leite de Vasconcelos (*Opúsculos*, IV, 912).

Para fazer o seu dicionário etimológico, Adolfo Coelho, conforme diz no prefácio, lançou mão de toda a ciência do seu tempo: Diez,

Grimm, Pott, Mahn, Littré, Engelmann, Dozy, Mussafia, Scheler, G. Paris, Julio Cornu, D. Carolina Michaelis, Baist, W. Förster, Schuchardt, A. Tobler, J. Storm, Sophus Bugge e outros.

Utilizou-se dos lexicógrafos portugueses, que, sem conhecimento dos métodos de investigação etimológica, muitas vezes caíram em sérios erros, mas também muitas vezes acertaram. Propôs muitas etimologias, convicto de que parte delas, com o valor de simples conjecturas, seriam talvez riscadas em futura edição, graças à crítica competente, à qual submeteu o seu trabalho.

Mestre José Leite (*Lições de Filologia*, 232), diz que o *Dicionário* de Adolfo Coelho pretende ser etimológico, nada ou pouco adianta ao que se lê em Diez, peca por método e por definições. Não pretende ser etimológico; é. Com todas as suas lacunas, com todos os seus erros. Até hoje se consulta, nem que seja para divergir da sua opinião.

Repetiu o que disse Diez, como não podia deixar de repetir: era a ciência aceita na época, do mesmo modo por que quem veio depois de Meyer-Lübke não pode deixar de repetir Meyer-Lübke. Não se vão inventar etimologias estapafúrdias só para divergir de Diez ou divergir de Meyer-Lübke.

Ouvi dizer que a obra foi feita por discípulos de Adolfo Coelho, com supervisão dele; que, depois de publicada, descontente com ela, Coelho andou recolhendo aqui e ali os exemplares. Não creio em semelhantes invenções. A ideia que faço da moral de Adolfo Coelho não permite que eu dê crédito a tais informações sem fundamento. Que ele procurou fazer a obra com capricho se colige do Suplemento com que tentou preencher lacunas e apresentar rectificações. Se um dos críticos algum dia tentasse fazer um dicionário etimológico ou mesmo um dicionário comum, haveria de sentir a magnitude e as canseiras da tarefa. Lidar com palavras começadas pela mesma letra, com as letras seguintes à primeira mais ou menos repetidas. Que monotonia! Que alívio passar de *da* para *de*, de *de* para *di*, etc. Que alívio passar do *A* para o *B*, do *B* para o *C*, do *C* para o *D*, etc.! Só quem fez dicionário sabe. O dicionarista tem de resolver a dificuldade na hora; a ordem alfabética não admite esperas. Quando alguém encontra uma lacuna, fica-se enraivecido. Quando alguém encontra explicação não satisfatória, outro tanto. O autor tinha obrigação de adivinhar que em determinado dia um determinado fulano ia precisar daquela palavra e por isso devia ter escrito uma monografia sobre aquela palavra.

Com todos os seus erros e defeitos, com todas as suas lacunas, o *Dicionário Manual* de Adolfo Coelho foi uma obra útil, que levou a etimologia portuguesa a um ponto que ela não havia ainda alcançado. Obra de conjunto e não obra fragmentária, preparou terreno para os que vieram depois e nisto está o seu maior mérito. Aproveitando-se da ciência de Diez, prestou um grande serviço aos que não podem adquirir a obra do mestre alemão, aos que, podendo adquirir, não conhecem a língua alemã e por isso não poderiam utilizar-se dela. Esses dicionários lacunosos e errados, sobre os quais os críticos se atiram com unhas e dentes, uma virtude ao menos possuem: dão azo a que certas origens sejam reestudadas com elementos novos e assim a ciência vai progredindo, até um dia ter-se então a obra perfeita, sem erros, sem lacunas, que eles ajudaram a erguer.

Glória, pois, a Adolfo Coelho, o benemérito que colocou a filologia portuguesa em bases verdadeiramente científicas!

Rio de Janeiro.

ANTENOR NASCENTES

À margem do «Dicionário Manual Etimológico»

Critério organizador. — Data. — Anotações de José Leite de Vasconcelos. — Etimologias de almirante e de lês (lê com lê, cré com cré).

Para Antenor Nascentes fica o pioneirismo do primeiro, e até hoje único, dicionário exclusivamente etimológico da nossa língua. Agora, quando mais não seja pelo título ⁽¹⁾, compreende-se que o de Adolfo Coelho materializa, em parte, o cumprir da promessa estampada na *Língua portuguesa* de 1868 ⁽²⁾. Quanto à *História* e ao *Glossário do português arcaico e provincial*, ainda estamos à espera de quem os faça.

Marcante de espírito eclético mostra-se o critério organizador da obra: — pronúncia, definição, etimologia de vocábulos *portugueses*, e, além disso, a inclusão de estrangeirismos, reconhecidos como tais, alguns ainda hoje em uso, p. ex. *cache-nez*; outros já não tanto, p. ex. *cab*. Regista locuções e termos latinos, v. g. *ad hominem*, *incipit*; até palavras raras como *alcaest* ⁽³⁾.

Começado a elaborar, e também a imprimir, com bastante antecedência, o *Dicionário* só se publicou em 1890.

Importa acentuar a data, pois o livro não a traz impressa, o que tem levado ao sabor das hipóteses autoridades em filologia ⁽⁴⁾.

(1) «*Diccionario Manual Etymológico da Língua Portuguesa* contendo a significação e prosodia».

(2) «Uma *historia da lingua portugueza*, um *diccionario etymologico da mesma*, um *glossario do portuguez archaico e provincial* completarão as nossas investigações no campo da lingua que primeiro fallámos» (pág. IV).

(3) «Palavra forjada por Paracelso, para designar um liquido que se pretendia curava toda a espécie de engorgitamento e que depois designou o dissolvente universal de Van Helmont».

(4) P. ex.: «Em português, o primeiro trabalho neste sentido foi o «*Dicionário Manuel Etimológico da Língua Portuguesa*» de Francisco Adolfo Coelho, aparecido, mais ou menos, em 1915, pois não traz data alguma a edição que possuímos». Silveira Bueno. *Estudos de Filologia Portuguesa*, I, pág. 240.

... «o *Dicionário manual etimológico da língua portuguesa* (Lisboa, s. d. [1890?])»... Manuel de Paiva Boléo, *Adolfo Coelho e a filologia portuguesa e alemã no século XIX*, pág. 57.

O exemplar de José Leite de Vasconcelos, presente no legado à Faculdade de Letras de Lisboa, conserva no frontispício, da mão do venerando Mestre de nós todos, inscrições que tiram quaisquer dúvidas: — «1890» —, e, por baixo: «*Sahiu á luz em Maio*».

Reza a dedicatória: «Ao seu amigo // J. Leite de Vasconcelos // off.» esta obra imperfeitíssima // o auctor».

Imperfeita será, mas ainda hoje de grande utilidade. Quem nos dera vê-la reeditada! Com os devidos melhoramentos e actualizações, é claro. Tal qual a possuímos, testemunha a vasta curiosidade e o saber multimodo de Adolfo Coelho.

De jus natural, sobressai-lhe entre as obras como a que mais contribuiu para o celebrar perante o grande público. A venda atinuiu vários milhares.

Neste *Dicionário* que pertenceu a José Leite, lêem-se anotações instrutivas, como era de esperar, e algumas bastante curiosas. Mostram a ciência, o espírito cuidadoso e, por vezes, o humor de quem as escreveu.

Lá estão, lançadas à margem, citações localizadas de Cornu, Diez, Brachet, Meyer (Lübke), Schuchardt; do próprio Leite de Vasconcelos, como, por exemplo, para a etimologia de *noitibó*: «Já eu dei no *Penafidense*». «Talvez de **noctivulus*: ðlus > - ðlo. Adolfo Coelho propusera *noctivağus*.

Nas margens, nas folhas de guarda, no ante-rostto, surgem por toda a parte as letrinhas miúdas. Aqui: «Definição pandega: barriga, boca». Além: «Etim. pandega: povoar, parvoice, caderno, cypreste».

[As almas bem formadas já se lhes arrepiou por estas horas o cabelo, diante da minha indiscrição tamanha. A elas explico: não armo intrigas entre os dois velhos conhecidos e combatentes, afinal amigos⁽⁵⁾, nem procuro descreditá-los perante o público. Move-me tão somente aquela curiosa piedade que deve haver, mesmo, ou ainda mais, quando se trata de nugas como estas.

Além do que, quase todas as anotações foram feitas a lápis, no cuidado para com os fiéis companheiros do seu celibato; respeito que o ancião, generoso no franqueio da sua biblioteca, pregava aos estu-

(5) «Ao escolher-me a Faculdade de Letras de Lisboa para fazer parte do seu corpo docente, Adolfo Coelho votou em mim, e acompanhou de palavras benévolas o voto. Bastava isto para eu esquecer para sempre a desinteligência havida, e continuar a tê-lo, como a princípio, no altar do meu coração». Leite de Vasconcelos na revista *Lusa* de Janeiro-Março de 1920, pág. 98.

dantinhos, como eu, que lhe batiam à porta em busca de saber.

Só o muito manusear terá posto a encadernação do *Dicionário* no estado em que se encontra.]

Nestas linhas já desmaiadas, cura José Leite bastantes vezes de pronúncias: corrige para *lódão*, *tétão*, *gólfão*, o «que elle accent. como oxytonos». Chama a atenção para os acentos nos artigos *lemur*, *pudico*, *incipit*; para o erro de leitura *e-rói* (heroe). Anota em adipe: «! ádipe».

Vê na pág. VI a falta de sinal para o *l* velar post-vocálico, pois Adolfo Coelho não dá mais que um *l*: *lodo*, *rolo*. E como só aparecem «rr: rato, terra, tenra;

r (medial): para, cara»; Leite acrescenta «mar (final)».

Talvez ainda mais se volte contra as etimologias: as de *abada*, *abutre* e tantas outras; contra os vocábulos omissos: *a* (como pronome), *philtro*, *crescimo* e muitos mais; contra as definições incompletas, p. ex. a de *acolito*: «E o que ajuda á missa?» À frente de «*Adoestar* vid. *Doestar*», escreveu «Não traz!» E assim por diante.

Não pretendo rivalizar seja com quem for e, de mais a mais, com mestres, mortos e vivos. O que passo a escrever fará parte das notas do proverbial sapateiro. Lembrei-me de as pôr aqui para examinar o *Dicionário* no tratamento de certos vocábulos e desculpar-me de omissões involuntárias.

Vejam os a etimologia de *almirante*. «Do árabe *amir*, commandante. Suppoz-se para explicar a forma fr. *amiral*, it. *almiraglio* ⁽⁶⁾, que a palavra se originara de *amir-al-bahr*, commandante sobre o mar, pela supressão de *bahr*. Engelmann aceita ainda essa hypothese, contradicta por Dozy e Littré, e com muita razão, pois ella não explica a terminação hesp. e port. *ante*, b. lat. *ágius* (almiragius) e porque as diversas fórmãs medievaes significavam tambem commandantes sobre a térra; por tanto do arabe *al-amir* formaram-se por meio de suffixos romanicos *al* (*alis*), *ágiio*, etc. as fórmãs romanicas. O port. almirante parece suppôr um verbo almirar, no sentido de commandar».

Nas anotações à tradução portugueza, que há tempos publiquei, da *chante-fable* de *Aucassin et Nicolette*, ao comentar a palavra *amua-fle*, dei a etimologia, lembrei variantes em francês arcaico e acres-

⁽⁶⁾ *Ammiraglio* já em Guido delle Colonne, Dante, Boccaccio. Cf. *Dizionario di Marina* da Reale Accademia d'Italia.

centei: «O port. *almirante*, de explicação idêntica ao fr. *amirant* quanto ao sufixo, mostra *l* epentético devido à confusão com outras palavras de origem árabe que guardaram o artigo. O glossário de Toledo, publicado por Américo Castro, regista *almiratus*». (7).

Pouparia muito trabalho se tivesse estudado *amuaflle* com o auxílio do *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* de Nascentes, ou dos *Comentários a alguns Arabismos do Dicionário de Nascentes* de José Pedro Machado. Guiei-me, como pareceria natural, por obras ou mais generalizadas, ou especializadas em francês arcaico.

O *amir ar-rahl*, apresentado por Eguílaz e por Lokotsch, explica de facto a etimologia de *amuaflle* (8). Parecem-me porém desnecessários *ar-rahl*, *al-bahr* e similares para chegar a *almirante*. Basta o sufixo românico, e, embora não concorde com o **almirar* de Adolfo Coelho, o facto de ele o ter imaginado fortifica a hipótese. Esse mesmo verbo fez-me pensar em expressões portuguesas castiças onde entrasse a palavra *amir* e recordou-me o *Miralmuminim* e a sua forma sincopada o *Miramolim*. Precede-as usualmente o artigo português, clara tradução do arábico. A desapareição do *a* inicial de *amir* (9), indicará a forma vulgar arábica, em que foi absorvido pela pronúncia dental do *l* finalizando *al*, antes da semi-tradução, — aqui feita por causa da importância ideológica e fonética do vocábulo.

Teríamos para *almirante*, em linguagem corrente, um *al mir* que guardaria o artigo arábico, como tantos vocábulos comuns, e ao qual se acrescentaria o sufixo românico para intensificar o sentido e talvez por analogia com *comandante*. O sufixo é que tornaria a palavra estranha aos ouvidos muçulmanos (cf. Ibne Caldune, *Prolegómenos*, II, 37) (10).

O *l* não provirá, pois, de epêntese por analogia com o artigo (11),

(7) Pág. 113.

(8) «A aspiração árabe pode dar *l* nas línguas românicas (cf. fr. *fard*, port. *alfaz*). *Amirar* (*r*)*aflle* > *amuraflle*, por haplogia. Quanto ao *u* francês de *amuraflle*, provirá da pronúncia mais «arrondie» do *ü* de *amir*, devido à fraqueza do vocalismo arábico e perante o esforço extensional da palavra. O «grasseyement» do *r*, seguindo o *u* francês, pode conduzir à sua desapareição». (Trad. portuguesa do Aucassin, pág. 113).

(9) C. de Figueiredo apresenta *mir* como persa, baseando-se em Fr. João de Sousa.

(10) Ap. J. P. Machado, *Comentários*, loc. cit.

(11) Cf. Nascentes e Machado.

mas representa o do próprio artigo arábico. Este *l* dental explicaria, outrossim, o *d* de *admiral*?

Também quanto à explicação do port. *lés* ⁽¹²⁾, na expressão de *lés a lés*, Adolfo Coelho me conduziu. Leíamos o *Dicionário*: «*Les, lés* loc. adv. De principio a fim, e. ⁽¹³⁾. De lado a lado». Mais nada. (Note-se que grafava *les* sem acento). Não indica a etimologia, mas sugere-a. Teremos pois: lat. *latus* > fr. arc. *lez, les* ⁽¹⁴⁾ (nom.) > port. *lés*.

Acrescentarei ao que expus sumariamente em outro artigo: — *lés a lés* já existia em francês arcaico ⁽¹⁵⁾, com a acepção de *côte à côte, lado a lado*, tal qual *les et les*. O francês moderno, derivando, como natural, do caso regime, apresenta a forma *lé*, que significa, além da vulgar *ourela*, também *chemin de halage*, por conseguinte à beira da água. Isto corrobora a significação e a grafia restituídas ao as barcas eno *lez* de Torneol (CBN. 645, CV. 246), e ao

Em Lisboa sobre lo *lez*

de Zorro (CBN. 1151, CV. 754), onde José Joaquim Nunes transformara *les* em *ler* ⁽¹⁶⁾.

Mais ainda, suponho que o port. *lé* em *lé com lé, cré com cré* ⁽¹⁷⁾,

⁽¹²⁾ *Rev. da Fac. de Letras*, XIII, I, 1947, pág. 57. Por só se ter publicado em Agosto de 1947, quando o meu já estava impresso, lamento não ter podido citar então o erudito artigo de J. I. Louro (*Bol. de Filologia* de 1946, pág. 145). Embora a conclusão etimológica seja idêntica, assume aspectos diferentes do meu, p. ex. não cito muitos dicionários, mas apresento alguns textos arcaicos.

⁽¹³⁾ e. não figura na lista das abreviaturas do *Dicionário*.

⁽¹⁴⁾ No século XIII, quando *z* e *s* já se pronunciariam da mesma forma, cf. Beaulieux, *Histoire de l'Orthographe française*, I, pág. 199.

⁽¹⁵⁾ Cf. Godefroy, *Lexique de l'Ancien Français*. Aproveito o ensejo para agradecer de novo ao Professor Gunnar Tilander, da Universidade de Estocolmo, a amável lembrança do facto.

⁽¹⁶⁾ Cf. *Rev. da Fac. de Letras de Lisboa*, XIII, I, pág. 57. Aubrey Bell, em *Da Poesia Medieval Portuguesa* (2.^a ed., págs. 21-22), comenta a edição das *Cantigas de Amigo* de J. J. Nunes: «Pág. 75 (C. V. n.º 246): *ler*. No glossário dá-se como significado desta palavra *praia*, mas é provável que nunca existisse. Aqui deve haver assonância em vez de rima (*les* — *atender*) como no último verso acrescentado a esta poesia». Bell não alvitra significado, nem origem, de *les* (aliás *lez*). Chamou-me a atenção para o passo, o que muito lhe torno a agradecer, o Professor Costa Pimpão, da Universidade de Coimbra.

⁽¹⁷⁾ A que por vezes se acrescenta: *forma do mesmo pé*. O *ó* desta forma, segundo a ortografia agora vigente em português, não pode levar acento.

locução expressiva de igualdade absoluta, não provirá de *leigo* (C. de Figueiredo), nem de *lei* (João Ribeiro), nem tampouco será «vocábulo sem significação, criado apenas para mera assonância com *cré*». (Antenor Nascentes). Fixou em português o caso regime arcaico — *lé* — hoje forma predominante. A nossa expressão referir-se-á a pessoas a quem a etiqueta social de antanho permitia andarem *lado a lado*. *Cré* virá da forma arcaica, anglo-normanda, *crei* < lat. *credo*:

... mais, par ma fei,

Si com jo cuit et com jo crei...

(Benoit de Sainte-Maure, *Roman de Troie*).

Lado com lado, credo com credo: igualdade social e de crença.

Já o escrevi — o *Dicionário*, apesar de imperfeito e, agora, antiquado, continua utilíssimo repositório de informações curiosas e de *sugestões*. Nisto Adolfo Coelho assemelhava-se, às vezes, aos Simbolistas seus contemporâneos.

Lisboa.

ELZA PAXECO

Adolfo Coelho e o arado Virgiliano

É corrente entre nós pessoas cultas chamarem romano ao arado de pau, que ainda em nossos dias se vê a lavrar em muitas regiões do país. Este facto não causa admiração, não só porque não há sobre o assunto grandes estudos portugueses, mas também porque as obras dos maiores especialistas estrangeiros, como por exemplo Paul Leser ⁽¹⁾, não se encontram nas nossas bibliotecas. Além disso, Krüger ⁽²⁾, a quem a Península tanto deve, pelos seus magníficos trabalhos filológico-etnográficos, também incorreu no lamentável erro de chamar «arado romano» a arados de pau peninsulares cuja origem nada indica que seja romana.

Contudo houve um investigador português que já em 1898 se insurgiu contra a impropriedade de tal designação, unicamente apoiado no bom senso do seu claro espírito ⁽³⁾. De facto, Adolfo Coelho, embora não tivesse elementos concretos para poder levar mais longe a defesa do seu ponto de vista, recusou-se a aceitar o emprego da expressão, «arado romano», pela simples razão de entender que a origem dum objecto não se pode concluir da origem do nome que o designa, quando não há outros dados que nos levem a aceitar essa origem. Segundo as suas próprias palavras: «Chamando *romano* ao arado tradicional dos nossos agricultores, vão alguns agrónomos mais longe do que pode legitimamente ir-se» ⁽⁴⁾.

(1) Paul Leser, Entstehung und Verbreitung des Pfluges, Anthropos, Münster 1931.

(2) Fritz Krüger, Die nordwestiberische Volkskultur, Wörter und Sachen, Tomo 10, 1927, págs. 61-72.

(3) Adolfo Coelho, Alfaia agrícola portuguesa, Portugália I (1899-1903), págs. 403 a 412.

(4) A. Coelho, ob. cit., pág. 412.

Este raciocínio, que nos parece tão intuitivo, é, como muitos outros, intuitivo apenas depois de haver alguém que primeiro teve esse lampejo da verdade.

Depois de Adolfo Coelho foi fácil reconhecer que assim era, e tanto Aranzadi⁽⁵⁾, como os Esposos Aitken⁽⁶⁾, que também se insurgem contra a tendência de chamar romanos a certos aprestos agrícolas, pelo facto do seu nome ser de origem latina, conheceram o estudo do nosso invulgarmente lúcido erudito.

Aranzadi chega a transcrever um trecho do trabalho de Adolfo Coelho, em que este refuta a tal tendência de generalização da origem do objecto, a partir da origem do idioma⁽⁷⁾, o que prova a impressão que tal raciocínio devia ter feito na época, tanto mais que ele se devia a um filólogo.

É curioso que Aranzadi acusa os filólogos precisamente desse prejuízo⁽⁸⁾, embora se sirva dos argumentos de Adolfo Coelho, que também era filólogo, para os rebater.

Os esposos Aitken, apesar de viverem numa época em que a investigação sobre os arados já estava muito adiantada, o que lhes permite um domínio do problema muito diferente do dos autores atrás mencionados, também protestam contra o emprego, feito por Krüger, da expressão «arado romano»⁽⁹⁾. Os Aitken conheceram a obra de Adolfo Coelho, que citam⁽¹⁰⁾, e chego mesmo a julgar que foi o etnógrafo português quem lhes sugeriu a interpretação da passagem das Geórgicas, em que Virgílio descreve o arado, com o auxílio dos conhecimentos que tinham dos diferentes tipos de arados de garganta.

De facto, é surpreendente o rigor com que trabalha Adolfo Coelho e a ideia de interpretar, com o auxílio dos seus conhecimentos etnográficos, aquela passagem de Virgílio dá-lhe um certo carácter de inovador dentro da Etnografia Peninsular.

Não se pode dizer que antes dele não havia já uma grande biblio-

(5) Telesforo de Aranzadi, *Aperos de Labranza in Folklore y Costumbres de España*, Barcelona 1931 (1943).

(6) Mr. Robert Aitken y Lady Barbara Aitken, *El Arado Castellano: Estudio Preliminar*, in *Anales del Museu del Pueblo Español*, Madrid, 1935.

(7) Telesforo de Aranzadi, *Ob. cit.* págs. 292-293.

(8) Telesforo de Aranzadi, *Ob. cit.* págs. 292.

(9) Mr. Robert Aitken y Lady Barbara Aitken, *Ob. cit.* pág. 135.

(10) Esposos Aitken, *Ob. cit.* pág. 115.

grafia sobre o estudo geral dos arados. Desde o «*Methodus investigandi origines gentium ope instrumentorum ruralium*», de Andreas Berch, datado de 1795, até à primeira obra de Richard Braungart (1882), publicaram-se as obras de Ginzrot, G. Schulze, Lasteyries, duas Histórias do Arado (*Geschichte des Pfluges*) uma de K. H. Rau (1845) e outra de L. Rau (1882), além das obras de A. Fürstenberg (1866) e E. B. Tylor (1881), que ele parece não ter conhecido. Mas, os trabalhos fundamentais, sobretudo o estudo magistral de Leser⁽¹¹⁾ são posteriores, e por isso ele não teve a oportunidade de ver confirmada pelos factos a sua repugnância em aceitar a generalização da expressão «arado romano».

Leser dividiu os arados do Mundo em dois grandes tipos: os *quadrangulares* e os *de garganta* (Krumel), omitindo por comodidade esquemática um terceiro tipo, o *radial*.

Por conhecer apenas alguns exemplares deste último tipo, resolveu agrupá-los juntamente com os de garganta, no que lhe não damos razão⁽¹²⁾.

Grosso modo, os arados quadrangulares são os arados da Europa Central e Setentrional, e os arados de garganta (Krumel) são os do Mediterrâneo.

Pelas investigações que temos feito no sentido de levar a cabo a primeira folha do Atlas Etnográfico de Portugal⁽¹³⁾, que será a do arado, verificamos que no nosso país se encontram representados os dois grandes tipos de Leser e ainda em grande abundância o terceiro tipo, o *radial*, que é um arado simples e arcaico, que vive refugiado nas regiões montanhosas do nosso país e penetra depois pelas montanhas da Sanábria⁽¹⁴⁾ e pela Galiza⁽¹⁵⁾.

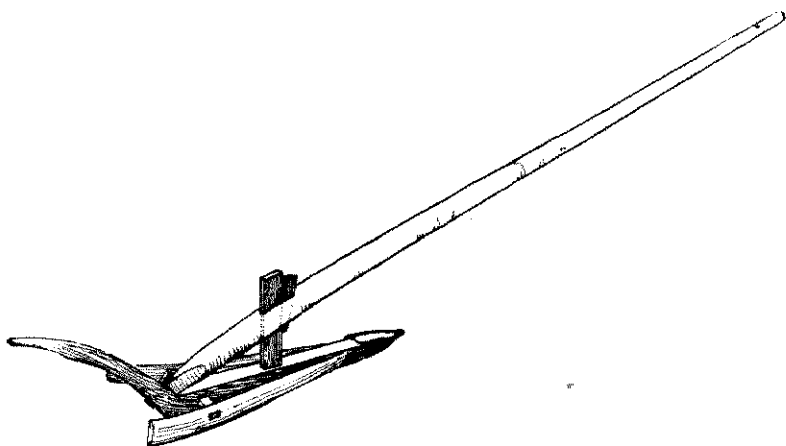
(11) Ver nota 1.

(12) Este assunto é por nós tratado com desenvolvimento em «Os arados portugueses e as suas prováveis origens» em publicação na Revista da Universidade de Coimbra.

(13) Sobre os trabalhos do Atlas Etnográfico de Portugal ler uma notícia publicada no Fasc. 3 do vol. XI dos Trabalhos de Antropologia e Etnologia, Porto, 1948.

(14) Telesforo de Aranzadi, Ob. cit. pág. 305 reproduz um arado da Sonábria deste tipo.

(15) L. Crespi—Contribuciones al Folklore gallego—Extracto de las «Conferencias y Reseñas Científicas» de la Real Sociedad Española de Historia Natural—Tomo IV, 1929.



Arado radial (Cinfães — Beira Alta). Desenho de Fernando Galhano

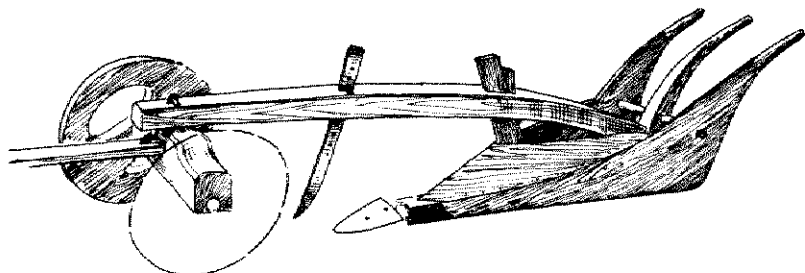
A particular situação geográfica do nosso país, além de o tornar o ponto de encontro entre as culturas vindas do Norte e do Sul, dá-lhe também características geográficas curiosas, que Orlando Ribeiro analisou e definiu duma maneira brilhante, no seu magnífico estudo sobre Portugal ⁽¹⁶⁾. Segundo este geógrafo, Portugal pode dividir-se em três regiões geográficas ou naturais, embora reunidas por uma tonalidade comum, que, sobretudo a posição e o clima, lhe conferem ⁽¹⁷⁾. Essas três regiões são por ele designadas do seguinte modo: Norte Atlântico, Norte Transmontano e Sul ⁽¹⁸⁾, ou seja, o Portugal Mediterrâneo. Ora, é curioso que a cada uma dessas três regiões naturais corresponde, com uma aproximação surpreendente, um dos tipos de arados acima mencionados.

No Norte Atlântico encontramos nós o arado quadrangular, próprio da Europa Setentrional e Central (é preciso notar-se que a fronteira sul deste arado é o Norte da França, a Bélgica e depois a Alemanha).

⁽¹⁶⁾ Orlando Ribeiro, Portugal, O Mediterrâneo e o Atlântico, Coimbra, 1945.

⁽¹⁷⁾ Orlando Ribeiro, Ob. cit. pág. 220.

⁽¹⁸⁾ Orlando Ribeiro, Ob. cit. pág. 221.



Vessadoiro minhoto, tipo quadrangular com carreta e sega (Lavassido, Ponte de Lima). Desenho de Fernando Galhano

No Norte Transmontano temos o arado radial e em tais condições que tudo leva a crer seja indígena daquela região, que foi um centro de difusão desse tipo, visto que o vamos encontrar depois nos Açores ⁽¹⁹⁾, nas Canárias ⁽²⁰⁾ e na América do Sul ⁽²¹⁾, onde não existia anteriormente à ocupação pelos europeus, como aliás não era instrumento conhecido por nenhum povo primitivo ⁽²²⁾.

No Portugal Mediterrâneo, encontra-se espalhado o arado de garganta, comum ao mundo mediterrâneo.

Os arados romanos eram precisamente os deste último tipo, embora no Norte de Itália também se encontrem arados quadrangulares, de origem germânica.

Vemos, pois, que chamar arado romano indistintamente a qualquer arado de pau português, é cometer um erro crasso, visto que em Portugal existem arados de origens completamente distintas, e os romanos pertenciam apenas ao tipo curvo ou de garganta (Krumel).

Mas, perguntar-se-á: Devemos aos romanos este último tipo, pelo menos? Não nos parece. Muito antes do domínio romano, já no Algarve deviam aparecer estes arados, visto que esta região estava sob a esfera de influência de Tartessos, e os arados que então

⁽¹⁹⁾ Arquivo Fotográfico do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, Universidade do Porto.

⁽²⁰⁾ Elias Serra Ráfoles, De los Trabajos Folkloricos del Instituto in Tagoro (C. S. I. C.) 1.º número 1944, pág. 19-26 (reproduz um arado radial puxado por um camelo).

⁽²¹⁾ Não só Leser o afirma na Ob. cit. mas também se vê um reproduzido na obra de Elena Hosmann, Ambiente de Altiplano 1944, Buenos Aires, pág. 70 (reproduz um arado radial sem aivecas, usado perto do lago de Titicaca).

⁽²²⁾ Friedrich Ratzel, Völkerkunde, Leipzig und Wien 1894, pág. 86.

lavravam as magníficas terras andaluzas eram já do tipo garganta, como os que nós vemos ainda hoje na nossa província mais meridional⁽²³⁾.

A prova de que isto assim era, temo-la nas moedas tartéssicas, em que se vê uma espiga no anverso e um arado de garganta no reverso⁽²⁴⁾.

A brilhante cultura tartéssica apresentava já entre os séculos VI e III a. C. aspectos absolutamente superiores, que fatalmente tinham de influir na zona costeira algarvia. Aliás, os estudos de Schulten confirmam esta hipótese, e não há dúvidas acerca das afinidades, se não étnicas, pelo menos culturais, das populações de além e aquém Guadiana⁽²⁵⁾. O que não significa, que os romanos não tivessem contribuído para uma maior difusão deste tipo de arado entre nós, que, com certeza, durante o domínio romano ocupou uma área bastante maior que a que ocupa actualmente, pois os arados quadrangulares deviam ter sido trazidos pelas invasões suevas e sobrepuseram-se, com certeza, aos arados que até então estavam em uso, e que tanto podiam ser radiais, como de garganta, visto que os radiais, quer autóctones, quer de proveniência indo-europeia, já existiam com toda a certeza antes dos invasores germânicos e mesmo romanos.

Vemos, pois, que era fundada a relutância de Adolfo Coelho em aceitar sem provas a generalização corrente no seu tempo, e, o que é menos desculpável, ainda em nossos dias.

O desconhecimento desta verdade elementar pode ter consequências quando se pretende interpretar um trecho, como o de Virgílio, atrás mencionado!

Foi o que ainda há pouco sucedeu a um erudito e culto professor, que traduziu *buris*, por corpo da charrua, que seria, segundo este senhor, uma só peça, correspondente a várias peças da charrua moderna, das quais as mais importantes são o *ateiró* e o *rasto*⁽²⁶⁾.

Quem não desconhecesse que o arado espalhado por toda a bacia

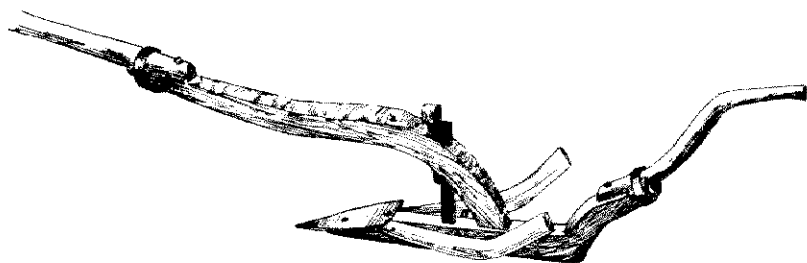
(23) Julio Caro Baroja, *Los Pueblos del Norte de la Península Ibérica*, Madrid 1943, págs. 230-231.

(24) Antonio Vives y Escudero, *La moneda hispanica*, atlas (Madrid 1924) laminas XCI (Bailo) e XCIV-XCVII (Obulco), (citado por Baroja, ob. cit. pág. 230).

(25) Adolfo Schulten: *Os Tirsenos em Portugal*, *Revista de Guimarães*, vol. L, N.ºs 1-2, 1940, págs. 129-130. Ver ademais *Hispania* do mesmo autor.

(26) Ruy Mayer, *Nota sobre a charrua romana*, in *Humanitas*, vol. I, Coimbra, 1947.

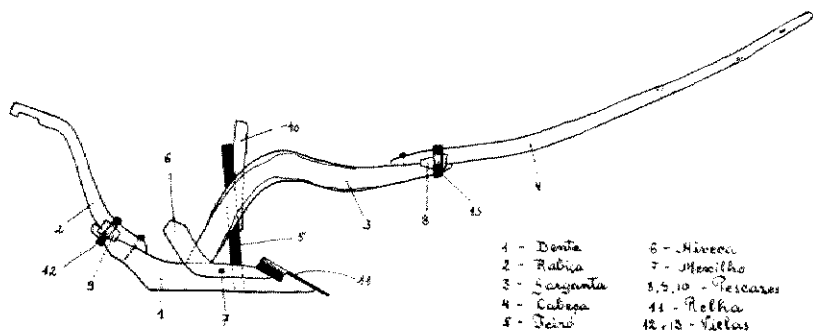
do Mediterrâneo, possivelmente desde a Idade do Bronze, época em que foi descoberto na Mesopotâmia⁽²⁷⁾, era o arado de garganta, deveria ter presente as formas deste tipo ao tentar a tradução dum trecho latino, para evitar dificuldades e confusões.



Arado de garganta (S. Bartolomeu de Messines). Desenho de Fernando Galhano

De facto, o que caracteriza o arado Mediterrâneo é a parte curva do temão, chamada *garganta* e que nos serviu para o designar.

Quem tiver estudado os arados algarvios e alentejanos, terá visto que o temão é composto duma parte curva, a *garganta*, e de outra direita, a *cabeça*, ligadas entre si por um parafuso, ou torno (sendo de madeira) e por uma argola de ferro chamada *viela*.



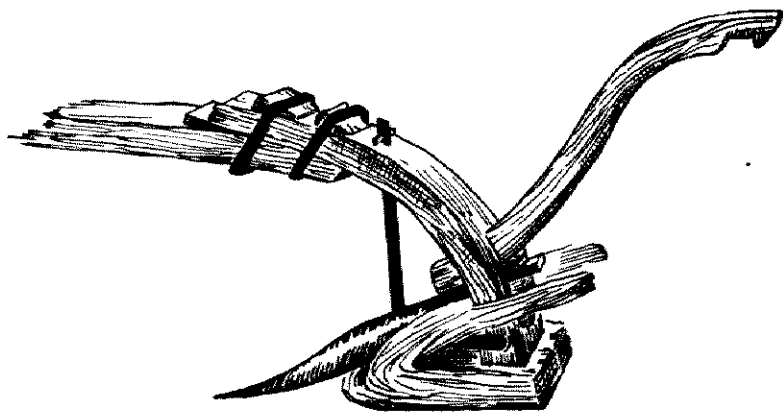
Arado de garganta algarvio (Tavira, St.^a Maria — Palheirinhos)
Desenho de Fernando Galhano

(27) Ed. Hahn, Pflugbau, in Dictionnaire de Prehistoire, de Ebert.

Paul Leser⁽²⁸⁾ baseou-se nesta particularidade para designar o arado mediterrâneo, dando-lhe o nome de *Krumel*, assim como os Aitken que lhe chamam arado de *cama curva*⁽²⁹⁾.

Estes arados tanto podem apresentar a garganta fixada no dente — é o caso do algarvio — como podem ter o dente fixado na garganta, tal sucede ao arado castelhano, e de que nós temos representantes em Vilar Formoso⁽³⁰⁾.

O primeiro é o *πῆκτον ἄροτρον* de Hesíodo, pois tem a garganta inserida no dente *ἐν ἐλύματι πῆκτος*⁽³¹⁾ e é o arado de que fala Santo Isidoro de Sevilha, quando diz: «*dentale est aratri pars prima*»⁽³²⁾. O segundo parece ser o arado que Virgílio descreve nas Geórgicas⁽³³⁾.



Arado de garganta tipo castelhano de Vilar Formoso. Reprodução de Messerschmidt

Não é sem dificuldade a interpretação destes versos, e é natural que algumas passagens fiquem sempre um ponto de discussão, mas

(28) Paul Leser, Ob. cit., ver também Alexandre Baschmakoff, L'Évolution de la charrue à travers les siècles au point de vue ethnographique, in L'Anthropologie 1932, págs. 82-90.

(29) Esposos Aitken, Ob. cit., pág. 111.

(30) Hellmuth Messerschmidt, Haus und Wirtschaft in der Serra da Estrela (Portugal) Hamburgo 1931, pág. 128 e 131-133.

(31) Hesíodo, Erga, 430.

(32) Santo Isidoro de Sevilla, Orig. 20, 14,2.

(33) Virgílio, Geórgicas I, 169-174.

o que não oferece dúvidas nenhuma é que o *buris*, que tinha de ser vergado ainda na floresta, é simplesmente a *garganta*.

Embora Adolfo Coelho não conhecesse com precisão as peças destes arados de garganta, teve, contudo, ao traduzir a passagem de Virgílio, a preocupação de procurar tipos de arado que se ajustassem ao da descrição virgiliana. Como, entre os arados portugueses que conhecia, o labrego⁽³⁴⁾ era o que mais se aproximava do que via descrito por Virgílio, teve de traduzir *buris* por *apo*, mas observa logo, que: «nas moedas da antiga Obulco, se vê representado um arado, cujo *apo* (garganta) arqueado, assenta posteriormente no dental (dente), que se estende para trás formando a rabiça, ao braço superior do apo, que se estende quase horizontalmente, adaptou-se o temão (cabeça) por meio de cavilhas»⁽³⁵⁾ e ⁽³⁶⁾.

Como se vê, Adolfo Coelho tem a noção exacta do aparelho descrito por Virgílio e, para ele, *buris* é precisamente a *garganta*. A única coisa que lhe faltou foi conhecer um exemplar português deste tipo, para encontrar também a tradução exacta, com a terminologia própria, pois, de facto, *apo*, não satisfaz.

Para ver a clareza da sua interpretação, que só o desconhecimento dos termos portugueses correspondentes torna imperfeita, devem ler-se os comentários que faz às traduções de Castilho e de Júlio Moreira do citado trecho de Virgílio⁽³⁷⁾.

Pedindo vénia aos latinistas pelo atrevimento do etnógrafo, vou tentar traduzir os versos em questão, servindo-me da terminologia própria dos arados de garganta:

- 169 Continuo in siluis magna ui flexa domatur
- 170 in burim et curui formam accipit ulmus aratri.
- 171 Huic ab stirpe pedes temo protentus in octo,
- 172 binae aures, duplici aptantur dentalia dorso;
- 173 caeditur et tilia ante iugo leuis altaque fagus
- 174 stiuaque, quae currus a tergo torqueat imos...

Escolhe-se em primeiro lugar na mata um olmo ainda novo, que é vergado à força para obter a *garganta*, com a forma do arado curvo. Na extremidade desta (garganta) adapta-se a cabeça com oito pés de comprimento, duas aivecas, dentes de duplo dorso. Uma tilia leve

⁽³⁴⁾ Adolfo Coelho, Ob. cit., fig. 9.

⁽³⁵⁾ Os entre-parêntesis são nossos.

⁽³⁶⁾ Adolfo Coelho, Ob. cit. pág. 409.

⁽³⁷⁾ Adolfo Coelho, Ob. cit. págs. 409 e 410 ver nota 5 da pág. 410.

é também cortada para o jugo dianteiro e uma faixa alta para a rabiça, com que por trás se conduz a carriola.

Sobre os dois primeiros versos (169-170) não pode haver dúvida nenhuma e qualquer arado de garganta serve de modelo. Para se obter a garganta do arado curvo é necessário escolher de antemão um pau que já tenha a forma apropriada, e em certos casos pode-se forçar a natureza vergando uma árvore nova para vir a fornecer o pau curvo de que se precisa para fazer a garganta.

Nos arados do Norte Transmontano, em que o dente e a rabiça formam uma peça só, também é costume os negociantes de madeira já destinarem para vender aos lavradores, para a construção de arados, paus que têm naturalmente a forma que para tais instrumentos é requerida.

O terceiro verso (171) também é de fácil interpretação.

O *temo*, que não é mais que a parte do temão a que chamamos cabeça, é, de facto, um pau preso à extremidade (*ab stirpe*) anterior da garganta. As próprias dimensões o indicam. Nos arados que medimos encontramos cabeças exactamente desse tamanho ⁽³⁸⁾.

O quarto verso já apresenta mais dificuldade, visto que não é qualquer arado de garganta que nos explica o *dentalia duplici dorso*. Contudo, nos arados de tipo castelhano, como os que nos descreve Aitken ⁽³⁹⁾, já se encontram arados que parecem corresponder a esta descrição. De facto, o dente é formado por duas peças encravadas na parte inferior da garganta, entre os quais está entalada uma relha comprida e diferente da dos nossos arados do Sul e dos quais temos representantes parecidos em Vilar Formoso.

Nesse dente composto, pode haver um par de aivecas pequenas, que em Espanha se chamam *orejeras*, o que as aproxima mais das aures latinas. Contudo, em Trás-os-Montes também encontramos termos como: orelheiras ⁽⁴⁰⁾ e ourieiras ⁽⁴¹⁾.

Os versos 173 e 174 são os mais confusos e têm levado às mais

⁽³⁸⁾ Portimão, Herdade de Reguengo, cabeça 2^{ua}, 76.

⁽³⁹⁾ Esposos Aitken, Ob. cit.

⁽⁴⁰⁾ Joaq. Rodrigues dos Santos Júnior, Estudo Antropológico e Etnográfico da População de S. Pedro (Mogadouro) in Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia Vol. II, Fasc. II Porto, 1924.

⁽⁴¹⁾ Ourieiras é palavra do dialecto rionorês, em que o grapo — *lh* aparece sempre transformado em *i*. Tirado duma monografia nossa de Rio de Onor em preparação.

extravagantes interpretações, sobretudo por muitos quererem ver em *currus*, uma carreta (jogo de rodas dianteiras), coisa que não parece possível por várias razões. Primeiro, o arado aqui descrito de temão composto (garganta + cabeça) não tem nunca carreta dianteira. A carreta é própria dos arados quadrangulares e só mais tarde aparece em arados de garganta em zonas de contacto cultural e são fenómenos de hibridismo. Além disso, o arado quadrangular com carreta tem rabiça dupla ou tripla e sega, coisas que Virgílio não descreve. Por outro lado, não é a rabiça que conduz a carreta, pois esta vai à frente do arado e independente dele e Virgílio diz: *quae a tergo torqueat imos currus*. Ora se o poeta nos fala primeiro de arado e agora se serve de *currus* como sinónimo, parece-me fora de dúvida que se refere ao mesmo servindo-se duma imagem poética, que lhe sugeriu o arado em movimento e que ele descreve como uma carriola. Conington também defende esta opinião de *currus* ser tomado como imagem poética de arado ⁽⁴²⁾.

Não sei por que razão Ruy Mayer estranha que Page excluísse a hipótese do arado de Virgílio ter sido munido de rodas ⁽⁴³⁾. É preciso ver-se que o arado que Walter Scott descreve ⁽⁴⁴⁾ é dum tipo completamente diferente do que canta Virgílio. Esses arados enormes, com carreta dianteira, como os vessadoiros minhotos, puxados por oito a dez bois, que há 40 anos se conheciam por todas as ribeiras do Minho, e que hoje ainda vivem esporadicamente em lugares sertanejos ⁽⁴⁵⁾, são arados quadrangulares da Europa setentrional e central e nada têm de comum com os de garganta.

Um é próprio das regiões húmidas de terras fundas e humosas, em que vivem as populações germano-eslavas, ou por elas foram levados para regiões semelhantes.

Os outros são os arados das terras secas e pedregosas, dos povos que habitam as costas do Mediterrâneo ou lugares próximos e afins. Simplesmente, em Portugal, que no norte é atlântico e no sul mediterrâneo, encontram-se os dois representantes de dois mundos diferentes e ainda um terceiro, montanhês e rude, tenazmente agarrado à aspereza da vida das serras e das terras altas do norte.

(42) Conington, ed. de Virgílio 1872, pág. 168.

(43) Ruy Mayer, Ob. cit. pág. 134.

(44) Ruy Mayer, Ob. cit. pág. 135.

(45) Ainda se lavra com arados destes em Cerdeira, Cunha, Paredes de Coura e em Agra, Rossas, Vieira do Minho (Arquivo fotográfico do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular).

Não nos parece difícil que um poeta, ao ver um arado a rasgar a leiva, fosse capaz de o comparar a um carro em andamento. A objecção de Ruy Mayer, de que a parte mais característica dum carro são as rodas e de que não é fácil comparar com ele uma máquina que as não possua⁽⁴⁶⁾, parece-me exacta se se fizer a comparação estando o objecto parado, mas posto em movimento já não é bem assim.

Julgo que uma pessoa que nunca tivesse visto um trenó, ao vê-lo deslizar pela neve ao trote de dois cavalos não deixaria de lhe chamar carro.

Não sei se é exacta esta tentativa de tradução, que não passa duma contribuição da Etnografia para a interpretação dum passo controverso dum texto clássico e para a qual nos podemos apoiar nos trabalhos já existentes e aqui citados.

Foi Adolfo Coelho o primeiro a ter a interessante ideia de associar num trabalho de Etnografia o estudo dum poeta antigo, com os tipos de arados por ele conhecidos, com a vantagem de ser concomitantemente um filólogo e um etnógrafo, possuindo ademais a clareza dum espírito bem dotado, que lhe permitia ver as questões com largueza, sem se afastar de métodos de trabalho para o seu tempo verdadeiramente rigorosos. O seu estudo do arado, se bem que baseado em poucos instrumentos portugueses, é uma lição modelar, ainda hoje útil aos que se dedicam a estes problemas, apesar dos enormes progressos feitos pela Etnografia nos últimos decénios.

JORGE DIAS

Director da Secção de Etnografia do Centro de Estudos
de Etnologia Peninsular da Universidade do Porto

⁽⁴⁶⁾ Ruy Mayer, Ob. cit. pág. 134. (A publicação de «As Georgicas de Virgílio» depois de composto este trabalho não me permitiu fazer-lhe referência. Vão aqui duas palavras de justo louvor para Ruy Mayer, pelo grande mérito da sua tradução e pelo enorme valor das notas que a acompanham).

Adolfo Coelho e os Contos Populares

1 — São pelo menos quatro as atitudes do espírito do homem perante o conto popular. Cada uma delas corresponde a capacidade bem distinta, espontânea ou preparada por cultura intelectual, em imaginação, assimilação e inteligência. A saber :

a) — A da criança, que a princípio ouve o conto, fixa-o, e depois continua a ouvi-lo, pedindo a repetição dele, e converte-o a si pelos reflexos próprios ; mais tarde, se aprende a ler, lê com outra inteligência os contos, integra no pensamento e na emoção os que mais se relacionam com a sua maneira de ser : — a atitude infantil.

b) — A do homem do povo, no seu meio, isolado de influências ou tendências exteriores, capazes de o modificarem estruturalmente ; ouve, fixa, aproveita, aplica, interpreta pelo processo que poderíamos chamar, por semelhança com o conhecido fenómeno fisico, de capilaridade mental, e, se aprende, lê, aclara, repete de forma sua, os contos ouvidos na infância ou já depois : — a atitude popular.

c) — A do intellectual, que recolhe o conto (fase da colheita de formas e variantes), interpreta e compara (fase de compreensão e crítica), integra e classifica (fase científica e sistemática) os exemplares recolhidos em função folclórica : — a atitude científica (Etnografia).

d) — A do pedagogo, psicólogo e moralista, que aproveita a substância do conto para formação moral e intellectual, utilizando a realidade interna e externa do assunto, das personagens e do desfecho da peripécia, ou série de peripécias, para tirar delas a lição de interpretação e a regra normativo de conduta : — a atitude pedagógica ou magistral.

Poder-se-ia também, sem dúvida, considerar uma quinta expressão, emotiva ou intellectual : a do homem de letras, que não vê no conto mais do que o estímulo da imaginação, e se serve dele para as formas literárias, em verso ou prosa, pelo menos no momento da criação artística : a do homem que intellectualiza a emotividade, experimentada nas primeiras atitudes apontadas. Não lhe interessa espe-

cificamente o estudo científico do conto, nem, excepto por coincidência ou por formação intrínseca, a moralidade nele contida e aproveitada.

De facto, o fundo do conto é sinal de existência das personagens no episódio a que figuram ligadas, nas qualidades que lhes são atribuídas, no móbil da narrativa em potência e acção, nas dificuldades vencidas, no meio humano e geográfico, semi-real, semi-representativo, no simbolismo da fantasia criadora, na vitória da vontade ou qualidade mais atraente e no desfecho episódico e de série de episódios, subordinados a uma unidade condutora, exemplificador e intérprete, vem de uma realidade, e cria outra. É a atitude literária e artística.

A progressão literário-artística vem desde a fase infantil à fase científica, e desdobra-se nesta, quando em plena consciência de fins, em dois caminhos de inteligência: — o do pedagogo, com o aproveitamento da lição em integral de formação moral, e o do literato, com o aproveitamento estético, em função emotiva, embora por si tenha relações com a atitude anterior, se o determinam, acima e para além da arte, razões de ordem construtivamente pedagógica.

2 — Para a criança, o conto é um recreio que lhe desperta a imaginação e abre horizontes espirituais; forma-lhe a comunicação com pessoas e factos, panoramas e aspectos, isto é, com um mundo encantado a que não faltam as realidades. Para o homem do povo, diverge o efeito em dois sentidos psicologicamente diferentes: o do homem que fica sempre com a imaginação infantil, continuando a aceitar a emotividade inicial do conto, como a sentia quando era criança; o do homem, que, saindo dos horizontes físicos e sobretudo espirituais, onde nasceu e com que se criou, assimila outros traços de cultura em convivências novas, e se modifica mais ou menos profundamente na actividade contínua do trabalho e do novo «habitat»; o conto, desde então, ou lhe serve de referência, como baliza de caminho andado, ou lhe mantém um estrato sentimental de imaginação quase sempre, senão sempre, útil, ou ainda, por último, lhe dá matéria de negação, que, segundo ela for e como for, pode ser ainda aproveitável.

É indiferente a escolha da atitude, quando o colector dos contos pretende cumprir a sua missão. Quer o homem do povo afirme quer negue o conto, se o conhece, ele lá o tem no espírito: o resto ultrapassa-o, está acima e para além dele, e o reconhecê-lo já não é de maneira nenhuma com ele; depende então do observador (fase folclórica). Maior pureza de narração dá porém o que nunca saiu

do «habitat» natal, em que a sentiu e continuou a viver: não só a pureza da narração, na sua maior expressividade nativa, mas ainda na linguagem em que a transmite. Para o intelectual — folclorista ou artista e literato — a expressão do conto é nova: o primeiro procura explicar-lhe a origem, por aproximação de versões, em profundidade histórica e geográfica, e em superfície de contemporaneidade folclórica; o segundo aproveita-lhe os estímulos de ordem estética.

Para o pedagogo e moralista não há contos a desperdiçar; não lhe interessará a origem, e pouco lhe importa a forma; vê neles a estrutura moral, o residuo essencial de formação e existência, que é reflexo da vida para a vida. Toma-os pela significação. Dá-lhes o sentido próprio de facho aceso; agita-o, e com ele vai iluminar os outros em lições surpreendentes, que não fez, mas absorveu do conteúdo espiritual da narrativa secular. Para quem nega o valor de estímulo, existente nos contos, não pode passar despercebida a importância deles na formação espiritual, a menos que negue fundamentalmente esta mesma espiritualidade sugestiva.

3 — Adolfo Coelho tomou abertamente neste assunto dos contos populares a atitude do intelectual, que aproveitou os materiais para os estudar com profundidade no campo do folclore; e, depois de os reconhecer no seu valor intrínseco e na qualidade essencial do que lhes encontrou em capacidade educativa, serviu-se deles para fins pedagógicos de substância escolar. Se os estudou como investigador cientista, tirou deles a sugestão educativa.

No «Inquérito Literário», que o jornal de Lisboa «República» fez em 1915, também Adolfo Coelho apresentou opiniões: aludiu a esse facto o professor João da Silva Correia, quando colaborou na homenagem de «Lusa» ao mestre falecido ⁽¹⁾, com o capítulo de — «O Doutor Adolfo Coelho — Pedagogo», ⁽²⁾; disse o entrevistado por

(1) *LUSA*, Viana do Castelo, Ano III, N.ºs 53-54-55, Janeiro-Março de 1920; os capítulos da homenagem foram os seguintes: «Adolfo Coelho e a Etnografia portuguesa (Apontamentos e extractos)», pelo Dr. Leite de Vasconcelos, págs. 97 a 101; «F. Adolfo Coelho, filólogo», pelo Dr. José Joaquim Nunes, de págs. 102 a 104; — «O Doutor Adolfo Coelho — Pedagogo», pelo Dr. João da Silva Correia, de págs. 105 a 131; e «Francisco Adolfo Coelho — Esboço Bibliográfico», por Álvaro Neves, de págs. 132 a 135; com explicação final «Dr. Adolfo Coelho: In Memoriam», pelo Dr. Cláudio Basto, um dos directores da revista, pág. 135.

(2) Pág. 109, 2.ª c.

aquele jornal: — «Não me considero escriptor no sentido que dou «a esta palavra. Sou um investigador, especialmente no domínio da «psychologia individual e étnica (estuda esta, segundo a obra de «Wundt, os três phenómenos capitaes da vida dos povos: a lingua- «gem, o mytho e a religião, com a arte, o costume) e da applicação «nos problemas educativos».

João da Silva Correia comenta e corrobora assim a declaração clara do homenageado: — «E de que o lado pedagógico dos assuntos o interessava sempre não deixando de vê-lo em obra nenhuma, atesta-o a circunstância de serem muitos dos seus livros etnográficos e filológicos também livros didácticos, como acontece com os *Contos Nacionais*, para primeiros exercícos de leitura, com os *Jogos e Rimas Infantis*, para apprendizado de linguagem, com *A Língua Portuguesa*, do curso de literatura nacional, em cujo prefácio diz — «É fácil de «ver que não tivemos a intenção de fazer um livro para ser decorado «pelos estudantes; os livros d'esse género teem sido, segundo a nossa «opinião, uma das calamidades do ensino...»

Quando em 1879 fez a publicação dos *Contos Populares Portugueses*, explicou as razões por que se decidiu. Declara-o nitidamente na prefacção, nestes termos: — «Com esta collecção, que será seguida «brevemente, como esperamos, da publicação de outros contos que «temos reunidos, fica realizado um desejo há muito expresso pelos «homens que conhecem o valor d'estas cousas; Portugal deixa de ser «uma excepção com relação ao interesse que nos outros paizes de «língua romanica se vae desenvolvendo pelos contos populares em «virtude de um movimento nascido na Allemanha com a publicação «do *Kinder-und-Hausmärchen* pelos irmãos Grimm (1812-14) com- «municado depois aos paizes scandinavos, á Russia, á Inglaterra e «mais tarde á Italia e á França».

Quando em 1881 publicou em «Revista D'Ethnologia e Glottologia» (Lisboa) o *Esboço d'um Programma de Estudos d'Ethnologia Peninsular*, incluiu no grupo V o «Estudo de Literatura Popular», com este esquema distributivo: a) Poesia; b) Contos; c) Provérbios; d) Enigmas, versos usados nos jogos (com a descrição d'elles), etc. ⁽³⁾. Não se limitou a mencionar os estudos, que era preciso fazer, deu também o exemplo da forma de realizar o programa; serviu-se para isso do «Conto do Justo Juizo»; apresentou a versão,

(3) Rev. d'Ethnologia e Glottologia, Lisboa, 1880-1881; a partir do fasc. I.

que lhe pareceu mais perfeita, e estudou-o desenvolvidamente, para assim demonstrar como devia ser feito este trabalho de valorização das lições dos contos e da sua integração em sentido interpretativo de base científica ⁽⁴⁾. Já no prefácio da revista, por ele fundada, expunha o pensamento, que o guiava: — «Era preciso sem dúvida fazer «maiores investigações tanto na litteratura como na tradição oral «para dar relevo a muitas particularidades do nosso estudo; mas o «essencial é traçar um quadro geral dos costumes e crenças do povo «português, ou se se quer empregar uma expressão mais pomposa, «mas talvez discutível, da mythologia portuguesa; ora esse quadro «geral somos nós o primeiro a tentar esboçar-o; as investigações «terão depois o seu lugar marcado; as lacunas encher-se-hão facilmente. Os investigadores terão sobretudo um guia que lhes será, «cremol-o, d'utilidade» ⁽⁵⁾.

Na «ideia geral» do programa da *Exposição Ethnographica Portugueza — Portugal e Ilhas Adjacentes* ⁽⁶⁾, que Adolfo Coelho apresentou em 1896 à Sociedade de Geografia de Lisboa, com o fito de ser executado por ocasião das comemorações nacionais do quarto Centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo da Índia, no ano de 1898, adoptou quatro grandes divisões: I — A Terra; II — O Homem; III — A História; IV — A *Vida Hodierna*. Esta última

⁽⁴⁾ Id. fasc. I, págs. 108 e ss. Em carta de 15 de Setembro de 1881, escreveu Adolfo Coelho a Leite de Vasconcelos o que pensava deste seu estudo: «O methodo para o estudo dos contos populares, está indicado, se me atrevo a dizel-o, no meu estudo sobre o conto do Justo Juízo; só assim é que se pode chegar a determinar os elementos d'um conto. Nos meus estudos sobre a lenda de *Midas* e a *Mão de Finado* (Main-de-Gloire), que sahirão na *Revista* [D'Ethnolog. e Glottolog.], tentarei indicar o methodo nas investigações mythicas propriamente dictas, nas suas relações com os contos». Acrescenta: — «Tem-se usado e abusado dos mythos solares. É mister que a sciencia mythologica se assente sobre bases mais largas, em que todas as faces dos seus complicados problemas sejam contempladas. O mytho das mouras encantadas não me parece ter nada que ver com mythos solares. Na *Revista* examinarei com numerosos documentos na mão esse problema». Leite de Vasconcelos, em «Adolfo Coelho e a Etnografia Portuguesa», na homenagem da revista *Lusa* a Adolfo Coelho, mencionada (pág. 99, 1.^a c.).

⁽⁵⁾ *Rev. D'Etn. e Glot.*, fasc. I.

⁽⁶⁾ Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, 1896, separata de 46 págs. O plano está dividido em três partes: «Observações prévias», «Ideia geral da Exposição Ethnographica Portugueza», «Desenvolvimento do programa», com uma «observação final».

abrangeia as seguintes «formas»: a) — Da vida prática (individuais, com os parágrafos da alimentação, habitação, vestuário e trabalho; indivíduo-sociais, com a organização do trabalho, o comércio, as associações, a linguagem falada, gesticulada e escrita, o decoro e porte pessoal, as formas de sociabilidade, os jogos; sociais, com a constituição da família, os laços sociais e o sentimento da comunidade nacional e política; e humanas, a saber: sentimentos de humanidade em geral, a amizade, a hospitalidade, a beneficência, relações internacionais); b) — Da vida artística (estética); c) — Da vida religiosa, e d) — Da vida especulativa (saber popular propriamente dito), repartidas estas pelas fontes (observação, conservação, tradição, reflexão) e pelo objecto (a natureza, o homem, as causas últimas).

No «desenvolvimento do programma» apresentou doze «grupos», pelos quais distribuiu os assuntos das quatro grandes divisões. Nas formas indivíduo-sociais incluiu: e) «O jogo (Passagem para as formas artísticas)»; no desenvolvimento rotulou o assunto sob esta designação: «Grupo VIII — Jogos e belas artes populares e infantis. A escripta». Aditou-lhes pois a escrita, assim discriminada em parágrafo construtivo: «Elementos populares de escripta; Ideographia popular. Signaes lagareiros de Alcobaça, etc. Mnemonica graphica. Tatuagens. Escriptos, na graphia usual, de pessoas indoutas que apenas aprenderam a escrever. Estudos dos gestos populares». Reuniu aí cento e quarenta e um nomes de jogos tradicionais portugueses, de que ao tempo tinha notícia.

O parágrafo número 9 do mesmo grupo ficou redigido desta maneira: «Litteratura popular: Poesia lyrica e epica, dramatica; Contos, Provérbios, Enigmas. Litteratura de cordel. Almanachs e Folhinhas populares».

A colaboração dos contos e dos jogos tradicionais nos planos e programas de Adolfo Coelho, se bem que tenha origem na observação dos assuntos e das práticas de ordem etnográfica, por partirem de idêntico sentido de imaginação e estímulo de actividade, e estarem dentro do que já se chamou a «Dimensão Popular», teve todavia outro objectivo, que se revela no aproveitamento deles pelo pedagogo avisado. Assim os vemos no mesmo grande grupo dos «Jogos e belas artes populares e infantis».

A parte dos jogos teve grande importância neste lugar do programa. Não admira, se notarmos que em 1883 já tinha Adolfo Coelho publicado *Os Elementos Tradicionais da Educação* em cujo capítulo de «A Gymnastica e os Jogos Tradicionaes» se esmerou, para valori-

zar a pedagogia deles; repare-se que nestas palavras precisas, há uma orientação bem definida: «Sem condemnarmos inteiramente a «gymnastica regulada, queremos ver repellidos todos osapparelhos «fixos, adoptados alguns móveis, consagrada à gymnastica de exercicios uma porção minima de tempo e ao jogo tradicional todo o tempo de recreação escolar».

4— Em 1883 publicou também na «Bibliotheca de Educação Nacional» do Porto, *Jogos e Rimas Infantis* ⁽⁷⁾, e, dois anos depois, *Os Jogos e as Rimas Infantis*, no «Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa» ⁽⁸⁾; em 1879 a revista *O Positivismo* inseriu parte de um estudo dos *Materiaes para o estudo da origem e transmissão de contos populares*; saíram do prelo em 1879 os *Contos Populares Portuguezes* ⁽⁹⁾, o numero 1 da «Bibliotheca de Educação Nacional». Publicou os *Contos Nacionais para creanças*, em 1879, que tiveram segunda edição em 1882, e terceira em 1936, também, como as antecedentes, no Porto ⁽¹⁰⁾; já no fascículo III do volume I e único da *Revista D'Ethnologia e Glottologia* tinha publicado *Estudos para a História dos Contos Tradicionaes* ⁽¹¹⁾.

Em 1899, logo nos primeiros fascículos da revista portuense *Portugalia*, Adolfo Coelho publicou o estudo notabilissimo *A Pedagogia do Povo Português*, que não chegou a sair completo; nele se refere a trabalhos anteriores, feitos no mesmo campo de estudos e na tarefa obsidiante dos grandes programas e planos: «Numa nota publicada na *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes* fizemos sentir a necessidade de estudar a vida do povo sob todos os aspectos, não restringindo a investigação apenas a certas manifestações dessa vida, como até agora geralmente se tem feito, e traçámos um programma para

(7) Foi este livro o n.º II da «Bibliotheca de Educação Nacional»: Porto, Livraria Universal, 1883. Em 1879, foi publicado o artigo intitulado *Romances populares e rimas infantis*, na revista alemã *Zeitschrift für Romanische Philologie*.

(8) Boletim, 4.ª série, N.º 12.

(9) «Contos populares portuguezes colligidos por A. C.-P.» Plantier, editor, 1879. Foram traduzidos para inglês por Henriqueta Monteiro, com o título de *Tales of old Lusitania from Folk-Lore of Portugal*. Outros traduziu a mesma sr.ª em *The Folk-Lore Record*, (Londres, vol. IV, págs. 141-159) com o nome de *Portuguese Stories*.

(10) 2.ª ed. Livraria Universal, Porto, 1882; 3.ª ed. Livraria de Educação Nacional, Porto, 1936.

(11) Fascículo III, págs. 108 e ss.

esse estudo, o qual depois alargámos, quando a comissão das festas do centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo da Índia pensou fazer uma exposição *ethnographica portuguesa*» ⁽¹²⁾.

Aceitou a orientação pedagógica do Dr. H. Ploss, expressa no livro *Brauch und Sitte der Völker* ⁽¹³⁾; ocupa-se do tratamento físico da criança e presta especial atenção às superstições, que lhe dizem respeito, e às festas a que dão pretexto as fases sucessivas da existência; o capítulo XXVII do livro tem por objecto o jogo e a canção infantis. Nesta ordem de ideias sobre a educação das crianças, Adolfo Coelho formulou o esquema de trabalho, quando indicou as divisões desse capítulo. Os números, que nos interessam aqui, são os seguintes: 1. Importância pedagógica do *jogo infantil*; 4. Importância pedagógica da *lenda e do conto*; 5. Importância pedagógica do *enigma e da canção*; 8. A *superstição* na educação. A introdução deste trabalho é longa e elucidativa dos propósitos do autor ⁽¹⁴⁾. É talvez nesta parte, mais do que nas críticas e planos de reforma educativa, que se encontrará a justificação do apreço de Adolfo Coelho pelo esforço educativo dos contos e outras formas de actividade e aplicação da imaginação popular. É sempre indispensável que os conhecimentos adquiridos não fiquem depositados na memória como matéria inerte, mas sejam assimilados e convertidos em elementos vivos do nosso próprio espírito, escreveu em 1909 para *Os Serões*.

Reportando-se à distinção de Wundt entre a imaginação passiva e a imaginação activa, nota que essas duas direcções da imaginação andam longe de se opor, visto que a imaginação passiva, independente da vontade, ministra à imaginação activa, influenciada pela vontade, os materiais de que esta forma as suas produções; aquela tem efeitos tanto mais vivos e irresistíveis quanto mais retirado ou oculto está o pensamento lógico. «Entre o povo e o artista reflectido «há o elemento comum da imaginação passiva, a que mais particularmente pode dar-se o nome d'inspiração; no povo esta forma da «imaginação predomina sobre a activa. O esforço voluntario e intencional é pois neste menor que naquelle, por isso pode dizer-se que «o povo não creava a sua poesia, que esta se creava ou cantava nelle...» ⁽¹⁵⁾.

(12) Fascículo IV, págs. 113 e ss.

(13) Berlim, 1883.

(14) A introdução vai de págs. 60 a 78, do vol. I.

(15) Id. pág. 76.

Mais facilmente compreendemos depois destas palavras o pensamento que o guiou, quando em 1883 dirigiu à Junta Departamental do Sul o relatório sobre a instrução do povo em Portugal: «O fim «da escola não está em accumular na cabeça da creança certo número «de conhecimentos e dar-lhe certas aptidões mechanicas como a da «escripta, mas sim em desenvolver-lhe todas as phases da sua acti- «vidade physica e psychica de modo harmonico e são».

Por isso recomendava em 1880, em *Os Elementos Traditionaes da Educação*, que se desse à prática dos jogos tradicionais todo o tempo de recreação escolar. E criticava com conhecimento de causa e senso das realidades nacionais os sistemas de educação física, em trabalho publicado no *Arquivo da Universidade de Lisboa*: A «História dos exercicios physicos na sua relação com o desenvolvimento moral» ⁽¹⁶⁾. Por certo, o pedagogo pensava no conjunto destes valores nacionais da prática tradicional, quando apresentou à Sociedade de Geografia a «Proposta acerca da Reforma do Ensino Público», em 1894, e baseava o seu critério com estas afirmações claras: «... Formar «homens capazes de comprehenderem os interesses geraes da huma- «nidade e os especiaes da nação portugueza, de lhes subordinarem os «interesses puramente individuaes...»

Os *Contos Nacionais*, destinados às primeiras leituras, isto é, entregues às crianças no tempo em que passavam da pura forma imaginativa para a da leitura perceptiva, a servirem-lhes de transição entre uma época própria da infância e outra de fixação de imagens para as ultrapassar com a inteligência sem que por isso a primeira se perdesse, os *jogos e rimas infantis*, para as crianças aprenderem a língua pátria por meio de feições transitórias de falar simplificado e rítmico, impregnado de imaginação e de acção coordenadas, manifestam bem o emprego dos contos e formas afins com intuitos pedagógicos.

Os adágios com a forma sintética de «saber popular» apresentam muitas vezes a expressão de contos a aplicar. O mesmo e talvez melhor se poderá dizer das adivinhas com o poder de imaginação de contoquinho, limitado a poucas palavras em verso ou prosa, mas a concentrarem qualidades e traços caricaturais ou anedóticos do objecto a pôr em adivinhação. No *Esboço d'um Programma de Estudos d'Ethnologia peninsular*, da «Revista D'Ethnologia e Glottologia», em

⁽¹⁶⁾ Cfr. comentário do Prof. Silva Correia, em *Lusa*, vol. III, p. 112-113 (Janeiro-Março de 1920).

1881, contou com a poesia, contos, provérbios, enigmas, versos usados nos jogos, como partes de um todo, que por afinidades íntimas das partes incluiu em um só grupo.

Mais adiante, depois do estudo dos contos, e especialmente de «O Conto do Justo Juízo», apresentou uma forma de aplicação dos contos no capítulo dos *adágios originados de contos*. Tanto o adagiário como o cancioneiro aproveitam muitas das lições morais dos contos e muitas canções populares, quando não aludem directamente aos contos ou deles dependem nas referências a personagens e a factos ou sentenças, provêm deles indirectamente pelo caminho dos provérbios. Também no grupo VIII do plano da *Exposição Ethnographica Portuguesa*, de 1896, regista sob o número 9, em síntese da «Literatura popular», poesia lírica, poesia épica, poesia dramática, provérbios e enigmas. No esboço procura todos os reflexos dos contos em todas as formas do «saber popular», e sempre demonstra com factos e comentários, bem exemplificados, a grande influência dos contos na imaginação do povo, como centro de actividade espiritual aplicada a conceitos e fórmulas de conduta prática.

O desenvolvimento do sector da poesia épica do plano da exposição de 1896, se o tivesse chegado a fazer, evidenciaria esta feição de narrativa fundada em factos históricos e a eles ligados, quer proviessem de literatos de «imaginação activa», quer de poetas populares, transmissores e adaptadores, ou mesmo criadores de formas de «imaginação passiva». Esta forma transmitiu-se a contos e influenciou o cancioneiro com reflexos de várias formas.

Livros de leituras para cursos primários e secundários têm aproveitado a lição pedagógica de Adolfo Coelho; neles vamos encontrar transcrições de contos, romances de cavalaria, quadras, adágios, adivinhas, rimas infantis para leitura simultaneamente recreativa e escolar das crianças portuguesas, quer dizer que o exemplo dos *Contos Nacionais* e *Jogos e Rimas Infantis*, coligidos e dedicados por Adolfo Coelho ao aprendizado das nossas crianças, foi compreendido e frutificou.

Devemos meditar nas palavras dos *Estudos sobre a Educação Nacional*, série de artigos de Adolfo Coelho, no «Boletim da Assistência Nacional aos Tuberculosos», de 1909 a 1911, comentadas nestes termos pelo Prof. João da Silva Correia:—...«Demonstra que, ao contrário do que comumente se pensa em Portugal, abrir uma escola nem sempre equivale a fechar uma prisão, visto não serem os conhecimentos mais do que um instrumento de que pode fazer-se

uso bom ou mau. Nesse trabalho notavelmente curioso o doutor Adolfo Coelho prova como a ignorância do ler e do escrever pode ser compatível com certo grau de cultura e até com certas noções éticas, estéticas e científicas, pois o escrever e o ler não são saber real mas meros sinais externos de que podem estar de posse indivíduos cujo proceder seja mais condenável ou cujas superstições sejam mais mesquinhas que as do vulgo analfabeto» (17).

Coordenando todas estas observações e opiniões do pedagogo, verifica-se a importância, que ele dava à matéria formativa dos contos populares. Se ele pudesse ver a cultura actual da literatura dos contos populares e das adivinhas, sobretudo com a dedicação, o método, a continuidade e a riquíssima especialização, até a estonteante erudição de homens como Antti Aarne, da universidade de Helsinquia, e seus colaboradores em *FF Communications* (ou *FFC*), desde 1911, observaria que toda a classificação dos contos em tipos definidos terá sem dúvida servido a ciência, mas está longe, na sua algeidez de museu ou laboratório, do sentido pedagógico por ele reconhecido e aproveitado. De facto, o conto, como a adivinha, a que se entregou igualmente com êxito a escola de Antti Aarne, valem mais do que espécies de catalogação, porque são vivos e vividos na alma popular, que os sente e deve ser guiada pela exaltação de apuramento espiritual neles residente em potência de capacidades (18).

Lisboa.

LUÍS CHAVES

(Do Museu Etnológico)

(17) Lusa, loc. cit. pág. 117, 2.^a c.

(18) Não me parece descabido transcrever, como nota final deste comentário da obra folclórica de um pedagogo notabilíssimo, o final (final, também) do livro de Gédéon Huet *Le contes populaires*, — «um estudo completo das colheitas de contos literários — que tenham ligação com os contos populares — deveria conter o resumo das influências que essas recolhas exerceram na literatura e mesmo na arte: só a série das *Mil e uma noites*, que se tornou tão popular há dois séculos, graças aos trabalhos de Galland e dos seus sucessores, poderá provocar as mais interessantes observações; aconteceria o mesmo — para dar um exemplo mais verdadeiramente nacional —, do pequeno volume de Perrault. Finalmente, as fontes mais abundantes esgotam-se; e pergunta-se por que é que os literatos, os compositores, os artistas não hão-de voltar-se para as colecções que os folcloristas puseram, há tanto tempo, à disposição de toda a gente. Há, nestas narrativas, transmitidas oralmente de século para século, tesouros de arte e de inspiração para os que, no desprezo dos caminhos tão batidos, aí encontrarão recurso e apreço». (Paris, 1923, págs. 188-189).

La Famiglia di ᾄξω

1. È noto come il vocabolario indeuropeo attinente alle capacità e attività psichiche sia particolarmente sviluppato, e la definizione delle singole attività si immerga e successivamente si distacchi da attività psichiche affini. Tale lo svolgimento germanico della radice **SEK^w** che assume il valore di 'vedere': esso è comprensibile solo se si presuppone per la lingua comune un «seguire» che non è materiale ma mentale, quasi si applicasse a gregari intenti a non uscire mai dalla pista segnata dal capo. Da un 'seguire mentale' sarebbe nato cioè un 'seguire con lo sguardo' e, spoglio di qualsiasi duratività e intensità, il 'vedere'. Non diverso è il caso della radice **WEID**, della quale sappiamo, attraverso il gioco del perfetto greco e del suo specialissimo significato, che il 'vedere' sfocia nella sua conseguenza, diretta ma non necessariamente prevedibile, il 'sapere', *ᾄδῶ* 'ho visto, dunque so'.

Accanto al doppione visivo *vedere-guardare*, noi abbiamo ora, per quel che riguarda l'udito, la coppia *udire-ascoltare*, alla quale corrisponde la coppia latina *audio-ausculto* e, almeno sul terreno etimologico, quella greca di *ἀκούω* e *ἀκρόω*. L'etimologia tradizionale di quest'ultimo verbo risale al 1893 ed è dovuta al Kretschmer⁽¹⁾: da un precedente **akroōjō* verbo denominativo dai un **ak-ōōs* 'colui che ha acuto l'orecchio'. Essa si giova di quel non so che di affine, insito nel latino *auscultare*, al quale nessuno oserrebbe rifiutare la presenza di *aus-* 'orecchio' nella prima parte. Se una obiezione, e una forte obiezione, si eleva contro di essa, questa viene non dalla sfera del significato, del suo svolgimento, e dei suoi passaggi, ma dalla morfologia: da un denominativo ci aspetteremmo una 'coniugazione' regolare, e ad esempio un perfetto **ᾄκροωξα* (dor. *ᾄκροωξα*) avrebbe dovuto essere il solo ed esclusivo.

(1) «Kuhns Zeitschrift» 33, 567; in altra forma già FICK «Bezz. Beitr.» 1 (1877) 334.

2. Una forma di perfetto come ἀκήχοα è invece quella dominante, ed evidentemente antica. Una spiegazione di ἀκούω che non tenga conto dell'antichità di ἀκήχοα, che non si adatti ad ἀκήχοα, come a forma più antica di ἀκούω, soffre di una intrinseca fragilità.

Ma, riconosciuta la evidente e ovvia priorità formale del perfetto, si ripropone un problema di significato: come il perfetto Φαῖδα, col suo valore di 'sapere', presuppone un antefatto che si trova effettivamente documentato nel valore di 'vedere' proprio di tutte le altre forme del verbo, così il perfetto ἀκήχοα col suo valore di 'ascoltare' deve presupporre un analogo antefatto che, invece, non è documentato. Esso può essere ricostruito, sul modello di «io ho visto e quindi so», con la formula «io ho..., quindi ascolto». I punti di sospensione rappresentano quella tensione mentale, alla quale corrispondono valori lessicali come «ho teso l'orecchio, quindi sono in stato di udire, cioè ascolto». Non solo dal punto di vista della forma, ma anche da quello del significato ἀκούω non può avere pretese, non che di priorità, nemmeno di parità rispetto ad ἀκήχοα.

3. Per quanto stringenti, queste considerazioni sono però sempre di carattere negativo: non è stata ancora definita positivamente l'arcaicità di ἀκήχοα, non sono state ancora rintracciate, o almeno postulate, forme più antiche di ἀκούω, che siano legate ad ἀκήχοα da un corretto rapporto di parità. Perché questo avvenga occorre eliminare il raddoppiamento e ricercare una forma col grado di alternanza e invece di ο, un tipo *ake- di fronte al tipo *AK-âKO-. Le forme, documentate, che rispondono a questi fini sono due:

Coll. 4991 II 17⁽²⁾ ἀκέοντες è participio di un presente *ἀκέω conservato come si vede nel dialetto di Gortina. Esso non ha nessun bisogno di esser messo in relazione a un preteso perfetto *ἀκήχοα come vorrebbe il Boisacq⁽³⁾;

Hes. ἀκέει τηρεῖ, Κόπριοι non solo conferma l'esistenza di questo presente, ma contrariamente all'incertezza del Bechtel⁽⁴⁾ ne documenta il valore, che sopra era stato dichiarato necessario per ragioni esterne: «ἀκέει 'presta attenzione', così usano a Cipro», v. Bezzenberger⁽⁵⁾.

⁽²⁾ BECHTEL *Gr. Dial.* I 444 II 778.

⁽³⁾ BOISACQ *Dict. étym. de la langue grecque* p. 38.

⁽⁴⁾ *I. c.*

⁽⁵⁾ «Bezz. Beitr.» 27 (1902) 145 sg.

Le due forme insegnano contemporaneamente *tre* cose: che esisteva di fronte ad ἀκρήχουα, un presente regolare col grado e della radice; che il significato di questo presente corrispondeva all' atteso «antefatto» dell'ascoltare; che alla vocale radicale seguiva la sonante *u*, e quindi l'alternanza normale era *akeu-* al presente, *akou* al perfetto. È merito di J. B. Hofmann ⁽⁶⁾ aver riconosciuto questo legame di alternanza fra i presenti in *e* e il perfetto in *o* in tutta la sua importanza.

4. L'elemento *u* compare in tutte le forme di presente, le antiche come ἀκρέουτορ, ἀκρέει, le nuove come ἀκρόω; manca invece nel perfetto ἀκρήχουα. Se la connessione suggerita dal Saussure ⁽⁷⁾ con ἀκείων, troppo recisamente negata dal Boissacq ⁽⁸⁾, dovesse esser confermata, ci sarebbe anche un esempio di tema di presente privo di *u*. Ci si domanda allora se è possibile dare una giustificazione, fonetica o d'altra natura, di questa differenza.

Limitatamente al rapporto ἀκρόω/ἀκρήχουα sono state fatte tre ipotesi, la prima essenzialmente di ordine prosodico, la seconda di ordine stratigrafico, la terza di ordine fonetico. La spiegazione prosodica risale essenzialmente al Saussure ⁽⁹⁾ sia nel senso di evitare una serie di tre brevi (meglio ἀκρόομεν di *ἀκροFομεν) sia per permettere l'inserimento nell' esametro (ἀκρήχοFα vi entra, *ακρήχουα no). La spiegazione stratigrafica risale allo Schulze ⁽¹⁰⁾ che considera le forme con *ou* più antiche, quelle con *o* più recenti. Quella fonetica, dovuta sia allo Schulze sia allo Schwyzer ⁽¹¹⁾, distingue fra un *o* risultante da un gruppo più semplice (-ou da -ousa) e un *ou* da gruppo più complesso (-ouω da -ousjo).

Anche senza voler dare troppo peso al nome proprio Ακροωώ ⁽¹²⁾ (Anaphe) risulta cioè la necessità di considerare non solo l'elemento -*u*, ma anche l'*s*. Partire da una base AKEUS/AKOUS ha effettivamente il vantaggio di non dover ritenere analogiche forme come quella del perfetto medio ἤκουσμαι; di interpretare il perfetto attivo come *ἀκρήχουσα, *ἀκρήχοFα, ἀκρήχουα.

⁽⁶⁾ Lat. Et. Wörterbuch I, 186.

⁽⁷⁾ «Mém. Soc. Ling.» 7, 86.

⁽⁸⁾ o. c. 35.

⁽⁹⁾ Mélanges Graux (1884) 737 sg.

⁽¹⁰⁾ Quaestiones epicae 61.

⁽¹¹⁾ SCHWYZER Gr. Gramm. 348.

⁽¹²⁾ BECHTEL Gr. Dial. I 444.

Il presente, nato per una esigenza di normalizzazione semantica, estratto dal perfetto con lo scopo di definire l'azione di «stare ascoltando», si è trovato nelle stesse condizioni di un recente ὄρωμαι rispetto a un antico ὀρώρει: Ψ 112. La parte radicale ακου- ha resistito bene a una ulteriore semplificazione *ακoF-, come già era avvenuto con ὀρώω, κολώω, che non sono stati trattati come verbi contratti. Essa pone solo una condizione severa di cronologia relativa: di esser nata quando la -ς- intervocalica era ormai caduta (da *ἀκήκουα non più *ἀκήκουσα), ma prima che la υ diventasse digamma (da *ἀκήκουα non ancora *ἀκήκοFα).

5. Chiarito allora, all'ombra della forma primitiva AKEUS-/AKOUS, lo strato primitivo di ἀκᾱῶ ἀκᾱῶα, e quello successivo di ἀκήκουα/ἀκουῶ, rimane aperto il problema delle connessioni fuori del greco. Queste connessioni si devono trovare sicuramente tenuto conto dell'aspetto così normale, cristallino, evidentemente indeuropeo della famiglia di AKEUS/AKOUS nelle sue diverse manifestazioni. Soltanto, un'etimologia moderna non deve risalire soltanto a ritroso dai rami minori a quelli maggiori e infine al tronco principale dell'albero-radice. Il moderno etimologizzare si preoccupa anche di ibridismi, di incroci, di pluralità di genesi. Occorre allora fissare l'attenzione sopra due diverse famiglie, fra le quali non urge stabilire in anticipo un reciproco rapporto e che si impersonano nel gotico *hausjan*, nel sanscrito *kavis* 'poeta, veggente'.

Il gotico *hausjan* (e il suo corrispondente ant. alto tedesco *hōran* *hōrren*) ha in comune con il verbo ἀκούω, palesemente, il grado o della radice e il significato di 'ascoltare', e, implicitamente l'elemento s: il confronto si arresta soltanto davanti alla mancanza della vocale iniziale, AKOUS per il greco, KOUS per il gotico.

La ricerca deve mirare a trovare per il gotico forme più semplici di quel causativo-denominativo che solo è attestato, per il greco una giustificazione della a- iniziale. Una forma primitiva di verbo gotico non può essere che *hiusan, verbo forte tratto da una forma originaria KEUS che si comporta di fronte a *hausjan* come il gotico *driusan* 'cadere' si comporta di fronte all'ant. alto ted. *trūren* 'gettar via', cioè 'far cadere' (13). L'«ascoltare» si presenta così come un 'far prestare attenzione' nel quale la specializzazione auricolare si trova sia in greco sia in germanico come qualche cosa di accessorio o di

(13) KLUGE *Urgermanisch* 181.

successivo, e che in un periodo anteriore, e in lingue diverse, poteva mancare.

Appare allora, priva di -s, la famiglia del sanscrito *kavis*, del latino *caveo* e del greco $\kappa\omicron\acute{\epsilon}\omega$ in cui una radice **KEU** (o anche, senza grado normale, *kou*) ha precisamente il significato della tensione mentale, non importa se difensiva come in latino o offensiva come in sanscrito, non ancora specializzata nell'udito. Si potrebbe arrivare a riconoscere nei due estremi del 'veggente' sanscrito e del 'prudente' latino una preoccupazione di sottolineare aspetti religiosi e sociali che nelle aree centrali germanica e greca sono stati invece superati.

6. Se il rapporto **KEU-KEUS** e il connesso passaggio da una tensione mentale non specializzata a una tensione mentale specializzata possono parere a questo punto senz'altro accettabili, ancora inspiegata appare la *a-* che ha tanta parte nella famiglia greca di $\acute{\alpha}\kappa\omicron\upsilon\omega$. Questa spiegazione non può essere che di natura fonetica o di natura lessicale.

Quella fonetica che opera con semplici tautologie parlando di vocali protetiche quando si tratti di antiche iniziali sonanti ($\acute{\epsilon}\text{-}\rho\upsilon\rho\acute{\omicron}\varsigma$, $\acute{\epsilon}\text{-}\lambda\epsilon\upsilon\theta\epsilon\rho\omicron\varsigma$) non può esserci di aiuto in questo caso. Né una ipotesi etimologica che si fondi sulla semplice *a-* può avere, per la sua tenue consistenza, una evidenza interna sufficiente. Ma se da una parte si rintracciassero resti di forme greche senza *a-* e dall'altra esistessero paralleli di una composizione o contaminazione verificatasi in tempo vicino a noi già nell'area greca, potrebbe prender piede l'ipotesi che l'*a* non rappresenti solo un nèo fonetico o un enigma etimologico, bensì documenti un processo di ambientamento lessicale, per il quale alla associazione morta propria dell'etimologia $\acute{\alpha}\kappa\omicron\upsilon\omega$ — *hausjan* si accompagna una associazione vivente, una «etimologia popolare», un legame con una altra famiglia lessicale greca del tutto diversa nelle origini.

Le forme greche sulle quali la nostra attenzione si sofferma sono queste due: la glossa di Esichio $\acute{\epsilon}\kappa\omicron\acute{\alpha}\mu\epsilon\varsigma$ $\eta\kappa\omicron\upsilon\sigma\alpha\mu\epsilon\nu$ (presso i Dori) e il verbo greco $\acute{\alpha}\kappa\upsilon\acute{\alpha}\sigma\mu\alpha\iota$. La prima forma ci documenta un aoristo che, al di fuori dell'arbitraria accentazione, è paragonabile a $\acute{\epsilon}\kappa\eta\alpha$: cioè a un presente effettivamente o apparentemente derivato come $\kappa\alpha\iota\omega$ e $\kappa\omicron\acute{\epsilon}\omega$ corrisponderebbe un aoristo in - α , $\acute{\epsilon}\kappa\eta\alpha$ $*\acute{\epsilon}\kappa\omicron\alpha$ ⁽¹⁴⁾. Al di fuori della forma più ampia **AKEUS-AKOUS** stu-

(14) SCHWYZER o. c. 745; eventualmente allineato con altri aoristi doric in - α come $\acute{\epsilon}\sigma\sigma\upsilon\alpha\text{-}$, $\acute{\epsilon}\rho\rho\upsilon\alpha\text{-}$ cfr. BECHTEL *Gr. Dial.* II 352, 493, e quindi innovato rispetto a un originario $*\acute{\epsilon}\kappa\omicron\mu\alpha\varsigma$?

diata sopra, è documentata, in greco, la forma più ristretta (KEU)-KOU.

Dall'altra parte l'etimologia persuasiva di ἀκοάουαι riportata dal Boisacq ⁽¹⁵⁾, a un antico ἀκ-ους-άουαι, ci mostra l'associazione del nome dell' orecchio (e del suo verbo denominativo) col concetto di 'acuto' ἀκρὸς in una forma facilmente analizzabile, e quasi spontanea. Riappare allora la vecchia interpretazione ἀκ+ους non più come l'etimologia rigida e unica, ma come «etimologia popolare», come documento di un incrocio che ha messo di fronte e la vigorosa radice nominale AK e quella verbale KEU(S): così diverse per significato e per classe sociale, e così intimamente unite per indicare quella specifica tensione mentale che è l'ascoltare, con una partecipazione di immagini e di affetti sufficiente per definirlo quasi un superlativo.

Il doppio procedimento per il quale il verbo discendente dalla vecchia radice KEU(S) si specializza e parallelamente si rinforza può essere rappresentato geometricamente da un quadrilatero così disposto:

κείω generico e non rinforzato	ἐκείω specifico e non rinforzato
ἀκείω generico e rinforzato	ἀκείω specifico e rinforzato

Firenze.

GIACOMO DEVOTO

(15) o. c. s. v.

En feuilletant le Dictionnaire :

Mots latins à *b* initial

Nous avons l'habitude de considérer les mots d'une langue dans la chaîne de l'énoncé, et particulièrement dans les textes, en fonction de leur entourage et du rôle qu'on leur prête occasionnellement ; leur groupement alphabétique dans un Dictionnaire ne nous intéresse que comme nous fournissant des répertoires commodes, propres à la consultation. Je voudrais montrer par un exemple que l'examen, même rapide et superficiel, d'un Lexique de mots peut nous ouvrir des vues sur des faits de langue d'un intérêt général.

Rien qu'à feuilletter un Dictionnaire scolaire du latin, on s'aperçoit que la répartition des mots suivant leur initiale présente de curieuses irrégularités : certaines lettres sont abondamment pourvues, quelques unes sont très peu représentées ; dans un Dictionnaire que j'ai sous la main, je compte pour *C* 85 pages, pour *P* 80, pour *S* 70, de 25 à 40 pour chacune des lettres *D F L M R T*, 13 seulement pour *G*, et pour *B* à peine 8. Le cas de *G* et de *B* mérite évidemment l'examen.

A vrai dire, la simple réflexion nous fournit une explication des anomalies de ce genre. Nous savons à quels accidents sont exposés certains phonèmes au cours de l'histoire des langues. A l'initiale en particulier, tel phonème est relativement stable : par exemple la voyelle *a*, les consonnes explosives sourdes *p t* ; tel autre fragile, comme l'aspirée. Stabilité et fragilité sont du reste fonction des langues et des époques ; mais, quoiqu'il en soit, la phonétique nous fournit ici des chefs d'explication : en français, le contingent des mots à *w* initial se trouverait réduit à rien, du fait du passage de *u* latin (= *w*) à *v*, s'il n'y avait l'apport de quelques mots d'emprunt ; le *g* initial latin devant une voyelle a passé en français à *j* (*gemellus* > *jumeau*), d'où appauvrissement de la catégorie, mais du *w* germanique est issu un nouveau *g* (*werra* > *guerre*) et le phénomène s'est étendu à certains mots latins (*uespa* > *guépe*), d'où réapprovisionnement compensatoire ; tel dialecte du centre de la France n'a

plus un seul mot à *d* initial devant voyelle, parce qu'en cette position *d* a passé à *g* (*dire* > *guire*, *dura* > *gura*). Les exemples de ce genre peuvent être multipliés à l'infini.

Certaines initiales se trouvent ainsi condamnées ou du moins défavorisées. Il faut noter du reste que certaines autres peuvent se trouver avantagées : ont abouti en latin à *f* les initiales indo-européennes : *bh* (*fero*, gr. *φέρω*), *dh* (*facio*, gr. *τι-θύμι*), *dhw* (*fores*, gr. *φύρα*), *gh* (*fundo*, gr. *φένω*), *gwh* (*formus*, gr. *βεραρός*), *ghw* (*ferus*, gr. *φύρ*), *s(r)* (*frigus*, gr. *ψύχος*), et même, à la suite d'une dissimilation, *m* (*formica*, gr. *μυρμήκ*).

J'ai exposé ailleurs (*Mélanges Kugener*, dans : *Latomus*, revue d'études latines, t. V, 1946, p. 137-139) l'état du latin en ce qui concerne le *g* initial ; le cas des mots à *b* initial est plus typique encore.

Il se trouve d'abord au point de départ une cause de déficience : « la sonore simple *b* était à peu près inusitée à l'initiale d'un mot indo-européen normal » (cf. A. Ernout-A. Meillet, *Dictionnaire étymologique*, sub *B*). D'autre part, il se trouve que la sonore aspirée de l'indo-européen *bh* passe à *f* (**bher* > *fero*). Le résultat est que le latin ne peut avoir de *b* initial que par suite d'accidents de date récente ou dans des mots adventices. Ainsi s'explique l'extrême pauvreté constatée dans le Dictionnaire.

Le principal accident phonétique est celui qui a fait passer à *b* un *dw* initial. Le cas n'est pas fréquent : il est représenté essentiellement par les composés en *bi-* (*biduum*, *biennium*, *bifariam*, *bifax*, *bigae*, *bignae*, *bimus*), par l'adverbe *bis* (la forme *duis* est attestée), par les mots de la famille de *bonus* : *bene*, *bellus* (*duenos* et *duonus* sont attestés), par *bellum* (*duellum* attesté).

Devant *r*, un *m* initial passe à *b* ; exemple quasi unique : *brevis* et son dérivé *bruma* (**breuima*).

Dans *barba* et *bibo*, il y a eu assimilation de l'initiale à l'intérieure, à partir de **farba* et **pibo*.

Le mot *bustum* fait difficulté : selon une explication généralement admise, le mot serait né d'une fausse coupure de *amb-uro* (interprété comme *am-buro*).

Si l'on met à part le produit de ces changements phonétiques occasionnels et rarissimes, il ne reste pas un seul mot latin authentique à *b* initial. Tous ceux qu'on peut relever dans le Dictionnaire sont des emprunts.

Emprunts au grec, en grande majorité : *baccar*, *bacchor*, *balanus*,

basis, beryllus, blasphemus, bolus, bombyx, boo, boreas, botrus, brac(c)hium, bromus, bubalus, bubo, bulbus, bulimus, burrus, butyrum, buxus, byrsa, byssus...

Emprunts au celtique, et particulièrement au gaulois : *basium, battuo, bruscum, burdus, bardus, beccus, benna, bessus, betulia, bitumen, braca, bucca...*

Emprunts germaniques : *bandus, blauus, bridum, brunus, bruta, burgus.*

Emprunts à des dialectes italiques, particulièrement à l'osque : *bassus, botulus, brutus, bos* et *bubulus, bufo.*

Emprunts divers : *bac(c)a* et *brunda* à une langue méditerranéenne ; *balatro, balteus, basterna* à l'étrusque ; *balux* à l'ibère ; *baia* au copte ; *batus* à l'hébreu.

Emprunts non identifiables : *bacalusiae, baiulus, barca, barrus, bastum, bellio, bes, bestia, beta, bilis, blatta, brassica, brattea, broccus, bura.*

Ces diverses listes ne comprennent que les mots les plus usuels et dont l'origine étrangère peut être considérée comme certaine ; afin d'éviter toute interprétation subjective, j'en ai fait l'inventaire en me conformant strictement aux indications fournies par le *Dictionnaire étymologique* Ernout-Meillet.

Si l'on met à part ce contingent de mots non-latins, il subsiste un résidu de mots sans étymologie, mais qui présentent tous un caractère commun évident, celui d'être des formations expressives (qualifiées comme telles par le *Dictionnaire étymologique*).

Il s'agit d'une part d'interjections : *babae, babit, bach, bat* (cf. *battare = bailler*) ; de mots pour lesquels une origine onomatopéique est évidente : imitation d'un balbutiement, bégaiement, battement, d'un bêlement ou aboiement, d'un bruissement ou bouillonnement : *balbus, blaesus, bambalo* (bègue), *balare* (bêler), *baubari* (aboyer), *blatio* et *blatero* (expression du bavardage), *bambalium, bucina, bombus* (effets musicaux), *borrio, bubo* (cris d'animaux), *bullā* (bouillonnement) ; d'autre part de termes de la langue familière, employés à titre de sarcasme, d'injure, ou pour un effet comique : *buttubatta, babaecalus, baceolus, barcala, bardus, bargus, baro, barridus*, tous équivalents approximatifs de *stolidus*.

Un seul mot reste à l'écart : *baculum*, dont l'origine est incertaine, mais que le *Dictionnaire* qualifie de populaire, tant en vertu de son consonantisme initial que de son *a* intérieur ; il se dénonce comme expressif, et peut-être étranger.

On voit que dans tous les cas le *b* initial joue le rôle, pour ainsi dire, d'une pierre de touche ; c'est lui qui nous invite à envisager le caractère exceptionnel des formations et à nous interroger sur leur qualité. Cette qualité peut tenir à la nature même du phonème considéré : l'articulation labiale du *b* prête à l'expressivité ; on peut donner pour preuve l'usage qu'en font les enfants dans leurs jeux vocaux. Mais il n'est pas interdit de penser que la valeur prise en latin particulièrement par le *b* initial est pour une part fonction de sa rareté même ; je trouve cette considération invoquée à propos du français par M. H. Frei (*La grammaire des fautes*, p. 281) : « dans toutes les langues le phonème rare... se prête... aux créations expressives » ; c'est là une variété d'une loi plus générale qui relève de la psychologie et intéresse le mécanisme de l'habitude ; on voit comment la seule inspection du Dictionnaire peut nous en fournir l'application.

Paris.

J. MAROUZEAU

Professeur à la Sorbonne,
membre de l'Institut

Etimología de "attegaia" y sus relacionadas

Dejé señalado en un artículo sobre *magalia/mappalia*, publicado en *Cuadernos Canarios de Investigación*. I (Sta. Cruz de Tenerife, 1947), como hecho curioso del vocabulario latino, que las voces significadoras de «choza» son de origen forastero, así *casa*, *magalia*, *capanna*, y hasta *tugurium*, y lo mismo cabe decir de *attegaia*. Ciertamente resulta cosa extraña que un pueblo agrícola y ganadero, como parece serlo el latino primitivo a juzgar por *cohors*, *pecunia*, *manipulus*..., desconociera o tomara a otros sectores los nombres para «cabaña» elemento tan indispensable en medios campesinos y pastoriles. Pero así es, aunque todavía no podemos dar con la clave del fenómeno, que tal vez quedará aclarado con el estudio singular de la historia de cada una de estas voces. Por ello vamos a estudiar aquí *attegaia*.

Complejidad del problema actual

Empezaré con una reseña sumaria de las opiniones de los tratadistas sobre esta voz.

El Sr. Castro Guisasola ⁽¹⁾ relacionó con *attegaia* la voz vasca *tegi* «cobertizo», como ya había hecho Meyer-Lübke ⁽²⁾, quien explicó la voz latina por etimología céltica o gala, sobre el irlandés *tech/tige*, al estudiar sus derivados románicos.

De igual parecer es el Sr. Tovar ⁽³⁾ citando los datos de estos escritores, si bien parece vacilar por el pasaje de Juvenal y la presencia de forma similar en el bereber chelja *tegin* y bereber del Sus

(1) En *El enigma del Vascuence ante las lenguas indeuropeas*, Madrid, 1944, pg. 132, nota.

(2) En *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*, ed. de 1935, 8616 a.

(3) En sus *Notas sobre el vasco y el celta*, publ. en *Boletín de la Real Soc. Vascongada de Amigos del País*, 1945, pg. 34, nota.

tigem «casa». Lo mismo hace el Sr. Caro Baroja⁽⁴⁾ derivando el vasco *tegi* (y *toki*) de la raíz indeuropea *steg* y *teg-*, y dando parecido origen al sufijo vascuence *-tegi*, *-egi* y al de formas ibéricas como *Astigi*. Pero también recientemente vacila sobre tales contactos y sobre el origen de todo este mundo de formas.

Como probable nada más admitieron el origen gálico de *attegaia* Ernout y Meillet⁽⁵⁾, opinión parecida es la de Bourciez⁽⁶⁾, que considera como celtismo exclusivo del Norte de Italia, no de Galia, *attegaia* «choza de tierra», y en el mismo sentido se expresa Savj-Lopez⁽⁷⁾. Recientemente el Sr. Vallejo⁽⁸⁾ se plantea ciertas dudas sobre la derivación de los sufijos ibéricos y vascos en *-tegi* y *-gi*.

Se ve pues, que sobre la tendencia general de explicar *attegaia* por celtismo, flotan dudas y se vacila en las relaciones; lo que da una gran complejidad al problema, que confiamos poder aclarar en las páginas de este trabajo.

Valor semántico del latín «*attegaia*»

De esta voz escribe Juvenal (Sat. XIV, 196): *Dirue Maurorum attegias, castella Brigantum*, y todos los tratadistas han visto aquí una alusión al carácter africano de la palabra, por aludir sin duda a las «chozas» propias de pueblos nómadas. En cambio el texto de la inscripción alsaciana (C. I. L. XIII, 6054) que dedica a Mercurio *attegiam teguliciam compositam* ni siquiera alude a origen céltico. Porque la inscripción por su fecha es bien posterior a la introducción y generalización en latín de la voz *attegaia* en la tesis de origen africano; y en la región donde apareció no se conserva derivado romance suyo. Además la inscripción, por su adjetivo *tegulicia*, tampoco ayuda a precisar el valor semántico de la voz entre sus dos posibles matices. Pues *attegaia* podría ser puramente cualquier clase de «cabaña, granero o henil», valores que tienen sus derivados romances nortita-

(4) En *Materiales para una historia de la Lengua Vasca en su relación con la latina*, Salamanca, 1946, pág. 91 y 202. Y posteriormente en *Sobre el Vocabulario de las Inscripciones Ibéricas*, publ. en el *Boi. de la R. Academia Española*, 1946, pg. 208 y nota.

(5) *Dictionnaire Étymologique de la langue latine*, Paris, s. v.

(6) V. *Éléments de Linguistique Romane*, Paris, 1930, párrafo 185, b.

(7) En sus *Orígenes Neolatinos* (ref. de Guarnerio), versión española, Barcelona, pg. 261.

(8) V. *Emerita*, 1946, pg. 270 art. sobre *Otogesa y Otobesa*.

lianos y retorrománicos, acepción que se quiso precisar por medio del adjetivo *tegulicia* en la inscripción alsaciana como «choza cubierta». Mas también cabe en *attegaia* un primario valor de «cobertizo, alpende», cuyo matiz retradujera el indicado adjetivo. El texto no permite elegir entre ambas hipótesis.

Pero el paso entre estos dos sentidos, fuera cualquiera el primario, es muy fácil y se ve repetido en otras voces del mismo grupo semántico. En mi citado artículo sobre *magalia/mappalia* dejé señalada la confusión de ambas formas para significar cualquier clase de tienda o choza, aunque la primera valía precisamente «choza circular de pajas», y la segunda «tienda oblonga de telas». Y pienso, no obstante la incertidumbre de su etimología, que *capanna*, que deriva de *cappa* con simplificación normal en latín de la primera geminada ante la segunda, significaba primariamente «tienda de tela», y luego «choza puntiaguda» por semejanza con la vieja capa o «capucha», y finalmente toda «cabaña» de cualquier tipo y materia, como aparece esta voz en sus numerosos sucesores romances.

Por consiguiente, los datos de sus empleos latinos y de sus derivados romances no nos permiten precisar si el valor primario de *attegaia* era precisamente «cobertizo» o «abrigo», o «choza o tienda» en general.

Tesis céltica de «attegaia»

A pesar de la facilidad con que se admite el celtismo de *attegaia*, se ofrecen contra él en un superficial examen tres fuertes objeciones.

Primera, el que los romances de Galia e Iberia, donde penetraron grandes núcleos celtas, no conservan huellas de la voz latina de hipotético origen céltico. Porque los romanistas no reconocen, aunque Tovar (loc. cit.) lo pretende para el francés *taie* y *tegue*, que forma alguna del francés, del provenzal o de los dialectos de Iberia, deriven del *teg* céltico, ni del *attegaia* latino. Esas voces, lo mismo que las demás de estructura similar, salen con seguridad, como puede verse en el REW de Meyer-Lübke, en Bourciez, y otros, del latín *tegula*, *tectum*, *tignum*, *teca*,...

Además la existencia en el griego bizantino de *ἀτέγαια*, forma tomada sin duda a los romanos del Sur (si no a los mismos africanos romanizados de Numidia dominada por Bizancio), y la persistencia en Calabria de la forma dialectal calabresa *nteja*, más cercana al latín *attegaia* que las formas réticas, y en zonas donde una penetración céltica es muy improbable; se oponen a una distribución geográfica en medio puramente céltico de la forma latina.

La segunda objeción nace, admitido el origen céltico de *attedgia*, de que esta palabra se halla por su radical en contacto con el grupo de formas latinas de igual raíz que el irlandés *teg*, como lat. *tego*, *tegula*, *tectum*, *toga*...; y sin embargo *attedgia* no aparece atraída a este sector, sino al contrario todos los escritores convienen en su aislamiento y carácter permanente de préstamo.

La tercera objeción en la hipótesis céltica, lo mismo que en una latina, como señaló Meyer-Lübke, es lo incomprensible del elemento inicial *at-*, que sólo puede explicarse como elemento agregado por los romanos o tomado a un medio no indeuropeo. Esto es tan claro, que habiendo Meyer-Lübke incluido *attedgia* en su puesto normal de la primera edición del *Wörterbuch* (bajo el número 761), lo grafizó en la última edición (n.º 8616 a) simplemente *tegia*; porque esta sola forma es la explicable por origen galo, y así viene conservada en los dialectos nortitalianos y retorromanos: veronés *téza*, bolonés *tiza*, bergamés *teza*, suprasilvano *tega*. Pero la sílaba inicial se conserva, aunque algo desfigurada, en la forma calabresa *nteja* únicamente.

En la citada hipótesis céltica sólo cabría explicar la sílaba inicial de *attedgia* por un prefijo como la preposición latina *ad*, que viniera a matizar el sentido fundamental de *attedgia* si fuera «alpende» o «abrigo», es decir adherido a algo. Pero tal solución viene mejor a reforzar la tesis africana de la palabra. Porque en este supuesto, el prefijo, bien como elemento de composición, bien como artículo, se ofrece con extraordinaria frecuencia en las voces africanas. Y además en una tesis ibero-africana (no debe olvidarse que iberos hubo también en Sicilia y Cerdeña), el elemento *at-*, *ate* «puerta», «patio», pudo bien entrar en esta voz indicadora de «abrigo» o «cobertizo».

Es del todo innegable, que el irlandés *tech* o *teg*, pl. *tige*, y el cimbrio *ty*, derivan indudablemente de la raíz indeuropea **steg-* o **teg-*, igual que el latín *tego*, *tectum*,...; pero todos los tratadistas convienen⁽⁹⁾ en que mientras el latín *toga*, v. islandés *thak*,... son antiguos nombres radicales; el irlandés *teg*, y el griego *στέγος*: *τέγος*, son antiguas formas de tema en *-es*. Y así no se explica bien, que sobre una forma de este tipo y estructura, el latín tomara la voz con el sufijo en *-ia*, de *attedgia* o *tegia*. Porque esta desinencia sólo se concibe posible, si el forasterismo hubiera ofrecido una variante, como

(9) V. Ernout-Meillet: *Dictionnaire*, v. *tego*.

el vasco *tegi* o el ibérico *tegi*, que no aparece documentada en céltico en ningún dialecto.

En cambio, puede deberse a celtismo el uso de *tegia*, en vez de *attegaia*, base obligada según Meyer-Lübke (1. cit.) para los derivados italianos y réticos, por contaminación en aquel medio celtizante de la forma africana con el céltico *teg* «cobertizo». Mas esto, que explicaría la diferencia de aquellas voces con el calabrés *nfeja*, es precisamente una prueba contra el celtismo de *attegaia*.

Los elementos vascos con -tegi y -egi

El vascuence tiene la voz *tegi* (escrita también *tegui*, *thegui* y sonorizada en -degi en compuestos tras nasal), con el sentido de «cobertizo», «cuadra», y a veces con valores diversamente interpretados por los autores como «lugar», «cresta» y «materia». El citado Castro Guisasola⁽¹⁰⁾ recoge, por ejemplo, *istegi* «corral», *ikuztegi* «piscina», *ariztegi* «robleal», *ardandegi* «bodega»...

Pero también relaciona esta voz con la forma *toki* «lugar» y con los sufijados en -egi (v. gr. *arregi* «cantera») aunque también (pg. 125) distingue éstos de las formas en -egi «algo, demasiado», y de otras como *egi* «verdad» y *egi* «colina»; elementos aproximados por los otros escritores citados, al menos con dudas.

No vamos a entrar de lleno en este problema exclusivamente euskérico, pero sugiero que *egi* «verdad» me parece derivado de *egi* «hacer»⁽¹¹⁾, por lo que su matiz primario sería «en realidad», «de hecho», «verdaderamente»; y tal debe ser también el sentido de la construcción que llamo intensiva, por su semejanza con la céltica y comparativa latina sin régimen, del tipo *andibegi* «algo grande, demasiado grande, bastante grande», como traducen otros. Pueden también tener origen distinto de nuestro *tegi*, las formas con sufijo -gi, salvo algunas como *arregi*, *elorregi*... que pudieron absorber la consonante inicial por evolución fonética. Especial debe ser el caso de *jauregi*. Y nótese que coexistiendo formaciones diversas como *ariztegi*, *ariztei* y *arizti* «robleal», se excluye de por sí un origen común

(10) Ob. cit. pg. 133.

(11) Para este verbo vascongado *egi* «hacer», sobre el que tantas cábalas se han hecho, no recuerdo haber visto citada la aproximación del verbo africano bereber *eg*, perf. *iga*, tuareg *igi*, líbico antiguo *igi*, etc. ... de significado «hacer» muy extendido en todas las hablas camíticas.

a las tres, a pesar de las aproximaciones de Castro Guisasola en el pasaje citado.

Respecto de *egi* «altura» estimo muy razonable la afirmación del Sr. Vallejo ⁽¹²⁾ de que el material suministrado no es bastante preciso. Y quiero aquí ofrecer a los euskeristas un dato de estructura similar que tengo registrado en el guanche aborígen de Canarias, sin entrar a dirimir ahora, si tal elemento del vascuence pudiera tener procedencia africana o simplemente ibérica. Pero en relación con formas como *Andonaegi*, traducido por los vascólogos «el alto de Andona», y que tal vez sea simplemente «junto a Andona» o bien «en, junto a, o sobre lo muy alto, grande» (cf. *andi* «grande»), ofrece el guanche de Canarias voces como *Guiniguada* o *Niguiniguada* (de *ni- guin -i- guad*) «en el agua» o «a la par del agua»; *Arguineguin* (de *argui -ni- guin*) «sobre o junto a las alturas»; *Ahinaguaden* o *Hinaguada* (de *a-gin- -a-guaden*) «junto a las aguas»; *Hineginámar* o *Gine-Ginámar* (de *gin-e-gin- ámad*) «sobre, en, junto a lo más alto», etc. Este elemento *guin* (dialectalmente *gin*), está también garantizado en egipcio ⁽¹³⁾ bajo la forma *gin*, con valor «con», «en», y en bereber como compuesto ⁽¹⁴⁾, bajo la forma *nnig*, *égin*, y *guin*, con el sentido de «encima», «en», y «junto»; lo que se conforma bien con el valor de «altura», «cuesta», que dan a este elemento en algunas formas vascas, y con el documentado en el guanche de Canarias.

Se ve pues, que el vasco *tegi* «cobertizo» tanto aislado como en compuestos, parece distinto de *toki* y de los sufijos en *-egi* y *-gi*. Pero, ¿es seguro, como quieren Castro Guisasola, Uhlenbeck, Rohlf, Caro Baroja y Tovar, que esa forma vasca salga, directamente o a través del latín *attegía*, de una voz céltica? Por el contrario, ¿será que la forma céltica, la vasca y la latina fueron tomadas las tres a un substrato ibérico propio o precéltico? O finalmente, ¿la forma latina fué tomada a un fondo africano o ibérico, y coincidió parcialmente con la forma céltica o irlandesa de raíz indeuropea?

Para aclararlo será conveniente estudiar la presencia en ibérico de este radical.

(12) Art. cit. pg. 270 nota.

(13) Cf. Zyhlarz en *Zeitschrift für Eingeborenensprachen*, 1933, pg. 170.

(14) V. Laoust: *Siva: Son parler*, pg. 126. — Id. *Un texte en dialecte des Ait Messad*, en *Mélanges R. Easset*, tomo 11, pg. 232.

El ibérico tegi

Aparece esta voz en un epitafio bilingüe mutilado que editó Hübner y al que se refiere el Sr. Gómez Moreno ⁽¹⁵⁾. En él se leía: *HEIC EST SIT... are tegi ar... sacari...* Comparándolo con otros epitafios que comienzan por la fórmula *are tace...* Gómez Moreno reconoce que la versión de esta frase en ibérico debe ser una fórmula equivalente al romano *dis manibus*, o *sepulchrum*; aunque tal vez mejor parecer sea el de Hübner, que lo da como equivalente al latino de la misma inscripción *hic situs est* o *hic locus est*.

Para confirmarlo y prescindiendo de ciertos detalles de transcripción y compulsa, que reservo para mi *Esfinge Ibérica* en preparación, aproximo la inscripción ibérica, allí mismo recogida por Gómez Moreno (n.º VI), que lee así:

are tace atinbelaur antalstar FULVIA LINTEARIA...

Creo que su mutilación final debe reconstruirse con la fórmula latina: (MT.) H. S. E. Intercalando entre paréntesis en este texto el latín M. (Mater o Matrona), por suponer que el primer elemento de *atin-belaur* encierra el radical del latín *atta*, *atavus* «antepasado», etrusco *at*, *ati* «madre», matrona», y que tal vez no se vertiera en el original latino.

Relaciono *belaur* (es problemático el valor de su final) con *bela* «cuervo», *beltz* «negro», y lo hago equivalente al nombre latino *Fulvia*, porque este adjetivo no significaba sólo «brillante», «rojizo», sino también «oscuro», «negro» y Virgilio mismo habla de *aquila fulva*.

Y *antalstar*, cuyo sufijo en el vascuence, y lo mismo debió ser en ibérico, lenguas en que aparece frecuentemente, es el equivalente del latino *-arius*, está traducido por *Lintearia*, lo que nos da el sentido de la raíz ibérica aquí presente.

Por consiguiente, en la fórmula inicial del texto ibérico creo que *are tace* equivale al latín *hic sita est*. El elemento *are* vale «aquí» o «este», como demostrativo o pronominal que bajo las formas *a*, *ar* o *har* «que», «aquel», han dado todos los vascólogos como base del artículo vascuence *-a*, derivado de um primitivo *-ar*, que naturalmente debe aparecer todavía en los textos ibéricos con valor pronominal o demostrativo, pues el artículo vasco es de reciente creación.

El elemento *tace* puede tener dos explicaciones. Puede ser una

(15) V. *Boletín de la R. Academia Española*, 1945, pg. 283.

forma verbal como el griego ἔθηνον, etrusco *lupuke*, eúscaro *ekin*, latín *fecí* (en cuya hipótesis un origen céltico sería posible), de valor deponencial o medio, que cabría traducir por *iacet*, *situs est*, *positus est*. Igualmente podría ser un nombre, y teniendo en cuenta el matiz vocálico del ibérico ⁽¹⁶⁾ la trascripción representaría un equivalente a *take*, *toki*, *teki*, *tegi*... Con ello *are tace* y *are tegi*, serían morfológicamente iguales, como dos trascripciones fonéticas, según los oídos y el habla propia de los grabadores de las piedras: *are tegi* sería en esta hipótesis fonetismo propio de grabadores iberos; *are tace* trascripción por grabadores de fonetismo más oscuro, como romanos o celtas. Pero si *tace* y *tegi* son formas diversas, cosa muy probable, y fueran nombres, en ellos estarían las dos variantes *toki* y *tegi* del vascuence actual ⁽¹⁷⁾.

Por tanto, *are take* y *are tegi* totalmente equivalentes por el sentido (tal vez también morfológicamente), deben traducirse, bien por *hic situs est* «aquí está», bien por *haec mansio* «esta es la morada» o *hic locus* «aquí el lugar». No es razonable ir buscando otros valores, cuando la voz *tegi* se mantiene en vascuence, aparece en líbico con igual empleo ⁽¹⁸⁾, y está traducida en la frase latina paralela.

Respecto de las aproximaciones de este *tegi* ibérico (y el vasco *tegi* y *-egi*) con topónimos ibéricos como *Astigi*, *Olontigi*, *Lacimurgi*, *Iliturgi*..., a pesar de Schuchardt, Humboldt, Trombetti, etc..., hay que reconocer una duda razonable sobre muchas de ellas. *Astigi*, en mi opinión, no debe dividirse en *as-tigi*, sino en *asti-gi*, y deriva del elemento *Asta* (de *Asta Regia*), quizá igual al griego ἄστυ, si es prehelénico, pues su vocalismo no se explica en indeuropeo sobre la raíz de *wes «vivir, habitar», Y el sentido de *Astigi* «en o junto a la

(16) De ello he hablado en mi artículo sobre *Vascones* en *Cuadernos Canarios de investigación*, ya citado.

(17) Como se ve no acepto la interpretación de Caro Baroja, en *Boletín de la Real Academia Española*, 1946, pg. 195; pues estimo que la fórmula inscripcional no puede estar redactada en ibérico y terminada en latín. Las dos fórmulas pueden no ser traducción exacta, pero desde luego tienen que ser réplica al menos parcial un texto del otro, como ocurre en todos los epígrafes bilingües.

(18) Cito, en parte para confirmar lo dicho en la nota precedente, un trabajo de G. Marcy sobre epígrafes bereberes bilingües, inserto en *Annales de l'Institut d'Études Orientales*, 1936, que en su pg. 159 dice: «cette formule (estela o piedra consagrada a...) n'est guère employée sur les stèles berbères, sauf lorsqu'il s'agit d'une bilingue, le texte indigène étant alors plus ou moins copié sur le texte sémitique».

loma», por el elemento *-gin* ibérico y africano antes apuntado, parece asegurado y conforme con la topografía de Écija. *Olontigi* citada por Mela (III, 5) y por Plinio (N. H. III, 12) como ciudad andaluza, podría contener aquella voz *tegi*; pero también la *-t-* podía ser radical si acercamos esta estructura al ibérico *olostecer* y los *olossitani* clásicos (citado uno y otro por Gómez Moreno — art. cit. pg. 279), que no corresponden por cierto a Olot (Gerona) como presumió, sino a *Olost*, población situada al oeste de Vich. *Lacimurgi* e *Iliturgi* tienen como segundo componente a *Urgi* o *Urci*, y aunque aquí es también posible el elemento señalado en *Astigi*, no tenemos la seguridad de la composición, sobre todo por tantas cábalas como sobre el problema se han hecho ⁽¹⁹⁾, pues *urgí* podría ser simplemente la forma no indeuropea correspondiente al latín *urbs* «ciudad» con desinencia toponímica ibérica. En cambio *Sosintigi* (Plinio N. H. III, 14) debe ser «mansión familiar» de algún *Sosinada* o *Sosimillus* y contener el elemento *tegi* «mansión», «casa», con el sentido que hallamos en el mundo africano.

Pero todavía para los celtistas, la presencia de estos elementos en el mundo hispánico, tanto vasco, como ibérico, no resuelve el problema de *attegaia*, porque es posible un origen céltico de todas esas formas de Vasconia e Iberia, zonas donde penetraron abundantes celtismos.

El africanismo del radical *teg*

En cambio la presencia de una voz igual a *tegi* y con los mismos valores y aplicaciones en el mundo africano nos presenta los hechos a nueva luz.

Ya Tovar (art. cit.) recogió el chelja *tegin* «casa» y bereber del Sus *tigem* «choza». Pero, la aparición de la forma en lo africano es mucho más antigua. Nosotros hallamos el ibérico *tegi* en una lápida sepulcral. Y también en una estela recoge Georges Marcy ⁽²⁰⁾ la voz líbica que él transcribe *teg* (y que bien pudiera ser *tege* o *tegi* dado el carácter silábico de la escritura líbica y sahariana antiguas); en una inscripción que él lee y traduce así:

⁽¹⁹⁾ Pueden verse algunas apuntadas por Caro Baroja en el *Bol. de la R. Academia Española*, 1946, pg. 210.

⁽²⁰⁾ En *L'Inscription libyque bilingue de Lalla Maghnia*, separata de *Revue Africaine*, 1936, 3.º y 4.º trim., num 368 y 369, la estela va estudiada en la pg. 7 de la Separata.

teg yugud Warmogasen = «estela plantada por Warmogasen». Formas y variantes de este *teg* halla él mismo en otras inscripciones⁽²¹⁾ que lee y transcribe *tege* y *dege* de igual raíz y con igual valor; y como hecho singular, advierto que en su citado trabajo sobre epigrafía bereber dice Marcy, que se encuentra con mucha frecuencia en las estelas no bilingües la expresión *amsekkar adegé* «edificador de la estela», donde se halla la forma *adege* exactamente igual al latín *attégia* (o *ategi(a)* = *adege* por su *d* reforzada).

Al estudiar el citado elemento libico y bereber *teg*: *deg*, señala Marcy que corresponde al bereber actual *eteq* o *eteg* cuyo sentido es «roca a pico ligeramente inclinada»; lo que nos lleva a pensar que la acepción primaria de la palabra debe ser «abrigo recoso» o «alpende»; por lo que la traducción preferida por Marcy, como «estela» o «piedra»⁽²²⁾, es un sentido bastante libre de la palabra, que se basa en su aplicación presente.

Y entre las voces de valor parecido y de estructura fácilmente asimilable, pero de otra raíz, como el *agud* de la misma estela, señalan los berberólogos⁽²³⁾ las voces africanas perfectamente documentadas siguientes: *tigidda* «parral», *tagidda* «abrigo natural en roca», *tagayamt* «casa de piedra», *tekebert* «choza o abrigo emparrado», *taki* «estercolero, cuadra», *dag/diga* «cueva, casa», etc. Nótese de paso el enorme parecido de estas últimas con el ibérico *take* y el paralelo vasco *toki*, que le aproximé.

Y es curioso advertir, como consigna Marcy⁽²⁴⁾, que es muy frecuente en bereber pasar de uno a otro en los sentidos «choza», «muro», «casa», «morada», «habitación», «tienda», «sepulcro» y «poblado»; y allí ofrece como ejemplo el de *azzeqqa*, que en sus diversas variantes bereberes aparece con casi todos estos valores. Se ve pues, claramente que el elemento *tege* «abrigo», pudo valer tam-

(21) En el pasaje citado y en su estudio *L'Épigraphie berbère (Numidique et Saharienne)* publicado en *Annales de l'Institut d'Études Orientales*, año 1936, pg. 159, notas.

(22) El mismo señala que esta voz suele sustituirse por otras formas cuyo valor de «piedra», «construcción», etc. es semejante (Iug. citados).

(23) Cf. por ejemplo los estudios siguientes: el mismo Marcy: *Notes linguistiques autour du Périphe d'Hannon*, apud *Hespéris*, 1935, pg. 49 y 50; F. Nicolas: *Industries de protection chez les Ullimiden*, apud *Hespéris*, 1938, pg. 53, 60 y 62; Laoust: *Siwa. — Son Parler*, pg. 256; René Basset: *Mots et choses berbères*.

(24) En su citado trabajo sobre el Periplo de Hanón, pg. 55, nota.

bién en libico «cobertizo», «choza» o «casa» y «estela sepulcral, tumba, o última morada», como las otras formas de igual valor semántico; sentido que también encontramos en el *tegi* vasco e ibérico.

En la toponimia canaria actual creo haber hallado igualmente el radical camítico o libico *tegúe* con igual valor de «casa» o «choza». Pues topónimos de seguro aborígenes como *Teguise*, la más antigua y característica población de Lanzarote; *Teguereste*, caserío de la misma isla; *Tegueseide*, caserío de Fuerteventura; *Tegueste* y *Teguedite*, poblados de Tenerife, parecen derivar de igual semantema con valor de «caserío» ⁽²⁵⁾.

Y ni en Canarias, ni en el Norte de África, cuando menos en la época de las inscripciones libicas, es posible suponer una penetración germana o céltica, como la obligada en la tesis celtizante del latín *attegía*.

La forma vasca y la latina aparecen como elemento aislado, sin relaciones con grandes grupos morfológicos del mismo idioma; por el contrario, en libico y bereber, como se indicó, el elemento *tegúe* es un derivado normal de raíces perfectamente documentadas en el habla; hay pues que suponer que aquí es originaria y no prestada.

Pero si la hipótesis de penetración céltica en lo africano es insostenible; la entrada en celta de elementos africanos ha sido apuntada y confirmada por mí en el citado trabajo sobre *magalia/mappalia*. Seguí en esto la teoría de Fr. Von Velden ⁽²⁶⁾ en que afirmó que el céltico primitivo se sobrepuso a una capa no indeuropea, africana de origen, a la que el celta tomó algunos elementos. Y este es un buen principio metodológico del celta, pues los elementos no indeuropeos existentes en celta, pero no en las lenguas hermanas, deben pertenecer a ese substrato ibero-africano.

Mas en el caso del céltico *teg/tige*, el indeuropeismo de la voz está fuera de duda, por estos mismos principios; ya que sale claramente del radical indeuropeo del latín *tego*, y su indeuropeismo morfológico está garantizado por la ya citada forma griega pariente. Sólo pudo actuar aquí el substrato africano como elemento de contaminación, según dijimos que pudo actuar el céltico sobre el latín *attegía* en la zona románica celtizada.

⁽²⁵⁾ Estos topónimos canarios están recogidos por Pedro de Olive en su *Diccionario estadístico-administrativo de las Islas Canarias*, Barcelona 1885.

⁽²⁶⁾ Velden: *Der nordafrikanische Untergrund der Keltischen Sprache*, apud *Litterae Orientales*, 55 — VII — 1933, pgs. 1-6.

Conclusiones

No creo engañarme al decir que de cuanto he dejado expuesto, el problema de *attegaia* y sus relacionados ha quedado tal vez más extendido geográficamente, pero mejor explicado. Estimo que pueden sentarse las siguientes conclusiones:

1) Ni por su fonética, ni por la geografía de sus derivados romances, ni por su sentido, *attegaia* es forma céltica sino de procedencia africana, y tal vez también ibérica pues pudo ser igualmente indígena la voz hispana *tegi*, como lo era la africana documentada en antiguo líbico *tege* y *adege*.

2) Este elemento *tegi* perfectamente asegurado en africano (y en ibérico) es la base de *attegaia*, como sugirió Juvenal, y su sentido primario fué seguramente «abrigo en roca» o «cobertizo junto a pared», de donde pasó luego a significar otras clases de «choza», «cabaña» o «mansión».

3) Es muy probable, seguro tal vez, que el *tegi* ibérico sea primitivo también, y no préstamo africano ni céltico; aunque el *tegi* vasco pudo ser tomado a un fondo céltico o ibérico y no ser privativo del vascuence.

4) Es posible una contaminación en el latín del Norte de Italia y la Retia (como quizá también en vascuence para su *tegi*) del latín *attegaia* con la voz céltica *teg*; lo que justificaría la pervivencia en aquella zona del latín *attegaia* frente a su pérdida en otros romances, y sobre todo la eliminación de la sílaba inicial, claramente advertida por Meyer-Lübke. Y tal vez a este mismo fenómeno esporádico y al cruce semántico con el céltico *teg*, y latín *tectum*, se deba la inclinación hacia el valor de «cobertizo» tanto en las formas romances, como en el vasco *tegi*.

5) Pero este valor «cobertizo» pudo ser en *attegaia* y *tegi*, primario y mantenido largo tiempo; y tal sentido — que vimos coincide con el primitivo de «abrigo» en nuestra tesis africana — debió ser la razón de haberse propagado y mantenido *attegaia* durante la romanización sólo en las zonas rocosas de los Alpes y Calabria, lo mismo que Vasconia, mejor que en las otras tierras más llanas de la Romania, donde naturalmente abundaban otros tipos de cabaña o tienda, distintos de los «abrigos rocosos» o «alpendes» que significaba aquella voz.

6) Han quedado distinguidos del vasco e ibérico *tegi* «abrigo, cobertizo, morada», los elementos vascos e ibéricos en *-gi* y *-egi*, cuyo

valor en algunas formas quedó aclarado. Y de paso se han señalado paralelos africanos, que será conveniente tener en cuenta en estudios especiales sobre estas formas, para los elementos ibéricos y vascos *take* y *toki* «lugar», *egi* «hacer», y *-gi* «sobre, en, junto a».

7) El concordante empleo en estelas del libico *tege/adege* y del ibérico *tegi*, demuestra que el valor de esta forma (y de su homóloga *tace*) es primariamente «mansión», «lugar» aunque equivalga por su empleo a «estela» o «sepulcro»; pero no vale «piedra» sino a lo más «abrigo rocoso».

8) El vascuence *ateke* «portillo», dado por Menéndez Pidal como base del topónimo *Atequena* (*Emérita*, 1940, pg. 34), no puede derivar del vasco primitivo *tegi*, sino del latín *attega*, con ensordecimiento de su oclusiva y la vocal protética característica de esta forma latina y de la africana *adege*.

9) Tampoco el a. irlandés *tigerne* «rey» deriva del irl. *tech*, pl. *tige* «cobertizo», sino del radical indeuropeo correspondiente al lat. *tectum*, con e larga. Así lo garantiza la oposición indiscutible del lat. *rex*, irl. *rig* «rey»; con lo que *tigerne* etimológicamente vale «protector» y luego «rey», con igual evolución semántica que el griego *ἄρχη* (cf. Kretschmer: *Introducción a la lingüística...* vers. esp. pg. 90) y el guanche *mencey* (raíz *men* «ayudar» cf. mi *Teide*, pg. 44), que del valor de «protector, defensa, auxilio» pasaron al de «rey».

Confío que los investigadores han de dar por bien aclarados estos particulares.

Tenerife (Canarias), 1948.

J. ALVAREZ DELGADO

Correzioni e aggiunte al «Romanisches etymologisches Woerterbuch» di Wilhelm Meyer-Luebke (*)

abbreviare (14): L'it. *abbreviare* è una voce dotta (v. *gabbia*, *trébbio* ecc.).

absölvère (46); v. *exsölvère*.

acërbus (94): L'it. *acervo*, acerbo, è una falsa ricostruzione, dovuta alla serie *corvo*, *cervo*, *servare* ecc. (ant. *corbo*, *cerb[i]o*, *serbare*). I tosc. *cerbaia*, bosco di cerri e n. l., *-aiòla* n. l. sono derivati di *cërvus* (v. It. Dl. IX, 18).

acërvus «cumulo, mucchio»: tosc. *acërbo* [ed -a, da l'ac.], fastello; *-ale (97 a): rmgn. *inzar-bël*, stollo.

*acucella (118): a. it. *agugëlla*, punteruolo e sim.

adjütare (172): a. it. *atezza* *ait., forza (v. a. it. *atate*, tosc. [i]aitare, aiutare ecc.).

aemulus «seguace, e rivale, nemico»: co. *émulu*, *émbulu*, cattivo soggetto.

*aequaliare (237): it. *agguagliare*, pareggiare (col dev. *agguaglio*, pareggiamento, e i deriv. -ato [filo ag., eguale per tutto], -anza ecc.); a. it. *sguagliare* (col. dev. *sguaglio*, sparggio, e i deriv. *sguagliato*,

differente, -anza ecc.), lucch. *sguagliito*, diseguale.

aereus «di bronzo»: rmgn. *irola*, or., bol. *rola*, teglia di rame.

albus (331): pis. *sciarbo*, la vasca del frantoio dove si separano buccia e polpa delle ulive dal nocciolo (dev. da **sciarbá exalbare*) It. Dl. V, 235 n.

amare (399): a. u. *sciamare*, odiare, *sciamore*, odio.

amarus (406): cont. tosc. *maravalde*, -alle (in *ire a m.*, morire), sic. *mbaravalli* (in *irisinni a mb.*, id.) *amara valde* (1).

ambitare (409): V., quanto alla impossibilità di ricondurre foneticamente a codesta base l'it. (sett., tosc. e c.-merid.) *'andare'*, Salvioni in RDRom. IV,

(*) Con It. Dl. rimando alla rivista *L'Italia Dialettale*, vl. LXVIII e fasc. 1.° vl. XIX, Pisa 1925-1943; con 'Post.' alle 'Postille al Roman. etymol. Wörterbuch di W. M.-L.', da me pubblicate negli *Annali delle Università toscane*, N. S., vl. XI (1926), pp. 21 agg.

(1) Dal DIES MAGNA ET AMARA VALDE dell'Ufficio dei morti.

174; e agg.: tosc. *ando*, -a (deverb.), moto, aire (-*one*, accresc., spintone); it. *trasandare*, trascurare, co. *trašandu* (dev.), quantità grande.

auricūla (793): a. it. *recchia*, *recchiata* e -*one*, colpo nell'orecchio, a. it. *sorrecchiare*, origliare (v., più avanti, sūb).

baca (859): it. *bagattella* (non -*atella*), abr. *ba^aattelle* s. f., donnetta leggiera e vana, moneta d'infimo valore; arcev. *bagattiello*, bellimbusto.

baculum (874): tosc. *bachiocco* e *baciocco* [non -*occio*], e l'etimo par poco sicuro.

brasa (1276): L'it. *brace* si spiegherà da un anter. *brage*, plur. di *bragia* (v., quanto al -*c*-, *bacio*, *baciare*, *bruciare* ecc. dagli ant. *bagio*, *bagiare*, *brugiare*).

būbūleus / **būf*, non *būb*, / **būf*. (1355).

**būrius*, non *būr*. (1410): tosc. *burattello* (non -*at*-); e non può essere, e non lo è *buratto*, voce indigena.

calvus (1532): march. *calvigia*, tosc. *galbigia*, grano senza resta, calvello *It. Dl.* VIII, 127; rmgn. *caibinella*, **calv*., id.

capillus (1628); tosc. *capéglio* (dal plur. -*égli*); a. it. *capigliaia*, capigliatura, *capiglia*, -o, rissa (deverb. da [*ac*] *capigliarsi*).

capsum (1660): Non è possibile il leggere nel tosc. *cascina* un *cassina* rifatto su *cascio* (sic), cacio, il -*c*- dell'od. tosc. *cacio*

(ant. *cagio*) essendo tutt'altro suono (v. la mia 'Fonologia del dialetto di Sora, a p. 9); bisogna muover da **capseum* (1659a).

carēctum, non -*ēct*- (1688): tosc. *carétto* [con *e* chiuso], nome di alcune specie di carici.

castrare (1749): lucch. *rincastro*, frinzello (deverb. da *rincastare*), *rincastrottare*, rinfrinzellare (da *castròtu*; v. Salvioni in *R. D. Rom.* V, 180).

cento, -*ōne* (1814): L'it. *cencio* risale a **cēntiu*, col solito scambio fra -*tj*- e -*cj*-.

cicīrbīta (Diosc.): pis. *cicērbita*, *Sonchus oleraceus*.

cīlium (1915): it. *incigliare*, passar l'aratro sopra i 'cigli', le coste o lati della porca.

cīngūlum (1928): pist. *cinghio*, bosco o dirupo scendente a picco, tosc. *Cigno* n. l. *It. Dl.* X, 262.

cōgītare (2027): a. it. *tracotare*, aver somma presunzione e alterigia, -*ante* e -*ato*, presuntuoso, insolente; a. it. *sorcodanza*, presunzione (v., più avanti sūper); a. it. *trascutanza*, trascuranza, -*ato*, negligente, -*aggine*, negligenza.

colaphus, **cōlpus*, non *cōl*. (9034,2): it. *colpo* (o chiuso) ecc. Il franc. *couper* è da *cūppa* (v. *Att. Acc. Sc. Torino* 42.°, 296).

collēcta, non -*ēct*- (2045): a. franc. *coilloite* [come *estroite* ecc.]. L'it. *colletta* (e aperta) non è voce schietta.

cōlpus, non *cōlpus* (2059): it. *gólfo* [o chiuso] ecc.

***comīnitiare** (2079): L'it. *cominciare* è voce toscana, fiorentina, schietissima, come prova l'i delle forme rizotòniche e dell'a.it. *comincio* (dev.), del tosc. volg. *comincio* (part.accorc.), cominciato.

cras (2296): a.it. *a crai*, a credenza.

čáčč (onom. di cosa che si schiacci) (?): aret., sen. *ciaccia* (dimin. *-ino*), focaccia; versil. *ciaccio*, castagnaccio; it. mer. *ciaccia*, carne (v. *ciccia*, dall'onom. čičč).

***datum** (2486): La base ***dadum**, richiesta dagli esiti sa. log., tosc., it. mer., può dichiararsi da una dissimilazione preromanza.

***degma** / ***deuma** (= gr. δῆγμα, saggio, esempio): march., rmgn., bol., ecc. *delma*, modello; cfr. *pelma*, da *pegma* (6364).

de ĭntro (2527): lucch. *dentri* (e *dentrame*), minuge, interiora de' polli, pesci ecc.; teram. *li dindre*, interiora delle bestie.

demōvère «rimuovere»: aret. *dimossa*, frana.

dēscendēre (2588): lucch. *scendino*, *-orino* **-ol-*, piano inclinato; laz. *scennēnte*, *scell.* (dissim.), schiaffo dall'alto in basso.

dispērdītus, p. pass. di **dispērdēre** «perdere interamente»: sen. *spërto*, disperso; abr. *spërte*, nap., irp. *spierto*, disperso, rammingo, randagio.

dispērgēre «disperdere, scompigliare»: it. *spērgere* (antq.), mandar per la mala via, pis. *spërge*, disperdere, finire.

dōlère (2721): it. *dòglia* ecc. (deverb. da *dōleo*).

draco, *-ōne* (2759) it. *drago*.

dūctio, *-ōne* (2788a): Non vedo per qual ragione mai non sarebbe latinamente possibile il ***dūceus**, da me proposto per l'it. *dòccia*, il pist. *dòccio*, tegolo, l'aret. *dòccio*, boccale ecc., e lo sarebbe invece l'***aquidūcium**, postulato per l'it. *acqidòccio* (581).

ējūlare (2836): it. *uggiolare* [non *ugiul.*].

ēmēndare (2860): it. *rammendare*, col deverb. *rammēndo*. L'it. *ammēnda* [e aperto] è voce dotta.

emplastrum (2863): a. it. *piastringolo*, miscuglio fatto confusamente alla peggiora (incrocio di *piastriccio* con *intingolo*).

ērvīlia (2909): pist. *orbiglia* [*orbillias* Stat. pist.], tosc. *rubiglia* **erb-*, aret. *robéglio*, abr. *ruv.*, *revejje* s. f. pl., aquil. *rovejji* s. m. pl., pisello campestre; poles. *ruegia*, pisello e vilucchio; tosc. *rubiglione*, una specie di cicerchia.

exāmen (2936): a. it. *usciamē*, sic. *assami*, sciame; reat. *ussame*, march. *assami*, ape.

***exhibērnare** (3012 b): it. *scioverno* (antq.), lo stare una nave in porto senza navigare (deverb.), donde *sciovernarsi*, andare qua e là ozieggiando.

(?) V. *Rendic. Istituto Lombardo*, vl. LV (1922), p. 105.

expansus, p. p. di **expandere** (3030): it. *spasa*, cesta piana e assai lunga.

expērgītus, p. p. di **expērgis- cere** (3043): it., tosc. pop., *sperto*, pratico, sperimentato, cal., sic. *spertu* [non *irtu*], scaltro, sveglio, sollecito.

***expīngere** (3049): Montepulciano (sen.) *spingere*, amiat. *spigna* *-are, spegnere; irp. *spenge*, liquefare, struggere. L'*e* aperto del fiorent. *spēgnere* si spiegherà da *accendere*.

expīngere (3048): sen. *spenta*, spinta, *spentezzione*, spinta grande; pist. *pinta* sp., montal. *pintare*, dare una sp., -ata, spintone.

exprīmere (3057): L'it *spremere* [e aperta] si spiega da *exprīm.*, rifatto su *prēmere* (e così, verisim., gli a. it. *oppremere*, *ripremere*).

exsolvēre «slegare, liberare, sciogliere» ⁽³⁾: it. *asciolvere*, mangiar la mattina, e colazione della mattina; borm. *sciolver*, desinare, posch. *sciolvea*, parm. rust. *sover* (anter. **sorver*), grigion. *ansolver*, far colazione; a. it. *asciogliere*, assolvere, liberare (od. *sciogliere*), pugl. *assoghie* ecc.

extricare «districare, sbrigare, sgomberare»: sen. *strigare*, pettinare; aret. *stricatōio*, pettine da capo.

***extrūsare** (3107): L'it. *strusciare* è una parola onomatopeica (v. It. *DI*, IX, 172).

fagīna, non ***fagīna** (3143): pist. *fana* **faina*, march. *fagna*, faggiola.

***fan⁹ja** (3185a): it. *fantaccino* [non -occ-].

farfar (3194): tosc. (pis. ecc.) *fānfano* [non -āno].

farfārum (3195): tosc. *fārfaro*, -ero (-a) TUSSILAGO FARFARA; tosc. *farfaraccio*, rmgn. *falfarāz* **farf.*, PETASITES.

***festūca** (3268): u. *fustugo*, sagginale; regg. emil. *stugh*, culmo.

fletūs: a. u. *fieto*, pianto.

fūctus (3385): it. *fottare*, (antq.), ondeggiare tempestosamente, borbottare (oggi, raro piagnucolare); march. id., lamentarsi (col dev. *fotto*, lamento); a. it. *fottōne*, brontolone.

garg (3685): it. *bere a garganella* [non -melle].

glōcīre (3785): L'it. *chiocciare* (dove *chioccia*, dev.) è, come la latina, una voce imitativa del verso con cui la gallina madre richiama a sé i suoi nati, ma non la continua direttamente (cfr. l'it. c. -mer. **blocca*).

gru (onom.): tosc. *grugare* **gruare*?, il tubare dei piccioni ⁽⁴⁾.

grūnda «l'estremità del tetto

⁽³⁾ E si sarà detto anche **exsolvēre** *jejunia* (all. ad *absolvere* j.), far colazione.

⁽⁴⁾ Cfr. i pure onomatopeici *ruk* *Rendic. Accademia Lincei*, vol. XXIX (1920), p. 148, e *gurr*, *kurr* (sic).

che esce fuori della parete della casa»: Non vedo la necessità di leggere nell'it. e nell'engad. *gronda*, per amor del rumeno, un continuatore di *süğgründa*, anziché di gr. Agg.: it. *grondaia* (a. it. -o), -*atòio*, cimasa sopra le cornici dell'ordine dorico, *sgrondare*, col. dev. *sgróndo* (cont. pis. *sgróndi*, s. m. pl., le sgocciolature dell'olio nel frantoio), borgh. *grondurèccia*, scolo d'acqua dai tetti ecc.

**gùttiare* (3929): L'it. *gocciare* (dove *góccia*) richiede una base **gücciare*, che si spiega dal solito scambio tra i nessi conson. -tj- e -cj-.

hoc anno (4161): Gli a. it., tosc. *u'nguanno*, *uguannòtto*, *avanòtto* [non -ano-], l'it. mer. *uguannu* ecc. richiedono una base *hocque anno*.

impelìgo, -*ïne* (4306): it. *impetìggine* [non -ettìggine].

involare (4538): a. it. (fiorent.) *imbolare*, rubare, e der. (*imbolio*, furto, d'*imb.*, furtivamente, *imbolatore*, ladro, -*aticcio*, agg., avuto per mezzo di furto).

invòlvëre (4540): a. it. *invògliere*, involgere, coi deverb. *invòglia*, tela grossa per involgere balle ecc. (dove *invogliare*, coprir con invoglie) e *invòglio* (vivo, ma raro), involucro; it. *disinvòlto*, franco, spedito (p. p.

del non com. *disinvolgere*, sviluppare, districare, svolgere), *disinvoltura*.

**Isīcium* (4551) ⁽⁵⁾: L'it. *salciccia* è verisimilm. un derivato dell'aggettivo latino *salsus*, un **salsīcia* (v. *salsūra*, *salsamen*, -*amentum*, che, in età tarda, significarono tra i Latini «carne salata in genere, salume»); *salciccia* si spiegherà da una dissimilazione, che è al tempo stesso una assimilazione, forse promossa dall'onomatopeico *ciccia* «carne» (v., qua sopra, *čacé*).

jacūlum (4570): lucch. *ghiaccio* **giacchio*.

jasemin (4577): a. it. *gesmino*, aret. *ghissimino*, gelsomino.

kekke (4687): lucch. *chechèllo*, *inch.* 'olo', tartaglione, *incheccare*, tartagliare; moll. *chéché*, scemo; ossol. *checà*, balbettare.

lalt (4858a): a. it. *lado*, coi deriv. *ladèzza*, *ladore*. Il lucch. *lato* è verisim. il part. accorciato di **letare* *olētare* (Front.).

lèvare (5000): a. it. *lièva* (dev.), levata, movimento subitaneo, e la stanga per sollevar pesi.

lūlum (5189): lucch. *lōntora* [non *lontra*].

malītia (5266a): it. *ammalizzire*, rendere malizioso, -*irsi*, diventarlo.

manua (5329): Di *sciamannare* v. *It. Dl.* XIV, p. 200.

[*g*]urriari 'eggiare' *gurruliari* 'oleggiare', tubare, gorgogliare; abr. *curre curre* ecc.).

⁽⁵⁾ Lat. *insīcium* (e *insīciarius*, -*atus* ecc.), *prosiīcium* ecc. con *ī*.

manvjan (5341): it. *ammannire* [non -are].

merīdies (5531): a. it. *merigge*, *meriggio*.

mīca (5559): it. *miga* (all. a *mica*), rafforz. di negaz.; pist., march. *minga*.

mīcīna (5561): L'it. *miccino* presuppone un *miccio*.

mīscēre (5604): garfagn. *mescia*, il secchio con lungo manico di legno per votar pozzi neri e sim., gitto; lucch. *me-*, *miscino*, annaffiatoio.

*mīxtare (da *mīxtus*, p. p. di *mīscēre*): it. *mestare* ⁽⁶⁾, *rimestare*, *mestone*, randelletto con cui si mesta la polenta; *mestolare* (dove *méstolo*, -a); cont. pis. *mestatoio*, il braccio di ferro che rimesta nella pila la pasta delle olive.

mīxtīcius (5618): it. *meticcio*, prestito dal fr. *métis* (a. fr. *mes-tis*, oggi *métif*).

mōllīre (5648a): it. *mollire* (antq.), rendere molle, effeminare, *ammollire* e der.

mūlgēre (5729)/*-ēre: cont. tosc. *mōlgere*; pis. contad. *mōn-gere*, aret. *mōgnere*.

mūndare (5744): aret. *smundicciare* 'i-cicare', sbucciare, spellare.

mūndīlia (5747a): it. *mondez-zajo*.

mūsteus (5779): march. *mosciare*, appassire; it. *sommosciare* (antq.), appassire alquanto, *som-moscio* (p. p. accorc.), quasi passo (cfr. *soppassare* e *soppasso*).

navīgare (5861): pist. *navicare*, nuotare.

nēfas: aret. *nēfe* (in *fare n.*, far scempio di una cosa).

neglēctus, non -ēctus (5877): it. lett. *annighittire* (*annegh.*), render neghittoso, infingardire, -irsi rifl.

*nōscum «con noi» (su *mēcum*, *tēcum*; v. **vōscum*): [a. it. lett. *nosco*]; appenn. bol. *nōsco*, parm. *nosk*.

oblīquus/-īcus (6014): a. it. *bico* **bii-*, obliquo, bieco.

'Onofrio': it. *nōferi* (*fare il n.*, lo gnorri); sic. *nofiu* (*fare lu n.*, id.).

opīfex, -īcis: a. it. *opéfice*, artefice, operatore.

oppōnēre: a. lucch. *opposta*, imputazione.

opprīmēre: a. it. *oppremere* (v., qua sopra, *exprīmēre*).

ōrgānum: sen. *sciorganare*, gridar forte.

*ovacūla (6123b) (?!): Il lucch. *bacchio* e il roman. -abr. 'abbacchio' sono sicuramente participi accorciati di 'abbacchiare' «colpire con bacchio», che è il modo con cui si sollevano, e si sogliono uccidere agnelli e capretti.

*pagēllus (6144a): L'it. *pagello* è una parola dotta.

paleare (6163): Anche *palēa-*

⁽⁶⁾ Diversamente il *Rom. et. Wört.* (da **mīscītare*, con l'a. it. *mescitare*; v. il n. 5605); ma perché da **mīxticare* (5617) l'a. it. *mesticare*?

rium (it. *pagliaio* ecc.) è attestato (Colum.).

pnnuas (6204): Togli da questo numero l'it. *pamporcino*, che risale ad anter. *pane porc.*, cioè 'pane dei porci' (cfr. il sa. *pane-porcu*, che dice lo stesso).

par / paria (6219): tosc. *paiotto*, gemello.

parabōla (6221): tosc. *palōra*, e *plōra* (cioè **pelōra* < **perōla*), parola.

pēctinare (6329): it. *pettinàgnolo*, chi fa pettini, scardassiere (cfr. *pizzicagnolo* da *pizzicare* ecc.).

pēlagus (6369): it. *impelagarsi*, intrigersi, imbrogliarsi.

***pēndiolus** (6387): L'it. *pēnzolo*, il crem., parm. *penzol* ecc. si spiegano dalla 1.^a pers. sng. dell'indic. presente di *pēndere* (*pēndeo*); la formazione è pertanto chiarissima.

pēpo, -ōne (6395): tosc. *pepone*.

phantasiare / *pant. (6459): a. it. *fantasare*, prestito dall' a. prov. *pantaiser*, sognare.

***pīkk** «punta» (6494) (?): lucch. *spicchiare*, spuntare (dell'alba).

***pīllare** (6503): it. *piglio* (in *dar di p.*, dev. da *pigliare*), *appiglio*, appiccico (dev. da *appigliarsi*, attaccarsi a cosa o persona).

pīper (6521): a. it. *pēvero*, una specie di salsa, *peverada*, brodo infusovi pepe.

pistrīnum «molino, luogo dove

si sostengono gravi fatiche, grave fatica»: aret. *pistrinare*, macchinare, *pistrino* (deverb.), macchinazione (cfr. *mulinare* da *mulino*).

pōstea (6687): a. sen. *posciaio*, ultimo.

prēcare (6733): a. it. *priego*, preghiera (deverb.).

***prēssia** (6743): Gl'it. *prēscia* ecc. son deverbali da **prēssiare* (v. abr. *sprescia* ecc.).

***propēanus** (6782): a. it. *prociano*, prossimo, vicino, *proccianamente*, prestiti dagli a. franc. *prochain*, -*nement*.

prūna (6797): lucch. *brunice* [non *brūn.*].

***pūca** «cosa pungente»: fiorent. contad. *puga*, marza (v. *It. Dl.* XII, 18).

pulējum, non -ējum (6815): it. *pulēggio* [e chiuso].

pūngere (6850): irp. *pungo*, spina, lisca (dev.), it. *pūngolo*, il bastone del bifolco per sollecitare i buoi, laz. *pūngula*, sgorbia.

pūrus (6864): sen. *priccio*, schietto; aret. *spurare*, pulire i vasi di rame, laz. *spurà*, fare uscire il pus dalle ferite; sen. *spurare*, nettare, forbire.

quattuor (6945): pis. *varino* (e *vaino*, su *seino*?), aret. *quadrino*, quattrino.

quērcea (6949): Da 'róvere' l' -e del tosc. *querce*, quercia?

quīrītare (6967): it. *grida*, bando (deverb.).

rancor, -ōris (7041): Perché da *rancor* + *cūra* l'it. *rancura*?

(?) V. le mie 'Post.', a p. 48.

(v. *caldor* e *caldura*, *freddore* e *freddura* ecc.).

recrĕare: a. it. *ricriare*, dare, prender conforto, *ricrio*, ricreamento (dev.); aret. *riacriere*, ricreare, *aracrio*, sollievo (dev.).

recūtĕre (7140) / *-cōtĕre (v. **excōtĕre* > it. *scuōtĕre*): tosc. contad. *ricuōtĕre*, smuover di nuovo con la zappa la terra già lavorata, dare la seconda aratura.

renōvare (7212): aret. *arnovĕre*, -*rniov*-, rinnovare, *arniovo*, innovazione (dev.).

reprīmĕre «rattenere, fermare»: a. it. *ripremĕre* (v., qua sopra, *exprīmĕre*).

resĕrvare: it. *riserbare*, e *risĕrbo* (deverb.).

revĕrsus (7277): L'it. *rovĕscio* è verisim. un deverbale da *rovĕsciare* **revĕssiare* (revers.).

rĭkja (7317): Il montal. *recchiarella*, capretta ecc., è un diminutivo di *annĕcchia* *annĭcŭla* (**necchiarella*).

***rosĭcare** (7380): aret. *rōseca*, rosume (deverb.).

rōsus, p. p. di *rōdĕre* (7358): it. *rōso*; it. *rosume* e *rosura*, ro-dimento e (contad.) paglia o fieno che rimane nella mangiatoia, abr. *resure* s. f., tritume, fiorume.

rōteus (7390): tosc. *rōccio*, treccia, torchio, march. *rōccia*, ritortola, cercine, roccchio ecc.; sen. *rōcciolo*, roccchio; march. *roccĕtta*, viticcio; march. *roccia-re*, *arocciā*, avvolgere a ritorta ecc. (v. *It. Dl.* V, 88, XIX, 50).

rŭga (7426): cont. pis. *ruga*, via stretta nell'abitato, aquil. *ruva*, canaletto di scolo, ascol. *rua*, abr. *ruve*, *ru^{he}*, vicolo, tosc. *rughĕllo*, viottolo, solco tra le poppe delle femmine.

rŭkka (7433): it. *rōcca* [non *rōcā*].

rŭstum (7469): co. *rustu*, rovo.

sacrare (7493): tosc. *sagrare*, consacrare e bestemmiare [*sacrare* è voce dotta], cador. *saracā*, bestemmiare; a. it. *sagra*, consacrazione di una chiesa (oggi, la festa relativa), nap. *sagra*, chierica, cador. *saraca*, bestemmia (deverb.).

sacratus, -a, -um: a. it. *sagrato*, sacro.

sacratum (7494): it. *sagrato*, luogo sacro [*sacrato* è voce dotta], poles. *sagrā*, camposanto; abr. *sacratā*, bestemmiare.

salmo, -ōne (7544): a. it. *salamone*, e *sermone* **selm.*, salmone.

sapor, -ōris (7590): a. it. *savore*, sapore, tosc. od. *savōre*, salsa in genere, condimento.

sartor, -ōris (7614): it. *sarto*; laz. *sortōre*, sarto.

saturĕja, non -ĕja (7623): it. *santorĕggia* [e chiuso].

scōmber, non scōmb. (7733): Lo provano, col loro *ŭ*, gli esiti sic. e cal. (sgummu, *scurmu*, *strumbu*), pugl. (bar., bitont, ecc. *scrumme*), nap. (*scurme*), abr. (chiet. *sgŭmmere*, ter. *scumbre*) ecc. Da una confusione con *strombus*, il molusco, il cal.-sic. *strumbu*?

secūris (7775): lucch., mugell. *segura*, scure; ancon. *scorcello*, id.

sēdēre (7780): a. it. *sieda* (deverb.; v. *siēdo*, -i, -e), seggiola, donde per metatesi l'odierno *sēdia*.

sēmen (7802): lucch. *sēme* s. f., a. it., pis. *sēma*, seme (di zucca, popone ecc.), pis. *na sēma*, un nulla.

sēnēcta (7818): a. it. *senetta*, veron. *senēta*, debolezza virile.

sēparare / **seper.* (7826): casent. *scioverare* **exs.*, il separar che fanno i pastori l'allievo dalla madre e in certe stagioni i maschi dalle femmine, *sciōvero*, separazione (dev.); — versil. *scēbro* (*scēvro*), contrario di doppio, scusso, senza companatico; pist., sen. *sciōvero*, lucch. *sciōgro*, libero, senza fastidi (part. accorciato = 'sceverato').

sēquens, -*ēntis* (7538): tosc. *sequēza*, continuazione, gran numero di cose.

sīccalōrius (7895): aret. *scatore*, seccatoio (dall'emil. -*rmgn. scadūr*?).

sīmplex, -*īcis*: a. it. *sēmpice* **-pji-*, semplice, *sempicamente*.

sīnn (7948a): sen. *sannuto* **senn.*, assennato.

**skūrius* [*skiūrus*] (8003): Il sen. *scoiolo* e l'it. *scoiatto*, -*olo* (su 'ratto'?) pare che richiedano una base **scūrius*. Nel cont. aret., *schiruoglie* (= *schiroli*) (*).

sōlidus / *sōldus* (8069): L'it.

sōdo presuppone un **saudu* da 'saldo'.

sōlvēre (8081): L'it. *sciogliere* continuerà verisim. il lat. *exsōlvēre* (v. qua sopra), e l'it. *svēlto* non sarà uno spagnolismo, ma il p. p. agg. di *svēllere*, che è il lat. *ēvēllēre* «levare a forza, estirpare, liberare», rifatto sui composti com prefisso *s-*, lat. *ex-*: *svēlto* è chi è 'libero da pastoie, impedimenti, impacci'.

sōrex, -*īce* (8098): a. it. *sorce*, abr. *sorge* **sōrice*, nap., irp. *sōrece* (plur. *sūr.*), sic. *sūr* [*i*] *cī* (f. *sūr* *cia*) ecc.; abr. *surgiare*, sic. *surciara*, topaia, -*alōra* 'arola', trappola per topi, abr. *surgiare*, lesto a chiappar topi; a. it. *sorco* (*sorgo*), chiet. *sōreche* (= *sūrecōne*), teram. *sōrghe* s. f. **sōrica*, topo tettaiole e macchia d'unto.

spīcūlum «cosa appuntita in genere» (8147): it. *spicchio* (della cipolla, dell'aglio ecc.), *andar per sp.* (antq.), di fianco, per punta⁽⁹⁾.

strictor, -*ōis* «chi, che stringe» (8303): it. *stertōre* (antq.), fragore che nasce dalla difficoltà del respiro, *stertoroso*, rumoroso (di respiro), rantoloso; poles. *stretore*, strettoio.

**strictōrium* ⁽¹⁰⁾: it. *strettōio*, fasciatura stretta (antq.), ordigno di legno, per lo più a vite, per spremere checchessia (v. *It. Dl.*

⁽⁹⁾ Diversamente il *Rom. et. W.*, ibd. («diminutivo di *spīca*»).

⁽¹⁰⁾ V. *strictoria* (Ed Diocl.) «vestito che stringe».

(*) L'i (v. anche l'a. it. *schiratto*) da *ghiro*?

III, 176 n., V, 229); nap., irp. *streturo*, strettoio e il cane dei bottai, it. *strettòia*, fascia per uso di stringere (antq.).

stris (onom.): it. *strisciare*, *striscio* (dev.), sic. *strisciari*, *strisciu* (del verso del fringuello).

strōmbus, non *strōmbus* (8320): Lo provano, col loro *ù*, gli esiti sic. e cal. (*strūmmulu*, -*ula*) ecc.; a. umbro. (Fra Jac.) *stōmbolo* **str.*, trottoia.

stūprare (8333a): Gl'it. *storpia-re*, tosc. *stro-piare* (part. accorc. *stōrpio*, pis., liv. *strōppio*) e lo sp., port. *estorpar*, *estropear*, ricordati in questo numero, continuano verisim. un **extūrpiare* da *tūrpis*. L'ò degli esiti toscani (di contro al roman. ecc. *stōrpio*) si spiegherà da *stōrto*.

sūb (8344): a. u. (Fra Jac.) *so*, sotto; it. *sossōpra* *sūbsūpra*, meglio che da 'sotto sopra' (v. i composti con *sūb-*: *sobollire*, *soccarare* ecc.).

sūbdītus «messo sotto, subordinato, soggetto»: a. sen. *sōddito*, suddito.

sūbire (8364): march. *suvì*, salire *H. Dl.* V, 238.

**sūbvērsus* (8410): L'a. it. *sciōverso* si spiega da *sovērsio* (metat.) e il -v- da *sovēscio* (v. qua sotto).

**sūbvērsiare* (8409): Il -v-, invece di -vv-, dell'it. *sovesciare* *sūbvēssiare* ⁽¹⁾ (dove *sovēscio*)

è per dissimilazione dalla consonante seguente, proferita con energia dai Toscani.

**sūctiare* (8415): Non è possibile ricondurre a codesta base l'it. *succiare*, salvo che vi si voglia leggere un nuovo esempio dello scambio tra i nessi -tj- e -cj- (v. *goccia*, *roccio*, *biroccio*, *cucciare* ecc.). Si tratta probabilmente di una voce onomatopeica.

sūggrūnda (8438a): v. *grūnda*.

sūper (8456): a. it. *sor-*, primo elemento di composti (v. *sordétto*, detto sopra, *sergrande*, grandissimo, *sormaggiore*, *sorpiù*; *sorcodanza*, *sorginocchio*, la parte sopra il ginocchio; *sorgiungere* e sim.).

sūspirare (8489): tosc. *spirare*, guardare alcuna cosa con vivo desiderio di possederla.

tartarūchos (8589a): it. *tartaruga* (non -*uca*).

teganum (8613): Gl'it. *tégghia*, *tégghia* van tolti (vedili nel n. 8618 tra gli esiti di *tēgū'a*).

tēmpare (8623): a. it. *bistentare*, stare in disagio, *bistento*, esitazione (dev.).

testūdo / *-ūgo, -īne «cielo della stanza, volta»: a. it. *testunia*, id.

thēca (8699): Il tosc. (cont. pis., pist. ecc.) *tēga* è parola schietissima, come provano i significati di «resta della spiga del grano» (la brattea, dall'appendice lunga e rigida, che protegge il seme) e di «lisca dei

⁽¹⁾ V., qua sopra, **revēssiare* da *revērsus*.

pesci» (nel pist. anche, nel plur., i capelli tutti lisci, e *tégoso*, chi ha capelli siffatti).

tīnctor, -ōris (Vitr.): it. *tintore*, abr. *tendore* (anche, frecciatore), lombard. *tenciù* (anche, gabbamondo).

tōllère (8769): sen. *tollare*; a. it. *tolletta* [non -oletta].

transcūrrere: it. *trascórrere*, oltrepassare ecc., abr., nap. *trascórre*, discorrere, ragionare; it. *trascórso*, errore, abr. *trascórze*, nap. -urze, discorso; it. *trascórso* (antq.), il troppo correre oltre il fine proposto, *in tr.*, *per tr.*, incidentalmente.

trausan (8866): L'it. *strosciare* è, come il sinon. *scrosciare*, una parola onomatopeica.

trīplus (8913): a. it. *treppio*, tre volte maggiore; borm. *trepì*, triplo, e *trepìar*, *intr.*, triplicare.

tūmb (onom., 8975) (o non piuttosto tomb?): it. *tómbolo* (dev.),

capitombolare (e -tómbolo, dev.).

ūlulare (9039): a. it., tosc. *ūlula*, allocco (dev.; l'ū dalle forme arizotòniche del verbo).

uxor -ōris (9106): a. it. *ussore*, moglie.

vīrus «veleno»: a. it. *avvirato*, invelenito.

vīllium (9396): sen. *vèzzi*, lezie, vezzoso, lezioso.

vītta (9404): it. *vettone*, pollone, *vettaio*, che nasce in vetta (di frutti) e madornale; it. *svettare*, il muoversi con tremolio di ramicelli, vermene ecc. agitati e scossi, cimare (t. agr.), scamatar la lana con la vetta (t. lan.); *divettare*, *svettare* (t. agr. e t. lan.), tosc., id., percorrere di vetta in vetta una catena di monti; pis. *svettuccià*, cimare.

vōcītus (9429): chian. *rochiere* **ro[i]tiare*, vuotare.

**vōscum* «con voi» (v. **nōs-cum*): [a. it. lett. *vosco*], appenn. bol. *vòsco*, parm. *vosk*.

Les noms des jours de la semaine dans les langues romanes

Dans la discussion qui, il y a quelques années (1939-1941), s'était engagée entre Wilhelm Giese et M. Paiva-Boléo sur l'origine des noms de la semaine en portugais (*segunda feira*, etc.), certains points du problème assez complexe me semblent mériter un examen plus approfondi.

Dans son article «*Segunda feira*, etc.», publié dans *Boletim de Filologia*, tome VI (1939), p. 197-203, M. Giese avait affirmé que les dénominations portugaises *segunda feira*, *terça feira*, etc. devaient leur origine au système numéraire employé en arabe pour indiquer les jours de la semaine : «*Estou certo de que esta maneira dos mouros indicarem os dias é a razão porque no português se conservou o sistema enumerativo para indicar os dias da semana*» (p. 201). Cette thèse n'a pas été approuvée par M. de Paiva-Boléo dans son compte rendu publié dans *Bíblas*, tome 15 (1939), pp. 579-582. Très justement M. Paiva-Boléo a fait observer au professeur allemand que le système numératif employé en arabe (simple nombre cardinal) est très loin d'être identique au système portugais (employant un nombre ordinal avec *feira*) qui suppose une relation avec une fête chrétienne ⁽¹⁾.

(1) Sur l'origine chrétienne de la *feria* > *feira* et le passage de «jour de fête» à «jour ferial», cf. Hans Rheinfelder, «*Kultsprache und Profansprache in den romanischen Ländern*», Firenze 1933, p. 436. — La raison du passage est très bien expliquée par Du Cange, *Glossarium*, s. v. *feriae* : «*Singuli dies hebdomadis dicti, ut est apud Hieronymum non quod in iis feriandi necessitas incumbat, sed a septimana Paschatis, quae erat immunis ab opere faciendo et feriata*».

Les objections faites par M. de Paiva-Boléo à l'article de Giese ont amené celui-ci à atténuer sa thèse dans un deuxième article (paru dans *Biblos*, tome 16, pp. 655-657), où il se contente de voir dans les dénominations portugaises simplement l'effet de «un reforço» apporté par les Maures au système numéraire employé par l'Eglise catholique (*secunda feria, tertia feria*, etc.). Dans un nouveau article, publié dans *Biblos*, tome 16, pp. 657-666, M. de Paiva-Boléo insiste sur le fait que l'influence des Maures n'a amené rien de semblable en Espagne méridionale, tandis que *II. feria, III. feria, VI. feria*, etc. ne sont pas inconnus aux chartes médiévales écrites dans l'Espagne du Nord⁽²⁾.

Tandis que nous pouvons nous associer à cette manière d'envisager le problème, nous nous permettons d'apporter une objection contre l'interprétation historique que M. de Paiva-Boléo a cru donner du système portugais. A page 659 de son article il écrit : «Até certa época usou-se o sistema cristão em Espanha, mesmo na parte setentrional. Até quando? Seria necessário que alguém percorresse milhares de documentos... para se poder estabelecer com segurança a partir de que data se começou a usar o sistema pagão (*lunes*, etc.)... Em Portugal, não se verificou tal substituição. O sistema judeo-cristão de *secunda feria*, que já se registra «no tempo dos primeiros cristãos» (Giese, p. 200), persistiu sempre... O carácter mais conservador do português... manifestou-se também neste caso». Déjà M. Harri Meier dans son compte rendu de Paiva-Boléo «Os nomes dos dias da semana em português» (Coimbra 1941), publié dans *Archiv für das Studium der neueren Sprachen*, tome 181 (1942), p. 140, a relevé le trompe-l'œil qui se manifeste dans cette analyse des faits historiques : «Le portugais n'a pas conservé les formes anciennes (c'est à dire : païennes), mais en portugais, en opposition aux autres langues romanes, ce sont les formes modernes chrétiennes, dues à l'influence de l'Eglise, qui ont triomphé».

(2) Les articles de Giese et de Paiva-Boléo ont été reproduits par Paiva-Boléo dans la petite brochure «Os nomes dos dias da semana em português» (Coimbra 1941) augmentée d'une bibliographie et de «largos acrescentos» aux articles publiés dans *Biblos*.

En effet, les dénominations portugaises n'ont rien à faire avec le caractère conservateur du portugais, mais elles représentent, visiblement, le résultat de ce qu'en linguistique on appelle une *innovation*.

Si l'on se décide à regarder notre problème de ce point de vue, la position du portugais apparaîtra beaucoup moins étrange. Pour comprendre l'évolution qui s'est opérée dans la dénomination des jours de la semaine, il faut que le lecteur se rapporte aux premiers siècles de notre ère. A cette époque-là dans tout le domaine du monde latin on ne connaissait que les noms des jours introduits dans la langue par le paganisme : *Dies Solis*, *dies Lunae*, *dies Martis*, *dies Mercurii*, *dies Veneris*, *dies Saturni*. On comprend que l'Eglise chrétienne devait regarder avec un mauvais oeil ces noms qui renaient les noms de divinités païennes. Dans les communautés chrétiennes s'était propagé de très bonne heure l'usage numératif qui prenait comme base le jour du sabbat, de façon que le lendemain (dimanche) fut appelé *πρώτη σαββάτου* (Marcus 16,9), le surlendemain *δευτέρα σαββάτου* (Septuag. ps. 47,1), le jour après *τρίτη σαββάτου* etc. Dès le début du deuxième siècle les groupes chrétiens, tendant à marquer leur indépendance du rite juif, abandonnèrent de plus en plus la fête du sabbat pour célébrer le lendemain comme le jour du Seigneur (*κυριακή ἡμέρα*) ⁽³⁾.

Transplanté dans les pays occidentaux, le nouveau système venait à prendre cette forme : *sabbatus* (*dies sabbati*), *dies dominica*, *secunda sabbati* (*secunda feria*), *tertia sabbati* (*tertia feria*), *quarta sabbati* (*quarta feria*), *quinta sabbati* (*quinta feria*), *sexta sabbati* (*sexta feria*). Peu à peu *secunda sabbati* recule devant le nouveau terme officiel *secunda feria*. Le terme juif reste limité à la veille de la *dies dominica*. Ce système, il est vrai, n'est employé que dans les milieux ecclésiastiques et dans les groupes très conscients de leur christianisme. La grande masse, bien que gagné au christianisme continue de se servir des dénominations païennes ⁽⁴⁾.

(3) Cfr. Albert Thum b., Die Namen der Wochentage im Griechischen dans Zeitschrift für deutsche Wortforschung, t. I (1901), pp. 163-173.

(4) Cfr. G. Gundermann, Die Namen der Wochentage bei den Römern. Dans : Zeitschrift für deutsche Wortforschung, tome I (1901), pp. 175-186.

Encore au début du V^e siècle Caesarius, évêque d'Arles, se voit obligé d'exhorter son clergé à donner le bon exemple en évitant les noms païens : «Nonnulli enim in haec mala labuntur, ut diligenter observent qua die in itinere exeant, honorem praestantes aut Soli aut Lunae aut Marti aut Mercurio aut Jovi aut Veneri aut Saturno... Ante omnia, fratres, universa ista sacrilegia fugite, et tamquam diaboli mortifera venena vitate... Mercurius enim homo fuit miserabilis, avarus, crudelis... Venus autem meretrix fuit impudicissima... Nos vero, fratres... ipsa sordidissima nomina dedignemur... et nunquam dicamus diem Martis, diem Mercurii, diem Jovis; sed primam et secundam vel tertiam feriam, secundum quod scriptum est, nomine-mus» (éd. Germ. Morin, vol. I, 1937, page 744).

Les efforts exercés par l'Eglise, bien qu'ils n'aient pas abouti à un succès total, n'ont pas été vains. L'Eglise a réussi à introduire dans les masses les noms chrétiens pour le dimanche, jour de l'Eglise par excellence, et pour la veille de ce jour, où le travail souvent était suspendu et où l'office invitait les fidèles à se préparer au jour du Seigneur. Dans toutes les langues romanes *dies dominica* (*dominicus*) et *sabbatus* (*dies sabbati*) l'ont emporté sur *dies Solis* et *dies Saturni* ⁽⁵⁾. Quant aux autres jours, l'extermination des noms païens et restée très imparfaite. Seulement en Sardaigne le nom païen du vendredi a pu être évincé. Il a eu pour successeur *cenapura*, «jour du jeûne» : en sarde *kenápura*, *cenábura* (voir AIS. c. 333). Ce n'est certainement pas un pur hasard que justement ce jour a pu prendre un nom qui ne rappelle plus le paganisme. C'est le jour où le jeûne était prescrit—souvenir lointain de la veille du sabbat juif. Voilà encore un jour qui était important pour la préparation spirituelle à la *festà dominica* ⁽⁶⁾. C'est la *παρασκευή* de l'Eglise orthodoxe, le jour des préparatifs. Le mot *ce na pu ra* dans le sens

⁽⁵⁾ Abstraction faite du curieux *saturno* qui, en 1941, lors d'une enquête à Antignano (Prov. de Livourne) en Toscane me fut donné par le plus âgé pêcheur du lieu, voir G. Rohlf, *Toskanische Wochentagsnamen*, dans *Archiv für das Studium der neueren Sprachen*, tome 180, p. 119.

⁽⁶⁾ Cf. en islandais *föstudagr*, c'est-à-dire «jour du jeûne», nom donné au vendredi.

de «vendredi» paraît être introduit en Sardaigne à travers les communautés juives de langue latine, cfr. chez Augustin (in evang. Joh. 120,5) *parasceuen cenam puram Judaei latine usitatus apud nos vocant.* (7).

A côté du vendredi il y avait encore un autre jour où le jeûne était recommandé et même prescrit. C'était le mercredi. Voilà encore une station importante dans l'organisation rituelle de la semaine (8). Il n'est donc pas étonnant que pour ce jour aussi l'Eglise ait pu faire oublier le nom païen du jour. C'est ainsi que dans quelques régions d'Italie et dans le canton des Grisons (territoire de langue rétoromane) le jeûne de mi-semaine a fait naître comme nom du mercredi *media hebdoma*, c'est-à-dire «mi-semaine» (9). Une fois très répandue en Toscane, le mot *mezzèdima* «mercredi» est aujourd'hui bien en retraite. On peut l'entendre encore dans les campagnes des provinces de Lucques et de Pise. Il est connu des paysans de l'île d'Elbe et du Capo Corso (en Corse). A la même base remonte *mesalèdema* chez les Rétoromans des Dolomites, *mietsevna*, *mesèmda* ou *mesjamna* chez les Grisons, et enfin *misedima* dans l'ancienne langue dalmatique de l'île de Veglia. Comme il y a des raisons d'ordre linguistique (*èdima* au lieu d'un *èddima*, seule forme qui pourrait être le résultat indigène de *hebdoma* en Toscane) qui font supposer que le mot soit parti du Nord d'Italie, il ne serait peut-être pas

(7) Cfr. aussi Jren. 5, 23, 2 *parasceue quae dicitur cena pura, id est sexta feria*. Il est hors de doute que le mot latin dans le nouveau sens ecclésiastique a eu son centre d'irradiation en Afrique d'où les relations de toute sorte avec la Sardaigne dans le haut moyen-âge ont été très étroites. L'indépendance de la Sardaigne en fait de lexique vis-à-vis des autres langues romanes se manifeste aussi dans l'appellation de la semaine. Ce n'est pas par *septimana*, ni par *ebdoma* (anc. it. *èdima*) qu'on désigne la semaine en Sardaigne, mais par un mot très curieux (*kida*, *kita*). Ce mot qui dans les documents médiévaux a la valeur de «troupe», «suite de personnes», a été rattaché par Meyer-Lübke au latin *accita* «(troupe) appelée». L'histoire de cette innovation qui a l'air d'être partie, elle aussi, du latin d'Afrique, reste encore à écrire.

(8) Cf. en irlandais le nom du mercredi *cét-óin*, c'est-à-dire «premier jeûne», et le nom du vendredi *óin didin*, c'est-à-dire «dernier jeûne».

(9) Cette explication a été donnée par J. Jud, *Rev. de ling. rom.* X, p. 56.

trop risqué, si l'on voulait voir sa patrie dans l'exarchat de Ravenne ou dans le patriarcat d'Aquilée⁽¹⁰⁾.

Tandis que l'italien *mezzèdima* remonte à une langue où le mercredi était considéré comme le milieu de la semaine, c'est-à-dire comme le quatrième jour, le frioulan *prindi* «lundi» (*primus dies*) nous atteste une autre conception de la semaine. Ce mot, donné par Pirona dans son «Vocabulario friulano» (Venezia 1871), mais qui n'apparaît plus dans les matériaux de l'AIS, se trouve en contradiction avec l'idée de la semaine qui s'était établie chez les peuples latins. Il n'a pu naître que dans une région où les jours de la semaine se comptaient à partir du dimanche et non pas à partir du samedi. Nous constatons donc dans cette région qui se trouve sur les limites extrêmes du monde occidental une influence incontestable de l'Eglise orientale⁽¹¹⁾. Une fois de plus nous avons

(10) La protohistoire de ce mot est encore très obscure. Comme *media hebdomas* n'est attesté nullepart, que je sache, dans les documents latins de basse époque, je me suis demandé (voir *Archiv*, tome 180, p. 119), si cette formation ne devrait être un calque d'un mot germanique employé chez les Ostrogots pour indiquer le mercredi, cfr. an allemand *Mittwoch*, norv. *mekedag* «jour moyen», dans le dialecte des îles de Féroé *mikudagur*, en ancien norois *midvikudagr* «jour de mi-semaine». Il est sûr en tout cas, que le mot germanique ait rayonné dans d'autres langues voisines du domaine germanique, cfr. en finnois *keski-viikko* «mi-semaine», en ancien prussien *possisawaite* «mi-semaine». Et même le mot *sreda* «moitié», employé dans toutes les langues slaves pour appeler le mercredi, peut être très bien un calque d'un mot qui était en usage auprès des populations gothiques établies une fois en Pannonie et le long du Danube. Voir à ce propos aussi Eberhard Kranzmayer, *Die Namen der Wochentage in den Mundarten von Bayern und Oesterreich* (Wien 1929), p. 79. Il est sûr en tout cas que l'idée de «moitié» pour indiquer le mercredi a pu naître seulement dans une langue qui regardait le dimanche comme premier jour de la semaine, ce qui vaut pour le monde latin et le monde germanique, mais non pas pour les peuples slaves qui appellent le mardi «deuxième jour» (russe *vtornik*, polon. *wtorek*, croat. *utorak*); voir aussi P. Skok, *Revue des études slaves* 5, p. 15. — D'après un article récent de Gösta Langenfelt, *Veckan och dess dagar* (Astronomiska Sällskapet Tycho Brahe, Arsbok 1947, p. 73) le finnois *keskiviikko* ferait présumer l'existence d'un ancien suédois «midvecko-dag».

(11) Le type «*primus dies*» pour «lundi», en effet, n'est pas inconnu aux langues slaves. On le trouve sous la forme *prvidan* ou *providan* («premier jour») dans les parlers chakaviens des environs de Trogir (Trau) à l'ouest de Spalato (Split) sur la côte dalmatique, v. P. Skok, *Revue des études slaves*, tome 8, p. 87.

ici un exemple précieux qui nous montre l'Eglise triomphante sur la nomenclature païenne.

On comprend donc que le cas du système portugais n'est pas tout à fait isolé. Il fait partie et résulte d'une vaste propagande que l'Eglise officielle conduisait pendant des siècles pour exterminer les dénominations païennes. Si cette lutte a eu son maximum de succès dans la bande occidentale de la péninsule ibérique, cela s'explique peut-être par cette position périphérique qui a permis aussi que l'innovation quinquagesima au lieu de pentekosté ait pris pied seulement dans les zones marginales de la Romania : anc. portugais *cinquesma*, anc. wallon *cinquème*, rétoroman *chiunqueismas* «pentecôte» (12). C'est la victoire la plus parfaite de l'Ecclesia triumphans (13).

Munich.

GERHARD ROHLFS

(12) Cf. J. Jud, *Revue de linguistique romane*, tome X, p. 57. On trouve pourtant *cinquagesma* aussi dans les dialectes de la Catalogne septentrionale (Ampurdán, Olot).

(13) Il vaut la peine de se demander quel a été le sort des dénominations païennes dans les autres langues d'Europe. Quant aux pays de langue germanique, le résultat est bien loin des succès remportés par l'Eglise dans le monde latin. Ce sont presque partout les noms païens qui l'ont emporté. Ici pas de «dies dominica». Et même le «jour du sabbat» (haut allemand *Samstag*) est resté en minorité vis-à-vis du «dies Saturni» (en Westphalie *saterdag*, néerland. *zaterdag*, angl. *saturday*). Bien différent est le résultat dans les langues slaves : «La nomenclature slave des jours de la semaine est essentiellement chrétienne ; elle ne laiss transparaître aucune trace d'une dénomination planétaire païenne, antérieure au christianisme ou calquée sur le système gréco-romain» (P. Skok, *Revue des études slaves* 5, p. 14). Je ne connais qu'une seule exception qu'on puisse alléguer contre cette affirmation. Dans l'ancienne langue polavienne, parlée une fois dans la région de Hanovre, le jeudi a été appelé *perendan* c'est-à-dire «jour de Perun» (*Perun* «Dieu du tonnerre» auprès des Slaves). Mais ce nom est, évidemment, un calque de l'allemand *Donnerstag* = «jour de Donar». — Quant au lithuanien, on y employait généralement des noms empruntés à la terminologie slave : *panedėlis* «lundi», *utarnykas*, *sereda*, *cetvergās*, *petnicia*, *sabata*, *nedėlia*. Cependant, depuis quelque temps un autre système commence à prévaloir dans cette langue. C'est le système de pure numération (caractéristique pour le lettonien) : *pirmadienis* «premier jour», *antradienis* «deuxième jour», *trečiadienis*, *ketvirtadienis*, *penktadienis*, *seštadienis*, *sekmadienis* «septième jour» (= dimanche). — Mais quelle est l'origine de l'ancien prussien *wissaseydis* «mardi» qui a l'air d'être un composé de *wissa* «tout» et *seydis* «mur»?

Zum bildhaften Ausdruck der Geringwertigkeit und Geringschätzung in den romanischen Sprachen und Mundarten

Bisher sind von den zahlreichen den sprichwörtlichen deutschen Redensarten *er ist keinen Heller* (*Sechser, Deut, Pfifferling, Schuss Pulver*) wert entsprechenden romanischen Ausdrucksweisen nur einzelne, vor allem altspanische Wendungen im weiteren Zusammenhang einer Betrachtung der mit einem Füllwort ausgestatteten romanischen Negationsformeln beiläufig gewürdigt worden⁽¹⁾. Die folgende Darstellung soll die Vorstellungsinhalte aufzeigen, die von den Romanen zur verdeutlichenden Konkretisierung des abstrakten Begriffs der Wertlosigkeit oder Minderwertigkeit mobil gemacht werden, und das Ineinandergreifen von Begriff und Vorstellung deutlich werden lassen, das den romanischen negativen Wertvergleichen zu Grunde liegt.

Die romanischen Sprachen haben wie das Deutsche eine grosse Zahl bildhafter Abwandlungen der Ausdrucksweise *er ist nichts wert* in ihrem objektiven oder subjektiven Aspekt entwickelt. In diesen im mündlichen Sprachgebrauch häufig auftauchenden, trotz ursprünglicher Bildhaftigkeit formelhaft verwendeten Spielarten jener abstrakten Ausdrucksweise erscheint das farblose *nichts* dadurch mit konkretem Vorstellungsgehalt geladen und veranschaulicht, dass mit affektischer Übertreibung der tatsächliche oder nur eingebildete Wert eines Gegenstandes oder einer Person als geringer bezeichnet wird als der eines winzigen, wertlosen oder verachteten Objekts. Solche Redensarten verdanken ihr Dasein einem mangelnden Abstraktionswillen, einem Streben nach grösstmöglicher Anschaulichkeit

⁽¹⁾ Vgl. W. Meyer-Lübke, *Grammatik der romanischen Sprachen* III, 743-744, E. L. Llorens, *La negación en español antiguo*, S. 185-192 und A. R. Nykl, *Old Spanish Terms of Small Value*. MLN XLVI (1931), 167-170, vgl. dagegen W. Beinhauer, *Umgangssprache*, S. 141-142.

des sprachlichen Ausdrucks und der Einwirkung des zur Übertreibung neigenden Affekts, jenen Kräften also, die das besondere Gepräge der Umgangs- und Volkssprache entscheidend bestimmen.

Die in Portugal zur nachdrücklichen Hervorhebung der Wert- oder Bedeutungslosigkeit eines Objekts sowie der charakterlichen Minderwertigkeit einer Person gebräuchlichen sprichwörtlichen Wendungen — nur wirklich stehende, formelhafte Redensarten werden in die folgende Betrachtung einbezogen — lassen deutlich die allgemeinen Bewusstseinsvorgänge erkennen, auf denen sich diese einem generellen menschlichen Ausdrucksbedürfnis entsprechenden stereotypen Redewendungen aufbauen. Einige wertvergleichende Ausdrucksweisen wie port. *não vale um tostão* ⁽²⁾ und alent. *não vale um chavo* ⁽³⁾ (TP) bringen nachdrücklich zum Ausdruck, dass ein Objekt wert- oder bedeutungsmässig noch nicht einmal mit einer kümmerlichen Scheidemünze gleichgesetzt werden darf, die in solchen Wendungen den Begriff sachlicher oder charakterlicher Wertlosigkeit exemplifiziert und auf diese Weise nicht nur in Portugal, sondern auch in den übrigen Teilen der Romania zum vornehmlichen Wortsymbol des geringen Wertes und der Geringschätzung geworden ist. In anderen Fällen demonstriert die portugiesische Umgangssprache den mangelnden Wert eines Gegenstandes oder einer Person am Beispiel einzelner Dinge, von denen man als von ausgesprochen unauffälligen Alltagserscheinungen nicht viel Aufhebens zu machen und die man mit ausgesprochener Geringschätzung zu behandeln pflegt. In Portugal benennt man als negative Wertsymbole dieser Art die gerade dort reichlich anfallende billige Sardine und ein klei-

(²) *Tostão* ursprünglich Name einer Silbermünze im Werte von 100 Reis, gegenwärtig noch als eine etwa dem deutschen Wort *Groschen* entsprechende umgangssprachliche Münzbezeichnung in Gebrauch. Eine volkstümliche *quadra* aus Trás-os-Montes (Spoleto nr. 245) verleiht der Geringschätzung, die die jungen Burschen eines Dorfes den *moçinhas d'agora* entgegenbringen, in folgender Form drastischen Ausdruck:

*Estas moçinhas d'agora,
estas que d'agora são;
pensam que valem muito,
e não valem um tostão.*

(³) Die stehende Redensart stellt eine noch heute in Portugal sich abzeichnende Erinnerung an den kupfernen spanischen *ochavo* dar, der unter Philipp III., gerade als Portugal vorübergehend zu Spanien gehörte, als Scheidemünze in Umlauf gesetzt wurde, vgl. Figueiredo s. v. *chavo* und insbesondere *minh. não vale um chavo galego* Sto. Tirso (RL XXII, 64).

nes Quantum filtrierten Honigs ⁽¹⁾ (*não vale uma sardinha, dez réis de mel coado* [Perestrello]) sowie vor allem ähnlich wie in Spanien und Katalonien den achtlos fortgeworfenen wertlosen Zigarettens-tummel: *não vale uma ponta de cigarro* (RL XXII, 64: St.^o Tirso, vgl. RL XIX 125: Barroso, RL XII, 78: Alentejo), — *um cigarro depois de fumado* (RL XXII, 64: St.^o Tirso), — *a ponta dum cigarro* (pop. *uma beata*) (FL 108, 112: Beira Alta), vgl. alent. *não vale um cigarro, uma pitada* ⁽²⁾ *de tabaco* (TP), wo ein winziges Rauch-warenquantum zum Sinnbild des Wertlosen und Unbedeutenden erhoben erscheint. Eine anders geartete volkstümliche Wendung des Portugiesischen, deren Typus wir auch in anderen Teilen der Romania begegnen werden, hebt dadurch die charakterliche Minderwertigkeit eines Menschen nachdrücklich hervor, dass sie betont, keinerlei Aufwand lohne sich mehr bei ihm, an ihm sei Hopfen und Malz oder, wie der Volksmund im Alentejo sich ausdrückt, selbst das Brot oder Wasser verloren, das er täglich zu sich nimmt: *não vale o pão que come, a água que bebe* (RL XII, 187). Ein solcher Mensch ist nicht einmal die verhöhnende, Verachtung und Spott andeutende Feigengeste wert (sie zeigt den Daumen zwischen Mittel- und Zeigefinger und wird in Portugal als *figa* oder in euphemistischer Verschleierung als *figo* bezeichnet, vgl. *Donum natalicium Caroio Jaberg* S. 91 ff.): *não vale uma figa, um figo* (Perestrello), vgl. span. *no vale un higo* (DM), das schon in Mittelalter begegnet (E. L. Llorens 188, MLN XLVI, 167, 169, auch Correias: Anfang des 17. Jhdts.), daneben *no vale dos higos* (PG V, 683).

Ein in Portugal zum volkstümlichen Symbol der Wert- oder Bedeutungslosigkeit gewordenes Geschöpf der Tierwelt ist die im Staube kriechende armselige und wegen der von ihr in Gärten und Weinbergen angerichteten erheblichen Schäden höchst unbeliebte und verachtete Schnecke (*caracol*), auf die in port. *não vale um caracol* (Perestrello, TPP 132, vgl. FL 194: Beira Alta), —

(1) Ein anschauliches Bild von der Bedeutung der Bienenzucht in Portugal und von der reichlichen Verwendung des Honigs im portugiesischen Haushalt zumal auf dem Lande, wo der Honig eine Art Volksnahrungsmittel darstellt, gewinnt man aus dem Werk über die Bienenzucht in Portugal von E. Guedes Andrade, *Album de construções apícolas* (Porto 1926) und der vom *Ministério da agricultura* herausgegebenen Schrift *O mel, suas aplicações na doçaria caseira* (Porto 1939).

(2) = *pequena porção de qualquer substância em pó que se toma entre o dedo polgar e o indicador «eine Prise».*

dos ⁽⁶⁾ *caracóis* (LP V, 423, vgl. RL XII, 78: Alentejo) Bezug genommen wird, vgl. auch *alent. não vale um caracol torrado* (TP), wo *torrado* als ein den ursprünglichen Vorstellungsgehalt des schon weitgehend erstarrten und verblassten *não vale um caracol* erneut belebender Zusatz jüngerer Datums zu gelten hat. Volkstümliche negative Wertsymbole aus dem Pflanzenreich sind in Portugal wie auch in Spanien das winzige Kümmelkorn (*cominho* und im Alentejo die kleine schmale Wolfsbohne (*tremoço*), man sagt *isso não vale um cominho* (Perestrello), — *um tremoço* (RL XII, 78).

Aus Galizien werden überliefert *non valer un o que come Ribadeo* (Nós XV, 154), das nachdrücklich zum Ausdruck bringt, dass ein Mensch nicht einmal die Nahrung wert ist, die er alle Tage zu sich nimmt, und das an ein bescheidenes *Gaita* = Schmuckband erinnernde *non valer farrapo de gaita* Ribadeo (Nós XV, 154, vgl. Noriega 62).

Die spanischen negativen Wertvergleiche zeigen das gleiche Gepräge wie die portugiesischen, in ihrem bildlichen Gehalt entsprechen sie ihnen vollkommen. Geringwertige Scheidemünzen aus alter und neuer Zeit stellen auch in verschiedenen Wendungen, die in der spanischen Umgangs- und Volkssprache zur übersteigernden Hervorhebung der Wertlosigkeit eines Objekts oder der charakterlichen Minderwertigkeit einer Person in Gebrauch sind, den bildlichen Kern des sprachlichen Ausdrucks: *no vale una pieza de cobre* (*un céntimo, un perro chico, un real [dos reales]*) (DM, PG I, 249, V, 709, AQ IV, 349), *no vale un cuartillo* ⁽⁷⁾ 1645 (NBAE XVIII, 502), — *una blanca* ⁽⁸⁾ 17. Jhdt. (DHLE), — *dos cuartos* ⁽⁹⁾ (PG I, 168, II, 558, V, 418, 474, AQ XXIV, 255), — *un maravedí* ⁽¹⁰⁾ (DM, AQ XIV, 242, Sg 894: Argentinien), — *dos (tres) maravedís* (DR, DM), — *un cornado* ⁽¹¹⁾ (DR, DM), — *un ardite* (DR, DM, vgl.

⁽⁶⁾ Zur konkretisierenden Verwendung einzelner Zahlwörter vgl. W. Beinhauer, *Umgangssprache* 210.

⁽⁷⁾ Eine aus einer Silber-Kupfer = Legierung geprägte Scheidemünze aus der Zeit Heinrichs IV. von Kastilien (15. Jhdt.).

⁽⁸⁾ Die aus einer Mischung von Silber und Kupfer geprägte *blanca* repräsentierte nicht einmal den Wert von einem halben *céntimo*.

⁽⁹⁾ Alte Kupfermünze im Wert von 3 *céntimos*.

⁽¹⁰⁾ Der *maravedí* hatte nicht einmal den Wert eines *céntimo*.

⁽¹¹⁾ Eine alte Münze aus Kupfer mit 25 % Silberbeimischung, der eine Krone eingeprägt war, und die unter Sancho IV. von Kastilien (13. Jhdt.) etwa den Wert von vier *céntimos* repräsentierte, unter den *Reyes Católicos* aber nur noch die Hälfte wert war.

DHLE), — *un chavo* ⁽¹²⁾ (DM), — *dos (tres) ochavos* (DM, PG V, 1629, 1748).

Der spanische Sprachgebrauch hat besonders zahlreiche Ausdrucksweisen entwickelt, in denen das winzige Samenkorn einer Pflanze, eine reichlich anfallende und darum missachtete billige Frucht oder gelegentlich ein wertloser Teil der Pflanze als anschauliches Beispiel der Geringwertigkeit benannt werden: *no vale dos habas* (DR, vgl. Cejador II, 606 : 1615), — *una arveja* («Platterbse») (DR), — *un comino* (DR, DM, Casares, Trueba, *Narraciones* 10, FC XI, 360, PG IV, 1790, AQ XV, 64, Sg 894 : Argentinien, Santamaría: Tabasco), — *dos cominos* (Pereda IX, 607, PG IV, 1119, V, 698, 1329), — *un anís* Tabasco (Santamaría), — *un bledo* («Beermelde») (DM, DHLE, Santamaría: Tabasco), — *un (culo de) pepino* (DR), — *dos pepinos* (PG IV, 1223, vgl. Cejador III, 295 : 17. Jhdt), — *una (dos) castaña(s)* (DHLE : 1445), — *una nuez* (DR), — *un cacahuete* («Erdnuss») Mexico (García Icazbalceta, vgl. Malaret), — *una (dos) paja(s)* (Cejador III, 208 : Anfang des 16. Jhdts.), — *ni una tusa* («Maishülse») (Malaret : Zentralamerika, Puerto Rico). Es ist bemerkenswert, dass die im Spanischen Zentralamerikas entwickelte Wendung *no vale un cacao* (Malaret) — bei den Eingeborenen Mittelamerikas ersetzt die Kakaobohne vielfach die metallene Scheidemünze — auch nach Spanien gewandert ist (Casares) und schon von Cervantes verwendet wird (DHLE), vgl. ganz ähnlich *no vale una patata* (RH XVIII, 65: Madrid). Geringer ist die Zahl der wertvergleichenden Redensarten, deren Bild der Tierwelt entnommen ist. Wie in Portugal gilt auch in Spanien die Schnecke als ein verachtetes, armseliges und unbeliebtes Lebewesen ⁽¹³⁾, *no*

⁽¹²⁾ Vgl. S. 2, Anm. 2.

⁽¹³⁾ Es darf hier noch auf eine andere der Erklärung der Wendung *no vale un caracol* dienende Tatsache hingewiesen werden. In Spanien stellten noch Ende des 19. Jahrhunderts einzelne Schneckenarten, z. B. der nussgrosse, dunkelbraune *burgado*, ein besonders den minderbemittelten Volksschichten sehr willkommenes billiges Nahrungsmittel und eine Bereicherung ihres kärglichen Speisezettels dar: die Schnecken wurden gekocht und in einer gelben oder rötlichen Tunke auf den Tisch gebracht, vgl. dazu auch mallorq. *es cap li bollia com una olla de caragols* (ARM VIII, 94, 162). Zigeunerinnen (*caracolas*) gaben sich damit ab, die Schnecken auf dem Lande zu sammeln, zuzubereiten und in den Strassen der Stadt dem Volke zum Kauf anzubieten, vgl. die Skizze von A. Guichot y Sierra *La caracolera* in der selten gewordenen Zeitschrift *El Folk-Lore Andaluz* (1882/83, 460-463), einer der ältesten volkskundlichen Periodica, Organ der gleichnamigen volkskundlichen Gesellschaft, der neben anderen portugiesischen Gelehrten (Th. Braga, A. Carvalho Monteiro) auch F. Adolpho Coelho als *socio honorario* angehört hat.

vale un (dos, tres) caracol(es) (DHLE: schon im *Cancionero de Baena*, vgl. PG I, 894), die Nisse leistet ihr aus naheliegenden Gründen in der Bildsprache Gesellschaft: *no vale una liendre* (DM). Wertlose oder stets unbeachtet bleibende Teile des tierischen oder menschlichen Körpers tragen symbolischen Charakter in span. *no vale un cuerno* (Pereda IX, 116), — *una chita* («Röhrenbein von Rind oder Hammel») (Casares), — *un cabello* (DHLE: belegt bei Berceo und Fray Luis de León), — *un pelo* 17. Jhdt. (Correas).

Als sprichwörtlich wertloser Gegenstand, dem man keinerlei Beachtung zu schenken pflegt, gilt auch in Spanien die «Kippe»: *no vale un pito* (DR, Casares, Cejador III, 353, Pereda IX, 358, XV, 103: Montaña, PG III, 140, V, 227, 1637, Sg 894: Argentinien), — *tres pitos* (DM, PG V, 1892), — *un pitillo* (DR), — *un pucho* Argentinien, Chile, Kolumbien (Sg 894, Malaret), die billige Glasperle: *no vale un abalorio* (DR) und der Scheuerlappen: *no vale una alfofita* (PG I, 28). Als Symbol des Nichts gilt wie im Deutschen so auch im Spanischen und Katalanischen das Iota als kleinster und unbedeutendster Buchstabe des griechischen Alphabets: *no vale una jota* (Sbarbi I, 494, J. Amades in BTP XXX, 79-80, vgl. A. M. García Blanco in *El Folk-Lore Andáuz* 1882/83, 145-149) ⁽¹⁴⁾. Als symbolhafte Verkörperung des gleiches Begriffs erscheint der verhasste oder gefürchtete Teufel in span. *no vale un diablo* (DM, Sg 894: Argentinien). Span. *no vale el pan que come* (RF LV, 200, 310) und *no vale sus orejas llenas de agua* (DR, Correas: Anfang des 17. Jhds.) müssen wohl der Gruppe der schon früher charakterisierten Wendungen (S. 97) zugerechnet werden, die Nichtswürdigkeit eines Menschen durch den Hinweis auf die Tatsache deutlich zu machen versuchen, dass der geringste Aufwand bei ihm fehlt am Platze ist. In diesen Zusammenhang muss auch die im älteren Spanischen auftauchende Wendung *no vale una (dos) castañeta(s)* (DHLE: 16. Jhdt., vgl. Cejador 1,286) betrachtet werden: der minderwertige Mensch verdient nicht einmal mehr die verächtliche Schnappgeste (*castañeta*), bei der der rasch über die Daumenkuppe gleitende Mittelfinger ein leichtes Knallgeräusch auslöst.

Verschiedene Geringwertigkeit oder Geringschätzung zum Ausdruck bringende Wendungen des Katalanischen zeigen die

⁽¹⁴⁾ Die gleiche Wendung begegnet auch im volkstümlichen italienischen Sprachgebrauch: *non vale un iota* (Rigutini-Bulle, vgl. für das 18. Jhdt. Pauli 255).

gleichen bildhaften Elemente, denen wir in kastilischen Redensarten begegnet sind: *no val un ardit, un xavo* (Labernia, Salvat), — *una bleda, un comí, un caragol* (Alcover), — *un pito* (Salvat), — *una pipada de tabac* (Labernia, Salvat), — *el pa que es menja* (BTP XXXVI, 42). In anderen Ausdrucksweisen stossen wir auf volkstümliche negative Wertsymbole, mit denen sich das Katalanische deutlich vom Kastilischen abhebt, ein Teil dieser sprichwörtlichen Formeln nähert sich in seinem bildmässigen Gehalt erheblich dem Gepräge der für das französische Sprachgebiet eigenartigen Redewendungen zur nachdrücklichen Verdeutlichung von Unwert und Bedeutungslosigkeit. Zum vollen Verständnis der folgenden Gruppe volkstümlicher katalanischer Redensarten, mit denen der katalanische Sprachgebrauch an die Galloromania angelehnt erscheint, erinnere ich daran, dass nördlich und südlich der Pyrenäen die billigen Kaldaunen (von Rind und Schwein) von der minderbemittelten Bevölkerung gern gekauft und gegessen werden. Aus dieser Gewohnheit ist man in Katalonien dazu gelangt, ungeniessbare *tripes, budells* (von Katze, Hund oder Mensch!) mit besonderer, sprichwörtlich gewordener Geringschätzung und Verachtung zu betrachten: kat. *no val les tripes d'un gos (mort), les tripes d'un ca mort* (Labernia, Salvat), — *las súas tripas, las tripas d'un mort* (Labernia), — *els budells d'un gos (mort) (d'un cá)* (Salvat), — *els budells d'un gat* (CG 103), vgl. für das französische Sprachgebiet S. 105. Nach Frankreich tendiert das Katalanische auch mit Wendungen, in denen kleine, wertlose Dinge mit symbolischer Bedeutung ausgestattet erscheinen: *no valdre un botó* (Alcover), — *una tireta* («Schnürsenkel») (Labernia, Salvat), — *un clau* (Aguiló, schon im 15. Jhdt. belegt), vgl. S. 105. Auch kat. *no valer un rot (pet) de sastre* (BTP XXV, 20), *no valer les cues (=cordes) d'un penjat* (Aguiló) und mallorq. *no valer ses baves d'un penjat* (Alcover) erinnern lebhaft an einzelne in Gehalt und Bild ähnliche Wendungen des französischen Sprachgebiets (vgl. S. 106): die Erwähnung des *rot* bzw. *pet* als Symbole der Minderwertigkeit entspringt dem derben, rückhaltlosen Ausdruckswillen des Volkes, die Wendung wird durch die spezialisierende Beziehung der organischen Vorgänge auf den vom Volksmund gern mit Spott bedachten Schneider⁽¹⁵⁾ in ihrem Wirklichkeitsgehalt noch erheblich gesteigert.

(15) Vgl. die katalanischen Sprichwörter *Cent sastres, cent moliners y cent teixidors, trescents lladregots* und *De sastre podrás mudar, que de lladre no escaparás*, ferner W. Gottschalk, *Sprichwörter* II, 230-232.

Eigenartige Bildungen des Katalanischen stellen dar *no val un nap torrat* (Labernia, Salvat, Aguiló), eine Wendung, in der die billige, zu allem Überflus noch versengte und darum doppelt wertlose Rübe als Symbol der Nichtswürdigkeit benannt wird, kat. *no valer una malla* (= 1/2 diner [«Heller»]) (Aguiló), mallorq. *no valer una burba*⁽¹⁶⁾ (Alcover), die auf geringwertige alte Münzen anspielen, und *no valer un baday* («Gähnen») de gaf Mallorca (Alcover).

In der volkstümlichen Symbolik des geringen Werts folgen das Nord- und Südfranzösische teilweise den gleichen Tendenzen, die wir schon in der Iberoromania zu beobachten Gelegenheit hatten. Auch in Frankreich gelten geringwertige und darum niemals sonderlich beachtete alte und neue Scheidemünzen, vor allem *liard* (= 1/4 sou) und *sou* als Sinnbilder der Wert- und Bedeutungslosigkeit: *il ne vaut pas deux liards*⁽¹⁷⁾, *un sou*⁽¹⁸⁾ (Lar), — *quatre sous* (G 335), vgl. henneg. *ça n'avaut ni-n'e viêye mastoke* (= pièce d'un sou) (DN). An einzelne Kupfermünzen aus alter Zeit erinnern verschiedene, gegenwärtig kaum noch gebrauchte französische Wendungen wie *ne pas valoir une obole* (= 1/24 sou), *une maille* (dgl.), *un double* (= 1/6 sou) (G 335), vor allem aber der mundartliche Sprachgebrauch bedient sich noch einiger Unwert verdeutlichender Redensarten, die die Erinnerung an alte, längst ausser Kurs gesetzte landesübliche Scheidemünzen bewahren. So ist der niederländische *duit* nicht nur in Deutschland (*er ist keinen Deut wert*), sondern auch in der Wallonie (im Raum von Lüttich und Namur) zum Symbol der Minderwertigkeit geworden (Haust s. v. *deutsche*, BSLW LII, 129: Fosse-lez-Namur). Aus dem Waadtland wird überliefert *ne vó pa demibatsè* («anc. monnaie valant environ 7 centimes») Blonay (Od), eine Ausdrucksweise, die aus dem Sprachgebrauch zu verschwinden beginnt, aus Savoyen *é n'vô pá onna chica* (dauph. Scheidemünze des 14. Jhdts.) (CD), aus der Provence *vau pas un pata* (= 1/6 sou) (TF), *val pa n'a dardèna* (= 1/2 sou) Barcelonnette (Arnaud-Morin) und aus dem Bas-Lan-

(16) = moneda antiga, moresca, de molt poca valor.

(17) Entsprechende Wendungen sind in nord- und südfranzösischen Mundarten gebräuchlich, in der Brie *ça n'avaut pas un iord* (Diot), im dépt. Creuse (Queyrat s. v. *gliar*), in der Provence (TF s. v. *liard*), wo man auch der Variante *vau pas dous liard de bon argènt* begegnet, und im Bas-Languedoc (RLR XX, 194).

(18) Auch aus dem dépt. Creuse (Queyrat s. v. *sôou*) und dem Bas-Languedoc (RLR XX, 194) überliefert.

guedoc *vau pas un deniè* (= 1/12 sou), *una piastra* (= 2 liards) (RLR XX, 194, vgl. TF s. v. *piastro*).

Zahlreich und mannigfaltig sind die negativen Wertsymbole, die das Nord- und Südfranzösische sowie ihre Mundarten der Pflanzenwelt entlehnt haben. Im Altfranzösischen waren u.a. geläufig *ne pas valoir une osiere* («Weidenrute») 14. Jhdt. (Godefroy, vgl. Fl XI, 50), — *un naviel* («weisse Rübe») 1288 (Godefroy, vgl. Fl II, 51), im 16. Jahrhundert stösst man auf *tu ne vaulx pas deux noix* (Picot II, 42: 1507, III, 22: 1530), — *ung porreau* (VLD II, 308, Picot III, 130: 1540), — *deux porions* (= porreaux) (VLD III, 163: 1543), im 18. Jahrhundert auf *cela ne vaut pas un tronc (trognon) de chou*, das auch aus dem modernen Sprachgebrauch noch nicht verschwunden ist (Littré, vgl. Fl II, 15), — *un fétu* («Strohhalme») (Leroux). In den Mundarten haben sich andere Pflanzensymbole der Geringschätzung eingebürgert, man findet im nordfranzösischen Bereich wall. *çoula n'vat nin'ne djèye* («Nuss») Lüttich (Haust), im Süden aprov. *no valha un aiguilent* («Hagebutte») (Fl V, 242, vgl. Raynouard II, 35), prov. *acò vau pas uno bledo* («rote Rübe»), *quatre nose boufarello* (= noix vides), *un pisso-can* («giftiger Weidenchampignon»), *un pin*⁽¹⁹⁾, *uno corgno* («Kornelkirsche»), *un viedase* («Eierapfel») (TF), querc. *bal pa'n tsicre* (= pois chiche) (Lescage), rouerg. *bal pas uno poláillo de cébo* (= pelure d'ognon) (Vayssier), langued. *vóou pa uno còrgno* (Sauvages, vgl. Fl IX, 123), *aco val pas uno couarnou* (= cornouille) (TF), — *la quéto d'un rafé* (= queue d'un rachis) Lauraguais (Fl II, 137), — *quatre cassanelhos* (= cenelles) Aude (Fl V, 159), big. *nou baou pas couaté ciseros* (= cerises) (RHP XXII, 196).

Auch in Frankreich hat der stets zu phantasievoller und burlesker Bildhaftigkeit des Ausdrucks neigende Volksmund im *Tierreich* verschiedene überzeugende Verkörperungen des Begriffs der Wert- und Bedeutungslosigkeit entdeckt, er greift in der Hauptsache auf Lebewesen zurück, die man nur mit Verachtung zu nennen oder von denen man kaum irgendwie besonders Notiz zu nehmen pflegt. Im Altprovenzalischen erscheint die Maus als negatives Wertsymbol: *no val una rata* (Raynouard s. v. *rata*, vgl. F VII, 79), in der

(19) Auch im Bas-Languedoc gilt die anspruchslose, auf ärmstem Boden gedeihende Kiefer als negatives Wertsymbol (RLR XX, 194), vgl. dazu die volkstümlichen provenzalischen Redensarten *a pa'n pin* «il ne possède rien du tout» und *couioun coume un pin* «imbécile, bête» (TF).

Gascogne eine unter den Gemüsepflanzen grossen Schaden anrichtende und darum höchst unbeliebte kleine Nacktschnecke *lauquète* (Palay s. v.), in den Terroirs Mauges der *chien en vie* (Cormeau I, 484) und in der Champagne der verrufene *pou de cochon* (F XII, 147). Im dépt. Côte-d'Or (F IV, 229) und im Quercy (Sol 434) hat man sich daran gewöhnt, die unbrauchbare Haut des Esels (*la peau de l'âne*) als sprichwörtlichen Inbegriff alles Minderwertigen zu betrachten, in der Normandie versinnbildlicht der Hasenbalg den gleichen Begriff: *cha n'avaut pas eune pia d'lapin* (Moisy). Im Gemeinfranzösischen sowie in zahlreichen Mundarten des französischen Sprachgebiets erfüllen die nicht vorhandenen *quatre fers d'un chien* die Funktion als volkstümliches Symbol des Unwerts von Ding oder Person: *ne pas valoir les quatre fers d'un chien* (Lar, F IV, 24, vgl. Jaubert: Berry, VO I, 199: Anjou, Cormeau I, 478: Terroirs Mauges, JL 43: Mâcon). Entsprechender Wendungen bedient man sich im Hainaut (DN), im dépt. Moselle (Z), in der Normandie (Moisy, Joret: Bessin), in den dépts. Creuse (Queyrat) und Ain (Duraffour: Vaux-en-Bugey), in der Provence (TF) ⁽²⁰⁾, im Quercy (Sol 430), in der Gascogne (Palay) und im Bigorre *nou baou pas es couaté hers de caa* (RHP XXII, 196), vgl. auch gask. *bau pas les quate hers d'un can bielh* (Dambielle VI, 12). Bei frz. *il ne vaut pas les quatre fers d'un cheval* (F IV, 156) dürfte es sich um das Ergebnis eines vom Volksmund unternommenen Versuchs handeln, jene auf die *quatre fers d'un chien* anspielenden, scheinbar sinnlosen Redensarten in die übliche Darstellungsordnung einzupassen. In der französischen Redensart *ça ne vaut pas un pet de lapin* (Lar, Timmermans) und ihren Varianten *cela ne vaut pas le pet d'un âne mort* (Lar), — *une vesse de chien* (F IV, 21), — *un pet de loup* Aisne (F VIII, 36), — *û pét dé crabe* (= chèvre) (P) bedingt die spezialisierende und begrenzende Beziehung des übel beleumdeten organischen Vorgangs auf einzelne Tiere eine erhebliche Abschwächung des obszönen Charakters, der allgemein einer auf den *pet* anspielenden Wendung eigen ist ⁽²¹⁾, zugleich aber einen durch das konkrete Beispiel vermehrten Wirklichkeitsgehalt.

⁽²⁰⁾ Das Vorkommen der gleichen Ausdrucksweise in Piemont — *nen valeje i quatr fer d'un can* (Capello, Sant'Albino) — darf als ein bemerkenswertes Zeugnis für die enge Anlehnung des Piemontesischen an das französische Sprachgebiet in Anspruch genommen werden.

⁽²¹⁾ Vgl. gask. *nou bau pas û pét* (Palay).

Ebenso sind zu werten frz. *ça ne vaut pas une crotte de chien* (F IV, 21, vgl. Sol 429: Quercy) und gask. *nou bau pas ue mërde de câ* (Palay) ⁽²²⁾.

Im hochfranzösischen Sprachgebrauch und in verschiedenen Mundarten Nord- und Südfrankreichs begegnet man sprichwörtlichen Redensarten, in denen einzelne unbrauchbare, wertlose oder gewöhnlich wenig beachtete Gegenstände zu Symbolen des Unwerts erhoben erscheinen. Zu ihnen gehören afrz. *il ne vaut pas un coutel troine* (= couteau en troène) 1265 (Godefroy, vgl. Fl VIII, 15), frz. *tout ne vault pas un g patin* («Stelzschuh») 16. Jhdt. (VLD I, 329), *ça ne vaut pas chipette* (= chiffon), *un chicot* (Timmermans), — *un clou (à soufflet)*, — *une épingle* (Lar), wall. *i n'vat nin on hututu* (= copeau, planure de menuisier), aost. *vâ pâ le dzaratère* (= jarretièr) *de sa mère, un boton* (= bouton) ⁽²³⁾ (Cerlogne), prov. *vau pas lou manche de l'escoubo* ⁽²⁴⁾ (TF), rouerg. *ocouô bai pas un escupît* (Vayssier), gask. *bau pas lou manje d'ue escoube, ue chiffe, û canou* (= rouleau) *d'estoupe* («Werg»), *û ferràs* (= cruche) *d'aygue* (P). Die winzige Tabakmenge gilt wie in der Ibero-romania so auch in Frankreich vielerorts als ausdrucksvolles Symbol des Unwerts: frz. *ça ne vaut pas une chique* (Lar, Timmermans), — *une pipe de tabac* (Lar), henneg. *ça n'vaut nin'ne (vièye) chike (dè toubac)* (DN, vgl. Z: dépt. Moselle), prov. *vau pa' no pipo de taba* (TF, vgl. Sauvages: Languedoc, d'Hombres-Charvet: Alais und Palay: Gascogne).

Die Geringschätzung, die die minderbemittelten Schichten der Bevölkerung billigen, wenig reizvollen Nahrungsmitteln entgegenbringen, auf die sie für die Zubereitung bescheidener Alltagsmahlzeiten häufig angewiesen sind, kommt in jenen französischen Wendungen deutlich zum Ausdruck, in denen solche zweitklassigen Bestandteile der menschlichen Ernährung den Begriff der Minderwertigkeit überhaupt versinnbildlichen: frz. *cela ne vaut pas tri-pette* ⁽²⁵⁾ (Timmermans, vgl. Haust: Lüttich, Duraffour: Vaux-en-

⁽²²⁾ Vgl. dagegen gask. *nou bau pas û cagalèt* (= crotte de lapin, de mouton, de chèvre; caca), *û estroun* (= étron) (Palay).

⁽²³⁾ Schon im 15. Jahrhundert sagte man in Frankreich *ils ne valent pas deux boutons* (Jacob 105).

⁽²⁴⁾ Vgl. auch prov. *acò vau pas un foutre* (= sperme) (TF, R).

⁽²⁵⁾ Sav. *é vò pâ lé trèpe d'on chin* (CD) erinnert besonders lebhaft an einzelne schon besprochene katalanische Wendungen (S. 101).

-Bugey), lütt. *çoula n'vat nin'ne catche* (= fruit [surtout poire] tapé ou séché au four) (Haust), aost. *te vâ pâ eune crapa* (= l'épais qui reste du beurre fondu) (Cerlogne), langued. *val pas uno patano boulido* (= pomme de terre cuite dans l'eau) Aude (Fl VIII, 110), gask. *nou balé chuc* (= suc, jus) Lavedan (Palay).

Auch in Frankreich fehlen jene sprichwörtlichen Redensarten nicht, die die charakterliche Minderwertigkeit einer Person dadurch verdeutlichen, dass sie nachdrücklich den geringsten Aufwand zu ihren Gunsten als nutz- und wertlos bezeichnen. So finden wir auch im französischen Sprachgebiet volkstümliche Wendungen wieder wie *il ne vaut pas le pain qu'il mange* (Lar), henneg. *i n'vaut ni-n l'pangn qu'i migne* (DN, vgl. Haust: Lüttich) und lütt. *i n'vat nin l'éwe qu'i beût* (Haust), waadtl. *ne vó pa l'éiwe ke bai* Blonay (Od, vgl. Vayssier: Rouergue), deren iberoromanische Entsprechungen wir schon kennengelernt haben (S. 97, 100). Nicht einmal eine Maulschelle, einen groben Fluch ist der verachtete Mensch mehr wert: norm. *i n'vaut pas eune giffe, eune jaffe* (Moisy), gask. *nou bau pas á crâhou* (= corruption de l'aragonais *carajo*!) (Palay). Darüber hinaus hat das Französische vor allem in seinen Mundarten noch verschiedene eigenartige, überaus drastische Redensarten entwickelt, in denen die *gauloiserie* auf das deutlichste sich offenbart: wall. *i vau-m'plé s'cul d'owe* (= eau) (BSLW XXXVII, 354), lothr. *i n'vaut m'so cul pyin d'awe* Moselle (Z), anj. *il ne vaut pas son plein cul d'eau chaude* Terroirs Mauges (Cormeau I, 478), prov. *vòou pa soun plén còou d'aïga* Barcelonnette (Arnaud-Morin), vgl. bouillon. *in vau ni plin s'en d'aiwe* (RLR XIV, 71): alle diese Wendungen enthalten unverblünte Anspielungen auf das mit Hilfe des Klistiers⁽²⁶⁾ in den Körper eingeführte Wasser und bringen mit überschießendem Nachdruck und in einer für den derben französischen Volkshumor charakteristischen Form zum Ausdruck, dass sich bei

(²⁶) Es sei in diesem Zusammenhang an die bemerkenswerte Rolle erinnert, die das Klistier in der volkstümlichen französischen Vergleichsgebung spielt. In der Wallonie ist es das Symbol plumper Vertraulichkeit (*familière comme ine sèringue*), in der Provence versinnbildlicht es lästige Zudringlichkeit (*infrant coumo uno canulo*). In der Provence und im Languedoc gilt das Klistier aus naheliegenden Gründen als Inbegriff der Unruhe und geschäftiger Eile: prov. *enquêt, pressa coume un clistèri*, langued. *pressat, parti coume uno cheringo*, denen frz. *pressé comme un lavement* mit seinen mundartlichen Entsprechungen (Wallonie, Languedoc, Vallée de la Payre, Provence) an die Seite zu stellen wäre.

einem minderwertigen Menschen nicht einmal der geringste Aufwand lohnt. Auf einer ähnlichen gedanklichen Grundlage ruhen die Minderwertigkeit verdeutlichenden französischen Redensarten, in denen von einem charakterlosen Menschen behauptet wird, er sei nicht einmal mehr den Strick wert, um ihn aufzuhängen, vgl. die figürliche Bedeutung von dt. Galgenstrick: frz. *il ne vaut pas la corde pour le pendre* (Lar, Cormeau 1,478: Terroirs Mauges, Bladé I, 113, 117: Gascogne), *il ne vaut pas l'haürt* (= hart) *pou l'pende* (BSLW XXXVII, 338: Wallonie), — *lè coude po l'pande* (Z: Moselle), — *la haure poul stranné* (RLR XIV, 71: Bouillon), — *la kwarda po le pèdrè* (Od: Blonay), — *la cordo pèr lou penja* (TF, R: Provence), — *la corde ta-u péne* (P: Gascogne), vgl. gask. *nou vau pas las hourques* (= fourches patibulaires) *en-tàu péne* (Palay). In Spielarten dieser Ausdrucksweise begreift man den Strick um den Hals des Gehenkten, seine Hosen oder Schnürsenkel als Symbole des Unbrauchbaren und Wertlosen: prov. *vau pas la couerdo d'un pendu* (R), aost. *te vâ pâ la corda d'un pendu* (Cerlogne, vgl. J. Cassano), sav. *é n'vô pâ lé gretalie* (= lacets des souliers) *d'on pèndu* (CD), prov. *vau pas li braio d'un penja* (TF, vgl. Sauvages: Languedoc).

Wie in Spanien so hat auch in Frankreich der üble Leumund des Teufels diesen zum volkstümlichen Symbol alles Minderwertigen und Verachteten werden lassen: frz. *il ne vaut pas le diable* (Lar, G 362, vgl. Haust: Lüttich, Guillemaut: Bresse, Palay: Gascogne). Vgl. auch gask. *nou bau pas las cornes dou diàble* (Palay), eine konkretisierende und damit ausdrucksvollere Variante der üblichen Redensart.

Das Italienische ist besonders reich an umgangs- und volkssprachlichen Redensarten, in denen die verschiedensten geringwertigen Münzen als ausdrucksvolle Sinnbilder der Wert- und Bedeutungslosigkeit benannt werden. Es ist nicht verwunderlich, dass gerade in Italien die Zahl der kleinen verachteten Scheidemünzen, die zu sprichwörtlichen negativen Wertsymbolen erhoben erscheinen, besonders gross ist. Erinnert doch diese Tatsache noch heute an jene Zeit, als das ungeeinte Italien sich aus einer Vielzahl unabhängiger Klein- oder Stadtstaaten mit eigenen Münzsystemen zusammensetzte. Wir bemerken allerdings, dass die Scheidemünzen einzelner Staaten, die in der Vergangenheit die Rolle politisch und wirtschaftlich einflussreicher Strahlungszentren gespielt haben (Toscana, Venedig, Kirchenstaat) über die engeren Landesgrenzen hinaus

symbolische Bedeutung gewonnen haben. Zu diesen Unwert verdeutlichenden Redewendungen gehören ital. *no vale un bagattino* ⁽²⁷⁾ (alte venetianische Münze = 7/20 cent.) (nach Ferrari 272, Malaspina 1,17 Morri 560, Sant'Albino 537, vgl. Pauli 254: 1761), — *un baghero* (veraltete Bezeichnung der gleichen Münze) (nach Boerio 52, Morri 623, Sant'Albino 1068), — *un bajocco* (kirchenstaatliche Kupfermünze im Werte von ca. 7 1/2 cts.) (Rigutini-Bulle, vgl. Pauli 255 und für Modena Maranesi s. v. *baiòch*), — *un bezzo* (venetianische Münze = 2 1/2 cts.) (Pauli 219: 1761, vgl. für Venedig Boerio s. v. *bezzo*), — *un centesimo* ⁽²⁸⁾ (Rigutini-Bulle, auch Meschieri 175), — *una crazia* (grossherzoglich toskanische Kupfermünze im Werte von ungefähr 7 cts.) (RiFa), — *un paracucchino* (Herkunft dunkel!) (nach Sant'Albino 8), — *una patacca* (eine zur Zeit der spanischen Herrschaft in Teilen Italiens auch dort im Umlauf befindliche spanische Münze *pataca*) (RiFa, für Piemont: Sant'Albino s. v. *patach*, Mailand: Cherubini s. v. *petacca*, Piacenza: Foresti s. v. *patacca*, Mantua: Arrivabene s. v. *pataca*, Reggio: VRI s. v. *patàcca*, Mirandola: Meschieri s. v. *patacca*, Romagna: Morri s. v. *pataca*, Bologna: Coronedi, Ferrari s. v. *pataca*, Abruzzen: Bielli s. v. *patacche*, ampezz. *el no val na pataca* [Majoni]), — *un pelacucchino* (unklare Herkunft!) (nach Boerio 590, Morri 174, Sant'Albino 499), — *un picciolo* (florentinische Scheidemünze = 7/20 cts.) (RiFa), — *un quattrino* (*moccioso*, *bucato*) (kleine Kupfermünze = 1 2/5 cts.) (RiFa, vgl. Pauli 255: 1761, Meschieri 175, ferner für Piemont: Sant'Albino s. v. *quattrin*, Romagna: Morri s. v. *quattrin*, Bologna: Coronedi s. v. *quatrein*, Korsika: Falcucci s. v. *quattrina*), — *un soldo* (ehemalige toskanische Kupfermünze im Wert von ca. 4 cts.) (RiFa, vgl. Pauli 255: 1761 und für Piemont ⁽²⁹⁾: Sant'Albino s. v. *sold*). Die Erinnerung an alte, längst ausser Kurs gesetzte Scheidemünzen bewahren ferner verschiedene der nachdrücklichen Hervorhebung von Wertlosigkeit oder Nichtswürdigkeit dienende mundartliche Redensarten wie piem. *nen valeje un doidnè fora* (= *piccola moneta antica di rame* = 2/3

(27) Vgl. für die italienischen Mundarten Boerio (s. v. *bagatin*: Venezien), Malaspina (s. v. *bagattèn*: Parma), Ferrari (s. v. *bagattino*: Bologna).

(28) Im Raum von Mirandola übersteigert man noch die Anspielung auf den geringwertigen *centesimo*, indem man sagt: *an valer un ciantèsum brusà in d'a lum* (Meschieri)!

(29) In Piemont war einst auch gebräuchlich *nen valej mes sold* (= *mezzo soldo*) (Capello).

cts.) (Sant'Albino), pav. *1 vār nánca un tuléi* (= moneta di infimo valore) (Annovazzi), mail. *no vari on ghell* (= 1 centesimo), *on ghicc* (= mezzo soldo), *on imbiaa* (= danaro) (Cherubini), — *on ghell matt* (= falso) (Pagani 919, vgl. Angiolini), piac. *an valè una bajélla* (alte sienesische Münze im Werte von etwa 7 cent.) (Foresti), mant. *an valèr on fènach* (= centesimo di lira) *brusà in dal toech* (Arrivabene), eine Erinnerung an den einstmals auch in Teilen Oberitaliens kursierenden «Pfennig», parm. *an vaier un bàu* (= bezzo), *un s'zén*⁽³⁰⁾ (Malaspina), romagn. *no valèr un scai*⁽³¹⁾ (volkssprachliche Sammelbezeichnung für geringwertige Münzen) (Morri), bologn. *an valair un gòbbi* (= lo stesso che *Bajocco*, così detto dalla zecca di Gubbio, dov'era stato coniato) (Ungarelli), abruzz. *nen vale manche nu turnése* (= tornese, moneta dell'antico regno delle Due Sicilie) (Bielli) und mol. *nen vale na prùbbreca* (= moneta borbonica = 6 cent.) (Conti 108).

Auch in der Auswahl der ihm winzigen Wert oder Bedeutungslosigkeit versinnbildlichenden Pflanzen und Früchte ist der Italiener durchaus eigene Wege gegangen. Volkstümliche Symbole der Minderwertigkeit aus der Pflanzenwelt sind der billige Knoblauch in neap. *nommale n'aglio* (Ambra) und der auch sonst in der italienischen Phraseologie nur mit Verachtung genannte Kohl in ital. *non valere un cavolo* (nach Meschieri 843). Der Saubohne begegnet man in ital. *non valere una fava* (RiFa, vgl. für Piemont Sant'Albino s. v.) und der Wolfsbohne in ital. *non valere un lupino*⁽³²⁾ (RiFa, vgl. Pauli 255: 1761, für Piemont: Capello, Sant'Albino s. v. *lu(v)in*, Mantua: Arrivabene s. v. *lom*). An andere Früchte erinnern ital. *non valer un pistacchio* («Pistaziennuss») (nach Morri 612, vgl. Pauli 254: 1761 und für die Romagna: Morri s. v. *pstacia*), — *una succiola* («in der Schale gesottene Kastanie») 1761 (Pauli 255), — *una sorba* («Vogelbeere») (nach Boerio 159, Sant'Albino 253, vgl. Pauli 255: 1761), — *una lappola* 1761 (Pauli 254). Kerne, Schalen oder Blätter einzelner Pflanzen verdeutlichen den gleichen Begriff in ital. *non valere una man di noccioli* (RiFa,

⁽³⁰⁾ Vgl. venez. *no valèr un sisin* (= piccolissima moneta veneta antica, di basso argento, del valore di due quattrini, cioè di un soldo e mezzo. Fu battuta nel 1501, sotto il Doge Leonardo Loredan, e proscritta nel 1603, perchè adulterata e fatta di puro rame) (Boerio).

⁽³¹⁾ Vgl. venez. *nol val un scheo* (= centesimo) (Piccio).

⁽³²⁾ Auch ital. *non valer due lupini* taucht gelegentlich auf (nach Malaspina I, 280).

vgl. für Parma Malaspina s. v.), piem. *nen valeje un óss d'ceresa* (Sant'Albino), venez. *no val una scòrsa*, («Rinde, Obstschale») (Rosman, vgl. für Korsika Falcucci s. v. *scórza*), ital. *non vale una lisca* («beim Brechen, Schwingen oder Hecheln des Hanfs zurückbleibende Schäbe») (nach Boerio 159, Morri 832, Sant'Albino 253, vgl. Pauli 255: 1761), ferner in ital. *non valer una buccia (di porro)* ⁽³³⁾ (RiFa), — *una fronda di porro* (nach Coronedi I, 296, Morri 623, Sant'Albino 253), — *una foglia di porro* (nach Boerio 119, Morri 560).

Die dem Worte nach auf die Feige (it. *fico*) weisenden und gelegentlich durch Hinzufügung eines Adjektivs (*secco*, *forato*) spezialisierten hoch- und volksitalienischen Wendungen sind nicht, so meine ich, als unmittelbare Anspielungen auf die Frucht und als Beweis für den von ihr in der volkstümlichen Begriffs- und Vorstellungsordnung eingenommenen Platz als negatives Wertsymbol zu betrachten, sondern stellen eine euphemistisch verschleierte Bezugnahme auf die vom Volke häufig verwendete, Verachtung oder Abwehr andeutende obszöne Geste der *fica* dar, der wir als volkstümliches Symbol des Unwerts schon auf der Pyrenäenhalbinsel begegnet sind ⁽³⁴⁾. Im italienischen Sprachbereich sagt man *non valere un fico (secco)* (RiFa), piem. *nen valeje un fi (sech, forà)* (Capello, Sant'Albino), vgl. für den Raum von Mailand: Cherubini (s. v. *figh secch*), Pagani 853, für Mantua: Arrivabene (s. v. *fich*), Venezia Giulia: Rosman (s. v. *fico seco*), Parma: Malaspina, Reg-

⁽³³⁾ Auf Korsika sagt der Volksmund *nun bale una vucchia d'agliu* («Kno-
blauch») (Falcucci).

⁽³⁴⁾ Eine andere spottende oder gar höhnende Gebärde (das gewöhnlich als *lima lima* bezeichnete, vor allem unter Kindern beliebte Aneinanderreiben der Zeigefinger) ist in ital. *non valere un ghieu* (nach Sant'Albino 1112) Sinnbild des Unwerts geworden. Diese wie auch die auf die *fica*-Gebärde Bezug nehmenden Ausdrucksweisen gehören zu jener Gruppe volkstümlicher Wendungen, die die Nichtswürdigkeit einer Person dadurch verdeutlichen, dass selbst die bescheidenste Geste der Verachtung als bei ihr nicht mehr verlohrend bezeichnet wird. Hier wäre auch an die umgangssprachliche italienische Redewendung zu erinnern, bei der auf die mit Daumen und Mittelfinger ausgeführte, Geringschätzung ausdrückende Schnappgeste (*frullo*) angespielt wird: *non valere un frullo* (seltener *una frulla*) (nach Ferrari 272, Sant'Albino 499, VRI II, 347), vgl. mail. *no vari on zicch* (= *frullo*) (Cherubini) und auch bologn. *en valéir un stiaf* («Ohrfeige») (Coronedi), mail. *no vari ona s'giatta, on s'giatton* («Maulschelle») (Cherubini), — *on fânfer* (= *burla*, *scherzo*) (Angiolini).

gio: VRI, Romagna: Morri, Bologna: Coronedi, Ferrari (s. v. *figh*) und Sizilien: Pitre III, 245.

Verhältnismässig spärlich sind in Italien die dem Tierreich entnommenen oder auf Teile des tierischen Körpers anspielenden negativen Wertsymbole, man findet venez. *nol val una cazzopa* («Klepper»), *do schiame* («Fisch- oder Schlangenschuppen») (Boerio), ital. *non valere un corno* (RiFa, vgl. für Piemont: Sant'Albino s. v. *corn*, die Val Sesia: Tonetti s. v. *cornu*, Genua: Frisoni s. v. *corno*, Mailand: Cherubini s. v. *corn*, Parma: Malaspina s. v. *còren*, Bologna: Coronedi s. v. *coren*)⁽³⁵⁾, mail. *no vari on coo de reugh* («Häring») (Cherubini, Pagani 853), ferner ital. *non valere un pelo* (nach Sant'Albino 567, vgl. Pauli 255: 1761), piem. *nen valeje una ciôca* («Haarbüschel») (Sant'Albino, vgl. für Mailand: Cherubini s. v. *ciocca*, Val Antrona: Nicolet s. v. *ciôka*).

Angesichts der gerade dem Südromanen eigenen natürlichen Bedenkenlosigkeit gegenüber der Erwähnung der gemeinhin als unsagbar geltenden körperlichen Organe und Funktionen ist es nicht weiter verwunderlich, dass verschiedentlich die negativen Wertsymbole diesem Vorstellungsbereich entnommen werden. Derb, aber von kaum zu überbietender Deutlichkeit sind piem. *nen valeje un stronss* (=stronzolo), *un casso* (=cazzo!) (Sant'Albino) mant. *an valèr on cas* (Arrivabene), venez. *nol val un scatà* (=merda) (Boerio), parm. *an valèr una cagada, un fütter* (=frz. foutre) (Malaspina), romagn. *non valer un capar* (=cazzo) (Morri), bologn. *en valèir una merda, un caz* (Coronedi), ancon. *nun valé un cazo* (Spòtti), vgl. venez. *nol val un stranùo* (=starnuto) (Boerio, für Bologna Coronedi s. v. *stranud*) und die in ihrem Vorstellungsgehalt ausgesprochen französisches Gepräge zeigende Ausdrucksweise von Korsika *un bale una cueghja* (=coreggia, peto) *di sumere* (=so-maro) (Falcucci, vgl. S. 9).

Auch im Italienischen fehlen naturgemäss jene volkstümlichen Redensarten nicht, in denen einzelne minderwertige, unbrauchbare oder niemals sonderlich beachtete Gegenstände als Inbegriff des Unwerts angesprochen werden. Zu ihnen gehören ital. *non valere una stringa* («Schnürsenkel») (nach Boerio 638, Sant'Albino 272),—

⁽³⁵⁾ Ich halte es nicht für ausgeschlossen, dass sich hinter diesen Wendungen der Gedanke an die in Italien beim Volke sehr beliebte abwehrende Horngeste (*le corna*) verbirgt, vgl. M. L. Wagner in *Donum natalicium Carolo Jaberg* S. 103 ff.

un puntale di stringa (d'aghetto) («Metallzwinge am Schnürsenkel») 1761 (Pauli 255), piem. *nen valeje un boton* ⁽³⁶⁾ Sant'Albino, vgl. für Molise Conti 109), kors. *nun bale un frillu* (Falcucci), das auf die niedrigste Karte im *Cinquecento* — Spiel anspielt. Fetzen und Lappen verschiedener Art sind in Italien als negative Wertsymbole beim Volke sehr beliebt, man sagt ital. *non valere un biracchio* (nach Malaspina III, 296, VRI II, 130), — *un brandello* (nach Sant'Albino 8, VRI II, 130), — *un brano* (nach Sant'Albino 897, VRI II, 130), — *uno straccio* (nach Ferrari 507, Malaspina III, 296, Sant'Albino 8, VRI II, 130, vgl. für Mailand: Cherubini s. v. *strascia* und Piacenza: Foresti s. v. *strazza*), mail. *no vari òna svérza* (Cherubini, vgl. Angiolini). In diesem Zusammenhang müssen auch die folgenden, in ihrem Vorstellungsgehalt lebhaft an französische Redensarten erinnernden Wendungen genannt werden: ital. *non valer le brache d'un impiccato* (nach Malaspina IV, 361), bologn. *en valèir (gnanch) el bragh d'un impicà* (Coronedi, vgl. Ferrari), ferner venez. *no! val i so pecai* (= peccati) (Boerio).

Auch im italienischen Sprachgebrauch begegnen jene umgangs- und volkssprachlichen Wendungen, in denen das winzige Quantum Tabak, die einen Pfeifenkopf füllende geringe Menge des edlen Krauts oder der achtlos fortgeschleuderte Stummel Unwert und Nichtswürdigkeit symbolisieren: ital. *non valere un mezzo sigaro* (RiFa), — *una cicca* (nach Ferrara 507, Meschieri 843, VRI II, 130, für Bormio: Longa s. v. *cika*, Pavia: Annovazzi s. v. *cica*, Mailand: Pagani 920, Ancona: Spòtti s. v. *ciga*), piem. *val nen una pi (p)a d'tabach* (Sant'Albino), gen. *no vai ùnn-a pippà de tabacco* (Frisoni, vgl. für den Raum von Piacenza: Foresti, Mantua: Arrivabene, Parma: Malaspina, Reggio: VRI, Romagna: Morri, Bologna: Coronedi), mail. *no vari (nanca) ona presa de tabacch* (Cherubini), venez. *no valèr una pipa* (Boerio) und bologn. *en valèir una fumà d'tabach* (Coronedi).

Eine phraseologische Eigenheit des italienischen Sprachgebrauchs stellen jene sprichwörtlichen Redensarten dar, in denen ein einzelner Buchstabe, ein Schriftzeichen oder die Null als negative Wertsymbole benannt werden. Als solches gilt die als Anlautkonsonant aus dem Italienischen fast verschwundene und darum als bedeutungsloser Bestandteil des Alphabets angesehene *acca* (vgl.

(36) Von Piemont aus ist diese Ausdrucksweise italienischen Ursprungs auch ins Aosta-Tal gewandert, vgl. S. 10.

ZRPh XL, 218 und REW 3965a): *non valere un'acca* (nach Boerio 2, Ferrari 272, Malaspina I, 17, Morri 9, Sant'Albino 8, VRI II, 91, vgl. für Piemont: Sant'Albino, Genua: Frisoni, Mailand: Cherubini, Angiolini, Mantua: Arrivabene, Parma: Malaspina, Romagna: Morri, Bologna: Ferrari, Coronedi, Venezien: Boerio), vgl. die aus ähnlichen Gedankenassoziationen entwickelte spanische Wendung des 17. Jahrhunderts (*una buscona*) *más fea que la K del A, B, C* 1643 (NBAE XVIII, 761). Die gleiche Rolle spielt in der italienischen Phraseologie der *ette*, Bezeichnung des anspruchslosen Sigels «&», vgl. L. Spitzer ZRP XL, 704: *non valere un ette* (Rigutini-Bulle, vgl. Pauli 254: 1761, für Piemont: Sant'Albino, Val Sesia: Tonetti, Mailand: Cherubini, Mantua: Arrivabene, Venezien: Boerio), vgl. piem. *nen valeje una gîtra* («Zahlzeichen») (Sant'Albino). Auch die Null erfüllt im Italienischen eine ähnliche symbolische Funktion: *non valere uno zero* (RiFa, vgl. für das 18. Jhdt. Pauli 255⁽³⁷⁾), für den Raum von Modena: Maranesi und Bologna: Ferrari, Coronedi)⁽³⁸⁾.

Die rätoromanischen Wortsymbole des Unwerts sind zum Teil von besonderer Eigenart, man schöpft zwar auch in der Rätoromania die Sinnbilder aus den schon umrissenen grösseren Vorstellungsbereichen, verfährt aber in der Auswahl der einzelnen Wert- und Bedeutungslosigkeit symbolisch repräsentierenden umweltlichen Erscheinungen durchaus eigenwillig. Hier wären zu nennen rätor. *que nun vela niaunch'ün heller* (Pallioppi), *nun valair ün fastüj* («Grashalm») (ASR XXVI, 255), *el non vela ün s'chavizun* («der von der Faser entblösste Hanfstengel»), *què nun vela niaunch'ün frievel* («kleines Teigstückchen») (Pallioppi). Es ist auf den ersten Blick überraschend, in der Rätoromania ausserdem Wendungen zu begegnen, die in ihrem bildlichen Gehalt eindeutig nach Frankreich weisen wie *non vela ils (quatter) fiers d'ün chan* (Pallioppi, ASR XXVI, 254), *nun valeir la corda* (ASR XXVI, 254), *valer betg la suga da pendersei* (ASR XXVI, 255), vgl. S. 104, 107; ich sehe in dieser erstaunlichen Parallelität einen deutlichen Beweis für ein auch in anderen Erscheinungen sprichwörtlicher Ausdrucks-

(37) Pauli überliefert (S. 219) mit *non vale uno zero cancellato* noch eine im 18. Jahrhundert gebrauchte übersteigernde Variante dieser Ausdrucksweise.

(38) Diese Wendung typisch italienischer Prägung ist auch im Frankoprovenzalischen des Aosta-Tals heimisch: *te vâ pâ un zéro* (Cerlogne).

weise⁽³⁹⁾ sich abzeichnendes gleichgerichtetes allgemeines Empfinden gegenüber den umweltlichen Gegebenheiten, das wiederum gewisse Rückschlüsse auf frühgeschichtliche völkische Zusammenhänge zwischen diesen beiden Teilen der Romania nicht unberechtigt erscheinen lässt. Der ständige Druck, den das Italienische seit langem auf den rätoromanischen Sprachbereich ausübt, hat dazu geführt, dass dort auch negative Wertvergleiche eigentümlich italienischer Prägung sich eingebürgert haben: *què nun vela üna pipa d'tabac* (Pallioppi, vgl. für Friaul: Pirona), *valer betg ina pippa tubac arsa, nun valair üna püppa tabac* (ASR XXVI, 255). Besonders deutlich macht sich die Durchsetzung des bodenständigen Sprachgebrauchs mit phraseologischen Italianismen naturgemäss im Friaul bemerkbar, das dem Zugriff des Italienischen sehr viel mehr ausgesetzt gewesen ist als das in Alpentälern sich beharrlich verteidigende Bündnerische und Dolomitische. So begegnen im Friaul *nol vâl un bagatîn, un centesim (mat)*⁽⁴⁰⁾ und die mit südromanischer Derbheit geladenen Redensarten *nol vâl une busignole* (=ano), *un pêt, un câz(zissim)* (=pene), *une mone* (=vulva) (Pirona). Als eigenartige volkstümliche Redewendungen des Friaul, die sich aber ebenfalls in den üblichen bereits gekennzeichneten grösseren Vorstellungsbereichen bewegen, sind zu nennen *nol vâl un cai* («Schnecke»), *un cali* (=caglio), *une favete* (=fave secche aile quali è tolta la buccia), *tre còculis* («Nüsse») (Pirona).

Hamburg.

R. OLBRICH

Quellen- und Abkürzungsverzeichnis

- Aguiló i Fuster, M., «*Diccionari Aguiló*». Materials lexicogràfics. Barcelona 1915/34.
 Alc = A. Ma. Alcover, F. de B. Moll, *Diccionari català-valencià-balear*. Palma de Mallorca 1930 ff.
 Ambra, R. d', *Vocabolario napolitano-toscano domestico di arti e mestieri*. Napoli 1873.
 Angiolini, F., *Vocabolario milanese-italiano*. Milano 1897.

(39) Ich werde im Rahmen einer abgeschlossenen umfassenden Gesamtdarstellung der volkstümlichen romanischen Vergleichsgebung auf dieses phraseologisch-volkskundliche Problem noch zurückkommen.

(40) Friaul. *nol vâl un carantân* («ehemals in Kärnten umlaufende Scheidemünze im Werte von 5 Cts.») (Pirona) birgt eine Erinnerung an die Handelsbeziehungen, die einst den italienischen Nordosten mit Kärnten verbanden.

- Annovazzi, A., *Nuovo vocabolario pavese-italiano*. Pavia 1934.
- AQ = S. y J. Alvarez Quintero, *Teatro completo*. Madrid 1924 ff.
- ARM = A. Ma. Alcover, *Aplech de rondayes mallorquines*. Palma 1896/1935.
- Arnaud, F., Morin, G., *Le langage de la Vallée de Barcelonnette*. Paris 1920.
- Arrivabene, F., *Vocabolario mantovano-italiano*. Mantova 1882.
- ASR = *Annalas della società reto-romantscha*. Cuera.
- Beinhauer, W., *Spanische Umgangssprache*. Berlin-Bonn 1930.
- Bielli, D., *Vocabolario abruzzese*. Casalbordino 1930.
- Bladé, J.-F., *Contes populaires de la Gascogne*. Paris 1886.
- Boerio, G., *Dizionario del dialetto veneziano*. Venezia 1829.
- BSLW = *Bulletin de la Société de Littérature Wallonne*. Liège.
- BTP = *Biblioteca de Tradicions Populars*. Barcelona 1933 ff.
- C = G. Correas, *Vocabulario de refranes y frases proverbiales*. ed. Madrid 1924.
- Capello, L., *Dictionnaire portatif piémontais-français*. Turin 1814.
- Casares, J., *Diccionario ideológico de la lengua española*. Barcelona 1942.
- Cassano, J., *La vie rustique et la philosophie dans les proverbes et dictons valdôtains*. Turin-Aoste 1914.
- CD = A. Constantin, J. Désormaux, *Dictionnaire savoyard*. Paris-Annecy 1902.
- Cejador = J. Cejador y Frauca, *Frasesología o estilística castellana*. Madrid 1921/25.
- Cerlogne, J.-B., *Dictionnaire du patois valdôtain*. Aoste 1907.
- CG = Cels. Gomis, *Zoologia popular catalana*. Barcelona 1910.
- Cherubini, F., *Vocabolario milanese-italiano*. Milano 1839/56.
- Conti, O., *Letteratura popolare capracottese*. 2.^a ed. Napoli 1911.
- Corneau, H., *Terroirs Mauges. Miettes d'une vie provinciale*. Paris 1912.
- Coronedi Berti, C., *Vocabolario bolognese-italiano*. Bologna 1869/74.
- Dambielle, H., *Nos proverbes gascons*. Albi-Auch 1914/26.
- DHLE = Academia Española. *Diccionario histórico de la lengua española*. Madrid 1933 ff.
- Diot, A., *Le patois briard*. Provins 1930.
- DM = R. Caballero, *Diccionario de modismos*. Madrid 1905.
- DN = F. Deprêtre, R. Nopère, *Dictionnaire du wallon du centre (La Louvière)*. La Louvière 1942.
- Donum natalicium Carolo Jaberg Messori indefesso sexagenario*. Zürich-Leipzig 1937.
- DR = J. Ma. Sbarbi, *Diccionario de refranes, adagios, proverbios, modismos, locuciones y frases proverbiales de la lengua española*. Madrid 1922.
- Duraffour, A., *Lexique patois-français du parler de Vaux-en-Bugey (Ain)*. Grenoble 1941.
- F = E. Rolland, *Faune populaire de la France*. Paris 1877/1911.
- Falcucci, F. D., *Vocabolario dei dialetti, geografia e costumi della Corsica*. Cagliari 1915.
- FC = Fernán Caballero, *Obras completas*. Madrid 1893/1914.
- Ferrari, C. E., *Vocabolario bolognese-italiano*. 2.^a ed. Bologna 1835.

- Figueiredo, C. de, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 5.^a ed. Lisboa 1937 ff.
- Fl = E. Rolland, *Flore populaire*. Paris 1896/1914.
- FL = J. da Fonseca Lebre, *Locuções e modos de dizer usados na província da Beira Alta*. Lisboa 1924.
- Foresti, L., *Vocabolario piacentino-italiano*. Piacenza 1836.
- Frisoni, G., *Dizionario moderno genovese-italiano*. Genova 1910.
- G = W. Gottschalk, *Die sprichwörtlichen Redensarten der französischen Sprache*. Heidelberg 1930.
- García Icazbalceta, J., *Vocabulario de mexicanismos*. México 1905.
- Godefroy, F., *Dictionnaire de l'ancienne langue française*. Paris 1880-1902.
- Gottschalk, W., *Die bildhaften Sprichwörter der Romanen*. Heidelberg 1935/38.
- Guillemaut, L., *Dictionnaire patois*. Louhans 1894/1902.
- Haust, J., *Dictionnaire liégeois*. Liège 1929/33.
- Hombres, M. d', Charvet, G., *Dictionnaire languedocien-français*. Alais 1884.
- Jacob, L., *Recueil de farces, soties et moralités du 15^e siècle*. Paris, Garnier, o. J.
- Jaubert, *Glossaire du centre*. 2^e éd. Paris 1864.
- JL = L. J(acquelot), L. L(ex), *Le langage populaire de Mâcon et des environs*. Mâcon 1926.
- Joret, C., *Essai sur le patois normand du Bessin*. Paris 1881.
- Labernia y Esteller, P., *Diccionari de la llengua catalana*. Barcelona, Espasa, o. J.
- Lar = Larousse du XX^e siècle. Paris 1928/33.
- Leroux, P. J., *Dictionnaire comique, satyrique, critique, burlesque, libre et proverbial*. Nlle. éd. Pampelune 1786.
- Lescale, P., *Recherches et observations sur le patois du Quercy (dialecte de Cahors et environs)*. Cahors 1923.
- Litré, E., *Dictionnaire de la langue française*. Paris 1889/97.
- Longa, G., *Vocabolario bormino*. Roma 1912.
- LP = *A língua portuguesa*. Lisboa.
- Majoni, A., *Cortina d'Ampezzo nella sua parlata*. Forlì 1929.
- Malaret, A., *Diccionario de americanismos*. 2.^a ed. San Juan (Puerto Rico) 1931.
- Malaspina, C., *Vocabolario parmigiano-italiano*. Parma 1856/59.
- Maranesi, E., *Vocabolario modenese-italiano*. Modena 1893.
- Meschieri, E., *Nuovo vocabolario mirandolese-italiano*. Imola 1922.
- MLN = *Modern Language Notes*. Baltimore.
- Moisy, H., *Dictionnaire de patois normand indiquant particulièrement tous les termes de patois en usage dans la région centrale de la Normandie*. Caen 1887.
- Morri, A., *Vocabolario romagnolo-italiano*. Faenza 1840.
- NBAE = *Nueva Biblioteca de Autores Españoles*. Madrid.
- Nicolet, N., *Der Dialekt des Antronatales*. Halle 1929.
- Noriega Varela, *Como falan os brañegos*. Serie 1. A Cruña 1928.
- Nós. Orense.

- Od = L. Odin, *Glossaire du patois de Blonay*. Lausanne 1910.
- P = S. Palay, *Dictionnaire du béarnais et du gascon modernes*. Pau 1932.
- Pagani, S., *I proverbi milanesi coll'aggiunta dei più caratteristici modi di dire del dialetto milanese*. Milano 1943.
- Pallioppi, Z. und E., *Dizionario dels idioms romauntschs d'Eingiadin' eta e bassa, della Val Müstair, da Bravuogn e Filisur*. Samedan 1895.
- Pauli, S., *Modi di dire toscani, ricercati nella loro origine*. Venezia 1761.
- Pereda, J. de, *Obras completas*. Madrid, Tello.
- Perestrello da Camara, P., *Colecção de provérbios, adágios, rilaos anexins, sentenças moraes e idiotismos da lingua portuguesa*. 2.^a ed. Rio de Janeiro 1847.
- PG = B. Pérez Galdós, *Obras completas*. Madrid 1941.
- Piccio, G., *Dizionario veneziano-italiano*. 2.^a ed. Venezia 1928.
- Picot, E., *Recueil général de sotties*. Paris 1902/12.
- Pirona, G. A., Carletti, E., Corgnali, G. B., *Il nuovo Pirona. Vocabolario triulano*. Udine 1935.
- Pitrè, G., *Usi e costumi, credenze e pregiudizi del popolo siciliano*. Palermo 1889.
- Queyrat, L., *Le patois de la région de Chavanat*. 2^e partie: *Vocabulaire patois-français*. Guéret 1927.
- R = P. Roman, *Lei Mount-Joio. Vocabulàri dei prouvérbis e loucucien prouverbialo de la lenga prouvençalo*. Bd. 1. Avignon 1908.
- Raynouard, M., *Lexique roman ou Dictionnaire de la langue des troubadours*. Paris 1844.
- RHI = *Revue hispanique*. New York-Paris.
- RHP = *Revue des Hautes-Pyrénées*. Tarbes.
- RiFa = Rigutini e Fanfani, *Vocabolario italiano della lingua parlata*. 70. Tsd. Firenze, Barbèra, o. J.
- Rigutini, G., Bulle, O., *Neues italienisch-deutsches Wörterbuch*. Leipzig-Mailand 1897.
- RL = *Revista Lusitana*. Porto.
- RLR = *Revue des langues romanes*. Montpellier-Paris.
- Rosman, E., *Vocabolario Veneto Giuliano*. Roma 1922.
- Salvat = *Diccionari de la llengua catalana*. Barcelona, Salvat, o. J.
- Sant'Albino, V. di, *Gran dizionario piemontese-italiano*. Torino 1859.
- Sauvages, *Dictionnaire languedocien-français suivi d'une collection de proverbes languedociens et provençaux*. Nlle. éd. Alais 1820/21.
- Sbarbi s. v. DR.
- Sg = L. Segovia, *Diccionario de argentinismos, neologismos y barbarismos*. Buenos Aires 1911.
- Sol, E., *Le vieux Quercy*. Aurillac 1930.
- Spoleto, M. A. de, *Cantares da minha terra*. Porto 1935.
- Spòtti, L., *Vocabolario anconitano-italiano*. Genève 1929.
- TF = F. Mistral, *Lou tresor dou Felibrige ou Dictionnaire provençal-français*. Aix 1878/9.
- Timmermans, A., *L'argot parisien*. Paris 1922.
- Tonetti, F., *Dizionario del dialetto valsesiano*. Varallo 1894.

TP = A. Thomaz Pires, *Setecentas comparações populares alentejanas*. Espozende 1892.

Trueba, A. de, *Narraciones populares*. Leipzig 1875.

Ungarelli, G., *Vocabolario del dialetto bolognese*. Bologna (1901).

Vayssier, *Dictionnaire patois-français du département de l'Aveyron*. Rodez 1879.

VLD = Viollet Le Duc, *Ancien théâtre français*. Paris 1854/57.

VO = Verrier-Onillon, *Glossaire des patois et des parlers de l'Anjou*. Angers 1908.

VRI = *Vocabolario reggiano-italiano*. Reggio 1832.

Z = L. Zéliqzon, *Dictionnaire des patois romans de la Moselle*. Strasbourg 1922/24.

ZRPh = *Zeitschrift für romanische Philologie*. Halle.

NARIS «nez» et NASUS en roumain

Un problème de méthode

Jules Gilliéron a eu pleinement raison lorsqu'il a répondu aux critiques injustes apportées à son questionnaire par l'affirmation suivante : «L'établissement du questionnaire... pour être sensiblement meilleur, aurait dû être fait après l'enquête» (*Pathologie et thérapeutique verbale*, I, Neuveville, 1915, p. 45).

En effet, aucun dialectologue de bonne foi ne pourra jamais affirmer *a priori* quels peuvent être les mots (ou les phrases) les plus dignes de figurer parmi les demandes d'un questionnaire, dont le but est de donner une vue d'ensemble des parlers d'une langue quelconque.

Malgré toutes les précautions prises, tous les enquêteurs ont constaté, une fois les enquêtes terminées, de regrettables lacunes dans leur questionnaire. On ne doit donc considérer les opinions forgées dans le bureau de travail par certains dialectologues contemporains que comme des suppositions hardies, privées de l'appui indispensable que fournissent les données linguistiques, dûment contrôlées sur place.

Je me propose d'examiner un seul exemple offert par mes recherches sur place pour l'Atlas linguistique roumain. Il s'agit du lat. NARIS qui conserve, en roumain (et dans d'autres langues romanes), de nos jours, la signification de «nez» à côté de celle de «narine».

Les dialectologues le savent bien — il s'agit d'une des vérités banales qu'on doit parfois répéter — que dans un questionnaire visant la connaissance des parlers populaires, chaque demande réclame une rédaction très précise, afin d'obtenir des résultats pouvant compenser la fatigue et le temps nécessaire pour ce genre de recherches scientifiques. On ne peut guère encombrer un questionnaire de demandes inutiles ou peu «fructueuses» au point de vue linguistique au détriment des questions qui auraient pu apporter un

résultat plus abondant. Pour se rendre compte du laps de temps que réclame à un enquêteur une demande du questionnaire, il suffit de faire le calcul suivant : s'il faut au moins trente secondes pour poser au sujet la demande et pour enregistrer la réponse, on doit employer à peu près une heure et demie de travail continu pour une enquête qui embrasse trois cents localités, comme ce fut le cas pour mes relevés roumains.

Afin de réaliser une enquête dans le délai le plus bref possible, l'on est obligé de réduire avant tout le nombre des demandes. Cette réduction est imposée non seulement par le temps, mais aussi par les moyens financiers dont on peut disposer pour faire des recherches linguistiques sur place qui s'avèrent assez coûteuses ⁽¹⁾.

C'est une chose bien connue qu'une enquête sur place ne doit pas durer trop longtemps, car les parlers des localités explorées, pour qu'ils soient strictement comparables au point de vue linguistique, doivent être étudiés, autant que possible, à la même époque. Si l'enquête dure trop, les matériaux linguistiques ramassés ne présenteront pas le même degré de simultanéité. Et il peut arriver parfois que le territoire étudié au commencement de l'enquête subisse, entre temps, d'importants changements sociaux et politiques qui se refléteront sur l'aspect linguistique des parlers et produiront souvent de profondes altérations dans la structure des patois, par des déplacements de population, par de différentes superpositions ethniques ou par des immigrations, etc. La dernière guerre offre, à ce sujet, un exemple concluant.

La réduction des demandes d'un questionnaire à un contingent utile devient souvent un travail délicat qui se répercute d'une façon nuisible sur les résultats que l'on veut atteindre.

Malgré les précautions prises à cet égard (cf. mon article dans la *Rev. port. de filol.*, vol. I, t. I, p. 281 et ss.), je suis en mesure de constater, une fois l'enquête terminée, qu'il y a, dans mon questionnaire, une série de demandes que je peux considérer comme superflues, par rapport à leur rendement. Parmi celles-ci, un bon

⁽¹⁾ Qu'il me soit permis d'avouer que j'ai fait l'enquête pour les parlers de 301 communes roumaines sans aucune indemnité : les subsides obtenus pour l'Atlas par le Musée de la langue roumaine de Cluj (Transylvanie) furent employés pour les frais de voyage et pour les honoraires accordés aux informateurs, qui devaient être dédommagés pour le temps consacré à l'enquête (d'ordinaire trois jours).

nombre appartient aux membres du Musée de la langue roumaine qui m'ont demandé d'insérer dans mon questionnaire des mots (ou des phrases) dont ils désiraient connaître l'emploi et la fréquence (cf. *ib.*, p. 283).

Il y a, en outre, une autre série de demandes dont l'absence dans mon questionnaire doit être regrettée vivement (cf., *ib.*, p. 286, note 3). Pour remédier à ces lacunes, j'ai essayé, dès le début, de les combler autant que possible. Les rectifications cependant étaient efficaces seulement au commencement de mes enquêtes, lorsqu'il m'était encore possible de retourner dans les localités une fois étudiées. La distance et les frais rendirent plus tard impossible le retour requis par plusieurs problèmes linguistiques dont l'importance ne s'était pas manifestée lors des premières enquêtes.

Au moment de l'élimination des demandes considérées comme presque inutiles, le mot *nas* «nez» fut rayé de mon questionnaire, parce que, selon toute vraisemblance, il devait être le même au point de vue lexicologique dans toutes les régions soumises à la recherche.

Mon but, en rédigeant personnellement le questionnaire de l'Atlas roumain, n'était guère celui de pêcher les mots qui dorment tranquillement dans le tréfonds du cerveau des patoisants, mais, tout au contraire, celui de donner aux chercheurs des données linguistiques dignes de toute confiance : des instantanés linguistiques, obtenus avec l'exactitude la plus grande et avec le soin le plus vigilant, en enregistrant tous les états d'âme de chaque informateur placé devant une demande bien rédigée et précise, à laquelle il devait répondre à son gré et selon ses connaissances.

Les soi-disant *vieux mots de terroir* ne pouvaient pas retenir mon attention, car, pour les recueillir, il fallait disposer d'un temps qui pouvait être mieux employé à ramasser des mots courants ou des phrases caractéristiques du roumain. D'ailleurs, on le sait très bien, l'enquêteur d'un Atlas n'arrivera jamais à faire surgir tous les mots qui vivent dans les hameaux isolés et très éloignés des voies de communications : ces mots «savent» échapper à l'enquêteur et tomberont peut-être dans les mailles du filet d'un pêcheur de vieux vocables.

J'avoue donc n'avoir pas donné l'importance méritée à l'attestation faite par G. Weigand (dans le *Jahresbericht des Inst. f. rum. Sprache*, t. VI, 1899, p. 78 ; cf. aussi t. III, 1896, p. 178 ; t. IV, 1897, p. 329) qui, pendant ses enquêtes dans le Banat (où le mot n'est

pas attesté par mes recherches) et dans la Transylvanie occidentale, avait enregistré le mot *nare* avec la signification de «nez» (2).

En ayant le mot *nas* «nez», j'ai laissé toutefois dans mon questionnaire, parmi les termes relatifs au corps humain, une demande concernant la narine (roum. *nare* ; la demande n.º 52).

Grâce au fait que mes enquêtes ont commencé en Transylvanie et que j'ai pratiqué, au lieu du système de la traduction des mots de la langue littéraire, la méthode des *demandes indirectes* avec gestes à l'appui (cf. *Rev. port. de filol.*, o. c., pp. 293-297), je me suis vite aperçu de la nécessité de réhabiliter dans mon questionnaire le mot *nas* «nez», étant donné qu'une bonne partie de la Transylvanie occidentale désigne par le mot *nare* cette partie du corps humain.

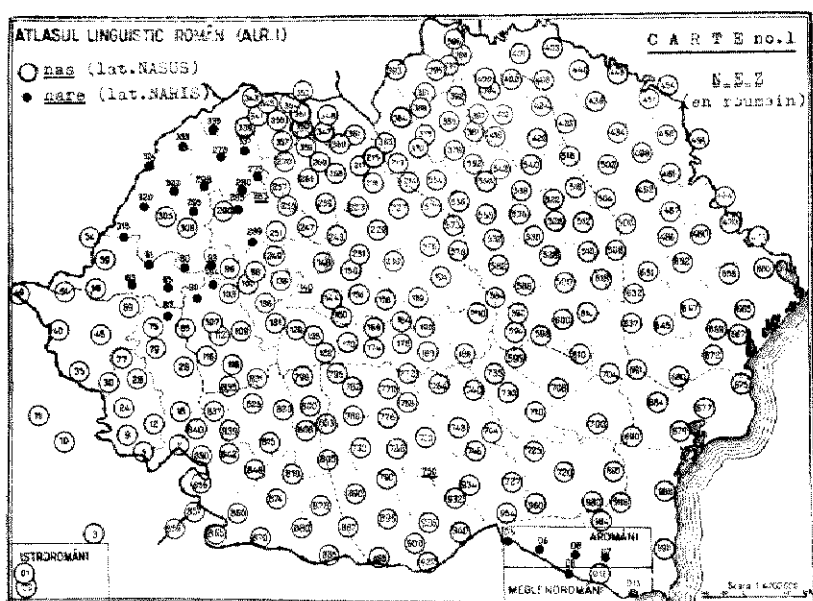
En effet, au lieu de demander : Comment appelez-vous, dans votre patois, la *nare* «narine» ?, j'ai fait mine de m'enfoncer le doigt dans une narine, disant aux informateurs : Comment appelez-vous cette partie du corps ? Dans les réponses obtenues, la narine n'était pas appelée *nare* ; les informateurs avaient donné d'autres mots (cf. la carte n.º 1) qui étaient complétés par *de nare*, c'est-à-dire «du nez».

Ces réponses m'ont incité à réintégrer dans mon questionnaire le mot *nas* «nez», sans pouvoir cependant le placer parmi les termes désignant le corps humain, mais à la fin de mon questionnaire, à côté d'autres vocables jusqu'alors méconnus.

En procédant de la sorte, je suis en mesure de renseigner les dialectologues romans sur l'état actuel des mots *nas* «nez» et *nare* «nez» d'une part et «narine» du romain d'autre part (cf. aussi, à ce sujet, mes premières observations publiées dans la *Rev. de ling. rom.*, t. IX, 1933, pp. 89-90 et 105), dont les aires de survivance sont illustrées par deux cartes (n.º 1 et n.º 2).

Sur la troisième, je présente les mots employés par les patois ou les langues romanes pour désigner le «nez». (V. pag. 135).

(2) G. Weigand affirme (*ib.*, t. VI, 1899, p. 78) que les Aroumains n'emploient que le mot *nare* pour désigner le nez. — I. Dalametra, dans son *Dictionar macedo-român* (Bucureşti, 1906, p. 143), mentionne *nare* avec la signification de «nez» et *nas* avec celle de «bout pointu des sandales». — St. Mihăileanu, dans son *Dictionar macedo-român* (Bucureşti, 1901, p. 336) donne des exemples qui indiquent le même sens : *are nare ca condil'u* «il a un nez comme un crayon» (pointu). — Cf. aussi G. Pascu, *Dictionnaire Étymologique macédo-roumain* (Iasi, 1925), t. I, p. 123. — Mon ami M. Ruffini a vérifié pour moi à Turin quelques-unes de ces références ; qu'il veuille bien agréer mes remerciements !



1. Nas (du lat. NASUS) en roumain

Les réponses présentées d'une façon schématique sur la première carte ⁽³⁾ furent obtenues par moi grâce au geste suivant : j'ai montré mon nez, et j'ai demandé aux informateurs : Comment l'appellez-vous ?

Pour obtenir le pluriel, j'ai montré mon nez et celui de mon informateur, en demandant : Comment appelez-vous tous les deux ?

Je suis pleinement convaincu que si j'avais employé la méthode de la traduction du mot *nas* en patois, l'aspect de cette carte eût été tout autre, car les informateurs auraient sûrement reproduit tout simplement le mot prononcé par moi, étant donné que le mot *nare*, avec la significations de «nez», s'achemine rapidement vers sa complète disparition.

⁽³⁾ Cette carte fut publiée par moi, sans aucun commentaire, dans le 1er vol. du *Mical Atlas linguistic român*, Cluj, 1938, la carte n.º 37. Les aires des types lexicologiques sont illustrées cependant par des couleurs différentes. La carte est la quinzième parmi celles concernant des demandes dont les matériaux ne seront présentés que sous forme d'informations sommaires, c'est-à-dire sans que les réponses soient complètement reproduites.

Les types lexicologiques et les formes morphologiques obtenus

A. Pour le mot NAS «nez»

a) Formes du singulier

LA FORME *nas*. — Cette forme, représentant le lat. *NASUS*, est la plus employée par la plupart des parlers du dialecte daco-roumain, situés sur le territoire de la Roumanie et dans les régions limitrophes.

L'aire de cette forme, marquée sur la carte par des cercles qui entourent les chiffres indiquant le nom des localités enquêtées, couvre presque tout le territoire étudié, depuis la Vallée de Morava (Serbie, point 3 sur la carte) et la région de Timok (Bulgarie, point 859) jusqu'au delà de Dniester, constituant ainsi une aire lexicologique parfaitement cohérente⁽¹⁾.

Les Roumains qui habitent l'Istrie, de même qu'une partie des Mèglénoroumains, emploient, eux-aussi, la même forme⁽²⁾.

Il faut remarquer que le mot *nas* «nez», au bord occidental de son aire, se trouve aux prises avec le mot *nare* «nez», et comme

(1) Pour connaître le nom des localités indiquées sur la carte par des chiffres, il faut consulter la première carte publiée par moi dans *Atlasul linguistic român I* (Cluj, 1938), de même que l'introduction du 1^{er} volume de *Micul Atlas linguistic român I* (o. c.), pp. 36-44.

(2) Chaque carte de l'Atlas linguistique roumain présente, non seulement des réponses concernant les parlers du dialecte daco-roumain, c'est-à-dire celui parlé en Roumanie et dans les pays limitrophes, mais aussi celles concernant les trois autres dialectes de la langue roumaine :

1.^o L'*aroumain* ou le macédo-roumain (placé sur la carte toujours en bas et à droite, sous le titre *Aromâni* «Aroumains») est parlé de nos jours par environ 300.000 individus qui habitent différentes régions de l'Albanie, de la Bulgarie, de la Grèce et de la Yougoslavie.

2.^o Le *mègléno-roumain* (en bas et à droite de chaque carte, sous le titre *Meglenoromâni* «Mègléno-roumains») est parlé par environ quinze mille Roumains habitant dans une région près du fleuve Vardar, au nord de Salonique, sur territoire grec et yougoslave. Une partie de ces Roumains fut colonisée en Dobroudja après la première guerre mondiale; l'autre partie — constituée par des individus devenus musulmans — fut transplantée en Turquie, avec les Turcs, lors du déplacement de la population musulmane des pays balkaniques. On ne peut pas préciser aujourd'hui le nombre des Roumains restés encore sur place.

3.^o L'*istiro-roumain* (en bas et à gauche de chaque carte, sous le titre *Istro-români* «Istro-roumains») est parlé aujourd'hui par environ 2500 individus habitant l'Istrie orientale, dans les environs de la ville d'Abbazia.

témoignage de cette lutte on doit considérer la réponse «*nas* et *nari*» donnée pour «*nez*» par l'informateur de la localité n.º 90 (cf. aussi, plus bas, les formes du mot *nare*).

b) Formes du pluriel

Les formes de pluriel du mot *nas* (qui ne sont pas indiquées sur la carte n.º 1) méritent d'être signalées, puisqu'elles illustrent différents aspects de la morphologie du roumain. Elles sont les suivantes :

1.º La forme féminine *nasuri* (le singulier *nas* est de genre masculin), dont la désinence *-uri* représente le lat. *-ora*, démontre une influence, par analogie, du pluriel en *-uri* des mots monosyllabiques (cf. ma *Grammaire roumaine*, Berne, A. Francke, 1948, p. 129). Elle est aujourd'hui la forme la plus courante pour les parlers du dialecte daco-roumain, de même que pour le dialecte istro-roumain.

2.º La forme féminine *nase* (ou *nasi*, avec le passage de l'e atone en *-i*, employée par une partie des Mégéno-roumains ; le point 012) est, après *nasuri*, la forme la plus usitée. Elle fut enregistrée pour un nombre réduit de localités de la Transylvanie (les points : 109, 148, 164, 190, 341, 3443 et 348) et dans une seule commune de la Bessarabie (le point 398).

Il est bien probable que le pluriel *nase* représente la forme la plus ancienne, qui autrefois aurait pu être utilisée par plusieurs parlers, avant la généralisation du pluriel en *-uri* (*nasuri*). Cette supposition ne pourra être confirmée que par l'examen général du pluriel des mots en *-uri*, par rapport à ceux qui ont la désinence *-e* (ou *-i*).

3.º La forme *nași* — qui pourrait représenter le latin NASI (s'il ne s'agissait pas d'une forme de date plus récente) — n'est employée que par le parler de deux communes, l'une de la Munténie (Valachie, point 760) et l'autre de la Moldavie (point 538).

A la limite de l'aire du mot *nas* «*nez*» et de celle du mot *nare* «*nez*», on peut constater que le singulier *nas* a, comme pluriel, la forme supplétive *nari* (point 87), dont la présence offre une nouvelle preuve de la lutte engagée entre les deux mots.

En effet *nas*, mot nouveau venu dans cette région, tend à déloger le mot ancien *nare*, et le remplacement a commencé cette fois par la forme du pluriel. Il faut tenir compte aussi du fait que la localité n.º 87 subit la puissante influence linguistique de la ville d'Arad (le point 56 sur la carte) dont le langage «plus beau» déborde sur les campagnes environnantes.

B. Pour le mot *nare* «nez»

Formes du singulier et du pluriel

Le mot *nare* (ou *nari*) «nez», représentant le lat. *NARIS* (*NARES*) «nez», vit encore, mais ses jours sont comptés, au moins en ce qui concerne le dialecte daco-roumain.

Sur la carte n.º 1 les deux aires de ce mot agonisant sont marquées par de grands points (petits cercles pleins).

1. La première aire

La première aire lexicologique est représentée par le dialecte daco-roumain qui conserve encore le mot *nare* avec la signification de «nez» dans la partie la plus occidentale, c'est-à-dire par les Roumains qui se trouvent en contact direct avec la grande masse des Hongrois.

Il s'agit, en effet, d'une région qui se caractérise par la conservation d'un bon nombre de traits archaïques du roumain. Elle se place, par ce fait, parmi les autres régions limitrophes ou isolées de la *Romania* qui conservent parfois le mieux quelques caractères linguistiques du latin vulgaire (cf. la région de Frioul, les parlers romanches et wallons, la Sardaigne centrale, etc.).

Les formes morphologiques de cette aire — qui ne sont pas indiquées sur la carte n.º 1, qui a un caractère strictement lexicologique — sont les suivantes :

1.º Au singulier, les formes *nare* (point 324) et *nari*, avec le passage de l'e atone en position finale en -i (les points 298, 295 et 320).

2.º Toujours au singulier, la forme plus répandue *nari*, ayant l'i en position finale très atténué et parfois presque imperceptible. On a souvent l'impression que les informateurs prononcent un r palatal. C'est le cas pour les localités : 61, 63, 65, 93, 94, 273, 278, 280, 285, 302, 315, 333 et 335 ⁽⁶⁾.

(6) Pour les points 140 et 283 je n'ai pas de réponses, à cause du fait que cette demande a été ajoutée plus tard au questionnaire (voir plus haut). Pour la localité 750, il y a une lacune dans mes enregistrements. Ces cas sont indiqués sur la carte n.º 1 par une ligne horizontale, placée au-dessous des chiffres.

Cette dernière forme remplit en même temps la fonction de singulier et de pluriel.

La forme *narile* «le nez», enregistrée pour le point 80, prouve qu'on ajoute à ce mot la forme masculine de l'article défini, comme c'est le cas pour *frate* «frère» — *fratele* «le frère».

Il me semble que l'acheminement de ce mot vers sa complète disparition se manifeste aussi par un processus très accentué d'appauvrissement de ses formes morphologiques, aboutissant même à se confondre l'une à l'autre (le singulier au pluriel et vice versa).

Il faut aussi souligner le fait que sur le territoire même de l'aire du mot *nare* «nez» — d'ailleurs tellement mis en pièces par le mot envahisseur, *nas* «nez» — coexistent les deux types lexicologiques.

En effet, les informateurs des localités 298 et 324 ont répondu en donnant, pour désigner le nez, les mots *nare* (*nari*) et *nas*. On voit bien comment le mot intrus commence à s'installer sur le territoire et à le conquérir d'une façon définitive.

L'ancien roumain connaissait lui aussi le mot *nare* avec la signification de «nez»: *nari au și nu aputu* «ils ont des nez, et ils ne sentent pas» (C. Gălușcă, *Slavisch-rumänisches Psalterbruchstück*, Halle a. S., 1913, p. 155). Cette phrase est rendue, dans *Psaltirea Șcheiană* (publié par I. A. Candrea, București, 1916, p. 243) par: *nasure au și nu aputu* (¹).

2. La seconde aire

La seconde aire est représentée par les dialectes aroumain et mégléno-roumain.

Le dialecte aroumain n'emploie, pour désigner le nez, que le mot *nare* (les points 06 et 07). La forme *nari*, ayant l'i à peine prononcé (comme c'est le cas en Transylvanie occidentale, voir plus haut), est usitée par le parler des Aroumains qui habitent aujourd'hui l'Albanie (point 09).

Le dialecte aroumain connaît le mot *nas* ayant cependant la signification de «bout pointu des sandales» (cf. plus haut).

(¹) Ces formes furent contrôlées par Mario Ruffini, de Turin. — Cf. aussi I. A. Candrea et O. Densusianu, *Dictionar etimologic al limbii române, Elemente latine*, București, 1914, n.º 1202, *nare*; n.º 1203, *năros* «avec un grand nez» (en aroumain) et n.º 1204, *nărtos* «qui a un grande nez».

Le dialecte mégléno-roumain emploie aussi, à côté de *nas* «nez», le mot *nari* «nez» (point 013).

Il faut que j'ajoute, pour ceux qui connaissent moins l'histoire de la langue roumaine, que le dialecte aroumain (et peut-être le dialecte mégléno-roumain) a perdu, depuis au moins huit siècles, tout contact avec le dialecte daco-roumain (le contact fut repris vers la fin du XIX^e siècle) et que, par conséquent, il garde un bon nombre de mots et de formes qui remontent parfois jusqu'au latin vulgaire.

On peut donc supposer que les parlers daco-roumains de la Transylvanie occidentale, le dialecte aroumain et même le dialecte mégléno-roumain conservent jusqu'à nos jours l'ancienne signification du lat. *NARIS*, c'est-à-dire celle de «nez» (cf. A. Ernout et A. Meillet, *Dict. étym. de la langue latine*, nouv. éd., Paris, 1939, p. 653, s. v. *NARES*).

II. *Nare* (du lat. *NARIS*) en roumain

La deuxième carte concerne le mot *nare* «narine», dont les réponses furent obtenues grâce à une demande indirecte, avec geste à l'appui : je me suis enfoncé légèrement le doigt dans l'une des narines, et j'ai demandé : Comment l'appellez-vous ? ^(*).

Les résultats obtenus par cette demande nous amènent à faire quelques observations :

En regardant sur cette carte la distribution des types lexicologiques désignant la *narine*, la première constatation qui saute aux yeux est la suivante :

(*) Les réponses de cette demande furent publiées par moi dans le volume *Micul Atlas linguistic român* (o. c.), la carte n.º 38, sans commentaire. Les aires des types lexicologiques sont cependant marquées à l'aide de différentes couleurs. La carte est la seizième parmi celles qui regardent les demandes dont les matériaux ne seront publiés que sous forme d'informations sommaires, c'est-à-dire sans que les réponses soient complètement reproduites.

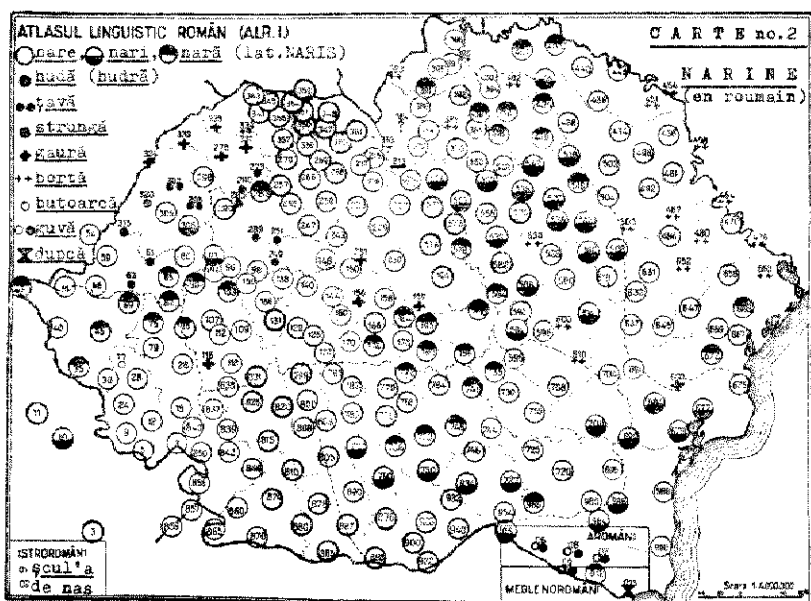
L'enquête dialectale faite par E. Petrovici (cf. *Atlasul linguistic român* II, Sibiu, 1940, p. 5 et *Micul Atlas linguistic român* II, Sibiu, 1940, cartes 15, 16 et 20) n'atteste le mot *nare* «nez» que dans les mêmes régions. La distance entre les localités étudiées par lui fut d'environ 80 km, et par ce fait les résultats obtenus ne modifient en rien mes résultats, étant donné que les communes enquêtées par moi se trouvaient à environ 30 km l'une de l'autre.

Les formes du mot *nare* «narine» occupent presque le même territoire que celui du mot *nas* «nez» (voir la 1ère carte).

Ce fait prouve qu'une bonne partie des parlers roumains accordent au lat. *NASUS* la signification de «nez de l'homme» (*nas*), tandis qu'au lat. *NARIS* répond celle de «narine» (*nare*). Ces parlers rejettent toute confusion entre les deux termes, en affectant à chacun d'eux une valeur sémantique différente.

Il y a cependant un fait qui ne peut guère échapper à l'oeil habitué à l'examen des cartes linguistiques :

Presque sur le même territoire où le nez de l'homme s'appelle



nare (cf. la 1ère carte), les patois n'emploient pas le mot lat. *NARIS* pour désigner la narine, mais utilisent, tout au contraire, une série de vocables ayant d'ordinaire la signification de «trou», «ouverture», etc. (voir la 2^e carte).

Cet état de choses prouve que les patoisants de ces régions évitent, autant que possible, l'emploi du mot *nare* pour désigner la narine, étant donné que ce mot conserve encore dans leur langage l'ancienne signification qu'avait le lat. *NARIS*, c'est-à-dire celle de «nez».

Il s'ensuit que les patois de la langue roumaine se divisent, en ce qui concerne la valeur sémantique affectée aux mots latins

NASUS et NARIS, en deux catégories, bien distinctes l'une de l'autre :

1.^o La première catégorie est constituée par la majorité des patois roumains, où le lat. NASUS (devenu *nas* en roumain) désigne le «nez de l'homme», tandis que le lat. NARIS (devenu *nare* ou *nari*, etc., voir plus bas) signifie la «narine du nez de l'homme».

2.^o La seconde catégorie, représentée par un nombre beaucoup plus réduit par rapport à la première, conserve pour le lat. NARIS (devenu toujours *nare*) l'ancienne signification latine, c'est-à-dire celle de «nez de l'homme», tandis que pour désigner la narine, ces patois emploient une série de vocables qui dénomment d'ordinaire «un trou», «une cavité», «une ouverture», «un défilé», etc.

Les patois de cette seconde catégorie n'utilisent pas le lat. NASUS pour désigner le «nez de l'homme».

Il me semble que ces parlers en minorité nous offrent la possibilité de mieux saisir la vraie valeur sémantique — ou plutôt la principale signification — du lat. NASUS, qui, selon moi, n'a pas désigné primitivement seulement le nez de l'homme.

Mais, il faut analyser avant tout les données linguistiques présentées sur la deuxième carte.

On peut ranger les réponses obtenues par ma demande (numéro 52 de mon questionnaire) en deux groupes :

1.^o Celles qui représentent différentes formes phonétiques du mot *nare* «narine» ;

2.^o Celles qui indiquent divers types lexicologiques employés par le roumain pour désigner la narine.

1. Les formes phonétiques du mot *nare* «narine»

Les formes phonétiques de ce mot sont les suivantes :

a) La forme *nare* représente le développement phonétique normal du lat. NARIS (voir plus haut). Les cercles qui entourent les chiffres, désignant les localités explorées, montrent clairement l'étendue de cette forme sur presque tout le territoire du dialecte daco-roumain.

b) La forme *nari*, marquée sur la carte par un cercle dont la partie inférieure est en noir, montre le passage de l'e atone en *i* (voir plus haut). Le phénomène n'est pas connu seulement dans les parlers de la Moldavie, comme les dialectologues roumains l'ont affirmé jusqu'à présent ; il se retrouve, d'une manière sporadique, en Mun-

ténie, de même que dans un village du dialecte aroumain (point 05) (cf. ma *Gramm. roum.*, o. c., p. 22-23 et 65).

c) La forme *nara*, ayant le passage de l'e en *ă* sous influence de l'r prononcé plus roulé (prononciation caractéristique pour le roumain lorsque cette consonne se trouve surtout au commencement des mots; cf. ma *Gramm. roum.*, p. 33), se rencontre un peu partout dans le dialecte daco-roumain, de même que dans le dialecte mégléno-roumain (point 012).

Il faut cependant ajouter que le passage de l'e final en *-ă* fut influencé par la grande série de noms féminins qui ont cette désinence au singulier (cf. ma *Gramm. roum.*, p. 116-117). Parmi ces mots, il y a beaucoup de termes qui désignent des parties du corps humain (*buză* «lèvre», *față* «visage», *gură* «bouche», etc.).

Les localités ayant cette forme sont marquées sur la 2^e carte par un cercle dont la partie supérieure est en noir.

2. Les types lexicologiques employés pour désigner la narine

Les types lexicologiques qui désignent la narine en roumain seront groupés par rapport à l'aire NARIS = nez, car, il me semble que l'emploi d'un nouveau terme aurait été déterminé par la présence, dans ces régions, du mot *nare* désignant le «nez».

A. Mots pour désigner la narine sur le territoire où le nez est dénommé *nare* (*nară*)

a) Pour le dialecte daco-roumain

Les types lexicologiques enregistrés sont les suivants :

1.^o *hudă* (ou *hudră*), marqué sur la carte n.^o 2 par un cercle plein (en noir). Le mot fut enregistré exactement pour les mêmes localités où l'on emploie le mot *nare* pour désigner le nez de l'homme (points : 61, 63, 249, 251, 285, 289 et 315) (¹).

Le mot *hudă* a, d'ordinaire, la signification d'ouverture, trou (dans une clôture) ou même celle de «maison». Le Dictionnaire de l'Académie roumaine (s. v.) donne, comme probable, une relation avec l'ancien slave *chodu* «marche», chemin». Le sens attesté par mes recherches lui est inconnu.

(¹) Il faut cependant remarquer qu'aux points 65, 80, 93, 94 et 298 on désigne par *nare*, en même temps, le nez et la narine. Ces points se trouvent situés dans la région de contact entre les deux aires : l'aire du mot *nas* et l'aire du mot *nare*.

2.^o *gaură*, dont la signification la plus répandue est celle de «trou». Ces réponses sont indiquées sur la carte n.^o 2 par une croix mise en dessous de chaque chiffre (les points : 156, 159, 231, 278, 333, 337 de Transylvanie et 680 de Bessarabie).

Le Dictionnaire de l'Académie roumaine considère le mot *gaură* comme étant d'origine latine (*CAVULA, de CAVUS, cf. s. v.).

Les localités marquées par les chiffres 156, 159 et 231 se trouvent cependant situées en dehors de l'aire du mot *nare* ayant le sens de «nez».

Par le fait que, dans ces localités, on ne désigne pas la narine par le mot *nare*, mais par *gaură*, on pourrait supposer qu'il s'agit d'une région où le mot *nare* avait jadis la signification de «nez» et que le vocable *nas* (donné comme réponse à la demande 1921, cf. la carte n.^o 1) est un nouveau venu (voir plus bas, le mot *bortă*).

3.^o *favă* (ou *feavă*), mot obtenu seulement pour deux localités de la région NARIS = nez (les points 295 et 302). Ce mot a, d'ordinaire, le sens de «tuyau», «tube», «bobine», et son origine est slave (l'ancien slave *čavi*, cf. I. A. Candrea, *Dicționar enciclopedic*, s. v.). — Les localités sont marquées sur la carte n.^o 2 par deux petits cercles pleins.

Les réponses complètes furent cependant données par la forme *favile narilor* «les trous des nez», où *narilor* représente la forme du génitif pluriel du singulier *nare*.

4.^o *strungă*, mot attesté seulement par une localité de la même région (point 320, indiqué sur la carte n.^o 2 par un cercle ayant au milieu une croix).

Par ce mot, dont l'origine semble être préromaine (il fut transplanté par les pâtres roumains dans les langues de tous les peuples non romans environnants; cf. I. A. Candrea, o. c., s. v.), le roumain désigne «le défilé, le bercaïl, le parc à brebis», etc., de même que «l'écartement entre les deux dents de devant» (cf. ma carte n.^o 31 de l'ALR I).

5.^o *butoarcă*, mot attesté une fois pour le Banat (point 77) où G. Weigand avait enregistré le vocable *nare* désignant le «nez» (cf. plus haut).

Par ce vocable, un dérivé de *butură* (*butoară*), dont l'origine est peu claire (cf. le Dict. de l'Acad. roum., s. v. *butuc*), le roumain indique «le tronçon», «le trou d'un arbre», «le creux d'arbre» et «les boutonnières d'une chemise».

b) Pour le dialecte aroumain

1.^o Le point 05 (une localité de la Bulgarie centrale) emploie le mot *nari* pour désigner la narine, bien que par le même vocable on dénomme aussi le nez (cf. la 1^{ère} carte).

2.^o Les autres localités aroumaines (point 06, dans la région de l'Olympe; points 07 et 08 dans la région du Pinde et le point 09, dans l'Albanie méridionale, non loin de la frontière grecque) emploient le mot *guvã* pour désigner la narine.

Ce mot doit être d'origine grecque (le néogrec γούβα «trou», «fosse», superposé, probablement au latin CAVA. — Les localités sont marquées sur la carte n.^o 2 par deux cercles, dont celui de droite est plein.

c) Pour le dialecte mégléno-roumain

Tandis que la première localité (012, en Grèce) emploie le mot *narã* pour dénommer la narine, la seconde (013, toujours en Grèce) utilise le vocable *dupcã* (marqué sur la carte par un X) d'origine bulgare (bulg. *dupka* «trou»).

Ces nombreux mots, employés par le roumain pour désigner la narine, indiquent l'absence d'un terme propre pour toutes les régions où le latin NARIS conserve encore la signification de «nez».

B. Mots pour désigner la narine sur le territoire où le nez est dénommé *nas*

On remarque sur la carte n.^o 2 l'existence de deux régions où le mot *nare* n'est employé ni pour désigner le nez ni pour dénommer la narine.

Ces deux régions sont les suivantes :

1. Pour le dialecte daco-roumain

La narine est dénommée *bortã* (du ruthène *bort* «tronc d'arbre creux», c'est-à-dire «trou», «creux»; cf. le Dict. de l'Acad. roum., s. v.) par un bon nombre de parlers de la Bessarabie (les points: 451, 454, 458, 464, 467, 476, 480, 506, 652 et 660), de la Moldavie

(les points : 402, 530, 600 et 610) ⁽¹⁰⁾, de la Bucovine (les points : 363, 385 et 393) et de la Transylvanie (point 339) marqués sur la carte n.º 2 par deux croix mises en dessous des chiffres ⁽¹¹⁾.

2. Pour le dialecte istro-roumain

Les informateurs des deux localités ont répondu par le mot *șcuľa* pour la demande concernant la narine. Ce mot d'origine slave (le croate et slovène *škulja* «trou», «cavité», etc.; cf. Dr. A. Byhan, dans le *Jahresbericht*, o. c., t. VI, 1899, p. 343) désigne, en istro-roumain aussi, un trou, une cavité.

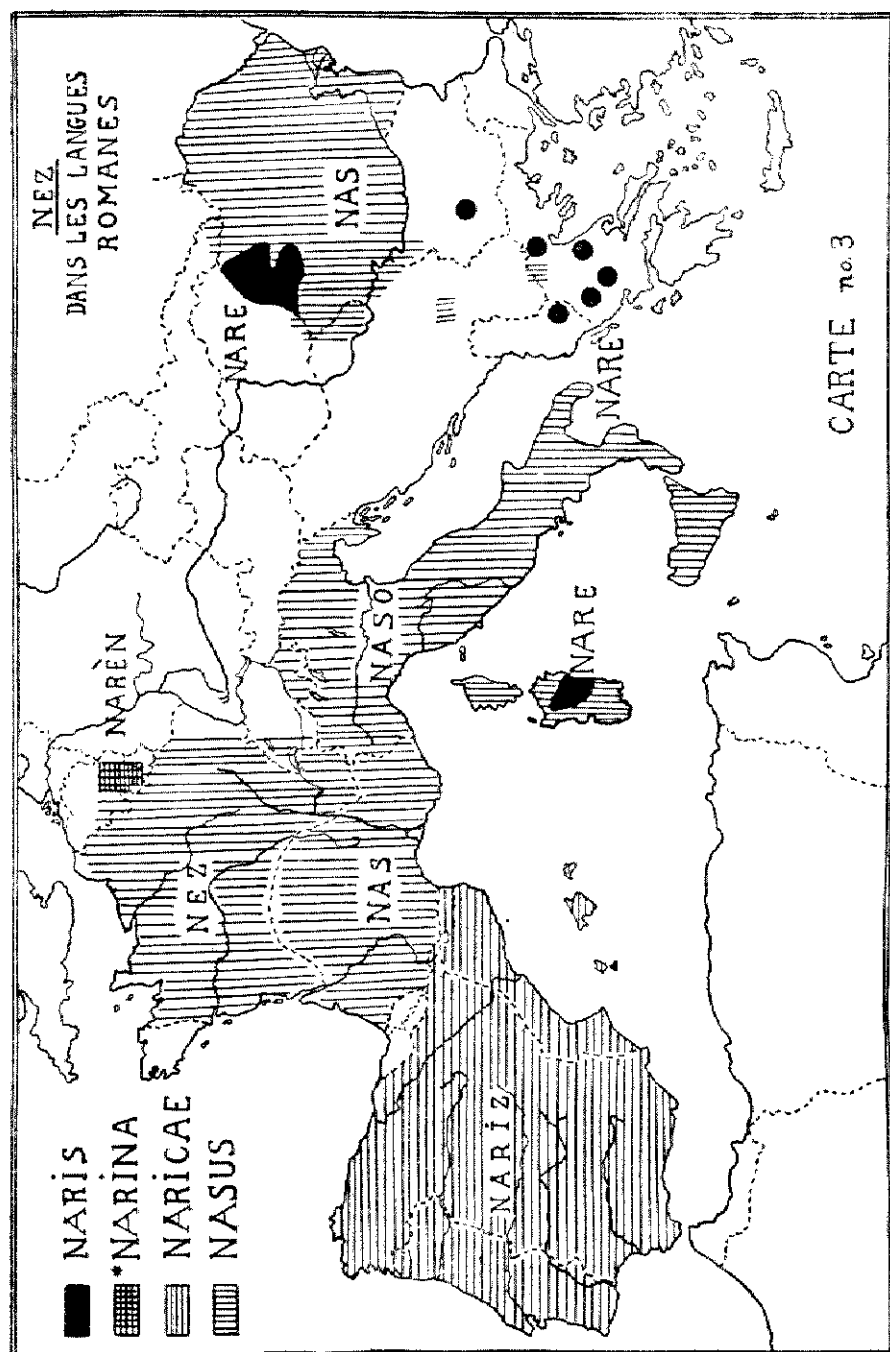
Par l'absence du lat. **NARIS**, ces deux régions, qui n'ont eu, dans le passé, aucun contact, peuvent être placées—je le pense du moins—dans la catégorie des territoires du roumain qui n'emploient le vocable *nare* que pour désigner le nez de l'homme.

On pourrait donc supposer que ces deux dernières régions ont employé, elles aussi, le lat. **NARIS** avec la signification de «nez de l'homme» et que, par la suite, le *nas* «nez», nouveau venu, a remplacé l'ancien mot *nare* «nez».

Pour conclure, tous ces faits m'amènent à croire que, pour le roumain, la latin **NARIS**, dès le début, c'est-à-dire dès l'époque du latin vulgaire, a eu seulement la signification de «nez de l'homme», tandis que le latin **NASUS** a dû désigner le «museau» des animaux (le chien, le cheval, le porc, etc.) et l'organe de l'odorat, de même que celui de «bout», «pointe», etc. (cf. la signification de «bout de la sandale» du dialecte aroumain).

⁽¹⁰⁾ Il est intéressant de signaler que E. Petrovici (dans *Atlasul linguistic român II*, Sibiu, 1940, p. 5) atteste le dérivé *nartos* «homme au grand nez» seulement pour la même région de la Bessarabie et de la Moldavie (un point pour chacune de ces provinces). Cf. aussi son *Micul Atlas linguistic român II*, Sibiu, 1940, carte n.º 16. — I. A. Candrea et O. Densusianu (dans *Dictionarul etimologic al limbii române*, o. c., n.º 1204, p. 180) considère le mot *nartos* comme ayant une origine latine : ***NARITOSUS**, de ***NARITUS**.

⁽¹¹⁾ Dans la localité 213 (marquée sur la carte par une petite ligne mise en dessous du chiffre), on n'a rien demandé. — L'informateur de la localité 364 (en Bucovine) n'a pas su répondre, fait indiqué sur la même carte par un point d'interrogation.



III. LES TYPES LEXICOLOGIQUES EMPLOYÉS AUJOURD'HUI PAR LES LANGUES ROMANES POUR DÉSIGNER LE NEZ DE L'HOMME

Afin de mettre mieux en lumière la contribution du roumain pour le problème NARIS-NASUS, je crois utile d'indiquer, d'une manière sommaire, les types latins employés aujourd'hui sur le territoire de la *Romania* pour désigner le nez de l'homme, en fixant leurs aires sur la troisième carte.

Faute d'une plus étroite collaboration entre les Atlas linguistiques des langues romanes et surtout de la méconnaissance de l'importance du mot «nez» (voir le commencement de mon exposé), je ne peux pas toujours puiser mes informations dans des travaux dialectaux réalisés d'après des enquêtes sur place; je dois recourir souvent aux lumières des dictionnaires dialectaux⁽¹²⁾.

Les langues romanes se divisent, quant aux mots qu'elles emploient aujourd'hui pour désigner le «nez de l'homme» en trois groupes: A. le groupe du lat. NARIS; B. celui des dérivés du lat. NARIS; C. celui du lat. NASUS.

A. Le groupe du lat. NARIS

Ce groupe n'est représenté aujourd'hui que par le roumain et le sarde.

1. Le roumain

Quelques parlers du dialecte daco-roumain de la Transylvanie occidentale, de même que le dialecte aroumain et, en partie, le dialecte mégléno-roumain emploient encore le lat. NARIS avec le sens de «nez de l'homme» (voir plus haut les détails).

Ces régions sont indiquées sur la troisième carte par une tache noire. Les localités étudiées pour le dialecte aroumain et mégléno-roumain sont placées cette fois-ci dans les régions de la péninsule balkanique où habitaient les informateurs qui ont donné les réponses.

(12) Je suis le premier à reconnaître la nécessité d'étudier les mots employés par les langues romanes pour désigner les *narines*, le *muséau*, le *groin* et tous les noms (*muqueux*, *morve*, etc.) et les verbes (*nasiller*, *nariller*, etc.) ayant rapport avec le nez et les narines, mais cet examen aurait trop allongé mon exposé. J'estime avoir toutefois donné un point de départ utile.

2. Le sarde

La carte n.º 168 (*soffiare il naso* «se moucher») de l'AIS (l'Atlas linguistique et ethnographique italien-suisse, par K. Jaberg et J. Jud) n'indique le lat. NARIS = nez que pour deux localités de la Sardaigne septentrionale (les points 923 et 938).

La carte 1618 (*mi ha fatto sanguinare il naso* «elle m'a fait saigner le nez») cependant montre que *nare* «nez» est plus répandu. Il fut enregistré pour les localités : 923 (en note), 938 (cf. aussi en note), 943 (cf. aussi en note), 947, 949 (seulement en note), 954 (cf. aussi en note), 957 (en note) et 959 (cf. aussi en note) qui se trouvent situées surtout dans la partie orientale de la Sardaigne centrale et nordique.

Les narines s'appellent : *li narici di lu nazu* (point 916), *li penni de ru nazu* (922), *pinnas dessu nare* (923), *so narikros* (937), *sas pinnas dessu nare* (938), *is kariγas* (941), *sas istampas dessu nazu* (942), *sas kariγas* (947), *son narikos*, *son nares* (949), *so narres* (954), *sa vinna essu nazu* (957), *un nares* (959), *is kariγas* (963, 967, 968, 973, 985 et 990) ⁽¹³⁾.

C'est seulement pour la localité 949 qu'on emploie NARIS avec une double signification : «nez» et «narine».

Par ce procédé de distinction lexicologique, les parlers de la Sardaigne rappellent le phénomène rencontré pour les patois roumains qui n'emploient pas NARIS avec un sens double : «nez» et «narine».

M. L. Wagner affirme (dans ses *Studien über den sardischen Wortschatz*, Genève, 1930, p. 75, dans la *Bibl. dell'Archiv. Rom.*, vol. 16) que le mot *nare* est employé, pour désigner le nez, dans presque toute la partie septentrionale de la Sardaigne (les régions de Bitti, Macomer, Ozieri, Mores et Ploaghe) et ajoute : «*Hier liegt also eine Übertragung des Wortes für «Nasenlöcher», das meist im Plural gebraucht wird (sos náres) vor*» ⁽¹⁴⁾.

⁽¹³⁾ Les mots sont reproduits par une transcription phonétique simplifiée. — Cf. aussi la carte 1617 (*mi è caduto sul viso* «m'est tombé sur la figure»), le point 923, et, pour comparaison, la carte 566 de l'ALF.

⁽¹⁴⁾ Dans une note complémentaire (*ib.*, p. 151), Wagner précise son opinion en ces termes : «*Zu dem Ersatz von nasu durch nare(s) kan man vergleichen, was auf arabischem Gebiet vor sich geht, wo das klassische Wort (a)nif durch manákhayr u. áhnl., das eigentlich die «Nasenlöcher» bezeichnet, im vulgären Gebrauch in Nordafrika ersetzt wird (s. Marcel, Voc. franç. — arabe, S. 421 ; Marcel Cohen, Le parler arabe des juifs d'Alger, Paris, 1912, S. 42)».*

Le chanoine G. Spano, basant son dictionnaire (*Vocabolario sardo-italiano e italiano-sardo*, Cagliari, 1851) surtout sur les parlers septentrionaux de la Sardaigne, atteste, lui aussi (s. v.), le mot *nare* avec la signification de «nez»: *nare a bistrale* «nez aquilin»; *nari mannu* «nez très long»; *azzumbare cum su nare* «se rencontrer nez à nez».

Il résulte donc que le roumain et le sarde conservent l'ancienne signification du lat. *NARIS* connue par les écrivains latins (cf. Forcellini, s. v.)⁽¹⁵⁾.

B. Le groupe des dérivés du lat. *NARIS*

1. Lat. * *NARINA*

Une bonne partie de la Wallonie, et surtout le parler de Liège, désigne aujourd'hui par le lat. * *NARINA* le nez de l'homme⁽¹⁶⁾.

En effet, J. Haust, dans son *Dictionnaire liégeois* (Liège, 1933,

(15) Il me semble que le provençal appartient au même groupe de la *Romania*. — En effet, L. Piat (dans son *Dictionnaire français-occitanien*, t. II, Montpellier, 1894, p. 140) mentionne le mot *narro* comme terme familier pour désigner le nez, à côté de la forme plus courante, *nas*. La «narine» est appelée: *nasico*, *nasic*, *nar(et)o*, *narrilho*; *narits*, *nadits*, *narro*, *niflo*, *flecho* (ib., p. 134-135). Cf. aussi les expressions: *avè bono narro* «avoir bon nez»; *mena per las narros* «mener par le bout du nez», de même que le verbe *desnarra* «casser, couper le nez» (ib., p. 140, s. v. *nez*), l'adjectif *narret* «nasillard» (ib., p. 135, s. v. *nasillard*) et les nom *narro* «naseau» (ib., s. v. *naseau*).

Simin Palay de son côté mentionne (dans son *Dictionnaire du Béarnais et du Gascon modernes*, Bassin de l'Adour, Pau, 1932, t. II, s. v., dans la Bibliothèque de l'Escole Gastou-Febus) les mots suivants: *naritsou* «qui parle du nez»; *narri* «dégoût, dégoûtation»; *narriou* «répugnant»; *naruc* «qui a le nez, le bout mal fait, mal formé, par exemple un épi mal venu: *cabélh naruc*; par anal. avorton» (p. 267), etc.

Le verbe *nariller* «frotter la narine» [on ne frotte pas la narine, mais le nez!], moquer», cité par Fr. Godefroy (*Dict. de l'ancien franç.*, s. v. *nasiller*) doit être mis en relation avec le lat. *NARIS* qui aurait du avoir un plus grand emploi avant qu'il eût été évincé par *NASUS* «museau».

A la forme provençale *nar* «narine», mentionnée par M. Raynouard (*Lexique roman*, t. IV, 1842, p. 298) convient mieux le sens de «nez»: *non pot mas un pauc per la nar* = ne peut respirer qu'un peu par le nez, au lieu de la traduction: «respirer ne peut qu'un peu par la narine» fournie par l'auteur.

(16) Pour la dérivation du latin, cf. G. Gröber, *Vögelateinische Substrate rom. Wörter*, dans l'*Archiv f. lat. Lexicographie*, t. IV, 1887, p. 128, — Cf. aussi W. Meyer-Lübke, *Gramm. des lang. rom.*, t. II, p. 540-541.

s. v. *narène*, p. 425) donne, pour *narène*, non seulement la signification de «narine», mais aussi celle de «nez» : *sonner po l' narène* «saigner du nez»; *sofler s' narène* «se moucher»; *avu 'ne fène narène* «avoir le nez fin»; *miner 'ne saqui po l' narène* «mener quelqu'un par le bout du nez», etc. (cf. aussi, H. Forir, *Dict. liégeois-franc.*, Liège, 1866, p. 318-319, s. v. *narenn*, *nâreû*).

Il paraît que cette signification eût été plus étendue, car J. Wisimus (dans son *Dictionnaire popul. wallon-français en dialecte ver-viétois*, Verviers, 1947, p. 296) affirme que *narène* «se dit aussi pour «nez», sous l'influence du liégeois».

A ce sujet peuvent être considérées suffisamment concluantes les trois attestations suivantes :

1.^o L. Remacle (dans son *Dict. wallon-français*, 2^e éd., Liège-Leipzig, s. d., t. II, p. 344) soutient que le wallon *narein* [pron. *narèn*] désigne le nez, partie saillante du visage, et donne, parmi d'autres exemples, où, par ce mot, on nomme la «narine», les suivants : *narreinn di paroket* «nez aquilin en bec d'aigle»; *pârlé de l' narreinn* «nasiller, parler du nez, être nasillard»; ... *inn veu nin pu lon kiss nareinn* «il n'y voit pas plus loin que son nez»...

2.^o Ch. Grandgagnage, de son côté (dans son *Dict. étym. de la langue wallonne*, t. II, 1^{ère} livraison, Liège, 1850, p. 157), citant le même mot pour le namurois et le parler de l'ancien Hainaut français et pour une partie du Hainaut belge, ajoute que «*narra* (narine) se prend aussi dialectiquement pour : nez».

3.^o Dans la collection de proverbes wallons (Joseph Dejardin, *Dictionnaire des spots ou proverbes wallons*, Liège, 1863, pp. 316-321) nous trouvons les exemples suivants : *i n' veut nin pus lon qui s' narenne* «il ne voit pas plus loin que son nez (le bout de son nez)» (n.^o 1099); *miner po l' narenne* «conduire par le nez» (n.^o 1201); *qui disfait s' narenne disfait s' visège* «celui qui défait son nez, défait son visage» (n.^o 1202); *çoula ni s' veut nin pus qui l' narenne so l' visège* «cela ne se voit pas plus que le nez sur le visage» (n.^o 1204); *si on li stoidéf li narenne, il n' vaireut qu' dè lessai* «si on lui tordait le nez, il n'en sortirait que du lait» (n.^o 1205); *narenne di cric, minton d' dawdaw* «nez en croc, menton à galoche» (n.^o 1206); *si narenne fait l'amour à s' minton* «son nez fait l'amour à son menton» (n.^o 1207); *bechowé narenne et tennès leppes ni sont nin bonnes* «nez pointu et minces lèvres ne sont pas bonnes» (n.^o 1210); *i s' cass'reut l' narenne so n' live di boure* «il se casserait le nez sur une livre de beurre» (n.^o 1212); *c'est on findeu d' narenne*

«c'est un fendeur de nez» (n.º 1213); *çoula v' pind à l' narenne*
 «cela vous pend au nez» (n.º 1215); *sèchi les viers fou dè l' narenne*
 «tirer les vers du nez» (n.º 1217).

Par ces attestations, le wallon se place d'une manière sûre à côté du roumain, du sarde, du provençal et de la péninsule ibérique (voir plus bas).

2. Lot. NARICAE

La péninsule ibérique montre cette fois aussi une sorte d'opposition au latin continental, se rattachant à la Sardaigne, à la Dacie⁽¹⁷⁾ et même à la Wallonie.

En effet, à la place de NASUS, elle emploie aujourd'hui, comme forme la plus courante, *nariz*, du lat. NARICAE (cf. G. Gröber, *Vulgarlatein. Substrate*, o. c., p. 129; W. Meyer-Lübke, *Grammaire des lang. rom.*, t. II, p. 501. — Pour les dérivés en *-ica*, cf. p. 500 et REW, 3, 5824).

Le catalan emploie un grand nombre de formes dérivées de NARIS: *narigonear* «nasiller», *narigós* «nassillard», *narils* «narines», *naríos* «narines», *naripa* «gros nez», *narís*, *narissos* «diaphragme du nez», *narissot* «gros nez», *nariu* «narine», *naro* «nasillard», etc.

Les descendants du lat. NASUS sont eux aussi assez nombreux: dans le *Tresor de la llengua, de les tradicions i de la cultura popular de Catalunya* (par A. Griera) l'article *nas* occupe quatre pages, renfermant trente mots⁽¹⁸⁾.

Pour l'espagnol, le Dictionnaire de l'Académie (*Real Acad. esp., Diccion. de la lingua española*, Madrid, año de la Victoria [1936]) donne pour *nariz* la signification de «nez de l'homme» (employé souvent sous la forme du pluriel), «museau (nez) pour plusieurs animaux» et celle de «narine» (pour d'autres sens, cf. s. v. *nariz*).

Pour *naso*, le même Dictionnaire (s. v. *naso*) indique qu'il est employé d'une manière familière, ayant la signification de «grand nez»: *nariz grande* (cf. aussi *narigudo*).

(17) Cf., à ce sujet, l'intéressante étude de A. Griera, *Afro-romanico o ibero-romanico*, dans *Butlletí de dial. cat.*, t. X, 1922, pp. 34-53; cf. aussi le compte rendu par J. Jud, dans la *Romania*, t. LI, 1925, pp. 291-293.

(18) La Bibliothèque de l'Université de Louvain, incendiée une seconde fois en 1940, malgré les efforts méritoires pour la compléter, ne permet pas encore une ample documentation sur les langues romanes de la péninsule ibérique. — Les informations sur le catalan m'ont été données par mon ami A. Griera: qu'il veuille bien recevoir mes vifs remerciements!

L'espagnol *nariz* renferme donc non seulement toutes les acceptions de NARIS, mais aussi celles qui appartenaient au lat. NASUS.

Le portugais *nariz* désigne, lui aussi, le nez de l'homme, les naseaux, les narines des animaux (cf. L. Simões da Fonseca, *Nouveau dict. franç.-portugais et port.-franç.*, éd. Garnier, s. v.; cf. aussi G. Körting, *Lateinisch-rom. Wörterbuch*, 3^e éd., Paderborn, 1907, p. 682).

Ces informations, beaucoup trop sommaires, ne me permettent pas de connaître toutes les significations de NASUS qui m'aideraient à mieux établir le rapport qui existe aujourd'hui, dans la péninsule ibérique, entre celui-ci et le lat. NARICAE.

Je dois toutefois souligner le fait que pour la péninsule ibérique aussi *nariz* semble désigner non seulement le nez de l'homme, mais aussi le museau de plusieurs animaux (cf. le port. *isso é manteiga em nariz de cão*, expression employée pour une chose qui se détériore vite, c'est-à-dire : cela est de la graisse [du beurre] en nez de chien, exemple communiqué par mon ami M. de Paiva Boléo) et que la différenciation lexicologique entre la terminologie du corps humain et celle concernant le corps des animaux n'est pas assez développée comme c'est le cas pour d'autres langues romanes (voir plus bas).

Pour l'histoire de NARICAE dans la péninsule, il faut remarquer aussi que, pour désigner la «narine», l'espagnol et le portugais n'emploient pas, d'ordinaire, un dérivé du lat. NARIS, comme c'est le cas pour le français, l'italien, etc., mais, tout au contraire, le mot *ventana* (cf. M. Muñoz de Taboada, *Dicc. franç.-esp. y esp.-franç.*, 2^e éd., Paris, 1820, vol. I, s. v. *narine*), dérivé du lat. VENTUS (REW, 3, 9212). Le portugais *venta* désigne la narine, de même que le naseau des animaux (cf. L. Simões da Fonseca, *o. c.*, s. v.).

La péninsule ibérique, par rapport aux autres langues romanes, apparaît comme une sorte de patrie du lat. NARIS—NARICAE ⁽¹⁹⁾.

Il faut reconnaître d'ailleurs qu'en latin même, NARIS pouvait désigner aussi bien le nez de l'homme (Cicero, Virgile, etc.), l'odorat (Horace, Ovide), de même que le museau des animaux (Horace, Pline, etc.; cf. Forcellini, s. v. NARIS; L. Quicherat et A. Daveluy, *Dict. latin-franç.*, éd. révisée par E. Chatelin, s. v. *nez*).

(19) Je dois signaler aussi la carte 169 (*il moccio* «morve») de l'AIS qui atteste, pour l'Italie du Nord surtout, plusieurs formes (*narić, znarić, znarik, nariġun*, etc.) qui pourraient indiquer, elles aussi, l'existence d'une aire beaucoup plus étendue pour *NARICA.

Le grec *ῥίς*, *ῥινός* : dénommait, lui aussi, le nez de l'homme, le nez des animaux (d'où «museau, mufle, groin», etc.) et le pluriel *ῥίνας* : «les narines» (cf. A. Bailly, *Dict. grec-franç.*, s. v.).

Quant à la tendance à distinguer plus nettement la terminologie du corps humain de celle des animaux, on constate de remarquables divergences d'un peuple à l'autre, malgré que l'indentité soit soutenue, pour l'époque primitive, par O. S. Schrader (dans le *Reallexikon der indogerm. Altertumskunde*, Strassbourg, 1901, p. 469). La tendance à la différenciation des deux terminologies est considérée comme le résultat d'une connaissance plus intime des fonctions du corps humain (cf. Harri Holma, *Die Namen der Körperteile im Assyrisch-babylonischen*, Leipzig, A. Pries, 1911, p. XI-XII ; cf. p. XIV, où l'auteur indique le nez comme l'organe de l'orgueil).

Sous ce rapport, il est facile de reconnaître que le français surtout et, après lui, l'italien tendent de plus en plus à créer un grand nombre de verbes ayant comme thème le lat. NASUS, ce qui n'est pas le cas pour les autres langues romanes.

C. Le groupe du lat. NASUS

Il est hors de doute que le lat. NASUS est le terme le plus employé aujourd'hui pour désigner le nez de l'homme pour tout le reste de la *Romania*, la Dacie, la Sardaigne et la Wallonie y comprises.

Sans vouloir aborder tout le problème de NASUS, je crois utile d'indiquer les sources qui m'ont permis de préciser l'aire des successeurs du mot latin, en ajoutant seulement quelques remarques qui, peut-être, pourront mieux éclairer un jour sa force de rayonnement et la façon dont il a réussi à évincer NARIS.

1. Le français et le provençal

On sait que souvent c'est par la simple méthode de traduction, qu'Edmond Edmont a obtenu des réponses à son enquête orale. Dès lors, la carte n.º 908 de l'Atlas linguistique de la France (*nez, du nez*) n'indique que le type *nez*, sous différentes formes phonétiques : *ne, ney, na, nas*, etc. Ces dernières, je les ai réduites à deux variétés, *nez* et *nas*, sans que la limite des deux aires soit précisée d'une façon très exacte, puisqu'il s'agissait pour moi de présenter, sur une carte

d'ensemble de la *Romania* (la carte n.º 3), seulement les types lexicologiques.

Lorsqu'on examine cependant la carte de l'ALF n.º 893 (*museau*), on reconnaît facilement que le centre de la France (délimité au Nord par une ligne qui va d'Alençon, par Chartres et Troyes, jusque dans les Vosges; au Sud, par une ligne qui va de l'embouchure de la Gironde, par Périgueux, Corrèze, Aurillac, Le Puy, en montant ensuite vers le Jura suisse) emploie, à côté des vocables *museau* (en son milieu), *mur* (à l'Est et au Sud), *mus* (au sud-ouest), le lat. NASUS sous différentes formes phonétiques: *ne*, *nazyo*, *na*, *no*, *nas*, etc. ⁽²⁰⁾.

L'emploi de NASUS (= *museau*) dans près de soixante localités indique — je le crois du moins — que le «nez» aurait pu désigner en français aussi cette partie saillante du corps des animaux, organe de l'odorat.

Sans vouloir enquêter sur ce dernier sens, je me borne à citer encore les attestations suivantes:

Le *museau* de la vache s'appelle *mor*, *muzé*, *na «nez»*, *bu du na* et *neri* (pl.) (O. Bloch, *Lexique franç.-patois des Vosges méridionales*, Paris, Champion, 1917, p. 91; la forme *neri* s'emploie, affirme l'auteur, en parlant des animaux). — L'expression *avai de na* «avoir du flair» est utilisée en parlant d'un chien (Gunnar Ahlborn, *Le patois de Ruffieu-en-Valromey*, Göteborg, 1946, p. 307). — Par la forme *lu nas* on désigne «le naseau» du cheval (E. Oberhänsli, *La vie rurale dans la plaine béarnaise*, thèse, Zurich, Bienne, 1943, p. 63).

Sur la carte de l'ALF n.º 1857 (*morve*, *morveux*) abonde la forme *naz*, (etc.; cf. aussi les notes) enregistrée dans les départements de la Marne (point 128), de la Somme (263, 265), du Pas-de-Calais (275, 276, 283, 284, 285, 286, 287), du Nord (281, 282). Pour le Midi de la France, la même carte donne les formes *nare*, *naru* (953) et *narveu* (991).

Sur la carte de l'ALF n.º 1862, *pani d no* est le nom de la «muse-lière» (point 917; cf. aussi les notes).

Le «nez» désigne également «la figure, le visage de l'homme», selon les données offertes par les cartes de l'ALF n.ºs 566 (*m'est*

⁽²⁰⁾ Au point 523, Clavette, Charente-inférieure, le témoin, donnant surtout le parler des vieillards, a répondu par le mot *narin*, forme féminine. C'est la seule réponse pour tout le territoire qui atteste cette forme pour «museau».

tombé sur la figure, les points : 74, 105, 257, 283, 917) et 754, se laver la figure (les points : 10, 931, 956 et 919) ⁽²¹⁾.

La carte de l'ALF n.º 1863 (les narines), ne représentant que la partie sud-est de la France, ne peut pas donner d'éclaircissements suffisants au problème NARIS—NASUS. Je retiens toutefois les deux faits suivants :

a) Pour plusieurs localités étudiées (29 points), on n'emploie pas, pour désigner les narines, des formes *narine*, *narina*, *nari*, *nari-nos*, etc., mais cette partie du nez est appelée par les vocables *trou*, *portu*, etc., comme c'était le cas pour le roumain, pour le sarde et pour les langues de la péninsule ibérique.

b) Dans le département de l'Hérault (point 766), par le mot *naros* on désigne les narines des animaux.

Les formes *nasal* (*nasaul*, *nasel*, etc.) et *nazart*, mentionnées par Fr. Godefroy (s. v.) comme signifiant la «partie du casque qui protégeait le nez» des chevaliers et qui «se disait aussi bien de l'homme que des animaux» (cf. s. v. *nasel*) pourraient indiquer, elles aussi, à la rigueur, que NASUS désignait encore le nez des animaux (cf., pour l'espagnol, W. Giese, *Waffenach der span. Literatur des 12. u. 13. Jahrhunderts*, dans les publications du Séminaire de Hambourg, 1925, t. VI, p. 111-112).

2. L'italien

La carte de l'AIS n.º 168 (*soffiare il naso* «se moucher») ne donne, d'une manière presque générale (sauf la Sardaigne, voir le lat. NARIS) que des formes (*na*, *no*, *nes*, *nas*, *nasu*, *nazo*, etc.) qui représentent le lat. NASUS.

Pour la Corse, la carte n.º 678 (*un chien qui a du flair*) de l'ALFC (l'Atlas linguistique de la France : Corse, par J. Gilliéron et E. Edmont, Paris, Champion, 1915) indique presque partout la forme *nazu*, sauf les points 20, 23, 65 et 67 (cf. aussi la carte n.º 679,

⁽²¹⁾ L'italien *naso* a, lui aussi, la même signification ; cf. la carte de l'AIS n.º 1617 : *mi é caduto sul viso* «m'est tombé sur la figure» (les points 13, dans les Grisons ; 31, dans le canton de Tessin).

En Engadine, la partie supérieure et recourbée du rebot (ayant la forme d'une corne) s'appelle *il nes* (*nas*) «le nez» (Alfons Maissen, *Werkzeuge und Arbeitsmethoden des Holzhandwerks in rom. Bünden*, Genève-Zurich, 1943, p. 161, dans la coll. *Romanica Helvetica*, n.º 17).

flairer, et, pour l'italien continental, la carte de l' AIS, n.º 520: *fiutare*).

Malgré l'emploi du *nazu* pour le chien, lorsqu'il s'agit du *groin* (du porc), la carte n.º 788 de l'ALFC ne présente que les formes *gruñu*, *muzu* et *ruñu*.

La carte de l' AIS n.º 1092 (*il grugno* «le groin») apporte cependant un bon nombre de formes phonétiques différentes qui ont à la base le lat. NASUS. Ces formes appartiennent surtout aux parlers romanches (points 3, 9, 27 et 28) ou à ceux de l'Italie occidentale (points 133, 150, 161, 175, 181, 182) et orientale (209, Bormio; 322, 332, 346, 365 et 378, Istrie). Pour l'Italie centrale, il n'y a que deux attestations (points 490 et 581) ⁽²²⁾.

Voyons aussi ce que nous apportent quelques dictionnaires dialectaux italiens:

Pour le dialecte de Milan, *nas de bée* signifie «nez de bétail» et *nas montonaa*, le «nez de brebis» (Fr. Cherubini, *Vocab. milanese-ital.*, Milano, 1856, t. V, suppl., s. v.).

Pour le parler de Brescia, la trompe de l'éléphant s'appelle *naz del elefant* (Giovanni-Battista Melchiori, *Vocab. bresciano-ital.*, Brescia, 1817, s. v.).

Celui de Ferrare utilise NASUS pour le nez de l'homme et pour le museau des animaux: *nas dl' om o dl' animal* (C. Azzi, *Vocab. domestico ferrarese-ital.*, Ferrara, 1857, s. v.).

A Naples, on emploie *nasella* et *naso de cane* pour désigner le nez court, camus, qui ressemble à celui d'un chien (Basilio Puoti, *Vocab. domestico napoletano e toscano*, Napoli, 1850, s. v. *nasella*).

Il me semble assez évident qu'un bon nombre de patois italiens désignent encore aujourd'hui par NASUS le nez de l'homme et celui des animaux (surtout le chien et parfois le porc aussi).

(22) N'existant pas dans les Bibliothèques belges l'Atlas linguistique et ethnographique de la Corse (Gino Bottiglioni), son auteur a bien voulu m'indiquer les cartes de cette oeuvre qui se rapportent au lat. NASUS. Elles sont les suivantes: n.º 103, *soffiati il naso* «mouche-toi le nez»; n.º 105, *ha il naso rincagnato* «il a le nez camus»; n.º 106, *ha un nasino grazioso* «il a un nez joli»; n.º 107, *ha un nasone* «il a un grand nez»; n.º 113, *mi so levar la mosca dal naso*. — Il n'y a aucune trace de NARIS en Corse. Que mon collègue G. Bottiglioni veuille bien recevoir mes remerciements!

3. Le roumain

L'aspect du roumain fut indiqué d'après mes recherches sur place pour la réalisation de l'Atlas linguistique roumain (voir le commencement de cet exposé).

*

* *

Malgré les lacunes que comporte ce genre de recherches, il me semble toutefois qu'on pourrait supposer l'existence d'une différenciation sémantique entre **NARIS** et **NASUS** dès l'époque du latin vulgaire.

NARIS a dû désigner surtout le nez de l'homme et aussi les narines par l'intermédiaire des différents dérivés (***NARINA**, ***NARICA**, ***NARICULA**, cf. **REW**, 3, s. v.). Le roumain appelle *nare* non seulement le nez, mais aussi la narine, sans que le territoire de ces deux significations soit indentique surtout pour le dialecte daco-roumain (cf. aussi, l'aspect du sarde).

La création des dérivés pour désigner les narines pourrait démontrer la nécessité d'une distinction formelle plus nette entre le nez et ses ouvertures.

Le lat. **NARIS** semble ne pas avoir été considéré comme l'organe de l'odorat, et de ce fait résulte sa vie moins heureuse dans le domaine de plusieurs langues romanes.

Le lat. **NASUS**, de son côté, aurait dû désigner surtout le «museau» de plusieurs animaux, tout en étant considéré surtout comme l'organe de l'odorat.

Tout en s'imposant par son dernier sens, il ne cesse de désigner encore de nos jours le museau des animaux. Le processus de différenciation lexicologique entre la terminologie des animaux et celle de l'homme n'est pas encore accompli.

Comme organe de l'odorat, **NASUS** a engendré de nombreux dérivés (bien plus nombreux que ceux de **NARIS**) qui concernent non seulement la façon de parler (*nasiller*, etc.), mais aussi différents objets qui, par métaphore ou par métonymie, ont été rapproché du nez.

Grâce aux cartes des Atlas linguistiques romans, réalisés pour la plupart des langues romanes, l'histoire de ces deux mots latins apparaît sous un aspect bien plus attrayant que dans les colonnes de nos dictionnaires ⁽²³⁾.

Louvain, juin 1948.

SEVER POP,

anc. professeur à l'Université de Bucarest,
«visiting professor» à l'Université catholique de Louvain

(23) Une comparaison entre cet examen et celui d'A. Zauner, *Die romanischen Namen der Körperteile* (Erlangen, 1902, pp. 23-27; l'étude est publiée aussi dans les *Romanische Forschungen*, t. XIV, 1903, pp. 339-430), indique, d'une manière évidente, combien sont riches les moyens d'information dont dispose aujourd'hui la dialectologie romane.

Survivance roumaine du latin *appīcāre

«apuca attend toujours une étymologie sûre»: A. GRAUR, «Bull. Ling.», V (1937), p. 89.

*

«... nous autres Roumains, nous éprouvons une satisfaction particulière lorsque nous découvrons un mot d'origine latine. Satisfaction qui résulte [...] d'abord du fait que dans ce vocable nous voyons encore un vestige de la langue de nos Ancêtres, et ensuite parce que, grâce à lui, nous parvenons à mieux évaluer la richesse du trésor lexical de la langue romane balcanique, dont nous sommes les principaux dépositaires»: TH. CAPIDAN, «Daco-romania» III (1923) p. 139.

On s'en souvient, le premier conseil que Leo Spitzer donnait ⁽¹⁾ aux philologues en quête d'étymologies était catégorique: «Rencontrez les étymologies, n'allez pas à leur recherche». Or, si ce précepte est aussi légitime que lapidaire, il est loisible de supposer que la thèse que nous allons étayer dans les lignes qui vont suivre paraîtra vraisemblable. En effet, grâce à la patente connexion linguistique qui existe entre les deux périphéries de la Romania, le portugais et le roumain ⁽²⁾, l'étymon latin que nous proposons ci-après

⁽¹⁾ LEO SPITZER, *Aus der Werkstatt des Etymologen*, dans: «Jahrb. für Philol.», I (pp. 129-159), p. 130.

⁽²⁾ Voir, en dernier lieu, H. MEIER, *A evolução do português dentro do quadro das línguas ibero-românicas*, tirage à part de «Biblos» XVIII (1943), p. 12. — Cf., du même, sur le parallélisme entre le portugais, le roumain et le sarde, *Ensaio de Filologia Românica* (Lisboa, éd. de la «Revista de Portugal», 1948), p. 15.

s'est imposé, par le truchement du portugais, à de nombreux Roumains qui ont séjourné dernièrement au Portugal; autrement dit, au Portugal ils ont *rencontré* l'étymologie d'un vocable roumain. Si cette révélation en quelque sorte collective diminue en l'occurrence le mérite de notre «trouvaille», ses chances de vraisemblance s'en trouvent par contre renforcées, puisqu'elles reposent sur la conscience linguistique des habitants de l'aire orientale de la Romania, venus en contact direct avec l'aire occidentale. Et si ce cas — qui n'est point le seul: nous espérons pouvoir démontrer ailleurs que d'autres inconnues du lexique roumain s'élucident par le rapprochement avec le portugais, et vice versa — nous aura amené à enrichir le trésor latin du roumain avec une nouvelle et très importante famille de mots, nous reconnaissons que cela est dû tout d'abord au Portugal, — et c'est là le modeste hommage roumain que nous offrons à la mémoire d'Adolfo Coelho et à sa Patrie qui, par le jeu souverain des circonstances, est devenue un peu aussi la nôtre.

*

Le verbe daco-roumain *apuca(re)* «saisir, prendre» et sa famille ⁽³⁾ a depuis longtemps retenu l'attention des romanistes, roumains aussi bien qu'étrangers, sans que pour cela ils fussent arrivés à résoudre le problème de son origine: «étymologie obscure» écrit Tiktin ⁽⁴⁾ après avoir cité sans conviction les hypothèses, mentionnées plus bas, de Haşdeu et de Burlă; «étymologie inconnue» affirmait en 1913, avec toute son autorité, le *Dictionnaire de l'Académie Roumaine* ⁽⁵⁾ en rappelant les mêmes conjectures et sans en fournir de plus pertinente; «*apuca* attend toujours une étymologie sûre» concluait en dernier lieu A. Graur ⁽⁶⁾, quoiqu'entre temps un Puşcariu, un Spitzer et un Meyer-Lübke eussent traité eux-aussi de

⁽³⁾ Qui se trouve aussi dans le dialecte aroumain ou macédo-roumain (*apucari*); il n'existe pas (ou plus?) dans les dialectes mégléno-roumain et istro-roumain.

⁽⁴⁾ H. TIKTIN, *Rumänisch-deutsches Wörterbuch*, 2 vol. (Bukarest, 1902-1925), s. v.

⁽⁵⁾ *Dicţionarul Academiei Române*, Bucureşti: t. I (pt. 1, A-B, 1913; pt. 2, C, 1940), t. II (pt. 1, F-I, 1934; pt. 2, fasc. 1 (= J -déb. d' L, 1937) et fasc. 2 (= L, incomplet; 1940).

⁽⁶⁾ Dans ses indispensables *Corrections roumaines au R. E. W.*, «Bull. Ling.» (Bucarest) V (1937), p. 89.

la question, de même que Densusianu, Rosetti et d'autres. Les lexicographes reflètent le même scepticisme : « origine inconnue » glose L. Şăineanu ⁽⁷⁾, alors que I. A. Candrea ⁽⁸⁾ préfère passer sous silence la question étymologique de notre vocable, ce qui signifie qu'il tient pour « inconnue » l'étymologie et pour « très douteuses » les explications proposées jusqu'à ce jour (*Prét.*, p. XIII).

Quelles sont-elles ?

La première, à notre connaissance, date de 1870 et est due à Al. Cihac ⁽⁹⁾, qui a vu en *apuca* une « transposition », autrement dit une métathèse, de **acupa*, provenant du latin *OCVPARE*. Hypothèse plausible, à première vue, car le phonétisme *o* > *a* nous est connu par ailleurs, et la métathèse *c-p* se retrouve en roumain ⁽¹⁰⁾. Mais l'objection de poids que l'on peut faire à Cihac est d'ordre sémantique, car entre « occuper » et « saisir, empoigner » il y a à supposer une évolution difficilement admissible par un sujet parlant roumain ⁽¹¹⁾ ; difficulté qui devait être judicieusement formulée en 1926 par Meyer-Lübke ⁽¹²⁾, et qui allait condamner au plus épais silence l'étymon proposé par « le père de la philologie roumaine objective ». Mentionné par Meyer-Lübke pour se voir réfuter, cet étymon n'a

(7) L. ŞĂINEANU, *Dicţionar universal al limbii române*⁸, Craiova, s. d. (1940 ?), s. v.

(8) I.-A. CANDREA, *Dicţionarul enciclopedic ilustrat*, Bucureşti, Cartea Românească, (1931), s. v.

(9) A. de CIHAC, *Dictionnaire d'étymologie daco-romane ; I, Eléments latins comparés avec les autres langues romanes* (Francfort s. M., St.-Goar, 1870), s. v.

(10) Voy. plusieurs exemples chez MEYER-LÜBKE, *Gramm. der romanischen Sprachen*, I (Leipzig, 1890) § 580 et surtout ceux colligés par S. PUŞCARIU, « Dacoromania » III (1923), p. 380, auxquels MEYER-LÜBKE renverra plus tard (*ibid.*, IV (1924-1926), p. 641-642).

(11) Rappelons, à ce propos, que CIHAC a vécu la plus grande partie de sa vie à l'étranger.

(12) « Dacorom. », IV (1924-1926), p. 642 : « Ein *occupare* ist eine mehr oder weniger vorübergehende, mehr politische besetzung, bei der natürlich öftermal als begleiterscheinung, nicht als im wesen liegend, einpacken und wegnehmen vorkommt und man müsste schon annehmen, dass diese begleiterscheinung zur wesentlichen geworden wäre, das kommt natürlich vor, ob aber hier, ist mir doch fraglich ». — MEYER-LÜBKE a rejeté cette étymologie aussi dans le *R. E. W.*, 776.

même pas été signalé par Densusianu ⁽¹³⁾, Tiktin ⁽¹⁴⁾, Pușcariu ⁽¹⁵⁾, Rosetti ⁽¹⁶⁾, etc.

Tel ne sera point le cas de l'étymologie proposée en 1880 par Burlă ⁽¹⁷⁾, qui devait acquérir le plus de suffrages. Comme Cihac, Burlă a supposé la même métathèse *APVCO < *ACVPO, mais, à la différence de son devancier, il remontait au lat. *AVCVPOR* «chasser aux oiseaux», ou à sa forme plus ancienne *AVCVPO* «être à la chasse, guetter, épier», toutes deux dérivées de *AVCEPS* < *AVIS* + *CAPIO*. Cette conjecture, à vrai dire, n'a jamais été admise sans hésitation, si ce n'est dernièrement par Al. Rosetti qui, malgré la réserve précitée de Graur, inclut *apuca* dans la liste ⁽¹⁸⁾ des termes latins conservés seulement en roumain : «*apuca* (aroum. *apucari*) vb. 'saisir, s'emparer de; prendre, être pris, attrapper': *AVCVPARE* 'chasser les [sic] oiseaux ⁽¹⁹⁾, les prendre dans un piège' (REW, 776)». Si Burlă a été combattu par Hașdeu et par Spitzer, qui ont proposé d'autres étymologies, et a été ignoré par Densusianu, Can-

⁽¹³⁾ DENSUSIANU n'inclut pas le vocable *apuca* dans la liste des termes latins qui clôt sa classique *Histoire de la langue roumaine*, Paris, Champion, 1901.

⁽¹⁴⁾ *Op. cit.*, s. v.

⁽¹⁵⁾ *Etymologisches Wörterbuch der rumänischen Sprache* (Heidelberg, Winter, 1905), s. v.; PUȘCARIU conservera le même silence en 1913, lors de la publication du *Dicț. Acad. Rom.* (voy. n. 5), dirigé par lui.

⁽¹⁶⁾ Qui, nous le verrons *infra*, a adopté l'étymologie de Burlă sans juger bon de rappeler les autres, dans son *Istoria limbii române*; I, *Limba latină* ² (București, Editura Fundațiilor Regale, 1940), p. 168.

⁽¹⁷⁾ V. BURLĂ, *Studii filologice*, Iași, 1880.

⁽¹⁸⁾ AL. ROSETTI, *Op. cit.*, *ibid.*

⁽¹⁹⁾ Attirons d'abord l'attention de ROSETTI sur le solécisme «chasser les oiseaux» (= «mettre en fuite», portug. «afugentar»), qui a toute autre signification que «chasser aux oiseaux» (= «donner la chasse», portug. «caçar»; ensuite, sur le fait que «chasser aux oiseaux» se disait en latin *AVCVPARI*, alors que la forme active *AVCVPARE*, forme ancienne et employée uniquement au figuré, voulait dire : 1.^o «être à la chasse, être à l'affût» : Plaute, *Men.* 570, *Truc.* 964; 2.^o (avec l'acc.) «guetter, épier» : Ennius *Tr.* 293; Plaute, *Most.* 473; *Mil.* 995. *AVCVPARI* signifie au propre «chasser aux oiseaux» (Varron, *De re r.*, I 23,6; Col. XI 1,24; Ulp., *Dig.* 47, 10, 13, 7; Gaius, *Dig.* 41, 1, 3, 1) et au figuré «être à la chasse (à l'affût) de, épier, guetter (a. *tempus*, Cic. *Amer.* 22 «guetter l'occasion», a. *inanem rumore* Cic. *Pis.* 57 «être en quête d'une vaine réputation», a. *uerba* Cic. *Caec.* 52 «être à l'affût des (chicaner sur les) mots» (voy. Gaffiot, *Dict. Ig. lat.*, s. v.). — La confusion paraît remonter à MEYER-LÜBKE, qui enregistre *AVCVPARE* et traduit «Vögel fangen» (*R. E. W.*, 776); correcte, PUȘCARIU *Etym. Wörf.* § 103 *AVCVPARI*.

drea, Șăineanu, etc., il est néanmoins parvenu d'abord à se faire relever par le prudent Tiktin⁽²⁰⁾ et ensuite à se voir préférer à Cihac ou à Hașdeu par Pușcariu (à plusieurs reprises) et par Meyer-Lübke lui-même, lorsqu'il prendra position contre l'hypothèse que lancera Leo Spitzer. En effet, en 1905, dans son *Etym. Wörterbuch*, § 103, Pușcariu, après avoir rappelé la conjecture de Hașdeu, ajoutait : «Meilleure, mais pas tout à fait sûre, est l'étymologie de Burlă...»⁽²¹⁾; dix-huit ans plus tard, le regretté savant de Cluj approuvera implicitement cette étymologie, lorsqu'il citera l'interchangeement des consonnes *c-p* dans **acupa-apuca*⁽²²⁾; trois ans après, il prêterait de nouveau foi à cette conjecture quand il invoquera le cas *AVCVPO* > *apuc* comme exemple de *AV-* protone qui se transforme régulièrement en *a-*, du type *AVSCVLTO* > *ascult*⁽²³⁾; enfin, toujours en 1926, Pușcariu donnera explicitement la palme à Burlă lorsque, après avoir désapprouvé Spitzer, il conclura sans ambages : «...Voilà pourquoi je persiste à croire dans l'étymologie *AVCVPO(R)*»⁽²⁴⁾. En 1940, Pușcariu était encore plus ferme, pour des raisons purement analogiques : «... aucun philologue expérimenté ne repoussera l'étymologie *apuca* < *AVCVARI* pour le motif qu'elle suppose un stade **acupa*, quand nous savons qu'au lieu de *risipi* 'dissiper' on dit par endroits *siripi*, et qu'à côté de *pogori* 'descendre' nous employons aujourd'hui dans la langue littéraire, quasi exclusivement, *cobori*»⁽²⁵⁾ : on peut donc en inférer que Pușcariu a fini par adopter et même défendre l'étymologie de Burlă, partant de quelques exemples — inopérants — de métathèse monovocalique.

Ce en quoi, l'élève est allé plus loin que son Maître : Meyer-Lübke acquiesce que *apuca* dérive «peut-être» du lat. **ACVPARI* pour

(20) H. TIKTIN, *op. cit.*, s. v. *apuca*, tout en soulignant l'obscurité de l'étymon, rappelle comme probables l'hypothèse de Burlă («lat. *AVCVPOR*, -*ARE*» [sic, pour -*ARI*]) et de Hașdeu (voy. *infra*, p. 155).

(21) «... Besser, doch nicht ganz sicher, ist die Etymologie von Burlă (Studii filologice) A[V]CVPOR, -ARI 'vogelfangen' mit Metathese vgl. Meyer-Lübke: Rom. Gramm. I § 580».

(22) «Dacoromania» III (1923), p. 380.

(23) Ibid., IV (1924-1926), p. 706.

(24) Ibid., p. 1318. — Mentionnons que en 1913, dans le *Dicț. Acad. Rom.*, PUȘCARIU s'est maintenu dans une réserve prudente, comme auparavant TIKTIN (*supra*, n. 15 et 5).

(25) S. PUȘCARIU, *Limba română* (București, 1940), p. 363.

AVCVPARI, mais, s'empresse-t-il d'ajouter, «ce n'est pas sûr»⁽²⁶⁾; même hésitation en 1926, bien qu'il préfère cette conjecture à celle de Spitzer⁽²⁷⁾, — ce qui ne l'a pas empêché de consacrer l'hypothèse de Burlă dans son *R. E. W.*, à l'article 776: «*aucupāre* 'Vögel fangen'. Rum. *apuca* 'greifen', 'fassen' Rom. Gram. 1.580; Pușcariu, Wb. 103...»

Quels étaient les griefs de Spitzer⁽²⁸⁾? D'abord, il objectait que le terme latin — terme technique, par surcroît — n'a survécu dans aucune autre langue romane; ensuite, que la forme romane **acupa* suppose la métathèse *c-p*, non-attestée. A cela, Meyer-Lübke a rétorqué que, outre que le premier argument ne soit pas dirimant⁽²⁹⁾, il est surtout inexact, vu qu'en Istrie vit encore le vocable *koipo* < lat. *AVCŪPIVM* 'arbrēt', 'arbrōt'⁽³⁰⁾; et que plusieurs cas de métathèse *c-p* ont été colligés par lui (*Rom. Gram.*, I, 580) et par Pușcariu («Dacoromania», III, 380). Mais la conjecture de Burlă n'en sort pas plus fortifiée pour cela, vu que les arguments de Meyer-Lübke sont spécieux et ne font que bâtir hypothèse sur hypothèse. Car l'étymon **AVCŪPIVM* > *koipo* n'est après tout qu'une hypothèse⁽³¹⁾, citée comme telle par Meyer-Lübke lui-même (*R. E. W.* 777). Si la diphtongue *AV-* ne fait aucune difficulté, car le passage à *A-* est attesté dès le latin⁽³²⁾, force nous est de reconnaître que, sauf certains diminutifs⁽³³⁾, aucun des composés ou dérivés d'*auis* (*auceps*,

(26) «O rom. *apuca* (agarrar) talvez derive de *acupari*, por *aucupari* (apanhar pássaros), mas não é certo»: *Introdução ao estudo da glotologia românica* (Lisboa, Teixeira, 1916) § 112 [= éd. portug. de l'*Einführung in das Studium der romanischen Sprachwissenschaft*], Heidelberg, 1909; 3e éd. 1920].

(27) «... Wenn mir also *AVCVPARE* immer noch vorzuziehen scheint...»: «Dacorom.» IV (1924-1926), p. 642.

(28) L. SPITZER, *Apuca*: «Dacoromania» III (1923), p. 645-646.

(29) «... Wir sind über die Geschichte des Wortschatzes und über die kulturellen Verhältnisse dieser Gegenden so wenig unterrichtet, dass weder pro noch contra Schlüsse gezogen werden können»: «Dacorom.» IV (1924-1926), p. 641.

(30) «Bäumchen, an dem die Leimrute befestigt ist»: MEYER-LÜBKE, «Dacorom.» IV, 64; «Bäumchen für die Leimstangen», ID., *R. E. W.* 777 (= ptg. «ramo de armar aos pássaros»).

(31) Due à G. SUBAK, «Archiv. Triest.», 30, p. 113.

(32) *Acupio* C. G. L. V 560, 7 «piège à oiseaux»; *Acupius* Thes. L. L. II 1238, 67, nom propre. — Ce passage pourrait s'expliquer aussi à l'intérieur du roumain, où la diphtongue *AV-* en syllabe atone s'est réduite à *a*: *AVSCVL-TARE* > *asculța*.

(33) Cf. *R. E. W.*, 831.

aucupis, auspex, auspicium, auspicor) n'a survécu dans les langues romanes. Il est vrai que Meyer-Lübke, et après lui Ernout-Meillet⁽³⁴⁾, en mentionne bien deux, mais l'un est problématique (*R. E. W.* 777 *AVCVPIVM* > *koipo*), l'autre à éliminer dorénavant, comme nous espérons pouvoir le démontrer (*R. E. W.* 776 *AVCVPARE* > roum. *apuca*). D'autre part, Du Cange⁽³⁵⁾ nous informe que *aucupare* avait disparu au moyen âge, les seules formes enregistrées étant des dérivés tel *aucupator* 'captator, uel uenator auium', *aucupabilis*, *aucupacio*, *aucupalis*. Mais, à admettre que la survivance d'un dérivé d'*AVCVPOR* dans un unique îlot de l'immense Romania ne constitue pas un argument capital, la sémantique viendrait plaider contre *AVCVPOR* > *apuca*: en roumain, comme on l'a vu, *apuca* ne signifie ni 'chasser aux oiseaux', ni 'chasser' tout court, ni 'guetter', 'épier', mais bien "saisir, prendre"; et l'on sent l'effort un peu trop habile de Rosetti pour arriver à joindre les deux bouts et agencer un passage de sens plausible de 'chasser' à 'prendre' (voy. *supra*, p. 151 et note 19).—A ces objections, ajoutons enfin l'essentielle: du lat. *AVCVPOR* au roumain *apuca*, il nous faut préalablement admettre la métathèse *c-p* et une forme intermédiaire **acupa*; autrement dit, après l'hypothèse de la survivance romane d'*AVCVPOR* — insuffisamment prouvée — il nous faut encore admettre l'existence d'un hypothétique **acupa*, et tout cela à l'encontre de la sémantique: n'y aurait-il trop d'hypothèses?... D'autant plus que, des exemples de métathèses colligés par Pușcariu et auxquels renvoie Meyer-Lübke pour combattre Spitzer, le seul cas expressif est le nôtre; seulement, il a le défaut de se baser sur des formes non-attestées et sur la nature desquelles Pușcariu n'avait pas l'air d'être très fixé: il invoqua tantôt le latin (**ACVPARI*: «Dacoromania» III (1923) p. 380), tantôt le roumain (**acupa*: «Limba Română» (București, 1940), p. 363).

Fondé sur les objections que nous venons d'énumérer, et qui se trouvaient en partie esquissées chez Spitzer⁽³⁶⁾, nous rejetons réso-

(34) *Dictionnaire étymologique de la langue latine*² (Paris, Klincksieck, 1939), s. v. *avis* (p. 91).

(35) *Glossarium mediae et infimae latinitatis* (Niort, 1883-1887), s. v.

(36) «... dass die romanische Form auf die metathetische des Lat. zurückgeführt wird, wobei die ursprüngliche mit *k-p* nicht belegt ist, dass ein Ausdruck der Vogelstellersprache der nicht sonst im Roman. fortlebt, gerade hier, in abgeleiteter Form und abgeleiteter Bedeutung, fortleben soll usw.» (L. SPITZER, *Apuca*: «Dacorom.» III, 1923, p. 645).

lument l'étymologie proposée par Burlă, malgré l'appui total de Rosetti et de Pușcariu, et malgré l'appui plus mitigé de Meyer-Lübke.

Quelques années plus tard, le grand philologue qui fut B. P. Hașdeu publiait les trois premiers volumes de son monumental *Etymologicum Magnum Romaniae*, demeuré malheureusement inachevé⁽³⁷⁾. Le vocable *apuca*, selon Hașdeu (*E. M. R.*, 1390-1391), viendrait d'un lat. *APVCO, -ARE, qui, à son tour, descendrait du lat. *APERERE* 'lier, attacher', avec le suffixe -VCO, à l'instar du lat. *MANDERE* > *MANDVCARE* > roum. *mânca(re)* «manger». Si cette conjecture a sur les deux précédentes l'avantage de ne plus recourir à la métathèse *ACVPARI (ou *acupa), mais de mener sans détours à la forme supposée *APVCARE, — elle n'en suscite pas moins de doutes. D'abord, les dérivés latins en -VCO sont extrêmement rares : sauf *mandūco*, il n'y a plus que l'adjectif *cadūcus* < *CADERE* et le substantif *fidūcia* < *FIDŌ*, cette dernière formation «sans autre exemple» (Ernout-Meillet, *op. cit.*, s. v.). Dans ces conditions, il est imprudent de supposer un dérivé latin -VCO, -VCVS ou -VCIA, surtout si l'on tient compte du fait que dans *manducare* il s'agit d'une expression populaire, forte et imagée, substituée à une autre usée (*edere*), alors que *APVCARE serait un dérivé — jamais attesté — d'un *apere* qui ne figure que dans les gloses (sauf Ennius, *Ann.* 514) et dont le dérivé attesté est *apisci* (arch. *apiscere*), avec ses composés *adipiscor*, *indipiscor*, *redipiscor*.

A cette première objection, la sémantique vient en ajouter une seconde : 'lier', 'attacher' (*APERERE*), de même que 'atteindre', 'obtenir' (*APISCI*) sont bien loin de 'saisir', 'prendre' (roum. *apuca*).

Pour ces raisons, surtout, nous n'hésitons pas à rejeter l'étymologie de Hașdeu, — laquelle d'ailleurs n'a persuadé personne : Pușcariu (*Etym. Wört.*, s. v.) la mentionne pour préférer, sans explications, celle de Burlă; Tiktin (*Rumän.-deutsches Wört.*, s. v.) et *Dicționarul Academiei Române* la citent pour conclure, respectivement, «étymologie obscure», «étymologie inconnue»; elle a été, enfin, complètement passée sous silence par Spitzer, Meyer-Lübke, Densușianu, Candrea, Rosetti, Șăineanu, Graur, etc.

(37) Il ne devait pas dépasser le mot *brbat*, qui clôt le 3e volume, paru en 1898 (le 1^{er}, en 1887).

En 1900 a été énoncée, incidemment, une quatrième hypothèse qui devait demeurer inconnue jusqu'à ce jour. Il s'agit des notes dont G. Crețu faisait accompagner son édition, plutôt soignée, du «Lexique Slavo-Roumain» de 1649⁽³⁸⁾, et où l'on lit, à la page V, note 3, l'étymon *apuca* < lat. *CAPVCARE, sans aucune autre explication pour étayer sa théorie.

Bien que l'auteur abonde par ailleurs en étymologies fantaisistes compromettantes⁽³⁹⁾, nous nous empressons de constater que cette conjecture est, à notre avis, plus séduisante que les trois précédentes — si tant il est vrai que dans l'intention de son auteur *CAPVCO est un dérivé-composé de *CAPIO* avec le suffixe -VCO. D'abord, le sens nous y invite : comme le roum. *apuca*, le lat. *CAPIO* veut dire 'prendre' (sens général qu'il a hérité de *EMO*) ; par conséquent, plus d'efforts d'ordre sémantique comme c'était le cas pour **acupo* < *OCCVPO*, **acupo* < *AVCVPOR*, **apuco* < **AP[ERE]* + *VCO*. Ensuite, notons que la racine indo-européenne *kap-* est à la base du duratif en -a- *occupāre*, aussi bien que de la forme avec apophonie -ceps, que nous avons rencontrée dans *aucupium* et son dénominatif *aucupari*⁽⁴⁰⁾ ; autrement dit, Crețu a l'air — sans en avoir l'air ! — de mettre d'accord Cihac (*occupare*) et Burlă (*aucupare*) grâce à une solution intermédiaire, tout en se réclamant de Hașdeu (suff. -VCO).

Contre ce compromis s'élèvent néanmoins deux objections insurmontables : d'abord, la difficulté du suffixe -VCO à ajouter à *CAPIO*, qui nous faisait repousser l'hypothèse **AP[ERE]* + *VCO* ; ensuite, et surtout, comment l'auteur expliquerait-il la chute du c- initial, pour arriver au roum. *apuca* ? Deux questions fondamentales auxquelles

(38) G. CREȚU, *Mardarie Cozianul, Lexicon slavo-român (1649)* : București, Academia Română, 1900.

(39) En voici quelques unes, prises au hasard : au lieu de dériver *alerga* «courir» du lat. **ALLARGARE*, il le fait venir du lat. *CA(BA)LLICARE*, contre toute loi phonétique ! Du reste, *IN-CABALLICARE* a donné en roumain *încăleca* «monter à cheval» : cf. roum. *cal* < *CABALLV-*. — Roum. *până*, «jusque» < *PRO* + *AD* ! (alors que l'évidence impose *PAENE* + *AD*. — Roum. *corcodușă* «mirabelle», d'origine inconnue, proviendrait selon Crețu du roum. **pru(ni)culușă*, où l'on reconnaît *prună* «prune», mais ridiculement affublé d'un suffixe diminutif inexistant -*culușă*, pour arriver à une forme hypothétique qui se serait transformée en roumain en tout, sauf en *corcodușă*... — Nous en passons, et des meilleures.

(40) Voy. ERNOUT-MEILLET, *op. cit.*, s. v. *capio*.

Crețu a répondu par un silence aussi épais qu'insolite, pour que sa thèse puisse avoir des chances d'être acceptée.

Dans cette déjà longue joute philologique entre nationaux, allaient entrer bientôt deux étrangers de marque : Leo Spitzer et W. Meyer-Lübke.

Le premier en 1923, nous l'avons vu ⁽⁴¹⁾, pour rejeter l'étymologie de Burlă ⁽⁴²⁾ avec des arguments que nous faisons volontiers nôtres. Là où nous nous séparons irréductiblement, c'est lorsque Spitzer, délaissant le domaine du latin, propose un étymon à l'intérieur du roumain, «wobei es nun bei der mangelhaften Überlieferung der alten Sprache leider auch nicht ohne jegliche Konstruktion abgehen kann» : partant d'abord de l'impression qu' *apuca* a en roumain quelque chose de violent et de brachial, et qu'il ne signifie pas seulement allem. «nehmen» (= fr. «prendre»), comme les synonymes roum. *prinde* ou *lua*, mais aussi allem. «packen» (= fr. «empoigner», «saisir»; ptg. «apanhar», «agarrar»), «mit der Hand packen» (= fr. «saisir avec la main»); constatant ensuite que roum. *apuca* est plus fort que roum. *înhața* «saisir», dont l'origine est l'interjection roum. *haț!* (= allem. «schwupp!», «wutsch!»; cf. fr. «v'lan!», «crac»), Spitzer conclut que roum. *apuca* doit venir de l'interjection roum. *poc!* ou **puc!* (cf. roum. *boc!*, *buc!*; *pâc!*, *pic!*), avec le préfixe *a-*, comme dans roum. *acțița* «accrocher», fr. *attouchement*, allem. *anrühren*. — Conjecture délicate entre toutes que celle-ci, puisque fondée sur une analogie inexpressive, et surtout sur la prétention dangereuse d'un étranger — si polyglotte soit-il — de jouer sur les nuances du roumain. Elle ne devait convaincre personne, et trois ans plus tard S. Pușcariu glosait avec pleine raison : «... pour tout Roumain, *înhața* comporte une nuance onomatopéique qui manque complètement au verbe *apuca* ⁽⁴³⁾. Du reste, **puc!* n'existe pas en roumain, et quant à *poc!*, le sens du verbe qui en serait dérivé eût été «frapper», et non pas «prendre»; «... 'schlagen' ist nicht 'packen'», objectait judicieusement Meyer-Lübke, en repoussant l'étymologie onomatopéique de Spitzer ⁽⁴⁴⁾.

Le savant de Bonn, après avoir défendu la conjecture de Burlă

⁽⁴¹⁾ Voy. *supra*, n. 36.

⁽⁴²⁾ Quant à celles de Cihac, Hârdeu et Crețu, Spitzer laisse l'impression de les ignorer.

⁽⁴³⁾ «Dacoromania», IV (1924-1926), p. 1318.

⁽⁴⁴⁾ Ibid., p. 641-642.

contre les objections de Spitzer ⁽⁴⁵⁾, devait en même temps faire le point de cette menue mais ardue question, pour hasarder ensuite une timide suggestion, la dernière en date (1926) que nous connaissions : vu que ni *OCCVPARE*, ni *AVCVPARI*, ni *poc!* ne satisfont pleinement ⁽⁴⁶⁾, n'y aurait-il pas lieu de penser que roum. *apuca* et allem. *packen* sont apparentés ? (Ce rapprochement, nous venons de le voir, avait été fait d'abord par Spitzer, mais uniquement du point de vue du sens, et non pas de l'origine). A cette question, Meyer-Lübke répond «oui» du point de vue sémantique (*packen* comme synonyme de *einp-*, *verp-*), mais «non» du point de vue phonétique, car il ne saurait expliquer le *-u-* du roumain à côté de l' *-a-* en allemand, bien qu'il existe le cas parallèle du roum. *flutura*, allem. *flattern*, «papillonner», «voltiger». Doute tout de prudence fait, qui caractérisait le regretté savant et qui se trouve, à notre avis, plus que justifié : le couple *flutura* — *flattern* ne prouve rien, car l'allemand connaît toute la série alternante (*flattern*, *flittern*, *flottern*) pour l'onomatopée exprimant le souffle du vent ou le battement des ailes ; roum. *flutura* est considéré (Candrea) comme provenant du lat. **FLVCTVLARE* (REW., 3384) < *FLVŌ*, mot expressif présentant l'initiale *fl-* (*flō*, *fleō*, *fluō*, et surtout le groupe de *folis*). Le fond allemand du roumain est relativement trop récent (il ne remonte pas au-delà du XII^e siècle, date de l'installation des premiers Saxons en Transylvanie) et trop maigre, pour avoir légué au roumain un verbe aussi fondamental que *apuca* ⁽⁴⁷⁾ ; sans parler du préfixe *a-*, qu'il ne serait guère loisible d'expliquer ici, car ce serait hérésie que d'y voir une transformation de l'allem. *ein-*(*packen*).

Dans son indécision «provisoire», le Maître de Bonn se proposait en 1926 de reprendre un jour la question tant débattue du roum.

⁽⁴⁵⁾ Voy. *supra*, n. 29.

⁽⁴⁶⁾ Comme Spitzer, Meyer-Lübke a l'air d'ignorer les étymologies de Haşdeu et de Creţu, tout en rappelant celle de Cihac.

⁽⁴⁷⁾ Quant au soit-disant vieux fonds germanique en roumain — auquel *apuca* n'a jamais été rattaché, du reste — la conclusion des derniers chercheurs (Brüch, Densusianu, Meyer-Lübke, Skok, etc.) est que, dans le stade actuel de nos connaissances, l'existence en roumain de pareils éléments ne saurait être prouvée. Voy. A. ROSETTI, *Istoria limbii române*, II (1938), p. 67 et suiv. et surtout p. 72 ; SEVER POP, *Grammaire roumaine* (Berne, Francke, 1948), p. 10 et 11 ; S. PUŞCARIU, *Etudes de linguistique roumaine* (Cluj-Bucureşti, Impr. Naţională, 1937), p. 44 et suiv. — E. GAMILLSCHEG, *Romania Germanica* II, p. 233-266. — G. GIUGLEA, «Dacoromania» III (1923), p. 622-628. — C. DAICOVICIU, *Transilvania nell' Antichità* (Bucarest, 1943), p. 182, n. 1.

apuca ⁽⁴⁸⁾, mais l'Ennemie devait couper, dix ans plus tard, le fil de ses jours glorieux avant qu'il eût pu nous léguer le fruit de ses recherches et de ses méditations sur un sujet qui, on le voit, n'a pas manqué de retenir toute son attention. — En petit, on y discerne la place primordiale que Meyer-Lübke a accordé au roumain pour résoudre certains problèmes interromans; car il a éprouvé pour le roumain une attraction qui, des langues néo-latines, ne peut être comparable qu'à celle éprouvée pour le sarde, à cause de l'isolement de ces deux idiomes, qui les rend hautement intéressants pour la linguistique comparée. *Apuca* serait-il un témoignage en plus de cet isolement?

Avant de clore ce premier chapitre, historique, de la question, résumons: depuis 1870, six étymologies proposées pour expliquer le roum. *apuca*, à savoir: deux se rattachant à la même forme hypothétique *ACVPARE (< OCCVPARE, Cihac; AVCVPARI, Burlă); une basée sur *APVCARE < APERE + VCARE (Haşdeu); une autre apparentée, *CAPVCARE < CAPĒRE + VCARE (Creţu); une onomatopéique, a + *puca* < roum. poc!, **pu*! (Spitzer); et, simple suggestion, a + allem. *packen* (Meyer-Lübke). L'exposé critique que nous venons de faire aura démontré, nous l'espérons, les points faibles de toutes ces hypothèses, pour non seulement justifier la réserve générale dont elles ont été accueillies par des romanistes comme Densusianu et par des lexicographes comme Tiktin, Candrea, Şăineanu et Puşcariu (du *Dicţionarul Academiei Române*), mais aussi pour déblayer le terrain afin d'émettre et d'étayer notre propre conjecture.

*

Selon l'énoncé du titre de cette monographie, nous tenons pour évidente («... en toute science, démontrer c'est découvrir des faits qui apparaissent évidents», disait Meillet) l'explication du roum. *apuca(re)* par le lat. *APPĪCARE «coller», dérivé de *PIX*, *PĪCEM* «poix», par un développement sémantique saisissable dès le latin

(48) «Ich stelle vorläufig die zwei möglichkeiten der deutung von *apuca* nebeneinander, da ich keine momente sehe, die die eine bevorzugen liese. Auf dás, was ich über die verschiedenen arten von schallwörtern angedeutet habe, werde ich in grossem zusammenhange anderswo zurückkommen»: «Dacoromania», IV, p. 642.

classique et existant dans les langues néo-latines également, et à travers une transformation phonétique (lat. $\tilde{I}$ > roum. $-u$) apparemment assez anormale pour avoir dépité les philologues jusqu'à nos jours. Ajoutons tout de suite qu' **APPĪCĀRE* a survécu non seulement en roumain (et macédo-roumain), comme nous nous proposons de le démontrer, mais aussi en provençal, catalan, espagnol, portugais (= *apegar*), en calabre (= *appicare*) (⁴⁸ bis), sans oublier l'italien *appicare*, issu d'un croisement; et que le verbe simple *PĪCĀRE*, attesté depuis Caton, a survécu en vieux-milanais, bergamasque (*pegá(r)*), logoudorien (*piğare*), provençal, espagnol, portugais (*pegar*) et vieux-français (*poier*) (⁴⁹), sans parler des autres rejets par lesquels la racine *PĪCEM* a survécu dans les langues romanes. Examinons les faits de plus près.

Le vieux thème indo-européen **pik-* «poix» (⁵⁰) est représenté en latin par *PIX*, *PĪCEM*, chef d'une assez riche famille de dérivés et de composés (⁵¹): *piceus*, $-a$, $-um$ «de poix», «d'un noir de poix»; *picea*, $-ae$ «pesse» (sorte de sapin); *picatus*, $-a$, um «enduit de poix», d'où *pico*, $-are$ (et ses composés *impico*, $-are$, et **appico*, $-are$) «poiser»; **picarius*, $-a$, $-um$ «de poix», d'où *picaria*, $-ae$ «fabrique (fonderie) de poix»; *pīcūla*, $-ae$ «un peu de poix»; *pīcinus*, $-a$, $-um$ «noir comme la poix» (Plin. XIV 42); **picidus* «poisseux».

De tous ces vocables panromans (⁵²), on n'en connaissait en roumain que le diminutif tardif (⁵³) *păcură* < *PICVLA* (⁵⁴), auquel il

(⁴⁸ bis) Voy. G. ROHLFS, *Dizionario delle tre Calabrie* I 2 (Halle-Milano, 1932), p. 100, s. v.

(⁴⁹) Voy. la carte annexe.

(⁵⁰) **pik-ia*: gr. homér. *πίσος*, att. *πίτρυς* «poix», lat. *pix*, *picis*, vx. sl. *pīklŭ*, *pīclŭ*, lit. *pikis* «poix» (vx.h.allem. *pēh* «poix» est emprunté); *πίσος* est apparenté au groupe *πίρ* «graisse» et *πίρος* «pin» (voy. M. BOISACQ, *Dictionnaire étymologique de la langue grecque* (Heidelberg, Winter, et Paris, Klincksieck, 3e éd., 1938), s. v. *πίσος*).

(⁵¹) Voy. ERNOUT-MEILLET, *op. cit.*, s. v. *pix*.

(⁵²) Voy. R. E. W. 6553 (*pix*), 6479, 1.^o (*piceus*), 6479, 2.^o (*picea*), 6477 (*pīcāre*), 547 (**appicāre*), 4308 (*impicāre*), 6478 (*pīcārius*), 6480 (*pīcidus*), 6485 (*pīcūla*); cf. aussi 6534a (*pīssin[n]us* «de poix» < gr. *πίσινος* < *πίσος* «poix»).

(⁵³) Un des premiers exemples est du IV^e siècle, attesté par le médecin bordelais Marcellus Empiricus, *De medicamentis* (éd. Helmreich, 1889), 36.

(⁵⁴) Car Densusianu (*Hist. lg. roum.*, p. 87) a raison de voir dans le traitement $-L > -r$ une preuve que roum. *păcură* provient du latin *PICVLA*, et non pas du vx. slave *pīklŭ*, comme le pensaient F. Miklosich et H. Tiktin; du reste, *pīklŭ* a donné en roumain *păclŭ* «chaleur étouffante», «brouillard».

faudra ajouter désormais le verbe *apuca(re)* < *APPĪCĀRE, correspondant d'*apegar* ou *appicare* et, en partie, d'*appicare* du reste de la Romania. La disparition presque complète de cette famille latine en roumain n'a rien de surprenant, vu que le propre chef, *PIX*, a été éliminé par le slave *smola* > roum. *smoală* «poix», «goudron».

— Car nous tenons ici un aspect inédit de l'émouvante lutte menée par le fond latin de Dacie contre les envahisseurs barbares : de nos jours encore, nous assistons, à l'autre extrémité du monde latino-slave, à une lutte identique : dans la presqu'île d'Istrie (où, rappelons-nous, le dialecte istro-roumain est encore une réalité), l'italien dialectal *pégula*, *pígula* < lat. *PĪCŪLA* est supplanté en maints endroits par le slave *smola*, *zmola* ⁽⁵⁵⁾. On dirait que, dans cette lutte de vie et de mort, le latin oriental d'Italie et de Dacie ⁽⁵⁶⁾ a eu recours au même procédé, à savoir le diminutif de renfort *PĪCŪLA* qui, fait significatif, remplace la forme générale italienne *pece* < *PĪCE(M)* notamment dans les aires latérales plus menacées : vgl. *pekla*, istr. *pégula* (*píg-*), engad. *pievla*, frioul. *peule*, prov. *pegola*. Devant cette constatation, il n'est point audacieux de supposer, dans le «roumain primitif», l'existence d'une forme provenant du simple *PĪCE(M)*, qui a dû disparaître sous les coups du ressac slave, alors que l'italien *pece* s'est maintenu à l'abri de l'Adriatique. Mais la lutte latino-slave *PĪCŪLA* — *smola* en Dacie ne s'est pas terminée là : sans se contenter de la «liquidation» de *PĪCE(M)*, et comme dépit par le renfort du substitut, bien plus résistant, *PĪCVLA*, l'intrus slave a changé de tactique, procurant un autre point faible du latin : le côté sémantique. En effet, et grâce à cette nouvelle pression, le roum. *păcură* a fini par signifier non seulement «poix», mais aussi, dans les textes religieux du XVI^e et XVII^e siècles, «enfer» — et cela

(55) K. JABERG-J. JUD, *Sprach- und Sachatlas Italiens und der Süd-Schweiz*, vol. II (1929), carte 210 (1a) *pece* : 398 = *zmola*, 349 = *smola*.

(56) Sur la division, préconisée par Diez et reprise par von Wartburg, de la Romania en deux grands blocs, dès le IV^e siècle, voy. H. MEIER, *Ensaïos...*, p. 16 et suiv. : Romania orientale, formée par l'Italie, la Dacie et les Balkans romanisés ; Romania occidentale, composée de la Gaule (avec le N. de l'Italie) et de l'Ibérie.

s'explique par le même double sens que comporte en slave *piklŭ*, v. sl. *picilŭ* (de la même racine i-e. **pik-*, «poix») ⁽⁵⁷⁾.

A la lumière de cette survivance de *PĪCŪLA* en daco-roumain, on s'explique mieux, avec P. Papahagi, sa disparition dans les dialectes macédo-roumain, mégléno-roumain et istro-roumain : dans *păcură* < *PĪCŪLA*, de même que dans roum. *bour* < *BVBALVS* «aurochs» et dans *papură* < **PAPVLAM* «massette», «carex» ⁽⁵⁸⁾, ledit philologue voit une preuve de la continuité roumaine dans la Dacie (après l'abandon de cette province trajane par Aurélien, en 271) : ce seraient là des termes étroitement liés au sous-sol (pétroli-fère), à la faune et à la flore daco-roumaines, d'où leur inexistence dans les trois autres dialectes roumains extérieurs à la Dacie ⁽⁵⁹⁾. Hypothèse plausible, si l'on se rappelle que le bulgare, à côté du sl. *pākāl* «poix», a emprunté le vocable daco-roumain sous la forme *pakura* «poix», «goudron» ⁽⁶⁰⁾.

Partant de cette prémisse, adoptée entre autres par Pușcariu ⁽⁶¹⁾, Capidan, avec l'assentiment de Procopovici ⁽⁶²⁾, élargit le problème et, constatant que *FICA* et *CASTANEA* ne se sont conservées que chez les Roumains du sud du Danube, corrobore la théorie d'un habitat commun au nord et au sud du Danube. Ce qui laisserait entrevoir la longue portée et les riches enseignements de la survivance de *PĪCŪLA* en daco-roumain.

(57) Ce double sens a été relevé, comme un trait balcanique emprunté au grec, par KR. SANDFELD, *Linguistique balcanique* (Paris, Champion, 1930), p. 36 : *missz*, vx. bulg. *piklŭ* bulg. *pākāl*, serbe *pakao*, russe *peklo*, vx.h.allém. *pēh*, hgr. *pokol* (empr. au slave), alb. *pisë* (et *serë*), aroum. *pis.ă* «poix» et *h'is.ă* «enfer». Mais le grec ancien ne connaît pas cette acception, qui par conséquent doit avoir une autre origine, très probablement slave.

(58) Mais qui est expliqué aussi par *PAPYRVS* (voy. R. E. W., 6218) ou par *PAPVRA* (A. GRAUR, «Romania», 53, p. 543 ; «Bull. Ling.», V (1937) p. 108).

(59) P. PAPAHAĞI, dans «Dunărea» (Sîlistra-Roumanie) I (1924), p. 105-112 (c.-r. dans «Dacoromania» IV (1924-1926), p. 1512).

(60) Voy. «Dacoromania» III (1923), p. 223 ; N. IORGA, *Histoire des Roumains et de la Romanité orientale*, II (Bucarest, 1937), p. 337.

(61) S. PUȘCARIU, *Limba Română*, p. 248 : «...*păcura* < *PĪCŪLA* (< *PIX*) s'est conservée [...] seulement au nord du Danube, où il y a des régions pétrolifères. De même le *bour* < *BVBALVS*, que l'on pouvait chasser dans les Carpates il n'y a pas longtemps de cela, mais qui avait disparu plus tôt de la péninsule des Balcons». — Sur le duel entre *păcurar* < *PĪCŪLA* et *păcurar* < *PĒCVS*, voy. infra n. 111.

(62) Voy. «Dacoromania» X (1943), p. 514.

L'évolution sémantique de «poix», «poisser», à «saisir», «prendre», s'est faite à travers le sens intermédiaire de «coller», «gluer», et l'explication en est patente, vu que l'attribut essentiel de la poix (végétale ou minérale) est d'être *gluante*, *collante*. Cette association d'idées est visible dès le latin⁽⁶³⁾ — qui offre un saisissant parallèle

(63) Car il faut préférer la leçon *piceata*, dans Martial VIII 59,2 :

Ne contemne caput, nihil est furacius illo ;

non fuit Autolyçi tam + p'perata manus

comme nous le conseillent les vieux lexicographes. Ainsi, Bento Pereira (*Prosodia in Vocabularium bilingue...* 7-e éd., Evora, 1697) s. v. *piceatus*, a, um (nous traduisons du portugais) : chose brayée, ointe, enduite avec de la poix, poisseuse ; *piceata manus*, main de voleur MART. 8,58 (= 59) ; CALEPIN (*Septem linguarum Calepinus, hoc est Lexicon latinum...*, 8-e éd. Patauii, ap. J. Manfrè, 1758), s. v. *piceatus* : «pice illitus : Martial VIII 59 [...], ubi *piceatam manum* dicit pro *furaci*, quasi quae picis instar, quod tangit, auferat».

Le passage précité de Martial est fortement corroboré par un autre de Catulle, 25,9, où il s'agit d'un autre voleur, Thallus, *rapacior procella* (v. 4), auquel le poète demande de lui renvoyer le manteau volé :

Remitte pallium mihi meum, quod inuolasti,

sommaton qu'il répète au v. 9 :

Quae nunc tuis ab unguibus reglutina et remitte

«décolle-moi tout cela de tes ongles et renvoie-le moi», trad. G. Lafaye, éd. Budé, 1932. Le passage de Martial s'éclaire admirablement grâce à celui de Catulle : *reglutinare* «décoller» (une chose volée) exige la leçon *piceata* «rapace», «qui semble glüe», comme interprète ce passage le Dictionnaire de QUICHERAT-DAVELUY. Pour traduire le *piperata* du passage controversé, H. J. IZAAC (éd. Budé, II, 1 ; 1933) a été visiblement embarrassé : «Ne regarde pas cette tête avec dédain : il n'est pas plus grand voleur que lui au monde ; la main d'Autolycus n'était pas aussi alerte». Or, *piperatus* est «poivré ; fig. piquant, caustique», et ne convient point au texte, qui parle de la main *gluée* d'un voleur (Autolycus chez Martial, Thallus chez Catulle), par conséquent de la *piceata* (*manus*) du bon vieux Calepin.

Ce pittoresque sémantisme «coller» > «voler» est visible non seulement, par exemple, en abruzzain *apic'cà*, «prendre en main» (De BARTHOLOMAEIS, «Arch. Glott.», XV, p. 330), ou dans le déverbal roumain *apucitor* «rapace», «voleur» (cf. en ptg. «pegar e m-se as mãos em alguma coisa» = «voler»), mais aussi dans l'argot français, où *poisse* veut dire «voleur», *poissard* «langage de voleurs», sens qui remontent au vx. fr. *poissard* (= XVI-e s.) «voleur (qui est supposé plaisamment avoir de la poix aux doigts)», selon la pertinente interprétation d'A. DAUZAT (*Dictionnaire étymologique de la langue française*¹, Paris, Larousse, 1938 ; s. v. *poix*) ; de même, E. GAMILLSCHEG, *Etymologisches Wörterbuch der französischen Sprache* (Heidelberg, 1928) s. v. *poissard* dérive de *poisser* «voler», proprement «avoir de la poix sur les mains». — Sur (*AP)PICARE «voler», voy. aussi p. 172, 4.º.

Autant de raisons pour conclure que le sens exige de lire chez Martial VIII

lisme — (64) et se retrouve non seulement du latin au roman, mais également en slave (65), en allemand (66), etc., et jusqu'au langage argotique moderne: de «coller un livre» à «se coller à ses livres» et à «se faire coller» (ou «poisser» < poix = 'saisir', 'attrapper'), l'enchaînement des idées est net et encore vivant.

Bien qu'il soit difficile de faire une distinction précise, on peut, selon le R. E. W., suivre l'évolution des différents stades sémantiques. Le stade non-évolué «enduire de poix» (PĪCARE et sa famille) existe en vx. fr. *poier*, logoud. *impigare*, prov., cat. *empegar* (ptg. *empezgar* < *pez* < PICE-, pour éviter l'homonymie avec *empegar* < *pego* < PELAGU- «engouffrer»), cat., esp. *empeguntar* (< *pegunta* «poix» < *pega* «poix» + *untare* «enduire», «engraisser»), it. *impegolare*, *impeciare*. Le stade intermédiaire («coller», «unir») est le plus fréquent: prov., cat., esp., ptg. *apegar*, calabr. *appicare*, esp., ptg. *pegajoso*, cat. *pegallós*, esp. *pegadizo*, ptg. *pegadiço*, fr. sud *pegan*, *pegú* «collant». Le stade le plus évolué («saisir») se trouve en logoud. *pigare*, prov. *pegar*, abruz. *appiçca* et roum. *apuca*. Enfin, une série d'exemples accumulant les deux sens («coller» et «saisir») constitue le trait d'union entre le second et l'ultime stade: prov., esp., ptg. *pegar* (67), it. *appicare* (68), *appicicare*; cf. corse (*erba*) *appi cci-*

59,2 *piceata* au lieu de + *piperata* (cf. XIII 107,1 *Haec de uitifera uenisse picata Vienna*), — variante attestée du reste par deux manuscrits, D et N.

Nous nous proposons de reprendre la question ailleurs.

(64) *Gluten* («glu») et sa famille, qui n'a évolué en roman que jusqu'au stade intermédiaire «coller, unir» (voy. R. E. W. 3806); cf. en lit. le sens de «j'enduis», «je colle», en gr. «je me colle à», en irl. «il s'attache» (voy. ERNOUT-MEILLET, *op. cit.*, s. v. *gluten*).

(65) Vx. sl. *lipeti* «être collé» (cf. skr. *limpāti* «il enduit», gr. λίπος «graisse (animale)», tch. *lep* «glu», roum. *lipi* «coller», «unir» (et *lip* «crasse», qui rappelle le sens spécial de *picealu*; cf. n. 70).

(66) Sémantisme identique en allemand: *Leim* «colle, glu» > *leimen* «coller, gluer» > fig. (*jemand*) *leimen* «attrapper quelqu'un» (H. MICHAELIS, *Novo Dicionário alemão-português*, Leipzig, 1934). — *Pech* «poix» a lui aussi évolué, par exemple dans le dérivé *erpicht* «attaché», «affectionné», pendant du ptg. esp. *apegado*.

(67) Meyer-Lübke confond dans le même article (R. E. W., 6477) deux vocables d'étymologies et de sens différents, en donnant à PĪCARE (< PIX, PĪCEM) non seulement le sens juste de «kleben» (= fr. «coller») avec les survivances romanes respectives, mais aussi le sens de «picken» (= fr. «piquer», ptg. «picar»), qui appartient à l'article 6495 *pikk-re «stechen» (= fr. «piquer», ptg. «picar»), qui paraît provenir du lat. *PICCV- «pointe», reduplication de PICVS «pic, oiseau» (ou d'une racine celte *pic-* «pointe»). (Sur cette gémination

kella, *piçcitella*, *cepita* «herbe gluante»; logoud. *piçuloza*, etc. — Notons enfin qu'en vx. milanais et en bergamasque *APPICARE > *pega(r)* a évolué vers le sens de «salir», vu que la poix non seulement colle, mais encrasse également ⁽⁶⁹⁾. Cette tendance est d'ailleurs visible dès Végèce qui, vers le Ve siècle, appelle *picula* la crasse de la peau des enfants ⁽⁷⁰⁾; tendance manifeste dans des vocables modernes tel le fr. *poisser* «salir avec une matière gluante».

Pour mieux démontrer l'intégration du roum. *apuca* dans la famille romane (*AP)PICARE, on pourrait illustrer sur deux colonnes les significations du ptg. (*a*)*pegar* avec des exemples concernant le roum. *apuca*, et c'est ce que nous avons fait en première rédaction, en prenant comme base le Dictionnaire de Caldas Aulete ⁽⁷¹⁾ et les exemples du *Dicționarul Academiei Române* (= D. A. R.); mais comme l'espace ne nous permet pas cette confrontation de détail qui, sémantiquement, corrobore sans conteste l'étymologie *apuca* < *AP-PICARE, nous nous bornerons à en extraire quelques exemples plus

expressive *PICCARE > ptg. *picar*, voy. aussi S. NETO, *op. cit.*, p. 194). Car entre cat. *pegar* «piquer» et ptg. *pegar* «saisir» il n'y a de commun que l'aspect homomorphe; en esp. les deux sens coexistent en *pegar*, ce qui explique pourquoi le vacillant *Diccionario de la Academia Española* en fait également un seul article, au lieu d'en destiner un séparé à la 5^e acception «castigar o maltratar dando golpes»; plus prudent, P. F. MONLAU (*Diccionario etimológico de la lengua castellana*³, Buenos Aires, J. Gil, 1946), s. v. *pegar*: «picare, de *pix*, *picis*, la *pez*. Todas las demás acepciones son figuradas, incluso la de maltratar dando golpes, aunque en ésta pudiera ser una alteración de *picar*». Il nous semble évident que dans l'esp. *pegar* «battre», «frapper» il ne faut pas voir un problème phonétique (*PICARE «piquer», pour *PICCARE), mais un trait purement sémantique, voire l'évolution de l'expression *pegar* (un *bofetón*) < PICARE «coller» < PICEM «poix»: cf. fr. «coller (une giffle)»; allem. «(jemandem eine) kleben»; roum. «a lipi (o palmă)», de *lipi* «coller»; ptg. «pegar (uma bofetada)» et, par étymologie populaire, *pregar* (u. b.) < *prego* «clou» (ce qui nous confirme dans l'impression que le sujet parlant portugais n'a plus conscience, dans *pegar* «coller», «saisir», de l'étymon dérivé PICARE > PICEM à cause du simple *pez* < PICEM, qui a développé sa famille *peçgar*, *empesgar*, *empezar*, *empezinhar*, etc.). Du reste, l'ancienne forme est bien *pegar* u. b. («...hũa grande bofetada A scu esposo pegou»: *Cancioneiro Geral* (Coimbra, 1915), t. V, p. 310), comme l'a rappelé dernièrement A. C. PIRES DE LIMA, «Pegar» ou «pregar» uma bofetada?, *Rev. de Port., Língua Port.* XIII (1948), p. 153; bien qu'hésitant, l'auteur y voit une étymologie populaire, avec substitution de *pegar* signifiant *pespegar*, *colar*.

Le R. E. W. présente bien d'autres cas flagrants de confusion, p. ex. 6326 *pecorarius* < PIX et PECVS.

saisissants, pour clore l'aspect sémantique de la question, et avant de passer à son côté phonétique.

Le sens premier, étymologique, d'«enduire de poix» n'est plus attesté en roumain, qui emploie la périphrase (a) *unge cupăcură*, correspondant au cat., esp. *empeguntar* < *pegunta*; cf. aussi logoud. *impigare*, prov., cat., esp. *empegar*, ptg. *empez(g)ar*. Ajoutons que non seulement le roum. *apuca*, mais toutes les survivances romanes du composé **APPICĀRE* (prov., cat., esp., ptg. *apegar*, it. *appicare*) signifient bien «coller» (= allem. «ankleben»: *R. E. W.* 547) et non point «poisser». Ce dernier sens a dû être celui du simple *PICARE* (comme on le voit en vx. fr. *poier*, prov., esp. *pegar*, etc.), mais un simple roumain **păca* ou **puca* n'est pas attesté, ayant été probablement éliminé par l'homonyme *PACARE* «apaiser» «payer» > aroum. *păca* «payer», d. roum. *împăca* «apaiser» (*R. E. W.* 6132) ⁽⁷²⁾. D'ailleurs il n'est même pas sûr que cet hypothétique **păca* ou **puca* ait eu le sens de «poisser», si l'on tient compte de la tendance que

(68) F. DIEZ, *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen*⁵ (Bonn, 1887), p. 240, a raison de ne pas lier ce mot avec *pikkare* «piquer» (en le comparant avec l'it. *appicare* «prendre racines» = esp. *pegar*), mais avec lat. *PICĀRE*; seulement, le traitement lat. *PICA*-> it. *picca*- (au lieu de *peca*-) fait difficulté, et Diez l'a rapproché de l'allem. *pichen*. Meyer-Lübke est contradictoire: tantôt il l'attache (*R. E. W.* 547) au lat. **APPICĀRE* croisé avec **FIGICĀRE* (< *FIGĒRE*) «prendre», «coller» (> it. *ficcare*, ptg. *ficar*, fr. *ficher*), tantôt il l'explique (*R. E. W.* 6495) comme «un produit du vx. it. *afficare* et *appendere*. D'autres pareilles contradictions se trouvent colligées par A. GRAUR, *Corrections...* (*supra*, n. 6). — Avec N. ZINGARELLI (*Vocabolario della lingua italiana*, 4-éd., Milan, 1934), nous inclinons à voir dans la reduplication -co- de l'it. *appicare* (*impicare*) un croisement entre lat. **APPICĀRE* (= calabr. *appicare*) et **PIKKARE* ou **PICCARĒ* «piquer» < **PICCVS* > *PICVS* «pic», ce dernier sensible dans le cat., esp. *pegar* «piquer» (voy. la note précéd.).

(69) «... poisseux suppose, par contre, quelque chose de moins collant que *gluant*, mais qui toujours salit, encrasse, comme le fait la poix»: R. BAILLY, *Dictionnaire des synonymes de la langue française* (Paris, Larousse, 1947), s. v. *gluant*. — En grec, *γλιστός*; «glu» signifie aussi «crasse huileuse»; cf. aussi en vx. irl. *as-lenaimm* «je souille», de la racine i.-e. signifiant «verser un produit visqueux» (voy. ERNOUT-MEILLET, *op. cit.*, s. v. *lino* «j'enduis»).

(70) FL. VEGETIVS RENATVS, *Ars ueterinaria siue mulomedicina* (Scriptores rei rusticae, éd. Schneider, 1797), I, 11, 7.

(71) CALDAS AULETE, *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, 2-a ed.: Lisboa, 1925.

(72) Sur cette question, voy. *infra*, n. 89.

PICARE a de se spécialiser dans les langues romanes au sens évolué de «coller», — celui de «poisser» étant confié à des formations ultérieures, créées à l'intérieur des idiomes respectifs, par exemple fr. *poisser* < *poix* (à côté du vx. fr. *poier* < *PIX*), ptg. *pezgar* < *pez* (à côté de *pegar* < *PIX*) ; cf. it. *impeciare* < *pece*, etc. — Autant de raisons, par conséquent, pour ne pas nous étonner que roum. *apuca* ne présente pas (ou plus) le sens étymologique d'«enduire de poix», «poisser».

Par contre, il offre encore des vestiges du stade intermédiaire «coller». Des vestiges à peine, car ce sens a dû appartenir au simple **pica*, **puca*, de même qu'en ptg. et esp. *pegar* (*apegar* étant plutôt un abstrait, «affectionner», «s'attacher à»), et c'est logique que l'élimination du simple **pica*, **puca* ait entraîné la presque disparition de la phase sémantique intermédiaire «coller» — qui cependant est encore discernable en roum. *apuca*, pour le moins tout autant, sinon davantage, que dans le ptg. et esp. *apegar*. Ainsi, l'expression populaire *a apuca pe cineva de ochi* «éblouir qqn. par l'éclat de sa beauté» (litt. «se coller aux yeux de qqn.», = ptg. «dar na vista»), dans l'exemple cité par le folkloriste S. Fl. Marian (ap. *D. A. R.*, p. 211, 2-e col.) < *Colorile* >, *zice poporul, 'se mușcă' când nu se potrivește una cu alta, iar când se potrivește, atunci 'te prind[e]' sau 'te apucă de ochi'* (= < Les couleurs >, dit le peuple, 'se mordent' quand elles ne s'assortissent pas les unes aux autres, et quand elles s'assortissent, alors elles 'vous prennent' ou 'vous saisissent par les yeux').

Ce vestige — populaire, ce qui ne manque pas d'être autrement significatif — nous conduit tout naturellement à la dernière phase de l'évolution sémantique, celle de «saisir», «prendre», qui est l'acception actuelle du roum. *apuca*. Ce vocable est plus riche de sens que ses frères romans issus d' **APPICARE* (qui, nous l'avons dit, signifient surtout «coller», «attacher» ; fig. «s'attacher à»), vu que le roum. *apuca* cumule le sens d' **APPICARE* «coller» et de *PICARE* «coller» > «saisir», dont le dérivé roum. **pica*, **puca* a été éliminé). Précisons que l'élimination de *PICARE* et sa subséquente substitution par **APPICARE* s'est donnée non seulement en roumain, mais aussi en catalan, et également pour des raisons d'homonymie : alors qu'en roumain le lat. *PICARE* a été concurrencé vraisemblablement par *PACARE* «apaiser», «payer», en catalan il l'a été par **PICARE* «piquer» (issu d'un croisement avec **PICARE* < *PICVS* : voy. supra, n. 67), ce qui explique pourquoi le

cat. *pegar* signifie seulement «maltractar bo i donant cops» et pour quoi le cat. *apegar* a hérité le sens de la forme simple, comme en roumain.

L'évolution «coller» > «saisir» est plus visible à travers la forme «réfléchie». Les verbes voulant dire «attacher» ou «déliar» ont une tendance de passer au moyen, comme l'a montré il n'y a pas longtemps, pour le roumain, A. Graur; et il est extrêmement significatif de voir que ce philologue, dans une sorte de pressentiment de l'étymon que nous allions proposer, choisit comme paradigme justement le verbe *apuca*! Basons-nous donc sur les phases sémantiques qu'il assigne à ce vocable, pour voir si une autre langue romane — le portugais et l'espagnol, en l'occurrence — présente la même évolution sémantique, pour en inférer ensuite sur l'identité étymologique **APPICARE* > roum. *apuca*, ptg. esp. (*a*)*pegar*: «*a apuca* 'saisir'; *a se apuca de* 'se saisir', 'attrapper', 'se cramponner', 'commencer' 's'engager', 'entreprendre'; *a se apuca de lucru* 'se mettre au travail'. Synonymes: *a se prinde*, *a se agăța*»⁽⁷³⁾.

1.^o*apuca* = «saisir» (ptg. *pegar* = «prendre, agarrar, segurar» Caldas Aulete): ptg. *pegar em armas* [= prendre les armes], cf. roum. anc. *a se apuca de arme* (ap. Candrea, *Dicț. Enciclopedic*, s. v. *arma*); cf. roum. «... <Romanii> ne mai apucând arme...» [= ... <les Romains> n'ayant plus recours aux armes, ptg. ... <os romanos> não pegando mais em armas...], Zilot, *Chron.*, ap. Hașdeu, *Magnum Etym.*, 1935. — «... apucând <Lăpușneanu> măciuca de arme din mâna lui Bogdan...» [= «...empoignant <L.> la masse d'armes de la main de B...», ptg. «...pegando <L.> na maça que estava na mão de B...», C. Negruzzi, I, 139 (ap. D. A. R.). — «Fiind începutul apucărei armelor norocit Românilor...» [= «le début de la lutte (= prise d'armes) étant favorable aux Roumains...; ptg. «Sendo o início do pegar em armas (= da luta) propício aos romenos...»].

Pour plus de précision, complétons la définition de Graur en ajoutant que roum. *apuca* signifie positivement «prendre en main», «prendre avec la main», ce qui concorde non seulement avec la métaphore sensible depuis la *piceata manus* de l'épigrammiste latin jusqu'à la «main poisseuse» du titi parisien, mais correspond parfaitement à l'acception fondamentale du ptg. (*a*)*pegar*. Voyons Caldas

(73) A. GRAUR, *Les verbes «réfléchis» en roumain*: «Bull. Ling.», VI (1938), p. 58.

Aulete, s. v. *pegar* : «tomar com a mão, agarrar : *E pegando em um massiço castiçal de prata...* (Rebelo da Silva) [= Et empoignant un massif chandelier en argent...]; cf. en roumain d'abord la définition du *D. A. R.*, I 1.^o, qui insiste longuement sur la notion de «main» : «I 1.^o *apuca*, a cuprinde cu mână, a pune mână pe ceva, a prinde cu mână, a lua în mână [= «saisir avec la main, mettre la main sur qqch., prendre avec la main, prendre en main»]. Et le *D. A. R.* exemplifie : *Cum punea mână și apuca pe câte unul de coadă, îl trântea* [= Dès qu'il mettait la main (= empoignait) et attrapait quelque <diable> par la queue, il le renversait]; ptg. «... *pegar na cauda...*»] P. Ispirescu, *Legende...*, ap. *D. A. R.* 211, 2. — *Apucă de capul celălalt!* [= «mets la main sur (= attrappe) l'autre bout!» = ptg. «*pega no outro cabo (ponta)!*»], Tiktin, ap. *D. A. R.* — *A apuca pe cineva de mână, de mânecă, de păr*, etc. [= «Saisir qqn par la main, par la manche, par les cheveux» = ptg. *pegar na mão, na manga, no cabelo de alguém*], Tiktin, ibid. — *S'a repezit și a apucat în brațe pe tânărul ce intrase* [= Il s'est précipité et a embrassé le jeune qui venait d'entrer] = ptg. «*Lançou-se e abraçou* (littér.: «*pegou nos braços*») o jovem que entrara»] C. Negruzzi, I, 17, ap. *D. A. R.*, 211, 2. — *Taiară pe căfi putură apuca* [= «Ils tuèrent tous ceux qu'ils purent attraper» = ptg. «*Mataram todos aqueles a que puderam deitar a mão*»] P. Ispirescu, ap. *D. A. R.*, 212, 2. — Et au figuré : *Punea traiste în capetele cailor, ca să nu apuce iarbă* [= Il suspendait des musettes aux têtes des chevaux, pour qu'ils ne broutent pas l'herbe] = ptg. «... para não pegarem na erva»].

Ces exemples pourraient être multipliés à souhait, car on n'en a que l'embarras du choix, mais nous estimons que le parallélisme roumano-portugais *apuca-* (*a*) *pegar* «prendre en (avec la) main», «saisir» est amplement démontré, et par des exemples préexistants, non pas forgés *ad hoc*. — Venons-en au cas suivant :

2.^o *a se apuca de* «se saisir», «attrapper», «se cramponner», «commencer», «s'engager», «entreprendre»; synonymes : *a se prinde*, *a se agăța*. Comme on le voit, dans cette seconde définition de Graur il nous faut distinguer deux significations différentes : a) «s'accrocher», b) «commencer». Elles existent telles quelles en portugais, comme nous allons le constater.

a) Caldas Aulete, *op. cit.* «*apegar*, v. pron., 'enredar-se, arrimar-se, segurar-se como a herva ao muro'; [...] *pegar* [...] 'agarrar-se, fixar-se' [= «s'accrocher», «se fixer»] : *A âncora não pegou bem*

no fundo». Voy. D. A. R. 212,1 (*apuca*, sens I 3.^o) «A se prinde (cu mâna), a se atârna, a se agăța de ceva» [«Se suspendre (par la main), se cramponner, s'accrocher à qqch.»] Se *apucă de veșmintele svântului Ion* [= Il s'accrocha aux vêtements de St. Jean] = ptg. «Pegou no vestido de S. João»] Dosoftei, *Viețile sfinților* 112,1 ap. D. A. R., loc. cit. — *Dracul* [...] *s'apucă zdravăn de torțile ceriului* [= «Le diable... s'accrocha fermement aux cercles célestes»] = ptg. «O diabo... pegou-se firmemente aos círculos celestes»], Creangă, *Povești* 54, ap. D. A. R., ibid. — *Ca cel ce se înecă, se apucă de sabie*... [= «Comme celui qui se noie, il se cramponna au sabre...»] = ptg. «Como quem se afoga, pegou-se ao sabre...», Miron Costin, *Let.*, ap. Tikin, cité par D. A. R. — *S'au necat toți, numai eu am rămas: m'am apucată pre o scândură* [= Tous se sont noyés, il n'y a que moi qui a échappé: je me suis accroché à une planche] = ptg. «Todos se afogaram, só eu fiquei: peguei-me (agarrei-me) à uma prancha», Dosoftei, id. 152, 1 ap. D. A. R., ibid.

b) Le second sens («commencer», «s'engager», «entreprendre») n'est que la phase extrême de l'évolution sémantique d' *apuca* — «saisir», qui marque la fin de la valeur grammaticale du vocable, lequel de mot indépendant devient mot fonctionnel. Pour illustrer cette catégorie de mots, Pușcariu (fait également très significatif) exemplifie avec notre verbe: «... des mots comme *mă apuc* [...] 'se mettre' peuvent être considérés comme des mots fonctionnels dans des expressions comme *se apucă și făcu* 'il se mit à faire' (littér. 'il se mit et fit') [...]. Leur valeur sémantique est en effet réduite pour ainsi dire à néant, à côté de leur valeur grammaticale, exprimant le 'commencement d'une action'» (74).

Caldas Aulete, *op. cit.*, s. v. *pegar*: «...Começar, principiar: [...] *Pegaram logo de estar tristes e a sentirem saudades* [= «Ils commencèrent aussitôt d'être tristes et de sentir du regret»] = roum. «*Apucată (prinseră) îndată a fi triști și a simți dor*»] Camilo Castelo Branco, ap. C. A. — Voyons maintenant l'explication et les exemples du D. A. R., 213,2 (sens IV 4.^o): «*a apuca*, construit avec un autre verbe, arrive à indiquer que l'action exprimée par ce verbe a été faite à l'instant même, ou il y a peu de temps [...]. De sorte que *a apuca* acquiert peu à peu le sens de 'commencer'. *Apucase a cânta găina la casa lui, și cocoșul nu mai avea nicio trecere* [= «Chez lui, la poule s'était mise à chanter, et (= de sorte que) le

(74) S. PUȘCARIU, *Etudes de linguistique...*, p. 382.

coq n'avait plus aucune autorité» = ptg. «Em casa dele, a galinha pegara (começara) de cantar e o galo já não tinha autoridade nenhuma», Creangă, *Povești*, p. 285, ap. *D. A. R.*, 213,2 — *De cine doru se leagă [...] se scoală căpiat și apucă 'ntr'un oftat* [= «Le contigé par le mal d'amour (littér. : «Celui auquel se colle le 'dor', la 'saudade')»)... se réveille comme fou et se met (= commence) à soupirer» = ptg. «Quem sofre da saudade amorosa... acorda doído e põe-se aos suspiros (= pega de suspirar)», Hodoș, *Poesii populare*, p. 39, ap. *D. A. R.*, *ibid.*

Cette dernière valeur fonctionnelle d'*apuca* — (*a*)*pegar*, qui marque la fin de l'évolution sémantique de (**AP*)*PICARE*, a dû être engendrée par des locutions «réfléchies» du type «se coller à..., s'accrocher à...», et Graur rappelle, dans le passage précité, l'expression-type *a se apuca de lucru* 'se mettre au travail' (littéralement : «s'accrocher au travail»). Elle est également mise en évidence par le *D. A. R.*, s. v. (sens IV 4.^o) : «... *mă apuc de un lucru*, cu acelaș sens de 'incep (să fac ceva), întreprind ceva' [... 'je m'accroche à une chose (à un travail)', avec le même sens de 'je commence (de faire qqch.), j'entreprends qqch.']. *Nu te apuca de multe trebi odată* [= Ne commence pas beaucoup de choses (travaux) à la fois» = ptg. «Não pegues em muitos trabalhos ao mesmo tempo», C. Negruzzi, I, 248, ap. *D. A. R.*, *ibid.* — *Să m'apuc de plugărie Ori s'apuc în haiducie?* [= «Me mettre à travailler la terre Ou adopter la vie de 'maquisard'?». Or, cette expression se retrouve telle-quelle en portugais : «*pegar no trabalho* 'começar, principiar'» (Caldas Aulete, s. v.), et la dernière phrase roumaine citée a son correspondant parfait dans cet exemple portugais ⁽⁷⁵⁾ : «... *veio estabelecendo-se na aldeia, apegando-se de novo ao ofício de carpinteiro...*» (Arnaldo Gama, *Segredo do abade*, § 5, p. 97) !

Notons, enfin, encore quelques saisissants parallélismes sémantiques (*a*)*pegar* — *apuca* :

1) «*pegar de dente* = morder (falando da besta)», Caldas Aulete ; en roumain *a apuca în dinți* (littér. «saisir avec les dents»). Cf. *D. A. R.*, 212,1 : «*a se apuca la (în) colți* = (despre câini) 'a se mușca cu colți, a se încăiera' ; p. ext. (despre oameni) 'a se lua la ceartă'». [= littér. «se saisir avec les crocs' (des chiens), se mordre

(75) Emprunté à la *Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira* (Lisboa, s. d.), II, p. 938, s. v. *apegar*.

avec les crocs, en venir au crocs'; p. ext. (des hommes) 'commencer à se disputer'»].

2) «*pegar no sono* = adormecer», C. Aulete. Cf. en roumain, p. ex.: *somn nu m'a mai apucat* [= «(le) sommeil ne m'a plus visité (litt. 'saisi')» = ptg. «*não mais peguei no sono*» (litt. «o sono não mais me pegou»)], G. Dem. Teodorescu, *Poesii populare*, p. 518 b, ap. *D. A. R.* 212,1. — Ou bien: *Abia apucasem a dormi...* [= A peine avais-je commencé de dormir...] = ptg. «*Mal pegara no sono...*», C. Negruzzi, ap. *D. A. R.*, 213,2.

3) «*pegar-se com alguém* = altercar, ter desavença com alguém [...] ; brigar, vir às mãos» (C. Aulete). Ex.: «*Mais dia menos dia, Luís XIV pega-se com a Espanha*» [= «Un jour ou l'autre, Louis XIV s'attaque à l'Espagne»], Pinheiro Chagas, *Hist. alegre de Port.*, 101. En roumain, *a se apuca cu (de) cineva* a exactement le même sens. En effet, le *D. A. R.*, 212,1 (sens I 3.^o) distingue et exemplifie de la suite: «*> a se apuca >* a să ri la, a se da la, a ataca' [= 'sauter sur, se jeter contre, attaquer']: *S'au apucat cu furie de dânsul, ca să-i scoată ochii* [= «Ils se sont jetés furieusement contre lui, pour lui arracher les yeux», Sbiera, *P.* 37,26. — ... *de se va apuca <* un dulău *> de vreun dulău mai slab...* [= «... si < un chien > s'attaque à un autre chien plus faible...» = ptg. «... se < um cão > se pegar com outro cão mais fraco...»], *Pravila Mold.*, 11,12. — (Cu sens reciproc) [= A sens réciproque]: *Ei de brăie s'apuca. Și la luptă se lua* [= «Ils s'empoignaient par les ceintures Et commençaient de lutter», V. Alecsandri, *Poesii populare*, p. 25. — Intregirea 'la luptă' poate să lipsească ca de sine înțeleasă [= «Le complément 'à la lutte' < de l'expression *a se apuca la luptă* > peut manquer, comme sous-entendue»]: *apucându-se cu acel neiertat Lie și lovindu-l [...]* *tocma în inimă, îl omori* [= «en venant aux mains avec cet impar-donnable Lie et en le frappant [...] juste au coeur, il le tua» = ptg. «*pegando-se com o tal Lie...*», etc.], *Mineiul* (1776), 168, 2/1. — *Apoi se apucă și cu balaurul* [= «Ensuite il s'attaqua aussi au dragon» = ptg. «*Depois pegou-se também com o dragão*», P. Ispirescu, *Legende...*, p. 56,8.

... *pega-se com (a Espanha)...*, *se apucă cu (balaurul)*: quelle analogie plus évidente du lat. (*AP)PĪCĀRE «s'en prendre à...»?

4) «*Pegarem-se as mãos a alguma coisa* = 'furtar, roubar alguma coisa'» (C. Aulete). — Voici, selon le *D. A. R.*, 215,1 l'acception de 'voler, ravir' du roum. *apuca*: «*Ceia ce va apuca — ce se zice 'va răpi' — pe vreo muiare...* [= «Celui qui va mettre la main sur —

autrement dit 'va ravir' — quelque femme...», Pravila Mold., 99,1; cf. *apucare* 'rapine, spoliation': [...] *și spre apucare nu dorirești* (= Psaume 159: '... et super rapinas nolite concupiscere'), Dosoftei, ibid. — *apucător*. Adjectivul verbal al lui *apuca*, [...] uneori substantivat. (Mai ales cu sens peiorativ:) 'care are obiceiul de-a lua ce nu este al său', 'prădător', jăfuitor [= «*apucător*. L'adjectif verbal d'*apuca*, [...] parfois en fonction de substantif. (Plutôt à sens péjoratif:) 'qui a l'habitude de prendre ce qui ne lui appartient pas', 'rapace', 'pillard'»]. Tiktin, *op. cit.*, p. 86,1, rappelle aussi le dérivé *apucătură*, expression populaire signifiant 'Raub, Brandschatzung' (= 'vol', 'extortion') et cite l'exemple *Cel ce trăiește din jafuri* [...], *din apucături* [= «Celui qui vit de pillages [...], de vols»]. — Sur l'acception «voler» de (*AP)PĪCARE, voy. supra, n. 63.

5) «*Não ter nada em que se lhe pegue* = diz-se de pessoa sem merecimento nem préstimo, ou que para nada serve» (C. Aulete). — Cette expression portugaise peut se traduire textuellement, et avec le même sens, par: *N'ai de ce să-l apuci* (littér.: «On n'a pas par où le saisir») — où roum. *apuca* est le correspondant parfait du ptg. *pegar*.

6) Enfin, (a)pegar(-se) a l'acception, très courante, de «(se) contagier», dont on trouve des traces en roum. *apuca*:

«*apegar*, comunicar por contágio: '*apegou-lhe a doença*' [= il lui a transmis la maladie], 'ensinar com o exemplo': *apegou-lhe o vício* [= «il lui a donné le vice»]; ... *apegar-se*, comunicar-se por contágio, ou por exemplo, falando-se das coisas) [= «...se communiquer par contagion (ou par l'exemple, en parlant des choses): *a sarna apega-se com facilidade. Os maus costumes apegam-se* [= «la gale s'attrappe facilement. Les mauvaises habitudes sont contagieuses»]; [...] *pegar* [...] comunicar por contágio ou contacto: *pegou-lhe a doença* [= «il lui a communiqué la maladie»]; comunicar por influência: *pegou-lhe o vício* [= «il lui a donné le vice»]; [...] *pegar-se* (fig.) ser contagioso: *esta doença pega-se* [= cette maladie est contagieuse]» (Caldas Aulete).

En roumain, un certain nombre de dérivés d'*apuca* désignent des maladies, comme:

apucare, s. f., popul. «fourbure, inflammation du tissu réticulaire du pied chez les solipèdes et les ruminants»; allem. «Rehe, fieberhafte Hufentzündung», ptg. «aguamento» (voy. Tiktin, *Wb.*; le D. A. R. ne connaît pas ce sens);

apucat (participe) «convulsions, spasmes (chez les enfants);

éclampsie; mal caduc (haut mal), épilepsie» (voy. *D. A. R.*, 215,2, qui en cite deux exemples);

apucătură s. f. (< *apuca* + le suffixe abstrait *-ură*) «lumbago; coliques; éclampsie, épilepsie; intoxication mercurielle» (voy. trois exemples dans le *D. A. R.*, 216,1).

Nous avons maintes fois entendu, en Olténie, l'expression populaire *apucat de-a boală* «tombé malade d' (litt. «saisi par l'») épilepsie», où du reste *apuca* «saisir» ne fait que traduire l'étymon *ἐπιλαμβάνειν* «saisir brusquement».

Mais ces termes de médecine populaire ne sauraient être que des vestiges d' *apuca* «contagier», vu que le roumain a adopté un verbe plus récent pour exprimer cette idée, à savoir *molipsi* < gr. mod. *μολίψω* < *μολέω*. Du reste, si l'on prend comme point de comparaison le ptg. (*a*) *pegar*, on constate que cette substitution d' *apuca* par un autre terme n'est pas la seule, en roumain: *prinde* < *PRE(HE)NDĚRE*, *da* < *DARE*, *pune* < *PONĚRE* ont surtout remplacé *apuca*, ce qui a entraîné aussi certains passages de sens très intéressants⁽⁷⁶⁾. Autrement dit, si ces substituts ont appauvri *apuca* de certaines significations, ils lui ont prêté certaines autres

(⁷⁶) Comme on peut le voir dans les définitions, en français, du *D. A. R.*, que nous jugeons utile de transcrire en entier :

«I 1.^o 2.^o *Prendre, empoigner. Saisir* (avec la main, la bouche, l'ouïe, du regard). (Au passif) *Etre pris* (d'un accès de fièvre, etc.), *être surpris* (par). 3.^o (Réfl.) *Se prendre, s'empoigner* (l'un l'autre), *se saisir. S'accrocher, se prendre* (à qqch.), *s'attaquer* (à). II 1.^o *Arracher* (qqch. des mains de qq.). 2.^o *Tirer, sauver, délivrer* (qqn. d'un danger). 3.^o *Enlever de force, ravir*. 4.^o *S'emparer, se rendre maître, se saisir* (de qqch.), *usurper; occuper* (la place d'autrui). III *S'en prendre à qqn.* (de qqch.). IV 1.^o *Emporter* (à la hâte). *Obtenir* (un prix, qqch.). *Trouver sous la main. Mettre la main sur qqch. Surprendre, attrapper* (qqn.), *ne pas manquer, trouver encore* (qqn.), *trouver* (place). 2.^o *Avoir vécu du temps de qqn, avoir connu qqn. ou qqch.; tenir* (qqch. de qqn.), *avoir* (qqch.) *par tradition, avoir vu faire, hériter* (de ses parents, etc.; se dit d'une coutume). (Au passif) *être transmis par tradition. Voir de son vivant, voir le jour* (d'un événement futur). 3.^o *Parvenir* (à), *trouver ou avoir encore le temps* (de...). 4.^o *Venir de* (faire qqch.), *se mettre* (à), *avoir à peine commencé* (à). *Parvenir* (à), *commencer* (à). *Recourir* (à). 5.^o *Se prendre* (à qqch.), (réfl.) *se mettre, commencer* (à faire qqch.), *embrasser* (un état), *choisir* (une profession). *S'adonner* (à), *se livrer* (à). 6.^o *Devenir*. V 1.^o *Se diriger* (vers), *prendre* (le chemin de..., la direction de..., la route, la voie de...), *se mettre* (en route). 2.^o *S'adresser* (à qqn.), *se diriger* (vers qqn.). VI (Réfl.) *Prendre l'engagement* (de), *se faire fort* (de), *s'engager* (à), *promettre* (solennellement). *Jurer* (qqch. à qqn.).»

des leurs, ce qui explique pourquoi les sémantiques du ptg. (a)pegar et du roum. apuca, si ressemblantes pourtant, ne se superposent pas complètement. Ainsi, à côté des significations identiques de (a)pegar — apuca, notons-en quelques unes que apuca a perdues, comme celle de «s'accrocher, se fixer» (passée le plus souvent au patrimoine de prinde «prendre») ⁽⁷⁷⁾, celle de «prendre racine» (passée au même prinde) ⁽⁷⁸⁾, «se généraliser» (ibidem) ⁽⁷⁹⁾, «donner bon résultat» (ibidem) ⁽⁸⁰⁾, «contagier» (passée à molipsi, ou à la périphrase a da boala «donner la maladie») ⁽⁸¹⁾, «mettre le feu» (passée à pune «poser», ou à da «donner») ⁽⁸²⁾, etc.

Remarquons enfin que l'analogie sémantique entre apuca et prinde est à tel point manifeste, que les deux vocables signifiant «saisir» ont évolué jusqu'au sens fonctionnel de «je commence, je me mets à...», de sorte que «je me mets à faire» se dit en roumain aussi bien apuc să fac que prind să fac.

*

Si le sémantisme impose avec une telle évidence l'étymologie apuca < *APPICARE, par contre le phonétisme la cache apparemment, — et c'est là la raison de tant d'hypothèses infortunées. En effet, l'ĭ atone latin passe en roumain à e ou ă, de sorte que nous

⁽⁷⁷⁾ De sorte que l'exemple *A âncora não pegou bem no fundo* (C. Aulete) devient en roumain *Ancora nu s'a prins bine pe fund* (et non : ... nu s'a apucat bine...).

⁽⁷⁸⁾ Ptg. *o alecrim não pegou* (C. Aulete) = roum. *rosmarinul nu s'a prins* (et non : nu s'a apucat).

⁽⁷⁹⁾ Ptg. *esta moda pegou* (C. A.) = roum. *moda asta s'a prins* (jamais : s'a apucat).

⁽⁸⁰⁾ Ptg. *o negócio desta vez não pegou* (C. A.) = roum. *negc ul n'a prins de-ast.ă dat.ă* (jamais : n'a apucat) ; cf. ptg. (fig.) *pegarem as bichas* (C. A.) = roum. *a i se prinde* (jamais : a i se apuca) ; cf. encore ptg. (pop.) *isso não pega* (C. A.) = roum. *nu prinde*, fr. «ça ne prend pas» (mais jamais : nu apucă).

⁽⁸¹⁾ Ptg. (a)pegou-lhe a doença (C. A.) = roum. *l-a molipsit*, ou *i-a dat boala* ; cf. ptg. (fig.) (a)pegou-lhe o vício = roum. *i-a dat viciul*, *l-a molipsit* (mais au grand jamais : i-a apucat boala, avec le datif).

⁽⁸²⁾ Ptg. *pegar fogo* = roum. *a pune foc(ul)* ou *a da foc* (mais jamais : a apuca foc).

aurions dû avoir *apeca⁽⁸³⁾, ou plutôt *apăca ou *apăca (*apîca) ⁽⁸⁴⁾, vu d'abord la confusion créée dès le latin entre ĭ et E ⁽⁸⁵⁾, et ensuite le passage régulier d'E atone latin à â roumain ⁽⁸⁶⁾, sans parler de la possible analogie engendrée par l'ă du dérivé survivant pă cură < PĪCVLA ⁽⁸⁷⁾. Nous avons suggéré plus haut ⁽⁸⁸⁾ la possibilité d'une rencontre homonymique *păca < PĪCARE — *păca < PĀCARE ⁽⁸⁹⁾ et même *păca < PECCARE (cf. roum. păcat «pêché», împăca «apaiser»), qui aurait provoqué la disparition du simple PĪCARE ⁽⁹⁰⁾ et la différenciation du composé *apăca en apuca, par un intermédiaire normal *apăca (ou, variante purement graphique, *apîca): «Au point de vue historique — dit S. Pop, *Gramm. roum.*, p. 24 — il semble un fait acquis que dans les mots d'origine latine â est devenu â(i) par une tendance à la fermeture de cette voyelle, [...] la chambre de résonance < de la voyelle â(i) > étant formée dans la partie postérieure de la cavité buccale et le pharynx, non loin de la région vélaire où l'on articule la voyelle u du roumain». Et si en macédo-roumain apuca se trouve

⁽⁸³⁾ Ex.: măneca < MANĪCARE < MANE; (des)lega < DĪS-LĪGARE, (a)pleca < (AP)PLĪCARE; încăleca < INCA[BA]LLĪCARE; fereca < FABRĪCARE; înfuleca < IN-FOLLĪCARE; ager < *AGĪLV- < AGĪLIS; putred < PVTRĪDV-; etc.

⁽⁸⁴⁾ Ex.: căpătăiu < CAPĪTANEVM; căpă(ă)nă < *CAPĪTĪNA; îmbăta < *IMBĪ[BĪ]TARE < BĪBERE; scărmină < EX-CARMINARE; gearmă < GEMĪNV-; cearcă < CĪRCĪNV-; legăna < *LIGĪNARE; etc.

⁽⁸⁵⁾ C. H. GRANDGENT, *op. cit.*, § 201; A. ROSETTI, *Ist. Lb. rom.*, I, p. 59.

⁽⁸⁶⁾ Ex.: sănătate < SANĪTATE-; bunăte < BONĪTATE-; etc. — Sur â > â(i), voy. A. ROSETTI, «Bull. Ling.», III (1935), p. 105-106.

⁽⁸⁷⁾ Où l'ĭ, étant tonique, a donné normalement â: cf. pâr < PĪLV-.

⁽⁸⁸⁾ Voy. *supra*, n. 72.

⁽⁸⁹⁾ Dans le dialecte macédo-roumain existe le verbe simple păca «payer», ptg. «pagar» (substitué en daco-roumain par le slave plăti); d'autre part, N. Drăganu a révélé («Dacoromania», III (1923) p. 698) en daco-roumain ancien un simple păca «apaiser» (qui survit dans le composé împăca «apaiser»), dans un manuscrit du XVII^e siècle.

⁽⁹⁰⁾ S. PUȘCARIU, *Limba Română*, p. 201-202, dresse une liste sommaire des mots latins disparus en roumain pour des raisons d'homonymie: alae, amo, audet (< audere), auicellus, callum, carus, labrum, secare. La liste pourrait être allongée à souhait; par contre, secare a bien survécu en roumain et il est encore vivant, comme nous nous proposons de le démontrer ailleurs.

surtout sous la forme syncopée *apca* ⁽⁹¹⁾ (qui rappelle les cas du même dialecte *ptsîn* ou *psîn* pour d.-roum. *puŷin* «peu»), cela s'explique par la syncope du type *îndemna* pour **îndemăna*, **îndemăna* < *INDE* + *MĪNARI* (cf. *măna* < *MĪNARI*); ces syncopes entre une labiale et une autre consonne étaient fréquentes en latin vulgaire (Grandgent, § 235). — Ces explications, bien que fondées sur des arguments historiques, analogiques et anatomiques, ne suffiraient pas pour étayer phonétiquement notre thèse. Néanmoins, la sémantique en ferait à elle seule la démonstration, et Pușcariu avait raison de condamner «...le point de vue rigide de ceux des néogrammairiens qui niaient l'évidence à cause d'une difficulté formale» ⁽⁹²⁾; et l'on pourrait à la rigueur se passer de l'explication phonétique *-î- > roum. -u-*, de même que, par exemple, Graur pouvait affirmer sans réticences: «*scînteie* vient sûrement de *SCINTILLA*, sans que l'on puisse expliquer le détail» ⁽⁹³⁾.

Mais, n'y aurait-il pas une explication phonétique pertinente du bizarre traitement *-î- > -u-*? Nous répondons résolument par l'affirmative: il s'agit de la labialisation.

On sait que les trois consonnes bilabiales *b*, *m*, *p*, de même que les deux labio-dentales *f*, *v*, ont tendance, dès le latin, à transformer les voyelles voisines en *o* et *u*, autrement dit tendent à labialiser les voyelles *a*, *e*, *i* en *o* ou *u*, et l'*Appendix Probi*, 193 corrige la forme

(91) I. DALAMETRA, *Dicționar macedo-român* (București, 1906), s. v. *ap(u)ca*. — Vraisemblablement fortuite la rencontre avec roum. (*cu*) *hapca* «par force», «par violence» < rus. *ʹapkom*, ruth. *ʹapkiĭ* «prendre», «saisir», *ʹăpka* «souricière» (voy. E. BERNEKER, *Slavisches etymologisches Wörterbuch* (Heidelberg, Winter, 1908), s. v. *gabaj*); cf. I. JORDAN, *Hapca*, «Bull. Ling.», IX (1941), p. 55-56.

(92) On ne pourrait évidemment pas invoquer une forme **PYCEM* > **APPYCARE* > *apuca* (cf. roum. *papură* < *PAPYRA*, R. E. W. 6218, 22; *buș* < *BYSSVS*; *stuf* < **STYPHVS*; cf. ptg. *murta* < *MYRTOS*, etc.), car ni *PIX* ni ses composés n'attestent un *-u-* dans les langues romanes.

(93) S. PUȘCARIU, «Dacoromania» III (1923), p. 397, n. 2, à propos de l'étymon évident *cearcin* < *CIRCINVS*.

(94) A. GRAUR, *Corrections...*, p. 113, col. 1.

vulgaire, labialisée, *butumen* en *bitumen*⁽⁹⁵⁾; Plaute révèle des *optumum*, *decumum*, Pétrone des *ipsumum*, etc. Ce processus allait se continuer dans les langues romanes qui, toutes, présentent des cas de labialisation. Rappelons-en quelques uns :

fr. jumeau < GEMELLV-, chalumeau < CALAMELLV-, etc.;

vx. esp. romaner < REMANERE; (cas peu nombreux);

it. (assez nombreux): *dovere* < DEBERE; *domani* < DE + MANE; *somigliare* < *SIMILIARE; etc.

ptg. (abondants): *bolor* < PALLORE-; *lumiãr* < LIMINARIS; *víbora* < VIPĒRA; *tuinha* < *FAGĪNA; *porfia* < PERFĪDIA; pop. *buber* < beber; *apolidar* < apēlidar; *purgãzinho* < perġ-; *burmelho*, *brum-* < vermelho; *purmeiro* (Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, IV, p. 751) < prim-; *fugura* < fig- (Leite, *ibid.*, II, 96); *purfeito* < per- (Leite, II, 91); *supultura* < sep-; *pusguntar* < perġ-; *trupar* < trepar; *bugalho* < *BACALIV- < *BACA?; etc. La labialisation s'est exercée aussi sur les vocables d'origine arabe (voy. S. Neto, op. cit., p. 251-252); cf. aussi *musango* < frank. *meisinga*, prov. *mezanga*, fr. *mésange* (*R. E. W.*, 5467).

Parmi les formes des patois, on pourrait mentionner : aret. *funire*; campob. *funeŕtra*, *pukate*; soprasilv. (engad.) *pukkáu*, *rumanair* < REMANERE; lorr. *pur* (dei) «Gottesbirne» < PĪRVĪM «poire» (= *R. E. W.*, 6524); lorr. *muyá* «Heustaub» < MĪLIVĪM (= *R. E. W.*, 5572); Lunigiana *mulined* «petit pied» (dér.) < MĪNVTV- (= *R. E. W.*, 5600); grödn. *burvanda* «Viehtrank» (dér.), bol. *buvinel* «Trichter» (dér.) < BĪBERE; abruzz. *buldende* < BĪDENTE-; wallon. *butné* «nach Pech riechen» (dér.) < BĪTVMEN; Belfort *busâ* «weibl. Hanf» < BĪSSVS «doppelt»; logoud. *krabufigo*, prov. *kabofigo*, *kapofigo* < CAPRIFICV-; etc.

Comme on le voit, la labialisation est générale dans les idiomes

(95) C'est ce BVTVMEN qui est à la base du dérivé wallon *butné* «sentir la poix (goudron)». — Voy., en dernier lieu, S. da SILVA NETO, *Fontes do latim vulgar* (O [sic] Appendix Probi), (Rio de Janeiro, Impr. Nacional, 1946), p. 248-252. Silva Neto devra corriger, dans le sous-titre de son ouvrage, l'article O en A, vu le genre féminin du lat. *appendix*. — Cf. R. de SÁ NOGUEIRA, *Elementos para um tratado de fonética portuguesa* (Lisboa, Impr. Nacional, 1938), p. 311. — P. E. GUARNERIO, *Fonologia romanza* (Milano, Hoepli, 1918), p. 353-354. — J. CORNU, *Grammatik der portugiesischen Sprache*² (Strassburg, Trübner, 1906), § 95. — A. ROSETTI, *Istoria limbii române*, I, p. 64.

et les patois romans, et ce, surtout en italien et en portugais. Quelle est la situation en roumain ?

De même qu'en tant d'autres cas de géographie linguistique, on reste avec la nette impression que la Roumanie, le Portugal et l'Italie du Sud (donc, les «aires latérales conservatrices» de Bartoli) se caractérisent par une plus grande fréquence dudit phénomène⁽⁹⁶⁾, qui se trouve non seulement dans le roumain proprement dit, ou daco-roumain, mais aussi en macédo-roumain (inclusivement chez les Roumains d'Albanie ou Fărșeroți), en mégléno-roumain et en istro-roumain. Commençons par ces dialectes :

Pour l'istro-roumain, Pușcariu a constaté et étudié le cas dans ses *Studii Istro-române*, II (București, 1926), allant jusqu'à noter des labialisations $a > o$ sur le territoire slave environnant et dans l'albanais du Nord de la Macédoine⁽⁹⁷⁾.

Chez les Mégléno-Roumains, des labialisations du type - $\tilde{a}m- > -um-$ sont courantes : *lqcrumi* pour *lacrămi* «larmes», *struminari* pour *străminari* (= aroum. *strimurari*, d. roum. *strămurare*) $< *STĪMVLARIA < STĪMVLVS$ «aiguillon» ; etc.⁽⁹⁸⁾. Notons la forme *apu* $< AQVA$ (en d. roum. *apă*)⁽⁹⁹⁾.

Chez les Roumains d'Albanie, ou Fărșeroți, Capidan note de nombreux cas de labialisation de l' $\tilde{a}$ atone : *pusti* (= d. roum. *peste* $< ^i$ *pespre* $< PER + SVPER$) ; *pultare* pour *păltare* «dos» ; *funtăṇă* pour *fântăṇă* «fontaine» («avec *u* de $\tilde{a}$, et non de *o*» : Capidan) ; *mucată* pour *măcată* (= d. roum. *mâncată* «mangée») ; *amalumă* pour *amalămă* «or» ; *vu* (*se spună*) pour *va* (s.s.), par un intermédiaire *vă* «va (dire)» ; *furtat* «frère» (= d. roum. *fărtat* $< *frătăt < frate$). «Il suffit d'un jour ou deux pour que le voyageur s'aperçoive de [...] la courante labialisation de l' $\tilde{a}$ atone»⁽¹⁰⁰⁾.

Le macédo-roumain connaît également la labialisation, et souvent dans des cas identiques au daco-roumain. Par ex. : *muratu* (*laju*) «noir comme du charbon», dérivé par Capidan de

(96) Le trait commun des expressions de possession vient d'être étudié par H. MEIER, «Boletim de Filologia» (Lisbonne), IX (1948), p. 55 et suiv.

(97) Cf. S. PUȘCARIU, «Dacoromania» IV (1924-1926), p. 1334, n. 3.

(98) Cf. ID., ibid., V (1927-1928), p. 768.

(99) TH. CAPIDAN, *Meglenii (Megleno-Românii, III : Dicționar megleno-român*, București, Academia Română, 1936), s. v.

(100) ID., «Dacoromania» VI (1929-1930), p. 121-122.

(101) ID., ibid., IV (1924-1926), p. 950.

mărat < *MALE* + *HABĪTV*- «malheureux», à l'instar de *fumeie* ou *fomeie* pour *fămeie* «femme» < *FAMĪLIA*⁽¹⁰¹⁾.

Cette dernière forme, ou plus exactement *fomeye*, pl. *fomey*, et parfois (seulement au pluriel) *tumey*, est attestée par un enquêteur dans un département du nord de la Transylvanie⁽¹⁰²⁾, et nous l'avons souvent entendue *fumeie* chez un Moldave de Târgu-Frumos (rég. de Jassy) et *fomeie* chez nous, en Olténie (rég. de Craïova). Et ceci nous amène à envisager sommairement ce phonétisme chez les Roumains nord-danubiens. Il y est si courant, qu'on a presque l'embarras du choix pour exemplifier : *umfla* > *INFLARE* (cf. logoud. *unflare*, sic. *unéari*) ; *umplea* < *IMPLERE* (cf. logoud. *umpire*, cat. *umplir*, prov. *omplir*) ; *porumb* < *PALVMBV*- ; *lua* < *LĒVARE* ; *aluat* «levain» < *ALLEVATV*- < *LEVARE* ; *du-mica* < *DE* + *MĪCARE* ; *după* < *DE* + *POST* ; *pipotă* < **PĪPITA* (Pușcariu, «Dacorom.» V, 1927-1928, p. 901) ; *umuru*⁽¹⁰³⁾ < *HVMERV*- ; *bulbuca* < **VOLVĪCARE* < *VOLVERE* ; *pușin* «peu» < *PITZINNVS* (= *PVTVS*? : R. E. W., 6550) ; pop. *mumă* «mère» < *MAMMA* (> *mamă*) ; etc.

A cette liste de mots d'origine latine on pourrait ajouter une autre contenant des vocables roumains d'origine plus récente (vx. slave, grecque, turque, hongroise, ruthène, polonaise, russe, etc.) ayant subi la labialisation, ce qui prouve que le phénomène est encore vivant (de même qu'on peut le constater en portugais pour des mots d'origine arabe). Ainsi, seulement pour la bilabiale (occlusive sonore) *b* nous avons relevé⁽¹⁰⁴⁾ les suivants doublets labialisés : *bucsi* «bourrer» < *băcsi* (< ?) ; *buibărac* «vêtement paysan» < *băibărac* (< pol. *bajborak* < allem. *Weiberrock*) ; *bulțeu* «pièce du joug» < *bălțeu* (< hgr. *bélta*) ; *bulhac* «bourbier» < *bălhac* (< ?) ; *bulvan* «poutre» < *bălvān* (srb. *balvan*) ; *bulciu* < *bălciu* «foire» (cf. hgr. *bucșu*) ; *burnă* «poutre» < *bărnă* (vx. sl. *brŭvino*) ; *bușmachiu* «espèce de souliers» (< rus. *bašmakū*). Nous avons noté, en outre : *muscal* «flûte de Pan» (< tc. *miskal*), peut-être influencé par *muscal* «moscovite» < rus. *moskali*, avec

(102) D. SANDRU, *L'enquête dans le district de Năsăud* : «Bull. Ling.» VI (1938), p. 185.

(103) Forme attestée par l'A. L. R. 56/720, etc. (pour *umăr*) et citée par Pușcariu («Dacoromania» IX (1936-1938), p. 407) comme paradigme de labialisation *-mă->-mu-* et d'assimilation consonnantique immédiate *u-u*.

(104) Dans *Dicționarul...* de Candrea (supra, n. 8).

phonétisme régulier; *mușcoiu* «mulet» < *mășcoiu* (cf. vx. sl. *miškŭ*; en albanais est également labialisé: *muḱ*); *pardalnic* «maudit» < *părdalnic* (< *prădalnic* «rapace» < *pradŭ* «proie»?); *sumeḱ* < *semeḱ* «arrogant» (<?); *izbuti* «réussir» < vx. sl. **izbŭyti* ⁽¹⁰⁵⁾.

La labialisation est à tel point courante chez les Roumains, qu'ils l'imposent même aux allogènes: ainsi, les Saxons de Transylvanie (Seși) remplacent fréquemment *ă* et *â* (*i*) par *o* et *u* après des consonnes labiales, et ce n'est que de cette manière qu'on peut s'expliquer la forme saxonne *afunje* «parent» < *AFFINIS*, prononcée par les Roumains transylvains *afin*(*ă*), *aiăn*(*ă*), *afân*(*ă*). C'est également la variante labialisée *afon*(*ă*) qui a dû donner chez les Hongrois transylvains *afonya* ⁽¹⁰⁶⁾. — En Bucovine, on assiste au même processus.

Une fois constaté le caractère général et vivant du phénomène de la labialisation dans toutes les aires habitées par des Roumains, analysons de plus près un cas particulier qui nous semble hautement suggestif par rapport à *apuca* < **apŭca* (**apeca*): roum. *buric* «nombril» < *VMBĪLĪCV*.

La question de la déglutination **umburic* > *un* + *buric* (= littér.: «*un* nombril») mise à part ⁽¹⁰⁷⁾, on est frappé de constater que

⁽¹⁰⁵⁾ A. ROSETTI, *Istoria limbii române* III (1940), p. 49, tout en mettant en doute cette étymologie, y voit une labialisation *-bi-* > *-bu-*, contre Skok, qui pensait à un passage du sl. *y* au roum. *u*, comme en albanais. — C. RACOVIȚĂ a montré («Bull. Ling.» VIII (1940), p. 165) que le traitement vx. sl. *y* > roum. *i*(*ă*) et *u* dans les vocables (vraisemblablement apparentés à *isbuti*) *năzbătie* et *năzbutie* «espièglerie» n'est qu'une exception apparente à la règle, puisque l'*ă* et l'*u* s'y expliquent, respectivement, par l'intermédiaire russe et ruthène.

⁽¹⁰⁶⁾ Cf. S. PUȘCARIU, «Dacoromania» VII (1931-1933), p. 103, n. 1; ID., *ibid.* p. 6, n. 1.

⁽¹⁰⁷⁾ S. PUȘCARIU, *Limba Română*, p. 105, compare à **umburic* > *buric* le roum. *tărtan* «juif» < allem. *Untertan* «sujet (autrichien)», où la syllabe initiale a été pareillement prise pour l'article indéfini *un* (cf. en fr. (la) *boutique* < (la) *aboutique* < ἄποβήτης: M. SCHÖNE, *Vie et mort des mots*, Paris, 1947, p. 70); voy. encore S. NETO, *op. cit.*, p. 201; A. DAUZAT, *La toponymie française* (Paris, Payot, 1946), p. 25: «(la) Douse» < *Latusa*; pour le cas contraire des agglutinations, voy. DAUZAT, *ibid.*, et S. PUȘCARIU, *L. rom.*, p. 261-262 (*nŭp* < *un ip.*) — Du reste, *VMBĪLĪCVS* (= R. E. W. 9045) et son dérivé **VMBĪLĪCŪLVVS* (= R. E. W. 9044) ont subi l'aphérèse non seulement en roumain, mais en bien des dialectes et patois: aroum., mégl-roum., istro-roum. *buric*, frioul. *buñigul*, trevis. *muñigol*, rouerg. *munil*, waad *burilô* (in: R. E. W. 9044 et 9045), vén. *bonigolo*, aquila *mujjichiru*, cerign.

la syllabe *-BĪ-* du groupe *-BĪLĪCV-* s'est labialisée en *bu-* (cf. *-PĪ-* > *-pu-* dans **APĪCARE* > *apuca*) non seulement dans tous les dialectes roumains (daco-, macédo-, mégléno-, istro-) en *buric*, mais aussi dans la plupart des aires romanes : h. alp. *ambunik*, mars. *emburigo*, rovig. *ambuleigo*, nizz. *amburigo* (in *R. E. W.*, 9045), frioul. *buñigul*, trevis. *muñigol* (sous l'influence de *MOLLIS*?), rouerg. *munil*, sav. *aburet*, waad *burilō*, dauph. *ābuñō* (in *R. E. W.*, 9044), n.-pv. *embourigon*, vén. *bonigolo*, aquila *mujjichiru*, cerign. *veddoike*, bari *veddike*, vasti *mujjecule*, atessa *mujucule*, muggia *buligul*, triest. *bunigolo*, piem. *amburi*, pv. *emborilh* (apud Pușcariu, *Wörterb.*, § 240), logoud. *vuddiku* (in: *Sprach- u. Sachatlas Italiens...*, I, 1928, carte 130 'Tombellico', point 846 (= Catenanuova) et 851 (= San Biagio Plátani)), *buddiku* (ibid., 875 = San Michele di Gonzaria), *uddiku* (ib., 824 = Baucina); calab. *mulliku* (ib., 794 = Benestare), *muddiku* (ib., 752 = Saracena), *vuddiku* (ib., 748 = Salve), *vuddik* (ib., 716 = Ascoli Satriano); *buliko* (ib., 554 = Cortona), *āmburi* (ib., 170 = Pietraporzio), *āmburiy** (ib., 160 = Madalena), *āmburigo* (ib., 139 = Galliate), *buñigolo* (ib., 365 = Istrana); *buligo* (ib., 368 = Pirano, Istria), *bunigolo* (ib., 378 = Montona, Istria), *ambuligo* (ib., 397 = Rovigno, Istria), etc.

Plutôt que d'y voir avec Densusianu⁽¹⁰⁸⁾ une influence de la consonne bilabiale *b*, Pușcariu adopta⁽¹⁰⁹⁾ une suggestion orale de Meyer-Lübke, selon laquelle roum. *buric* supposerait un **VMBO-LĪCVS*, créé sous l'influence de *VMBO*, *-ONEM* «point saillant». Néanmoins, nous sommes résolument de l'avis de Densusianu, et ce non seulement parce que nous estimons que les nombreux paradigmes que nous venons de citer plaident pour la labialisation, mais aussi parce que cet hypothétique **VMBOLĪCVS* n'expliquerait

veddoike, bari *veddike*, vasti *mujjecule*, atessa *mujucule*, muggia *buligul*, triest. *bunigolo* (apud PUȘCARIU, *Wörterb.* § 240), sard. *buddiku* (in: *Sprach- u. Sachatlas Italiens...*, I (1928), carte 130 'Tombellico', point 846 = Catenanuova et 851 = San Biagio Plátani), *buddiku* (875 = San Michele di Ganzaria), *vuddiku* (824 = Baucina), cal. *mulliku* (794 = Benestare), *muddiku* (752 = Saracena), *vuddiku* (748 = Salve), *vuddik* (716 = Ascoli Satriano); *buliko* (554 = Cortona), *buñigolo* (365 = Istrana), *buligo* (368 = Pirano, Istria), *bunigolo* (378 = Montona, Istria), etc.

(108) O. DENSUSIANU, *Hist. de la langue roum.*, I, p. 84.

(109) S. PUȘCARIU, *Rum. Etym. Wörterb.*, § 240.

point l'existence, en daco-roumain, de la variante *băric* (= A. L. R., 100/05), corroborée en macédo-roumain par *băriclu* (= A. L. R., ibid.), qui ne peuvent remonter qu'à (VM) *BILĪCŪ*-⁽¹¹⁰⁾. Le sarde présente aussi le doublet *umbiligo* (ap. Pușcariu, *Wört.*) et *vuddiku buddiku, uuddiku* (= A. I. S., I, 130/846, 851, 875). — Du reste, Meyer-Lübke n'a pas persisté dans sa suggestion, car le R. E. W.³ ne mentionne aucune variante **umbolicus*, à côté de *umbilicus* (= 9045,1^o) et ses déformations **imbilicus* (= 9045,2^o) et **āmbiliculus* (= 9044).

Et si notre *apuca* < **APPĪCARE* a besoin d'autres appuis phonétiques, invoquons enfin le cas parallèle de *păcurar* < *PĒCORĀ-RIV* «pâtre», parfait homonyme roumain de *păcurar* (< *păcură* < *PĪCVLA*) «vendeur de poix»⁽¹¹¹⁾. Vu que l'A. L. R. n'est pas arrivé à traiter de *păcurar* < *PĪCVLA* ni de son homonyme *păcurar* < *PĒCVS*, qui pourraient nous fournir la forme dialectale révélatrice **pucurar* postulée par notre *apuca*⁽¹¹²⁾, voyons le phonétisme du *pecoraio* italien, à la lumière de la labialisation italo-roumaine d' *VMBĪLĪCV*.

Or, ce n'est pas sans une légitime satisfaction que nous avons pu

(110) Par leur phonétisme révélateur, ces deux formes devaient retenir l'attention de Pușcariu lui-même, qui allait en faire mention plus tard : «Dacoromania» IX (1936-1938), p. 410.

(111) *Păcurar* «pâtre» a été remplacé en Olténie, Valachie, Moldavie, Bucovine, Bessarabie et une partie de la Transylvanie par *cioban*, terme d'origine turque ou turanienne (cumane ou péché-nègue) ; en daco-roumain *păcurar* se cantonne dans la majeure partie de la Transylvanie, en Banat, Crișana et Maramureș ; comme il s'est conservé aussi chez les Macédo- et Mégléno-Roumains (*picurar*), de même que chez les Istro-Roumains (*pecurâr*), Sever Pop a pu à juste titre y voir encore une confirmation du conservatisme des «aires latérales» bartoliennes : S. POP, «Dacoromania» VIII (1934-1935), p. 165. — Ainsi que l'a ingénieusement remarqué D. Caracostea, *păcurar* < *PĒCVS* ne s'est maintenu que dans les régions où il n'y a pas d'exploitations pétrolifères, étant éliminé par son homonyme *păcurar* < *PĪCVLA* («vendeur de poix») et substitué par *cioban* ou *păstor* ; sur la lutte livrée par ces deux homonymes rivaux (confondus par Meyer-Lübke dans un même article du R. E. W. : 6325), voy. S. PUȘCARIU, *Limba Română*, p. 201 et la carte annexe n. 13 ; cf. *supra*, p. 162.

(112) En raison des événements malheureux des dernières années, les réponses à la question n.º 1808 de l'A. L. R. (*păcurar* «pâtre») sont demeurées manuscrites, comme tant d'autres.

relever dans l'*Atlas* italien ⁽¹¹³⁾, à côté des formes prédominantes *pikur̄ru* et *pekur̄ru*, des variantes (du sud d'Ancône, pour la plupart) attestant la labialisation forte *pu-* constatée par nous en *apuca* et supposée avec quasi-certitude en *pīcurar*: *pukurára* (point 708 = San Giovanni Rotondo), *pukur̄ra* (709 = Vico del Gargano), *pukurāl* (637 = Castrano), *pukurāl* (619 = Montesilvano), *pukurēl* (618 = Castelli) *pukurel*, *puguril* (608 = Bellante), *pukurāl* (578 = Montefortino). Et il est même permis de penser que le nombre de pareils exemples serait plus élevé, si *pecoraio* n'était pas remplacé dans presque toute la moitié nord de l'Italie par *pastore*.

Devant ces exemples, est-il interdit de s'attendre également, lors de la continuation de l'*Atlas* roumain, à une forme dialectale *pucurar* qui, faute d'une carte *apuca*, nous permettrait de mieux documenter la labialisation *-PĪ- > -pu-?* Rappelons-nous que le mégléno-roumain labialise *apĭ < AQVA* en *apu*, et que, d'autre part, le patois abruzzain labialise le *-PĪ-* d'*APPĪCARE* en *-pu-*, exactement comme le roumain, dans *mappúséa* ⁽¹¹⁴⁾ «gratteron, attacamani, Kleberkraut» (littér. «herbe poisseuse, gluante, collante», appelée en roumain *lipicioas* *< lipi* «coller» *< vx. sl. lipĭti* «être collé»: voy. *supra*, n. 65).

... Entre temps, faisons des vœux ardents pour que la Roumanie redevienne le plus vite dans la situation de pouvoir continuer la publication du monument national de son idiome!

*

Au terme de cette monographie, résumons- en les conclusions qui nous semblent s'imposer:

1.^o Nous rejetons les six étyma proposés jusqu'à ce jour pour roum. *apuca* «saisir», à savoir celui de Cihac (**ACVPARE < OCCVPARE*), de Burlă (**ACVPARE < AVCVPARI*), de Haşdeu (**APVCARE < APĚRE*), de Creţu (**CAPVCARE < CAPĚRE*), de Spitzer (*< poc!*, **pucl!*) et de Meyer-Lübke (alle. *packen*);

⁽¹¹³⁾ K. JABERG-J. JUD, *Sprach- und Sachatlas Italiens...*, VI (1935), carte 1073 «(il) *pecoraio*». — Aucune des formes y relevées ne se trouve mentionnée dans le R. E. W. 6326.

⁽¹¹⁴⁾ *Ibid.*, vol. III (1930), carte 632, pt. 639 (= Crecchio). Signalons la forme intermédiaire *appăcakyetə* au point 713 (= Formicola, Campania).

2.^o Basé sur des arguments sémantiques et phonétiques, nous proposons l'étymologie *apuca* < *APPĪCARE, intégrant ainsi le vocable roumain dans la grande famille romane de *PĪCEM* «poix» (voy. la carte annexe), dont on ne connaissait en roumain que le dérivé tardif *păcură* < *PĪCŪLA*, où vraisemblablement l' *a* n'a pas été labialisé en *u* pour être tonique ;

3.^o La labialisation en roumain, déjà attestée par de nombreux cas, trouve dans *apuca* < *APPĪCARE son exemple le plus pertinent ;

4.^o A la lumière de cette dernière constatation, le traitement du roum. *buric* < (VM) *BĪLICV*- s'explique mieux par la labialisation (avec Densusianu) que par l'influence d' *VMBO* (avec Pușcariu et Meyer-Lübke), — bien que les deux conjectures ne soient pas incompatibles ;

5.^o La 4-e édition du *R. E. W.* devra supprimer l'article 776 *aucupare* et, conséquemment, transposer roum. *apuca* à l'article 547 **appicare*.

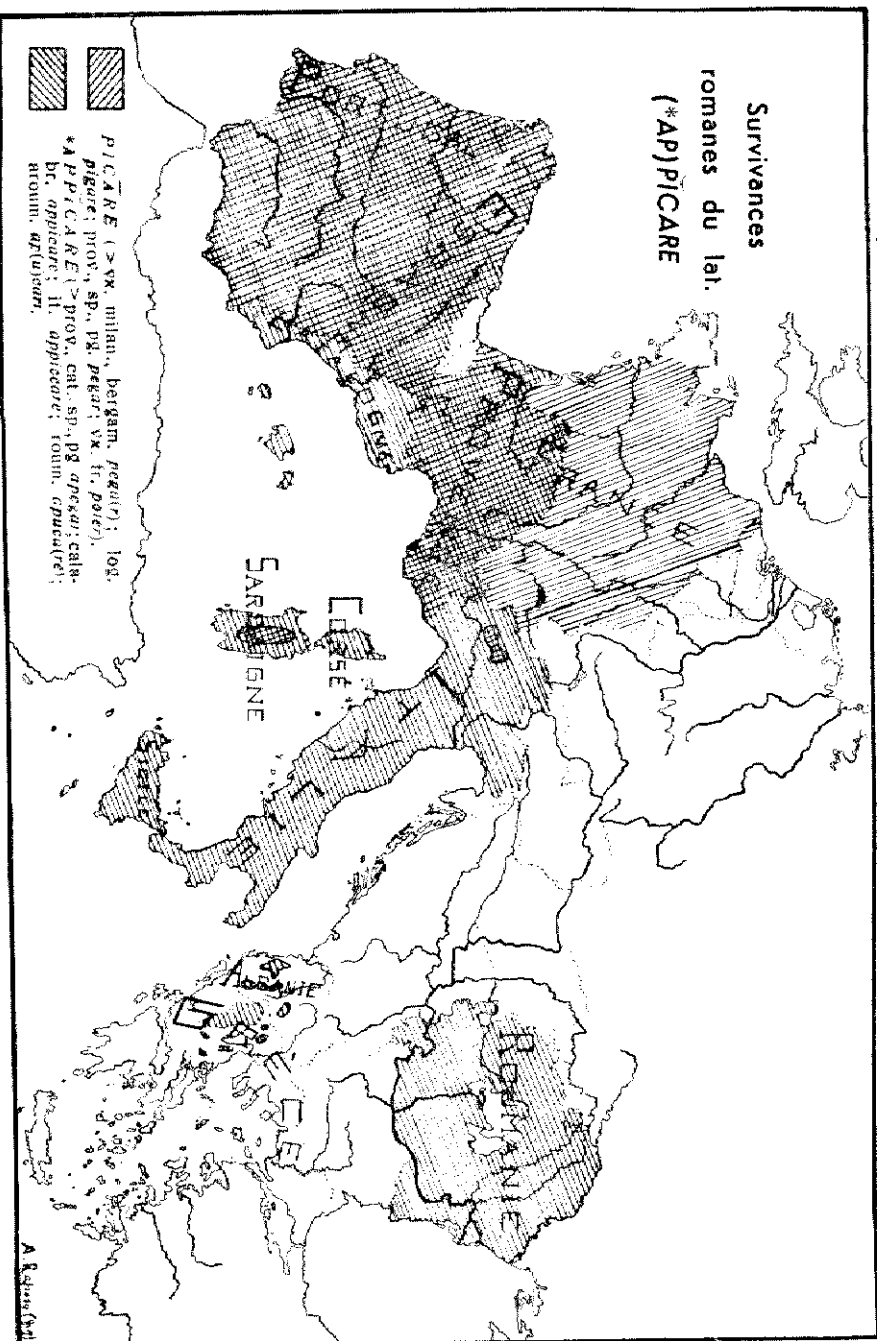
...Et si l'on trouvera que, pour arriver à ces quelques conclusions, nous nous sommes trop mis en frais d'arguments, il faudra convenir qu'un vocable aussi fondamental en roumain que *apuca*, dont on avait tellement discuté l'origine sans toutefois arriver à des résultats positifs,—et qui vient enrichir le patrimoine latin du roumain dans un moment pathétique pour la langue et le peuple daco-romans—, méritait bien un certificat de naissance que nous estimons (autant qu'il l'est possible dans le domaine mouvant des probabilités philologiques!) au dessus de discussion. Car, si l'on veut bien se rappeler que Maître Spitzer l'incluait dans la liste des vocables créés à l'intérieur du roumain, nous venons de conférer à *apuca* une pré-existence multiséculaire, en intégrant, sémantiquement et phonétiquement, ce fils prodigue dans la famille romane de *PIX*, *PĪCEM* et en essayant de reconstituer ⁽¹¹⁵⁾ sa «longue, longue histoire», tout

(115) Dans des conditions précaires, vu que les bibliothèques étrangères ne sauraient point suppléer les bibliothèques roumaines, qui nous sont présentement interdites *Patriai tempore iniquo*.

Survivances
romanes du lat.
(*AP)PICARE



PICARE (> ex. milan., bergam. *pecur*); tog.
pigare; prov. sp. *pg.*, *pegar*; vx. it. *poter*.
*APICARE (> prov. cal. sp. *pg* *apecar*; cal.
br. *apicare*; it. *apicare*; roum. *apucare*;
aroun. *apucari*).



en évoquant les vers aux profondes résonnances de l'ami tant regretté
Carlos Queiroz ⁽¹¹⁶⁾ :

*Cada palavra possui
Uma longa, longa história.
Todas nos dizem : « — Eu fui... »
Ter-sido que se dilui
Nos meandros da memória.*

Lisbonne.

VICTOR BUESCU

⁽¹¹⁶⁾ CARLOS QUEIROZ, *Breve tratado de não-versificação* (Lisboa, 1948), p. 2.

Französische Etymologien

Afrz. *aloiere*

ist nach Tobler-L. I, 311 eine «am Gürtel hängende Tasche», nach Godfr. I, 232 «bourse gibecière, souvent faite en cuir, quelquefois en velours, en satin, et brodée, qu'on portait à la ceinture et dans laquelle on enfermait son argent, ses papiers, ses bijoux». Diese Art von Taschen hat, wie schon aus den Angaben bei Godfr. und den Beispielen bei Tobler-L. hervorgeht, keine beschränkte Verwendung; sie entspricht, abgesehen von der Tragart, unserem Rucksack bzw. den modernen geräumigen Handtaschen. Von Erklärungsversuchen kenne ich nur die Zurückführung des Wortes durch Scheler (Jahrbuch 14,439) auf afrz. *aloe* «Lerche»; *aloiere* wäre also «Lerchensack». Die Deutung wurde weder von Meyer-Lübke, REW s. *alauda* noch von Wartburg s. v. übernommen.

Aloiere ist dissimiliert aus **arioiere*, ist also -*aria*-Ableitung von afrz. *arroi*, *aroi* «Ausrüstung, Zubehör», auch «Kleidung»; *arioiere* ist die Umfassung von *arroi* wie *gibecière* die Einfassung von **gibez*, später *gibier*, usf. Die Dissimilation -*r*- + -*r*- zu -*l*- + -*r*- läßt sich im Französischen reich belegen: Vgl. afrz. *mortelier* «Mörsererzeuger», für *morterier*, zu *mortier* «Mörser»; apik. *caielier* «Sesselmacher» für *c(h)aierier*, zu *chaiere* «chaise»; afrz. *chaudrez*, aus *chaudrez* «Kesselware», zu *chaudière*; frz. *décharnelier* «abpfählen», aus *descharnerer*, zu *charnier*; frz. *flairer* aus *fragrare*; afrz. *escarteler* «vierteln», aus *escarterer*, zu *quartier*; frz. *frileux* aus *frigorosus*; fränkisch **hōrari* «Hurer» in afrz. *holier* (vereinzelt auch *horier*). Wegen *arroi* «Hausrat» s. Rom. Germ. Bd. I, 364.

Afrz. *aluchier*

ist zunächst Ausdruck der Gärtnerei, bedeutet «anpflanzen», «(Gewächse) pflegen, behüten», s. z. B. bei Gautier de Coincy: *Les rosiers coupent et essartent et les chardons vont alluchant* «sie hauen

Rosenbüsche aus und reißen sie aus dem Boden, aber Disteln pflanzen und hegen sie». In der Verbindung *planter et aluchier* zeigt das Verbum deutlich die weitere, sekundäre Bedeutung «pflegen, umsorgen», die dann auch in übertragenem Sinn gebraucht wird. Vgl. z. B. (nach Godf. I, 242) *Cil mostre bien que petit seit — qui aluiche ce que Deus heit* «der zeigt, daß er nur wenig versteht, der «alucher» was Gott haßt».

Daneben hat *aluchier* auch noch eine der Allgemeinsprache angehörige Verwendung = «festsetzen», refl. «sich an einem Ort fest niederlassen». Das Wort ist fränkischer Herkunft, romanisiert aus frk. **atlúkan*, zu agls. *lúcan* «festmachen, verbinden», gotisch *galúkan* «schließen». *at-* ist verbales Präfix mit der Bedeutung von lat. *ad-*, dt. *an-*. Die Verwendung des Verbums speziell in der Terminologie der Gärtnerei ist altgermanisch nicht belegt, aber aus der Grundbedeutung «festmachen» ohne weiteres verständlich.

Fr. *bahut* «Truhe»

ist ein in Nordfrankreich heimisches romanisches Wanderwort, s. REW 1008, wo ohne Erklärung eine Grundform **ba-ut* angesetzt wird. Schon Meyer-Lübke wies darauf hin, daß das *-h-* der frz. Form echt konsonantisch ist, nicht Graphie für Silbentrennung. Das allein sichert schon Nordfrankreich als Heimat des Wortes. Trotz Wartburg I, 301 ist *-t* im Auslaut ursprünglich, vgl. bei Tobler-L. s. v. aus Chrétien's Perceval *bahut* im Reim zu *hut*, d. i. Konjunktiv zu *huer*. Auch *bahutier* «Truhenmacher» ist schon im 13. Jhdt belegt. Die Endung *-ut* mit festem *-t* ist aber im Altfranzösischen ganz isoliert; daraus erklärt sich die Anpassung des Auslauts an andere Endungen bzw. Umgestaltungen des Auslauts, die eine gewisse Unsicherheit verraten. Im Provenzalischen ist seit dem 14. Jhdt eine Form *bāuc* belegt, mit einer im Provenzalischen auch sonst häufigen Endung. Woher das *-l* in ital. *baule*, span. port. *baúl*, stammt, ob diese *-l-* Form im Italienischen oder im Iberoromanischen entstanden ist, sind noch ungelöste Fragen.

Das intervokalische *-h-* des nordfrz. Wortes könnte rein theoretisch auch auf eine Grundform mit *-ff-* zurückgehen, eine solche kommt aber schon wegen der außerfranzösischen Formen nicht in Frage, s. Ausgewählte Aufsätze S. 124f. Die Wahrscheinlichkeit spricht aber dafür, daß dieses *-h-* wie sonstiges konsonantisches *h* im Nordfranzösischen fränkischer Herkunft ist. EWFS hatte ich schon im ersten Glied des Wortes die fränkische Entsprechung von

mndl. *bagge*, *bage*, anord. *baggi* «Packen, Bündel» gesehen, das wohl aus dem Burgundischen oder Gotischen aufgenommen, in frz. Schweiz *baga* «Gegenstand», Plur. «objets réunis, effets, hardes» erhalten ist. Das zweite Glied des Wortes ist afränkisch *hûde* «Obhut, Schutz», zu asächsisch *hōdjan* «Acht haben, behüten»; die Grundform ist also fränkisch *baghōdi*, *baghūdi* «Aufbewahrung von Sachen», d. i. «Truhe». Die Lautentwicklung entspricht vollständig spätränkischer Romanisierung. Stimmhafte Konsonanten werden bei der Romanisierung an nachfolgendes *-h-* assimiliert, s. *Bréhain*, Meurthe-et-Moselle, aus dt. *Bergheim*; *Molhain*, Ardennes, aus *Molinhaim* «Mühlheim», s. Germ. Siedlung S. 42. Wegen der Endung vgl. fränkisch *haslōdi* «Haselöde» in *Hallu*, Somme; *Hornōdi* in *Hornut*, Hennegau; *Rausōdi* «Rohrheide» in *Rosult*, Nord, u. a., Germ. Sdlg. 15. Ob in der fränkischen Grundform *hūdi* oder *hōdi* anzusetzen ist, ist nicht feststellbar, beide Formen sind im Fränkischen möglich und auch die romanische Entwicklung läßt eine klare Unterscheidung nicht zu. Vgl. wegen der Zeit der angenommenen Entwicklung fränkisch *Buhsōdi* «Buchsbaumöde» in *Boussu*, 7. Jhdt *Buxutum*, usf.

Frz. *baudrier* «Wehrgehänge»

ist afrz. in der Uebersetzung der 4 Bücher der Könige als *baldred* bezeugt; *baudré* ist entsprechend die Normalform des Afrz., der auch prov. *baldrat* entspricht. Wie *bahut* ist auch *baudrier* ursprünglich nur in Nordfrankreich zuhause. Das Wort ist dann als Ausdruck des mittelalterlichen Rittertums in die anderen westromanischen Sprachen, aber auch in das Mittelhochdeutsche und Altenglische gewandert, wie längst bekannt ist.

Im Altfranzösischen bedeutet *baudré* nicht nur «Wehrgehänge», sondern auch «Satteltgurt», dann auf den Teil des Körpers übertragen, an dem der Degengurt getragen wird, «Hüftgegend». «Gros fu par les espauls, grâles par le *baudré*» ist eine afrz. wiederholt belegte feste Verbindung. Von *baudré* abgeleitet ist afrz. *baudré-ier*, d. i. *baudroier* «Ledergerber», auch ein ähnlich gebildetes *baudroier* «Leder gerben» ist afrz. belegt.

In derselben weiteren Bedeutung wie afrz. *baudré*, mhd. *balderich* wird im West- und Nordgermanischen die germanisierte Form von lat. *balteus* «Gürtel, Wehrgehänge» gebraucht, so anord. *belti*, agls. *belt*, ahd. *balz*, *palz* usf. Da das Wort noch mit *-t-*, (nicht *tz*) romanisiert wurde, also vor der Zeit der Palatalisierung von *tj* in

balteus, vlat. *baltju*, und da es sich ebenso im Westgermanischen wie im Angelsächsischen findet, liegt ein Lehnwort des Westgermanischen noch aus der Zeit des 4. Jhdts vor, ein Wort also, das auch der Sprache der Franken angehörte, die im 5. und 6. Jhd. Nordfrankreich bis zur Loire besetzten. Wie andere echt germanische Wörter wurde auch dieses alte Lehnwort in Zusammensetzungen verwendet. Eine solche Zusammensetzung, und zwar fränkisch **baltirād* «Gürtelgehänge» sehe ich nun als Ursprung des französischen Wortes an. Frk. *rād* ist die Entsprechung von dt. *-rat* in «Vorrat, Gerät», dann allgemein «Geschirr», «Vermögen», d. h. mit der allgemeinen Bedeutung, die noch in dt. *Hausrat* u. a. weiterlebt.

Es handelt sich also um ein ursprünglich lateinisches Wort, das in der Zeit der ersten starken kulturellen Berührung zwischen Römern und Westgermanen in das Germanische übernommen wurde, später, als die Franken ihre besondere Form der Kultur in das Galloromanische brachten, in das Romanische zurückwanderte. Der Fall ist nicht vereinzelt. Vlat. **caputium* «Kobes, Kohlkopf» wird fränkisch *kábuz*, daraus frz. *caboche*; lat. *encaustum* «Tinte» wird zu fränkisch *inkatu*, daraus afrz. *enque*, frz. *encre*; lat. *vapidus* «kahmig» wird fränkisch **wapid*, daraus altwallonisch *wape*, afrz. *gape* «fad, süßlich» usf. Schließlich wandert das Wort aus dem Altfranzösischen wieder in die germanischen Sprachen zurück.

Frz. *bliaut*

bedeutet afrz. ein «Untergewand oder Ueberwurf für Männer oder Frauen», wie es von vornehmen Leuten getragen wurde. Es war aus Zindel, d. i. einem dünnen Seidenstoff, oder aus Purpur gewebt, mit Gold verbrämt. Die Kostbarkeit dieses *bliaut* zeigt sich auch in der Bedeutung des aus dem Französischen entlehnten ahd. *blialt*, für das die Bedeutung «kostbarer Stoff aus Gold und Seide» angegeben wird. Es ist wie *baldré* (*baudrier*) und *bahut* nur in Nordfrankreich heimisch und von hier als Ausdruck der mittelalterlichen höfischen Kultur weitergewandert. Die prov. Form *blial*, *blizal*, *blidal*, *brizaut* u. a. zeigt in ihrer Vielgestaltigkeit, die sich nicht auf eine gemeinsame Grundform zurückführen läßt, die Unsicherheit, die bei der versuchten Anpassung des zweisilbigen *bli-aut* an das südliche Lautsystem entstand. Der Ansatz **blidalt* «Ueberwurf» bei Wartburg I, 408, der für prov. *blizaut* eine Grundform schaffen soll, ist ebensowenig gerechtfertigt wie **blialt* im REW 1169, in der ersten Auflage.

Schon den Südfranzosen des Mittelalters, die den nordfrz. Ausdruck in der angegebenen Weise anpassten, war bewußt, daß zwischen dem *i* und dem *au* des frz. Ausdrucks ein im Nordfranzösischen verstummender Konsonant vorhanden gewesen sein muß. Da aber Grundformen wie *blitalt*, *blikalt*, *blidalt* usf. sich an keinen bekannten Stamm anschließen lassen, denkt Meyer-Lübke, REW 1169 an orientalische Herkunft des Wortes. Dagegen spricht aber die schon erwähnte Tatsache, daß das Wort nur im Nordfranzösischen heimisch ist.

Bliaut ist ein Ausdruck der fränkischen Nationaltracht. Nicht nur die intervokalischen Verschlusslaute verstummen im Nordfranzösischen, sondern auch einfaches intervokalisches *-f-*. Dieses wird zunächst zu *-v-* und fällt dann unter den gleichen Voraussetzungen wie *-v-* aus *p* oder *b*. Vgl. dazu die Entsprechungen von lat. *habutu*, *tributu*, *tabone*, *viburnu*, *pavore* usf. Vgl. dazu nun afrz. *préont*, so in südlichen Mundarten, aus lat. *profundus*; lat. *scrofa* in frz. *écroue* «Schraubenmutter»; lat. *scrofa* in frz. *écrouelle*.

Damit kommen wir nun zu einer Grundform, in deren zweitem Bestandteil *-fald* enthalten war, dessen Stamm auch als Simplex in den romanischen Sprachen vielfach noch nachweisbar ist; es ist ein Ausdruck der germanischen Kleidung, s. Rom. Germ. I, S. 260: «Fränkisch *falda* «Falte» ist in dieser Bedeutung im Alpenromanischen erhalten, hat aber schon im Galloromanischen die Bedeutung «Kleiderfalte, Rockschoß» angenommen und ist hier vorhistorisch geschwunden... lebt aber in prov. *falda* «Kleiderstoff, Schoß», usf. Die maskulinische Entsprechung des angeführten Wortes ist ahd. *falt* «Faltung», anord. *faldr* «Zipfel eines Kleides, Kopftuch» u. a.; s. auch die feminine Entsprechung afrz. *faude* «Stahltrikot» (das den unteren Teil des Leibes schützt), mhd. *valte* «Tuch zum Einschlagen der Kleider», «Schoß». Das erste Glied des zusammengesetzten Wortes gehört zu agls. *blīoh* «Farbe», mhd. *bliechen* «brennend leuchten», asächs. *blī* «leuchtend, farbig». Die Grundform war also **blīohfald* «farbenprächtiger Umhang», das zunächst zu *blīofaldum* romanisiert wurde. Nicht anlautendes und nicht geminiertes *h* war im Fränkischen Hauchlaut, der bei der Romanisierung verstummte, s. Rom. Germ. I, S. 263.

Die Weiterentwicklung der angesetzten Grundform zu afrz. *bliaut* ist streng lautgesetzlich. Ungefähr im 6. Jhdt wurden die intervokalischen stimmlosen Konsonanten stimmhaft; *blīofaldum* wurde zu *blīevaldu*; dann schwand *-v-* und bei dem Aufeinander-

treffen der 3 Vokale verstummte der mittlere. Auch dies entspricht einer wohlbekannten Tendenz des Galloromanischen. Abgesehen von der Reduzierung des triphthongischen *iei* aus *e + Palatal*, vgl. die Namen gallisch-romanisch *Catómagum* «Kampffeld» in 1080 *Cadó-mum*, daraus über *Cäuem* seit 1155 belegtes *Caem*, heute *Caen*; *Rotómagum* wird entsprechend über *Röuem* zu *Rouen*. Wo der *-magum*-Endung nicht ein Vokal vorangeht, erscheint diese heute als *-on*, so in *Mouzon* aus *Mosómagum* usw.

Bliohfald ist also das leuchtende, farbenprächtige, goldverbrämte Gewand der fränkischen Festeskleidung. Wie bei *baudrier* sehen wir auch hier, daß ein ursprünglich germanisches Wort zunächst romanisiert wird, dann aber in der Zeit der Ausstrahlung der nordfranzösischen Kultur ins Germanische zurückwandert.

Fr. *but*, *butin*

Die Sippe um frz. *but* «Ziel», «Ende» wird von Wartburg 1,651 auf ein fränkisches **bút* oder anord. *butr* «kurzes Stück eines Holzstammes» zurückgeführt und die Bedeutungsentwicklung folgendermaßen begründet: «Da früher Holzklötze als Ziel für Armbrust- und Bogenschießen und für verschiedene Spiele aufgestellt waren, so wäre die Bedeutungsentwicklung ohne weiteres verständlich». Diese Deutung wurde dann auch in das Wörterbuch von Bloch-Wartburg übernommen. Ganz abgesehen von den begrifflichen Schwierigkeiten einer solchen Annahme ist schon der Ansatz als solcher unmöglich. Anordisch *butr* hat kurzes *-u-*, das im Französischen durch *-o-*, *-ou-* wiedergegeben wurde, nicht durch *-u-*. Die niederdeutschen Entsprechungen des angeführten Stammes haben tatsächlich kurzen Vokal, ebenso dazu gehöriges dt. *Butz*; die fränkische Entsprechung *but* (zu ostfriesisch *bot* «Grenze», «Ziel») ist tatsächlich ins Galloromanische übergegangen, aber nicht in der Form *but*, sondern als *bout* «Ende», «Spitze» usw.

Die zahlreichen begrifflichen Berührungen zwischen *bout*- und *but*- haben mich dazu veranlaßt, im EWFS s. *but* an eine Wortkreuzung zwischen dem angeführten *bout* und *butin* zu denken. Auch diese Deutung erklärt nicht die Einzelheiten der Bedeutungsentwicklung der beiden Stämme, deren Geschichte hier ganz kurz noch einmal aufgenommen werden soll.

Zu *bout* «Grenze, Ziel» ist schon im 12. Jhd. afrz. *aboter* «anstoßen, angrenzen», transitiv «auf ein Ziel richten» belegt, s. Tobler-L. 1,62. Daneben steht afrz. *abuitier*, alt auch schon *abuter*, das

Tobler-L, mit «unversehens dazukommen» übersetzt, also etwa «auf etwas stoßen», «etwas zum Ziel nehmen». Die Grundform mit *-ui-* ist durch moderne Entsprechungen gesichert, so durch norm., bretagn. *biter*, *abiter* «berühren». Sowohl dieses wie die später durchdringende Form *buter* können auf eine Grundform *abuitier* zurückgehen. Vortoniges *-ui-* hat die Tendenz, vereinfacht zu werden. Das normale Ergebnis ist *-i-*; steht dagegen neben der *-ui-* Form das Stammwort mit betontem *-ui-*, dann überwiegt die *-u-* Lautung; vgl. afrz. *cruistre*, daraus über *cruisser* nfrz. *crisser*; afrz. *muilon* «Heumiete», heute mundartlich *miloché*; afrz. *muissioe* «Vorratskammer», champ. *mijoue*, usf. Für die Entwicklung von unbetontem *-ui-* zu *-u-* vgl. afrz. *fuirole* «Irrlicht», nfrz. *furole*; afrz. *fuiiron* «Frettchen», nfrz. *furet*; bourb. *éfruter* «(den Boden) zu stark ausnützen» d. h. «der Früchte berauben», zu *fruit*; usf.

Die Grundbedeutung von afrz. *abuitier*, *buitier* ist, wie erwähnt, «an etwas anstoßen, etwas berühren». Das Wort gehört zu anord. *yta* «darreichen, damit der andere es erreichen kann», aus *útjan*, und dazu schon anord. *byta* «tauschen», «wechseln» aus *biútjan*, eigentlich «nach etwas greifen, was einem vorgehalten wird». Dies ist auch die Bedeutung, die für das entsprechende ins Galloromanische aufgenommene fränkische Wort anzusetzen ist. Frk. *biútan* «nach etwas greifen» ist also zu *biuter*, *buitier* romanisiert worden, es bedeutet zunächst «nach etwas greifen», von leblosen Dingen gesagt, «an etwas stoßen, angrenzen». Diese Bedeutung von frz. *buter* ist auch noch in Wendungen wie «la poutre *bute* contre la muraille» «berührt, stützt sich auf» erkenntlich. Dazu ist ferner schon im 13. Jhdt die Wendung *buter d'un bout* «mit einem Ende sich aufstützen» belegt. In dieser Wendung ist es nun zu dem Zusammenfall von *but-* und *bout-* gekommen. Denn gleichfalls schon im 13. Jhdt tritt die nach *but* umgestaltete Wendung *buter d'un but* in der gleichen Bedeutung wie *buter d'un bout*, auf, und daran schließt sich das gleichfalls schon alt belegte *but a but* «geradewegs», eigentlich «Ende auf Ende» an, in dem *but* bereits für *bout* eingetreten ist. *But* wird nun für rein abstrakte Verwendung spezialisiert, *bout* behält die ursprünglich konkrete Bedeutung. Allgemein wird *but* «Ziel» usf. aber erst im 16. Jhdt. Die begriffliche Voraussetzung für den Zusammenfall der Stämme *buter* «anstoßen, berühren» und *bouter* «stoßen» ergibt sich schon aus der deutschen Uebersetzung. *Bouter* ist ursprünglich ein beabsichtigtes *buter*. Nfrz. *buter* «aufs Ziel nehmen» ist natürlich erst sekundär von *but* «Ziel» aus gebildet.

Die Geschichte der beiden Wortstämme *bout-* und *but-* im Einzelnen darzustellen, namentlich zu zeigen, wie es auf den verschiedensten Gebieten zu einem Zusammenfall gekommen ist, liegt außerhalb des Rahmens dieser rein etymologischen Untersuchung.

Zu dem gleichen Stamm gehört auch frz. *butin* «Beute», vgl. mnd. *bûte* «Tausch», «Wechsel», «Beute». Das zugrundeliegende salfränkische *biūtja* bedeutet etymologisch «was einem zum Nehmen hingereicht wird», hat aber wohl schon im Fränkischen die Bedeutung «Beute» gehabt. Das Wort ist als Relikt aus der Sprache der Zeit des Untergangs des Fränkischen als Heimsprache, also etwa im 8. Jhdt in das Galloromanische übergegangen. Die Anpassung erfolgte in gleicher Form wie etwa die des als ON erhaltenen fränkischen *sladdja* «Flußbett» (westfälisch *sledde*), das 1132 als *Sciadinium*, heute als *Sclayn* an der Maas erhalten ist. *Butin* ist erst im 14. Jhdt belegt. Das erklärt sich daraus, dass zwar die offiziellen fränkischen Lehnwörter des Galloromanischen schon früh in die allgemeine Verkehrs- und Verhandlungssprache übergingen, nicht aber die Relikte aus der Zeit des Verfalls der echt fränkischen Kultur. Solche Wörter sind vielfach, außer in Ortsnamen, überhaupt nicht mehr bezeugt. Andere, wie *butin*, blieben zunächst auf eine kleine ursprünglich fränkische Gemeinschaft beschränkt. Wie es dazu gekommen ist, daß diese Ausdrücke schließlich doch noch in die Verkehrssprache gelangten, wird sich kaum jemals aufklären lassen.

Afrz. *compieng*

wird von Tobler-L. mit «Sumpfloch, Schlamm» übersetzt. Es ist wohl mehr als bloßer Schlamm, denn nach Tobler-L., s. v. wird im ältesten Beleg, im Ogier-Epos, jemand in einem solchen *compieng* ertränkt. Nach Godfr. s. v. heißt es in Berthe aux grands pieds: «Ore a bien fait *compieng* de sa clere fontaine»; es handelt sich also um ein vernachlässigtes, verschlammtes Gewässer, mit dem für tote Wasserarme charakteristischen Verwesungsgeruch (*parfonde fut... et plus puante c'uns compienz*).

Der Stamm, lat. *compendium* bzw. dazu gehöriges *compendia*, wird von Vincent, *Toponymie de la France* S. 122 seit dem 7. Jhdt in ON nachgewiesen. Abgesehen von der femininen Entsprechung *Compiègne* (Oise) lebt das Wort z. B. in den Namen *Compains*, Puy-de-Dôme, *Compans*, Seine-et-M., also mit nicht diphthongierter Form. Diese entspricht *nèce* aus *neptia*, u. ä., über die Gilliéron-Ro-

ques, Etudes de Géographie ling. 31 f. einzusehen ist. Vincent übersetzt dieses in Ortsnamen erhaltene, in der Verkehrssprache bisher noch nicht nachgewiesene *compendium* mit «chemin raccourci», also «Abkürzungsweg», und dies ist tatsächlich die Uebersetzung, die man für *compendium* in seiner konkreten Bedeutung in den lat. Wörterbüchern findet. Die Bedeutungsentwicklung zu «toter Wasserarm» u. ä. weist aber darauf hin, daß das Wort im Galloromanischen zunächst als Ausdruck der Schifffahrt populär war. *Compendia maris* findet sich schon bei Tacitus, und Justinianus schreibt «quaedam maria ad navigationis commodum per *compendium* ducere». *Compendium* ist also der Wasserkanal, der in der Römerzeit zur Förderung der Schifffahrt angelegt wurde.

Die lautliche und begriffliche Herleitung des afrz. *compieng* von dem angeführten *compendium* macht keinerlei Schwierigkeiten. Der mit dem Untergang der Römerherrschaft in Frankreich verbundene Kulturverfall tritt in der Bedeutungsentwicklung dieses Ausdrucks deutlich zu Tage. Die *compendia*, die zur Förderung der Schifffahrt angelegten Kanäle, verfallen, sobald die römische Verwaltung sich nicht mehr um sie bekümmert, sowie die nicht mehr gepflegten Autobahnen in kürzester Zeit überwuchert werden. Der alte Schifffahrtskanal, der nicht regelmäßig gereinigt wird, verschlammte, wird zu einem toten Wasserarm mit stinkendem Wasser, kurz, wird zu dem, was der Altfranzose mit *compieng* bezeichnet.

Frz. *écang*, *écagne*, *escargne*.

Die Entwicklung der Ortsnamen läßt uns gelegentlich Lautgesetze erkennen, die an dem der gewöhnlichen Sprache angehörigen Wortmaterial nicht augenscheinlich werden. Solche Gesetze werden natürlich nur dann anerkannt werden, wenn sie mit den allgemeinen Tendenzen der Lautentwicklung übereinstimmen. So wurde unter *bliaut* die Tendenz, daß von 3 aufeinanderfolgenden Vokalen im Galloromanischen einer verstummt, an einer neuen Verbindung belegt.

Ein solches, in der allgemeinen Entwicklung der Sprache noch nicht erkanntes Lautgesetz geht aus der Entwicklung des Namens *Esquerd* im Dep. Pas-de-Calais hervor, in einer Gegend, wo bis zum Ausgang des Mittelalters eine zweisprachige Bevölkerung lebte. Die germanische Bevölkerung, sächsisch-flämischer Herkunft, hat den Namen bis 1200 in der germanischen Form *Zwerd* bewahrt; daneben zeigt sich schon 857 die romanisierte Form *Squerdia*, die

der heutigen Namensform zugrundeliegt, s. Rom. Germ. I, S. 115. Es ist längst bekannt, daß germanisches, zunächst gotisches *w* als *gu-*romanisiert wurde. Ähnlich hat sich zwischen *s* und *w* der nicht romanischen Lautfolge ein Verschlußlaut, *-k-* eingefunden. Es erinnert dieser Uebergang von *sw* zu *skw* auch an den Uebergang von *sl* zu *skl*, wie in *iskla* für *isula*, u. a. Belege für den angeführten Lautwandel bzw. besser für die angeführte Lautsubstitution von rom. *skw* für germ. *sw* gibt es auch sonst in der Namensentwicklung. *Escarde* im Dep. Marne geht auf fränkisch *swarda* «Rasendecke» zurück, vgl. im Folgenden *escargne*. Im Dep. Pas-de-Calais zweimal belegtes *Écoivres* erscheint noch 1150 in der germanischen Form *Suavia*, d. i. «Schwabensiedlung», daneben schon 1079 die romanisierte Form *Esquaviae*, aus der die heutige Form hervorgegangen ist, s. Rom. Germ. III, S. 211.

Dies vorausgeschickt, wird nun meiner Meinung nach auch die Herkunft einer kleinen bisher noch nicht genügend erklärten Gruppe französischer Wörter in neuem Licht erscheinen. Frz. *écang* «Flachsschwinge», dann «Brechstock», dazu *écanguer* «Flachs, Hanf brechen» wird im Dict. gén. auf eine keltische Grundform zurückgeführt, die lautlich dem frz. Wort nicht genügt. Andere Erklärungsversuche des Wortes kenne ich nicht. Es stammt aus fränkisch **swang*, zu agls. *svengan* aus **svangjan* «schwingen machen», mhd. *swanc* «schwingende Bewegung». Das angesetzte fränkische *swang* dürfte wohl schon die Bedeutung «Flachsschwinge» gehabt haben, also eine Konkretisierung des Wortes, das im mhd. *swanc* noch seine alte abstrakte Bedeutung bewahrt zeigt. Die dazugehörige diminutive Bedeutung *swengel* hat auch im Mittelhochdeutschen schon die für fränkisch *swang* angenommene konkrete Bedeutung «Schwengel», «Vorrichtung zum Schleudern». Dem agls. *svengan* entspricht mhd. *swenken* «in *swanc* bringen», d. i. «schwenken».

Frz. *écagne* «Gebinde», «Strähne» ist zuerst im 14. Jhdt belegt, ist aber zweifellos älter, da es noch mit Erhaltung des vorkonsonantischen *s* in englisch *skein* «Strähne, Docke» erhalten ist, dort auch eine im Altfrz. nicht nachgewiesene übertragene Bedeutung «Zug Vögel» hat. REW 7648 wird das Wort als Lehnwort aus prov. *escanha* «Haspel», «Strähne» angesehen und auf lat. **scannium* «Bank» zurückgeführt, «zunächst die kleine Bank, auf die der Haspel gestellt ist».

Bei dieser Erklärung wird aber nicht verständlich, auf welchem Weg ein so spezieller Ausdruck der Heimindustrie schon vor dem

12. Jhd. in den Norden gekommen ist, ganz abgesehen von den begrifflichen Schwierigkeiten, die mit dieser Deutung verbunden sind. Ich vermute, so unwahrscheinlich dies auf den ersten Blick scheinen mag, daß das Wort aus einem fränkischen **swadil*, der Entsprechung von agls. *swedel* «Wickel, Binde» stammt. Die Bedeutungsgleichheit spricht ohneweiteres für die Herleitung. Aber auch die lautliche Entwicklung bleibt im Rahmen des streng Lautgesetzlichen. Daß der Anlaut *swad-* zu *skwad-* romanisiert wurde, geht aus dem eben Angeführten hervor. Die Endung *-il* (von **swadil*) ist im Galloromanischen etwa des 7. Jhdts nicht mehr vorhanden. Formen wie *fissilis*, *habilis* waren wohl schon lange zu *feskle*, *able* geworden. Wie nun die Entwicklung von frz. *troëne* «Hartriegel» aus fränkisch **trugil* zeigt, ist *trugil* als *trúginu* franzisiert worden; das damals wohl noch mit Nachtonvokal gesprochene *-inus*-Suffix ist für fränkisch *-il* eingesetzt worden. So kommen wir zu einer Grundform *skwádino*, deren Weiterentwicklung nun mit der von **réтина*, frz. *réne* zusammengestellt werden kann. Die im frz. *écagne* erhaltene Form entspricht der Form *regne* für literarisches *réne*, eine Form, die in alter Zeit weit verbreitet ist, so von Godfr. s. v. im Lothringischen, Pikardischen usw., also gerade in dem Gebiet nachgewiesen wird, das für die Entlehnung eines fränkischen Wortes ins Galloromanische in erster Linie in Betracht kommt.

In die gleiche Reihe gehört afrz. *escargne* «Holzschwarte», dann «Eierschale», zuletzt Ausdruck des Wertlosen. Zugrundeliegt die fränkische Entsprechung des nhd. mundartlichen «(Holz) *schwartel*», d. i. fränkisch **swardil*, zu *swarda* «Holzschwarte», das oben schon in ON nachgewiesen wurde, vgl. auch agls. *sweard* «(Speck-, Gras-) Schwarte». Die aus **swardil* romanisierte Form **skwárdino* ergab ebenso *escargne*, wie **skwadino*, *écagne*.

Afrz. *esbrucier*

ist stets reflexiv gebraucht, es bedeutet «sich erheben», «sich aufrichten» (übertragen). Daneben sind Formen wie *esbrucier*, auch *esburicier* belegt, von denen die erste Form lautgesetzlich aus *esberucier* hervorgegangen ist, die zweite vielleicht Einfluß von afrz. *burir* «stürmen» zeigt. In diesem *esberucier* ist das Grundwort **berucier* aufgegangen. Das Praefix lat. *ex-*, afrz. *es-* hat im Altfrz. unter anderem die Funktion, die Bedeutung des Stammverbs zu verstärken. Lat. *emovere* bedeutet noch, der ursprünglichen Funktion des Praefixes *ex-* entsprechend, «wegbewegen» (was im Vlat. durch *inde*

movere ersetzt wird); aber vlat. *exmovere* bedeutet nur mehr «stark bewegen», d. i. *émouvoir*. *Esberucier* ist also ein verstärktes **berucier*, vielleicht in Weiterbildung von Verben wie *eslever*, *esmouvoir* u. a.; es hat dann die affektisch stärkere Form des Verbums die affektschwächere verdrängt.

Berucier stammt aus dem Fränkischen, gehört zu ahd. *rukhen* «bewegen» (*uftrukhen* «in die Höhe rücken», «rasch fortbewegen»), d. i. fränkisch *rukjan*. Die unmittelbare Grundform war fränkisch **birukjan*, das in dem ursprünglichen Ausdruck der Jagd, nhd. *berücken*, eigentlich «mit einem Ruck das Netz über das Jagdtier ziehen», dann «betören» u. ä. erhalten ist. Fränkisch **birukjan* bedeutete aber nur ein verstärktes, das Objekt umfassende *rukjan*, also ein «bewegen», übertragen, «erheben». Das Praefix *bi-* hat im Germanischen keine ausgesprochene Funktion mehr. Es ist vielleicht auch noch in einem zweiten Wort ins Galloromanische eingedrungen, nämlich in afrz. *besillier* «verwüsten», «vernichten», «töten», dazu afrz. *besil* «Verheerung», «Vernichtung», wenn es zu gotisch *anasilan* «schweigen», «verstummen», aisl. *sil* «stilles Wasser» gehört. Dann liegt ein fränkisches **bi-siljan* «zum Schweigen bringen» zugrunde, also ein Euphemismus wie so viele andere Ausdrücke des Mordens und Erschlagens.

Afrz. *jurvir*

ist ein nur in nördlichen Mundarten belegter Ausdruck für «ans Ziel kommen», «(Leiden) überwinden» u. ä. Es wird von Godfr. s. v. mit der Form *jurvir* für das Rouchi nachgewiesen. Schon die geographische Lagerung des Wortes weist auf fränkischen Ursprung hin. Es gehört zu ahd. *gioberôn*, mhd. *geoberen* «die Oberhand gewinnen», zu mnd. *över*, altfriesisch *ovir* «oben», «oberhalb». Die fränkische Grundform des Verbums ist demnach **gi-overjan*, das zunächst zu *giovrire* romanisiert wurde; daraus *giorvire* mit Umstellung des -r- wie in *troubler* aus *turbulare* u. a.

Universität Tübingen.

ERNST GAMILLSCHEG

Abkürzungen:

Ausgewählte Aufsätze: E. Gamillscheg, *Ausgewählte Aufsätze*, Jena, 1937.

Bloch-Wartburg, *Dictionnaire Etymologique de la Langue française*, Paris, 1932.

EWFS : E. Gamillscheg, Etymologisches Wörterbuch der Französischen Sprache, Heidelberg, 1928 f.

Germ. Siedlung : E. Gamillscheg, Germanische Siedlung in Belgien und in Nordfrankreich, I. Berlin, 1938.

Godfr. : Godefroy, Dictionnaire de l'ancienne langue française, Paris, 1881 ff.

Jahrbuch : Jahrbuch für romanische und englische Philologie, 1856-1873.

REW : Meyer-Lübke, Romanisches Etymologisches Wörterbuch, 3. Auflage, Heidelberg, 1935.

Rom. Germ. : E. Gamillscheg, Romania Germanica, Berlin, 1934 ff.

Tobler-L. : Tobler-Lommatzsch, Altfranzösisches Wörterbuch, Berlin, 1925 ff.

Wartburg : Französisches Etymologisches Wörterbuch, 1928 ff.

Latin *iactare*, *deiectare*, and *eiectione* in Ibero-Romance

I

No attempt seems to have been made so far to determine with any degree of accuracy the relative position of Sp. *desechar* within the Hispano-Latin lexicon and especially to clarify its relation to Sp. *echar* and to Ptg. *deitar*. Some of the older lexicographers retraced *desechar* to the infrequent Latin verb *dēiectāre* ⁽¹⁾; the more obvious base *disiectāre* seems to have won less favor with Romance scholars ⁽²⁾; yet the currently accepted view is that *desechar* is compounded of *des-* and *echar* ⁽³⁾. This theory is untenable on several grounds.

To begin with, *desechar* does not mean the opposite of *echar*. Now, apart from reverting the connotation of the primitive (as in *des-atar*, *des-mesurado*), *des-* may reinforce it, but only if that connotation is inherently negative, e. g., suggestive of scarcity, lack, or

(1) *Dēiectāre* «to hurl down» (*vasa cuncta*) is reported by Gellius to have been used by Mattius. This base was favored by Moniau and Echegaray.

(2) *Disiectāre* «to hurl hither and thither, to scatter, to disperse» was used by Lucretius (*disiectare solet magnum mare transtra*) and by Ammianus, in conjunction with *conspiratas gentes*. In Ibero-Romance the word was replaced by *espalhar* < *palea* and *derramar* < *ramu*, originally terms of rural life.

(3) See R. J. Cuervo, *Diccionario de construcción y régimen de la lengua castellana*, Paris, 1886-93, vol. II, p. 1045; S. Gili Gaya, *Vox — diccionario general ilustrado de la lengua española*, Barcelona, 1945, p. 481. The sixteenth edition of the Spanish Academy Dictionary is non-committal.

destruction (as in *des-nudo*, *des-tajar*)⁽⁴⁾, which it certainly is not in the case of *echar* (5).

Second, *desechar* is not uncommon in Old Spanish literature, occurring as it does in the *Libro de buen amor* (6), the *Rimado de palacio* (7), the *Corbacho* (8), the *Comedia de Calisto y Melibea* (9), and numerous other texts, particularly of the fourteenth and the fifteenth centuries (10), but it is not the oldest form on record. Manuscripts of the *Fuero Juzgo* contain the archaic variant *deechar* (11), while *degitar* has recently been produced by Menéndez Pidal from the *Fuero de Valfermoso* (Guadalajara) of the year 1189, a text conspicuously conservative in regard to language (12).

Deechar and *degitar* do not differ substantially from *desechar* on the semantic side. They could the more easily have been the predecessors of *desechar* as the prefix *de-*, not necessarily learned in the earliest texts (cf. *deliñar* beside *adeliñar*, *degollar*, *delexar*, *deleznar*, *demostrar*, *demudar*, *denostar*, *deprender*, *derramar*, *der-*

(4) Here are some examples from Juan Ruiz: *deserrado* «lost, astray» (1377b, 1385d); *desfallydo* «weak» (1428b); *desfear* «to make ugly» (1548a); *des-f(r)anbrido* «hungry» (413a); *desmoier* «to molest, to vex» (712c). In the *Libro de Apolonio* additional material has been found: *desflaquido* «enfeebled» (197d), *destriado* «cool, lacking interest» (479c), *desmarrido* «sad» (29c, 316b).

(5) Cuervo, *loc. cit.*, attempted to construe *echar* as an inherently negative verb, but his arguments are far from being convincing; notice that synonyms like *arrojar*, *botar*, *lanzar*, *tirar* lack corresponding formations in *des-*.

(6) In Ducamin's edition, p. 3, line 29; p. 6, line 13; and stanzas 256c, 359c, 361a, 780b.

(7) MS N, stanzas 69c, 712a, 926c, 1017a, 1311a, 1334b, 1350d, 1400c; MS E, the corresponding passages and stanzas 1558d, 1563a (according to the unpublished glossary of M. A. Zeitlin).

(8) See fol. 21ro (in L. B. Simpson's edition).

(9) See p. 20, line 11; p. 27, line 10; p. 69, line 16; p. 82, line 12; p. 114, line 14; p. 159, line 14 (in Foulché-Delbosc's edition of the earliest print).

(10) *La Vida de Barlán e del Rrey Josaphá*, ed. Moldenhauer, fol. 210ro; *Cuento de una sancta enperatriz que ovo en Roma*, ed. Mussafia, chaps. IV, XXXI; *Glosarios latino-españoles de la Edad Media*, ed. Castro, s. v. *repelo*; Goer, *Confesión del amante*, ed. Knust, fol. 130vo; Juan del Encina, *Teatro completo*, ed. Cañete and Barbieri, pp. 7, 386. Notice *desechador* «depreciator» in *Rimado de palacio*, MS E, stanza 691b.

(11) V. Fernández Llera, *Gramática y vocabulario del Fuero Juzgo*, Madrid, 1929, p. 151: «Sea *deechado* de la iglesia de los christianos». In several manuscripts the variant reading *desechado* has been substituted.

(12) *Cantar de Mio Cid: texto, gramática, vocabulario*, ed. R. Menéndez Pidal, 2d ed., Madrid, 1944-46, p. 1197.

rocar, derrostar; *denegrido, denodado*)⁽¹³⁾, was steadily retroceding, in Spanish and Portuguese alike, before its rival *des-* from the twelfth to the fourteenth century⁽¹⁴⁾. Notice the rise of OSp. *desleznadero* beside *deleznar*⁽¹⁵⁾; the development of Lat. *deinde* > OSp. *desende*⁽¹⁶⁾; the shift OSp. *derunnar* > Sp. *desroñar*⁽¹⁷⁾; the vacillation, in Old Portuguese, between *depos*⁽¹⁸⁾, *depois*⁽¹⁹⁾, *despos*⁽²⁰⁾, and *despois*⁽²¹⁾, paralleled by the alternate

(13) The opinion expressed by J. Corominas that *des-* is a vernacular and *de-* necessarily a learned formative (see *Word*, III, 73-76) does not appear accurate to me. *De-* was widely used in popular formations in Old Portuguese, e. g. *debater, demandar, demover, depenar, derramar, deteer*, also in semi-learned words like *deleitavel* and in learned words like *declarar*. The position of *de-* as a vernacular formative was reinforced through the dissimilation of Lat. *dē-* before a syllable containing *i*, as in *degistão, devindade*, and, with less regularity, in other conditions; hence Lat. *dīrectum* lives on in Old Portuguese either as *direito* or as *dereito*; as a result of protracted vacillation, we find even forms like *dirribar, dirradeiro* (cf. *Morte de São Jerónimo*, ed. Nunes, *RL*, XI, 214, 220). Further evidence of the use of *de-* in the vernacular stratum are innovations like *dementre* < *dum interim* and *devegada*, common in Old Spanish. Notice OSp. *derecho*, Mirand. *dereito*.

(14) On Ptg. *de-* > *des-*, see J. J. Nunes, *Digressões lexicológicas*, Lisbon, 1928, pp. 238-239. *De-* was long preferred to *des-* before *-r-* in Spain and Portugal; cf. Berc. *derrenar* (García Rey, p. 78), *derrengar* (Encina, *Teatro*, pp. 241, 253; Espinel, *Clás. cast.*, LI, 314), *derrenegar* (Encina, pp. 101, 117; Alemán, *Clás. cast.*, XL, 272), *derreniegado* (Lope de Rueda), *derretir, derribar* (*Poema de Alfonso Onceno*, 352c, 586a, 1378b, 1722b, 1733c), *derrostrarse* (Fr. A. de Guevara); for further documentation, see C. Fontecha's glossary.

(15) On *deleznar*, see *HR*, XII, 57-65; *desleznadero* occurs in J. Ruiz, ed. Ducamin, p. 5, line 15.

(16) See *RFE*, XXVIII, 306, and S. Dobelmann, «Étude sur la langue des chartes de la Haute Rioja au XIII^e siècle», *BH*, XXIX, 208-214. In Old Aragonese notice *desent* (Tilander, *Los fueros de Aragón*, p. 351), *desende* beside *desdende* (*Libro de Apolonio*, ed. Marden, II, 102).

(17) See R. Menéndez Pidal, *MPh.*, XXVII, 411-413.

(18) *Canc. da Vaticana*, N.º 963 (D. Lopo Lias); *Visão de Tundalo*, Cod. Alc. 244, *RL*, III, 119; *Tradução do Fuero Real*, in Nunes *Crest. Arc.*, 2d ed., p. 12.

(19) *Foral da Guarda*, in Nunes, *Crest. Arc.*, pp. 3, 4; *Ordenação de D. Afonso II*, in *Crest. Arc.*, p. 5; *Tradução do Fuero Real*, in *Crest. Arc.*, pp. 8, 9, 11; *Canc. da Ajuda*, line 9658; *Visão de Tundalo*, *RL*, III, 102, 108; *Livro de Citraria*, line 519; *Leal Conselheiro*, fol. 81vo.

(20) *Documentos de Pendorada*, ed. Azevedo, *RL*, XI, N.º 5 (1278): *despo-la nossa morte*; *Visão de Tundalo*, *RL*, III, 103.

(21) *Canc. da Ajuda*, lines 2069, 3565; *Quarto Livro de Linhagens*, in Nunes, *Crest. Arc.*, p. 29; *Vida de hũa monja*, *RL*, XI, 213; *Vida de Tarsis*, *RL*, XI, 212; *Fabulário Português*, fol. 26ro; *Crónica de Espanha*, in *Crest. Arc.*,

use of *depués* and *después* in Old Spanish⁽²²⁾; the wevering in Old Spanish between *decoraznar* and *descoraznar*⁽²³⁾; the co-existence, in the ancient peninsular dialects, of *decaer* and *descaer*⁽²⁴⁾; the rendition of Lat. *dēpopulārī* by *despoblar*⁽²⁵⁾; and a wide variety of kindred phenomena.

The assumption that *deechar* and *degitar* are the forerunners of *desechar* has the further advantage of permitting us to link them to Ptg. *deitar* and to regard all three as descending from Lat. *dēiectāre*. *Deitar* has been classed as an outgrowth of *dēiectāre* almost unanimously by students of Portuguese, including Coelho, Cornu, Nascentes, Nunes, and Williams⁽²⁶⁾; the one dissenting voice of Meyer-Lübke in this special case does not carry much weight⁽²⁷⁾, as has been shown by Rice⁽²⁸⁾.

By the same token, the reason has been found why Sp. *desechar* has no equivalent whatsoever in the West: the reflexes of *dēiectāre* in the Peninsula developed differently according as the two contiguous vowels of central *deechar*, western **deeitar*, eastern **deītar* were allowed to contract (**deeitar* > OPtg. *deitar*) or were forcibly separated by a prefix change (*deechar* > OSp. *desechar*; **deī*-

p. 103; *Leal Conselheiro*, fol. 59ro; Sánchez de Vercial, *Sacramental*, in Nunes, *Crest. Arc.*, p. 210. OGal. *depus* (Lugo) is recorded by J. Huber, *Altportugiesisches Elementarbuch*, Heidelberg, 1933, p. 36. *Depuis* has been identified in Miranda by J. Leite de Vasconcelos. The forms with *pos* reflect Lat. *post*; those with *pois* are traceable to *postea*.

(22) *Glosas Silenses*, N.º 22: *depuissa*; *Fueros de Aragón*: *depués* beside *después* (see Tilander's glossary, p. 349); J. Ruiz: *después* (Richardson's vocabulary); *después* beside *depós* and *depués* in the *Poema de Alfonso Onceno*, see Yo Ten Cate's glossary, pp. 41 and 43. Most dialects show yet different types: Extrem. *dempués*, *dimpués* beside *endespués*, *endispués* (Zamora Vicente), Ribag. *dimpués* (Ferraz y Castán), Arag. *dimpués* (Kuhn), Centr. Ast. *dempués*, *dimpués* (Canellada).

(23) *Decoraznar*: Encina, *Teatro completo*, p. 202; *descoraznar* and *descoraznamiento*, quoted from Alfonsine texts in HR, XII, 64. *De-* seems to have lingered on for a longer period in (conservative) Leonese than in Castilian.

(24) See Tilander, *Los fueros de Aragón*, Lund, 1937, p. 383.

(25) *Ibid.*, p. 355.

(26) See especially J. J. Nunes, *Crestomatia Arcaica*, 2d ed., Lisbon, [1922], p. 562, and E. B. Williams, *From Latin to Portuguese*, Philadelphia, 1938, p. 68.

(27) See REW³ 4568. Ptg. *deitar* is traced back to *iectare*; either dissimilation at the **jehtare* stage, or contamination with *deixar* is involved. The third alternative suggested can not be identified because of a misprint.

(28) C. C. Rice, *Romance Etymologies and Other Studies*, Chapel Hill, 1946, p. 55.

tar > OArag. *desitar* ⁽²⁹⁾, much as the abandonment of OSp. *feeza*, *feedumbre* (*teadumbre*) «ugliness» in favor of abnormal *fealdad* may have been due to an effort to avoid the inopportune hiatus ⁽³⁰⁾.

In the course of the further development, Ptg. *deitar*, while genetically cognate to Sp. *desechar*, in actual usage became the exact counterpart to Sp. *echar*, signifying «to throw» and «to pour». In the *Livro de Citraria*, we run across combinations like *deitar area*; *deitar po(s)*; *deitar a carne em leite*; *deitar vinho branco*; *deitar hũas gotas de agua ardente*; *deitar o sumo*; *deitar o mel*; *deitar duas ou três gotas de vinagre*; *deitar hũas feveras d'açafraão*, which illustrate the application of the verb to liquids and to solids immersed into liquids ⁽³¹⁾. Frequently *deitar* means «to throw» ⁽³²⁾ or «to expel» ⁽³³⁾; *deitar-se* either «to be thrown» ⁽³⁴⁾ or «to lie down» ⁽³⁵⁾; *deitar fora* «to vomit» ⁽³⁶⁾ or «to exclude» ⁽³⁷⁾. In all these cases, speakers of Old Spanish would have used *echar*, not

(29) *Desitar* is used as a translation of *reprobare* in *Los fueros de Aragón*, ed. Tilander, p. 56: «E maguer qu'el uno diga mas o menos qu'el otro, non seyendo contrariosos en el seso de las palauras, vala lur testimonio e non sea *desitado*».

(30) See my essay «The Derivation of Hispanic *lealdad(e)*, *fielidad(e)*, and *trialdad(e)*», in *Univ. of California Publ. in Linguistics*, I, 189-214, and the cautious review by F. Lecoy, *Romania*, LXIX, 119-120.

(31) See «*Livro de citraria e experiências de alguns caçadores*», ed. M. Rodrigues Lapa, *BF*, I, 207-234, *passim*.

(32) *Visão de Tundalo*, *RL*, III, 108; *Quarto Livro de Linhagens*, in Nunes, *Crest. Arcaica*, p. 24.

(33) *Crónica de Espanha*, in Nunes, *Crest. Arcaica*, pp. 99, 103.

(34) *Visão de Tundalo*, *RL*, III, 103.

(35) *Morte de São Jerónimo*, *RL*, XI, 221: «deitou-se d'espadoas»; *Livro de Citraria*, line 245; *Quarto Livro de Linhagens*, in *Crest. Arcaica*, p. 23: «que sse deitassem a sso as arvores»; *ibid*: «foi-sse soo deitar a huna fonte». In *Fabulário Português*, fol. 4ro, «deytou-sse na augua» is tantamount to «he plunged into water»; see Huber, *Altportugiesisches Elementarbuch*, p. 159.

(36) *Livro de Citraria*, line 483; cf. *deitar pela boca* «to vomit» in *Quarto Livro de Linhagens*, *Crest. Arc.*, p. 21.

(37) *Morte de São Jerónimo*, *RL*, XI, 217. For further study of the meanings of OPtg. *deitar*, see *Josep ab Arimatia*, *RL*, XI, 236; *Traité de dévotion*, ed. Cornu, fols. 139vo, 151vo, 154vo, 159ro; *Vida de Eufrosina*, ed. Cornu, fols. 47vo, 49vo, 50ro; *Vida de Maria Egípcia*, ed. Cornu, fols. 51vo, 60vo; P. Menino, *Livro de Falcoeria*, ed. Rodrigues Lapa, MS A, fols. 34vo, 36vo, 45ro, 51vo, 54ro.

desechar ⁽³⁸⁾. The semantic differentiation of the cognates Ptg. *deitar* and Sp. *desechar* thus appears to fall largely into the preliterary and the earliest literary periods. By the year 1300 a situation prevailed which has since remained unchanged.

II

Lat. *ēiectūre* «to cast out, to throw up», which is known to literary scholars as a poetical word of the Augustan period, of wider circulation than its close cognate *dēiectūre* ⁽³⁹⁾, has been registered in manuals of Romance linguistics only as a Rumanian base ⁽⁴⁰⁾. But it persists also in Old Leon. *eechar*, identified in the *Fuero de Ledesma* (thirteenth century) ⁽⁴¹⁾. Staaff, in studying the products of *medietūte* and *sigillūre* ⁽⁴²⁾, found that two identical front vowels in hiatus, brought together through the loss of [j], were preferably left intact in Old Leonese throughout the thirteenth century. As for the survival of a Latin word in the «peripheral» zones of the Empire, that is, in the West of the Iberian Peninsula and in the Balkans, we are facing a familiar situation; cf. the perpetuation of Latin *melligō*, *-iris* «honey-substance» in the Minhoto dialect (*me-lingre*) and in the area of Macedonia and Albania ⁽⁴³⁾.

The discovery of the genuine offspring of *ēiectūre* in Ibero-Romance prompts us to reconsider the question of the etymology of *echar*. Opinions differ considerably ⁽⁴⁴⁾. Several scholars are inclined to interpret *echar* as the normal outcome of *iactūre*, among them

(38) On the older use of *echar*, see the glossaries of Menéndez Pidal, Mar-den, Yo Ten Cate, and the important entry in Covarrubias' etymological dictionary (1611), with much phraseological detail.

(39) *ēiectūre* combined with *arenas* (Ovid), *favillam* (Ovid), *undas in campos* (Silius Italicus), *quicquid ab auriferis fossis* (Statius), *cruentas dapes ore* (Ovid), *saniem per ora* (Lucan). In the last two examples, *ēiectūre* clearly stands for «to vomit»; cf. Ptg. *deitar fora* and *regeitar*.

(40) W. Meyer-Lübke and A. Castro, *Introducción a la lingüística románica*, 3d ed., Madrid, 1926, p. 239.

(41) In *HR*, XIII, 209-220, in a discussion of OLeon. *nade* «nobody», attention is drawn to that text, which appeared in F. de Onís and A. Castro, *Fueros leoneses de Zamora, Salamanca, Ledesma y Alba de Tormes*, Madrid, 1916.

(42) E. Staaff, *Étude sur l'ancien dialecte léonais d'après des chartes du XIIIe siècle*, Upsala, 1907, pp. 218-219.

(43) See my note in *Language*, XXIII, 429-430.

(44) Covarrubias and Monlau retraced *echar* directly to *iacere*.

Baist⁽⁴⁵⁾, Hanssen⁽⁴⁶⁾, Jud⁽⁴⁷⁾, Menéndez Pidal⁽⁴⁸⁾, Gili Gaya⁽⁴⁹⁾, and Rosenblat⁽⁵⁰⁾. In favor of this theory would speak the fact that, in cases of vacillation between *ia-* and *ie-* in Latin, Ibero-Romance predominantly perpetuated *ia-* (cf. Ptg. *janela*, Sp. *ayuno* beside Ptg. *jejum*, Sp. *yantar* and Ptg. *jantar*)⁽⁵¹⁾. Other scholars reconstruct a hypothetical base **iectare* to satisfy phonological requirements; this is true of Gassner⁽⁵²⁾, Meyer-Lübke⁽⁵³⁾, Lamano y Beneite⁽⁵⁴⁾, Fink⁽⁵⁵⁾, and Kuhn⁽⁵⁶⁾.

The numerous derivatives from *echar* are unlikely to throw much needed light on the genesis of the primitive⁽⁵⁷⁾, but archaic and dialectal variants are invaluable. In the *Fuero de Madrid* (A. D. 1212) the archaic graph *eiär* is found⁽⁵⁸⁾. *Eichar* occurs in a charter issued at Burgos in 1219⁽⁵⁹⁾. *Eichado* is quoted from a manuscript of the Biblioteca de los Estudios Reales and is said to be in continued use throughout El Bierzo Alto⁽⁶⁰⁾. *Eychu* < *iactu*

(45) G. Baist, «Die spanische Sprache», in G. Gröber, *Grundriss der romanischen Philologie*, 2d ed., vol. I, p. 899.

(46) F. Hanssen, *Gramática histórica de la lengua castellana*, Halle a/S., 1913, p. 48.

(47) J. Jud, «A propósito del español tomar», *Homenaje a Menéndez Pidal*, 3 vols., Madrid, 1925, vol. II, p. 22 (where Ptg. *geitar* is also linked to *iactäre*, but Fr. *jefer* and Ital. *geitare* to **iectäre*).

(48) R. Menéndez Pidal, *Manual de gramática histórica española*, 6th ed., Madrid, 1941, p. 68.

(49) *Vox: diccionario general ilustrado de la lengua española*, p. 535.

(50) *RFH*, I, 384.

(51) Meyer-Lübke and Castro, *Introducción a la lingüística románica*, p. 239.

(52) A. Gassner, *Das altspanische Verbum*, Halle a/S., 1897, p. 14.

(53) *REW*³ 4568.

(54) Lamano y Beneite, *El dialecto vulgar salmantino*, p. 191.

(55) O. Fink, *Studien über die Mundarten der Sierra de Gata*, Hamburg, 1929, p. 113.

(56) A. Kuhn, «Der hocharagonesische Dialekt», *RLiR*, XI, 15, 35.

(57) A list of the congeners of *echar* is found in J. Cejador y Frauca, *Tesoro de la lengua castellana: Silbantes*, 3 vols., II, 241-251. *Echaperros* and *echapiedras* are documented by F. Rodríguez Marín, *Dos mil quinientas voces castizas*, Madrid, 1922, p. 137. In *barbihecho* «afeitado» (Lucas Fernández, Quevedo) and *cejihecho* «que tiene las cejas recortadas» (Fr. A. Montesinos) the participle *hecho* is involved, see *Dicc. Hist.*

(58) R. Menéndez Pidal, *Cantar de Mio Cid*, Madrid, 1944-46, p. 1197.

(59) *Idem*, *Orígenes del español*, 2d ed., Madrid, 1929, p. 291.

(60) V. García Rey, *Vocabulario del Bierzo*, Madrid, 1934, p. 82.

has been found in the rustic speech around Astorga⁽⁶¹⁾. In the Sierra de Gata⁽⁶²⁾, Leonese speaking communities use *jechar* (listed also by Lamano y Beneite as peculiar to Salamanca and employed by Gabriel y Galán, whose language Zamora Vicente defines as a variety of rustic Leonese rather than of Extremeño)⁽⁶³⁾ beside *ychar*; the latter form occurs as early as the *Fuero de Ledesma*, § 398. In the smaller Portuguese speaking portion of the territory [xei- tá], [ei- tá], and [i- tá] were registered by Fink⁽⁶⁴⁾. *Echar*, identified in La Montaña, is in all likelihood an intruder from Castile⁽⁶⁵⁾. In Navarre⁽⁶⁶⁾ and in Aragon⁽⁶⁷⁾ *itar* has been discovered in mediaeval sources; in the volleys of Upper Aragon *itar* alternates with *titar* and *t'itar*⁽⁶⁸⁾; the *itar* type extends to Gascony⁽⁶⁹⁾. Notice the similarity between Western *ital* at the Spanish-Portuguese frontier and Navarro-Aragonese *itar*, separated by an interjacent *echar* zone. In Galicia, from the Middle Ages⁽⁷⁰⁾, and in Western Asturias⁽⁷¹⁾ *deitar*, of course, has entrenched itself.

While it is admissible to characterize *itar*, *e(i)char*, *ital*, and their immediate congeners as products of *iactāre* which have experienced the loss of initial [ɛ] as a result of a general phonological shift, one

(61) H. Meier, *Beiträge zur sprachlichen Gliederung der Pyrenäenhalbinsel*, Hamburg, 1930, p. 81, quotes this form from S. Alonso Garrote, *El dialecto vulgar leonés en Maragatería y tierra de Astorga* (1909), not accessible to me either in the first or the improved second edition.

(62) Fink, *Studien über die Mundarten der Sierra de Gata*, p. 35, lists *ychar* as peculiar to Curueña.

(63) See his forthcoming study in *Romance Philology*: «El dialectalismo de José María Gabriel y Galán».

(64) *Op. cit.*, p. 33; for yet other reflexes of *iactāre*, see p. 66.

(65) G. A. García-Lomas y García-Lomas, *Estudio del dialecto popular montañés*, San Sebastián, 1922, p. 151.

(66) See the reference to the *Fuero general de Navarra* in Hanssen, *Gramática histórica*, p. 101.

(67) G. Tilander, *Los fueros de Aragón*, p. 442, lists *itar* as an equivalent of Lat. *iactare*, *proicere*, *eicere*, *expellere*, *privare*, *exire*, *inicare*.

(68) Kuhn, *RLiR*, XI, 15-16, 35, found *t'itar* in Aineto, *titar* (after consonant) and *itar* (after vowel) in Hecho; by the year 1900, Sarrihandy identified *itar* in Ansó.

(69) G. Rohlf, *Le gascon: études de philologie pyrénéenne*, Halle a/S., 1935, p. 93; cf. Kuhn, *RLiR*, XI, 35.

(70) See R. Rübecamp, «A Linguagem das Cantigas de Santa Maria», *BF*, I, 333.

(71) B. Acevedo y Huelves and M. Fernández y Fernández, *Vocabulario del habla de occidente*, Madrid, 1932, p. 78.

may also think of the concomitant influence of *ēiectāre* on *īactāre*. One may go even farther and ask oneself if *echar-itar*, if actually a blend of *īactāre* and *ēiectāre*, did not act as a leader word in this disappearance of initial [z], one of the least easily explicable phenomena of Old Spanish sound development⁽⁷²⁾, a rôle for which its frequency indubitably qualified it.

Genuine offshoots of *īactāre*, without interference of *ēiectāre* and testifying to energetic articulation of initial [j] in Hispano-Latin, include OPTg. *geitar* (73), infrequent OSp. *getar* (which Meyer-Lübke would explain away as a case of infiltration of Catalanisms, without substantiating this claim) (74), OAst. *ge(c)tar* (75), and OArag. *getar*, *gitar* (found also in Aljamiado texts) (76), leading to analogous forms in Catalan and Valencian. Notice the meaning of Arag. *gitar* «to dissolve in a liquid» (77), slightly more advanced than Ptg. *deitar*, Sp. *echar* «to pour».

The same cases of preservation or loss of initial [j] have been discovered in the record of the substantive *iactus*. Ptg. *geito*, found in ancient texts (78) and known especially as a favorite of Fernão

(72) On this shift, see my article «The Etymology of Portuguese *iguaría*», *Language*, XX, 108-130, and the note on Old Jud.-Sp. *yegüería* «dish», *ibid.* XXI, 264-265. For criticism, see Piel, *RPF*, I, 245; Meier, *BF*, VIII, 163; Nykl, *HR*, XV, 233; and Spitzer, *Language*, XXI, 98-99, and XXII, 358-359.

(73) *Geitar* «to throw» was used by Gil Vicente, *Farsa de Inez Pereira*, ed. F. Torrinha and A. C. Pires de Lima, Oporto, 1932, p. 76.

(74) Quoted from the *Fuero de Madrid* (A. D. 1212) by Menéndez Pidal, *Cantar de Mio Cid*, 2d ed., p. 1197.

(75) *Fuero de Avilés* (middle of 12th century): *gectar*; *Ordenanzas de Oviedo*: *getar*; see R. Menéndez Pidal, «El dialecto leonés», *RAEM*, 1906, p. 166, and R. Lapesa's new monograph.

(76) J. Borao, *Diccionario de voces aragonesas*, 2d ed., Zaragoza, 1908, p. 249; J. Pardo Asso, *Nuevo diccionario etimológico aragonés*, Zaragoza, 1938, pp. 188, 204; A. R. Nykl, «A Compendium of Aljamiado Literature» (reprint from *Revue hispanique*, vol. LXXVII), p. 196; A. Gassner, *Das altspanische Verbum*, p. 14; the phrase *gitar alalma* is quoted in *RFH*, VIII, 139, from an Old Aragonese text published by Tilander. *Gitar* occurs in San Juan de la Peña's *Historia de la Corona de Aragón*, see Kuhn, *RLiR*, XI, 35. *Gitar* was used in Jaca and *gitar* beside *chitar* occur in the *Ordenanzas municipales de Estella*; see Tilander, *Los fueros de Aragón*, p. 442.

(77) Pardo Asso, *loc. cit.*

(78) *Traité de dévotion*, ed. Cornu, fol. 165ro. Coelho, Cornu, Meyer-Lübke, and Nascentes are all agreed on the derivation of *geito* from *iactus*.

Lopes⁽⁷⁹⁾, shows an unusually lively semantic development⁽⁸⁰⁾. To the aforecited *eychu* (Astorga) may be added West. Ast. *axeitar* «to arrange» and *ajeito* «slowly»⁽⁸¹⁾; Mont. *gito*, *gita*, used in stereotyped phrases⁽⁸²⁾; and OSp. *echo*⁽⁸³⁾, comparable to OSp. *echura* < *iactura*.

To round off the picture, one might mention Ptg. *enjeitar* < *iniectare* «to reject, to refuse», «to expose (a child)», which enjoys continued circulation⁽⁸⁴⁾, whereas Sp. *enechar* «to expose a newborn child», listed by Nebrija, has for many centuries been obsolete⁽⁸⁵⁾; *echadillo*, *echadizo*, and *echado* have since served to express «exposed child». *Reiectare* reappears in Old Portuguese as *rejeitar*, *reseitar*⁽⁸⁶⁾; the striking perpetuation of medial -j- would indicate that the word was analyzed as a compound of *jeitar*, in marked contrast to *añiectare* > *deitar*, which, accordingly, exhibits a more rapid sense development. There is reason to believe that Lat. *traiectare* left a few scattered remnants in Ibero-Romance⁽⁸⁷⁾.

(79) *Primeira Parte da Crónica de Dom João Primeiro*, ed. Braamcamp Freire, Lisbon, 1915, pp. 6, 7, 11, 18, 25, 31, 32, 34, 39, 44, 72, 79 (twice), 130, 133, 142, 206, 225, 246, 298.

(80) The line of development seems to have been «act of throwing» > «skill, ability»; but the word also means «manner», «attitude», «de-meanor», «appearance»; erratic connotations include «physical defect» and «ordinance». Notice the set phrases *a jeito* «handy», *de jeito* «in such a fashion», *ter jeito* «to be skilful», *isso não dá jeito* «this is not feasible».

(81) See Acevedo y Fernández, *op. cit.*, p. 27.

(82) García-Lomas y García-Lomas, *op. cit.*, pp. 183, 184, 209.

(83) V. García de Diego, *Contribución al diccionario hispánico etimológico*, Madrid, 1923, N.º 344.

(84) *Enjeitar* occurs in *Vida de Maria Egípcia*, ed. Cornu, fol. 60ro; F. Lopes, *Primeira Parte da Crónica de D. João Primeiro*, pp. 129, 250, 272.

(85) Notice the analogous extension of meaning in the case of OSp. *lançar* «to expose a child» (*El Corbacho*, ed. Simpson, fol. 18ro).

(86) *Reiectare* was a rare verb in Latin; aside from «vomiting» (Aelius Spartianus, late 3d cent. A. D.) it signified «to throw back» (Lucretius, Silius Italicus) and «to throw away again» (Silius Italicus, in reference to booty). On OPtg. *rejeitar*, *reseitar*, see *Language*, XXIII, 395.

(87) Notice *trasjetado* in Gonzalo de Berceo, *Sacrificio de la misa*, ed. Solalinde, stanza 13a: «Sedien sobre la tabla. angeles *trasjetados*, cubrien toda la archa. ca sedien desalados». C. Michaëlis de Vasconcelos quoted *trasjeito* from Old Galician *cantigas* and *trejeito* from the *Documentos Eboresenses*, see *RL*, XIII, 188. On OSp. *trasecho* in *Libro de Apolonio*, stanza 233b, and *trasechador* in *Libro de Alexandre*, stanza 1822a (MS O), see C. C. Marden's edition of the former text, vol. II, p. 50.

A singularly old relic of earlier patterns of word-formation, reminiscent of *carcomido*, is Sp. *pelechar* «to change colors» (of animals), «to flourish» (of plants) ⁽⁸⁸⁾; but Berc. *pelecho* and *pelecha* «skin» are just local variants of *pellejo* ⁽⁸⁹⁾. Latin *coniectūra* lingers on in Ptg. *congeitura* ⁽⁹⁰⁾; *subiectus* has produced Ptg. *sogeito* ⁽⁹¹⁾, *subiectiō* underlies *sogeicom*, as used by the translator of *Vida e Feitos de Júlio César* ⁽⁹²⁾, by Fernão Lopes ⁽⁹³⁾, and by Dom Duarte ⁽⁹⁴⁾. These latter formations belong, strictly speaking, to the word-family of *iaciō*, -*ere*. As for Ptg. *descer*, OSP. *deçir*, used as late as *La Celestina*, it does not go back to *dēicere*, as Meyer-Lübke would have us believe ⁽⁹⁵⁾, nor to *dēicūlere*, as Menéndez Pidal originally assumed ⁽⁹⁶⁾, nor to reconstructed **discidere* (García de Diego) ⁽⁹⁷⁾, but to *discēlere* «to go away», as recently shown by Menéndez Pidal ⁽⁹⁸⁾. The retrocession of *iacere* before *iacūtare* is in line with the general spread of the verbal suffix -(i)āre in Ibero-Romance ⁽⁹⁹⁾.

⁽⁸⁸⁾ *Comedia de Calisto y Melibea*, p. 68, line 12: «*Pelechar quiere la vieja: tú me sacarás a mí verdadero e a mi amo loco*». Notice *peimudar* «cambiar de pelo los animales» and the postverbal noun *peimuda*, listed by Pardo Asso, *Nuevo diccionario etimológico aragonés*, p. 272.

⁽⁸⁹⁾ See García Rey, *Vocabulario berciano*, p. 124; cf. *ibid.*, p. 154 *urecha* «oreja». On this phonological trait, see Menéndez Pidal, «El dialecto leonés», *RABM*, 1906, p. 166, and G. Sachs, *El libro de los caballos*, Madrid, 1936, p. 126, s. v. *enochar* «enojar».

⁽⁹⁰⁾ F. Lopes, *Crónica de Dom João Primeiro*, p. 217.

⁽⁹¹⁾ *Ibid.*, pp. 36, 46, 63, 64, 128, 253; *Leal Conselheiro*, fol. 19vo (beside *sujeito*, fol. 55ro). The latter text is quoted throughout this study from K. S. Robert's thesis (Philadelphia, 1940).

⁽⁹²⁾ See the edition by Rodrigues Lapa and Aquarone, *BF*, vols. II—IV, fol. 5ro.

⁽⁹³⁾ *Ed. cit.*, pp. 37, 75, 81, 86, 142, 158, 286 (three times), 287.

⁽⁹⁴⁾ *Leal Conselheiro*, fol. 39vo.

⁽⁹⁵⁾ See *REW*¹ 2530; in the third edition (Heidelberg, 1935), that etymology was withdrawn.

⁽⁹⁶⁾ R. Menéndez Pidal, *Cantar de Mio Cid*, Madrid, 1908-11, pp. 617-618.

⁽⁹⁷⁾ V. García de Diego, *Contribución*, N.º 191.

⁽⁹⁸⁾ R. Menéndez Pidal, *Cantar de Mio Cid*, 2d ed., Madrid, 1944-46, pp. 1222-1223.

⁽⁹⁹⁾ See my articles «The Etymology of Hispanic *que(i)xar*», *Language*, XXI, 142-183, and «The Etymology of Spanish *lerdo*», *PhQ*, XXV, 289-302. The doubts cast on the accuracy of this statement by Spitzer, *NRFH*, I, 79-80, with a reference to an antiquated manual, are entirely unjustified.

III

The developments here depicted had significant repercussions on originally unrelated word-families, of which three have been selected for discussion. The best-known is the belated confusion of Ptg. *achar* «to find» < *affhäre* with Sp. *echar* < *iactäre* at a time when numerous Western words, through gradual diffusion and deliberate imitation, were absorbed by the Spanish language, with the known result that Ptg. *achar menos* (which, at the outset, corresponded to OSp. *hallar menos*⁽¹⁰⁰⁾ and paralleled such constructions as OPtg. *nam posso fazer menos* «I cannot help doing so»⁽¹⁰¹⁾, OSp. *agora la conozco menos* «now I hardly remember her»⁽¹⁰²⁾ was introduced into Spanish as *echar menos* «to miss» (so used from Diego de Cañizares down to M. J. de Larra)⁽¹⁰³⁾ and ultimately converted into *echar de menos*⁽¹⁰⁴⁾. Notice within this same area Salam. *achador* «acribador de granos»⁽¹⁰⁵⁾ and OPtg. *echadiço*⁽¹⁰⁶⁾.

(100) Notice the perfect parallelism between Sp. *hallazgo* < *talladgo* and Ptg. *achadego* «finder's reward, find».

(101) See *Josep ab Arimatia*, ed. Nunes, *RL*, XI, 235. A different combination of *me(n)os* and infinitive appears in *meospreçar* (*RL*, XI, 216), comparable to Sp. *menospreciar*, *menosvaler*, and, analogically, *menoscar* (see M. Singleton, *HR*, VI, 213-216).

(102) *Comedia de Calisto y Melibea*, p. 48, line 21.

(103) Diego de Cañizares, «Los siete sabios de Roma», in *Opúsculos literarios de los siglos XIV a XVI*, ed. A. Paz y Melia, Madrid, 1892, p. 38; D. Hurtado de Mendoza, *Algunas cartas escritas 1538-1552*, ed. R. Selden Rose and A. Vázquez, New Haven, 1935, pp. 19, 68, 145; for references to San Juan de la Cruz, Cervantes, and Quevedo, see C. Fontecha, *Glosario de las voces comentadas en ediciones de textos clásicos*, Madrid, 1941, p. 133; see also M. J. de Larra, *Artículos de costumbres*, ed. Azorín, Colección «Austral», p. 45. The Portuguese ancestry of Sp. *echar menos* has been established by C. Michaëlis de Vasconcelos. L. Spitzer's alternate explanation (*RFE*, XXIV, 27-30) does not carry conviction; his objection that few Portuguese words penetrated into Spanish does not hold water. For examples of this infiltration, see my forthcoming monograph on *algu(i)en*, *UCPL*, I, ix.

(104) The insertion of a preposition between *echar* and *menos* may have been facilitated by the existence of phrases like *venir a menos* (de su estado, de su honra), see *El Corbacho*, fols. 6ro, 18vo, 36ro, 99ro, and *tener en menos* «to despise», *Comedia de Calisto y Melibea*, p. 20, line 18.

(105) J. de Lamano y Beneite, *El dialecto vulgar salmantino*, Salamanca, 1915, p. 191; a synonym is *abañador*.

(106) See the *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*, ed. A. J. Gonçalves Guimarães, Coimbra, 1910-17, fol. 14ro. Notice Mir. *achar* [açar] «to find».

The evolution of Lat. *dictātum* in Ibero-Romance shows seemingly inexplicable anomalies, such as the rise of *echandillo* beside *echadillo* and *dechadillo*, all three diminutives of *dechado* identified in so many fifteenth century versions of *El Corbacho*, composed in 1438⁽¹⁰⁷⁾. *Echandillo* occurs in the unique manuscript (fol. 53ro), as is confirmed by Simpson's new edition; *echadillo* and *dechadillo* are the variants found in the two incunabula. The *Diccionario de Autoridades* defines *echandillo* as follows: «El lienzo en que las niñas executan varias labores que sus maestras las enseñan: el cual las sirve luego de exemplar para sacar y trabajar cada una lo que se le ofrece o quiere aprender». Steiger has correctly etymologized the word, but his interpretation of the aphaeresis is not quite satisfactory⁽¹⁰⁸⁾: wavering between the formatives *des-* and *es-* can hardly have worked havoc with the products of *dictātum*. Yet the co-existence of, and unavoidable confusion between, *deechar* and *(e)echar* may easily have provoked such shifts; where speakers hesitated between *deechar* and *eechar*, they were bound occasionally to substitute *echadillo* for *dechadillo*. *Deechar* and *(e)echar*, in their characteristic contrast of form and similarity of meaning, have acted as leader-words, dragging into the maelstrom of confusion a word unrelated by ancestry and signification, but of comparable shape. Similarly, the vacillation between *res-* and *ras-* may have been precipitated by the rivalry between two variants of a single word, conceivably *rast(r)ollo* ~ *rest(r)ollo* «stubble»⁽¹⁰⁹⁾; the prefix *tres-*, a variation upon *tras-* peculiar to the West of the Iberian Peninsula, seems to owe its origin to widespread *tresquilar* «to shear», a merger of Germanic *esquilar* and hybrid *trasquilar*⁽¹¹⁰⁾; the shift of French *femelle* «female» to dial. *fumelle* may have been occasioned by the surrounding labial consonants, but Gilliéron's school sees in it the consequence of the cross between Lat. **fīmārin* «dung-heap» > OFr. *femier* and Fr. *fumée* «smoke», leading to

(107) A. Steiger, «Vocabulario del *Corbacho*», *BRAE*, X, 32-33.

(108) Cases like Ast. Extr. *dir* «ir», Sal. Extr. Murc. *icir* «decir», Extr. Murc. *ejar* «dejar» are relatively recent and have no antecedents in mediaeval Spanish.

(109) See «The Etymology of Hispanic *restolho*, *rastrojo*, *rostoll*», *Romance Philology*, I, 209-234.

(110) The best etymological study on this word-family is G. Tilander, «Origen y evolución del verbo *esquilar*», *StN*, IX, 48-65; yet the author's interpretation of the prefix *tres-* is not felicitous.

Fr. *tumier* and to the general upheaval of a section of the lexicon containing the affected *fem-* element ⁽¹¹¹⁾.

In the West *dēiectāre* has, yet in another sense, interfered with the development of *dictāre* > *deitar*, favoring the adoption of the learned variant *ditar*, which, in a measure, was also justified on cultural grounds ⁽¹¹²⁾. In Castilian, aside from *dechado* «model», a genuinely vernacular relic of *dictātum*, we find also *deytado*, of dialectal provenience, absorbed into the literary idiom with a variety of meanings («verse», «composition», «decision»), ⁽¹¹³⁾, and also learned *ditado* ⁽¹¹⁴⁾.

University of California.

YAKOV MALKIEL

⁽¹¹¹⁾ See I. Jordan and J. Orr, *An Introduction to Romance Linguistics: Its Schools and Scholars*, London, 1937, p. 175.

⁽¹¹²⁾ OPtg. *ditar* occurs in *Vida e Feitos de Júlio César*, fols. 2vo, 4ro, 4vo, 19vo; F. Lopes, *Crónica de D. João Primeiro*, p. 2.

⁽¹¹³⁾ See *La leyenda del Cavallero del Cisne*, Cod. Bibl. Nac. 2454, ed. E. Mazorriaga, Madrid, 1914, p. 18; P. López de Ayala, *Rimado de palacio*, ed. A. F. Kuersteiner, New York, 1920, MS N, stanzas 714c, 802d, 861c, 1077c.

⁽¹¹⁴⁾ MS E of the *Rimado de palacio* has *ditado* throughout. On Sp. *decho* «saying», *endecha* «dirge, doleful ditty», and *dechado* «pattern», see Hanssen, *Gramática histórica*, p. 120.

Formules de malédiction en espagnol et en portugais

*Areusa. — No es sino mi mala dicha.
Maldición mala que mis padres me
echaron. Celestina (VII) I p. 252, 19-21 (1).*

Bénédiction et malédiction sont des expressions de mouvements affectifs, d'empoiements en faveur ou contre une personne, dont l'emploi relativement fréquent frappe chez les Espagnols et les Portugais. — La délimitation du sujet qui sera traité dans le présent article est doublement arbitraire : d'une part, les formules de malédiction ne devraient pas se trouver séparées des formules de bénédiction avec lesquelles elles ont beaucoup de rapports ; d'autre part, le sujet est délimité ici d'après un critérium linguistique bien qu'il s'agisse d'un phénomène échappant au fond à un point de vue purement philologique. Pourtant cette délimitation du sujet était nécessaire pour pouvoir respecter le cadre prévu pour la présente étude : celle-ci ne sera qu'une ébauche.

La malédiction est un souhait exprimé dans une formule plus ou moins figée, par lequel on appelle un malheur sur quelqu'un ou sur quelque chose (2). La malédiction naît, primitivement, d'une conception magique du monde. Car l'homme primitif, au sens le plus large du mot, est convaincu qu'il suffit d'un simple acte de volonté, qu'il suffit de prononcer, voire même de penser seulement, son souhait pour que le malheur qu'il désire voir arriver à autrui lui arrive en effet. C'est que les puissances supérieures, les forces occultes du monde obéissent à la volonté de l'homme ; que l'homme se les représente sous la forme personnelle de démons ou qu'il songe

(1) Fernando de Rojas, *La Celestina*, Edición y notas de Julio Cejador y Frauca, Clásicos Castellanos n.ºs 20 et 23, Madrid 1913.

(2) Pour tout ce qui concerne les malédiction v. *Handwörterbuch des deutschen Aberglaubens*, herausgegeben von Hanns Bächtold-Stäubli, II (Berlin et Leipzig 1929/30), col. 1636 ss. (avec bibliographie).

à un aveugle destin ou au hasard. Ainsi, très souvent, la puissance supérieure dont on sollicite l'intervention malfaisante n'est pas nommée dans la malédiction. En tant que chrétien, l'homme s'adresse volontiers au diable, qu'il sait fort obéissant pour faire le mal et toujours aux aguets pour nuire à l'homme. Quant à Dieu, l'homme voit en Lui le réalisateur — éventuel — de ses souhaits ; mais, en ce cas, l'homme n'a plus d'ordres à donner, Dieu n'est pas à ses ordres comme les démons, le diable, le destin ou le hasard, — la malédiction prendra alors la forme d'une prière qui respecte la volonté divine : *¡ Permita Dios que... ! ¡ Quiera Dios que... !* etc. Néanmoins, on possède un moyen sûr et certain de faire exaucer cette prière, d'obtenir que Dieu réalise le souhait : une prière, fût-elle, comme en notre cas, une malédiction, formée «entre l'Hostie et le Calice» est infailliblement exaucée. Voici un exemple d'une telle malédiction-prière, formée au moment de la transsubstantiation :

«Entre la hostia y el cáliz
A mí Dios se lo pedí :
¡ Que t'ajoguen las fatigas
Como m'ajogan á mí !»

Cantos III p. 269 n.º 4.626 ⁽³⁾ ; *Alma de And.* p. 225 n.º 744 ⁽⁴⁾ ;
Cuentos p. 225 ⁽⁵⁾, ⁽⁶⁾.

⁽³⁾ Francisco Rodríguez Marín, *Cantos populares españoles*, Recogidos, ordenados é ilustrados por F. R. M., Sevilla 1882/83, 5 vols. Quant aux citations faites dans ce recueil, je n'ai rien changé ici à l'emploi des accents qui diffère de l'usage officiel.

⁽⁴⁾ Id., *El alma de Andalucía* en sus mejores coplas amorosas, Escogidas entre más de 22.000 por F. R. M., Madrid 1929.

⁽⁵⁾ *Cuentos y Poesías populares andaluces* por Fernán Caballero, con un prólogo de D. José Joaquín de Mora, Madrid 1916.

⁽⁶⁾ Voici ce que note Rodríguez Marín, *Alma de And.* p. 225 note 1, à ce sujet : «Mucho se encomienda la devoción en los solemnes momentos que median entre el alzar la hostia y el cáliz, [...]. Pero como no hay nada en que la superstición ne se entremeta, ella imaginó que cosa, buena o mala, que se pida en esos momentos es indudable conseguirla, y de aquí el tomar a Dios vivo en el Sacramento del altar por instrumento de villanías y ruindades como la que se pide en esta copla. En los procesos seguidos por la Inquisición de Toledo y por la de Valencia he hallado algunas menciones de ese pedir entre la hostia y el cáliz, el más antiguo, del año 1538, [...]» ; cf. aussi *Cantos loc. cit.* ; v. ici note 9. A Turquel (Extremadura) on croit également que «Caem certas as pragas rogadas contra alguém entre a elevação da Hóstia e a do Cáliz [...]» José Diogo Ribeiro, *Revista Lusitana* XX (1917), p. 69. Cf. aussi la croyance suivante dans l'Alentejo : «Quem, ao ouvir missa, espirrar durante o espaço que decorre entre o levantar da hóstia e o levantar do cáliz, morre nesse anno». A. Thomás Pires, *Rev. Lus.* XI (1908) p. 266.

Nous constatons donc en fait de malédictions une curieuse fusion d'une vieille superstition humaine qui monte de la nuit des siècles avec des concepts chrétiens. Il se brasse un surprenant mélange de superstitions, de conceptions magiques et de sentiments religieux chrétiens. Des malédictions «païennes», ne mentionnant aucune puissance supérieure précise, s'emploient à côté de formules «chrétiennes», sollicitant l'intervention du diable ou de Dieu au détriment de quelqu'un (les deux termes de «païennes» et de «chrétiennes» n'impliquent ici aucune idée d'ordre chronologique). Inutile de dire que celui qui invoque Dieu pour qu'il réalise le malheur souhaité à un autre homme ne considère Dieu que comme la puissance supérieure la plus forte, de sorte que le malheur que l'on prie Dieu d'envoyer à quelqu'un lui arrive avec la plus grande certitude.

L'effet d'une malédiction varie selon la condition de la personne qui la prononce. Ainsi sont particulièrement efficaces les malédictions jetées par les parents sur les enfants et celles prononcées par des personnes victimes d'une injustice, p. e. par la jeune fille abandonnée et maudissant son séducteur, motif fréquemment traité dans la poésie populaire :

— La *Celestina* dit à Pármeno : «E yo, assi como verdadera madre tuya, te digo, só las malediciones, que tus padres te pusieron, si me fuesses inobediente, [...]» *Celestina* (I) I p. 101, 16-18 ;

— Areusa reconnaît : «No es sino mi mala dicha. Maldición mala, que mis padres me echaron». *op. cit.* (VII) I p. 252, 19-21 ;

— «T'has yebaito e mi cuerpo
La prenda de más baló ;
¡ A peasos te se caigan
Las alas der corason ! »

Cantos III p. 273 n.^{os} 4.650 et 4.651.

Par contre : *Maldición de puta vieja, no apega, no comprende, no va al cielo*, disait-on autrefois, cf. Correas p. 286b (7).

Pour celui qui prononce une malédiction, une certaine précaution s'impose. L'homme primitif (au sens le plus large du mot) est bien persuadé que la malédiction prononcée s'accomplira (8). Or, devant la monstruosité du malheur qu'il est sur le point d'appeler sur quelqu'un, il arrive que l'auteur de la malédiction hésite, n'ose

(7) *Vocabulario de Refranes y frases proverbiales* [...] que reunió el Maestro Gonzalo Carreas [...], Madrid 1924.

(8) Cf. p. e. l'histoire rapportée par Manuel Bernardos et citée par João da Silva Correia à l'endroit indiqué ici, note 9.

pas, en tout cas, prononcer trop clairement sa malédiction. D'autre part, le commerce avec les puissances supérieures, les forces occultes, n'est pas sans danger. On éprouve une certaine crainte à prononcer leurs noms, et, en effet, où est la garantie que ces puissances supérieures ne se tournent contre celui-même qui entendait les employer pour ses desseins? Si par hasard celui qu'on maudit était une âme pure, la malédiction ne risquerait-elle pas de rejaillir sur celui qui la lance? Nous comprenons donc que ce n'est pas seulement par ellipse ou aposiopèse émotives, ni uniquement à cause de scrupules ou eu égard à l'interdiction prononcée par les autorités ecclésiastiques, mais souvent pour une raison plus profonde, moins ou plus du tout consciente aujourd'hui, il est vrai, que les malédictions se trouvent souvent estropiées, qu'on emploie des euphémismes ou que l'on introduit même, chose curieuse, un mot dans la formule qui lui enlève sa qualité de malédiction. Toutes ces raisons concourent en tout cas au même résultat⁽⁹⁾. Il n'est pas besoin de mentionner ici les euphémismes sans nombre employés pour éviter de prononcer le nom de Dieu ou du diable⁽¹⁰⁾. Pour ces mêmes raisons on dira, p. e., *Raças te partam!* au lieu de *Raios te partam!* ou bien seulement *Diabos...!* au lieu de *Diabos te levem!*⁽¹¹⁾. Le phénomène le plus curieux sous ce rapport est l'introduction, en portugais, de *nunca*⁽¹²⁾, dans certaines formules de malédiction, p. e. *Raios te partam—nunca!* ou même à Barroso (Trás-os-Montes) *Morte te nunca leve!* et *Diabos te nunca leve!* à Barroso, à Vila Real (Trás-os-Montes) et dans le Minho^(12a). Par scrupule reli-

(9) M. João da Silva Correia, dans l'excellente étude qu'il a consacrée à l'euphémisme en portugais (*Arquivo da Universidade de Lisboa*, Vol. XII, Lisboa 1927) dit à ce sujet (p. 569): «O eufemismo é frequente nas pragas. Para os espíritos simples o lançamento destas produz malefício irreparável, mòrmente quando pronunciadas à missa, «entre o cálice e a hóstia»: elas vão sempre ferir uma de duas pessoas,— a alvejada, se o merece, a própria praguejadora quando aquela é alma digna e pura. [...] As pragas são eufemizadas principalmente por meio de substituições, elipses, deformações, termos ou expressões genéricas e complementos desculpadores».

(10) Dans le *concelho* do Cadaval (Extremadura) la crainte superstitieuse va très loin: «Quando se diz *ai!* deve immediatamente acrescentar-se a palavra *Jesus*, porque *Ai* é um dos nomes do diabo, e assim, dizendo-se sòmente *ai!* é o demónio e não *Jesus* que acorre ao nosso chamado.» J. M. Adrião *Rev. Lus.* VI (1900-1901) p. 102 n.º 43.

(11) João da Silva Correia *loc. cit.*

(12) *Ibd.*

(12a) *Rev. Lus.* X (1907) p. 237, XIX (1916) p. 132/33.

gieux, la personne qui vient de prononcer une malédiction ajoutera, se repentant : *Deus me perdôe* ⁽¹³⁾. Finalement, on arrive à dénaturer complètement le sens d'une malédiction en changeant le mot décisif, p. e., à Barroso : *Morte te deixe!* ⁽¹⁴⁾ au lieu de *Morte te leve!* ou, autrefois, en espagnol : *Landre que te deje!* au lieu de : *Landre te mate, coma, etc.* ^(14a), ou bien, en employant le pronom réfléchi au lieu du pronom personnel : *Landre que se mate!* ⁽¹⁵⁾.

Il n'est pas rare que quelqu'un se maudisse soi-même : soit pour exprimer la colère, le mécontentement causés par la mauvaise situation où il se trouve, soit pour extérioriser différents mouvements affectifs, soit, enfin, et c'est le cas le plus fréquent, pour renforcer une affirmation ou une négation, pour donner une garantie de la véracité de ce que l'on dit, type : «Si no es berdá lo que digo — Mala puñalá me den.» Demófilo p. 89 n.º 33 ⁽¹⁶⁾; p. e. :

— Montaña (Orillas del Pas) «Oh! ; Malus lobus me coman en dá que en medio la sierra, o qui un mal rayo mi parta y m'espiace una cientella si mentira yo li digo, manque usté mi se lo crea!» Alcalde del Río 2 p. 45/46 ⁽¹⁷⁾.

Mlle. Braue mentionne ce genre de malédiction et donne des exemples (p. 35) ⁽¹⁸⁾; nous en donnerons quelques autres au cours de cette étude. Rodríguez Marín, commentant la phrase de Sancho, *Quijote* (II 13) V p. 234, 2) — p. 235, 1 ⁽¹⁹⁾ : «Mala pascua me dé Dios, [...], si le trocara por él, [...], dit fort justement de cette phrase «es una fórmula aseverativa con cláusula penal (que diría un legista), por el estilo de aquella otra *Que me maten si... [...]*» (v.

⁽¹³⁾ João da Silva Correia *loc. cit.*

⁽¹⁴⁾ Rev. Lus. XIX p. 132. ^(14a) Correas p. 600b.

⁽¹⁵⁾ Correas p. 260a.

⁽¹⁶⁾ *Colección de Cantes flamencos*, Recogidos y anotados por Demófilo, Sevilla 1881. — Cf. «Llamé á mi criada, para que en la tierra acompañase á los testigos del cielo; tornó don Fernando á reiterar y confirmar sus juramentos; añadió á los primeros nuevos santos por testigos; echóse mil futuras maldiciones, si no cumpliese lo que me prometía; [...]» *Quijote* (I 28) III p. 66, 3-9.

⁽¹⁷⁾ Hermilio Alcalde del Río, *Escenas cántabras*, Segunda serie (Apuntes del natural), Torrelavega 1928.

⁽¹⁸⁾ Alice Braue, *Beiträge zur Satzgestaltung der spanischen Umgangssprache*, Hamburger Studien zu Volkstum und Kultur der Romanen Nr. 7, Hamburg 1931.

⁽¹⁹⁾ Miguel de Cervantes Saavedra, *El ingenioso hidalgo don Quijote de la Mancha*, Edición y notas de Francisco Rodríguez Marín de la Real Academia Española, Clásicos Castellanos, Madrid 1911, 8 vols.

d'autres exemples *ibid.*). C'est en ce cas que la malédiction perd le plus facilement son sens original et devient une simple formule de renforcement qui, dans la plupart des cas, entre, syntaxiquement, dans une phrase hypothétique : *¡Que me maten si...! ¡Así me maten!* ⁽²⁰⁾ *Que me aspen si... ¡Así me aspen!* ⁽²¹⁾ *Que me muera si...* ^(21a). Les situations les plus curieuses et impossibles sont appelées à se réaliser pour le cas où la personne qui parle aurait tort, p. e. :

- *Que me coja un toro bravo si no es verdad tal cosa* ⁽²²⁾ ;
- «Mas, ó mulher, macacos me mordam se percebo!» *Terras* p. 293 ⁽²³⁾ ;
- une affirmation solennelle de Sancho : «Pues ¡monta que es mala la reina! ¡Así se me vuelvan las pulgas de la cama!» *Quijote* (I 30) III p. 116, 10-12.

Nous nous éloignons donc ici de la formule de malédiction à proprement parler.

Considérons maintenant la question du point de vue de la personne qui est objet, victime d'une malédiction. Les malheurs qui arrivent à un homme, la misère dans laquelle il se trouve, notamment ses maladies, peuvent fort bien être dus à une malédiction que quelqu'un lui a jetée ⁽²⁴⁾ :

- «Antón Caballero dit à Eloísa : «[...] Pasó tiempo; empecé trabajos distintos. Todo me salía mal. Llevaba encima una maldición. ¿La tuya, acaso?»
- Eloísa. — «No; la mía, nunca.» *Quintero* XXVII p. 101;
- Narda dit combien elle a été malheureuse, en s'écriant : «¡Ni que me hubieran echao una maldición!» *Quintero* XXVI p. 74 ⁽²⁵⁾ ;
- «Si la lengua te se seca
Con aire de perlesía.
No l'eches la culpa à náide;
Que son mardisiones mías.»

Cantos III p. 276 n.º 4.675.

⁽²⁰⁾ Ramón Caballero, *Diccionario de modismos*, Madrid s. a., p. 149a, p. 249b; *Quijote* (I 35) III p. 261, 4/5, (II 9) V p. 170, 3-5.

⁽²¹⁾ Caballero *loc. cit.* ^(21a) *Op. cit.* p. 950a.

⁽²²⁾ *Op. cit.* p. 949b.

⁽²³⁾ Aquilino Ribeiro, *Terras do Demo*, Paris-Lisboa, 1919.

⁽²⁴⁾ Ainsi on traite couramment de *maldito*, -a (*mardesío*, -a en andalous) une personne qui nous déplaît, nous irrite, etc. Cf. même «¡Maldita, remaldita, malditísima! — [...] ¡permítale Dios que te cases con el demonio!» *Cuentos* p. 158.

⁽²⁵⁾ Serafín y Joaquín Álvarez Quintero, *Teatro completo*, Madrid 1923 ss.

Il est évidemment difficile de savoir jusqu'à quel point, dans de tels cas, il y a encore véritable superstition ⁽²⁶⁾ : dans la plupart des cas il s'agira plutôt d'un motif phraséologique ou même d'une simple formule vidée, plus ou moins, de son sens primitif.

La coutume des malédictions, ainsi que des bénédictions, bien entendu, se perd avec le progrès du rationalisme : dans certains peuples et dans certaines couches sociales elle se maintient davantage que dans d'autres, selon le degré de pénétration rationaliste, selon le tempérament national aussi. Ainsi la fréquence et la richesse de formules de malédiction — et de bénédiction — frappent dans la langue parlée et populaire en Espagne et au Portugal. Quelle est la valeur psychologique de ces éléments de la phraséologie hispano-portugaise ? Elle est difficile à saisir. Elle s'étend sur une longue gamme et dépend du milieu social et de l'époque. Cette gamme va de la malédiction jetée encore comme formule magique ayant un effet infaillible, à la malédiction devenue — la conception magique du monde faisant de plus en plus défaut — une formule par laquelle, dans un mouvement affectif très fort de haine, de colère, de mécontentement, on souhaite du mal à quelqu'un, sans croire pourtant à la réalisation de ce souhait ; et la gamme aboutit finalement à une formule émotive exprimant la colère, le mécontentement, la surprise, à une simple exclamation de *desahogo* même, et servant quelquefois uniquement d'élément de renforcement, qui peut même s'intégrer syntaxiquement de la façon la plus étroite dans la proposition ou dans la phrase. Le corps même de la formule peut se réduire de plus en plus pour n'être finalement qu'une simple interjection qui n'a plus rien de terrible.

Au moyen âge, la malédiction était une chose bien plus sérieuse qu'elle n'est aujourd'hui ; et, de nos jours, dans les campagnes espagnoles et portugaises, on attribue une autre valeur aux malédictions que dans les villes.

(26) Dans les campagnes on applique encore bien des mesures et remèdes superstitieux en cas d'un mal et contre l'éventualité d'un mal dû à quelque malédiction, quelques ensorcellement ou au *mal de ojo*, au *mau olho*, cf., pour ne citer qu'un exemple, à Villa Real (Trás-os-Montes) « Quando alguem está doente de um pé e suspeita que foi mal que lhe rogaram, deve [...] » A. Gomes Pereira Rev. Lus. X p. 219. — Le *mal de ojo* figure comme motif comique dans la *Zahorí* des Quintero, où la vieille tzigane Micaela, furieuse, s'écrie : « ¡ Largarse ya, cuadriya e bandoleros, si no queréis que sus jaga yo mar de ojo ! » Quintero VII p. 183.

Gardons-nous d'une part de supposer la survivance d'une croyance pour l'unique raison de la survivance de son signe extérieur, la malédiction en notre cas, et gardons-nous d'autre part de sousestimer la nature tenace des superstitions ⁽²⁷⁾. Aujourd'hui, les malédictions employées en espagnol et en portugais appartiennent surtout à la deuxième des catégories que nous venons de distinguer. Mais quelle que soit la valeur que l'on attribue aux malédictions, il n'en reste pas moins vrai que l'emploi relativement fréquent qu'en fait la langue parlée, la création incessante de nouvelles malédictions, très individuelles, à côté de certaines formules classiques que l'on continue à employer, sont là pour nous montrer qu'il s'agit bien d'un phénomène caractéristique et vivant de la phraséologie hispano-portugaise. Une imagination vive et toujours à l'œuvre pour faire du neuf, l'humour du peuple espagnol en particulier et le plaisir qu'il prend à la création facétieuse créent, en matière de malédictions, une richesse surprenante d'expressions, continuellement renouvelée, et soufflent quelquefois une nouvelle vie à la formule qui menace de se figer, en développant, en vivifiant l'image qu'elle évoque, p. e., au lieu de la formule courante *¡Mal tiro le den!*, la vieille Catalina lance la malédiction suivante : «*¡mala perdigoná le den donde yo diga!*» ! Quintero II p. 260. — Naturellement, dans les exemples que nous allons connaître, l'effet comique recherché par les auteurs des pièces dont bon nombre de nos exemples sont tirés y est pour quelque chose : — pourtant, toujours est-il que le principe de ces formules a bien été pris dans la réalité de la langue vivante.

La malédiction est quelquefois brodée sur un mot contenu dans le discours du partenaire, mot qui a particulièrement frappé. Voici deux exemples anciens :

- Calisto, désespéré, demande à la Celestina : «*Madre mía, abreuia tu razón é toma esta espada é mátame.*» La Celestina, qui trouve ce désespoir tout à fait hors de propos, répond : «*¿Espada, señor, ó qué ? ¡Espada mala mate á tus enemigos é á quien mal te quiere!* [...]» Celestina (VI) I p. 204, 11-20 ;
- Le prêtre, au service duquel se trouve le Lazarillo, compte le pain qui reste et constate sa diminution : «*Despues que estuuo vn gran rato echando la cuenta, por dias y dedos contando, dixo : «[...] Nueue quedan y vn pedaço.*

(27) Nous ne saurions insister ici sur cette question bien vaste et complexe.

¡ Nuevas malas te dé Dios ! », dixe yo entre mi. » *Lazarillo* p. 143, 6-7 — p. 144, 4-6 (28).

Ce genre de malédictions est fréquent dans le *Quijote* :

- « [...] ; él [sc. *Don Quijote*] me [sc. *Sancho*] sacó de mi casa con engaños, prometiéndome una insula, que hasta agora la espero.
- Malas ínsulas te ahoguen — respondió la Sobrina, Sancho maldito. [...] » *Quijote* (II 2) V p. 52, 8-11.
- « — ¿ Otro reprochador de voquibles tenemos ? — dijo Sancho — Pues ándense á eso, y no acabaremos en toda la vida.
- Mala me la dé Dios, Sancho — respondió el Bachiller —, si no sois vos la segunda persona de la historia ; [...] » *Quijote* (II 3) V p. 72, 24 — 73, 1.

Le même principe peut être appliqué dans le discours d'une seule personne :

- L'aubergiste, furieux de voir perdu son vin, dit à Sancho : « ¿ No ves, ladrón, que la sangre y la fuente no es otra cosa que estos cueros que aquí están horadados y el vino tinto que nada en este aposento, que nadando vea yo el alma, en los infiernos, de quien los horadó ? » *op. cit.* (I 35) III p. 264, 3-7.

Rodríguez Marín qui explique ce passage (*ibid.* p. 264/65) nous rappelle que dans le même chapitre se trouvent deux autres exemples de telles malédictions basées sur un jeu de mots :

- La femme de l'aubergiste s'emporte contre *Don Quijote* :
« Y la ventera decía en voz y en grito :
— En mal punto y en hora menguada entró en mi casa este caballero andante, [...] diciendo que era caballero aventurero (que mala ventura le dé Dios, á él y á cuantos aventureros hay en el mundo), [...] ; y por fin y remate de todo, romperme mis cueros y derramarme mi vino, que derramada le vea yo su sangre. [...] » *op. cit.* (I 35) III p. 266, 17 — p. 267, 10.

Rodríguez Marín nous donne, *op. cit.* III p. 265 *note*, une quantité d'exemples de cette sorte de malédiction qu'il relève dans le parler populaire andalous :

- « A costa e la sangre ajena. Sangrá se bea eya, Dios me perdone... » ;
- « ... Pos ahí abajiyó boy po una purga pa er biejo rico e la esquina, que mala purga le pique á é. » (Dans cet exemple il y même deux jeux de mots !) ;
- « ... y asín se arremató aquel arrastrao arboroque, que arremataos se bean eyos, pa que no güerban á agrabiá ar Señor... ».

(28) *La vida del Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades*, Edición y notas de Julio Cejador y Frauca, Clásicos Castellanos, Madrid 1934.

Le même principe est à la base de la malédiction suivante :

- «Juanico [à la vieille tsigane].— ; Como que trae usté infernao a to er pueblo con sus embustes, y ha güerto usté tonto ar chiquiyo del aperaó !
; No hay un vesino que no ande jasiendo cruses por toas partes !
Micaela.— ; Asín te jagan una [sc. cruz] en la barriga con una navaja de afeitá, condenao ! [...]» Quintero VII p. 183.

Nous retrouvons ce même principe dans les *coplas* andalouses ; voici deux exemples que Rodríguez Marín nous fait remarquer pour cette raison :

- «En el arma la tenía,
y eya el arma me estrosó ;
; estrosáitas le bea
Las alas der corasón !»
Alma de And. p. 226 n.º 746 ;
— «Dises que no sientes
el apartamento :
apartaíta se bea tu mal arma
pa siempre e tu cuerpo.»
op. cit. p. 227 n.º 753 ; Demófilo p. 112 n.º 41.

Ces malédictionnements démontrent non seulement une grande présence d'esprit et un sens de l'à-propos très développé, mais aussi la présence active, dans la pensée de celui qui parle, de la formule de malédiction comme schéma phraséologique toujours prêt. La manière de penser et de s'exprimer qui se manifeste à travers ces formules peut être considérée comme typiquement espagnole.

La muse populaire aussi s'empare quelquefois des malédictionnements pour les faire entrer dans des couplets qui expriment la haine, la colère, l'amertume, provoquées en général par un amour méprisé ou trompé. Toute une *copla* ou *quadra* (mais plus rarement) peut être brodée ainsi sur une malédiction ; voici un exemple (nous en connaissons d'autres plus loin) :

- «Er que de mí mar hable
Tenga en la lengua
Un carbunco, una yaga
Y una postema.
Y al estribiyo,
Bentisinco alaclanes
En er gayiyo.»

Cantos III p. 267 n.º 4.610.

La formule de malédiction devient facilement — comme nous le montreront certains de nos exemples — un élément phraséologique

comparable au *piropo*, tout en étant le contraire de celui-ci, une sorte d'«anti-*piropo*», si j'ose dire.

Une fois que le mouvement affectif a trouvé dans une malédiction la formule pour s'extérioriser, il arrive qu'une seule malédiction ne suffise pas comme décharge émotive : toute une série de malédictions est nécessaire ; nous verrons des exemples plus loin, voici, en attendant, trois malédictions qui se suivent :

— «*Maria Jesús. — ¡Malos lobos te coman ! ¡ Te farte la salú mientras vivas ! ¡ En sagrao no te entierren, por mala ! [...]*» Quintero III p. 246.

— Le typographe juif, exaspéré par Jesús, lui lance toute une bordée d'injures et de malédictions : «*Le entusiasmaba a Jesús sacar a Jacob de sus casillas y oírle decir maldiciones pintorescas en su lengua melosa y suave, arrastrando las eses. [...]*

Jacob, al ver que todo el mundo se reía, lanzaba una mirada terrible a Jesús y le decía :

— *Ah, roín, te venga un dardo que borre tu nombre del libro de los vivos !*

[...]

— *Calla, cafer, calla. Te veas como el vapó con agua en los lados y fuego en el corasón. Te barra la escoba negra si sigues blasfemando así.*» P. Baroja, *La lucha por la vida, Mala hierba*, Novela, Madrid (Rafael Caro Raggio) s.a., p. 117-118.

Nous disions au début que la délimitation de notre sujet d'après un critérium linguistique avait quelque chose de bien arbitraire ; ce que nous venons d'expliquer nous permet d'atténuer un peu cette constatation, mais nous nous apercevrons bientôt de son bien fondé, car une importante partie des malédictions — surtout de celles provenant d'Andalousie — que nous allons étudier, sont prononcées par des tsiganes ou sont tout au moins d'origine ou d'inspiration tsigane. Les tsiganes, en effet, de par leur conception profondément magique du monde et de par leur caractère rancunier, déchargent volontiers leurs mauvais sentiments dans de formidables malédictions. Ce sont les tsiganes aussi qui aiment particulièrement à invoquer Dieu dans leurs malédictions. Ils assimilent le Dieu chrétien au leur, ou tout au moins confondent les deux idées de l'Etre Suprême, et comme le dieu des tsiganes, dont il sera encore question, n'est pas un dieu uniquement de bonté, ils ne voient pas d'inconvénient à invoquer également le Dieu chrétien pour qu'il réalise les plus sinistres souhaits. Les auteurs de pièces comiques d'ailleurs tirent souvent partie de cette prédilection des tsiganes pour les malédictions, en faisant proférer de ces malédictions pittoresques à une *gitana*, diseuse de bonne aventure ; voici deux exemples :

- «Gitana. — Anda, esaborío ; ¡ condenao te veas a estrená botas !
 Tonto. — ; O te vas o te miento *la bicha* !
 Gitana. — *Corriendo furiosa detrás de él.* ; Torsías te jagan de la lengua
 pa ensendé las luses, roñoso ! ; Comío de picores te encuentres... y
 tenga que rascarte yo !
 Tonto. — ; Largo ! ; largo !
 Gitana. — ; Mala sangre ! ; malas ideas ! ; Permita Dios que se te caiga
 la barriga antes de comé ! [...] Quintero VIII p. 61/62 ;
 — «Gitana. — ; Párate parao, don Viriato, que eres un don Viriato ! ; Josú
 y qué genio tie er demonio der viejo ! Que se pué una dormí contándole
 los años y no acaba... Permita Undivé que te se güerva potasa er café
 y te quedés perlático, mala sangre... Y así permita Dio que cuando
 quieras cogé un artomovi suseda al revé... Y que no haiga mosquito que
 no te pique cuando tengas sueño... ; Saborío ! ; Malage ! ; Quién te
 viera como vi yo ar Tortero ! Too untaíto de miel caío en un avispero...
 [...]» Niño p. 26 ⁽²⁹⁾.

Dans sa riche collection de *coplas* populaires, Rodríguez Marín a groupé un certain nombre de ces petites poésies qui contiennent ou qui sont entièrement des malédictions, et souvent de tel caractère qu'il se voit obligé, pour sauver l'honneur des Andalous, de souligner l'origine tzigane et non espagnole de ces *coplas* ⁽³⁰⁾.

La forme syntaxique sous laquelle les malédictions se présentent et qui est celle d'une proposition optative, a été étudiée par Mlle. Braue dans son travail déjà cité. Nous n'avons rien d'essentiel à ajouter. Remarquons seulement que les malédictions sont quelquefois introduites par *así(n)*, *assim* ⁽³¹⁾, *pues*, *pois* ou *mas*, ce dernier introduisant surtout, semble-t-il, les malédictions que l'on adresse à soi-même (v. des exemples plus loin) ; les malédictions notamment qui souhaitent la disparition rapide de quelqu'un commencent quelquefois par *anda*, auquel la formule de malédiction peut être reliée par *y* : *¡ Anda, que te den un tiro !* ou *¡ Anda y que... !* (v. des exem-

⁽²⁹⁾ Francisco Ramos de Castro, *El niño se las trae*, Comedia en tres actos, [...], *La farsa*, Año VII, Núm. 325, Madrid, 2 de diciembre de 1933.

⁽³⁰⁾ «No quiero terminar esta sección [sc. celle intitulée *Odio*] sin hacer una advertencia, en honor de la verdad y en prestigio de nuestro Pueblo. Gran número de las coplas que revelan odio son hijas de la raza gitana, especialmente las en que se revelan un alma ruin y una idea cobarde y traidora. Dar à uno un tiro ó una puñalada *al revolver de una esquina*, es cosa que, ni pensada, se aviene bien con el carácter franco y leal de los andaluces. [...]» *Cantos* III p. 283 note 35.

⁽³¹⁾ Cf. Rev. Lus. IX (1906) p. 360/61.

ples plus loin) ⁽³²⁾. Il n'est pas rare que la malédiction commence, comme tant de propositions optatives, par *ojalá, oxalá*. Il me semble que ce type de malédiction est particulièrement fréquent dans la bouche des tsiganes; peut-être même que *ojalá, oxalá* garde ici quelque chose de sa signification primitive, de sorte qu'il joue un rôle analogue à celui de *¡Quiera Dios que...! ¡Permita Dios que...! ¡Permita Undevé que...!* (et semblables), formules particulièrement chères aux tsiganes pour introduire leurs malédiction. On pourrait même se demander si les formules *Si Dios quiere, quisiera, Quiera Dios, Dios quiera* ⁽³³⁾, *Se Deus quiser*, etc. et — plus modeste — *Permita Dios que...* ne représentent pas les correspondances des formules arabes *in šā' llāh, wa šā' llāh* ⁽³⁴⁾.

L'introduction des malédiction par lesquelles on invoque Dieu, se fait par différentes formules dont la plus courante est *¡Permita (ou bien avec métathèse premita) Dios que...! ¡Permita Deus que...!* M. Beinhauer constate avec juste raison, VKR VII p. 162 note 1 ⁽³⁵⁾, que cette manière d'introduire les malédiction est typique des tsiganes. Cette formule abonde dans les *coplas* populaires d'Andalousie, comme nous verrons plus loin. A côté de *¡Permita Dios que...!*, nous rencontrons d'autres formules: *¡Quiera Dios que...! ¡Dios quiera que...!*, formule qui serait la correspondance exacte de *wa šā' llāh* et qui semble plus ancienne que *¡Permita Dios que...!*; ou la formule *¡Permita Dios que...!* avec, au lieu du nom de Dieu, celui du ciel: *¡Permitan los cielos que...! ¡Permita o céu que...!* Quelquefois on trouve des formules plus libres, telles que *A mi Dios le estoy pidiendo que...* ou *Han de permitir los cielos que...* (on trouvera des exemples plus loin au cours de l'étude).

Les tsiganes remplacent fréquemment le nom du Dieu chrétien par celui de leur dieu, qu'ils appellent en Espagne *Undevé, Undivé* ⁽³⁶⁾: *¡Permita Undevé que...! A Undebé f'estoy pidiendo...*

⁽³²⁾ V. de nombreux exemples d'expressions commençant par *¡Anda, y que...* dans Caballero! p. 115a.

⁽³³⁾ J. Cejador y Frauca, *Frasesología o Estilística castellana*, Madrid 1921-1925 (4 vols.), II p. 475b; Caballero p. 499b, p. 955 b, p. 1.033a.

⁽³⁴⁾ Rev. Lus. XXI (1918) p. 211/12.

⁽³⁵⁾ W. Beinhauer, *Ueber «piropos»*, dans *Volkstum und Kultur der Romanen VII* (1934) p. 111 — p. 163.

⁽³⁶⁾ Les tsiganes sont monothéistes et croient en un dieu créateur et tout-puissant dont ils se font une idée plus ou moins vague et déterminée essentiellement par la religion du peuple au sein duquel ils vivent. Ce monothéisme n'exclut pas une conception magique du monde qu'ils imaginent rempli de

(voir les exemples plus loin). Les tsiganes ont la coutume d'invoquer à toute occasion leur dieu — auquel ils adressent même, au besoin, de cuisants reproches⁽³⁷⁾; de sorte que la fréquence des *Permita Dios que...!* ; *Permita Undevé que...!* etc. dans les malédictions lancées par des tsiganes n'est pas autre chose que la transposition, dans un autre système de pensée et d'expression, d'une habitude tzigane⁽³⁸⁾. Peut-être l'emploi, par les tsiganes, d'*ojalá*, *oxalá* comme introduction à leurs malédictions est-il dû à la même raison — ce qui supposerait, il est vrai, la conscience de la signification originale de cette formule, tout au moins à un moment donné.

Le verbe dans les malédictions est généralement au présent du subjonctif; l'imparfait ou le plus-que-parfait du subjonctif sont très rares dans nos formules. Ceci s'explique tout simplement par le fait que le souhait exprimé dans une malédiction est — primitivement tout au moins — considéré comme réalisable, de sorte que des formes du verbes marquant un doute sur la réalisation du souhait ou même l'irréalité doivent rester rares. Quelquefois, au lieu d'un verbe au

démons pouvant même, dans une certaine mesure, concurrencer leur dieu. Quant au nom de ce dieu des tsiganes, Rodríguez Marín remarque, *Cantos III* p. 373 note 101: «*Undebé ó Undebel*, y tambien *Ostebé*, caló, *Dios*. Escriben mal los que escriben un *Dibé* ó un *Debé*, pues en tal caso parece articulo genérico el un é induce á pensar que la raza gitana es politeista.» Ce *Undevé*, etc. est o *Dewel* 'dieu, grand esprit, bon esprit' nom que les tsiganes donnent à l'Etre Suprême. Sur ce nom et sur les conceptions religieuses des tsiganes v. Liebich, *Die Zigeuner in ihrem Wesen und in ihrer Sprache*, Leipzig 1863, p. 34/35 et p. 132a; F. A. Coelho, *Os Ciganos de Portugal*, Lisboa, 1892, p. 9/10 (*otibé*), p. 26 (*debel*), p. 35 (*otebel*, *otibé*), p. 188 ss. («existência de concepções religiosas»); R. J. H. Schwicker, *Die Zigeuner in Ungarn und Siebenbürgen*, Wien und Teschen 1883, p. 102 et p. 153; H. v. Wlislöcki, *Vom wandernden Zigeunervolke*, Hamburg 1890, p. 253/54; Id., *Volks Glaube und religiöser Brauch der Zigeuner*, Darstellungen aus dem Gebiet der nicht christlichen Religionsgeschichte (vol. IV), Münster 1891, p. 1/2 et p. 120/21; *Journal of the Gypsy Lore Society*, New Series, vol. V (July 1911-April 1912), Liverpool — Edinburgh, p. 185; M. Block, *Zigeuner, ihr Leben und ihre Seele*, Leipzig (1936), p. 180/81. — M. Beinhauer, loc. cit., a tort d'écrire un *debé* et de traduire par 'un demonio'. Demófilo aussi écrit un *Dibé* et traduit «Un Dios» en ajoutant (p. 13 note 1): «Esto hace pensar si la raza gitana conservará en esta copia reminiscencias de una antigua creencia politeista.»

(37) Cf. *Undivé der sielo* (p. e. Demófilo p. 130 n.º 131), ; *Várgame Undibé!* (p. e. op. cit. p. 137 n.º 165).

(38) «Seinen [sc. de son dieu] Namen führt er [sc. le tzigane] bei jeder Gelegenheit im Munde» v. Wlislöcki, *Vom wandernden Zigeunervolke*, p. 253; Block op. cit. p. 180/81.

subjonctif, on trouve dans les formules de malédiction la construction *haber* + *de* + *infinitif*, exprimant l'obligation, ou presque, de la réalisation du souhait émis dans la malédiction, p. e. :

- «Te has e morí con la pena
Que la camisa en er cuerpo
Te se ha e gorbé cangrena.»

Demófilo p. 62 n.º 328 ;

- «[...] / Em paga dos teus delictos, / Has de amar, sem ser amada». Thomaz Pires III p. 270 n.º 6.597 (*quadra* de l'Alentejo) ⁽³⁹⁾.

Nous avons déjà vu que lorsqu'on s'adresse une malédiction à soi-même, la formule employée entre, comme proposition principale, dans une phrase hypothétique. Cette manière de mettre une condition à la malédiction se trouve aussi, plus rarement il est vrai, quand celle-ci est jetée sur une autre personne ; voici un exemple :

- « ¿Qué te has figurao encerraba el botello?... ; So cancanearo del diablo!... ; Malos mengues te lleven arrastrando por un callejo si otra cosa no contenía que la melecina que [...] » Alcalde del Río 2 p. 107 (Montaña, Orillas del Besaya).

Nous constaterons plus loin quelques autres cas d'intégration syntaxique, dans une phrase ou proposition, de la formule de malédiction.

Mentionnons encore la possibilité de renforcer une malédiction en ajoutant «mille fois», p. e. :

- « ; Mal haya su sombra mir veses! » Quintero XX p. 297 (Cf. la formule de bénédiction : « ; Bien haya mil veces el autor de Tablante de Ricamonte, y aquel del otro libro [...] » *Quijote* (I 16) II p. 38,4 ss.).

D'après leur forme syntaxique et d'après l'idée exprimée par elles, les malédictions suivent bien un certain schéma, malgré toute la marge laissée à la création individuelle ; de sorte que l'on peut parler, comme nous le faisons ici, de «formules de malédiction». Ces formules de malédiction constituent un élément caractéristique de la phraséologie hispano-portugaise, ce qui nous permet, malgré la constatation faite au début, de les envisager, jusqu'à un certain degré, d'un point de vue philologique.

La manière la plus simple, la plus générale et la plus explicite en même temps, de maudire quelqu'un (ou quelque chose) consiste

⁽³⁹⁾ *Cantos populares portugueses, Recolhidos da tradição oral e coordenados por A. Thomaz Pires, Elvas 1902-1910, 4 vols.*

à dire ; *Maldito* (sea, etc.)...! *Maldito* (seja, etc.)...!, formule classique, éminemment espagnole, étudiée déjà à plusieurs reprises ⁽⁴⁰⁾. Cette formule, très ancienne, correspond à la formule de bénédiction ; *Bendito* sea...!, qui vient du *benedicatur* du latin de l'Eglise ⁽⁴¹⁾. En espagnol, ; *Maldito* (sea)...! est la malédiction la plus fréquente; dans la langue populaire elle s'est figée dans la forme ; *Maldita* sea...!, qui est invariable (Braue p. 34 ; Beinhauer *SpU* p. 24) ⁽⁴²⁾.

Une formule fréquente de notre type, et bien espagnole, est la malédiction ; *Maldita* sea su (etc.) *estampa*!, p. e. :

- «Terán. — Un niño que está llora que llora. [...] [dans une première]. Campillo. — ; Maldita sea su stampa!» Quintero IV p. 298 ;
- «En aquel instante Joaquinita ; maldita sea su stampa! se llegó a nosotros con sonrisa picante.» *Hermana S. Sulpicio* p. 153 ⁽⁴³⁾ ;
- «Don Tomás. — [...] Vase refuntuñando. ; Maldita sea mi stampa! Quintero II p. 169 ; de même *op. cit.* IV p. 339.

M. Beinhauer, qui mentionne cette formule *SpU* p. 21, donne à *estampa*, dans ce cas, la signification de «tout l'extérieur d'une personne» ; il rappelle l'expression *romperle a uno la stampa* (*loc. cit. note 23*). Bien que mes matériaux ne me permettent pas de soulever, ici, la question, il me semble pourtant permis de se demander si cette explication est suffisante.

Ce type classique formé avec *maldito* a donné certaines formules figées qui sont de simples exclamations émotives exprimant différents mouvements affectifs : ; *Maldito* sea el demonio! ; *Maldita* sea mi suerte! et ; *Malditos* sean los toros!

La première, ; *Maldito* sea el demonio!, formée probablement, facétieusement — à l'origine du moins — sur ; *Bendito* sea Dios! ⁽⁴⁴⁾,

⁽⁴⁰⁾ W. Beinhauer, *Spanische Umgangssprache*, Berlin und Bonn 1930, p. 21 (= *SpU*) ; Id., *Spanischer Sprachhumor*, Kölner romanistische Arbeiten V, Bonn und Köln 1932, p. 41/42 (= *SpS*) ; Braue p. 34 ; cf. aussi Correas p. 287a, p. 607a ; Caballero p. 756b.

⁽⁴¹⁾ Beinhauer dans VKR VII p. 158 ; Caballero p. 174a.

⁽⁴²⁾ Sur les négations du type *no... maldita la cosa* v. Beinhauer *SpU* p. 143 ; Braue p. 34/35 ; Wagner VKR III (1936) p. 117 (type : *maldita de Dios la cosa*) ; Caballero p. 95b, p. 756b. Nous ne pouvons pas non plus insister ici sur l'emploi de *maldito* avec la conjonction *si*, construction dont Mlle. Braue ne donne qu'un exemple (p. 35). — Il y a aussi le type (p.e.) «Mi escudero, que Dios maldiga, [...]» *Quijote* (II 30) VI p. 229,6.

⁽⁴³⁾ A. Palacio Valdés, *La Hermana San Sulpicio*, dans *Obras completas* IV, Madrid 1924.

⁽⁴⁴⁾ Pour cette formule v. Braue p. 32 ; Cejador II p. 465b ; Caballero p. 174a ; v. p. e. Quintero III p. 234.

sert à exprimer la surprise désagréable, le mécontentement, la colère, p. e. :

- «Don Tomás [*dérangé par une visite*]. — ; Maldito sea el demonio !
¿ Una visita de la Algaba ? » Quintero II p. 104 ; de même, p. a., *op. cit.*
XXV p. 96.

Cette formule sert aussi de renforcement.

;*Maldita sea mi suerte !* a le sens de «Quelle tuile !» «C'est bien ma veine !», p. e. :

- «Señor Zapata [*qui vient de révéler à Cecilio l'amour de Narda*] ; Ahí tiés una compañera pa la vida !
Cecilio. — ; Maldita sea mi suerte ! » Quintero XXVI p. 92 ; de même
op. cit. IV p. 245 ;
— «Barnabé [*qui n'arrive pas à prononcer une seule phrase sans être interrompu par le hoquet*]. — Estas manifestaciones de entusiasmo y de...
; hip ! (; Ahora me ha entrado hipo !) y de cariño... ; hip ! y de...
; hip ! (; Maldita sea mi suerte !) » Quintero II p. 41.

La formule ; *Malditos sean los toros !* s'emploie dans des circonstances désagréables, contrariantes, ou dans une situation pénible ⁽⁴⁵⁾.

Ajoutons enfin une formule très courante de notre type, par laquelle on maudit l'heure où a commencé un état de chose qui aboutit à un malheur. C'est surtout l'heure de sa naissance que l'on maudit lorsqu'on se trouve dans une situation pénible, malheureuse, etc. :

- «Don Moisés. — [...] ; Maldita sea la hora em que naci ! » Quintero II
p. 268, III p. 231 ;
— «Gregoria. — [...] ; Maldita sea la hora que vine al mundo ! » *op. cit.*
V p. 148 ;
— «Maria. — [...] Maldita hora en que vim ao mundo. » Braz p. 103 ⁽⁴⁶⁾ ;
— «Ai !... ; Maldita a hora em que minha mãe me botou ao mundo ! »
Terras p. 294.

Voici encore d'autres «heures» :

- «Maldita sea la hora en que yo te engendré, y malditos sean los regalos y deleites en que te he criado ! » *Quijote* (I 41) IV p. 86, 17-19 ;
— «Carita. — ; Maldita sea la hora en que entramos todos aquí ! » Quintero II p. 309 ;

(45) W. Kolbe, *Studie über den Einfluss der «corridos de toros» auf die spanische Umgangssprache*, Thèse Hambourg 1929, p. 24.

(46) Samuel Maia, *Braz Cadunha*, Composição dramática em três actos. Lisboa s. a.

— «; Maldita a hora em que os meus olhos a enxergaram...!» *Terras* p. 298.

; Bendita sea la hora...! est la formule de bénédiction correspondante.

A part *; Maldito (sea, seja)...!*, les formules de malédiction appellent un malheur plus ou moins déterminé sur quelqu'un ou sur quelque chose.

La formule de malédiction la plus générale de ce genre est l'ancienne formule *; Mal haya...!* *; Mal haja...!* ⁽⁴⁷⁾, correspondance négative de *; Bien haya...!* *; Bem haja...!* ⁽⁴⁸⁾. Cette formule, qui a été étudiée par Mlle. Braue p. 33/34, est si ancienne ⁽⁴⁹⁾ qu'elle a fini par être vidée de son sens original à tel point que *malhaya* se trouve, en espagnol, quelquefois assimilé au participe passé *mal-dita* et construit comme celui-ci :

- «Malhaya sea la persona / Que [...]» Demófilo p. 91 n.º 41;
- *; Malhaya sea mi suerte!* Caballero p. 756b;
- «Malhaya sea tu arma / Y tambien tu corason.» *Cantos* III p. 279 note 2;
- *Malhaya sea el romero que dice mal de su bordón* (Caballero p. 756b) au lieu de *Mal haya el...* (Academia 14 p. 640c; Correas p. 287a);
- «; Malhaya sea el dinero, / [...]» *Cantos* IV p. 202 n.º 6.647 ⁽⁵⁰⁾.

Mais tandis que *maldita sea*, dans le langage populaire espagnol, ne s'accorde ni en genre ni en nombre, *mal haya* semble s'accorder en nombre, comme c'est d'ailleurs le cas en portugais (v. des exemples portugais dans Braue p. 34), p. e. :

⁽⁴⁷⁾ *Diccionario de la lengua castellana* por La Real Academia Española, Décimocuarta edición, Madrid 1914, p. 640c (= Academia 14). *Diccionario da Lingua portugueza* por Antonio Moraes Silva, Octava edição revista e melhorada, Rio de Janeiro — Lisboa, 1891 (2 vols.), II p. 295a.

⁽⁴⁸⁾ Cf. Braue p. 32; Academia 14 p. 144a; Correas p. 83/84; Moraes I p. 332b; Rev. Lus. X (1907) p. 212.

⁽⁴⁹⁾ Braue p. 33; Correas p. 287. Cette formule semble remonter au latin *male (bene) habere*.

⁽⁵⁰⁾ V. d'autres exemples dans Braue loc. cit.; aux renvois bibliographiques de Mlle. Braue j'ajoute *Cantos* III p. 279 note 2.

— «Doña Alfonsa. — ¡ Mal hayan los barcos y los carros de fuego ! [...]»
Cuentos p. 42 ⁽⁵¹⁾ ⁽⁵²⁾.

Dans son *Cancioneiro popular de Vila-Real*, Pires Lima ⁽⁵³⁾ cite une *quadra* qui contient notre formule avec, en plus, le pronom personnel au neutre, c'est-à-dire *mal o haja* :

— «Mal o haja a tua mãe / Que nem um retiro tem !» *op. cit.* p. 120 n.º 535.

J'ajoute ici la formule espagnole ancienne ¡ *Mal te (etc.) haga Dios* ! :

— «Brisco. — [...]»

Mi corral esta agua hecho
 y el agua hecha regello
 el regello sin provecho
 mal te haga Dios del cielo.

[...]» *Triunfo* p. 10, 229-233 ⁽⁵⁴⁾.

— «Elicia. — [...] ¡ Mal me haga Dios, si ella lo es ni tiene parte de lo ;
 [...]» *Celestina* (VIII) II p. 32, 12/13.

Une malédiction fort ancienne souhaite une «mauvaise année» et même «de mauvaises années» à quelqu'un ⁽⁵⁵⁾. Cette malédiction, à laquelle correspond la formule de bénédiction *buen año* ⁽⁵⁶⁾, se présente sous une forme raccourcie sans verbe (*haya*) dont la fonction est assumée, en général, par *para*. Mlle. Braue, p. 33, relève cette malédiction déjà dans l'Arcipreste de Talavera :

(51) Cette constatation n'est pas forcément contredite par des expressions du type : « ¡ Mal haya el tal D. Luis y su manía de meterse cura ! » Juan Valera, *Pepita Jiménez*, Clásicos castellanos n.º 80, Madrid 1935, p. 132, 7-8. Mlle. Braue qui note, p. 33, l'exemple suivant « ¡ Mal haya la embarcación / Y el demonio que la guía ! » (*Cantos* II p. 509 n.º 3.367), en conclut, un peu trop vite, me semble-t-il, que *mal haya* ne s'accorderait pas avec un sujet au pluriel. Cet exemple, comme celui tiré de *Pepita Jiménez*, n'est pas forcément concluant, car il se peut fort bien que *la embarcación* et *el que la guía*, ainsi que *Don Luis* et *su manía*, ne soient pas considérés comme deux éléments distincts, mais que, au contraire, le second élément soit envisagé comme une partie du premier.

(52) Pour l'américain ; ¡ *amalhaya* ! au sens de ¡ *ojalá* !, v. Braue p. 34 et Charles E. Kany, *American-Spanish Syntax*, Chicago s.a. (1945), p. 405-408.

(53) Augusto C. Pires Lima, *Cancioneiro popular de Vila-Real*, Porto 1928.

(54) Gil Vicente, *Triunfo do Inverno*, ed. por Marques Braga, Junta de Educação Nacional, Textos de Literatura Portuguesa II, Lisboa 1934.

(55) Cf. *Lazarillo* p. 194 *note*. Cejador y Frauca, *ibid.*, pense que « *Buen año*, dijose propiamente del de buena cosecha, así como al revés, *mal año*, y trasládase á otras cosas. »

(56) *Lazarillo* p. 194, 1-2 et *note* ; *Celestina* (VIII) II p. 42, 1-3 et *note*.

— «Mal año para la vil suzia [...]»...

— La même formule plus développée : «Mal año y mal mes para cuantos murmuradores hay en el mundo, [...]» *Quijote* (II 50) VII p. 268, 3-4.

La formule appartient encore à l'époque moderne :

— «*Mal año para alguna persona o cosa. expr. fam. que se usa como imprección.*» Academia 14 p. 77b; v. Correas p. 286a, p. 607a; Caballero p. 756a.

Dans la Montaña, à côté du type castillan («¡Malañu para vusotros!» cité par Mlle. Braue, p. 33, dans Pereda), nous rencontrons aussi (Orillas des Besaya) «¡Mal año con el enemigo malu...» Alcalde del Río 2 p. 105, formule qui représente tout à fait le type ; *Caramba con la niña!* ⁽⁵⁷⁾. — Mlle. Braue, *ibid.*, cite dans un auteur mexicain une forme modifiée de cette malédiction, probablement par euphémisme : «¡Mal ajo para ellos!» ⁽⁵⁸⁾ ⁽⁵⁹⁾.

Le mal que, par une malédiction, on appelle sur quelqu'un est avant tout la mort. Voici une *copla* andalouse qui ne souhaite pas seulement la mort à la personne haïe, mais encore un enterrement gratuit, c'est-à-dire misérable :

— «Permita Dios que te mueras,
Y que t'entierren de barde;
Y te tapen la carita,
Pà que no te bea náide.»

Cantos III p. 272 n.º 4.645.

Dans la *copla* suivante, andalouse également, le même mauvais souhait est exprimé d'une manière indirecte :

— «Te fistes y me dejastes,
Y me dejastes perdía;
Las paeres de tu cuarto
De luto se bean bestias.»

ibid. n.º 4.646; *Aima de And.* p. 227 n.º 752 ⁽⁶⁰⁾.

⁽⁵⁷⁾ La formule s'approche ainsi beaucoup du type ; *Caramba con la niña!* dont nous ne pouvons pas nous occuper ici, v. Braue p. 7/8.

⁽⁵⁸⁾ En catalan, *Mal any!* a perdu à tel point son sens primitif qu'il entre dans la formule de malédiction suivante : *Mal any el pèl!* *Diccionari Enciclopèdic de la Llengua Catalana*, Barcelona 1930, I p. 171a (p. 116a).

⁽⁵⁹⁾ Dans la Montaña nous rencontrons aussi *Mal añu* dans la phrase hypothétique : «Malañu, si en ello no ha andao de por medio don Ramiro enriscando a este par de bigardos.» Alcalde del Río 2 p. 202 (Orillas del Besaya).

⁽⁶⁰⁾ La situation malheureuse où l'on voudrait voir la personne que l'on maudit est très souvent introduite par le verbe *ver* construit avec le pronom réfléchi, ce qui donne une certaine plasticité à l'expression (cf. *Ahorcado te veas para que lo creas* Caballero p. 61a).

Mais il serait bien trop commode pour la personne maudite de mourir d'une mort normale et paisible, il faut encore que cette mort soit subite, imprévue, violente, cruelle, ou lente et douloureuse. Ainsi les formules souhaitant tout simplement la mort à quelqu'un sont rares, — à part la formule ; *Que le mate el Tato!* Caballero p. 948, je n'en trouve qu'en portugais :

— Barroso (Trás-os-Montes) *Morte te leve!* Rev. Lus. XIX p. 132⁽⁶¹⁾.

A côté de cette malédiction existent deux formules dues aux scrupules dont nous avons parlé précédemment, à savoir :

Morte te nunca leve! et *Morte te deixe!* *ibid.*

La même idée est exprimée dans la formule suivante, employée également à Barroso et à Vila Real (Trás-os-Montes) :

— *Acabado sejaes vós!* *ibid.* et Rev. Lus. X (1908) p. 237.

La moindre des choses que l'on souhaite à quelqu'un est la « male mort» :

— «Ma morte a mate!» cité par Mlle. Braue, p. 33, dans une pièce de F. Lage et J. Corrêa⁽⁶²⁾.

La formule espagnole correspondante est ; *Mal fin tenga (etc.)!* ; elle est très ancienne et se trouve dans la *Celestina* sous la forme de ; *Mal fin aya!* :

— «Elicia. — [...] ; O Calisto y Melibea, causadores de tantas muertes ! ; Mal fin ayan vuestros amores, en mal sabor se conviertan vuestros dulces plazeres!» *Celestina* (XV) II p. 149, 13-15.

Voici quelques exemples modernes :

- «Anda bête de mi bera ; / Mar fin tengas, condenao ; / [...]» *Cantos* II p. 236 n.º 2.201, p. 272 n.º 4.647 ;
- «Don Faustino. — [...] ; Mal fin tenga Sarmiento!» Quintero V p. 61 ;
- Melitón, qui a laissé passer l'occasion d'épouser Acacia, dit de lui-même : « ; Mal fin tengan los torpes!» Quintero XXV p. 145 ;
- Gloria, qui avait abandonné son *novio* Fernando, revient à lui et dit de son sort : « ; mar fin tenga mi sino!» *op. cit.* XX p. 291.

Une expression semblable dans une *quadra* de l'Alentejo :

(61) Cette formule pourrait être un «adoucissement» de *O diabo te leve!*

(62) Cf. la qualification courante de *mala muerte*, de *má morte*, Academia 14, p. 699a ; Cândido de Figueiredo, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Quarta edição corrigida e copiosamente ampliada, Lisboa s. a., II p. 212a.

— «Ingrato, permitta Deus,
Que tão mal dizes de mim,
Meus olhos cheguem a ver-te
Morreres de bem mau fim!»

Thomaz Pires III p. 269 n.º 6.590.

On arrive, surtout en Andalousie, à en juger sur nos exemples, à assimiler la formule *mal fin tenga (etc.)!* à un simple *maldito sea (etc.)!*, comme le fait remarquer Rodríguez Marín, *Alma de And.* p. 227 note 6, en commentant la *copla* andalouse n.º 751 qui se termine sur la malédiction suivante :

— «¡mar fin tengan los colostros / que de tu madre mamastes!» ;

nous parlerons plus tard de cette malédiction curieuse.

Mais quelle peut être cette «male mort», cette «mauvaise fin» que l'on souhaite à autrui? L'imagination populaire n'est pas embarrassée pour nous les dépeindre; la variation de ce motif a produit une richesse surprenante de formules, les unes courantes et figées, les autres plutôt individuelles: mort causée par une force de la nature, par la maladie, mort violente de la main de l'homme, etc. Les fléaux et les plaies appelés sur la tête du maudit sont souvent encore qualifiés de «mauvais» pour bien insister sur leur caractère malfaisant ⁽⁶³⁾.

Il y a d'abord la foudre — dénommée par différents termes — que l'on désire voir tomber sur quelqu'un et le «couper en deux» dans la plupart des cas. La formule courante en espagnol est *¡(Así, Que) te (etc.) parta un rayo!* Caballero p. 148b, p. 948b, p. 953a; Braue p. 33. En portugais la même formule s'emploie au singulier et, le plus souvent, au pluriel: *Raio te (etc.) parta!* et *Raios te (etc.) partam!* Moraes II p. 648c ⁽⁶⁴⁾. En espagnol, plus rarement en portugais, le *rayo* est volontiers qualifié de *mal*: *¡Mal rayo te parta!* Caballero p. 757a; Beinhauer *SpU* p. 20. Voici quelques exemples :

- «Campiolo. — ¡Mal rayo lo parta! [...]» Quintero IV p. 242 ;
- «Juliana [à son mari]. — [...]Estás viendo que me insurtan, y no me defiendes... Asín te parta un rayo!...» *op. cit.* III p. 245 ; de même *op. cit.* IV p. 219 ;
- «Leopoldo. — ¡Mal rayo me parta! [...]» *op. cit.* III p. 163 ;

avec le verbe au plus-que-parfait :

(63) Cf. Beinhauer *SpU* p. 20.

(64) «praga muito usada pela gente sem educação, mas que na maioria dos casos é apenas um desabafo do indivíduo zangado, indignado às vezes passageiramente por qualquer motivo contra alguém.» Moraes II p. 648c.

- « ¡ Amalaya los hubiera partido un rayo ! » ⁽⁶⁵⁾ *El Fogón* (Montevideo, 15 mars 1900) p. 788a ;

dans une construction du type *qué... ni qué...* ⁽⁶⁶⁾ :

- Sanjurjo et Don Nemesio essaient d'expliquer au catalan Puig l'erreur dont ils ont été victimes et de le persuader de leur bonne intention :
« — Ya comprenderá usted que nuestra intención...
— ¡ Qué intención ni que Cristo, ni qué mal rayo que los parta !
profirió Puig, llevándose las manos a la cabeza. [...] » *Hermana S. Sulpicio* p. 14.

En portugais :

- « Raios te (o, a, os) partam ! » *Estrada* p. 123 ⁽⁶⁷⁾ ; *Terras* p. 125 ;
Conde B. p. 35b, p. 30b ⁽⁶⁸⁾ ; *Severa* p. 14, p. 78 ⁽⁶⁹⁾ ; Barroso (Trás-os-Montes) *Rev. Lus.* XIX p. 133 ; Turquel (Extremadura) *Rev. Lus.* XXVIII (1930) p. 154 ; Alentejo Thomaz Pires I p. 146 n.º 852 ;
— « Raio te parta para titereteiro ! » *Terras* p. 47 ⁽⁷⁰⁾ ;
— « Raios a partam para feiteira ! — roncou êle — [...] » *Terras* p. 280, p. 109 ⁽⁷¹⁾ ;
— « Raios o partam para o excomungado que vem desinquietar homem quêdo ! Quem é você ? » *Estrada* p. 90 ⁽⁷²⁾ ;
— « Zé Maria. — [...] Raios partam a política e mais a nobreza, [...] »
Conde B. p. 44b ;

et même :

- « Raios partam a minha vida, não me fazer meu pai fidalgo ! Se mil diabos me levassem mai-la cadeia da sorte ! » *Estrada* p. 159 ;

semblable à la formule espagnole :

- Turquel (Extremadura) *Má' raios te partam !* *Rev. Lus.* XXVIII p. 154.

La même formule se trouve avec le pluriel contracté populaire *rais* :

- « Rais te parta, mulher !... » *Tá mar* p. 73 ⁽⁷³⁾ ;

⁽⁶⁵⁾ V. note 82.

⁽⁶⁶⁾ Sur cette construction v. Braue p. 14/15 ; Beinhauer *SpU* p. 124 ss.

⁽⁶⁷⁾ Aquilino Ribeiro, *Estrada de Santiago*, Contos, Paris — Lisboa 1922.

⁽⁶⁸⁾ Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, *O Conde Barão*, Comédia em três actos, Lisboa 1924.

⁽⁶⁹⁾ Julio Dantas, *A Severa*, Peça em quatro actos, Lisboa 5 s. a.

⁽⁷⁰⁾ *Para* indique, dans ces malédictions, la raison pour laquelle cette malchance est souhaitée à quelqu'un. Probablement il faut entendre de même le *para* dans l'ancienne formule espagnole *Váyase el diablo para ruin, para mal, para puto, Celestina* (VIII) II p. 16, 13-14 et note ; Correas p. 500a ; Academia 14 p. 366c.

⁽⁷¹⁾ Alfredo Cortez, *Tá Mar*, Peça em três actos, Lisboa 1936.

- «*Rais parta o govêrno mai-los governados, rais parta tanto tributo [...]*» *Estrada* p. 183 ;
- Barroso (Trás-os-Montes) *Rais te parta!* *Rev. Lus.* XIX p. 133 ;
- «*Pois rais m'a mim partem mil vezes, [...]*» *Tá mar* p. 78.

Comme le montrent ces exemples, on n'a plus conscience, dans la plupart des cas, de ce que *rais* est un pluriel : le verbe reste au singulier, phénomène que nous observerons également — peut-être par analogie avec *rais* + verbe au singulier — dans les formules ayant *raças* ou *diabos* comme sujets.

Voici encore deux formules un peu plus complexes :

- «*Um raio venha que o parta!*» *Amores* ⁽⁷²⁾ p. 309 ;
- Barroso (Trás-os-Montes), Turquel (Extremadura) *Vai p'r'ó raio(s) que te parta(m).* *Rev. Lus.* XIX p. 133, XXVIII p. 154.

A la place de *Raios te (etc.) partam!* on emploie souvent des formules euphémiques :

«*A praga raios te partam é também freqüentemente atenuada: substitui-se por raças te partam, ou acrescenta-se-lhe um complemento desfalcante: raios te partam — nunca!, — não vão as palavras malevolentes incidir ou fulminar.*» João da Silva Correia *loc. cit.*

Cette substitution, très répandue, de *raça* à *raio* s'explique par la concurrence du son et du sens, qui ont en effet beaucoup de ressemblances (*raça* «rayon de soleil, de lumière») :

- Barroso, Vila Real (Trás-os-Montes) *Raça(s) te parta, coma!* *Rev. Lus.* XIX p. 133, X p. 237.

Au lieu du verbe *partir* «couper en deux», notre formule, particulièrement vivante en portugais, contient quelquefois d'autres verbes moins violents que *partir* : ainsi surtout le verbe *pelar* (très employé dans les malédictions non seulement en portugais mais aussi en espagnol et en catalan), p. e. :

- «*Raios te pelem, cachorro!*» *Terras* p. 162 ;
- «*E o ladrão do Bispo sem esperar? Raios o pelissem!*» *op. cit.* p. 93 v. p. 228.

Voici un exemple intéressant de malédiction «corrigée» par une telle limitation du malheur souhaité qu'il n'y a plus, en effet, bien grand mal :

(72) Trindade Coelho, *Os meus amores, Contos e balladas*, Paris — Lisboa 61928.

- Barroso (Trás-os-Montes) *Raça te pele a lâ dos olhos! Que tal é!* Rev. Lus. XIX p. 133.

La même formule employée avec un verbe très général :

- «Oh, mil raios a confundam!» *Terras* p. 121.

Souvent, dans les malédictions, les verbes s'interchangent par attraction analogique, même lorsque leur sens primitif, au fond, n'admet pas cet échange. Ainsi, p. e., *comer* courant dans des formules comme *Terçã te coma! Lobos te comam!* etc., entre aussi dans notre type, de même que, inversement, on arrive à dire *Terçã te parta!* Voici un exemple de notre type avec le verbe *comer* :

- Barroso, Vila Real (Trás-os-Montes) *Raças te coma!* Rev. Lus. XIX p. 133, X p. 237.

Je pense que le *fogo do céu* que Rosa invoque signifie la foudre :

- «Rosa conjurava o fogo do céu a abrasar as casas e as searas daquela malvada sua gente, [...]» *Terras* p. 39.

Il en sera de même du *fuego de Dios* dans la *copla* suivante :

- «Por ser tú tan mirado
Quieren casarme.
¡Fuego de Dios en hombre
Que es tan cobarde!»

Cantos III p. 152 n.º 4.220.

Il me semble qu'on peut citer ici les formules portugaises contenant *fogueira* au lieu de *raio* :

- «[...] ; olhe, passou há nadinha a *Ferrusca* do tio Zé Narciso com um grande francanaz de pão nos dentes.
— Fogueira a parta!» *Terras* p. 41 ;

avec *comer* au lieu de *partir* :

- «Logo à entrada da porta, Florinda tropeçou com a mãe, sentada no mocho de dobrar.
— ¡Fogueira a coma, vomecê empeceu-me o homem! [...]» *op. cit.* p. 117.

Dans la Montaña on emploie *centella* au sens de *rayo* :

- « ¡Cascajo! mala centella los parta en dos por los riñones.» *Peñas* p. 180 (73) ;

(73) J. M. de Pereda, *Peñas arriba*, dans *Obras completas* XV, Madrid 81924.

- « ¡ Mala cientella de Dios li espiaci si aquí él vuelve asomar el morro !... »
 (Orillas del Miera) Alcalde del Río 2 p. 72 ;
 — « ¡ Pos centellas que le partan ! » Alcalde del Río p. 55 ⁽⁷⁴⁾ ⁽⁷⁵⁾.

Un autre phénomène de la nature auquel, dans les malédictions, on fait appel pour tuer quelqu'un, est le vent ; ainsi on dit dans la Montaña :

- « ¡ Mal vendaval te sople ! » cité dans Pereda par Mlle. Braue p. 33.

A Barroso (Trás-os-Montes) le vent sert de terme de comparaison pour exprimer la mort rapide que l'on souhaite à quelqu'un :

- *Consumido sejas tu como o vento !* Rev. Lus. XIX p. 132.

Je mentionne ici un type de malédictions dont l'idée est très voisine de celle de la mort subite occasionnée par la foudre, à savoir des formules dans lesquelles on souhaite qu'une pierre ou une balle tombe du ciel pour tuer sur le champ la personne détestée. Les deux exemples, relevés sous forme de *copla*, sont andalous :

- « Der sielo caiga una piedra
 Que pese dos mir quintales
 Y le rompa la cabeza
 A quien quiebra voluntares. »
 Cantos III p. 268 n.º 4.716. Il a ici analogie entre le méfait (*quien quiebra voluntares*) et le châtiment (*le rompa la cabeza*).
 — « Der sielo caiga una bala,
 Parta á mi suegra por medio,
 Porque me da mala fama. »
ibid. p. 266 n.º 4.607 ; Demófilo p. 18 n.º 95.

Cette mort subite et rapide peut aussi être causée par la violence, par la main de l'homme au service du destin, du hasard : par un coup de poignard ou un coup de feu dont l'auteur reste mystérieusement anonyme sous la troisième personne du pluriel du verbe : *¡ Mala puñalada te (etc.) den !* et *¡ Mal tiro te (etc.) den !*, deux malédictions typiquement espagnoles ⁽⁷⁶⁾ :

- Tomas qui a osé offrir *sesenta reales* à Pitindo et Verbena pour leur participation en tant qu'artistes à une *verbena*, s'entend lancer les malédictions suivantes :

⁽⁷⁴⁾ H. Alcalde del Río, *Escenas cántabras*, Apuntes del natural, Torrelavega 1914.

⁽⁷⁵⁾ Pour la construction (rejet du *que*) v. Braue p. 38.

⁽⁷⁶⁾ Cf. Beinhauer *SpU* p. 20.

- «Pitindo. — ; Mardito sea su padre de este tio! [(17)]
 Tomas. — Oye, tú... ¿Qué m'has dicho?
 Verbena. — Mala puñalá te den, sinlaché, guasón...» *Niño* p. 36;
 — «Te den una puñalá; / [...] *Cantos* III p. 273 n.º 4.652; Demófilo p. 61 n.º 320, 322;
 — «Mala puñalá le den / A la mujé mardesia / [...]» *Cantos* III p. 274 n.º 4.660, 4.661;
 — «[...] / Si no es berdá lo que digo, / Mala puñalá me den». *Cantos* II p. 276 n.º 2.443, p. 317 n.º 2.707; la même construction Demófilo p. 133 n.º 142;

avec le verbe plus populaire de *pegar* au lieu de *dar* :

- «Mala puñalá te peguen; / [...]» *Cantos* III p. 273 n.º 4.656; Demófilo p. 36 n.º 185.

Voici une mort bien plus cruelle encore, puisqu'un seul coup de poignard ne suffit pas pour assouvir la haine de celui qui parle :

- «A puñaláitas muera / Er que m'enseñó á queré; / [...]» *Cantos* III p. 274 n.º 4.662.

Correas enregistre l'emploi de notre malédiction comme «fórmula aseverativa» (v. p. 219) : *A malas puñaladas yo muera si tal hiciere* (p. 41b) ; il donne aussi la formule suivante qui est à malédiction double : frappant, éventuellement, la personne qui parle et son partenaire : *A malas puñaladas mueras, y a traición yo muera si no soy de Córdoba* (p. 42a).

Très souvent, celui qui lance notre malédiction indique encore l'endroit où la victime doit être frappée :

- «Gitana. — ; Ea, pos mala puñalá te den en la barriga!... [...]» *Quintero* IV p. 47;
 — «[...] / ; Mala puñalá te peguen / Que te partan los reños!» Demófilo p. 142 n.º 2;
 — «Mala puñalá te peguen / Que te parta er corasón; / [...]» *Cantos* III p. 273 n.º 4.654 et 4.655.

Dans l'exemple suivant la malédiction se trouve intégrée syntaxiquement dans la phrase :

- «Amadeo. — ; Ah! ¿Pero es hombre de mal talante?
 Descalzo. — De mal talante, de mal talante y de mala puñalá le den donde yo diga», cité par M. Beinhauer, *SpS* p. 98, dans une pièce de P. Muñoz Seca et P. Pérez Fernández. La malédiction est ici syntaxiquement rattachée à *hombre* tout comme un substantif indiquant une qualification (*de mal talante*).

(17) Sur les malédictiones de ce genre, v. plus loin, p. 268.

L'effet mortel du coup de poignard que l'on souhaite à la personne maudite peut être indiqué expressément, et tout simplement, par *que mueras (etc.)*, comme c'est le cas dans la *copla* andalouse suivante :

— «Mala comía comes ;
mar bino bebas ;
mala puñalaíta
te den, que mueras.»

Alma de And. p. 230 n.º 767.

Mais cet effet mortel, tant souhaité, peut être dépeint aussi d'une façon bien plus cruelle, comme le font les deux *coplas* andalouses suivantes :

— «Mala puñalá te den,
que las blancas y las negras [(78)]
te se caigan a los pies.»

Alma de And. p. 230 n.º 768 ;

— «Te den una puñalá,
que la manita a la boca
ne te la pueas yebá.»

ibid. n.º 768.

On peut dire la même chose d'une façon plus indirecte, plus imagée :

— «Te den una puñalá
Qu'er Padre Santo de Roma
No te la puea curá !»

Cantos III p. 273 n.º 4.653 ; *Alma de And.* p. 229 n.º 763 ;

Demófilo p. 64 n.º 338 (79).

— «Mala puñalá te peguen / Que te den los Sacramentos, / [...]» *Demófilo* p. 90 n.º 38.

Ce coup de poignard dont doit mourir la victime de la malédiction lui est souhaité quelquefois dans des conditions particulièrement insidieuses, de sorte que le caractère imprévu et subit de la mort ressort encore davantage ; les exemples qui suivent sont tous pris dans des *coplas* andalouses :

(78) «Refiérese a las que llaman *asaduras blanca y negra* : los bofes y el hígado.» Rodríguez Marín *Alma de And.* p. 230 note 14.

(79) Sur cette phrase *Qu'er Padre Santo de Roma no te la puea curá v.* *Cantos III* p. 281 note 21.

- «Te fistes y me dejastes ;
Mala puñalâ te peguen
Ar regorbé d'una caye.»
Cantos III p. 274 n.º 4.657 ; *Alma de And.* p. 229 n.º 764 et note 12 ; Demófilo p. 42 n.º 215 ;
- «Al regorbé e una esquina / Te den una puñalâ / [...]» Demófilo p. 8 n.º 33 ;
- «Al arregorbé,
tantas plumas tiene un gayo,
tantas puñalás te den.»
Alma de And. p. 230 n.º 766.

Cette mort violente trouvée *al revolver de una esquina* ou *de una calle* est un motif qui se retrouve dans plusieurs *coplas* andalouses⁽⁸⁰⁾.

Et maintenant le coup de feu :

- «Don Amadeo. — (¡ Mal tiro le den !) [...]» Quintero I p. 32 ;
- «Don Amadeo. — [...] ¡ Qué endemoniado verano ! Si seguimos así mucho tiempo, concluiremos por derretirnos como la manteca. ¡ Mal tiro le den a la manteca ! » *ibid.* p. 27/28 ;
- «[...] / ¡ Anda, mal tiro te den ! » *Cantos* III p. 275 n.º 4.668 ;
- «Anda y que te den un tiro ; / [...]» *ibid.* n.ºs 4.665 et 4.666 ; Demófilo, p. 3/4, cite six *coplas* commençant par cette malédiction.

Au lieu de *dar* on rencontre souvent le verbe plus populaire de *pegar* :

- «[...] / Anda, mar tiro te peguen ; / [...]» *Cantos* III p. 275 n.º 4.667 ; Demófilo p. 57 n.º 300.

L'effet mortel de ce coup de feu peut être explicitement indiqué :

- «Mar tiro le dén que muera / [...]» *Cantos* III p. 268 n.º 4.614 ;
- «[...] / Mar tiro le den de muerte / Ar que la curpa ha tenío.» *op. cit.* p. 274 n.º 4.663.

De même que pour le coup de poignard, on peut également pour le coup de feu préciser l'endroit où il doit frapper :

- «Anda y que te den un tiro / Que los reaños te partan, / [...]» *op. cit.* p. 275 n.º 4.664 ; Demófilo p. 4 n.º 16.

La vieille Catalina préfère préciser même la cartouche à charger pour le coup de feu qu'elle souhaite à Don Moisés :

(80) P.e. : «Al regorbé e una esquina / Mataron á Curro er Chato / Por causa e la Violina.» Demófilo p. 8 n.º 31, v. aussi *ibid.* note 1. Cf. la remarque de Rodríguez Marín à ce sujet que nous avons citée ici note 30.

— «Catalina. — [...] — ; mala perdigoná le den donde yo diga! — [...]»
Quintero II p. 260 (v. p. 222).

La même Catalina voudrait voir mourir Don Moisés d'un coup de poignard et d'une balle à la fois :

— «Catalina. — [...]... He visto ar padre... ; mala puñalada le den! ...
; mar tiro le peguen!... [...]» *ibid.* p. 311.

Dans la *copla* andalouse suivante cette mort sanglante est cruellement dépeinte :

— «Anda mar tiro te peguen
Que te regüerba en tu sangre,
Que mas querio bendé
Come si yo fuera carne.»

Demófilo p. 83 n.º 8.

Cette malédiction rappelle l'ancienne formule *Debolcar te vea yo en tu sangre*, donnée par Covarrubias p. 226a s. v. *bolcar* ⁽⁸¹⁾.

On souhaite une mort subite et imprévue à quelqu'un pour le voir privé rapidement du bien de la vie et pour être débarrassé de lui le plus tôt possible. Cette idée ressort clairement dans la formule suivante : «; Que la parta a usted un rayo cuanto antes!» (Quintero II p. 193) ⁽⁸²⁾. Mais, quelquefois, il peut encore y avoir une autre pensée derrière ce souhait d'une mort subite et imprévue : c'est que l'homme frappé à mort subitement n'a plus le temps de se mettre en règle avec le ciel — temps qui lui est expressément laissé dans la malédiction citée p. 242 (dernier exemple) — de sorte que, en souhaitant cette mort imprévue à quelqu'un, on lui fait enlever non seulement cette vie d'ici bas, mais on le prive encore du repos et de la gloire éternels, si, comme celui qui jette la malédiction le suppose en tel cas, la personne maudite ne se trouve pas dans l'état de grâce. Cette arrière-pensée se trouve exprimée dans la *copla* andalouse suivante :

⁽⁸¹⁾ Sebastián de Covarrubias, *Tesoro de la Lengua castellana o española*, Según la impresión de 1611, con las adiciones de Benito Remigio Noydens publicadas en la de 1674, Edición preparada por Martín de Riquer [...], Barcelona 1943. Cf. la *copla* n.º 770 dans *Alma de And.* p. 230 et note 14 où Rodríguez Marín rappelle l'ancienne malédiction donnée par Covarrubias.

⁽⁸²⁾ Jusqu'à un certain point on pourrait voir cette idée également à la base des malédictiones ayant le verbe au plus-que-parfait du subjonctif.

- «Al regorbé e una esquina
Te den una puñalá
Que ni er Santólio resibas.»
«Qu'er Santolio no resibas.»

Cantos III p. 274 n.^{os} 4.658, 4.659; *Alma de And.* p. 229 n.^o 765.

Après ces formules toutes faites et courantes par lesquelles on souhaite une mort subite et imprévue à la personne qu'on maudit, voici encore quelques malédictions plus individuelles pour la vouer à une mort moins imprévue et subite, peut-être, mais non moins violente.

Mentionnons d'abord une ancienne malédiction espagnole, très semblable à la formule que l'on vient d'étudier, à savoir : *¡A malas lanzadas mueras!* que Correas nous donne (p. 41b) en indiquant aussi son emploi comme «fórmula aseverativa» (v. ici p. 219) : *A malas lanzadas yo muera si tal hiciera.*

Rappelons aussi, à cet endroit, la formule étudiée p. 223, à savoir «*¡sangrá se vea ella!*».

Et voici un choix de différentes malédictions :

- «De la muraya más arta
Se caiga quien mar me quiera ;
Si es hombre, que se rebiente ;
Si es mujer, rabiando muera.»

Cantos III p. 268 n.^o 4.617 ;

- (Montaña. Orillas del Miera) « ¡ Malus dimoños dil infierno qui ti lleven !
¡ Así ti estorreguis por un piñon abajo ! [...] » *Alcalde del Rio* 2 p. 235.
— Montaña (Orillas del Besaya) « Toma los dos cuartos... y premita Dios se te conviertan en ciurana, pa que te revientes con ella. » *Alcalde* p. 56.
— « Melíbea. — [...] ¡ Quemada seas, alcahueta falsa, hechizera, enemiga de onestad, causadora de secretos yerros ! [...] » *Celestina* (IV) I p. 178 ;
— « Maria. — Queimada sejas tu mais a invenção. » *Braz* p. 40 ;
— « Éles [sc. les tsiganes éconduits], então, erguiam a voz a amaldiçoar :
— Oxalá que te vejas a casa queimada ! E que ardas dentro para castigo da soberba. Oxalá, para saberes o que é andar pelo mundo ! [comme les tsiganes sans gîte] » *Terras* p. 3 ;
— Barroso (Trás-os-Montes) *Eu arda, s'eu sei !* *Rev. Lus.* XIX p. 138.
— Barroso *Engaranhado* ⁽⁸³⁾ sejas tu ! *ibid.* p. 132.
— Même le vieux conte ne méprise pas une bonne malédiction : « ¡ Mala exhalación que le pulverice ! [...] » *Niño* p. 52 ⁽⁸⁴⁾.

(83) 'Encolhido com o frio' *Rev. Lus.* XX (1917) p. 159a.

(84) Pour la construction v. note 75.

Une mort bien extraordinaire est celle souhaitée dans la malédiction (andalouse) suivante :

— «Sombra de jiguera negra / Te caiga en er corason ; / [...]» *Cantos* III p. 266 n.º 4.603 ; *Alma de And.* p. 227 n.º 750.

En effet, l'ombre du figuier, surtout de celui appelé *higuera negra* (à cause de la couleur de ses fruits), est dangereuse à l'homme ⁽⁸⁵⁾ par ses exhalaisons nocives, comme nous explique Rodríguez Marín *op. cit.* p. 345 *note* 23 ⁽⁸⁶⁾ .

Un spectacle macabre est évoqué dans les deux *quadras* portugaises suivantes, recueillies dans l'Alentejo :

— «Deus permitta, meu amor,
Que inda hoje te vá ver,
Com o corpo feito em quartos,
Pelas ruas a vender.»
Thomaz Pires III p. 268 n.º 6.585 ; *Trovas* p. 99 ⁽⁸⁷⁾ ;

— «Ingrato, permitta o céu
Que meus olhos chegu'a ver
O teu corpo, feito em postas,
Aos arrateis a vender.»
Thomaz Pires III p. 268 n.º 6.586.

Le procédé le plus radical pour faire disparaître la personne qu'on n'aime pas est, en effet, que la terre l'engloutisse, comme il est souhaité dans la *copla* andalouse suivante :

— «Aquer que tiene la culpa / [...] / Han de permitir los sielos / Que se lo trague la tierra.» *Cantos* III p. 268 n.º 4.615.

⁽⁸⁵⁾ Cf. «Anda bête de mi bera ; / Que tienes tú para mí / Sombra de jiguera negra.» *Cantos* III p. 298 n.º 4.760 ; et «La sombra de la jiguera / Es mala para dormir ; / [...]» *op. cit.* p. 345 *note* 23. Cf. aussi l'expression *Como la sombra del manzanillo* «Se dice, familiar y metafóricamente, de la persona ó cosa que es fatalmente funesta y perniciosa.» Caballero p. 341b, p. 720a.

⁽⁸⁶⁾ «Que se llame mala á la sombra de la higuera procede, nó de que lo claro de su ramaje hace que la sombra no sea espesa ; sino de que este árbol — especialmente, segun dicen, el que produce el fruto negro — como el enebro, el guao y otras plantas, tiene la propiedad, fisiológica de exhalar gases nocivos á la economia animal, no sólo de noche y en pequena cantidad, como todos los vegetales, mas con abundancia y tambien durante el dia. Asimismo, de las personas se dice que tienen *buena* ó *mala sombra*, segun que son graciosas y alegres, ó antipáticas y desabridas, como dando á entender que es agradable ó desagradable estar á su lado. [...]» *Cantos* III p. 345 *note* 23 ; cf. aussi *Alma de And.* p. 227 *note* 5.

⁽⁸⁷⁾ *Trovas do povo*, Colligidas por João do Minho, [...], Porto 1917.

Il n'est pas rare que l'on souhaite que quelqu'un tombe entre les mains de ses ennemis ou de la justice et du bourreau. Ce motif est déjà ancien :

- «Elicia. — ¡ Ay ! ¡ Maldito seas, traydor ! Postema é landre te mate é à manos de tus enemigos mueras é por crimines dignos de cruel muerte en poder de rigurosa justicia te veas. ¡ Ay, ay ! » *Celestina* (I) I p. 61 ;
— «Elicia. — ¡ O crueles enemigos ! ¡ En mal poder os veays ! [...] » *Celestina* (XII) II p. 111, 9-10, malédiction qu'Elicia lance aux meurtriers de la Celestina.

Nous retrouvons ce motif, à l'époque moderne, parmi les malédictions que prononce la vieille tsigane Micaela :

- «Micaela. — [...] ¡ En manos e la Justicia te veas... y te toque un fiscá ponderativo !... [...] » Quintero VII p. 184.

La mort des mains du bourreau, par pendaison, est discrètement souhaitée dans la malédiction suivante, recueillie dans deux *coplas* andalouses :

- «Tu cuerpo tenga mar fin ;
Los cordeles er berdugo
Te sirban e corbatin.»
Demófilo p. 57 n.º 301 ;

ou bien :

- «Tu cuerpo tenga mar fin ;
Los carsones der berdugo
Te sirban de corbatin.»
Cantos III p. 273 n.º 4.649 ; *Alma de And.* p. 231 n.º 774 ^(87a).

Mais la haine et la colère font encore imaginer des morts plus cruelles, plus lentes, plus douloureuses : déchiré par les loups, piqué des vipères, mangé par la vermine, rongé par la maladie.

Voici d'abord les animaux dangereux qui doivent mettre à mort la personne que l'on maudit :

Les Loups :

- «María Jesús. — ¡ Malos lobos te coman ! [...] » Quintero III p. 246 ;
— «(Montaña) « ¡ Malos lobos la coman en dá qué calleja y mala centella de Dios la parta... ¡ so lambiuzá ! » Alcalde del Río p. 51 ; p. 89 ;

(87a) Rodríguez Marín, *Cantos* III p. 281 note 20, explique : «Esto es : *Ahorcado te veas* ; porque era costumbre, antes que el garrote sustituyera á la horca, que el verdugo montara á horcajadas sobre los hombros del reo, para abreviar su agonía.»

- (Montaña, Orillas del Miera) «¿ A la justicia decisme ? ; Esa qui la coma un lobu ! [...]» Id. 2 p. 243 ^(87b) ;
- « ; Lóbos o comam, tio Rôla, muito escasso saíu ! » Terras p. 181 ;
- « Ora ! Um lobo que a trinque ou um raio que lhe incendeie a cama de noite ! [...] » Braz p. 58 ^(87b) ;
- Turquel (Extremadura) *Lobos te comam !* Rev. Lus. XXVIII p. 154 ; v. d'autres exemples p. 219 et p. 225.

Les chiens :

- « Ma cainça que te coma, / Mao quebranto te quebrante / E mao lobo que t'espante. » *Farelos* p. 20 ⁽⁸⁸⁾ ;
- « Cem cães o comam para chavelhudo ! » *Estrada* p. 115 ⁽⁸⁹⁾ ;
- « ; Anda, fullero de amor, *indinote*, maldecido seas ; *malos chuqueles te tagelen el drupo*, que has puesto enferma a la niña y con tus retrechierías la estás matando ! » *Pepita Jiménez* p. 112, 7-1.

Et voici des oiseaux, des serpents et le diable de concert :

- « Cuerbos te saquen los ojos,
Y águilas er corason,
Y serpientes las entrañas,
Por tu mala condision. »
Cantos III p. 271 n.º 4.640 et p. 281 note 16 ; *Alma de And.* p. 231 n.º 773 ;
- (une *quadra* de l'Alentejo :)
« Um corvo te tire os olhos,
Ma cegonha o coração,
O diabo das unhas grandes,
Que te leve em procissão. »
Thomaz Pires I p. 142 n.º 824 ⁽⁹⁰⁾.

Le renard :

- Villa Real (Trás-os-Montes) *Mã raposa te alimpe !* Rev. Lus. X p. 237.

Les rats :

- ; *Que le pinchen ratas ! ; Que le entren ratas !* Caballero p. 948 b.

La vipère :

^(87b) Pour la construction voir note 75.

⁽⁸⁸⁾ *Faça de «Quem tem farelos»* dans *Obras de Gil Vicente*, Correctas e emendadas pelo cuidado e diligência de J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro, Tomo terceiro, Hamburgo 1834. — Pour la construction v. p. 20 note 2.

⁽⁸⁹⁾ Pour la construction v. note 75.

⁽⁹⁰⁾ Pour la construction v. note 75.

- «Gitana. — ¡Dañina víbora te pique!... [...]» Quintero IV p. 48;
— «¡ No saliera d'aquer monte / Una sierpe y te tragara ! / [...]» Cantos
III p. 271/72 n.º 4.641 ⁽⁹¹⁾.

La vermine :

- ¡ *Malas pulgas te coman!* n'est pas rare comme malédiction ; voici encore une autre formule dans laquelle on en appelle aux puces :
— « ¡ Allá irás, mentecato, trovador de Judas, que pulgas te coman los ojos [...] » *Fregona* p. 280 ⁽⁹²⁾ ;
— *Pulgas y chinches te saquen los ojos, y otras avichuelas que se llaman piojos*, nous donne Correas p. 413a ;
— pour les puces voir aussi les exemples cités p. 220 et p. 223 ; quant à la formule employée par Sancho que nous citons déjà p. 220, cp. *Ni más fea, ni peor tocada, así se te vuelvan las pulgas en la cama*, enregistré par Correas p. 337b ;

voici une expression très humoristique :

- «Brisco. — Plega al martyr santanton
que piojos y ratones
te pongan en tentacion.»
Triunfo p. 11, 261-263.

Nombreuses sont les maladies douloureuses, répugnantes, lentes et mortelles auxquelles on voudrait voir succomber celui qu'on maudit.

Voici d'abord deux malédictions (andalouses) souhaitant, d'une manière générale, une mauvaise santé :

- « [...] / Hora de salú no tengas / Mientras bibas en er mundo ! »
Cantos III p. 271 n.º 4.634 ; *Alma de And.* p. 228 n.º 759 ; Demófilo p. 83 n.º 7 ;
— « María Jesús. — [...] ; Te farte la salú mientras vivas ! [...] » Quintero III p. 246.

C'est surtout la « peste » que l'on souhaite à autrui dans ce genre de malédictions. En espagnol, depuis le moyen âge, c'est la « peste bubonique », la *landre* ⁽⁹³⁾, qui joue un rôle prépondérant dans les malédictions :

⁽⁹¹⁾ L'idée de la non-réalisation, bien regrettée, du souhait (¡ *Saliera una sierpe y te tragara!*), c'est-à-dire la conscience de la réalité (*No sale la sierpe, no ha salido la sierpe...*) perce dans la malédiction et y introduit la négation. D'après Rodríguez Marín cette manière de s'exprimer serait très courante, cf. *Cantos* III p. 281 note 17 ; *Alma de And.* p. 226 note 2.

⁽⁹²⁾ M. de Cervantes Saavedra, *La ilustre Fregona*, dans *Novelas ejemplares*, Ed. de la R. Academia Hispano-Americana de Cádiz, Cádiz 1916.

⁽⁹³⁾ Academia 14 p. 605a ; Covarrubias p. 751b.

- «Celestina. — ; Mala landre te mate!» *Celestina* (I) I p. 99,5 ;
- «Alisa. — ; Hy! ; hy! ; hy! Mala landre te mate, si de risa puedo estar, viendo [...]» *op. cit.* (IV) I p. 161, 12-13 ;
- «Areusa. — ; Ya! ; ya! Mala landre me mate, si te entendía. [...]» *Celestina* (VII) I p. 252,5/6 ; de même (VII) I p. 257, 1 ; (XII) II p. 103, 1/2 ; (XIX) II p. 196, 10/11.
- On disait aussi ; *Mala landre te dé!*, *op. cit.* I p. 96 note, où il faut probablement sous-entendre *Dios*.
- Cejador, II p. 710b, cite «Que mala landre te acabe». dans *Pedro de Urdemalas*.
- Correas nous donne, p. 606a, ; *Mala landre te mate, te coma!* ⁽⁹⁴⁾.
- Caballero, p. 756a, note pour l'espagnol moderne : ; *Mala landra te coma!* C'est dans cette formule seulement, d'ailleurs, que le mot a gardé son sens de «peste bubonique, levantine».

Voici la *landre* avec une autre maladie du même genre, à savoir *postema* «abcès suppurant» :

- «Elicia. — ; Ay! ; Maldito seas, traydor! Postema é landre te mate [...]» *Celestina* (I) I p. 61, 10/11.

Le terme plus général de *pestilencia* ne manque pas :

- «Sempronio. — ; O mal fuego te abrase! Que tú fablas en daño de todos é yo á ninguno ofendo. ; O! ; Intolerable pestilencia é mortal te consuma, rixoso, embidioso, maldito!» *Celestina* (VI) I p. 207,6 6-9.

Je n'ai pas trouvé d'exemples modernes, en espagnol, de cet emploi de *pestilencia* ou *peste* dans les malédictions ; pourtant en portugais *peste* se trouve dans ces formules :

- «Ma peste te dé!» cité par Mlle. Braue, p. 33, dans une pièce de F. Lage et J. Corrêa d'Oliveira (dans cette malédiction, encore, il faut sous-entendre *Deus*).

Une maladie très populaire sous ce rapport est, en portugais, la fièvre appelée *terçã* ⁽⁹⁵⁾ :

- «Terçã te coma, Duarte, mais à bochada de carneiro que tens!...» *Estrada* p. 123 ;
- «Terção o coma para boca-rot!» *Terras* p. 52 ⁽⁹⁶⁾.

⁽⁹⁴⁾ *Landre que te deje, Landre que se mate* Correas p. 260a, p. 600b, v. ici p. 219. Cf. aussi ; *Válate la landre!* «malición leve», Correas p. 656a, faite sur le modèle ; *Válate Dios!*

⁽⁹⁵⁾ «Diz-se da febre, em que os acessos se repetem, de três em três dias.» Figueiredo II p. 802b.

⁽⁹⁶⁾ V. p. 237, note 70.

De la formule *Raio te parta!*, le verbe *partir* s'introduit aussi dans notre formule (v. p. 237) :

- «Terção te parta, ó Zefa, [...]» *Terras* p. 104 ;
 — «Terça o parta lá longe, que ha de morrer a dar coice!» *Estrada* p. 103.

En espagnol on fait plus rarement appel à cette fièvre ; voici un exemple, indirect, que je relève dans une *copla* andalouse :

- « ¡ Anda con Dios, bien te logres !
 No te deseo mar ninguno...
 Sino unas tersianas dobles.
 [Mientras bibas en el mundo.] »
Cantos III p. 271 n.º 4.634, p. 280 note 13 ; *Cuentos* p. 332.

Certaines maladies de la peau, ou des maladies dont les symptômes se voient sur la peau, figurent volontiers dans les malédictions parce qu'elles démangent et défigurent. En portugais, c'est surtout la *sarna* que l'on souhaite à quelqu'un :

- «Sarna o pelasse, [...]» *Terras* p. 101 ;

ou la *sarna* sous sa forme épidémique :

- Turquel (Extremadura) *Morrinha te mate!* *Rev. Lus.* XXVIII p. 154 ;

ou bien la *sarna* des animaux :

- Villa Real (Trás-os-Montes) *Ronha te alimpe!* *Rev. Lus.* X p. 237.

En espagnol, on donne la préférence à la vérole :

- «Micaela [une vieille tsigane]. — [...] ; Vete ya, cunero !
 ... ; Viruelas te sargan jasta en er blanco de los ojos ! [...]» Quintero VII p. 184.

Voici une malédiction, sous forme de *copla* (andalouse), par laquelle on souhaite à la personne maudite que sa chemise se change en gangrène couvrant le corps tout entier :

- «Te has e morir con la pena
 Que la camisa en er cuerpo
 Te se ha e gorbé cangrena [(97)] »
 Demófilo p. 62 n.º 328 ; v. ici p. 228.

La mort par suite de la «rage» est également un souhait fréquent dans les malédictions ; l'expression est déjà ancienne :

(97) Probablement de *gangrena* x *cancro*.

- «Celestina. — [...] ; Mas rauia mala me mate, si te llego á mi aunque vieja ! [...]» *Celestina* (I) I p. 95, 16/17 ⁽⁹⁸⁾ ;
 — «Grigorio. — [...] / Ves ves rayva te tome, / [...]» *Triunfo* p. 26, 637.

La formule moderne est ; *Mala rabia te acabe !* Caballero p. 756a, Beinhauer *SpU* p. 20.

La superstition populaire portugaise attribue, ou attribua, la faiblesse générale appelée *quebranto* ou *quebrantamento* à l'influence du *mau olhado* ⁽⁹⁹⁾. C'est ce *quebranto* que la mère d'Isabel souhaite à Aires Rosado :

- «Ma cainça que te coma,
 Mao quebranto te quebrante
 E mao lobo que t'espante.»

Farelos p. 20.

Mentionnons ici deux malédictions souhaitant la cécité à quelqu'un :

- « ; Permita Dios que llores fasta quedarte ciego ! » cité par Mlle. Braue, p. 31, dans une pièce de F. Oliver ;
 — Cége seja eu... » *Braz* p. 17 ; cette formule portugaise s'emploie surtout comme « fórmula aseverativa » (v. p. 219) : *Cego seja eu si...*

J'ajoute quelques exemples de malédictions qui souhaitent à la personne maudite la destruction de l'organisme ou d'un organe sans qu'il s'agisse là d'un phénomène pathologique :

- «Las mantecas e tu cuerpo / Te se bean erretías, / [...]» *Cantos* III p. 271 n.º 4.639 ; *Alma de And.* p. 226 n.º 748 ;
 — «Elicia. — ; Ha don maluado ! ¿ Verla quieres ? ; Los ojos se te salten ! [...]» *Celestina* (I) I p. 63, 4-5 ;
 — la même formule dans la bouche de la tsigane diseuse de bonne aventure : «Gitana. — «Ar que bien te desee, bien le deseo ; ar que mar te quiera, los ojos se le salten ; que te lo mereses to por rumboso, [...]» Quintero VIII p. 59 ⁽¹⁰⁰⁾ ;

- et voici la même idée dans une *quadra* de l'Alentejo :

«Vossé diz que caia o Carmo,
 Caia a Trindade também,
 Caiam os olhos da cara
 A quem me não quiser bem.»

Thomas Pires III p. 268 n.º 6.587.

Fréquentes sont les malédictions par lesquelles on souhaite que

⁽⁹⁸⁾ V. p. 226.

⁽⁹⁹⁾ Moraes II p. 636b ; Figueiredo II p. 532a. Les remèdes superstitieux contre le *quebranto* sont nombreux, v. Rev. Lus. XX (1917) p. 278/79 et *passim* dans cette revue.

quelqu'un dépérisse par suite d'une souffrance morale. C'est ainsi que j'entends la malédiction qui revient souvent dans les *coplas* andalouses et qui souhaite que se *caigan las alas der corason* à quelqu'un ⁽¹⁰¹⁾ :

«Thas yebaito e mi cuerpo
La prenda de más baló ;
¡ A peazos te se caigan
Las alas der corason !»

Cantos III p. 273 n.º 4.650 et 4.651 ; *Alma de And.* p. 226 n.º 747 (semblable) ; v. aussi la première *copla* citée ici p. 224.

Dans la malédiction suivante, contenue également dans une *copla* andalouse, il s'agira aussi plutôt d'une souffrance morale :

— «Mar doló te mande Dios / Como con otro te bayas. / [...]» Demófilo p. 91 n.º 40.

— Voici le chagrin qui doit ronger les entrailles :

— «Premita Dios que te beas
Aborresia y queriendo
Y que las ducas te roan
Las entrañas e tu cuerpo.»

Cantos III p. 269 n.º 4.625 ⁽¹⁰²⁾.

A Turquel (Extremadura) on donne à *fezes* ⁽¹⁰³⁾ la signification de «impaciencia, enfado, mau humor» ; c'est ce sens, je crois, qu'il faut donner à ce mot dans la malédiction suivante employée à Turquel : *Fezes te comam!* Rev. Lus. XXVIII p. 154, p. 110.

Ajoutons encore la formule toute simple, employée dans une *copla* andalouse : «Der sielo bengan fatigas;/[...]» Demófilo p. 19 n.º 105 (sous-entendu «pour toi»).

⁽¹⁰⁰⁾ Je pense, en effet, que *los ojos se le sorten* dans la pièce des Quintero a bien le sens de 'Que les yeux lui sortent de la tête'. Quant au passage cité de la *Celestina*, on pourrait partir aussi du sens figuré de la formule *saltarse los ojos tras alguna cosa* qu'enregistre Correas, p. 642b, ajoutant «Al que la desea» : donc 'Que les yeux te sortent de la tête à force de vouloir la voir... tu ne la verras pas'.

⁽¹⁰¹⁾ *Caérsele las alas del corazón* 'Desmayar, sufrir gran quebranto' Caballero p. 207a ; cf. «Aquer dia tan grande Que Riego murió / Se le cayeron e ducas las alas / A mi corason.» Demófilo p. 105 n.º 13 ; de même p. 112 n.º 42.

⁽¹⁰²⁾ Les *ducas* ('peines') jouent un grande rôle dans la poésie populaire andalouse.

⁽¹⁰³⁾ *Fezes* «sedimento de un líquido», «materias fecales», «escória dos metaes», «um dos quatro humores do organismo humano, segundo a Medicina antiga» Figueiredo I p. 892a.

C'est ici que je range aussi la malédiction espagnole : ; *Así le entre la carcoma!* (Caballero p. 148a), en prenant *carcoma* au sens figuré de «chagrin qui ronge» (comme le capricorne le bois).

Souvent, celui qui souhaite une maladie à autrui voudrait voir se limiter l'effet pernicieux de celle-ci à un organe ou à une partie déterminée du corps de son adversaire, parce que c'est cet organe ou cette partie du corps qui cause sa colère, son mécontentement. Dans la plupart des cas c'est la bouche ou la langue à laquelle la maladie doit s'attaquer pour châtier l'adversaire d'une parole qui a blessé, vexé ou irrité, et pour l'empêcher d'en prononcer d'autres :

— «Sempronio [se disputant avec Elicia]. — ; He! ; he! ; he!

Elicia. — ; De qué te ries? ; De mal cancro sea comida essa boca desgraciada, enojosa!» *Celestina* (IX) II p. 37, 1-3 ;

«; Que se pique de cangrena

La boca con que me riñes ;

La mano con que me pegas!»

Cantos III p. 271 n.º 4.638 ; *Aima de And.* p. 227 n.º 749.

Dans l'exemple suivant, que nous avons déjà cité p. 224, ce n'est pas seulement la maladie qui doit s'attaquer à la langue, mais ce sont encore 25 scorpions qui doivent s'emparer de la luette de la pauvre victime :

— «Er que de mí mar hable
Tenga en la lengua
Un carbunco, una yaga
Y una postema.
Y al estribiyo,
Bentisinco alaclanes
En er gayiyo.»

Cantos III p. 267 n.º 4.610.

On croit dans le peuple, en Espagne et au Portugal (et non seulement dans ces deux pays), que les malédictions font dessécher les humeurs du corps de la personne que l'on maudit : «Créese vulgarmente que las maldiciones secan à quien es objeto de ellas» dit Rodríguez Marin, *Cantos* III p. 282 note 27. Cet effet de la malédiction est limité surtout à l'organe ou la partie du corps qui a commis l'acte pour lequel on maudit une personne :

— «Roubaram-me o xairel da égua — dizia ele, — um xairel novo [...]. Secas como a caruma sejam as unhas do ladrão ; [...].» *Terras* p. 188.

Ici encore c'est surtout la langue qui doit se dessécher : ; *Así se te seque la lengua, la boca!* Caballero p. 150a. Les *coplas* populaires

brodent souvent sur ce motif; nous avons déjà connu un exemple p. 220; voici un autre où l'idée est exprimée avec plus de violence :

— «[...] / Permita el cielo / Que á esa maldita lengua / Le caiga fuego.»
Cantos III p. 267 n.º 4.608.

Voici la même idée développée et concrétisée par la tsigane diseuse de bonne aventure :

— «Gitana. — *Corriendo furiosa detras de él. ; Torsías te jagan de la lengua pa ensendé las luses, roñoso ! [...]*» Quintero VIII p. 62.

La même idée encore est exprimée à travers une comparaison dans la *quadra* portugaise suivante, recueillie dans l'Alentejo :

— «Salsa verde na parede
Tem a folha retorcida ;
Retorcida tenha a lingua
Quem fallar na minha vida.»

[Antonio T. Pires, *Cantos populares do Alentejo*, Elvas 1882, n.º 141],
quadra citée par R. M. *Cantos* III p. 279.

Ainsi que nous venons de le voir, par la malédiction on voue surtout quelqu'un à la mort, plus ou moins subite, plus ou moins cruelle. C'est le cas le plus fréquent, mais ce n'est pas tout : la haine, la colère, l'emportement font imaginer une impressionnante diversité de malheurs que l'on souhaite à autrui dans cette vie d'ici bas. Nous avons déjà connu des malédictions par lesquelles on souhaite une maladie, la destruction d'un organe ou une déficience physique à quelqu'un, sans vouloir que la personne maudite en meure. Voici maintenant quelques exemples d'autres malheurs appelés sur la personne que l'on maudit.

C'est d'abord, d'une manière très générale, un mauvais sort, du malheur que l'on souhaite :

— nous avons déjà cité, p. 223, la malédiction lancée par la femme de l'aubergiste : «que mala ventura le dé Dios, á él y á cuantos aventureros hay en el mundo» ; voici deux exemples portugais :

— «[...] / Se o teu amor é fingido, / Negra seja a tua sorte.» *Trovas* p. 100 ;

— (dans une *quadra* de l'Alentejo) «[...] / A fortuna de ti fuja, / Não logres o que desejas.» Thomaz Pires III p. 269 n.º 6.588 ; *Trovas* p. 99.

L'imagination humaine se montre fort productive pour inventer une grande diversité de malheurs à souhaiter à autrui. Nombreuses sont les formules espagnoles par lesquelles on voudrait qu'une personne subisse certains mauvais traitements ou traitements désagréables :

- ¡ Que te aspen ! Caballero p. 953a ⁽¹⁰⁴⁾ ; ¡ Que te pelen ! *ibid.* ;
 ¡ Que te monden ! *ibid.* ; ¡ Que te fumiguen ! *ibid.* ; ¡ Que te emplumen !
ibid. ⁽¹⁰⁵⁾.

Ces formules s'éloignent déjà un peu des véritables malédictions et prennent le sens de « Fais-toi peler, etc. ».

Voici d'autres malheurs :

- « ¡ Dios quiera que te vayas a un monte y no salgas nunca ! » cité par
 Mlle. Braue, p. 31, dans les *Cuentos populares españoles* d' A. M.
 Espinosa.

Une situation peu enviable est souhaitée dans la *copla* andalouse suivante :

- « Permita Dios que te beas
 esmayaito y encueros,
 y sin tené una monea. »
Alma de And. p. 228 n.^o 754.

M. Beinhauer, *SpU* p. 19, cite une malédiction curieuse :

- « ¡ Pleitos tengas y los ganes ! » M. Beinhauer pense que cette formule fait allusion au coût élevé des procès en Espagne. Mais, en ce cas, on ne voit pas bien la raison d'être de l'addition *y los ganes*. Faudra-t-il plutôt entendre que l'on souhaite à quelqu'un gain de cause parce que dans un pays où, comme le dit M. Beinhauer, on a volontiers recours au tribunal, celui qui gagne un procès se voit tout de suite attaqué de nouveau, de sorte qu'il n'en finit jamais ?

Ce sont les tsiganes encore qui ont les meilleures trouvailles :

- « Gitana. — [...] Y así permita Dios que cuando quieras cogé un arto-movi suseda al revé... [...] » *Niño* p. 26 ;
 — « Gitana. — Anda, esaborio, ¡ condenao te veas a estrená botas ! » *Quintero VIII* p. 62.
 — M. Beinhauer rapporte, VKR VII p. 162 *note* 1, la malédiction suivante que l'on attribue à Grenade à un *guardia civil* ; elle constitue un véritable chef-d'œuvre : « ¡ Premita Dios que se coma usté un pavo enterito con plumas y to y que en la barriga se le jaga la ruea que ca pluma se güerva una navaja barbera ! »

Quelques exemples portugais :

⁽¹⁰⁴⁾ « Expresión familiar, con que rechazamos ó renegamos de una persona. » Caballero p. 953a.

⁽¹⁰⁵⁾ « A las alcahuetas acostumbran desnudarlas del medio cuerpo arriba y, untadas con miel, las siembran de plumas menudas, [...] » Covarrubias p. 509a.

— Le Juif invectivant le diable lui lance une série de malédictions qui est une véritable litanie de malheurs :

«Corregedor, coronel,
Castigae este sandeu.
Azará, pedra meuda,
Lodo, chanto, fogo, lenha,
Caganeira que te venha,
Ma currença que t'acuda.
Por el Deu que te sacuda
Com a beca nos focinhos,
Fazes burla dos meirinhos?»

Vicente *Obras* I p. 110 ⁽¹⁰⁶⁾ ;

«Velha (mãe de Isabel). —
Ma partida, ma apartada,
Mao caminho, ma estrada,
Ma lavor te faça Deos.»

Farelos p. 19 ;

— «Roubaram-me o xairel da égua — dizia êle, — um xairel novo [...]. Sêcas como a caruma sejam as unhas do ladrão ; que tantos cornos lhe nasçam na testa como de pêlos tem o pano ; que tantos trabalhos o persigam como de voltas me tem feito dar.» *Terras* p. 188 ;

— Barroso (Trás-os-Montes) *De rastos te vejas como as cobras!* *Rev. Lus.* XIX p. 132 ;

— Villa Real (Trás-os-Montes) *Corrido sejas tu como o dinheiro!* *Rev. Lus.* X (1908) p. 237.

Quelquefois on souhaite qu'une personne soit assimilée à un objet dont on se sert tout normalement, mais d'une façon qui serait fort désagréable pour un être vivant :

— « ; Armanaque lo jagan, pa que tos los días le arranquen argo! ⁽¹⁰⁷⁾ ;

— « ; Así te veas como los papelillos der carnaval, picado y tirao! » (o. S.) ⁽¹⁰⁸⁾ ;

— « — Calla, *cafer*, calla. Te veas como el *vapó* con agua en los lados y fuego en el *corasón*. » *Baroja, Mala hierba*, 117-118.

Cependant, il y a des situations encore bien plus pénibles, des châtiments plus raffinés auxquels on voudrait voir livré son adversaire : on souhaite que deux choses lui arrivent qui, considérées séparément, ne sont ni l'une ni l'autre un bien grand malheur, mais l'une de ces

⁽¹⁰⁶⁾ *Obras de Gil Vicente*, com revisão, prefácio e notas de Mendes dos Remédios, Coimbra 1907-1914, 3 vols.

⁽¹⁰⁷⁾ Je ne saurais plus indiquer la provenance de cet exemple.

⁽¹⁰⁸⁾ Exemple oral qui m'a été communiqué par M. Schneider, lecteur d'espagnol à l'Université de Hambourg.

deux choses empêchant l'autre, il naît de là une situation très pénible :

- «Gitana. — [...] ; Premita Dios que se te jinchen los pies... y te jagan cartero! [...]» Quintero IV p. 48;
- « ; Ojalá te saigan callos y te hagan cartero! » (o. S.).
- M. Beinbauer rapporte, VKR VII p. 162 note 1, de Granada la malédiction suivante : « ; Premita Dios que te encuentres un billete de mil pesetas y no pueas cogerlo! ».
- Permita Dios que te beas
 Sacando agüita d'un poso,
 Con la cubeta no pueas.»
Cantos III p. 281 note 15;
 Y con er cubo no pueas.»
Demófilo p. 46 n.º 239 ⁽¹⁰⁹⁾;
- «La maldición que te echo
 Desde hoy en adelante
 Es que el dinero te sobre,
 Pero que el gusto te falte.»
Cantos III p. 270 n.º 4.633.

Je vois le même type dans cette malédiction :

- «Gitana. — ; Mala sangre! ; malas ideas! ; Permita Dios que se te caiga la barriga antes de comé!» Quintero VIII p. 62.

J'ajoute la malédiction suivante, contenue dans une *copla* andalouse ; la première situation, déjà fort triste, se trouve renforcée ici, directement, par la seconde :

- «Aquel que tiene la culpa / [...] / Se vea en Argel cautivo, / Sin tener quien lo rescate.» *Cantos III* p. 268 n.º 4.618 ; *Demófilo* p. 85 n.º 14.

Il y a des malédictiones où s'exprime, bien plus clairement que dans les types que nous avons connus jusqu'ici, le désir de vengeance. Ce sont d'abord des malédictiones par lesquelles une personne souhaite qu'une autre souffre de la même façon que celle-ci l'a fait souffrir. Ce motif est fréquent dans les *coplas* amoureuses où se traduisent l'amertume et la colère de l'amour dédaigné :

- «A mi Dios le estoy pidiendo
 Que como me matas mueras :

⁽¹⁰⁹⁾ Voici ce que dit Demófilo, p. 46/47 note 2, du fond psychologique de cette malédiction : «Para idear penas el pueblo andaluz. Tener sed, água á la vista con que satisfacerla y medio para hacerla llegar á nosotros, y no poderlo conseguir por impotencia, por falta de fuerza y de vigor, es una tortura que ni los mismos inquisidores, hubieran acertado á inventarla más terrible.»

Que te bean mis ojitos

Querer y que no te quieran.»

Cantos III p. 269 n.º 4.624; Demófilo p. 82 n.º 3;

— «[...] / Em paga dos teus delictos / Has de amar, sem ser amada».

Thomaz Pires III p. 270 n.º 6.597; v. p. 229.

Ce motif est longuement développé dans *Triunfo* p. 11-p. 14.

— «Quiera Dios que donde pongas
Todos tus sinco sentios
Le paguen á tu querer
Como tú pagas er mio.»

Cantos III p. 269 n.º 4.623;

— «Pues los cariños te ofenden,
Le pido á Dios de los cielos
Que de aquel á quien estimas
Tengas que sufrir desprecios»

ibid. n.º 4.622; v. aussi la *copla* andalouse citée p. 216.

La même idée exprimée dans quelques *quadras* de l'Alentejo :

— «Ingrato, permitta o céu,
Já que me pagas tão mal,
Que a quem tu mais firme fores
Te seja menos leal.»

Thomaz Pires p. 269 n.º 6.591; v. una *quadra* semblable dans *Cantos*
p. 280 note 7;

— (Beira et Alentejo)

«O anel que tu me deste
Era de vidro, quebrou;
Tanto dure a tua vida
Como o anel me durou.»

ibid. n.º 6.592; v. aussi *ibid.* n.º 6.595.

La même idée de vengeance est exprimée, d'une façon plus générale, dans les *coplas* andalouses suivantes :

— «A Undebé l'estoy pidiendo
Te dé lo que te combenga [(110)];
Que lo qu'has jecho conmigo
No lo jase ni una negra.»

Cantos III p. 268 n.º 4.619, n.º 4.620;

— «Quisiera que Dios me oyera,
Y que las piedras hablaran,

(110) L'expression *Dios te dé lo que [mejor] te convenga*, qui «se dice, compadeciendo al que está en algun peligro» (Caballero p. 497b) est employée ici — comme il arrive particulièrement souvent dans les malédictions prononcées par des tsiganes — avec une froide ironie.

Y que el castigo viniera
 Como yo lo deseara.»
op. cit. III p. 269 n.º 4.621.

Le désir de vengeance personnelle ressort encore plus explicitement dans les malédictions suivantes, — prononcées surtout par des tsiganes. La personne qui jette la malédiction se réjouit à l'idée de certaines situations qui lui permettent de triompher de la personne haïe: être présente à la mort de celui qu'elle maudit, le voir livré à sa merci, ou même pouvoir personnellement le faire souffrir ou mourir :

- «Te quisiera ber
 corgaito en una jorca,
 pa tirarte de los pies.»
Alma de And. p. 231 n.º 775 ;
- «Te quisiera bé
 Te quisiera bé
 Con er Santolio á la cabasera,
 Yamando á Undebé.»
Cantos III p. 272 n.º 4.644 ;
- «Permita Dios que te beas
 En la ruea der bapó,
 Y er bapó se baya á pique,
 Y tú me pias perdon.»
op. cit. III p. 270 n.º 4.629 ;
 «Permita Dios que te beas
 Esmamparaíta [(111)] y sola
 Y que bengas á peirme
 Pó Undibé que te socorra.»
ibd. n.º 4.628 ;
- «Permita Dios que te beas
 En un hespitá rabiando
 Y no tengas más consuelo
 Qu'er que yo te baya dando.»
ibd. n.º 4.631 ; *Alma de And.* p. 228 n.º 755 ;
- «Permita Dios que te beas
 En un hespitá rabiando
 Y que el alimento tuyo
 Todo pase por mi mano.»
op. cit. III p. 280, note 12 et, semblable, *op. cit.* III p. 270 n.º 4.632 ;
- «Permita Dios que te beas
 Metía en San Juan de Dios [(112)] ;

(111) C'est-à-dire *esamparaíta* (= *desamparadita*), v. *Cantos* III p. 280 note 9.

(112) «Un famoso hospital de Cádiz» *Cantos* III p. 280 note 11 ; *Alma de And.* p. 228 note 7.

Medesina que tomares

Te la baya dando yo.»

ibid. n.º 4.630 ; *Alma de And.* p. 228 n.º 756 ;

— un peu moins poétique mais plus comique : «Gitana. — [...] ¡ Comío de picores te encuentres... y tenga que rascarte yo ! » Quintero VIII p. 62 ;

— «Premitan los sielos

Premítalo Dios

Que co'r cuchiyó que matarme quieres

Te matara yo.»

Cantos III p. 269/70 n.º 4.627 et, semblable, Demófilo p. 103/04 n.º 7.

Je range ici deux *quadras* de l'Alentejo :

— «Olhos que mal me querem,

Tirados os vira eu,

Tirados, postos a ferros,

Pedindo perdão aos meus.»

Thomaz Pires III p. 269 n.º 6.593 ;

— «Olhos que me querem mal,

Tirados os visse eu,

Apresentados num prato,

Pedindo perdão aos meus ! »

op. cit. III p. 270 n.º 6.594.

Les malheurs, la mort et les souffrances, que l'on souhaite par les malédictions, ces situations pénibles où l'on voudrait voir autrui, on se plaît quelquefois à les indiquer d'une manière indirecte en souhaitant que la personne que l'on maudit se trouve dans la situation où s'est trouvé, où l'on a vu un personnage bien connu, tout au moins dans un milieu donné. — Voici d'abord une malédiction faisant allusion à un fait historique :

— «Permita Dios que te beas

Como se bió Nabaliches

En er puente d'Arcolea.»

Cantos III p. 271 n.º 4.636 ; *Alma de And.* p. 228 n.º 758 ⁽¹¹³⁾.

Dans la *copla* suivante, andalouse également, on fait allusion à trois individus tristement célèbres : ils furent probablement pendus ⁽¹¹⁴⁾ :

⁽¹¹³⁾ Alcolea est un village près de Cordoue où se trouve un pont sur le Guadalquivir. Allusion à la défaite du général Pavia, marquis de Novaliches, par les troupes révolutionnaires du général Serrano le 28 septembre 1863. Le principe de cette malédiction rappelle celui du *piropo* suivant cité par M. Beinhauer dans VKR VII p. 114 : «Tiene usted los ojos más negros que el porvenir de Berenguer.»

⁽¹¹⁴⁾ Cf. Demófilo p. 45 note 1.

«Permita Dios que ta beas
Como se bió Juan Domingues,
Jalajala y Juan Oreja.»

Cantos III p. 271 n.º 4.635 ; *Alma de And.* p. 228 n.º 757 ; *Demófilo*
p. 45 n.º 232.

La tsigane diseuse de bonne aventure souhaite à Don Aquilino, entre autres malheurs, de le voir dans la situation du *Tortero*. Comme elle doit supposer que le sort du *Tortero* sera totalement ignoré de Don Aquilino, elle ajoute ce qui est arrivé à celui-là :

— «Gitana. — [...] ; Quién te viera ^(114a) como vi no ar Tortero ! Too untaito de miel caño en un avispero... [...]» *Niño* p. 26.

On serait tenté de croire que les malheurs, allant jusqu'à la mort, auxquels on voue autrui par les malédictions que nous avons étudiées jusqu'ici, ne pourraient plus être dépassés. Et pourtant, pour des peuples chrétiens, il y a pire que la mort et la souffrance physiques : il y a la damnation de l'âme. Ainsi trouvons-nous, en espagnol et en portugais, de nombreuses malédictions par lesquelles on souhaite la damnation de quelqu'un ⁽¹¹⁵⁾, p. e. :

— « ; Que te confunda Dios para siempre por malvado ! » cité par Mlle. Braue, p. 38, dans un auteur chilien (J. T. Ramírez) ⁽¹¹⁶⁾.

Ce genre de malédictions comporte des formules qui sont déjà très anciennes.

Une formule ancienne qui ne semble plus s'employer en espagnol moderne est ; *Mal siglo haya !*, formée sur la formule de bénédiction ; *Buen siglo haya !* ⁽¹¹⁷⁾. Mlle. Braue la relève chez l'Arcepreste de Talavera :

— « ; Mal syglo aya el padre e madre que tal (un viejo) da a su fija ! »
Braue p. 33.

La formule la plus courante est celle par laquelle on souhaite que le diable, ou même les diables et mille diables et davantage, s'emparent d'une personne, la possèdent ou l'emportent, c'est-à-dire que

^(114a) Cf. Braue p. 39.

⁽¹¹⁵⁾ Cf. « Rosa votava a todas as pragas deste mundo e do outro a alma excomungada que le bifara as peças, [...] » *Terras* p. 14 (espacé par nous).

⁽¹¹⁶⁾ Cette malédiction rappelle l'expression *A quien Dios confunda :* « Alúdese á la persona que no merece nuestras simpatías bajo ningún concepto. » Caballero p. 132b.

⁽¹¹⁷⁾ « Celestina. — ; Buen siglo aya, que leal amiga é buena compañera me fué ! » *Celestina* (III) I p. 135, 7/8.

l'on voudrait la voir damnée, éloignée le plus possible et le plus rapidement possible. Notons que le diable peut être invité non seulement à emporter des personnes mais aussi à enlever des objets. — Voici quelques exemples :

- «Calisto. — ; Assi los diablos te ganen [(118)]! ; Assi por infortunio arrebatado parezcas ó perpetuo intollerable tormento consigas, el qual en grado incomparablemente á la penosa é desastrada muerte, que espero, traspasa. [...]» *Celestina* (I) I p. 35, 4-8 (119).
- «— ; Oh, maldito seas de Dios; Sancho! — dijo á esta sazón don Quijote —. ; Sesenta mil satanases te lleven á ti y á tus refranes!» *Quijote* (II 43) VII p. 118, 8-10 ;
- Montaña (Orillas del Nansa) «Malus diablos t'encolericen!...» *Alcalde* p. 87.

Les formules modernes sont surtout :

- ; *Que se lo lleven los diablos!* *Caballero* p. 952b ; ; *Que se lo lleven los demonios!* *op. cit.* op. 852a (120) ; ; *Mil demonios que te lleven!* *op. cit.* p. 796b (121) ; ; *El demonio cargue contigo!* *op. cit.* p. 526b (122) ;
- «Señá Josefa. — Er diablo que te yeve!» *Quintero* IV p. 16 (123) ;
- «Tantas hojas como tiene
 L'alameda del Genil,
 Tantos demonios te yeben
 Cuando t'acuerdes de mí.
 Cantos III p. 272 n.º 4.643 ;
- (Montaña) «; Malus demonios llévenlo al infierno, garroterucio del diablo!» *Alcalde del Rio* p. 55 ;
- (Orillas del Saja) «[...] ; quié el demoño li lleve!» *Id.* 2 p. 136.
- (Orillas del Miera) «; Malus demoños condinaos li lleven al tío cagarrucio! [...]» *op. cit.* 259 ; (Orillas del Saja) p. 134 ; (Orillas del Nansa) p. 86.
- (Orillas del Miera) «Déjami salir, ; cun mil demoños que li lleven óndi nu más ni li güelva a ver...!» *op. cit.* p. 233.

Voici quelques exemples portugais :

(118) «se apoderen de tí» traduit Cejador y Frauca, *op. cit.* I p. 35 note.

(119) Cf. la formule ancienne *Dios le guarde el sayo, y lo demás lleve el diablo* que Correas (p. 159a) enregistre comme «Maldición».

(120) «Dícese por la persona ó cosa por quien tenemos poco interés y hasta odio.» *Caballero* p. 952a.

(121) «Frase hecha que envuelve odio y despecho contra una persona.» *Caballero* p. 796b. Pour la construction v. note 75.

(122) «Suele decirse de las personas y las cosas que no convienen.» *Caballero* p. 526b.

(123) Pour la construction v. note 75.

- *Os diabos te levem! Os diabos te carreguem!* ⁽¹²⁴⁾ *Que o leve o diabo!* ⁽¹²⁵⁾ Moraes I p. 680a ;
- Douro, Minho, Alentejo «O diabo leve as mulheres / [...]» Thomaz Pires I p. 144 n.º 841 ; de même p. 145/46 n.ºs 842-848 ;
- «Diabos a levem a você mais a ela. [...]» Braz p. 158 ;
- Turquel (Extremadura) *Diabos o levem!* Rev. Lus. XXVIII p. 154 ;
- Barroso, Villa Real (Trás-os-Montes) *Diabos te levem!* Rev. Lus. XIX p. 132, X p. 237 ;
- Barroso *Diabos a levassem! Diabos te levaram!* ⁽¹²⁶⁾ Rev. Lus. XIX p. 132/33 ; *Os Diabos te tivessem levado já há mais tempo!* *ibid.* p. 133 (v. ici note 82),

croisement avec les formules d'imprécations commençant par *Vai para...* :

- Barroso *Vai p'r'ós Diabos que te levem!* Rev. Lus. XIX p. 13 ;
- Turquel *Vai para o diabo que te leve! Vai para o diabo que te carregue!* Rev. Lus. XXVIII p. 154.

Autrefois on employait aussi le verbe *tomar* :

- «Apariço. — He o demo que me tome : [...]» Farelos p. 5 ⁽¹²⁷⁾.

A Barroso, à Villa Real et dans le Minho nous rencontrons aussi la formule *Diabos te levem!* avec un *nunca* : *Diabos te nunca leve!*, mesure de précaution dont nous avons déjà parlé (v. p. 218). João da Silva Correia remarque à ce sujet (*loc. cit.*) :

«A maldição *diabos te levem*, dita tantas vezes pelas mães aos filhos, é não raro desfalcada pelo complemento «Deus me perdõe», ou deixada em meio — *diabos!*... — evitando-se supersticiosamente as palavras subsequentes.»

Il faut voir également une telle modification par euphémisme superstitieux dans la formule suivante, employée à Barroso : *S. Pedro me leve, se eu tirei alguma coisa!* Rev. Lus. XIX p. 133. — Sancho va même jusqu'à substituer Dieu au diable :

⁽¹²⁴⁾ «Imprecações, pragas, que o vulgo emprega habitualmente.» Moraes I p. 680a.

⁽¹²⁵⁾ «Exclamação de indignação, desespero, impaciência, enfado, etc.» Moraes I p. 680a.

⁽¹²⁶⁾ Le *mais* que *perfeito simples* employé — comme en espagnol — comme subjonctif.

⁽¹²⁷⁾ Pour la construction v. note 75.

- «Pero perdóneme vuesa merced, señor mío, si le digo que de todo cuanto aquí ha dicho, lléveme Dios (que iba à decir el diablo) si le creo cosa alguna.» *Quijote* VI p. 105, 11-13.

Quelquefois on exprime explicitement son désir de voir quelqu'un en Enfer, p. e. dans cette *quadra* de l'Alentejo :

- «Mal o haja quem murmura,
Quem de mim deita má fama,
Seja homem, ou mulher,
No inferno tenha a cama.»

Thomaz Pires III p. 267 n.º 6.577 ;

ou à Barroso :

- *Nas profundas dos infernos estejas enquanto não pedires perdão!* Rev. Lus. XIX p. 133 ;
— v. aussi la malédiction prononcée par l'aubergiste du *Quijote* que nous avons citée p. 223.

Le *fuego malo* qui doit brûler quelqu'un selon le souhait émis dans les malédictions suivantes, est le feu de l'Enfer, comme explique Cejador y Frauca, *Celestina* I p. 98, note :

- «Celestina. — ¡ Pues fuego malo te queme, que tan puta vieja era tu madre como yo ! » *Celestina* (I) p. 98, 15/16 ;
— «Sempronio. — ¡ O mal fuego te abrase ! » *op. cit.* (IV) I p. 207,6.

Nous devons mentionner à cette occasion une formule de malédiction espagnole ancienne qui ne semble plus s'employer et qui souhaite que Dieu veuille donner de «mauvaises Pâques» ou de «noires Pâques» à quelqu'un, c'est-à-dire que la personne ainsi maudite ne reçoive pas ou ne reçoive pas dignement le Saint Sacrement à Pâques comme l'Eglise le commande : ¡ *Mala pascua, negra pascua le dé Dios* ou *tenga (etc.)!* Cette malédiction est également une manière de s'attaquer ou salut de l'âme de quelqu'un, — pourtant ici on ne souhaite rien d'irréparable :

- «Bobo. — ¡ Do al diablo al puto viejo ! / ¡ Pascua mala le dé Dios ! » Lope de Rueda II p. 43 (128).
— «Brisco. — Con todas essas razones / mala pascua te dee Dios.» *Triunfo* p. 10, 247/48 ;
— Le cordonnier juif profère toute une série de ces «mauvaises pâques» :
«Páscoa mala dé Dios al Juez,
Y mala páscoa al Portero,

(128) *Obras de Lope de Rueda*, ed. Real Academia Española, Madrid 1908, 2 vols.

Y negra páscoa al herrero,
Y al Juez otra vez,
Y mala páscoa á Ana Diez,
Y á mi negra vejez
Me dé si cristiano muero.»

Vicente Obras II p. 360 ;

Rodríguez Marín parle de cette formule dans la *Nueva edición crítica* du *Quijote* (Madrid 1928) IV p. 265. Elle s'employait beaucoup dans des phrases du type *¡Mala pascua me dé Dios si...!* (p. e. *Quijote* [II 13] V p. 234, 20). Cette malédiction correspond à la formule de bénédiction *¡Buena (Santa) pascua le dé Dios!* ⁽¹²⁰⁾.

On peut attenter ainsi à l'âme de la personne maudite aussi par la simple formule : «¡Maldita sea tu arma!» Quintero III p. 244.

Mentionnons encore la malédiction, citée déjà p. 225, par laquelle María Jesús souhaite à Juliana qu'elle ne soit pas enterrée en terre sacrée : «¡En sagrao no te entierren, por mala!» Quintero III p. 246.

Quelquefois les malédictions sont introduites, ironie cruelle, par des formules de bénédiction :

— «¡Anda con Dios [⁽¹³⁰⁾], bien te logres !
No te deseo mar ninguno...
¡Hora de salú no tengas
Mientras bibas en er mundo!» ou
«Sino unas tersianas dobles.»

Cantos III p. 271 n.º 4.634 et p. 280 note 13 ; *Alma de And.* p. 228 n.º 759 ; *Cuentos* p. 332 ; Demófilo p. 83 n.º 7 ;

— «Me han dicho que estás mala ;
Dios te levante...
De la cama á la caja,
Para enterrarte.»

op. cit. p. 275 n.º 4.670 ; *Alma de And.* p. 229 n.º 760 ;

— «No jaserle ningun daño...
Sino una puñalaíta
Que le parta los reaños.»

Cantos III p. 275 n.º 4.669 ; *Alma de And.* p. 229 n.º 761 ;

— «A esta güena prenda
no jaserle daño...

(120) Cejador III p. 253b. *¡Santas Pascuas!* ou *¡Y Santas Pascuas!* s'emploient aujourd'hui pour terminer une discussion (= *Y punto final*), *Academia* 14 p. 768b/c ; Caballero p. 1.170b ; Quintero XXV p. 124, p. 161.

(130) Cf. le renforcement ironique de la formule *¡Vaya usted con Dios!* par *mucho* : *¡Vaya usted mucho con Dios!*, exprimant juste le contraire (p.e. Demófilo p. 67 361).

¡mojo le crie-la punta de un chuso
dentro e los reaños!»

Alma de And. p. 229 n.º 762.

Rodríguez Marín ajoute, *loc. cit.* note 10 :

«Nótese cuán malas entrañas revele la ironía con que empiezan esta copla y las tres anteriores, y en especial la hipérbole gitana, y más que gitana, de esta última playera.»

L'humour, cette importante force créatrice toujours à l'œuvre, surtout dans la langue espagnole, s'empare aussi des formules de malédiction, lesquelles fournissent un schéma, un cadre où l'on met tout autre chose, tout le contraire d'une malédiction ; on fait pressentir quelque chose de terrible par la formule employée, et on surprend ensuite par un contenu tout de douceur et de tendresse. La Muse populaire et le *piropo* trouvent ici un motif tout à leur souhait : notre «anti-*piropo*» se fond alors avec le *piropo*. — Voici quelques exemples :

- «Echame una mardisión,
Una mardisión gitana [(131)];
Que los ángeles me yeben
En prosesion á tu cama.»
Cantos II p. 338 n.º 2.837 ;
- «Si tu mare no me quiere,
Que m'eche una mardision :
Que se le pierda su hija
Y que me la encuentre yo.»
ibid. n.º 2.838 ;
- la même idée dans une *quadra* du Minho :
«Se tua mãe me não quer,
Uma praga vou rogar :
Que sua filha se perda
Onde eu vá encontrar.»
Thomaz Pires IV p. 539 n.º 379 ;
- «Una mardision t'h'echao ;
Permita Dios que t'arcanse :
Que tu corason y er mio
En una cama descansen.»
Cantos II p. 338 n.º 2.836 ;
- «Anda y que te den un tiro...
Con pórbora de mis ojos,
Balitas de mis suspiros.»
op. cit. II p. 281 n.º 2.474 ; Demófilo p. 4 n.º 15 ;

(131) Cette qualification rend la malédiction — attendue — encore plus terrible.

— «Permita Dios de los sielos
Que te caigas y te mates...
Y que yo sea la piedra
Donde los sesos te sartes.»

ibid. n.º 2.475 ;

— «; Permita Dios que er demonio que se yeve a usté sea yo!», *piropo* cité par M. Beinhauer VKR VII p. 149 (132).

Ainsi, comme M. Beinhauer le fait remarquer, VKR VII p. 162 note 1, il n'est pas rare qu'un *piropeador* s'attire l'attention de celle qu'il admire et célèbre, en commençant son *piropo* par un *Permita Dios que...*, formule qui ne laisse rien pressentir de bon, étant l'introduction d'une malédiction, p. e.

— «; Permita Dios que toas las semanas tuviá usté una hija como ésta, maresita!» *piropo* cité par M. Beinhauer *loc. cit.*

Une particularité de l'emploi des formules de malédiction en espagnol — bien plus rarement en portugais — qui ne saurait passer inaperçue ici, est l'extension de la malédiction à toute la famille, à toute l'ascendance : on ne se contente donc pas de maudire une personne actuelle donnée, on peut même se passer de la maudire elle-même, mais on étend la malédiction à l'origine de cette personne : on ne saurait, en effet, maudire plus efficacement un homme qu'en maudissant son ascendance, son origine, on maudit ainsi jusqu'à ses racines lointaines dans la filiation des générations. Nous sommes en présence ici d'une coutume orientale qui s'est introduite plus ou moins chez les peuples riverains de la Méditerranée. Nous constatons le même phénomène pour les formules de bénédiction (133).

Ce sont surtout les parents que l'on comprend dans la malédiction (ou bénédiction), et avant tout la mère (134). Ainsi correspond à la formule de bénédiction *¡Bendita sea la madre que te (etc.) parió!* (Beinhauer *SpU* p. 84 ; Deutschmann VKR XII p. 386ss.) :

— *¡Maldita sea la (puta) madre que te parió!* (Beinhauer *SpS* p. 41 ; Deutschmann *loc. cit.*) ; Cantos III p. 276 n.º 4.673 (135).

(132) Cf. «El demonio son los hombres, / dicen todas las mujeres; / Y luego están deseando / que el demonio se las lleve.» *Cuentos* p. 333.

(133) V. à se sujet Beinhauer *SpS* p. 40/41 ; M. L. Wagner dans VKR VI (1933) p. 25/26 ; mon étude sur *La familia en fraseología hispano-portuguesa* dans VKR XII (1939) p. 376 ss.

(134) Cf. *mentar la madre*, c'est-à-dire insulter ou maudire la mère (de quelqu'un) ; v. Demófilo p. 20/21 note 2.

(135) Cf. la formule de bénédiction correspondante *¡Bien haya la madre que te parió!* Correias p. 84.

— cf. la formule ; *Mal haya la madre que tal hijo pare!* donnée par Correas p. 287b.

L'allusion à la mère se cache derrière la malédiction suivante :

— ; *Mal haya la barca que acá te pasó!* Correas p. 287b ;

— «Mil diabos a levem mais à barca que para cá a passou!» *Estrada* p. 123.

Voici quelques exemples de la malédiction jetée au père :

— «Calzones. — ; Maldito sea su padre! ¿Pos no está el bizco de la droguería echando papeles en la fuente?» Quintero XXII p. 42 ;

— Pitindo lance à Tomas la malédiction suivante : «; Maldito sea su padre de este tío!» *Niño* p. 36 (v. ici p. 241) ;

— v. d'autres exemples dans Beinhauer *SpS* p. 40/41.

Dans l'exemple suivant, Don Aquilino mêle le grand-père du *Niño de las Tarantas* à sa malédiction, laquelle n'est d'ailleurs qu'un élément de renforcement :

—«Conde. — [...] ; Pero cómo canta el miserable del niño!

Don Aquilino. — ; Pues si le oyera usted la taranta! ; Maldito sea su abuelo!

[Mais le grand-père du *Niño* est précisément le vieux comte ; de sorte qu'il s'en suit une situation comique:]

Conde. — ; Señor Barbadilla, que su abuelo soy yo!

Don Aquilino. — Usted perdone, pero el entusiasmo...» *Niño* p. 50.

Les formules *Maldito seja teu pai! Maldita seja tua mãe!* existent également en portugais, mais elles y sont d'un usage bien moins courant qu'en espagnol.

Voici un exemple de la malédiction étendue aux deux parents ; il s'agit d'une *copla* andalouse :

— «Mardita sea la hora
Que yo t'empesé á queré ;
Mardito tu padre y madre
Y mardita tú tambien.»

Cantos III p. 271 n.º 4.637.

La malédiction peut frapper d'une manière générale tout le sang, toute la famille :

— «— Si eso sabía vuestra merced — replicó Sancho —, ; mal haya yo y toda mi parentela! ¿para qué consintió que lo gustase?» *Quijote* (I 17) II p. 58, 28-59,2 ;

— «Gloria. — Pero la viyanía que hise yo contigo, le que ese gorpe duele, eso no lo supe der to hasta que me vi abandoná por ese mal hombre. ; Mardita sea su sangre y su casta! ; Mardito el aire que respire! *Llora.*» Quintero XX p. 294 ;

- «Catalina [*furieuse de la conduite de Don Moisés à son égard*]. — [...] ; Mardita zea zu casta ! — [...]» op. cit. II p. 312.

C'est à la lumière de ces exemples qu'il faut comprendre la malédiction contenue dans cette *copla* andalouse :

- «Te fistes y me dejastes ;
; Mar fin tengan los calostros
Que de tu mare mamastes !»
Cantos III p. 272 n.º 4.648 ; *Alma de And.* p. 227 n.º 751 ; Demófilo p. 56 n.º 292 ⁽¹³⁶⁾.

Cette coutume d'étendre une malédiction à la famille, à l'ascendance, c'est-à-dire à l'origine d'une personne, est quelquefois appliquée, par extension humoristique, également aux choses concrètes et même abstraites (v. deux exemples pour ce dernier cas dans Beinhauer *SpS* p. 41) :

- « ; Maldita sea ella [sc. la casa] y el que en ella puso la primera teja, que con mal en ella entré ! » *Lazarillo* III p. 182, 8-10 ; v. VKR XII p. 392/93 ;
— Ines Pereira maudit son travail :
«Renego deste lavrar
E do primeiro que o usou.»
Vicente *Obras* II p. 318 ;
— Antonino [*qui n'a aucune envie de préparer son examen*]. —
; Maldito sea el que los [sc. los libros] inventó ! » Quintero XXVI p. 80 ;
— v. un autre exemple dans Beinhauer *SpS* p. 41.

Le même principe se retrouve dans les *coplas* populaires :

- « ; Mal haya quien hizo el barco,
Y el que lo arrojó á la mar,
Y el que cortó la madera,
Y el que la mandó cortar ! »
Cantos III p. 11 n.º 3.438 (le bateau a séparé les deux amants) ;
— « ; Maldita sea la cárcel
Y el que la labró de piedra ;
A las doce de la noche
Me metieron dentro de ella ! » op. cit. IV p. 430 n.º 7.705 ;
— « ; Mal haya la petenera / Y quien la trajo á esta tierra ! / [...] » Demófilo p. 171 n.º 2.

C'est ainsi qu'il faut comprendre aussi la malédiction que lance le garçon de café Rubichi, auquel, trois fois de suite, un client sortant avec précipitation renverse le plateau chargé de consommations :

⁽¹³⁶⁾ Cp. «Maldito seja o leite que me mamaste ! » dit la mère à sa fille Florinda dans *Terras* p. 117.

— «Rubichi. — Pero ¿qué pasa hoy aquí que to el mundo está siego?
; Mardita sea er primer apresurao der mundo!» *Niño* p. 31; *er primer apresurao der mundo*, c'est-à-dire le père, l'origine de cette race.

*

* *

Les matériaux sur lesquels s'appuie cette étude ne représentent qu'une petite fraction de la richesse réelle que possèdent et que créent constamment de nouveau les phraséologies espagnole et portugaise. Une étude basée sur des matériaux plus importants permettra d'autres conclusions et des conclusions plus vastes peut-être, permettra surtout — ce qui est indispensable — de faire l'histoire des formules de malédiction et probablement de discerner mieux que cela n'a pu être fait ici les bases psychologiques et les origines différentes de ces éléments de la phraséologie hispano-portugaise.

Je pense que malgré tout cette ébauche aura pu attirer l'attention sur un trait caractéristique de la phraséologie des deux langues ibéro-romanes. Nous avons vu combien il est difficile et délicat de saisir la valeur psychologique des malédictions en espagnol et en portugais. Ce qui, pourtant, semble ressortir de cette étude, c'est qu'elles témoignent d'une certaine tendance de la pensée vers l'irrationnel, constatée déjà, à travers tant d'autres phénomènes linguistiques, chez les Espagnols et, avec quelques restrictions peut-être, chez les Portugais.

Les formules de malédiction — pouvant prendre le caractère de véritables «*anti-piropos*», — doivent être situées dans le cadre plus vaste des formules de bénédiction et des *piropos*, dans le cadre de toutes ces expressions émotives, de ces appréciations affectives de sentiments extrêmes, d'amour ou de haine, œuvres d'une imagination vive, riche, ardente, d'un tempérament impulsif, d'une pensée portée vers l'image forte et vers l'hyperbole, d'un sens de l'à-propos et d'un humour créateur. Ici, comme ailleurs, nous remarquons que les mêmes principes qui sont à la base d'un trait typique des phraséologies espagnole et portugaise trouvent en portugais une expression moins extrême, moins exubérante, moins hyperbolique qu'en espagnol, — d'ailleurs c'est en Andalousie que le trait caractéristique de la phraséologie hispano-portugaise que l'on vient d'étudier est le plus accusé. — Nous avons pu constater les multiples rapports existants et les transitions réalisées par l'ironie et l'humour entre formules

de malédiction, formules de bénédiction et *piropos* (que l'on peut considérer comme une forme spéciale des formules de bénédiction). Ces trois éléments jouent, dans la phraséologie hispano-portugaise, un rôle caractéristique que ces lignes, j'ose l'espérer, auront contribué à mettre en lumière.

*Saigo e mi casa,
Saigo mardisiendo
Jasta los santos que están en los cuadros,
La tierra y er sielo.*
Demófilo p. 133 n.º 141.

Hamburg.

OLAF DEUTSCHMANN

Los animales en el Cantar de Mio Cid

No se puede decir que la Edad Media haya permanecido insensible ante la naturaleza. Sin embargo, queda por averiguar hasta qué punto el sentimiento de la naturaleza de esa época incluye también a los animales.

Por eso, nos proponemos estudiar aquí la actitud que adopta el hombre medieval frente a los animales, limitando nuestras observaciones, por ahora, a los datos que nos proporciona el documento más antiguo de la literatura española.

Como el «Cantar de Mio Cid» ⁽¹⁾ abunda en hechos de armas, aparecen en él, naturalmente, con mayor frecuencia aquellos animales que sirven al oficio de la guerra: el caballo, la acémila y la mula.

El caballo igual que en la época medieval francesa, es el fiel compañero de armas de su amo.

Las denominaciones que ocurren en el Cantar son:

- 1) *cavallo*, nombre genérico, que, sin embargo, en el Poema del Cid, designa siempre el «caballo de armas» ⁽²⁾.
- 2) *palafre*, que es el «caballo de camino y de lujo» ⁽³⁾.
- 3) *bestia*, animal para cabalgar.

El caballo del Cid, *Bavieca*, ganado por el héroe en la batalla contra el rey de Sevilla (v. 1573), provoca la admiración de todos en sus primeras pruebas:

ensiéllanle a Bavieca, cuberturas le echavan,
mio Cid salió sobré, e armas de fuste tomava.
Por nombre el cavallo Bavieca cavalga,
fizo una corrida, ésta fo tan estraña,
quando ovo corrido todos se maravillavan;
des día se preció Bavieca en quant grant fo España.
(1585-1591)

⁽¹⁾ *Cantar de Mio Cid* por R. Menéndez Pidal, Madrid, 1945.

⁽²⁾ o. c. II, p. 569.

⁽³⁾ o. c. II, p. 783.

Son inestimables los servicios de su caballo en la guerra. Después de derrotar a Yúcef, el Cid sabe lo que vale, en verdad, 'Babieca':

allí preció a Bavioca de la cabeça fasta a cabo. (1732)

Cabalgando en él entra victorioso en Valencia (1745) y señala a su mujer y demás damas que allí lo reciben, su espada y su caballo *sudiento* (sudoroso) (1752). 'Babieca' es un caballo velocísimo. Después de perseguir siete millas al rey Búcar, quien posee un buen caballo, el Cid le da alcance y mata al moro:

Buen cavallo tiene Búcar e grandes saltos faz,
mas Bavioca el de mio Çid alcançandolo va. (2418-2419)

Por eso, recibe también los epítetos de *el cavallo que bien anda* (2394) y *el corredor* (3513).

El Çid ofrece este tesoro al rey, pero éste rechaza el ofrecimiento diciendo:

«ca por vos e por el cavallo ondrados somos nos.» (3521).

Las únicas cualidades que se aprecian en el caballo de combate son la velocidad y la robustez, como lo demuestran los epítetos que se repiten constantemente:

cavallos gruessos e corredores (1336, 1968, 2010)
cavallos fuertes e corredores (2573)
cavallos buenos e corredores (3582),

y, sin duda, era la velocidad la condición principal que se le exigía (1988, 2145, 2254, 3242).

Frente al «caballo de armas», el *palafre* era el «caballo de camino y de lujo», de cualidades análogas (1967), aunque, en general, más pequeño y menos fuerte.

El *palafre de sazón* que figura varias veces (1987, 2114, 2572, 3243), era un caballo de excelente calidad (*sazón*: 'estado de perfección de una cosa'; v. Cantar, II, p. 842. Comp. también el giro inglés del lenguaje de los cazadores 'to be in season').

No se menciona en el Cantar ninguna clase de armadura especial del caballo de combate; pues «adobarse», que en el lenguaje militar significa «vestir las guarniciones o tomar las armas», en la expresión

palafrés bien adobados (2144) debe entender-se, como advierte Ramón Menéndez Pidal, de *siellas e de frenos* ⁽⁴⁾.

Tanto el caballo como el palafrén se da en regalo o en pago, lo que revela el escaso afecto que une el hombre al animal:

... e tanto palafré de sazón
começó mio Çid a dar a quien quiere prender so don;
(2114-2115)

Los infantes de Carrión pagan en «apreciaduras», o sea, en «especies», que son caballos, armas y vestidos (3242-3243).

La *bestia*, en sentido particular, designa en el Cantar también el animal para cabalgar:

mandadnos dar las bestias e cavalgaremos privados
(1061. Comp. también vv. 2255-2816).

Como bestias de carga servían, sobre todo, las *acémilas* que llevaban también las armas de los caballeros:

mandaron cargar las azémilas con averes a nombre (2705).

Otra referencia a ellas se halla en el verso 2490.

Los *camellos*, que eran las bestias de carga en los ejércitos musulmanes ⁽⁵⁾, se mencionan una sola vez en el Cantar (2490), con motivo del reparto del botín después de la victoria sobre el rey Búcar. En la «quinta» que le corresponde al Campeador entran «seys cientos cavallos, e otras azémilas e camellos largos» (= camellos en abundancia).

Otro cuadrúpedo que presta útiles servicios en las empresas bélicas es la *mula*; por eso, se alude a ella en varias ocasiones.

Minaya piensa proveer en Burgos a doña Jimena, a sus hijas y a las demás damas de su cortejo de:

palafrés e mulas que non parescan mal (1428).

Como se las empleaba también como bestias de carga, se apreciaban especialmente, cuando eran «gruessas»:

⁽⁴⁾ o. c., p. 428.

⁽⁵⁾ o. c., p. 524.

Tanta gruessa mula... (1987, 2114, 2272, 3243).

La bestia ocurre en el Cantar, en primer lugar, en la acepción de «cualquier animal cuadrúpedo», especialmente «fiera, salvaje» (2699, 2751, 3267).

Los infantes de Carrión dejan a las hijas del Cid desamparadas en el «robredo de Corpes»:

a las bestias fieras e a las aves del mont (2945, 3267).

Como sinónimo de «fieras» aparece una vez la expresión *ganados fieros*:

los ganados fieros non nos coman en aqueste mont (2789).

Con el nombre de *gañado* (ganado) se designa en el Cantar a las «bestias mansas que se apacientan juntas» ⁽⁶⁾:

e essos gañados quantos en derredor andan (466).

Del mismo modo, se mencionan, brevemente, en un solo pasaje, las ovejas y las vacas entre el botín que trae Alvar Fáñez después de saquear toda la tierra hasta Alcalá, cuando Castejón cae en poder del Cid:

muchos gañados de ovejas e de vacas (481).

La primera referencia que hace el Poema al león se halla en la oración de doña Jimena durante los maitines en Cardena:

salvast a Daniel con los leones en la mala carçel (340)

y luego, cuando se relata el episodio novelesco del león que se escapa de su jaula en Valencia. Mientras los infantes de Carrión huyen espantados y se esconden, el Cid amansa a la fiera y la conduce a la jaula (2282-2301). Se alude nuevamente a este mismo episodio en los versos 2548 y 3330. Con él el poeta no pretende hacer resaltar determinadas cualidades del rey de los animales, sino

⁽⁶⁾ o. c., p. 701.

tan sólo poner de manifiesto la cobardía de los infantes de Carrión.

El *perro* que, en general, en la poesía desempeña un papel análogo al del caballo como fiel compañero de su amo, aparece aquí con un rasgo poco simpático, en el giro figurado: *canes traydores* (3263), aludiendo a los infantes de Carrión.

Aquí termina la lista de cuadrúpedos y sólo nos queda por mencionar unas pocas aves.

El nombre genérico ave ocurre en la expresión fija *las aves del mont* (2751, 2946, 3267) en el sentido de «aves carnívoras» y en *buenas aves* (859) como «buenos agüeros» (7).

También por razones de superstición exclusivamente figura como ave de buen o mal agüero la *corneja*:

A la exida de Bivas, ovieron la corneja diestra
e entrando a Burgos oviéronla siniestra (11-12).

El *azor*, y particularmente «el que había pasado ya la época peligrosa de la muda del plumaje, era ave de caza muy estimada» (8), aparece con mucha frecuencia en la literatura medieval; del mismo modo *el halcón*.

El caballero y el halcón son dos conceptos casi inseparables. La caza era uno de los deportes feudales de la Edad Media, al cual el Cid no podía sustraerse, y la alusión a las

alcándaras vázias...
e sin falcones e sin adtores mudados (4-5)

pinta con toda claridad la pobreza y miseria en que había caído el héroe.

Finalmente, el *gallo* se nombra, sólo por su canto que viene asociado al tiempo. Así, se emplea en el Cantar el giro *a los mediados gallos*, o sea, «a las tres de la madrugada» (324, 1701). Luego, se mencionan los gallos que con su canto anuncian el amanecer (169, 209, 316):

a la mañana quando los gallos cantarán (316).

Resumiendo los datos anteriores podemos decir que los animales

(7) o. c., p. 485.

(8) o. c., p. 429.

que figuran en el *Cantar de Mio Cid*, ocupan claramente una posición subordinada. El interés del poeta por ellos es prácticamente nulo, lo que se explica naturalmente también por la índole de la obra. Aparecen los animales en el poema sólo cuando la narración reclama su presencia. De ahí la absoluta objetividad, sin ninguna nota emocional.

Todavía el hombre permanece distanciado de la naturaleza, no existe ningún lazo de afecto entre él y el animal. Así, por ej., no se nos dice nada en particular que revele un cariño especial, o siquiera mayor interés de parte del Cid por su caballo predilecto «Babieca». El poeta no señala ni un solo rasgo de sus características físicas que pudiera destacarlo entre los demás caballos: no se habla del pelaje, no se describen sus adornos, ni la silla ni los frenos que lleva. Meras fórmulas parecen los calificativos que se aplican aún a los mejores caballos de armas; son simplemente *fuertes, gruesos o corredores*.

Esta indiferencia es, por supuesto, más grande todavía cuando se trata de animales que no suelen estar en contacto continuo con el hombre. Todos ellos, salvo la bestia fiera, carecen de calificativo.

La sensibilidad del poeta con relación a la naturaleza en general, y a los animales, en particular, es, como se ve, muy débil. No le seduce ni siquiera el canto de los pájaros — que más tarde será indicio seguro de acentuado sentimiento de la naturaleza —; no lo advierte en ningún momento; ciertas aves, como la corneja, no existen para él sino para desempeñar papel de agoreros.

En otra ocasión, veremos cómo el hombre, en la poesía española, se va acercando paulatinamente a la naturaleza y luego comienza a ocuparse de los animales hasta proyectar sobre ellos sus propios estados anímicos.

Universidad de Chile,
Instituto de Filología.

RODOLFO OROZ

Port. et Cast.: *Amainar*

Le plus ancien exemple du terme remonte au fameux romance du Comte Arnaldos :

Marinero que la manda [la galera]
diciendo viene un cantar,
que la mar facia en calma,
los vientos hace amainar.

Le contexte ne laisse pas de doute sur le sens : «calmer, apaiser». Cette même et unique signification recouvre le mot aujourd'hui encore. Nous ne pourrions affirmer qu'il s'est transmis par voie orale. Est-il, fut-il, jamais, vraiment populaire ? Nous l'avons toujours trouvé, dans Valle Inclán par exemple, faisant corps avec son inévitable sujet : «amainaban los vientos».

La rareté, en castillan, de la diphtongue *ai* dans une racine et, aussi bien le fait que les romances de ce type sont truffés de mots provençaux ou français, pointaient dans la direction d'une source exotique. De fait, Thomas (*Romania*, 36, 415) trouve prov. *amaisnar*, dans le sens de «apaiser». Se réfère-t-on au dictionnaire de Godefroy ? On trouve *amainier*, *amesnier*, «admettre dans la famille, rassembler, apaiser, accorder, réconcilier, se réconcilier». «Nous sommes concrdé et amaisnié entre nous». Ainsi l'étymon serait «mansio».

Mais Meyer-Lübke, sous le numéro 4.527 de son dictionnaire, rejette cette hypothèse : «Zu prov. *amaisnar*, beruhigen, Thomas (*Romania*, 36, 415), ist lautlich und sachlich abzulehnen». Dans le fascicule 143 (juillet 1907) de cette même revue, où il rend compte d'une étude de A. Thomas (Deux quatrains... en 1586), il précise son argumentation : Weiter reichend ist die Bemerkung, dass das prov. *amaisnar* (das aus alter Zeit nicht belegt ist, aber als *amoina* in einem der Gedichte erscheint) die Grundlage für n. prov. *ameiná*,

frz. *amener*, it. *ammainare*, usw., «die Segel einziehen» bilde. *Amainar* bedeutet «ans Haus gewöhnen», vinz. *moïna*, zähmen, beruhigen. March. *se amoina*, «sich beruhigen», also liegt offenbar ein Ausdruck der Viehzucht im weiteren Sinne vor. Là-dessus, il fait remarquer pertinemment que le marin amène la voile surtout quand la mer est démontée, que le bateau risque de chavirer, et non quand elle est calme. Il propose donc l'étymologie de Flechia, *Arch. Glott.*, IV, 372: **invaginare*, placer dans l'étui, pour le napolitain: *ammayenare*, qui conduit à l'italien *ammainare*, et pour le fr. *amener*, le prov. et le catalan, *amainar*. Or le catalan connaît aussi *enveynar* (Meyer-Lübke, Z. f. r. Ph. 32, 501).

Enfin, puisque lui-même soulève le lièvre, j'entends fait de *se amoina* un terme de l'élevage, on serait amené à proposer un autre étymon: *minare* (pour *minari*), menacer, conduire le troupeau, mener le gibier au son de la trompe (Chanson de Roland, *menée*, selon Bloch). Or là encore, nous nous heurtons au prov. et cat. *menar*, et même à l'asturien *aminar las bakes*, selon toujours Meyer-Lübke (5585) «die Kühe zusammentreiben».

Bref les formes dérivées des trois étymons se chevauchent et les sens s'imbriquent.

On en oublie les deux faits essentiels, que le cast. *amainar* est emprunté au prov. ou cat. *amainar* ou *amoinar*, que leur signification commune, apaiser, s'apaiser, coïncide avec celle du vieux français *amainier*, *amesnier*, ce qui implique le départ commun du latin *mansio*. Accorder la surface de la voile avec le vent, c'est aussi bien faire rentrer dans l'ordre les éléments. Il n'est pas toujours nécessaire pour cela d'«amener toute», comme disent les marins. Nous ne pensons pas non plus que dans cette extrémité, le matelot pressé par la tempête s'occupe à remettre la voile dans son fourreau (si vraiment fourreau y a). La co-existence de cat. *enveynar*, fr. *engainer* avec *amainar* et *amainier* semble au moins indiquer une différence d'emploi, vraisemblablement de sens. La co-existence de *menar*, ast. *aminar* et fr. *mener* avec *amainar* et *amainier* démontre assez qu'il s'agit de deux familles de mots. Toutes ces raisons et, de plus, l'exemple espagnol, corroborent la thèse de Thomas.

Faculté des Lettres de Bordeaux. CHARLES V. AUBRUN

① v. A. Lombart, *Bull. Linguist.*, XIV, 64

Estregar

Existe en español al lado de *fregar* «estregar con fuerza una cosa con otra» y *refregar* «estregar una cosa con otra» el verbo *estregar* «frotar, pasar con fuerza una cosa sobre otra para dar a ésta calor, limpieza, tersura, etc.». Existen además los derivados *estregón* «roce fuerte, refregón», *estregamiento*, *estregadura* «acción y efecto de estregar o estregarse», *estregadera* «cepillo o limpiadera de cerdas cortas y espesas», *estregadero* «sitio o lugar donde los animales se suelen estregar, como peñas, árboles y partes ásperas; paraje donde estriegan y lavan la ropa».

Covarruvias creía que *estregar* es el mismo verbo que lat. *stringere*. Diez⁽¹⁾ supone que *estregar* es una corrupción de port. *esfregar* e it. *sfregare*. Baist⁽²⁾ desecha la explicación de Diez. Le parece imposible que *estregar* tuviera parentesco con el verbo alemán *streichen* «frotar». Cree que *estregar* contiene el radical de *strigilis*. Parodi⁽³⁾ piensa en un derivado de *terere*, construyendo un verbo **extericare* > *estergar*, por metátesis *estregar*, etimología demasiado hipotética. Además, *terere* o derivados de *terere* no sobreviven en ninguna lengua románica. El *Diccionario de la Academia Española* continúa explicando *estregar* por un hipotético *striga* de *stringere* «rozar». Meyer-Lübke⁽⁴⁾ adopta el punto de vista de Baist, suponiendo un cruce entre *fricare* y *strigilis*. Américo Castro⁽⁵⁾ deriva *estregar* de **strigare*.

Los ejemplos más antiguos de *estregar* que conozco datan del siglo XV y se encuentran en el refrán *Jo, que te estrego, burra de mi suegro*, que el *Dicc. de la Academia*, art. *burra*, explica «refrán que se aplica a los que se resienten cuando les hacen bien». Covarruvias

(1) *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen*, art. *iregare*.

(2) *Zeitschrift für romanische Philologie*, V, 562.

(3) *Romania*, XVII, 67.

(4) *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, art. 3.501 *fricare*.

(5) *Glosarios latino-españoles de la Edad Media*, Madrid, 1936, pág. 215.

dice del refrán *XO que te estriego burra de mi suegro*: «devia de tener coxquillas, y quando la estregauan tiraua cozes, o mordia. Los labradores traen este refran a diuersos propositos, especialmente quando asientan la mano a sus mugeres, si son inquietas». El refrán se encuentra en la *Celestina*. Calisto alaba a Celestina en presencia de su criado Sempronio:

Dile que cierre la boca é comience abrir la bolsa: que de las obras dudo, quanto más de las palabras. *Xo que te estriego, asna coxa*. Más hauías de madrugar, *Celestina*, edición Cejador y Frauca, I, pág. 91-92, Clásicos castellanos, 20.

Recordando que el refrán *Jo que te estrego, burra de mi suegro* se halla ya en Santillana, Cejador y Frauca lo explica así: «Dícese como en el texto, desechando algo, como las alabanzas no merecidas, que algo más pretende con ellas el que las dice».

El mismo refrán se encuentra también en Cervantes. Don Quijote y Sancho Panza hacen reverencia a Dulcinea del Toboso y las otras aldeanas que toman por burla ese homenaje, y una de ellas dice:

Mas ¡ jo, que te estrego, burra de mi suegro! Mirad con qué se vienen los señóricos ahora á hacer burla de las aldeanas, como si aquí no supiésemos echar pullas como ellos! Vayan su camino, é déjenmos hacer el nueso y serles ha sano, *Don Quijote*, II, cap. X.

El verbo portugués correspondiendo a *estregar* es *esfregar*. Existe todavía también en portugués la forma *estregar*, que se encuentra en el canto VI, estrofa 39, de algunas ediciones de los *Lusiadas*:

Vencidos vem do sono e mal despertos...
Os olhos contra seu querer abertos,
Mas *estregando*, os membros estiravam:
Remédios contra o sono buscar querem.

Según Carl von Reinhardstoettner⁽⁶⁾, *estregar* se encuentra en las ediciones más antiguas y en varias otras posteriores, pero según él es error evidente. Domingos Vieira⁽⁷⁾ se esfuerza por demostrar que *estregar* es un error, pero Carolina Michaëlis⁽⁸⁾ opina en favor de la forma: «*Estregar*, assim como a forma reforçada *arrestregar*, subsistem na linguagem popular dos Bercianos, portanto em comarcas

(6) *Os Lusiadas*, Strassburg, 1874-5, págs. XXXIII-XXXIV y 165.

(7) *Grande Dicionario Português*, vol. 3, art. *estregar*.

(8) *Revista Lusitana*, XI, 51-52.

fronteiriças de Portugal», señalando *estregar os olhos*, *arrestregar as mãos*. Es pues evidente que *estregar* existe al lado de *esfregar* en portugués, y Carolina Michaelis censura con razón a los que han borrado *estregar* de la estrofa de los *Lusíadas*.

La forma portuguesa *esfregar* no se encuentra sólo en Portugal. La ofrecen también algunas regiones septentrionales de España:

Esfregar «refregar, estregar», Apolinar de Rato y Hévía, *Vocabulario de las palabras y frases bables*, Madrid, 1891. — *Esfregar* «restregar, frotar», Bernardo Acevedo y Huelves, Marcelino Fernández y Fernández, *Vocabulario del bable de Occidente*, Madrid, 1932. — *Esfregar* «restregar, restregar el maíz para desgranarlo», *Estregotiar* «fregar ligeramente o muchas veces», María Josefa Carellada, *El bable de Cabranes*, Madrid, 1944. — *Esfregar* «frotar, estregar una cosa contra otra, dar fricciones». *Esfregadela* «frotación ligera». *Esfrega* «frotación, acción y efecto de *estregar*, variante *estregamento* y *frega*, Leandro Carré Alvarrellos, *Diccionario galego-castelán*, A Cruña, 1931.

*
* *
*

En vista de la coexistencia de ambas formas *estregar* y *esfregar* tanto en español como en portugués, me inclino a creer con Diez que *estregar* es forma corrompida de *esfregar* (it. *sfregare*, pg. *esfregar*, span. *entstellt in estregar*). La evolución *sfr* > *str* es muy natural y no tiene nada de extraordinario.

En mi propia lengua, el sueco, existe el sustantivo *hustru* «esposa», que proviene de la forma anterior *husfru*, etimológicamente «señora de casa», de *hus* «casa» y *fru* «señora» (compárese alemán *Hausfrau*). El nombre propio femenino *Astrid*, frecuente en las lenguas escandinavas, tenía antiguamente la forma *Astrid*, de *as* «dios» y *frid* «paz». Elof Hellquist⁽⁹⁾ supone pérdida de la *t* en el grupo *sfr* e intercalación subsecuente de una *t* en el grupo secundario *sr* (*sfr* > *sr* > *str*). El sueco, como varias lenguas germánicas, es refractario al grupo *sr*, que allana por la intercalación de una *t*. El sustantivo francés *casseroles* «cazo, cazuela», prestado por el sueco, aparece primero bajo la forma *casseroel* 1690, pero ya a principios del siglo siguiente se encuentra *castrol*, *kastrull*⁽¹⁰⁾. Sueco *ström*, alemán *Strom*, inglés *stream* «corriente, río», que es la misma palabra que griego *ῥέμα*, supone un radical *sru*, atestiguado por sanscrito *srávati*

⁽⁹⁾ *Svensk etymologisk ordbok*, art. *hustru* y *Astrid*.

⁽¹⁰⁾ Véase Hellquist, *op. cit.*, art. *kastrull*.

«corre, hablando del agua» ^(11a). Sueco *syster*, alemán *Schwester*, inglés *sister* «hermana» provienen de un radical *swesr*, sanscrito *svasr-* ^(11b).

Las lenguas eslavas conocen también la intercalación de *t* en el grupo *sr*. Al radical *stru* citado arriba corresponde en antiguo eslavo *struja* y al lat. *acer*, *acris* corresponde lo mismo en ant. eslavo *ostr*, desarrollo secundario de una forma primitiva *osr* ⁽¹²⁾.

En francés se intercala del mismo modo una *t* en el grupo *sr*. Del substantivo *casseroles* existe también en francés, como lo señala Littré en su grande diccionario, la mala pronunciación *kastrol* entre la gente baja. La forma del bajo latín **essere* por latín clásico *esse* ha dado en francés ant. *estre*, francés moderno *être*. En el francés antiguo esa intercalación de la *t* era frecuentísima: *c a r c e r* > *chartre*; *c r e s c e r e* > *croistre*, *croitre*; *p a r e s c e r e* > *pareistre*, *paraître*; *p a s c e r e* > *paistre*, *paître*; *c o g n o s c e r e* > *connoistre*, *connaître*, etc.

La intercalación de *t* en el grupo *sr* es característica también del español, lo que revelan los antiguos futuros *istrá* de *exir*, *falleztrá* de *fallecer*, *conoztrá* de *conocer* ⁽¹³⁾. Como por el otro lado los substantivos *estrella*, *estropajo* y otros han añadido una *r* epentética al grupo *st* de *stella*, *stuppá* ⁽¹⁴⁾, manifestando de esta manera la popularidad del grupo *str* en la lengua española, no puede parecer temeraria la suposición de que *estregar* haya sustituido a *esfregar*, como *hustru*, *Astrid* han reemplazado en sueco *husfru*, *Asfrid*.

La pronunciación del grupo *sfr* es incómoda. A la articulación ápico-alveolar de la *s* sigue la articulación labio-dental de la *f*, interrumpida por la articulación ápico-alveolar de la *r*. Es muy natural que, en la pronunciación corriente, se suprima la *f* para evitar la interrupción de las contiguas articulaciones ápico-alveolares de los sonidos *s* y *r*. La forma *Asrid* por *Asfrid*, de la cual hay ejemplos literarios en el sueco antiguo, atestigua ese estado intermediario entre

^(11a) Véase Hellquist, *op. cit.*, art. *ström*.

^(11b) Véase Friedrich Kluge, *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*, art. *Schwester*.

⁽¹²⁾ Véase Alois Walde, *Lateinisches etymologisches Wörterbuch*, art. *acer* y *Roma*.

⁽¹³⁾ Véase R. Menéndez Pidal, *Manual de gramática histórica española*, § 123.2, y A. Zauner, *Altspanisches Elementarbuch*, § 132.

⁽¹⁴⁾ Véase W. Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, art. 8.332 *stuppá*.

Astrid y *Astrid*. Como ni el español ni el sueco toleran el grupo *sr*, una *t* se ha intercalado en ambas lenguas, fenómeno naturalísimo, pues en el tránsito de *s* a *r* la lengua pasa un momento muy cerca de la posición articulatoria de la *t*, la vibrante *r* siendo una combinación de articulación oclusiva y fricativa.

Tal vez quisiera alguien objectar contra esta explicación que la evolución *estregar* > *estregar* no es verosímil, pues no se hubiera podido perder el contacto entre *estregar* y el simple *fregar*. Esa no es una objeción valedera. En sueco, al producirse la evolución *hufu* > *hustru*, *Astrid* > *Astrid*, se ha perdido de vista que estas palabras eran compuestas de *fru* «señora» y *frid* «paz», palabras frequentísimas en la lengua sueca y en todas las lenguas escandinavas, a las que *hustru* y *Astrid* son comunes.

*

* *

Meyer-Lübke cita en otro lugar ⁽¹⁵⁾ siciliano *strikari* y calabrés *strikare*, que explica lo mismo por un cruce entre *fricare* y *strigilis*. Es indudable que las formas siciliana y calabresa se han desarrollado de la misma manera que sueco *hustru*, esp., port. *estregar*, es decir por las etapas *sfr* > *sr* > *str*. Al lado de *strikari* se halla en los dialectos precitados el verbo simple *fricari* «leggermente stropicciare, fregar», como existe *fregar* al lado de esp., port. *estregar*. Hay además una objeción grave contra la probabilidad de un cruce entre *strigilis* y *fricare*: *strikari* tiene un sentido general, mientras *strigilis* y los derivados sicilianos y calabreses de *strigilis* tienen un sentido muy restringido, refiriéndose exclusivamente al caballo, como se ve por las definiciones siguientes:

Stricari «fregare, stropicciare, e dicesi per lo più delle cose che si vogliono ripulire o nettare, ed anche delle biancherie che si lavano», Vincenzo Mortillaro, *Nuovo dizionario siciliano-italiano*, Palermo, 1838. — *Stricari* «stropicciare leggermente, fregar, detto delle cose che si vogliono ripulire, lavare, como si fa de' panni», Antonio Traina, *Nuovo vocabulario siciliano-italiano*.

Strigghia «strumento composto di tante lamine di ferro dentate, col quale si frega e ripulisce il cavallo», *strigghiare* «pulire il cavallo colla stregghia» Traina.

⁽¹⁵⁾ *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, art. 8.312 *strigilis*. Esp., port. *estregar* se cita bajo el art. 3.501 *fricare*.

El eminente romanista Gerhard Rohlfs me señaló otros casos de *str* por *sfr* o *spr* y algunos ejemplos de la transición semejante *scr* > *str*, apuntados en su magnífico *Dizionario dialettale delle tre Calabrie*:

spronu, sironu, sronu, stronu «tasso barbasso», de *σπῖόνος*.

spronara, stronara «tasso barbasso», de *σπῖόνος*.

sfrusciari «prodigare il denaro, dissipare», *strusciari* «sciupare».

sfragari, spragare «sciupare, sprecare», *stragare* «sciupare, dissipare» ⁽¹⁶⁾.

sragasciari «atterrare», *stragásciu* «fracasso».

scrumbu «scombroy», *strumbu* «scombroy», de *s c o m b e r*.

scrúsciu, sgrúsciu «scroscio, rumore», *strúsciu, štrúsciu, šrúsciu* «scroscio, rumore».

Srúsciu es forma intermedia como sueco *Asrid* citado arriba.

Claro es que el desarrollo *sfr* > *str*, *scr* > *str* no se puede caracterizar de ley fonética. Es un desarrollo orgánico esporádico que puede suceder en cualquier lengua que no es refractaria al grupo *str*.

Universidad de Estocolmo.

GUNNAR TILANDER

(16) Compárese esp., port. *estragar*, que puede pues derivar del radical *frag-* de *frangere*, *fragmentum*, etc.

A expressão da dor no Cancioneiro Geral de Garcia de Resende

O Cancioneiro Geral constitui documento magnífico da vida dos homens quatrocentistas. Compilação das poesias de todo um século, ele traz até nós o latejar da alma desse mesmo século. Se nos versos anedóticos, de fraco conteúdo poético, apenas encontramos a anotação de factos e costumes, nos versos sinceros, de pura poesia — mais frequentes do que habitualmente se pensa — sentirmos pulsar o coração e a alma de uma época. Basta que sobre o Cancioneiro nos inclinemos com atenção inteligente, para que o século XV ressuscite aos nossos olhos, em vida exterior e íntima. Sentimo-lo nos temas e no estilo, esse século XV, ainda cheio de medievalismo e rico já, simultaneamente, da luz que sobre ele projecta a nova idade renascentista.

Os poetas do século XV juntam a uma forte tradição trovadoresca o início da cultura humanista, colhida especialmente em Dante e Petrarca, embora em segunda mão. Não podemos também esquecer que as descobertas, com pequena projecção directa na poesia quatrocentista, abrem contudo aos poetas maiores horizontes de vida, com inevitável projecção indirecta na mesma poesia.

Todo este aumento de vitalidade o Cancioneiro Geral revela, na variedade dos temas, no desenvolvimento destes, e ainda na riquíssima linguagem com que exprime todos os sentimentos e futilidades que o enchem. Linguagem, além de rica, curiosíssima, pela revelação do seu desenvolvimento, em relação às épocas anteriores. Nota-se, na verdade, extraordinário progresso em todos os domínios da linguagem. Nas expressões abstractas, porém, torna-se mais sensível este progresso, testemunho certo do desenvolvimento intelectual que caracteriza o século XV. Os escritores observam já e exprimem com maior amplitude o seu mundo interior, de ideias e sentimentos.

Por isso nos tentou o estudo da linguagem abstracta, e, neste

capítulo, a expressão da dor — talvez o sentimento de maior extensão na lírica portuguesa de todos os tempos.

É sabido que os poetas do Cancioneiro, brincalhões e frívolos, escolhiam temas de gracejo, de preferência a assuntos graves e sérios. A maioria das suas poesias gira à volta de temas fúteis, de carácter anedótico ou sarcástico. No entanto a expressão da alegria é pobre, enquanto a da dor apresenta facetas muito mais variadas.

Julgamos poder explicar, em parte, esta aparente contradição, pela herança do vocabulário poético da poesia trovadoresca, mais rico, na tradução da dor do que da alegria. É certo que o vocabulário trovadoresco era, de modo geral, reduzido, mas é certo também que as expressões alegres são, de todas ainda, as mais reduzidas.

Os poetas quatrocentistas continuaram, na pegada dos seus maiores, a exprimir eloquentemente sentimentos de mágoa, ainda quando essa mágoa era convencional. Desenvolveram, em lindas poesias, motivos trovadorescos, especialmente os que mais se amoldavam ao lirismo português — saudade, coita de amor, dor da partida — e ao desenvolvimento desses temas deram o que de melhor possuíam na sensibilidade e na expressão. Nos temas anedóticos e frívolos repetiram à saciedade as mesmas expressões, como que pondo a seriedade de linguagem ao serviço da frivolidade do conteúdo.

A par de expressões tradicionais trovadorescas, herança da Idade Média, que declinava, novas formas expressivas aparecem, anunciadoras da nova Idade renascentista.

Vamos tentar, sempre que possível, estudar nas expressões de dor, a projecção dessas duas Idades que lhe deram origem.

Encontramos para traduzir a dor, no Cancioneiro Geral, inúmeros vocábulos, muitos já usados pela poesia trovadoresca. Assim:

Coita (1), *cuidado* (2), *dano* (3), *desventura* (4), *dor* (5), *má ventura* (6), *mal* (7), *marteiro* (8), *nojo* (9), *padecimento* (10), *paixão* (11), *pena* (12), *pesar* (13), *tormento* (14), *tribulação* (15), *tristeza* (16), *tristura* (17), e ainda os infinitos substantivados *cuidar* (18), *padecer* (19), *penas* (20).

Menos frequente talvez, mas também de emprego habitual, encontramos: *amargura* (21), *angústia* (22), *desdita* (23), *mágoa* (24).

(1) I-283. (2) I-153. (3) I-211. (4) I-150. (5) I-157. (6) I-156. (7) I-301. (8) I-244. (9) I-268. (10) I-281. (11) I-158. (12) I-132. (13) I-243. (14) I-298. (15) I-243. (16) I-263. (17) I-143. (18) I-371. (19) I-241. (20) I-280. (21) I-243. (22) I-355. (23) I-385. (24) I-361.

Já em derivação mais rica aparecem muitos adjectivos e verbos.

Quer a alma do poeta, quer a sua vida, quer a própria dor, são qualificadas pelos seguintes adjectivos:

Cativo (25), *cuidoso* (26), *desamparado* (27), *desconfortado* (28), *desconsolado* (29), *desesperado* (30), *dorido* (31), *doroso* (32), *miserável* (33), *padecente* (34), *penado* (35), *perdido* (36), *trabalhado* (37), *triste* (38).

Os males e dores da vida são:

Ásperos (39), *bravos* (40), *crecidos* (41), *crueis* (42), *danosos* (43), *descomunais* (44), *desiguais* (45), *desmedidos* (46), *desvairados* (47), *dobrados* (48), *esquivos* (49), *fortes* (50), *grandes* (51), *graves* (52), *lastimados* (53), *lastimeiros* (54), *mortais* (55), *sobejos* (56), *sobrecrecidos* (57).

A sorte ou a vida, por sua vez, é particularmente:

Corrida (58), *mingoada* (59), *perdida* (60), *querelosa* (61).

Os poetas *aqueixam-se* (62), *atortentam-se* (63), *carpem* (64), *choram* (65), *cuidam* (66), *desesperam-se* (67), *doem-se* (68), *entristecem-se* (69), *gemem* (70), *lamentam* (71), *morrem* (72), *padecem* (73), *penam* (74), *pranteiam* (75), *perdem-se* (76), *sofrem* (77), *suspiram* (78).

Os males *adoecem* (79), *crecem* (80), *danam* (81), *daneficam* (82), *dobram* (83), *esforçam-se* (84), *ferem* (85), *matam* (86), *pesam* (87), *quebrantam* (88).

Julgo poderem filiar-se na Idade Média as expressões de luta e guerra, frequentíssimas no Cancioneiro Geral, para traduzir dor e luta interior.

Aparecem, no campo psicológico, os vocábulos: *briga* (89), *contenda* (90), *guerra* (91), *querela* (92). Os «namorados são de tormentos combatidos» (93); a vida é *querelosa* (94) e o poeta *que-reloso* (95) com tristeza.

(25) I-373. (26) I-310. (27) I-263. (28) I-292. (29) II-37. (30) II-27. (31) I-158. (32) I-339. (33) I-353. (34) I-271. (35) I-295. (36) I-242. (37) I-274. (38) I-242. (39) I-282. (40) I-310. (41) I-311. (42) I-354. (43) I-263. (44) I-283. (45) II-34. (46) I-337. (47) I-362. (48) I-301. (49) I-244. (50) I-309. (51) I-309. (52) I-283. (53) I-346. (54) I-358. (55) I-263. (56) I-244. (57) I-269. (58) I-242. (59) II-34. (60) I-312. (61) I-368. (62) I-409. (63) I-386. (64) I-263. (65) I-241. (66) I-344. (67) V-9. (68) I-409. (69) I-371. (70) I-243. (71) I-263. (72) I-309. (73) I-281. (74) I-242. (75) I-339. (76) V-3. (77) I-244. (78) I-244. (79) I-386. (80) I-359. (81) I-33. (82) I-270. (83) I-269. (84) I-379. (85) I-354. (86) I-307. (87) I-404. (88) I-281. (89) I-212. (90) I-213. (91) I-269. (92) I-371. (93) I-340. (94) I-368. (95) I-397.

No entanto, se estas expressões traduzem hábitos medievais, são aplicadas já a modalidades humanísticas, de maior aprofundamento da vida interior, de lutas e incertezas. E mais ainda: assim, com transposição de sentido, no domínio moral, aparecem escassamente na lírica trovadoresca. Apenas encontramos *fazer guerra* (96) e *guerrear* (97), para exprimir sofrimento e luta interior, em Cantigas de Amigo e de Amor.

Parece poder deduzir-se que a poesia de quatrocentos, rica já de espírito renascentista, se traduz, porém, ainda, em imagens de vida medieval.

Também os gritos indomados da Idade Média se sentem na linguagem poética do Cancioneiro:

A dor torna-se *raiva* (98) e *sanha* (99); a pena e o mal são qualificados de *bravos* (100); a dor e o sentimento de *raivosos* (101); a queda do Príncipe D. Afonso de *sanhosa* (102).

Mas estes gritos, que convertem a dor em *raiva* e *sanha*, não se encontram nos Cancioneiros trovadorescos. Dá-se uma transposição: a *sanha* que dominava as donas e amigas das cantigas primitivas, e que continua a dominar as damas quatrocentistas (103), passa também a qualificar o próprio sentimento. Transposição do concreto para o abstracto, que marca já um grau mais adiantado da inteligência e, portanto, da linguagem. Este mesmo processo se verifica nas expressões de dor física, servindo de imagens à dor moral. É quase inovação do Cancioneiro Geral, com explicação na necessidade de tornar a linguagem mais intensa e expressiva. Assim, a dor torna-se mais real, como que sentida na própria carne:

As imagens de *chaga* (104) e *ferida* (105) são frequentes, como o particípio passado *ferido* (106), que quase toma função de puro adjetivo: «com desconsolada vida tam *ferida*, tam *corrida*» (106). Nos cancioneiros trovadorescos apenas encontramos o verbo *ferir* (107), especialmente o particípio passado *ferido* (108), em sentido figurado.

O maior aprofundar da vida interior, produto do Renascimento, encontra-se, como dissemos, patente já na linguagem poética do Cancioneiro Geral. Os poetas reconhecem que a dor põe o espírito em estados de *desvairo* e *alheamento*. E assim traduzem com abun-

(96) C. de Amigo, ed. de J. J. Nunes; II-407. (97) C. da Ajuda, ed. de Clássicos Sá da Costa; I-126. (98) I-379. (99) I-355. (100) I-310. (101) I-370. (102) I-263. (103) II-10. (104) I-396. (105) I-399. (106) I-242. (107) C. de Amigo; II-121. (108) C. de Amigo; II-180.

dância linguística esta observação que, verdadeira em todos os tempos, se torna convencional, pelo exagero, na literatura dos séculos XV e XVI.

Os poetas vivem *alheios* (109) e *desatinados* (110). O *desatento* (111), *desatino* (112) e *desvairo* (113) exprimem o estado desvairado, em que o amor e a dor lançam os amantes. Chegam mesmo à *perdiçam* (114), estado frequentíssimo e repetido em centenas de poesias.

Também uma maior análise íntima faz reconhecer aos poetas que a dor traz como consequência sentimentos de abandono e desalento. Tais sentimentos impregnaram a nossa lírica, em todos os tempos. Em todo o caso, as expressões que os manifestam encontram-se em muito maior quantidade no Cancioneiro Geral do que nos Cancioneiros trovadorescos.

Para a tradução deste desalento e abandono aparece no século XV uma avalanche de expressões: Os poetas cantam com voz *cansada* (115), sentem-se *cansados* (116) de viver, mas nunca de sofrer. Vivem tristes, *desconfortados* (117), *desamparados* (118), quando da morte do Príncipe D. Afonso. *Desesperados* (119) de esperar a benevolência da mulher amada, sentem-se *vencidos* (120) de si próprios.

Invade-os a *desesperança* (121), o *quebranto* (122), o *desemparo* (123), o *desconforto* (124) e a *fadiga* (125), sentimentos provocados pela dor da partida, da ingratidão no amor, e ainda da morte, nos numerosos «prantos» que enchem as páginas do Cancioneiro.

Este desalento vai tornar-se motivo central nas poesias do século XVI, especialmente nas de Bernardim Ribeiro.

A jurisprudência, tão em moda no final da Idade Média, como muito bem faz notar R. Lapa, não só empresta assunto a muitas poesias do Cancioneiro, mas também enriquece o seu vocabulário. Basta que analisemos a tenção poética «Cuidar e Suspirar» (126) por que começa a colectânea:

Os poetas são condenados pelo desejo, que lhes infringe *condenação*. Os suspiros são *testemunhas* e *pregoeiros* dos cuidados. Os poetas, defensores quer do cuidar quer do suspirar, nomeiam *procuradores* que os ajudam na defesa; *alegam* as suas razões; fazem

(109) I-282. (110) I-243. (111) I-378. (112) I-379. (113) I-270. (114) II-35. (115) I-380. (116) I-378. (117) I-292. (118) I-263. (119) I-378. (120) I-346. (121) I-376. (122) I-379. (123) I-263. (124) I-276. (125) I-335. (126) I-5 a 129.

protestações; dirigem-se ao *tabeliam* ou *escrivam* para redigirem processos; chegam a dar-lhes a missão de, por eles, *requerer*, *contradizer*, *consentir* e *apelar*; invocam o seu *direito*.

O Coudel-mor pede *sentença* pelo suspirar. Nuno Pereira pede *pena* para um adversário, porque só ele deve *julgar*; determina que o *secretário* faça o *sumário* do que se determinou. Por fim, em modo de *petição* à Senhora, declara que a *parte contrária* quer demanda prolongada. A Senhora, antes de *dar a sentença*, manda pôr no feito um determinado *desembargo*.

O deus do amor, finalmente, julga os que *deram sentença* por parte do suspirar. Determina que paguem as *custas do processo*, em que foram *culpantes*, e que esta *sentença* seja publicada pelo seu *secretário* e *embaixador*.

Analisando igualmente as imagens e comparações, notamos que são muito mais frequentes e variadas na poesia de quatrocentos do que na dos séculos anteriores. Para exprimir a dor encontramos imagens inspiradas nos trabalhos da vida quotidiana, na natureza, no mar, no fogo, e principalmente na ideia da morte.

O tema da morte, grato aos espíritos medievais, prevalece neste alvorecer do Renascimento, provocando imagens, jogos de palavras, mil e um malabarismos, nem sempre de bom gosto, mas sempre curiosos de estudar: Ao poeta mata-o a mulher amada (127); mata-o o desconhecimento e desconfiança que a mulher tem do seu amor (128); mata-o o próprio amor (129).

A mesma ideia toma várias expressões: *matar a vida* (130), *dar fim* (131), *tirar a vida* (132).

O poeta *morre de amor* (133), *é morto sendo vivo* (134), *vive mais morto que vivo* (135), *dá fim da sua vida* (136), *aterra-se-lhe a vida* (137), *finase* (138).

Sofre tanto que a *vida é pior que a morte* (139), *mais vale a sepultura que a vida* (140), *antes não nacer... que padecer tam esquivo* (141).

Por vezes, entre tanta banalidade, aparecem achados, imagens que só um certo grau de cultura e poder expressivo consegue criar. Lembremos a que já tantas vezes, mas nunca de mais, tem sido citada: «sachardes quem bem descarné / as raízes do amar / dirvos-ão que suspirar / é partir alma da carne» (142).

(127) I-148. (128) I-148. (129) I-148. (130) I-263. (131) I-296. (132) I-158. (133) I-147. (134) I-148. (135) I-237. (136) I-149. (137) I-269. (138) II-35. (139) I-269. (140) I-157. (141) I-244. (142) I-15.

A nenhum dos nossos primeiros trovadores, por mais artista que tenha sido, ocorreu esta imagem, em que a abstracção se torna carne e raiz, para mais enraizado fazer sentir esse amor doloroso que faz «partir alma da carne». Estamos em face do processo estilístico já observado, quando do emprego de expressões de dor física «chaga, ferida» para traduzir dor moral.

O *fogo*, com o seu extenso vocabulário, de nomes e verbos, começa também a tomar grande extensão na linguagem poética do século XV. Anuncia-nos o século XVI, em que os poetas petrarquistas, no séquito do Mestre, usarão e abusarão da imagem do *fogo*.

Dizem, por exemplo, os poetas do Cancioneiro, que o cuidado «é *chama encendida* em que *arde* o coração» (143); o amor «*acende* em *frammas* vivas» (144); os suspiros «vam *ardidos* todos em *chamas*» (145), etc., etc.

O *mar*, que pouco brame neste caudal de versos quatrocentistas, dá ensejo a toda uma poesia de Álvaro de Brito (146), em que, por meio da alegoria de uma tempestade no mar, representa a dor da sua vida sentimental: vive «negro *navegar*... em *vagas* de *mar* aceso *contra vento e sem maré*»; corre «*árvore seca*... sobre *bancos* de discórdia entre *baixas* se perdendo»; vai «de *foz* em fora de prazer *desamarrado*», etc., etc.

Outras imagens aparecem ainda, baseadas em elementos marítimos. Mas, manuseando as fichas em que anotamos a linguagem do Cancioneiro, temos de confirmar o que já tem sido dito desta poesia — o mar pertence aos homens do século XV, quando sobre ele navegam; ao chegarem à corte, o mar é geralmente abandonado, tanto nos temas como na linguagem dos seus versos.

A vida e trabalhos quotidianos, pelo contrário, provocam imagens frescas e de vivo realismo. Esta tendência realista mostra-se uma das características essenciais de toda a extensa poesia do século, como já, e muito bem, fez notar J. Ruggieri. Exemplifiquemos:

Os verbos *quebrar* e *amolgar*, de uso material constante, traduzem na vida moral a amargura interior: «...vosso suspirar nunca *quebra* nem *amolga*» (147).

O Coudel mor escreve toda uma poesia (148), defendendo a ideia de que o cuidar *amolga* mais que o suspirar.

(143) I-44. (144) V-88. (145) I-74. (145) I-241 a 244. (147) I-50. (148) I-50 a 52.

Ainda para o suspirar esta curiosa imagem «...o suspirar que me vem fresco da forja» (149).

Outros trabalhos caseiros servem aos nossos poetas de termo de comparação: «em o tear do cuidado se tece mui restorçado» (150).

O cuidado é também *peçonha* e os suspiros *triaga* (151).

Os verbos *vestir* e *despir* (152) são interessantes metáforas, tradutoras de acções sentimentais. João Gomes intitula as suas próprias coplas de «*fino retros / madeixas de meu sentir*» (153).

Dado o carácter deste estudo, apenas exemplificamos a afirmação do realismo na linguagem poética do século XV, com algumas imagens mais características. Extenso e belo trabalho se poderia realizar sobre este curiosíssimo assunto!

A natureza, pelo contrário, que tanto inspirou mais tarde os escritores românticos na criação da sua linguagem figurada, encontra-se raramente na génese do estilo quatrocentista. Apenas frases feitas e convencionais: o vento em *castelos de vento* (154); as plantas, emprestando as *raízes* ao amar para o tornar mais profundo, os *ramos* (155) aos suspiros para lhes dar extensão.

Nenhum valor descritivo, estético ou emocional empresta a natureza aos poetas do Cancioneiro. Aparece apenas como subsídio para a expressão de ideias e sentimentos, sem que os poetas, desinteressadamente, se inclinem, para sobre ela demorarem o coração ou os olhos.

Sintetizando: podemos, no final deste estudo, afirmar, com base na documentação apresentada, que a linguagem, quer directa quer figurada, do Cancioneiro Geral se desenvolve extraordinariamente, em relação aos séculos anteriores. Desenvolve-se pela maior cultura dos poetas, cultura revelada na capacidade crescente de observação, tanto da realidade exterior — imagens inspiradas na vida quotidiana —, como da realidade interior — expressões traduzindo estados íntimos, de desvaio, alheamento e abandono. Enriquece-se ainda pelo desenvolvimento de expressões trovadorescas, que tomam no século XV aspectos muito mais variados, em derivação própria e imprópria. Lembremos, por exemplo, o tema da morte, aplicado a matizes inúmeros do mesmo estado de alma.

Desenvolve-se, finalmente, pela adopção de novos temas e novas

(149) I-68. (150) I-77. (151) I-79. (152) I-77. (153) I-79. (154) V-112. (155) I-15.

expressões, que, baseadas ainda em hábitos medievais, traduzem já o espírito renascentista, no que ele revela de mais profunda análise do homem — expressões de guerra, traduzindo a luta da vida interior, batida pelo amor ou pela dor.

Lisboa.

MARIA CONSTANÇA MÚRIAS DE FREITAS

O Elemento Cigano no Calão e na Linguagem Popular Portuguesa ⁽¹⁾

Entre as numerosas e valiosas publicações de Adolfo F. Coelho o livro sobre «Os Ciganos de Portugal» é, sem dúvida, uma das mais brilhantes e mais originais. Como o autor salienta no prefácio, este estudo liga-se às suas «investigações gerais sobre as línguas mistas,

(¹) Na esteira do ilustre autor do livro sobre «Os Ciganos de Portugal», valho-me da mesma terminologia empregada por ele para distinguir as variedades dos falares desta raça; o termo «tsigano» refere-se, por conseguinte, à língua geral ou básica, à de todos os ciganos nos vários países; «gitano» à língua dos ciganos espanhóis, e «cigano» à língua dos ciganos portugueses.

Principais obras citadas:

- Bessa, Alberto, A Gíria Portuguesa. Lisboa 1901.
Besses, Luis, Diccionario del Argot español o lenguaje jergal, gitano, delincuente profesional y popular. Barcelona, s. d.
Borrow, George, The Zingali, or on account of the Gypsies of Spain. 2 vols. Londres 1843.
Hidalgo, Juan, Romances de Germania. Barcelona 1609.
Lopes, Alfredo Augusto, Termos de calão e gíria popular, em: «Polícia Portuguesa», a partir de Janeiro-Fevereiro 1938 (o último fascículo ao nosso alcance chega até à palavra *p r e s o*).
Mayo, Francisco de Sales, El Gitanismo: historia, costumbres y dialecto de los gitanos, por D. Francisco Quindalé. Novísima edición, Madrid 1870 (Quindalé não é mais do que a tradução gitana do esp. Mayo).
Miklosich, Franz, Ueber die Mundarten und Wanderungen der Zigeuner Europas. 12 partes. Viena 1872-1880.
Pederneras, Raúl, Geringonça Carioca. Rio de Janeiro 1922.
Pott, A. F., Die Zigeuner in Europa und Asien. 2 vols. Halle 1845.
Prati, Angelo, Voci di gerganti, vagabondi e malviventi. Pisa 1940.
Quindalé, v. Mayo.
Rebolledo, Tineo, Diccionario Gitano-español y español-gitano. Barcelona—Buenos Aires 1909.
Sainéan, Lazare, L'argot ancien. Paris 1907.
Silva Correia, João da, O eufemismo e o disfemismo na língua e na literatura portuguesa, em: Arquivo da Universidade de Lisboa XII (1927), págs. 445-787.

de que os dialectos tsiganos são tão frisantes exemplos, e sobre os problemas da etnologia geral, tais como a persistência dos caracteres étnicos, as migrações, as formas primitivas das relações internacionais, problemas para cuja solução a tsiganologia ministra dados importantes». Não esqueçamos que Coelho foi também o autor dos substanciais artigos «Dialectos românicos ou neolatinos na África, Ásia e América», publicados no «Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa» (1881), que se podem considerar os precursores, não indignos, dos célebres «Kreolische Studien» de Hugo Schuchardt. Durante toda a sua vida, Coelho não deixou de se dedicar a semelhantes estudos, procurando sempre penetrar no âmago dos problemas e seguindo trilho independente.

O livro sobre os Ciganos consiste de uma parte linguística (Capí-

-
- V i o t t i , Manuel, Dicionário da Gíria Brasileira. São Paulo (1945).
- W a g n e r , Max L., Mexikanisches Rotwelsch, em: Zeitschrift für Romanische Philologie XXXIX (1918), págs. 513-550.
- W a g n e r , Max L., Notes Linguistiques sur l'argot barcelonais. Barcelona 1924 (Biblioteca Filològica de l'Institut de la Llengua Catalana, no XVI).
- W a g n e r , Max L., Uebersicht über neuere Veröffentlichungen über italienische Sondersprachen. Deren zigeunerische Bestandteile, em: «Vox Romanica» I (1936) págs. 264-317.
- W a g n e r , Max L., Portugiesische Umgangssprache und Calão, besonders im heutigen Lissabon, em: «Volkstum und Kultur der Romanen» X (1938), págs. 1-41.
- A l c a l á V e n c e s l a d a , Antonio, Vocabulario Andaluz. Andújar 1934.
- A l e m a n y , José, Diccionario enciclopédico ilustrado.
- C a p e l a e S i l v a , J. A., A linguagem rústica no Concelho de Elvas. Lisboa 1947 (Edição da «Revista de Portugal»).
- G a r c í a - L o m a s , G. Adriano, Estudio del dialecto popular montañés. San Sebastián 1922.
- G o n ç a l v e z V i a n a , A. R., Apostilas aos dicionários portugueses. 2 vols. Lisboa 1906.
- L a m a n o y B e n e i t e , José, El dialecto vulgar salmantino. Salamanca 1915.
- N a s c e n t e s , Antenor, Dicionário etimológico da língua portuguesa. Rio de Janeiro 1932.
- S e v i l l a , Alberto, Vocabulario murciano. Murcia 1919.
- S l a b y , Rudolf J. und G r o s s m a n n , Rudolf, Wörterbuch der spanischen und deutschen Sprache. Leipzig 1932.
- T o r o y G i s b e r t , Miguel, Voces andaluzas o usadas por autores andaluces que faltan en el Diccionario de la Academia Española, em: «Revue Hispanique» XLIX (1920).
- Z a m o r a V i c e n t e , Alonso, El habla de Mérida y sus cercanías. Madrid 1943 (Revista de Filología Española, Anejo XXIX).

tulos I e II: «A língua dos Ciganos» e «O calão e a língua dos Ciganos») e de uma parte etnológica (Capítulo III: «Esboço histórico e etnográfico»), com três apêndices (I: «Documentos»; II: «Os Ciganos do Brasil»; III: Tipo físico dos ciganos»). Neste nosso artigo ocupamo-nos apenas da parte linguística, especialmente das relações do cigano com o calão.

O livro começa com uma exposição da «Língua dos Ciganos»: transcrevem-se primeiro frases soltas; vem a seguir um vocabulário de 27 páginas e «considerações gerais».

Na *Revista Lusitana*, vol. I (1887), Coelho tinha já publicado uma lista de palavras ciganas, recolhidas no Alentejo por A. Tomás Pires, que tanto interesse tem mostrado pelos estudos folclóricos portugueses; depois desta publicação o autor recebeu uma nova colecção de palavras e de frases, também devida ao incansável folclorista de Elvas; além disso, o saudoso mestre José Leite de Vasconcellos pôs à sua disposição os elementos ciganos que lhe foram fornecidos por um cigano da Estremadura. Todos estes materiais foram incorporados na nova lista de termos ciganos que abrange o duplo dos da primeira e que é uma colecção bastante completa, e até à data a única, das palavras da língua dos ciganos de Portugal.

É ponto assente — e o autor sublinha-o também —, que os ciganos de Portugal «devem ser considerados como um simples ramo dos gitanos de Espanha». O seu falar é, pois, na essência, o mesmo que o dos seus irmãos espanhóis, apenas se distinguindo por as formas gramaticais da sua língua originária indiana serem ainda mais reduzidas do que as do gitano espanhol, e por as palavras de origem espanhola estarem submetidas à influência do português. Para quem duvidar ainda que a língua cigana de Portugal não é senão um ramo lateral do tronco espanhol, cumpre pôr em relevo que o vocabulário dos ciganos de Portugal contém vários termos característicos da velha «germanía» espanhola, como *ansia* «água»; *culebra* «cinta», já mencionados por Coelho, e *guillar* «ir», que, no sentido de «fugir, safar-se», se usa também no gitano espanhol e na língua popular espanhola, mas que provém, sem dúvida, daquele *guiñar se*, «irse o huirse», registado por Hidalgo nos seus «*Romances de germanía*» (Barcelona 1609), todas palavras usadas pelos ciganos de Portugal, que não pertencem ao calão português.

Não há dúvida que o calão e até a linguagem popular portuguesa contém elementos ciganos, e estes, embora não tão numerosos como no «caló» e na língua popular de Espanha, são contudo notáveis,

merecendo estudo especial. Num capítulo do seu livro (págs. 151-161), Ad. Coelho já apresentou uma lista de termos do calão em que a origem cigana ou gitana «é em geral certa, nalguns casos simplesmente provável», e acrescentou: «O uso de alguns desses termos acha-se bastante generalizado».

Como já indica o autor, nem todos os exemplos aduzidos são igualmente convincentes. É muito duvidoso, p. ex., que palavras já pertencentes à antiga «germanía» (como *fela* «cara»; *cal-correar* «correr»; *peltra*, *pildra* «cama»; *tasca* «taberna») se devam à mediação gitana; outras parecem formações populares nascidas na península e não têm nada que ver com a língua dos ciganos (como *buldra*, *cardina*, *corripio*, *lodo*, *pachacha*, *rustir*). Não podemos, todavia, concordar com a seguinte asserção do ilustre autor (pág. 161): «Como se vê da lista anterior alguns dos termos notados do calão parecem provir, não directamente de formas ciganas ou gitanas, mas de formas *extrapeninsulares*⁽²⁾; o que pode ser devido a transmissão por tsiganos de outros países, que têm cruzado ou até se têm estabelecido em o nosso». De acordo com o autor, já notámos que os elementos ciganos do calão e da linguagem popular portuguesa não são muito numerosos, e até a língua originária dos ciganos portugueses é relativamente pobre perante a riqueza do vocabulário dos gitanos espanhóis; contém apenas as palavras mais comuns e mais indispensáveis. Seria, por conseguinte, muito estranho que o calão português possuísse termos tsiganos não representados no gitano de Espanha. Nas páginas que se seguem, procuraremos provar que tais palavras, atribuídas por Coelho ao tsigano «extrapeninsular», são, em verdade, ou formações portuguesas ou doutra proveniência, mas não de origem tsigana, ou então elementos que se derivam do «argot» francês (como *dabo*, *gris*, *raso*, *rupim*) e penetrados em Portugal numa época indeterminada e por vias que, por falta de documentação histórica, não podemos precisar. Mas uma influência ligeira do argot sobre o calão é inegável e foi, de resto, admitida também por Coelho (págs. 96 e segs.), embora ele se contentasse com comparações e paralelismos que não pressupõem uma dependência directa. *Sainéan*, no seu livro «L'argot ancien», apresenta, em compensação, uma lista não muito comprida, mas bastante concludente, dos termos do calão derivados do argot francês (pág. 152-153).

(2) O espacejado é nosso.

Apontamos, a seguir, as palavras consideradas por Coelho, com maior ou menor instância, como de procedência tsigana e que, em nossa opinião, se devem explicar doutra maneira. Entre elas vão todas as que o autor quis caracterizar como «extrapeninsulares».

Nesta lista, o autor inclui «não só os elementos dos dialectos tsiganos, e em especial do cigano e do gitano, que são de origem indica, mas em geral todas as palavras que temos razão para julgar trazidas pelos ciganos até Portugal» (pág. 152).

a g u a r u ç a «fim, extremidade; rol do esquecimento», que o autor traz, à pág. 69, como termo do calão indicado pelo escritor Leite Bastos, e que, a págs. 152, vem aproximado a palavras do tsigano oriental do tipo de *a g o r* «ponta, fim». Antes de mais nada, seria preciso saber em que sentido este *a g u a - r u ç a* se emprega, porque a definição dada, e não acompanhada de contexto elucidativo, não é suficiente para se lhe compreender a verdadeira significação, (o que quer dizer «rol do esquecimento»?); em todo o caso, Bessa (p. 22) regista-a como termo «popular»: *a g u a r o ç a*, com a definição «reduzido a nada», também não muito clara, mas que, no entanto, leva a crer que se trata simplesmente de um emprego metafórico do termo *a g u a - r u ç a*, «líquido que é o resíduo do fabrico do azeite», isto é, «resto sem importância; extremidade, fim de uma coisa, o que fica». Aliás, não será descabido focar, de antemão, que é pouco provável uma palavra tsigana ter dado entrada no calão português, existindo só nos dialectos orientais, e não no gitano de Espanha, nem na língua popular espanhola.

b a g a t a «bruxaria» (p. 153), comparado por Coelho, embora com dúvida (e, por isso, colocado entre parênteses) com o git. *b a j í* «fortuna», tsig. grego e rumeno *b a c h t* «felicidade», aproximação pouco verosímil, quer por não existir termo semelhante na Espanha, quer por dificuldades fonéticas e morfológicas. Parece tratar-se de uma palavra indostânica *b h a g a t a* que, na Índia portuguesa, significa «homem que tem trato com o demónio» (Figueiredo).

b a l s a r «ladrar» (pág. 153). Coelho acrescenta: «Pode estar por *b a s s a r* e ligar-se ao seguinte *b a n z a* («guitarra»), pois no tsig. russo há *t e b a ã é s* «ladrar». Não é provável que *b a l s a r* tenha relações com *b a n z a*, do qual trataremos depois, e o radical tsigano *b a ã -* «ladrar» (sanskrit).

b h a s) não parece ter representantes em Espanha. Contudo, a origem índia não é de excluir desde já; o sancr. *b h a s* pressupõe, segundo os indo-europeístas, uma forma **b h a l s* (cf. lituano *b a l s a s* «voz, som»); *b a l s a r* poderia, por conseguinte, continuar este radical, se bem que o isolamento da forma portuguesa nos ponha de sobreaviso, ou ainda é possível tratar-se duma forma onomatopeica.

b a n z a «guitarra» (pág. 153) não corresponde de modo algum ao gitano esp. *b a j a ñ í* de igual significado, que tem outros aparentados nos dialectos tsiganos (cf. *b a j a m b a r* «tocar»); a palavra é indicada por vários autores como brasileira e derivada de uma língua negra, o que é muito mais provável do que a origem índia; e *b a n z é* «gritaria, tumulto», que Coelho liga à precedente, também não deve ser tsigana, mas outrossim africana (o que é mais provável do que ser japonesa, como propôs A. R. Gonçalves Viana, Apostilas I, pág. 127).

b u l d r a «pudendum mulieris». Coelho pergunta-se: «Ligar-se-á ao git. *b u l* «ano»?», mas acrescenta: Queirós traz *b u n d a* «barriga»; no Brasil *b u n d a* significa «nádegas, podex»; é talvez um termo de origem africana». Agora, a primeira hipótese é pouco provável, em primeiro lugar porque uma palavra parecida com esta não existe na língua dos ciganos, nem vem incluída na lista de termos ciganos de Coelho, em segundo lugar, porque *b u l* na verdadeira significação de «ânus», está bem vivo no cigano e até no português popular, como veremos mais adiante, quando tivermos de falar dos elementos ciganos do português popular. Também não me parece que a palavra possa ser idêntica ao Brasil. *b u n d a* «nádegas», que, sem dúvida, provém do quimbundu *m b u n d a* «id.» (Jacques R a i m u n d o, O elemento afro-negro na língua portuguesa, Rio 1933, pág. 109). E passamos por cima das dificuldades semânticas. Mais plausível é a ligação com *b u n d a*, pop. «barriga», citado também por Coelho e citado na obra de Bessa, pág. 61 ao lado de *b u n d r a* «id.», que é atestado para o Algarve por J. J. N u n e s, Rev. Lus. VII, 111 e para o Alentejo na acepção de «homem de barriga grande» por T. P i r e s, Rev. Lus. X, 249. Temos, desde já que excluir a hipótese; não é meu intuito espalhar-me acerca da sua possível origem, o dialecto salmantino conhece *b a l t r a* «abdomen» (Lamano 272), o calão espanhol: *b u l* -

t r a «bolsillo» (Besses 40; cp. Argot barcelon., pág. 33). O que convém frisar é, unicamente, que o vocábulo em questão não pode ser de origem cigana.

c a l c o r r e a r «correr» (p. 154) com remissão para a pág. 111, nota, onde o Aut. alvitra que o gitano *calcó*, *calcorro* «difícilmente pode separar-se dos termos de cal(ão) *calcos* e germ. *calcorros*, para o ligar ao gr. $\kappa\alpha\lambda\tau\iota\chi$. Trata-se, portanto, dum termo já pertencente à antiga «germanía» espanhola. O «Vocabulário de Germanía» de Juan Hidalgo inclui, efectivamente, *calca* «camino»; pl. «pisadas»; *calcar* «pisar o apretar»; *calcorrear* «correr»; *calcorros* «zapatos»; *calcotear* «correr». O calão português também tem *calcos* «sapatos» (Bluteau; v. Coelho, pág. 80; Bessa 67); *calcante* (gat.) «pé», no pl. «sapatos» (Bessa, ibd.). A palavra, não sendo originariamente tsigana, posto que adoptada pelos ciganos da Península, não pode corresponder ao grego $\kappa\alpha\lambda\tau\iota\chi$, como opinaram Miklosich e Pott e com eles Coelho; de resto, a fonética também não condiz com a forma da palavra grega que, aliás, já em grego é um italianismo. Não resta dúvida de que os termos da «germanía» e depois do calão espanhol e português derivam, como muitos outros elementos da antiga «gíria» peninsular, do «furbesco» italiano, enquanto o «Modo Novo» (1549) já contém *calcchi* «piedi», *calciosa* «terra, strada», com outros derivados, os quais todos provêm de *calcare* (*la terra coi piedi*); hoje ainda os «gerghi» italianos conservam as palavras mencionadas e numerosas derivações (v. agora Angelo Prati, *Voci di gerganti, vagabondi e malviventi*, Pisa 1940, págs. 50-53). Neste caso não vemos razão para se supor que os ciganos tenham sido os medianeiros; as palavras comuns ao «furbesco», ao «argot» francês e aos calões peninsulares são, por via de regra, muito mais antigas do que os tsiganismos⁽³⁾.

(3) Já que falámos de «furbesco» italiano, vem a propósito uma observação sobre a palavra de calão *croia* «patroa, dona da casa», que Coelho, pág. 103 equipara ao furb. *ancroia* «rainha». *Ancroia* foi uma rainha das amazonas e a heroína do poema italiano homónimo, o qual gozou de muita popularidade na Itália; o nome desta rainha passou a muitos dialectos italianos para designar uma mulher velha e feia (v. B. Migliorini, *Dal nome proprio al nome comune*, Genève 1927, p. 164) e usava-se também no furbesco. Mas não consta que esta rainha e o poema fossem conhecidos e populares na Península Ibérica. A palavra *croia* do calão é uma forma metatética de

cardina «bebedeira» (pág. 154), segundo Coelho, do git. *curda* «embriaguez»; *curdó*, f. *curdí* «ébrio» (de origem incerta). *Curda* por «bebedeira» é hoje muito popular em toda a Espanha, e usa-se também como substantivo epiceno («*De un manotazo envió Manuela al curda hasta la pared contraria*»: Pérez Lugin, Currito de la Cruz, pág. 250); pertence também ao gitano esp. e forma derivados como *curdela*, *curdó* «borracho»; apesar disso é muito duvidosa a origem tsigana da palavra, por não existirem formas parecidas nos outros falares tsiganos; limitamo-nos apenas a remeter o leitor para o que já dissemos no nosso «Argot barcelonais», (pág. 53-54); *curda*, provavelmente, não é senão uma imitação e adaptação de *turca*, baseada na semelhança fonética e na associação semântica, por serem os turcos e os curdos ambos povos orientais⁽¹⁾; *turco* por «vinho puro» dizia-se já na antiga «germanía» aludindo ao facto de o vinho puro não ser «baptizado» (cf. M. Rodríguez Marín, ed. crit. de Rinconete y Cortadillo, 1920, pág. 413), e por isso foi chamado também «*vinho moro*». *Turca* por «bebedeira» entrou também no uso popular português, ao passo que *curda*, que eu saiba, é desconhecido

coira de idêntico significado «mulher desavergonhada, rameira» e tem a sua correspondência exacta no esp. de América *cuero* ou *cuera* «concubina» (Méxik. Rotwelsch, ZRPh XXXIX (1918), p. 530), no esp. *mala piel* («*¡Mi Antonio, un hombre tan serio, con esa mala piel!*»: Blasco Ibáñez, Arroz y Tartana, p. 235; «*Como si la gran mala piel no tuviese bastante con su «Retor»!*»: Id., Flor de Mayo, p. 20) ou *pellajo* «prostituta de baja estofa» (Besses, p. 127); de resto em Portugal também se diz *pele* «designação desdenhosa ou pejorativa da esposa» (Capele e Silva, A Linguagem rústica no Concelho de Elvas, pág. 138), e expressões semelhantes existem por toda a parte (argot fr. *cuir* ou *peau de chien* «rameira»; alemão *Haut*, *Fell*, *Schwarte* «namorada do soldado», etc.). — Os escritores portugueses empregam as duas formas *croia* e *coira* («*As croias põem-nos a pão de pedir*»: Camilo, A Corja, p. 36; «...*nem a Ingelca, a grande coira*»: Aquil. Ribeiro, Estrada de Santiago, p. 134; «—*Olha, lui encontrar esta coira fechada na loja com o badana do Artilheiro*»: Miguel Torga, Novos Contos da Montanha, p. 162).

⁽¹⁾ Isto torna-se talvez mais evidente se o compararmos com a palavra *turda* «borrachera», que para o dialecto de Mérida aponta Alonso Zamora Vicente, El habla de Mérida y sus cercanías, Madrid 1943, pág. 143, e que não pode ser se não um produto de cruzamento de *turca* e *curda*.

em Portugal. Já por esta razão não é provável que *cardina* seja derivado de *curda*. Parece-nos a nós que *cardina* no sentido indicado é simplesmente uma metáfora que se esteia no sentido originário da palavra «sujidade» (no pêlo dos animais, na pele das pessoas). Não é raro o caso de se comparar a bebedeira a qualquer coisa de sujo ou de indecente, e basta aduzir as denominações esp. *mierda*; andal. *pe(d)o*, cat. *pet*, ital. (Roma) *caccona* e semelhantes que também designam o estado de embriaguez, e cf. o ital. (bolonhês) *só i*, propriam. «lama, lodo» e como adj. «enlameado, emporcalhado», e, no sentido figurado do calão «bêbado»; verbo *insuñeres* «enlamear-se» e «embriagar-se» (Alb. Menarini, I Gerghi bolognesi, Modena 1942, págs. 86 e 129) ⁽⁵⁾.

corripio ou *corrupio*, propriamente «movimento rápido num giratório», «grande actividade, lida». Coelho diz: «Esta palavra que não é termo de gíria, mas sim um termo popular muito generalizado é talvez derivado do lat. *corripere*; mas lembra o git. *curripen* «ejercicio, trabajo» — A semelhança com a palavra gitana é com certeza devida ao acaso; a derivação do lat. *corripere*, reproduzida por A. Nascentes, Dic. Etim. da Língua Port., pág. 216, é inaceitável até por motivos fonéticos; de mais a mais não há outros derivados deste verbo nas línguas românicas. É, sem dúvida, mais razoável a ideia expendida por Cândido de Figueiredo, de ligar o vocábulo com o verbo *correr* que, do ponto de vista semântico, se impõe logo; o que talvez ofereça certa dificuldade, é a terminação com o seu *-p*. Mas, na verdade, há muitas formações em português e nas outras

(5) Não se me escapa que *cardina* tem, em certos dialectos portugueses, também o sentido de «aguardente», atestado, p. ex., por T. Pires (Rev. Lus. IX, 168) para o Alentejo; por outro lado, *ardina* que, a par de *ardosa*, designa, no calão, aguardente, evidente derivado de *arder*, tem, segundo João da Silva Correia, O Eufemismo, p. 646, também o sentido de «bebedeira»; do mesmo modo, *morrinha*, propriamente «sarna do gado» significa, entre o povo, também bebedeira (Silva Correia, l. c.) e aguardente (Bessa, pág. 212), e é provável que a primeira significação figurada seja a de «bebedeira», comparável às metáforas referidas no texto. Isto pode servir para ilustrar a interferência semântica que se nota frequentemente nas formações populares e que se não deve nunca perder de vista. Poderíamos multiplicar estas indicações, se não nos afastassem do nosso assunto principal.

línguas ibero-românicas, que contêm um elemento *-p-*, e basta alegar o port. popular *escorropichar* ou *escorripichar* «esgotar, beber inteiramente», derivado, naturalmente, de *escorrer*; o *escorripiação* «vadio» de Penedono (Beira-Alta) citado por Gomes Pereira, *Rev. Lus.* XII, 313; o asturiano *corripia* ao lado de *corria* ou *corro* (Krüger, *Gegenstandskultur Sanabria*, p. 180; REW 2415). Falamos nestas e em muitas outras formações semelhantes num artigo da série «Iberoromanische Suffixstudien» ZRPh LXIII (1943) e LXIV (1944). Aqui temos de nos limitar a remeter o leitor para este artigo, por ser impossível resumir tão intrincada questão em poucas palavras. O que importa frisar aqui é a impossibilidade de origem gitana; de resto, como já observou o próprio Coelho, não se trata, no fundo, duma palavra do calão.

c o s q u e «casa» (pág. 155). Coelho aponta a palavra gitana correspondente *c o s q u e* «granja, cortijo», e acrescenta: «É possível que o termo tenha vindo de Itália por intermédio dos ciganos», com remissão à pág. 111, onde vem o ital. *furbesco* *c o s c o* «casa»; aqui cita o autor também a forma *cuexca* «id.» da antiga germania espanhola (já contida no vocabulário de Hidalgo), e diz acertadamente que a sua forma «mostra, porém, ao que parece, que a palavra é velha na Espanha». Em todo o caso, trata-se mais uma vez dum vocábulo das gírias medievais românicas; na Itália, *c o s c o* «casa» ocorre já no século XIII; a sua origem e etimologia estão ainda por apurar (v. o resumo da questão no livro citado de Ang. P r a t i, pág. 76 s. e uma nota nossa em ZRPh LXII (1941), pág. 351), mas é certo que a palavra não é tsigana.

d a b o «pai» (p. 155). «Supus primeiramente que fosse modificação do tsig. grego *d a d* «pai», git. *d a d a*, tsig. rumeno *d a d* «avô»; todavia as formas do argot (p. 99) fazem-me hesitar». Não obstante o autor dá as formas indianas. Mas neste caso, a proveniência do termo português do correspondente do argot francês não se pode pôr em dúvida, por *d a b o* neste sentido não existir em parte alguma fora da França. Pertence ao argot francês e significava «celui qui donne, qui paie, le maître du logis» e depois «senhor, pai, rei» com uma forma fem. *d a b e s s e*; e era primitivamente um termo de jogo, como se vê da definição que dá Oudin (1640): «Celui qui

donne, il est toujours le *d a b o*, façon de parler pour dire, il paye d'ordinaire pour toute la compagnie: de là, ce mot s'est employé pour signifier le maistre du logis»; trata-se, pois, dum latinismo jocoso (v. *S a i n é a n*, l. c., pág. 191 seg.; v. *W a r t b u r g*, Franz. etymol. Wörterbuch, vol. II, pág. 1).

e m p a n d e i r a d o «preso, apanhado, agarrado» (*Fomos todos impandeirados pela polícia*: Jornal «O Século», n.º 3: 731 (19 junho 1892). Queirós dá a *e m p a n d e i r a r* o sentido de matar. Coelho continua: git. «oprimir, apremiar (corr. apremiar), sujetar» (Mayo); «to inclose, to tie, to shut» (Borrow). Mas, por distração, omitiu o autor a forma do vocábulo gitano, que não é *e m p a n d e i r a r* ou coisa que o valha, mas *p a n d e l a r*; esta que, no gitano e no calão esp. tem numerosos derivados, corresponde à raiz tzigana e índia *p a n d*- (por *p h a n d*-) «ligar, atar» e também, em dialectos tsi-ganos, «encarcerar» (e, por isso, git. esp. *p a n d i p é n* «cadeia»). O sentido que *e m p a n d e i r a r*, - *a d o* tem no calão torna provável a conexão com a palavra gitana, mas é evidente também que a palavra, quanto à sua forma, se cruzou com o outro *e m p a n d e i r a r* que já existia na língua geral com várias significações.

f e l a «cara» (p. 156), comparado com o gitano *f i l a* «id.»; mas no calão port. também se diz, e talvez mais frequentemente, *f i l a*, forma registada por Cândido de Figueiredo, Bessa e A. A. Lopes. A palavra nada tem que ver com os ciganos. *F i l a* por «cara» é popular na Espanha desde há muito, e deriva de *f i l a r* «observar con cuidado a una persona», e «ver, olhar» em geral, que parece ser um desenvolvimento do sentido primitivo que *f i l a r* tinha na germania, isto é «cortar sutilmente» (Hidalgo). Cp. Mexik. Rotwelsch, p. 534; Argot barcelon. 58. É em Portugal outro vocábulo que atesta as velhas relações entre os falares populares dos dois países.

g r i s, *g r i s o* «frio» (p. 157). O autor compara a palavra com o cig. *h i l*, *h i r* «frio» e git. *j i l* «frio, fresco», palavra indiana bem conhecida. A palavra *g r i s* já está em Bluteau com o mesmo significado e existia no antigo «jargon» francês do século XV, como aponta o mesmo autor (cp. p. 108); é pois de estranhar que ele insista em ligar o vocábulo do calão português com as palavras tsi-ganas. É esta uma palavra que, sem dúvida, provém do argot francês, como outras que já pôs

em relevo L. Sainéan, *L'argot ancien*, Paris 1907, p. 152 seg. (cf. *dabo*, mais acima) *Il fait gris* dizia-se já no antigo francês no sentido de «está um tempo sombrio e frio» (Sainéan, l. c., p. 74) e continua-se a dizer ainda em francês popular.

Iodo «dinheiro, ouro» (pág. 157). Segundo Coelho seria o tsigano *lové*, *lovó* «moeda, dinheiro», assimilado no calão ao port. *iodo*; ele compara o git. *lama* «prata» (Mayo), acrescentando: «mas afigura-se-me que ao gitano não seria estranha a forma *iodo*, conquanto não figure nos vocabulários que tenho presentes, e que *lama* teria sido produzido como «pendant» a *iodo*, embora este se originasse de tsig. *lovó*». — Julgo que a suposição de Coelho parte de premissas erróneas; *lama* «prata» do calão esp. não é, a meu ver, a mesma palavra que *lama* «lodo», mas generalização de *lama* no sentido de «tela de oro o plata muy brillante», como tive ensejo de demonstrar em *Argot barcel.*, pág. 67, e partindo deste significado se transformou também, no calão espanhol e catalão, em *llàmarra*, por influência de *llama* «chama» e com alusão ao brilho da prata. Por outro lado, *iodo* no sentido de «ouro» ou «moeda» não é representado no calão espanhol, nem no gitano espanhol. Mas o gitano possui *lovén* «dinheiro» (Rebolledo 62), que é a verdadeira palavra tsigana (Coelho cita outras formas de vários dialectos tsiganos, mas ignora a forma do gitano espanhol). Como não há vestígios da existência desta palavra tsigana em Portugal, nem existe *iodo* no sentido de «ouro, dinheiro» na Espanha, somos levados a crer que o emprego metafórico de *iodo* é de feição exclusivamente portuguesa. Pode ser que se trate, como opina Coelho, de «uma metáfora exprimindo o desprezo pelo tão desejado objecto»; em todo o caso, abundam termos paralelos noutros falares populares, como *barro* no esp. pop. («ha tenido *barro a mano*»: Alvarez Quintero, *La Casa de García*, *Comedias escogidas V*, pág. 63); palavra, neste sentido, hoje muito difundida, que falta, porém, no «Pequeno Larousse», no Dicionário de Alemanha e em Besses, mas está registada no excelente dicionário espanhol-alemão de Slaby-Grossmann), a palavra correspondente *grêda* «barro, argila» em catalão pop. e *dirt* «money» do «slang» anglo-americano (Eric Partridge.

Slang to-day and yesterday, Londres 1935, pág. 432) e outras expressões que também sublinham o desprezo irônico do vil metal: *guano* na ilha de Cuba; *cascajo* «entulho» em esp., *bagação* em port.; *pelf* «entulho, lixo» em ingl. pop., *gózor* no argot rumeno, propriamente dito «estrume, entulho» (Wagner em «Buletinul Institutului de Filologie Romina» Alexandru Philippide, vol. X (Jasi 1943), pág. 158).

luca «carta» (pág. 157): «Ligar-se-á pelos processos examinados a p. 126 segs. ao cig. *liás*, git. *liá*? A forma fundamental tsigana parece ser *liel*». — No passo, a que nos referimos, fala-se nos casos de palavras que se fundem completamente com outras, entre os quais há algumas com desfiguração semântica (ital. *travisamento semantico*; alemão *Verblümmung*), isto é substituição duma palavra por outra foneticamente parecida, mas semânticamente completamente diferente (*milhaire* por *mil réis*, etc.). Tais procedimentos são, com efeito, muito frequentes em todas as espécies de gírias. Mas no caso de *luca* não se trata de confusão com *lia*: *lucas*, no sentido de «cartas de jogar» («los naipes») ocorre já em Hidalgo, e hoje *luca* significa «peseta» no calão espanhol («mil cruzeiros» no Brasil: *Vioitti*, (pág. 213). O termo é indubitavelmente idêntico a *luque* «faux certificat» do antigo argot francês, que significa também e provavelmente originariamente «imagem», «probablement d'après le nom de la ville de Lucques, célèbre jadis par ses soieries et autres produits (cf. provençal *or de Lucco* «similior»), como diz *Sainéan*, l. c., pág. 146. A base semântica foi, certamente, a ideia da «imagem», da qual derivam as outras acepções: «cartas de jogar», «certificado falso», «carta». O gitano esp. e o calão esp. conhecem, a par de *luca*, também a forma *lua* «peseta» (Rebolledo 63; Besses 100); esta, sim, parece dever-se ao cruzamento de *luca* com *lia*.

pachacha «pudendum mulieris», segundo Coelho, do git. *pachí* «virgindad, virgo»; *pachibar* «honrar», etc., os quais o autor liga a outras palavras tsiganas, que, porém, não pertencem todas às mesmas raízes indianas. Mas uma discussão de tão arrevesadas questões ultrapassaria em muito o quadro traçado nestas páginas. Não nos convence a conexão da palavra

popular portuguesa com as palavras tsiganas e indianas, não somente por não existir termo semelhante em espanhol, mas também porque o português oferece pontos de contacto. No Brasil diz-se, a par de *p a c h a c h a*: *p a c h u c h a* (Viotti, pág. 255): *p a c h o c h o* é, na linguagem popular portuguesa, um «indivíduo apalermado»; *p a c h o (u) c h a - d a* «tolice, dito obsceno» (Figueiredo), «conversaão grosseira, indigna de se ouvir» (A. A. Lopes), o que, no Brasil, é *p a c h u c h a d a* (Viotti, l. c.). Em dialectos da América espanhola *p a c h o c h a* é o que, na Espanha e em Portugal é *p a c h o r r a*, palavras que, em última análise, estão aparentadas com muitas outras que indicam o estado de ser «gordo» ou «rechonchudo», e, por isso, «pesado» ou «fleumático» (esp. *p a c h ó n* «hombr de genio flemático»; esp. americ. *p a c h o*, *p a c h a n g o*, *p a c h a c h o* «rechoncho»; Mérida: *p a c h u c h o* «apelmazado, pesado, dicese de una persona muy gruesa» (Zamora 119); port. gir. *p a c h o l a* «bom, bem apresentado, bonacheirão» (A. A. Lopes) etc., aos quais se podem juntar vocábulos de outras línguas românicas e não-românicas (ital. sept. *p a c i ó t (o)* «paffuto», «grassotto»; napol. *p a c h i o n e* «id»; grego πρυός; alem. *p a t s c h - i g*), quer dizer que estamos em presença de formações fono-simbólicas. Para tornarmos à nossa palavra, cuido que a ideia basilar é a de «gorducho», «carnudo», e apraz-me acrescentar que, por uma estranha duplicidade do acaso, no dialecto de Sassari (Sardenha), o órgão feminino chama-se também *p a c c ó c c u* (no mesmo dialecto *p a c c ó t t u* significa «gordo, rechonchudo»).

r a s o «padre» (pág. 160): Já Coelho tem dúvidas no que respeita a ligação desta palavra com o tsigano *r a s a i* «sacerdote» e remete para o *r a s é* «prêtre, curé» do argot francês. Não se pode imaginar denominação mais apropriada para um cura que a de «rasado, escanhoado» (cp. o que disse em «Vox Romanica» I (1936), pág. 285, sec.), e temos outro empréstimo do argot francês.

r u p i m «rico» (pág. 161). Coelho diz que a mesma palavra se encontra no argot francês e identifica-a com o tsigano *r u p* «prata» = indiano *r u p y a* «id.» (e nome da respectiva moeda de prata). Acrescenta, porém: «Falta no cigano e no gitano de mim conhecidos». E isto já impede de se considerar

a palavra como de procedência tsigana, além de, abstraindo do argot francês moderno, não existir em parte alguma uma derivação com sentido de «rico». No argot antigo *rupin* vem definido «un gentilhomme» (1628), mais tarde «bourgeois» e finalmente «généreux, riche» (v. Sainéan, l. c., pág. 251). Afinal de contas, pode-se dizer, com toda a certeza, que o termo do calão português é, como outros já mencionados, um galicismo.

rustir «comer» (pág. 161). O autor tem uma chamada para o *roustir* do argot franc. (pág. 102), mas pergunta a seguir: «Será conexo com as formas tsig. rum. *ruš* «ser mau»; tsig. hung. *ruš el* «encolerizar-se, etc.» — Não se concebe qual poderia ser o elo que pudesse ligar os termos tsiganos, cujo significado primordial é «ser colérico», «estar zangado», à palavra do calão português. Mas nem sequer o significado do francês argótico *roustir* «enganar», depois «roubar» (Sainéan, l. c., pág. 242) condiz com o do português mesmo se a palavra, como supõe Sainéan, fosse empregada metafóricamente e fosse o mesmo que *roustir* «rôtir» (assar)⁽⁶⁾. *Rustir* ou *rostir* significa, segundo Cândido de Figueiredo, «mastigar, comer», e em sentido figurado, «maltratar», e Bessa, pág. 272 têm *rostideira* (gat.) «comer, e comida». No meu entender a palavra portuguesa não é mais que o *rustir* do Norte de Espanha: asturiano *rust(r)ir* «tostar el pan y mascararlo cuando está tostado o duro» (Alemany; García Lomas 310); aragon. «comer pan muy seco y duro; roer» (Pedro Arnal Caveró, Vocabuiario del Alto-Aragonés (de Alquézar y pueblos próximos), Madrid 1944, pág. 28); salmant. *rustrir* «comer con gola; mascar haciendo ruido» (Lamano).

tasca «taberna». «Furb. *tasca* (vid. p. 104). Talvez por intermédio dos ciganos: git. *tasca*, *tasquera* «taberna» (Mayo). — *Tasquera* figura já no Vocabulário

(6) Cumpre, porém, assinalar que a «gíria ladra» do Brasil tem *rustir* no sentido de «enganar» (Raúl Pederneras, Geringonça Carioca, Rio de Janeiro 1922, pág. 43), «enganar na partilha de um furto»; *ruste* «rato-neiro, que engana os comparsas na partilha» (Viotti, l. c., pág. 314), que parece ser empréstimo moderno do argot francês. A mesma palavra existe no calão dos vadios italianos (gergo dei girovaghi): (*ar*) *rostire* «enganare con debiti; usurpare» (Prati, l. c., pág. 168).

de Hidalgo, e *tasca* é tão popular na Espanha como em Portugal. O furbesco italiana oferece *tasca* e *tascchiera* no mesmo sentido e vários derivados (*Prati*, l. c., pág. 197). Se o vocabulário nasceu na Itália, pode ser que seja uma aplicação metafórica de *tasca* «bolsa, algibeira», como supõe Prati; se a sua pátria é a Península Ibérica, é mais provável a conexão com *tascar* «separar o *tasco* ou tomento do linho» e também «mastigar, comer, roer», tanto mais que *tasquera* e *tasca* significam, em esp. também «rixa, bulha, algazarra», a propósito dos quais se é mais propenso a pensar ao barulho produzido pelas espadelas na tasca do linho. (cp. Arg. barcel., p. 98). Seja como for, trata-se mais uma vez dum vocábulo da antiga germania que, como provam muitos outros casos, já se tinha espalhado em Portugal antes de aparecerem neste país os ciganos.

Há na lista de palavras do calão de Coelho alguns termos cuja origem tsigana é provável, mas que tem uma forma estranha e divergente da ordinária tradição tsigana:

brejina «cereja» (pág. 153). Eis o que diz o autor: «Ligar-se-á a git. *berjî* «bella»? e compara o git. *berjîvia* «bolota», «má tradução do termo hisp.» (*bellota*); mas, se, neste caso, se percebe bem a causa da «Verblümung», que se estriba na semelhança fonética de *bellota* e de *bello*, uma das sólitais «formações criptoláticas» tão em voga nos dialectos tsiganos e sobretudo no gitano (¹), não se vê a causa da influência de *berjî* sobre o nome da cereja.

Para designar a cereja, os dialectos tsiganos servem-se, em geral, da palavra *kirgissa* o *kîrjasi* de provável origem grega, nos falares tsiganos do Centro de Europa é mais comum *kiršla* = alemão *Kirsche*; o gitano esp. diz *quirsimî*, aparentado com os termos acima mencionados; tem-se a impressão de que a forma originária de *berjina* seja uma transformação desta que pode muito bem ser devida, como opinou Coelho, à influência de *berjî*.

(¹) Depois de outros eruditos, falei detidamente de tais «formações criptoláticas» no meu artigo «Stray notes on Spanish Romani», em: «Journal of the Gypsy Lore Society, Third series, Vol. XV, pág. 134-138, e XVI, pág. 27-32.

t e l o «jumento», recolhido em Albergaria-a-Velha (pág. 161). Deriva-o Coelho do cig. *g u e r*, gitano *g r e l*, *g e l* «asno, burro», o que, foneticamente, oferece dificuldades insuperáveis.

c h u r r é «jovem» (pág. 154), segundo Coelho do git. *s u r r é*, adj. «anterior, antigo» (como?); acrescenta o autor: «A oposição no sentido está longe de ser um fenómeno raro. *M e u v e l h o!* diz-se por carinho a um rapaz». Apesar disto a forma e o significado da palavra não deixa de surpreender, tanto mais que uma palavra semelhante não existe no gitano, nem no «caló» espanhol. Nem se pode dizer que, do ponto de vista fonético, a suposição de Coelho seja satisfatória.

Estes últimos casos são, pelo menos, muito estranhos, até por aparecerem isolados, e é lícito perguntar se não se trata de erros de transcrição ou de ouvido.

Para voltarmos à questão da influência do gitano sobre a língua portuguesa e o calão, pode-se afirmar que esta infiltração está longe de ter as proporções que assume na língua familiar da Espanha. De palavras ciganas geralmente usadas por todos, podem-se citar apenas duas, o nome do *c a l ã o* e a palavra *g a j o*. O primeiro é uma adaptação da palavra espanhola *c a l ó*, tratada como se terminasse em *- ó n*, e que revela já, nesta forma fonética, a proveniência espanhola. *C a l ó* é, como se sabe, uma palavra de puro cunho gitano e significa «preto» naquela língua; os ciganos espanhóis, eles mesmos, por serem de tez escura, designam-se com este nome, e por isso, a palavra passou a usar-se também para a sua língua e depois para o «argot» espanhol, tão misturado de termos gitanos.

Pelo que toca a *g a j o*, hoje tão generalizado, é uma palavra que se deriva também do caló espanhol; mas a forma portuguesa precisa de explicação. *G a j o* não continua o espanhol *g a c h ó*, como errôneamente se diz amiudadas vezes; já o acento não permite uma derivação directa. Em gitano espanhol *g a c h ó* é a forma masculina; o feminino é, conforme à regra geral do gitano, *g a c h í*; é uma palavra muito espalhada nos dialectos tsiganos e que tem vários significados, «camponês», «homem adulto», etc. A sua origem não é explicada com certeza, mas em todo o caso, é aparentada com palavras indianas (cfr. *Vox Rom.* I, pág. 307-310). Na

Espanha *gachó* e *gachi* referem-se a pessoas não gitanas; no «caló» e na língua familiar espanhola significam simplesmente «homem» e «mulher». A forma *gachó* foi, na sua passagem para o português, tratada como *caló*—*calão*, isto é, *gachó*, também, passou para o português na forma *gajão*, forma que ainda se usa na linguagem familiar e no calão no sentido de «espertalhão, finório» (Bessa 155; A. A. Lopes, s. v.); por causa deste significado especial, devido à terminação em -ão, a palavra veio a considerar-se como augmentativa (*), e, por isto, tirou-se dela o simples *gajo*, que, naturalmente, recebeu uma forma feminina *gaja*; trata-se, por conseguinte, duma formação regressiva. A gíria cigana do Brasil conhece ainda o feminino *gajim*, formado regularmente, mas com nasalização da vogal final, como sucede amiudadas vezes no cigano brasileiro (no livro de Pederneiras (pág. 26), a palavra é reproduzida como *gazim* «mulher estranha», mas deve ser gralha, pois figura fora da ordem alfabética; em Viotti (pág. 174) que neste caso, como em muitos outros, copia servilmente o seu predecessor, reproduz-se o mesmo erro, mas logo depois segue *gajins* «mulheres que não fazem parte do grupo de ciganos», e esta é, sem dúvida, a forma certa).

Tirante estas duas palavras, todas as outras já não se podem considerar como de uso geral. Vamos mencionar as que pertencem mais ou menos à língua familiar e damos alguns exemplos abonatórios que, se podem parecer supérfluos a um leitor português, servem pelo menos para documentar a relativa frequência dos termos na literatura contemporânea e, por conseguinte, na língua familiar de hoje:

adicar «ver» (Figueiredo; Coelho, pág. 152); «observar, ver» (A. A. Lopes) é vocábulo do calão, como *dicar* «id.» no caló espanhol, e no cigano (Coelho, 26-27); no cigano há também a forma *diquelar* (Coelho, ibd.); caló esp.

(*) Coelho, na sua lista de termos ciganos (pág. 28), enumera efectivamente *gajon*. Recentemente, Rodrigo de Sá Nogueira, ocupa-se da palavra *gajo*, no seu livro «Crítica Etimológica», 1.º vol., Lisboa 1949, págs. 75 e segs. Sem tomar minimamente em consideração as especiais condições da ambiência estilística do vocábulo, ocorre-lhe a ideia estrafalária de considerá-lo como uma forma regressiva de *gagairo*. Não vale a pena de discutir uma tal «etimologia».

id. «mirar, atender» (Rebolledo 42) e usada também em dialectos espanhóis da Andaluzia: Toro, Voces andaluzas 428; Murcia: Sevilla 76; Mérida: Zamora 91 seg.⁽⁹⁾. As formas em *-elar* são derivadas da 3.^a pessoa sing. do presente e tem originariamente carácter intensivo, mas no gitano e no cigano esta função cessou de sentir-se, de maneira que *dicar* e *diquelar* são completamente equivalentes. No cigano de Portugal tirou-se de *dicar* um substantivo pós-verbal *dica* no sentido de «informação, notícia» (assim no Brasil: Viotti, pág. 125) e a locução *dar à dica* «mostrar ou indicar o fio de qualquer coisa que se ocultava» (Viotti ibd.); «denunciar, indicar, comprometer» (Bessa 99), e esta locução, embora tenha ainda sabor de calão, é hoje bastante conhecida; cf.: «*Posto me acoitasse na sombra dos abrunheiros que estendias as franças por cima do muro, a minha posição era arriscada e nada mais fácil que ser lóbrigado da rua, dado à dica no dizer do calão*»: Aquilino Ribeiro, Lápides Partidas, p. 147; «*e uns italianos, gente de más intenções, que podiam desconfiar e dá-los à dica*»: Id., Caminhos Errados, p. 190; «—*Mas nada de dar à dica, hein! Fica tudo só pra nós dois*»: A. Cortez, O Lodo, p. 17.

abelar, *avezar* «ter, possuir», como termo de calão em Figueiredo, Bessa 41, A. A. Lopes, Coelho 153; *avela*, *avesa* no sentido de «tem» lê-se na «Câmara Óptica» de José Daniel Rodrigues Costa, Lisboa 1807 (Coelho, p. 84), e Leite de Vasconcellos, Opúsc. IV, p. 584 cita: *avezar* «he estar» no Compendio de Orthografia de Fr. Luis do Monte Carmelo, Lisboa 1767 («*marco que se aveza* he homem que está presente»). Já Coelho identificou com o git. e cig. *abelar* «tener, poseer» (Quindalé, p. 1; Rebolledo, p. 7). Mas ao pé de *abelar* existe na Espanha também (a) *billar* com o mesmo sentido («tener») passado para a língua popular do país vizinho. Originariamente, porém, no calão gitano *abillar* não significa «ter», mas «vir, chegar», e assim também no cigano (Coelho, p. 16) e como tal é

(⁹) «—¿*Usted es Manolillo, el gitano?* — *Diquela usted una mijita, Rafaci: soy el que usted dice*»: José Mas, Por las aguas del río, 151; «*Tú, porque no diques nada*»: del Olmet, Los caballos negros, 11).

evidente derivação do tsigano *av* -, 1.^a p. sg. pres. ind. *avav*, sanscr. *ap* «vir» (v. detidamente Arg. barc., p. 25 segs.). Os dois verbos confundiram-se na Espanha, e em Portugal igualmente *abelar*, *avezar* tem o sentido de «ter», não o de «vir»; pode ser que Figueiredo tenha razão quando considera *avezar* como «alteração de *haver*», ou, mais exactamente, a palavra tsigana cruza-se com o verbo românico assumindo o seu valor semântico.

Quanto à formação, *abelar* é completamente regular e, como muitos outros verbos gitanos, modelado sobre a forma da 3.^a p. sg. do pres.; *avezar*, que hoje é a forma mais difundida na linguagem popular, é mais difícil de explicar; não há derivações em *-ezar* no gitano-cigano. O que me parece mais provável é um cruzamento entre o git. *quesar* «ser, estar» e *abelar*, e assim explicar-se-ia também a definição dada por *avezar* no Compendio de Ortografia de Fr. Luis do Monte Carmelo («he estar»). Em todo o caso, hoje o verbo emprega-se sòmente no sentido de «ter, possuir», que, a julgar pelos passos em escritores modernos, parece estar bastante difundido na linguagem familiar e regional; cp.: «*Mal avezavam cheta derretiam-na em comezainas*»: Aquil. R i - b e i r o, Quando ao Gavião cai a pena, p. 128; «*O banquete avezou excelência, que até meteu licores monásticos e espumosos fervilhantes*»: Verg. G o d i n h o, Calcanhar do Mundo, p. 106; «*O Carospa... que efectivamente não avezava sombra de pêlo nos queixos*»: ibd., p. 297; «*quem não aveza para a bucha, menos guarda para viagens*»: Alves Redol, Avieiros, p. 28; «*Se alguém quisesse fazer troca, ainda daria dinheiro por cima, se o avezasse*»: ibd., p. 144.

bule «ânus» é bastante conhecido na linguagem popular. Gonçalves V i a n a, Apost. I, 176, julgava-o idêntico à outra palavra *bule* «vaso para serviço de chá», com remissão à *chaleira*, que, no calão, tem o mesmo sentido «obsceno»; mas, na verdade, trata-se da palavra tsigana *bul*, que, do mesmo modo, significa «ânus» e se usa também na Espanha (v. *Vox Rom.* I, p. 276 seg.) = sancr. *buli* «podex» e «vulva», a qual Carl M a s t r a n d e r (*Indogerm. Forsch.* XX (1906-07), p. 351 compara e com muito acerto com o lituano *bulis* «podex». Na língua popular há «*Verblümungen*», como *bolinha negra* (A. A. L o p e s) e

b o l a t r a «nádegas» (ibd.), esta última moldada sobre *culatra*⁽¹⁰⁾.

c h a l a d o «amalucado» (Figueiredo), «tonto, amalucado» (Bessa 78); *c h a l a d a* «coisa ou pessoa sem graça ou interesse», «que regula mal de cérebro»; *c h a l a d o* «id.» (A. A. L o p e s), já derivado do cig. e pop. *c h a l a r* «fugir, ir, desaparecer» («a quem se lhe vai a cabeça e se perturba a razão»). Os vocábulo pertencem também ao caló e à linguagem popular espanhola em todos os sentidos mencionados; o verbo é tirado da 3.^a p. do pres. do ind. *d Ĵ a l a*, de *d Ĵ a v a* «ir», sanscr. *j ā* (Arg. barc. 32). Cp.: «...*Que a mim sempre me fez impressão estarem ali os mortos com aquelas riquezas e andarem por cá tantos vivos que nem para comer têm; mas não devoções lá das famílias, c h a l a d i s s e s*...»: Metzner Leone, Caminhos da Cidade, p. 128.

l i r ó (fam.) «vestido com apuro, casquilho, muito enfeitado» (Figueiredo) «bonito, janota» (Bessa 186) é, sem dúvida, uma palavra hoje bastante conhecida e empregada («*A rainha, que era uma princesa toda «l i r ó» e toda costumada às janotices da corte de Luiz XIV*»: P i n h e i r o C h a g a s,

(10) Se, no calão, *c h a l e i r a* tem o mesmo sentido metafórico que *b u l e*, isto se deve à chamada «filiação semântica»; porque as duas palavras *b u l e* «chaleira» e *b u l e* «ânus», embora de origem diversa, são homófonas, o povo confunde-as, identificando-as uma com a outra, e chama ao «ânus» também *c h a l e i r a*, como se *b u l e*, «ânus», tivesse originariamente o significado de «vaso para o serviço de chá». Tais «filiações semânticas» representam um certo papel nas línguas e sobretudo nos «argots», que já, pela sua própria natureza, tendem a disfarçar as palavras. Assim, para citar somente dois ou três exemplos, em muitas regiões da França meridional, *a z e* = *a c i n u s* designa a amora da silva: por homofonia com *a z e* = *a s i n u s*, se forma *s a u m o* = *s a g m a* como outro nome do fruto (v. W a r t b u r g, Einführung in die Problematik der Sprachwissenschaft, p. 113). No «argot» alemão (Rotwelsch) diz-se *S c h m i e r e s t e h e n* no sentido de «estar à coca» (para ajudar um companheiro que está para perpetrar um arrombamento, etc.) *S c h m i e r e* corresponde ao hebr. *š e m i r â h* «guarda, vigia», mas os falantes identificam-no com a palavra *S c h m i e r e* «unto, gordura» da língua geral, e, por conseguinte diz-se também no «Rotwelsch», *B u t t e r* (manteiga) ou *K ä s e* (queijo) *s t e h e n* (L. G ü n t h e r, Die deutsche Gaunersprache, p. 126). E se, segundo João da Silva Correia, *O Eufemismo*, p. 476, se diz, em Lisboa, de quem anda com padecimentos venéreos, «*anda em gali... nhas, patos e perus*», é porque nos encontramos perante o mesmo fenómeno. No meu «Argot barcelonais», p. 19, segs. dei já vários exemplos tirados do caló espanhol.

História Alegre de Portugal, p. 116; «*Raios o partam, com uma mulher daquelas, tudo o que há de mais l i r ó*»: Aquil. Ribeiro, Estrada de Santiago, p. 153; «*Iam à igreja receber-se. Eduardo estava toda l i r ó, com um rico vestido branco, muito oiro ao peito...*»: Id., Caminhos Errados, p. 213). Para o Alentejo trá-la T o m á s P i r e s, Rev. Lus. X, 93 (l i r ó «catita»). Coelho, p. 157 compara-a com o git. l i l ó «loco, extravagante» (segundo Miklosich do verbo git. l i l l a r «tomar» de origem indiana; literalmente l i l ó «interdito»; mas a derivação não é segura; há em muitas línguas palavras fono-simbólicas deste jaez, que significam «maluco» ou coisa semelhante (P o t t, Die Zigeuner, vol. II, p. 340 já comparou o git. l i l ó com o esp. l e l o e o neo-grego λωλότ). No meu artigo «Portugiesische Umgangs-sprache und Calão», VKR X, p. 11 falei nesta palavra, mas não aventei nenhuma hipótese sobre a sua origem. Entretanto encontrei a definição que A. A. L o p e s, s. v. aduz para l i r ú (sic!) «maluco, aparvalhado» e também «embriagado». Com esta última definição quadra a de l i r é, masc. «vinho» no calão antigo (Coelho 74; Bessa 186; Figueiredo).

Parece que efectivamente l i r ó provém do git. l i l ó e que a significação originária foi a de «maluco», que facilmente se podia aplicar a bêbedos; que da significação «maluco» possa desenvolver-se a de «vestido com affectação exagerada», «jannota», «elegante», não é nada de estranhar.

p i e l a «bebedeira, embriaguez» pode-se também considerar como popular («—Caramba, chama-se uma p i e l a! — proferiu o Zé da Monca»: Aquil. Ribeiro, Quando ao gavião cai a pena, p. 174); é um derivado da forma intensiva p i y e l a r do verbo git. p i a r, p i y a r «beber» de origem indiana (raiz p i—; sanscr. p i - b a t i), como já reconheceu Gonçalves V i a n a, Apost. II, p. 267. O calão port. conhece também p i a r «beber», p i o «embriagado» (A. A. Lopes; Bessa 246; «p i o he vinho» no Compendio de Orthografia de Fr. Luis do Monte Carmelo (v. L e i t e de Vasconcellos, Opúsc. IV, p. 585); mas sòmente p i e l a é do conhecimento geral, e deve, sem dúvida, a sua popularidade também à sua semelhança com as numerosas formações portuguesas em - e l a.

t a r ó é registado por Cândido de Figueiredo como termo de «gí-

ria», «frio, vento frio»; Bessa 284 considera-o como popular. Em todo o caso, é uma palavra conhecida em várias regiões de Portugal; cp. «— *Por muito t a r ó que houvesse, do que rachava beijos e parecia cristalizar a atmosfera*»: Ferreira de Castro, *Terra Fria*, p. 81; *Trouxe o canjirão cheio. E foi enchendo os copos. — Atesta!, Quaresma, atesta! — exclamou o abade de Barreiras. — Uff! cheguei com um t a r ó!*»: Aquil. Ribeiro, *Andam Faunos pelos bosques*, p. 81; «*Entro para a venda e, como a mulher era perra no vender e estava um t a r ó dos demónios, pedi, um a seguir ao outro, dois patacos de aguardente*»: Id., *Estrada de Santiago*, p. 131; «*Os afagos da Cacilda de Muge arrefeceram, como se o t a r ó que andava no rio, lhe passasse nas mãos e na boca*»: Alves Redol, *Avieiros*, p. 330). Este vocábulo conhece-se também em certas regiões da Espanha; regista-o António Alcalá Venceslada no seu «Vocabulário Andaluz», Andújar, 1934, p. 374: *t a r ó*, m. «niebla alta hacia el Estrecho (Campo de Gibraltar)», e ocorre também em catalão: *t a r o* «nom despectiu del vent o del fred» (Barcelona): J. Amades, em: *Butletí de Dialectologia Catalana* XVIII, 305. A observação de Amades, segundo a qual se trata de um «nome despectivo», revela já o carácter argótico do termo, e, efectivamente, ocorre como *t a r u* nas «Notes per a un vocabulari d'argot barceloní» de Givanel i Mas, e ao lado da forma mais completa *t a r i b e l* «frio», que corresponde ao git. *t a r i p é (n)* «astro», *t a r p é*, «céu» = sanscr. *d r â p a*, «céu». O significado de «frio» liga-se ao de «astro» como o ital. ant. *s i d o* «frio» (hoje ainda *a s s i d e r a r e* «gelar, traspasar de frio» ao lat. *s i d u s* «astro» (Wagner, *Arg. Barcel.*, p. 98).

São estas as palavras de origem cigana talvez mais conhecidas em Portugal; algumas, como a última, parecem ser empregadas mais numas regiões do que noutras; está nestas condições a palavra *l a c h a*, que é conhecida, pelo menos, no Alentejo, sobretudo na locução «*não tem lacha nenhuma*», no sentido de «vergonha», segundo Tomás Pires, *Rev. Lus.* X, 93 e Capela e Silva, l. c. p. 108 («*Agora vejo que não tens lacha nenhuma*»: J. da Silva Picão, *A Caminho da Cegonha*, p. 24); Figueiredo trá-la como termo de «gíria». É a conhecidíssima palavra gitana *l a c h a* = tsig. *l a d ž* «id.», empregada hoje também

em espanhol popular, e ali também de preferência na locução *tener poca lacha* (v. Wagner, em: Rev. de Fil. Esp. XXV (1941), p. 166 seg.).

O verdadeiro calão, naturalmente, contém muitas mais, mas sempre relativamente poucas em comparação com o caló espanhol e a linguagem familiar de Espanha. As listas apresentadas por Coelho abrangem-nas quase todas; talvez seja preciso eliminar algumas, como já expusemos, mas também se poderiam acrescentar várias que o ilustre autor, ou não conheceu (por só aparecerem em publicações posteriores), ou não reconheceu como tais, e entre estas há algumas bastante curiosas. Menciono apenas a palavra *charda* ou *jarda* «feira» que registam Bessa, p. 173 e A. A. Lopes, s. v. O cigano port. tem *chadi*, fem. «feira» (Coelho, p. 21) que corresponde ao gitano *chati* «fair; feria» que aduz Borrow e que ele compara com o indiano *chetr* «field, campo»; mas hoje prevalece no gitano esp. a forma *chandi* (Rebolledo 35; Besses 60), e esta transformou-se na linguagem popular, em *jardín* (Besses 93; Slaby, s. v.), outra formação «criptolálica». As formas portuguesas derivam-se evidentemente destas formas espanholas.

Muito mais poderíamos dizer sobre os elementos ciganos. Mas, para não abusarmos demasiado do espaço que nos foi concedido, pomos aqui ponto final no assunto.

Coimbra.

MAX L. WAGNER

Apostilas de Etimologia e Lexicologia portuguesa II. (*)

1. **combarro, combarrada**

Com referência a um passo de «Terras do Demo», de Aquilino Ribeiro, em que se fala de um «...combarro de lenha mal avelada, tolhendo a luz», a última edição do Dicionário de C. de Figueiredo diz ser a palavra *combarro* um provincialismo transmontano e beirão que significa uma «espécie de alpendre, colmaçado ou telhado». O derivado *combarrada* usa-se, em Trás-os-Montes, com acepção análoga: «espécie de alpendrada, colmada ou telhada» (1). A significação destes dois termos ajusta-se óptimamente com a voz celta **combōros*, abonada no latim da Gália do séc. VII na forma *combrus*, que o Glossário de Du Cange explica por «loca pro lignis et arboribus excisis». Nela se filia o fr. méd. *combres* «paliçada, estacaria no leito de um rio, destinada à pesca» (2). Tratando deste vocábulo gaulês reconstruído, na «Zeitschr. f. rom. Phil.», XIX, 275, Meyer-Lübke aproximou-o do lat. *confero*, atribuindo-lhe a significação originária de «o que foi trazido para o mesmo sítio, o que foi amontoado»

(*) A primeira série destas apostilas saiu na *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. I, pp. 448-462.

(1) Cf. Leite de Vasconcelos, no *Archeólogo Português*, vol. XXII, p. 26: «As casas da Portela têm às vezes à entrada um coberto chamado *cumbarro* (*combarro*)». Em nota acrescenta: «No couto de Ervedêdo (Chaves) chama-se *combarrada* um coberto ou telheiro, cujo telhado é lenha assente em postes; à proporção que a lenha se vai gastando, a *combarrada* vai-se descobrindo, até que ficam só os postes».

(2) «Pieux, barrages, plantations, engins fixes, dans le lit des rivières, destinés à arrêter, et retenir les poissons, à protéger les rives, à fixer les alluvions» (FEW, art. **combōros*). Também *combres*, *encombrer*, etc., assentam neste étimo.

(2a) Sobre o verbo celta **Kom-ber-* e seus derivados, veja-se igualmente J. H. Hubschmied in *Vox Romanica*, III (1938), pp. 133-136. A atribuição do port. *combro*, *cômoro* a este tema não é, porém, indiscutível.

(veja-se também a «Einführung», § 426), sugestão aceite por v. Wartburg^(2a). A mesma forma *Combarro* ocorre nada menos de dez vezes como topónimo no NO da Espanha (Corunha₃, Pontevedra₂, Lugo₂, Oviedo₁)⁽³⁾, ou seja na região mais rica em relictos linguísticos celtas. Como se vê pela definição acima, a palavra portuguesa conservou-se mais próxima da significação primitiva do étimo celta do que o fr. *combres*, podendo ser traduzida pela mesma fórmula com que o «Glossarium» explica *combrus*. Resta apenas o problema da terminação de *combarro*, que evidentemente se não pode filiar directamente em **combāros*. Poderia resolver-se admitindo, na fase **combāro*, a substituição de *-āro* pelo sufixo *-arro*.

2. *pojadoiro, pojar, pojante, pojo — poja, esp. pujame*

Pojadoiro é termo de açougue, que C. de Figueiredo explica por «parte da coxa do boi, também conhecida por *chã de dentro*, e cuja carne é de primeira qualidade». Que estejamos em presença de uma deformação de *bojadoiro*, do verbo *bojar*, como se lê no dicionário deste autor, parece-nos uma hipótese pouco verosímil, porquanto recorre a uma construção artificial, contrária às normas da evolução fonológica, quando o léxico apresenta um grupo de vocábulos, semânticamente afins, e caracterizados pelo tema *poj-*: *pojar, poja, pojo* e *pojante*. É verdade que, à excepção de Adolfo Coelho, que evoca o ital. *poggiare*, nenhum etimologista se ocupou ainda seriamente daquele grupo, merecendo por isso que lhe dediquemos uma breve nota. No que toca a *pojar*, Figueiredo distingue dois verbos homónimos. O primeiro, que significa «aportar, abicar; desembarcar», vem explicado com acerto pelo lat. **p o d i a r e*⁽⁴⁾; o segundo, definido por «elevar, entumecer, inchar, enfunar», procederia de *bojar*. É difícil aderir a esta última opinião, uma vez que a noção de «formar uma sinuosidade» se concilia tão bem com a ideia de *p ō d i u m* e com a de «subir uma elevação». Três exemplos, extraídos dos dicionários de Morais e Figueiredo, bastam para ilustrar os matizes semânticos inerentes a *pojar*: 1.º ... *que ninguém pojasse em terra* (Cerco de Diu); D. Lourenço *pojou na parte que lhe era destinada* (D. de Góis,

(3) O plur. *Combarros* encontra-se uma vez na prov. de Leão.

(4) O REW só tem *a p p o d i a r e*, onde falta aliás (como no FEW) o asterisco, visto esta derivação verbal não estar abonada em latim.

Crón. de D. Manuel). 2.º a) ... e um colete... com atacadores que lhe *pojavam os seios* (Camilo); b) *A armada do governador, pojando as velas, tizera-se na volta de Dio* (J. Dantas). Acresce ainda a forma *pojante*, num passo como: *hia a nao pojante e rica*, que Moraes traduz justamente por «que vai com vento em popa; que navega com próspera maré». Ora este verbo *pojar*, nas suas diversas acepções, não passa, a nosso ver, de uma forma divergente, geográfica ou historicamente condicionada, de *poiar* = **podiare*, como resulta do emprego desta forma num sentido análogo ao de *pojar*; p. ex.: *ganhada a peleja marítima, poiaram em terra os nossos capitães e a sua gente* (Fil. Elisio). A mesma variação *j/i* observa-se em *pojo* «pequena elevação de terreno; lugar onde se desembarca» e *pojal*, frente a *poio* «outeiro» e *poial*, manifestando-se igualmente nos topónimos *Poio(s)*, *Poiares*, frente a *Pojos* (Oviedo) e *Poja* (Braga e Lugo). Quanto à palavra *pojadoiro*, que nos serviu de ponto de partida, deve explicar-se como «lugar onde as carnes pojam, onde formam pojo», o que aliás parece estar conforme com a anatomia bovina.

Referir-nos-emos, por último, a *poja* que, tratando-se de um termo técnico náutico, seríamos tentados a relacionar com *pojar* e a considerá-lo variante de *poia*, palavra que regionalmente se usa em variadíssimas acepções, que todas se conciliam com *poio* — *p ō d i u m* ⁽⁵⁾. A definição, porém, de *poja*, que se explica por «parte inferior da vela do navio; corda com que se vira a vela», não é de molde a favorecer tal hipótese, porquanto mal permite entrever qualquer conexão com *pojar*, quer partamos da noção de «navegar com vela pojante», quer da de «desembarcar». A solução do problema parece-nos ser a seguinte. *Poja* deve ser apartado da família de *p ō d i u m* e atribuído ao grego, *πόδιον* (= *ποδῖον, ποδῆιον*) «grosse bande de toile pour les pieds», ou *ποδῆον* - *ῶντος* «patte tenant à une peau de bête» (Boisacq), derivados de *ποῦς, ποδός* «pé», que o gramático Sérvio emprega na forma *p ō d i a* no seu Comentário à Eneida, e que o dicionário de Georges explica por «espécie de cabo náutico». A definição de *p ō d i a* que se lê no REW₃: «Seil am unteren Zipfel des Segels», ou seja «corda na extremidade inferior da

(5) Cf. C. de Figueiredo: *poia* Prov. «pão alto ou bolo grande de trigo». Prov. trasm. e beir. «Bôla ou pão chato, que o dono de uma fornada dá, como retribuição, ao dono do forno onde se coze o pão». Prov. beir. «Porção de azeite, que se dá ao dono do lagar, onde se mói a azeitona, como retribuição pelo serviço da moagem». Prov. trasm. «Mulher mole, amiga de estar sentada». Pop. «Acervo de dejectos».

vela», coincide tão flagrantemente com a que transcrevemos acima em relação a *poja*, que salta aos olhos a identidade dos dois termos. Como único derivado legítimo de *pódia*, Meyer-Lübke notou o ital. *poggia*, o qual por sua vez estaria na base do fr. *poge*. Salvo o caso, a nosso ver pouco verosímil, de constituir também um italianismo, o port. *poja* viria documentar a sobrevivência do termo greco-latino no que se refere também à Península Ibérica. Não nos repugnaria associar a *poja* o esp. *pujame*, *pujamen* «orilla inferior de una vela», apesar das objecções que à primeira vista esta aproximação possa suscitar. É inútil frisar que, correspondendo o verbo castelhano *pujar* ao port. *puxar*, o termo *pujame* se conceberia bem como derivação daquele verbo por meio do sufixo instrumental *-ame*, abstraindo da dificuldade que reside na presença de *j*, onde se espera *y*. Se não nos decidimos facilmente a pôr de parte a primeira sugestão, é por causa da perfeita concordância semântica da palavra espanhola com o port. *poja* e ital. *poggia*. É de presumir que se trata de um catalanismo e de um derivado de *pódia*, latino ou já românico, segundo o modelo de *ligamen*, *velamen*; cf. o port. *cabrame*, *cordame*, *velame*, palavras que, como facilmente se notará, pertencem todas ao mesmo âmbito de *pódia*.

3. *pôla*, *pôlo*, *pulo* — *polão*, *polela*, etc.

A palavra *pôla*, que admite também a pronúncia *póla*, vem consignada no Dicionário de Figueiredo com o comentário: «ramo de árvore, pernada: rebento; estaca». Moraes, que só dá a grafia *pôla*, explica: *pólas de arvores* «ramos inúteis que brotam do pé; ladrões». Não pode haver dúvida que o termo, que não figura no REW, assenta em *pullus* «rebento de uma planta», como bem viu A. Coelho. No tratado de agricultura de Catão, o Antigo, este autor fala de *ab arbore abs terra pulli qui nascentur* (cf. Ernout-Meillet), o que concorda plenamente com as definições de *pôla* que acabamos de transcrever. A dúvida que subsiste é apenas a de saber se esta forma representa um feminino antigo formado sobre o masculino, ou, como nos quer parecer, um neutro do plural, com valor colectivo e comparável a *fruta*. Um exame metódico dos dicionários mostra que o tema *pull-* «pululou» extraordinariamente na Península, e que são numerosos e variados os descendentes portugueses que nele se filiam. Reunimos as nossas observações no quadro que se segue, tentando estabelecer uma espécie de genealogia dos vocábulos respectivos.

I. a) p ũ l l u s «cria de um animal»:

pólo «falcão, açor ou gavião que ainda não tem um ano (Figueiredo); «animal pequeno» (D. Nunes de Leão, *Orthographia*, 1.^a ed., p. 73). A forma espanhola correspondente é *pollo*, devendo proceder dela o port. *polho* 1.^o ant. «frango»; 2.^o fig. «rapaz»; 3.^o prov. alent. «ovelha nova»; 4. «casta de uva» (Figueiredo). De *polo* foram tirados *poleiro* e *empoleirar*.

pulo prov. «larva da abelha». Trata-se de uma forma portuguesa legítima, que condiz com o esp. *pollo* «cria de las abejas» e com o sardo (galur. e campid.) *puddu*, que significa a mesma coisa. *Pulo* é simples variante de *pólo*, caracterizada pelo «umlaut» (cf. *tudo* < *tōtu*).

pulo bras. gír. «capoeiragem» (?).

I. b) p ũ l l a «galinha» (cf. REW 6828):

póla. «Usam desta voz os que chamam as galinhas *póla*, *póla*, *póla* (Moraes). Não se trata de um francesismo (*poule*), segundo pensou este lexicólogo, mas de um reflexo genuíno de p ũ l l a, que temos também no galego *póla* «galinha nova». A forma castelhana *polla* parece-nos estar na base de *polha* 1.^o «franga»; 2.^o «moça (devassa)»; 3.^o «aposta de jogo».

polela (variante *polilha* = cast. *polilla*) 1.^o «espécie de traça»; 2.^o «pó finíssimo». Na primeira destas acepções, *polela* deve comparar-se com a expressão *galinhas de Nossa Senhora*, nome popular das borboletas brancas das couves.

II. a) p ũ l l a *«rebento de uma planta»:

póla: 1.^o «rebento, estaca»; 2.^o fig. «pancadaria, sova»; cf. o galego *pola* «rama de árbol o de mato» (Cuveiro Piñol) e o sardo (galur.) *pudda* «sarmento». De *póla* foram derivados: *polão* prov. minh. «rebento de uma árvore»; *polinha* «id., id.», e *polinheiro* prov. minh. «tareia» (cf. *póla* na 2.^a acepção).

II. b) *p ũ l l u s* «rebento de uma planta»:

pimpolho. Tendo encontrado, no Foral de Alfaiates, de 1188-1230 («Leges», p. 810) a forma *pinpolo* na significação de «rebento de pinheiro», D. Carolina Michaëlis reconheceu argutamente a etimologia desta palavra: **p i n i - p ũ l l u s*, observando que *pimpolho* «passou a denominar os renovaos de todas as árvores, não excluindo a videira, e por extensão até a prole humana»⁽⁶⁾, generalização bem compreensível de um termo próprio da mais portuguesa das árvores, o *pinho*, cuja flor já cantavam os primeiros trovadores. Na 3.^a edição do seu Dicionário, Meyer-Lübke, que continuava a explicar a palavra por *p a m p i n u s* «pâmpano» (art. 6185), suprimiu o comentário que acompanhava a menção de *pimpolho* na 1.^a (= 2.^a) edição: «...sachlich wenig wahrscheinlich und lautlich nicht einwandfrei», certamente por se ter convencido do débil fundamento de tais objecções. Um aspecto que não vem estudado pela saudosa Mestra, é o da forma de *pimpolho*, com *lh* onde se esperaria *l*, e que parece condizer com o esp. *pimpollo* «árbol nuevo, vástago o tallo nuevo de qualquier planta». Mas estaremos verdadeiramente em presença de um antigo castelhanismo, e deverá atribuir-se o valor de *lh* ao *l* de *pinpolo* do referido foral português? Esta última hipótese é admissível (atendendo principalmente à situação fronteiriça da vila de Alfaiates), mas não repugnaria pensar que *pimpolho* se radica num antigo *pimpolo*, forma que teria sofrido o ascendente de *olho*, pela simples razão de esta palavra se empregar também no sentido de botão ou rebento de uma planta. Quer-nos parecer que outra palavra portuguesa, *pimpão* «valentão, jactancioso, janota» (com *pimpar* e *pimpante*), pode ter a sua raiz em *pimpolho*. Não é

(6) Cf. Rev. Lus. III, p. 180. Diz o texto: *qui pino descortezare aut pinpolo taiare pectet IIII morabitinos...* A pena de enforcamento ameaça, no mesmo foral, a quem cortar um pinheiro já crescido.

impossível, na verdade, que o segundo elemento deste vocábulo se interpretasse como sufixo (análogo a *ferrolho*, *frangolho*, *zarolho*, etc.), circunstância que teria levado à troca de *-olho* por *-ão*. — Note-se que a forma simples *pollo* < *p ũ l l u s* se usava em Espanha ainda no séc. XVI, na acepção de «rebento de uma árvore», e que dela deriva o aragon. *pollizo*, com significação idêntica (cf. R. Lapesa, «Rev. Fil. Esp.», XXIII, p. 407).

repolho. No estudo que acabámos de citar, R. Lapesa decompõe o esp. *repollo* em *re* + *pollo*, comparando a palavra, quanto à sua formação, com *rebrote* = *re* + *brote*. A forma portuguesa apresenta o mesmo *lh* que *pimpolho*, sem que tal particularidade indique necessariamente uma origem castelhana.

III. **pullius* (?) «cria de um animal»:

Esta forma hipotética, postulada por várias palavras românicas, corresponde ao n.º 6826 do REW, onde Meyer-Lübke aponta como único descendente hispânico o alent. *polho* «ovelha nova», palavra que fazemos figurar na rubrica I, a.

É evidente que, em princípio, nada obsta a esta etimologia, que formalmente daria mesmo boa conta de outras vozes portuguesas, que considerámos castelhanismos, como *polho* e *polha*. Se preferimos afastá-la, é por não julgarmos provável a coexistência, no território português, de *p ũ l l u s* e **p ũ l l i u s* com idênticas significações. Estamos inclinados a atribuir um papel importante às falas raianas portuguesas na propagação das formas com *lh*, as quais, visto que a fronteira linguística moderna é, no seu maior percurso, resultado da política, podem mesmo ser autóctones.

IV. *p ũ l l a r e* «germinar, crescer»; *p ũ l l ũ l a r e* (de *pullulus* «cria») «pulular»:

O REW dá o port. *pular* tanto sob o étimo *p ũ l l a r e* como *p ũ l l ũ l a r e*. Admitindo que ambas estas

formas tenham convergido para *pular* (o que fonologicamente não comporta dificuldade), carece justificar o *u* do tema, que não está de harmonia com o *u* breve do étimo. A significação de «desenvolver-se com rapidez; melhorar» quadra tão bem com a primeira como com a segunda forma verbal, quando a de «dar pulos, saltar» (que parece a principal e primordial) invoca antes *p ũ l l u s* «animal novo». A impressão que se colhe é a seguinte: De *p ũ l l u s* «animal novo» formou-se um verbo *p ũ l l a r e*, port. **polar* «dar saltos como um *pullus*» (poldro, cabrito, etc.). Deste verbo português criou-se regressivamente um subst. *pulo* (< *pôlo*, com metáfora como em *pulo* «larva» que citámos sob I. a), cujo *u* se comunicou a **polar*, seja por o *o* átono ter o valor fonético de *u*, seja por se considerar o verbo derivado do substantivo.

V. **re-p ũ l l i c a r e*:

Leite de Vasconcelos notou, na região de Chaves, o termo *repolga* «casta de cogumelos que se cria nos castanheiros» (cf. Rev. Lus. III, p. 64), que considera com muita razão como regressivo de um verbo **repolgar*. É possível que este descentente de **re-p ũ l l i c a r e* exista regionalmente no léxico rústico, sem ter ainda sido recolhido. Se não estamos em erro, a forma dialectal italiana (Parma) *polga* «rebento», que o REW explica como resultado de um cruzamento com *pluga* < *p ũ l e x*, - *l i c e*, radica igualmente em **p ũ l l i c a r e*. Quanto ao verbo português *repolgar* = *repolgar*, que figura nos dicionários, escusado será advertir que se prende com *p ũ l l e x*, - *l i c e* ou *p ũ l l i c a r i s* «polegar», como resalta da definição: «dobrar, ornar com repolgo ou filetes».

VI. **re-p ũ l l a r e*, formação análoga a *re-p ũ l l ũ s c e r e*:

Sobre os descendentes hispânicos deste composto de *p ũ l l a r e*, ver R. Lapesa, p. 407 e segs. O português não parece ter um verbo *reboiar*, compará-

vel ao ant. esp. *rebollar* (séc. XVII). Em compensação, os seus falares apresentam ainda hoje: *rebólo* 1.º prov. trasm. «diz-se do castanheiro bravio, rebordão»; 2.º prov. alent. «terreno coberto de mato curto»; cf. o esp. *reboillo* «espécie de roble» e o sardo (logud.) *rebuddu* «renovos de uma árvore» (REW 7231). *Reboleira* «a parte mais densa de uma seara, arvoredor, etc.»; Bras. «maciço que ressaí entre a vegetação». *Rebolada* Bras. «grupo de árvores da mesma espécie, em floresta; pequena lavoira».

VII. *pülliter*, -tra 1.º «frango, franga»; 2.º *«cria do cavalo»; 3.º *«rebento de uma árvore» (?).

O REW₃ faz acompanhar esta formação de um asterisco, quando ocorre na realidade em Varrão (cf. Ernout-Meillet, art. *püllus*), na acepção de «frango», «franga». O português conhece as formas divergentes *poldro* e *potro* (< *püllitru*), sendo a primeira a genuína, a segunda possivelmente um castelhanismo. Sobre as formas hispânicas arcaicas do vocábulo (*puldro*, *póldero*, *poltro*, *púllero*, etc.) ver Menéndez Pidal, «Orígenes del Español», p. 323s. *Potra* «égua nova» adquiriu a significação figurada de «hérnia»; cf. igualmente prov. trasm. «doença de galinhas» e bras. «boa sorte, boa fortuna». Esta forma feminina tornou-se ponto de partida de muitas derivações: em *-eiro*, *-anca*, *-ilha*, *-incas*, etc. O par feminino correspondente a *poldro* emprega-se, no plural, *poldras* (var. *alpondras*), na acepção metafórica de «pedras colocadas de margem a margem, num regato ou rio, para dar passagem». Trata-se (segundo já tivemos ensejo de observar a pág. 335 do tomo VIII deste «Boletim») de uma imagem sugerida pelo saltitar de pedra em pedra de quem se serve desta ponte improvisada. A toponímia acusa também *poldreiro*, que parece equivaler a *poldras*. É curioso verificar que, exactamente como sucedeu com *póla*, o termo *poldra* passou a aplicar-se também a uma «pernada de árvore», sendo a sua bivalência talvez atribuível já ao próprio

p u l l i t r a , embora o segundo sentido possa ter nascido espontaneamente de *poldra* «égua nova». A significação de «rebento» está do mesmo modo em *poldrão* «ladão de videira» (Vila Nova de Ourém), «rebentos do garfo de um enxerto» (Douro, Sintra); cf. A. Tavares da Silva, «Esboço dum Vocabulário Agrícola», p. 361.

4. **tôrtor**, não **tortoz** — **rola** e **rol**

C. de Figueiredo consigna *tortoz* como termo antigo que significaria «rôla». Embora não indique a sua fonte, cremos que aquela forma foi extraída das «Histórias d'abreviado Testamento Velho» (Collecção de ineditos portuguezes dos sec. XIV e XV, vol. II, p. 140), onde, num passo do Levítico, há referência a *tortozes* e *pombas*. Supondo que foi bem copiada pelo editor, Fr. Fortunato de Boaventura, é de perguntar se um plural *tortozes* nos autoriza a postular um singular *tortoz*. Cremos que não. Estamos sem dúvida em presença da palavra *tôrtor*, nome antigo da rola, que nos é conhecido através da fragmentária «História das Aves», publicada por Pedro de Azevedo no vol. XXV da «Revista Lusitana», onde se lê, a pág. 132: *Aqui sse segue o tractado da tortor: Natura de tortor he que se paga dandar per logares sóos e apartados. E mais adiante: E porque pola tortor entendemos aquel que esta em péendença, ca per o rrolar que ela faz entendemos o gímido que o pecador da pelos pecados que fez...* É impossível não reconhecer em *tôrtor* (é esta, evidentemente, a única acentuação admissível) o lat. *t ŭ r t ŭ r*, que se conservou em todos os idiomas românicos, incluindo o prov. *tortor* e esp. *tórtola*, integrando-se a forma portuguesa numa antiga categoria de nomes em -or átono, representada por *árvor*, *lébor* «lebre», e *avúitor* «abutre». Em *tôrtozes* havemos certamente de ver um caso de dissimilação *r-r > r-z*, condicionada pela estrutura esdrúxula do plural, não extensiva, porém, ao singular. Uma flexão *tortor* — *tôrtozes* concebe-se como dialectalismo. Não existindo, todavia, que saibamos, exemplo de um plur. **árvozes*, não se pode tratar senão de um fenómeno esporádico. Propomos, pois, que se elimine dos dicionários *tortoz* e se substitua por *tôrtor*, palavra que se deverá seguir a *tortor*, agudo, termo náutico, que é também espanhol, e cuja significação indica claramente a sua relação com o adj. *torto*.

O passo da «História das Aves», acima transcrito, vem confirmar

a suposição de Meyer-Lübke, REW, 9010, de que *rola* e *rolinha* constituem onomatopeias. Podemos precisar este pensamento dizendo que *rola* foi tirado do verbo *rolar* (e não vice-versa, como pensou Figueiredo), o qual, como *arrulhar* e *arrular*, pretende imitar a voz inconfundível daquela simbólica e popular ave. Quanto ao adj. *roleiro*, que o dicionário de Figueiredo explica, dubitativamente, por «manso como uma rola», lembraremos que, numa interessantíssima nota publicada no tomo VII, pp. 419 e segs. deste «Boletim», o prof. Tilander mostrou que tal expressão se liga com *rol*, termo de cetraria que designa um logro destinado à ensinaça das aves de caça, merecendo o qualificativo de *roleira* uma ave que se atira com facilidade a tal amostra. Se esta afirmação não deixa margem a dúvidas, o mesmo não acontece quando o ilustre Autor se pronuncia sobre a etimologia de *rol* nos termos seguintes: «Não admite, pois, dúvida que *rol* é a forma masculina primitiva de *rola*. Como asas de pombos ou pombas vivas se atavam ao *rol*, o instrumento foi chamado em português *rol*. Em consequência desta especialização do uso de *rol*, a palavra perdeu o seu sentido primitivo «macho da rola».—Estas deduções baseiam-se principalmente na circunstância de existir, em espanhol, a par de *tórtola*, o masc. *tórtolo*, argumento que, no entanto, nos não parece suficiente, atendendo principalmente a que os princípios da formação das palavras não admitem que, de um fem. *rola*, se forme um masc. *rol*, mas só *rolo*, como de facto se formou no séc. XVI, segundo uma informação de R. Lapa. Não nos parece legítimo falar-se, com vistas a *rol*, de um sufixo *-ol*, comparável ao existente em *espanhol*, *lençol*, *linhol*, etc. Também não é de crer que, não sendo familiar ao tradutor trecentista da «História das Aves» o termo *rola*, embora empregue o verbo *rolar*, os autores de livros de altanaria do século seguinte, como Pero Menino, se servissem de um masculino decalcado sobre esta palavra, e isto só num sentido figurado. São, como se vê, muitos os senões que nos impedem de crer na existência de um vocábulo *rol* «macho da rola», e preferiríamos por isto retomar uma sugestão que o próprio prof. Tilander lembrou para a pôr de lado. No seu juízo, sendo o verbo *rolar*, na acepção de «mostrar o rol à ave», secundariamente derivado do subst. *rol*, seria «impossível ver em *rolar* o verbo latino *rotulare* «agitar, brandir», e em *rol* uma derivação regressiva de *rolar*, o que pudera imaginar-se *a priori*, visto que os cetreiros mostravam o rol à ave de rapina, agitando-o ou vibrando-o.» Quer-nos parecer que esta hipótese, apresentada noutros termos, forneceria uma explicação muito razoável da palavra. Na verdade, exis-

tindo um verbo *rolar* (que se prende, de modo indirecto, com *rotular*) que significa «fazer girar», não admiraria que a um objecto, a que se imprime um movimento de rotação se desse o nome de *rol(e)*, formação que entraria na categoria das regressivas do tipo *enfeitar* — *enfeite*, *alcançar* — *alcance*, etc., com a diferença que em *rol* o *e* final foi, normalmente, aliás, absorvido pela líquida.

5. *sucata*, esp. *zocato*

No seu «Dicionário Etimológico», A. Nascentes faz acompanhar *sucata* do comentário seguinte: «Figueiredo, que prefere a forma *socata*, compara com um esp. *zocata*», donde se pode inferir que a palavra não foi ainda objecto de estudo pormenorizado. Diga-se antes de mais nada que a voz espanhola citada vem mal escrita, devendo haver confusão com *zocato*, adjectivo, que se aplica «al fruto que se pone amarillo y acorchado sin madurar». A mesma forma usa-se também, familiarmente, como sinónimo de *zurdo*, ou seja «canhoto», não merecendo ser tomada a sério a etimologia «*sub*, debajo, y *cap-tus*, cojido, privado, impedido», que se lê no «Dicionário da Academia Espanhola». A origem do port. *sucata* não chega, se não estamos equivocados, a constituir problema, porquanto existe, em árabe, a fazer fé em K. Lokotsch, com uma forma e significação absolutamente idênticas: *sukāta* «Ausschuss» (cf. art. 1940 do «*Etym. Wörterb. der europ. Wörter orient. Ursprungs*»), termo que o citado autor relaciona com o esp. *zoquete*, que se usa com várias acepções, predominando a noção de «coisa ou pessoa inútil» (1). Esta forma vem a ser sem dúvida a mesma palavra, com o «imala», tão corrente no árabe vulgar (2). Quanto ao esp. *zocato*, a sua afinidade formal e semântica com *zoquete* é tão patente, que são grandes as probabilidades de aquele adjectivo se filiar no mesmo étimo árabe.

(1) 1.º Pedazo de madera corto y grueso, que queda sobrante al labrar o utilizar un madero; 2.º Pedazo de pan grueso y irregular; 3.º (fig. e fam.) hombre feo y de mala traza, especialmente si es pequeño y gordo; 4.º (fig. e fam.) persona ruda y tarda en aprender o percibir las cosas que se le enseñan». (*Dic. da Acad. Esp.*).

(2) Sobre a inflexão vocálica *â > e* nos dialectos árabes valenciano e granadino, cf. S t e i g e r, *Contribución a la Fonética Hispano-Árabe*, etc., p. 314. Sobre o mesmo fenómeno no hispano-românico, cf. p. 327 e segs. Referências à conservação do timbre primitivo do *â* encontram-se a p. 311.

6. zombar, zombeiro, zombaria

No art. 4614 da 3.^a edição do REW, Meyer-Lübke reuniu uma série considerável de formas românicas, peculiares do Sul e de algumas outras regiões da Itália, bem como da Sardenha e da França meridional, que significam «saltar, balouçar, dançar», e que pedem um étimo *j u m p a r e, verbo de origem, aliás, desconhecida⁽⁹⁾. No fim do mencionado artigo lê-se: «pg. *zombar* «scherzen, spotten» gehört nicht hierher», opinião que reputamos infundada. Ignoramos qual a razão que levou o grande romanista a não admitir no concerto do ant. logud. *iumpare*, campid. *ǵumpai*, reatino *dzompá*, napolit. *dzumpá*, etc., o verbo português *zombar*, mas deve ter sido, além do b não normal, a sua significação, que lhe parecia afastar-se demasiado da de «saltar». Ora, se é certo que os dicionários definem *zombar* como significando «escarnecer, mofar, ridiculizar, fazer chacota, tratar com ludíbrio ou vilipêndio (region.), seduzir uma mulher», é de crer que tais significações não representam a originária, a qual transparece nitidamente através de textos quatrocentistas, como p. ex. os passos seguintes do «Livro dos Ofícios»: *Pois estas cousas esguardará o albardom (actor) na zombaria, e nom as veerá ho homem sabdor em sua vyda? — E as razões dos alvardãaes e zombeiros, de todo ponto as engeitamos, por que som enmiigas da vergonha...* (10).

Se, como ressalta destas transcrições, *zombeiro* correspondia, para os portugueses dos princípios do séc. XV, a «comediante», e *zombaria* a «comédia», teremos forçosamente de atribuir a *zombar* o sentido de «representar, jogar a comédia», da qual a acepção moderna de «ridiculizar, fazer chacota», etc., se derivam sem violência. Postas assim as coisas, já nada obsta a que integremos o verbo português na família de *j u m p a r e, visto que saltatores se emprega correntemente com o sentido de «comediantes» (11). A série evolutiva semântica poderia representar-se pelos elos seguintes: 1.^o

(9) É pouco verosímil a hipótese, emitida por E. Richter, de que se trataria do osco *diumpo* lat. *lumpa* «fonte». É de notar que o inglês possui também um verbo *jump* «saltar», usado desde Chaucer, e que, segundo v. Wartburg, FEW, V, 64 b, teria vindo da Gasconha no tempo da dominação inglesa.

(10) Ver pp. 68-69 e 87 da nossa edição. Sobre *albardom* — *alvardãaes*, cf. *Biblos*, vol. XX, p. 120 s.

(11) Cf. nas *Glosas Silenses*: *Qui in saltatione [ena sota] femineum habitum [ela similia] gestiunt...* (M e n é n d e z P i d a l, *Orígenes del Español*, p. 23).

«saltar»; 2.º «jogar a pantomina»; 3.º «ridicularizar uma pessoa»; 4.º «jogar a comédia com uma mulher; seduzi-la prometendo-lhe casamento».

Quanto à anomalia da evolução fonológica, a que aludimos inicialmente, é de crer que **zompar* passou para *zombar* sob a influência da família onomatopaica *zumbir*, *zumbar* «fazer zunzum, fazer ruído», *zumbar* «dar pancada em», *zumbrar*, *azumbrar* «vergar», etc.

Coimbra.

JOSEPH M. PIEL

Duas etimologias portuguesas

COTOVELO

É comum derivar o port. e gal. *cotovelo* dum lat. *CUBITELLUS, diminutivo de CUBITUS, cotovelo. Entre outros autores, podemos citar: Diez *Wb.*, 114; Simonet, *Glos. Mozárabe*, 144; Cornu, *Die port. Spr.*, § 192; Nascentes; e ainda Schuchardt, *Roman. Lehnwörter im Berb.*, 43. O pensamento desses filólogos seria de que CUBITUS podia muito bem ter sido substituído, no latim vulgar da Lusitânia, pelo seu diminutivo, à semelhança do que se deu, na língua geral da România, com AURIS e GENU; mas não há verdadeira paridade entre os dois casos, porquanto orelha e joelho são partes do corpo que prendem facilmente a atenção e se prestam a denominações afectivas pela sua forma graciosa, especialmente no caso das mulheres e das crianças, ao passo que cotovelo nada apresenta, na forma ou nas funções, que desperta a imaginação. Com efeito, todos os romances conservaram o primitivo CUBITUS, sem outras alterações que não fossem as fonéticas, e o próprio galego-português possui o seu *côvado*. Além disso, é evidente que CUBITELLUS só poderia ter dado **codovelo*, não se explicando a conservação da surda.

Zauner, *RF XIV*, 444, ao qualificar de obscuro o *v* do nosso vocábulo, dá a entender que, para ele, este é um diminutivo romance de *coto*, proveniente de CUBITUS, forma que efectivamente se emprega por «cotovelo» numa povoação galega do Lima (Schneider, *VKR XI*, glos.), e que deverá ter existido em alguns pontos de Portugal, pois que na Bairrada se usa *cotonho* e em Alcanena (ao Norte de Santarém) *cotunho* com o significado de «articulação saliente dos dedos quando se fecha a mão» (Silveira, *RL XXIV*, 214). É, porém, claro que o diminutivo de *coto* teria sido forçosamente **cotelo*.

Finalmente García de Diego, *Contrib.*, 612, crê que a forma *cotovelo* se deve a um cruzamento de CUBITUS com TUBELLUM (origem do cast. *tobillo* = port. *tornozelo*), explicação que talvez satisfaça

os engenhosos aficionados do cruzamento de palavras — e de partes do corpo —, mas que aos demais só lhes poderá recordar a graciosa réplica de Grammont aos que, sem esgotarem previamente todas as possibilidades fonéticas, explicavam o cat. *colze* CUBITUS por uma contaminação com *polze* «polegar»: «mettre ainsi le pouce dans le coude c'est adopter une voie qui conduit tout droit à se mettre le doigt dans l'oeil».

Em boa verdade, a origem de *cotovelo* é muito mais clara: trata-se de uma forma moçárabe proveniente do Sul de Portugal. O cordovês Aben Cuzman (século XII) deu ao «cotovelo» o nome de *qubʿāl*; em autores posteriores da mesma filiação podemos ver como em virtude do conhecido fenómeno da imela, se foi fechando progressivamente o â deste vocábulo. Assim, R. Marti (séc. XIII) usa *qubʿal* e *qubʿall* (que se deve entender por *qubʿéll*), o africano Abenalhaxxá (séc. XIII) emprega *qubʿtil* (isto é *qubʿéll*), e o granadino P. de Alcalá (1505) usa *cubʿtill* (Simonet, l. c.), e ainda hoje se continua a empregar *qebʿtāl* ou *qobʿtāl*, com o mesmo valor, no árabe de Marrocos (P. de la Torre), de Argel (Cohen) e do Egipto (Boethor). O significado originário da palavra *qubʿāl* aparece documentado numa escritura árabe de Toledo de 1184, onde representa um nome de medida, e, com este significado ou com o sentido derivado de «régua ou nível (de um côvado de comprimento)», encontra-se a mesma forma e suas variantes (*qudāl*, *quʿāl*) em diversas outras fontes moçárabes (Glossário de Leyden, Aben Cuzman, R. Marti, o Tignari, vid. Simonet, pp. 118-119). Ora, assim como era comum o nome da parte do corpo servir de base à denominação da medida linear que vai do cotovelo à extremidade da mão, também era natural que o nome desta se transmitisse àquela, e, com efeito, ocorreu isso mesmo no centro da Sardenha, onde *ku(b)itāle* e *kuitāle* designam hoje o «cotovelo» (M. L. Wagner, *Studien über den sard. Wortschatz*, p. 100). Não se pode duvidar que está ali a palavra CUBITALIS, que em latim clássico só se encontra como adjectivo aplicado ao que tem um côvado de comprimento.

A geografia linguística confirma a origem moçárabe da palavra portuguesa: *côvado* deve ter reinado antigamente em todo o Norte do território linguístico. Com efeito, na *Crónica de Santa Cruz de Coimbra* (2.º quartel do século XIV) encontra-se *côvodo* como nome da parte do corpo e nos *Inéditos de Alcobaça* (séc. XIV-XV) *côvedo* com o mesmo significado. É bem certo que, hoje, *cotofelo* chega até

a alguns pontos de Trás-os-Montes (Murça, *RL XIV*, 86) ⁽¹⁾ e que a mesma forma e *cotovelo* se ouvem em algumas povoações do Lima (SO da provincia de Orense: Schneider, l. c.), mas a forma geral em galego é *cóvado*. O contraste entre a Galiza e Portugal pode ser posto claramente em evidência pelas acepções figuradas: ali *cotovelo* significa «nó ou articulação dos dedos», «saliência ou juntura dos ossos» (Valladares, e no próprio Lima), «curva ou volta, ângulo» (Carré), e em leonês de Astorga e de Cespedosa, até onde se estendeu a palavra, *cutubillo* (*cotu-*) designa «a parte mais saliente da perna (jamón) dos animais», «a articulação da perna com o pé» (Garrote; *RFE XV*, 274), ao passo que em português *cóvado* é que assume os significados secundários de «medida» ou de «joelho dos animais», particularidade suficiente para nos mostrar que a palavra em estudo é muito mais popular no Sul do território linguístico do que no Norte.

Para concluir, algumas observações. Em contacto com a surda *t* o *b* moçárabe pôde ensurdecer-se em *t* (comp. factos parecidos em fim de palavra: Steiger, *Contrib.*, 109; Corominas, *BDC XXIV*, 69), de onde a forma trasmontana e limiense *cotofoelo*; a passagem de *covotelo* a *cotovelo* é devida a uma metátese de que há outros exemplos nos descendentes de CUBITUS, como, em Téraimo, *vóteve* < *góteve* < *góvete* (*RF XIV*, 443). O cast. *cotobelo* «abertura na volta da cama do freio» (já em Terreros, 1786) é um portuguesismo que mostra a influência dos portugueses na equitação espanhola. Meyer-Lübke já indicou esta etimologia numa nota da *ZRPh. XLVI*, 119, que só agora, na altura de passar estas considerações a limpo, me caiu sob os olhos.

CANTIGA

A acentuação da palavra *cantiga* e a respectiva explicação constituem um velho problema de difícil solução. Não há dúvida que existiram as duas acentuações, *cantiga* e *cântiga* (ou *cántiga*), mas é preciso averiguar se ambas são igualmente antigas ou se uma é mais antiga que a outra. Vejamos antes de mais nada os factos filológicos.

(1) O emprego de *cóvado* por «cotovelo» feito por Júlio Dantas no seu livro *A Pátria Portuguesa* não tem grande significado, pois esta obra, como se sabe, está cheia de arcaísmos artificiais (Fid. de Figueiredo, *Estudos de Literatura*, 2.^a série, 1917, p. 45). Alguns dos dados supra são tirados dos dicionários de Figueiredo e de Domingos Vieira.

Em português a pronúncia *cantiga* é geral e muito antiga. Assim o atestam unanimemente os diversos autores que têm estudado o português e o galego, desde Teófilo Braga até Cornu, Leite de Vasconcelos, Carolina Michaëlis, Gonçalves Viana, Lang, S. Vignau, Milà y Fontanals, Marquês de Valmar, A. Cotarelo, etc.

Nos domínios linguísticos castelhanos também predominou nitidamente essa pronúncia, especialmente no que respeita à obra lírica de Afonso, o Sábio. Em comparação com isto, tem muito pouca autoridade a acentuação *cántiga* empregada por Zorrilla, tão pouca como a preferência dada a *cantiga* pelo Conde de Noronha ou Landívar. Outro tanto se não pode dizer de García de Diego, o qual acentua sistematicamente o *a* na sua *Gramática Gallega* — em obras posteriores, no entanto, omite esse acento. Mais importante, porém, que as opiniões dos eruditos são os testemunhos da linguagem do povo (das zonas onde a palavra é popular) e dos antigos poetas.

Quanto à linguagem popular, deve colocar-se em primeiro lugar Portugal, onde *cantiga*, com acento no *i*, é pronúncia viva em toda a parte.

O mesmo se dá na fala de Salamanca, segundo Lamano, e em hebreo-espanhol: num romance de Rodas encontra-se o vocábulo em assonância com *cativa* (RH X, 599). Nas Astúrias, porém, segundo os vocabulários de Rato e de Acevedo y Fernández, diz-se *cántiga*. Na Galiza há vacilação: Valladares regista *cántiga*, mas Milà y Fontanals ouviu *cantiga* a um galego, Taboada, que foi objecto dos seus estudos (1ª).

Passemos aos testemunhos antigos. Conquanto não cite autores, é de grande importância, dada a vastidão das suas leituras e a escrupulosidade da sua erudição, a terminante afirmação de Carolina Michaëlis de que a palavra foi sempre acentuada no *i* na antiga literatura galego-portuguesa (2). Por outro lado, têm-se citado muitas vezes passos em verso cujo valor é incerto, pois depende de obscuridades na transmissão dos textos, de vacilações na distribuição dos

(1ª) A palavra não figura em Cuveiro Pinhol. García de Diego, *Gram. Gall.*, 22, cita *cántega* e *cántiga* como palavras galegas. Segundo Cornu (*G Gr.* I², 213) e Leite de Vasc. (*Est. de Phil. Mirand.* II, 174) também se ouve *cántiga* em alguns pontos de Trás-os-Montes.

(2) «Dass wie in den geistlichen, so in den weltlichen *Cantigas* der paroxytone Accent des Wortes durch den Reim ausser Frage gestellt wird, bedarf kaum des Erwähnung. *Cánticos* ist spätes *mot savant*; *cantigas* ist ein illegitimes spanisches Pseudogelehrten-Produkt» (*GGr.* II, ii, 195n.3).

acentos do verso feita por cada poeta e da forma de ler os encontros de vogais em poetas, como João Ruiz, que admitem concorrentemente o hiato e a sinalefa entre palavras contíguas. Por exemplo, o Marquês de Valmar (ed. das *Cantigas*, I, 58-61) e A. Cotarelo (BRAE XVIII. 351) citam, em abono da acentuação *cantiga*, versos de Afonso o Sábio, e do Galego Gomes Charinho († 1295), que na realidade se poderiam acentuar dos dois modos⁽³⁾. Só um estudo cuidadoso e completo da versificação desses poetas poderá permitir um dia a utilização dos respectivos testemunhos com toda a segurança. Enquanto isso não for feito, só poderemos aproveitar os casos em que a palavra aparece em rima ou em assonância. Lang (*Cancioneiro de D. Denis*, pág. CVIII) e Valmar citam vários destes casos colhidos no *Cancioneiro de Resende* e em Gil Vicente (estes últimos em português e castelhano). Pois bem, em todos eles *cantiga* rima com *fadiga*, *diga* e palavras análogas⁽⁴⁾.

Um raciocínio me parece decisivo, quanto à antiguidade de *cantiga*, se ainda restarem dúvidas. É fácil explicar *cántiga* como alteração de *cantiga*, por influência do culto *cántigo* (*cântico*), *cántica*

(3) «E por aquesto ben vejo eu que non / posso fazer a *cantiga* tan ben» e «Que mui de grado eu querria fazer / ùa tal *cantiga* por mia sennor» são os de Charinho. O mesmo se pode dizer da *Cantiga* 400, v. 1, em que se apoia Valmar.

(4) A utilização do testemunho de João Ruiz seria de grande importância, em virtude de empregar a palavra muitas vezes. À vista disto, procurei reunir todos os exemplos, mesmo os que faltam nos glossários. Infelizmente nenhum se encontra em rima ou em assonância: 80 a, 104 a, 171 d, 918 b, 1021 b, 1045 d, 1319 b, 1513 a, 1515 b. O mais claro parece 1319 d; «Con la mi vejezuela enbiéle ya qué, / con ellas estas *cantigas* que vos aqui robré», favorável à acentuação esdrúxula. Mas, como ali *ellas* não faz sentido, é evidente que houve errata motivada pela palavra seguinte, *estas*, e que se deverá ler *ello*, referido a *ya qué*, ou então *ella*, referido a *vejezuela*. Nessa altura o testemunho torna-se ambíguo. Outro ex., o 1021 b, seria favorável a *cantiga*: «fize bien tres *cantigas*, mas non pud byen pyntalla» (S). No entanto, G apresenta «fiz tres *cantigas* grandes», e a dúvida permanece. Somos levados a crer que G (ou o seu modelo) emenda o texto para obter a acentuação esdrúxula, pois que em 1045 d apresenta «ofresco me con las *cánticas*» onde S tem «mi alma e mi cuerpo ante tu magestat / ofresco con *cantigas* e con grand omildat»: o pronome *me* é supérfluo à vista do verso anterior, apresentando-se as coisas como se duas correcções alternadas do modelo (adição de *me* ou de *las*), destinadas a corrigir a acentuação, tivessem passado, desnecessariamente, para o seu texto. Recorde-se que S é leonês e G é mais castelhano. Todos os outros exemplos são incertos, quer por discrepâncias entre os manuscritos, quer pelas várias possibilidades na leitura dos hiatos ou das sinalefas. Em conclusão, o testemunho de João Ruiz mantém-se, por enquanto, duvidoso.

(este já figura no *Poema de Alexandre* e noutros textos — veja-se o Dicionário Histórico da Academia Espanhola⁽⁵⁾), ao passo que é muito difícil conceber-se a alteração em sentido inverso, sabendo-se que o idioma possuía dúzias de esdrúxulos em *-ico*, *-ica*, *-íga*, que não sofreram alteração⁽⁶⁾.

J. Leite de Vasconcelos tentou uma explicação de *cantiga* (*cantíga*) como acentuação secundária (seguida por Gonçalves Viana, *Ap.*, I, 226, e por Amador de los Rios no Glossário de Santillana) invocando um verbo **cantigar*, cujo presente **cantíga* seria responsável pela acentuação paroxítona do substantivo, mas todos estão de acordo, incluindo o próprio Leite de Vasc., em que tal verbo não está documentado. E, ainda que mais tarde se descobrisse algum exemplo⁽⁷⁾, como poderíamos admitir que palavra tão rara pudesse alterar o nome mais popular da lírica galego-portuguesa?

Admitindo a antiguidade de *cantiga*, torna-se necessário encontrar-lhe uma explicação. Como a de T. Braga, CANTÍCŪLA, não é aceitável por motivos fonéticos (podia dar **cantígoa* ou **cantígua* em galego-português, mas o *u* não se teria perdido), convém que nos deixemos guiar pelo sufixo *-íga* < *ICA*. Pois bem, este sufixo é típico dos vestígios célticos no romance: ARTICA, BODICA, CAMBICA (> cast. *cambija*, limos. *chambijo*), CARRICA, BARRICA (> port. e cast. *barriga*, gasc. *barrica* > fr. *barrique*, etc.), AREMORICA; veja-se A. Thomas, *Nouv. Ess.*, 163, e o FEW nos artigos competen-

(5) Figura também nas *Partidas* II, 21, 20. Em hebreo-espanhol encontra-se *cántica* ao lado de *cántica* (Yahuda, *REF* II, 335 n.), por onde se reconhece que a influência entre CANTÍCŪS e *cantiga* foi também recíproca. Em Berceo, 178, a forma *cántica* é título que não sabemos se pertence ao original do poeta. *Cántica* encontra-se também em Rato como asturiano, ao lado de *cántiga*, coexistência significativa. O masculino *cántigo* ouve-se em Miranda do Douro e na linguagem de Bragança (Leite de Vasc., *RL* III, 73), onde também coexiste com *cántiga*, de forma que se torna difícil subtraímo-nos à convicção de que *cántiga* é devida exclusivamente à influência do vocábulo erudito latino.

(6) Além dos cultismos e semicultismos, lembrem-se os casos do sufixo átono popular *-iga* (*Padiérniga*, *Cabuérniga*, *Piérnigas*) estudados por Menéndez Pidal, *Orig.* 337 e ss.

(7) Existe realmente *canticar*, mas é forma tardia (João del Encina, Gil Vicente: *Dic. Hist.*) e sem antecedentes latinos.

tes⁽⁸⁾. A raiz verbal CAN- está bem documentada em todas as línguas celtas: Bret. *kana*, Galês *canu*, Irl. ant. *canim*, todos com o significado de «cantar» (V. Henry, *Lexique Étym.*; Walde-Hofmann, s. v. *canere*). Os nomes verbais em -TO- são também normais nestes idiomas, e CANTO- está representado, directamente, pelo Irl. ant. *ro cet*, *céte* (Brugmann, *Gr.* III, p. 219 — vejam-se também os índices de Thurneysen, *Handbuch des Altirischen*) e pelo derivado gaulês *cantalón* «hino» (Pedersen, I, 334)⁽⁹⁾. Daquele adjectivo verbal pode vir um *CANTICA, como *CAMBICA de *CAMBOS. Note-mos, além disso, que -TĪKO- N um sufixo de adjectivos frequente no celta insular (Pedersen, *Vgl. Gramm. d. Kelt.*, II, 40).

Chegou a ser lugar comum procurar as origens remotas da lírica lusitano-galega nos bardos celtas, e não ignoro que os semi-eruditos abusaram mesmo deste tema, mas ninguém demonstrou até agora que não haja na ideia algo de verdadeiro. De qualquer maneira, a grande popularidade do género cantiga na Galiza e em Portugal revela a sua remota antiguidade. Por outro lado, é natural que a palavra, ao sair deste seu antigo lar e ao estender-se pelas épicas terras de Castela, sofresse a influência do erudito *cántico*, *cántica*, e mudasse de acentuação⁽¹⁰⁾.

Barcelona.

The University of Chicago.

JOAN COROMINAS

(8) No artigo *CARRA, Wartburg vacila quanto à origem de ĪCA, lembrando um nome próprio ibérico *Arti-gi*. Note-se, porém, que a extensão geográfica das duas palavras em referência afasta a origem ibérica: *artiga* existiu na Bélgica e há exemplos do nome de lugar ou do apelativo *Jarrige* ou *jarrie* até Orleans, Normandia, Champagne e Sabóia (*FEW* II, 412, n. 22, 409 b).

(9) Cabe aos especialistas esclarecer-nos até que ponto o galês *caintach* «querela» (Dottin, *La Langue Gaul.*, s. v. CANTO-) poderá apoiar esta etimologia, e se o Irl. *caintic* «canção» será um latinismo, como parece.

(10) Note-se que o significado da palavra erudita é muito diferente do de *cantiga*. Esta é uma composição amorosa hagiográfica, mas sempre breve e de tom popular, ao passo que *cántica* se aplicava já na Idade Média a obras extensas e solenes, como os cantos em que se divide a *Comédia* de Dante (assim se vê no quatrocentista português Rui de Pina, citado por Cortesão).

Galaico-port. *LER*, m. s., y su significado

En los antiguos cancioneros galaico-portugueses, tan interesantes por todos conceptos para el estudio de la cultura e idioma de Galicia, hallamos con relativa frecuencia términos cuya verdadera acepción es difícil determinar exactamente en la hora actual por haber dejado de usarse.

Tal nos ha ocurrido con la voz *LER* ⁽¹⁾ que figura en las composiciones números 246 y 754 del «Cancioneiro da Vaticana», la primera original de Nuno Fernández Torneol y la segunda de Joan Zorro. Son estas :

Vi eu, madr' andar
as barcas eno mar,
e moiro-me d'amor.

Foi eu, madre, veer
as barcas eno ler,
e moiro-me d'amor.

As barcas eno mar
e foil-as aguardar ;
e moiro-me d'amor.

As barcas eno ler
e foi-las atender ;
e moiro-me d'amor...

etcetera.

(1) La distinguida filóloga portuguesa D. Elza Paxeco, en su interesante trabajo «*Arte de trovar portuguesa*», publicado en la «Revista da Faculdade de Letras», de Lisboa, Tomo XIII, 2.^a série (1947) estudia esta misma palabra dándole la acepción de *lado*. Bajo su punto de vista parece que está en lo cierto ; sin embargo creemos equivocada su apreciación, porque, si bien en la edición de Ernesto Monaci figura la palabra escrita *lez* y otra vez *lex*, estimamos que tales grafías son incorrectas. El sentido de los versos, según nosotros los interpretamos, así lo atestiguan ; y el hecho de que siendo todos los versos de la composición de rima perfecta, sin que haya una razón para creer que esos dos puedan ser por excepción asonantados, lo confirma. Al no haber fijeza en la forma *lez* o *lex*, se demuestra que el Sr. Monaci, por desconocer la palabra, puso no lo que esta dice sino lo que pareció leer, o bien que el copista del cancionero, por el mismo motivo, escribió erróneamente el repetido vocablo en forma defectuosa.



En Lixboa, sobre lo mar
barcas novas mandei lavar,
Ai mia senhor velida!

En Lixboa, sobre lo ler
barcas novas mandei fazer,
Ai mia senhor velida!...
etcetera.

En el glosario que el ilustre investigador portugués Dr. José Joaquim Nunes inserta en su magnífico estudio acerca de las «Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses» (Coimbra, 1928) con-signa el vocablo *LER* con el significado de *playa*. Pero si observamos que en la cuarta estrofa de la primera composición dice:

as barcas eno ler
e foil-as *atender*...

vemos fácilmente que la acepción de *playa* no es la correcta, puesto que si «foi-las *atender*» (esperar, aguardar en gallego antiguo) a las barcas que están «eno ler», es que las barcas no están en la playa sino en algún lugar de donde vienen: que llegan de fuera ¿De donde?

En gaélico existe una palabra *Leoir* (pron. Liôér) que puede traducirse por: bastante, lleno, hartazgo (*enchente*, en gallego), y esto nos ha inducido a creer que *ler* muy bien pudiera ser la marea, el alto mar, lo que daría pleno sentido a la estrofa.

Si tenemos en cuenta que en las composiciones de aquella época es frecuente la repetición de conceptos aún cuando la misma idea se expresa con palabras distintas y sinónimas, como por ejemplo en la barcarola de Payo Gomes Chariño:

As frores do meu amigo
briosas van no navío;
e van-se as frores;
D'aquí ven con meus amores!

As frores do meu amado
briosas van eno barco
e van-se as frores;
D'aquí ven con meus amores!...
etcetera,

en la cual vemos los sinónimos *amigo* y *amado*; *navío* y *barco*, fácil es conjeturar que *ler* equivale a *mar*; dos palabras distintas que expresan un solo objeto, como en la mismo cantiga aparecen otros dos sinónimos: *aguardar* y *atender*, y en la de Joan Zorro: *lavrar* y *fazer*, con la repetición de los ya citados *mar* y *ler*.

Pero no conformes con tal suposición, hemos querido confirmarla, y, en efecto, lo hemos logrado. Revisando el «Vocabulaire Vieux Breton» de J. Loth (Paris, 1884) no solo hemos hallado que *lirou* significaba «agua del mar», sino que el galo moderno tiene *llyr* para designar el mar.

Finalmente, en irlandés el mar, el océano, se llama *ler*.

Así pues, conociendo las relaciones de afinidad de la antigua cultura de Galicia con la de los demás pueblos célticos, podemos dar por seguro que la palabra **LER** del gallego arcaico, quizá primitivo, significa mar.

La Coruña.

LEANDRO CARRÉ

Las palabras *ermolho* y *ermolhecer* en la *Consolação* de Samuel Usque

En la conocida lamentación de Samuel Usque⁽¹⁾ sobre el martirio de los israelitas, *Consolação às Tribulações de Israel*⁽²⁾, obra impresa en Ferrara en 1553, encontramos un ejemplo del verbo *ermolhecer*, único caso atestiguado en la literatura portuguesa :

ysto he o que disse nosso señor a Abrahão... e Daud em seu psalmo :
Floreçam maos como eruas e *ermolhecem* todolos que obram tortura por serem destruidos pera sempre.

(*Consolação*, III, p. L. v.)

¿ Qué significa en esta cita la palabra *ermolhecem*? El editor, que no omite el vocablo en el muy sucinto glosario que acompaña a la edición, no parece haberse dado cuenta cabal de su sentido, porque deja la palabra sin traducir. En lugar de traducción propone una etimología, de cuyo valor tendremos ocasión de hablar más adelante.

Es, sin embargo, muy fácil averiguar la significación de *ermolhecem*. La frase en donde Samuel Usque emplea la palabra, constituye una cita del salmo 91, versículo 8. La traducción de la Vulgata dice en el lugar correspondiente :

Cum exorti fuerint peccatores sicut foenum : et apparuerint omnes, qui operantur iniquitatem.

Excusado es advertir, sin embargo, que siendo Samuel Usque judío y leyendo además corrientemente el hebreo⁽³⁾ no usó el texto de la

(1) Véanse sobre Samuel Usque los datos ofrecidos en mi artículo *Duas notas marginaes à «Consolação» de Samuel Usque* en *Boletim de Filologia*, VIII, p. 262.

(2) Ed. de Mendes dos Remédios en *Subsídios para o estudo da história da literatura portuguesa*, VIII.

(3) Graetz demostró en *Geschichte der Juden* que Samuel Usque se valió de documentos escritos en hebreo.

Vulgata ni traducciones de ella. No hay duda de que para traducir al portugués pasajes del Antiguo Testamento se sirvió más o menos directamente del texto original en hebreo ⁽⁴⁾.

Si, por consiguiente, confrontamos el pasaje traducido al portugués por Samuel Usque con el texto hebreo, encontramos allí como correspondencia del verbo *ermolhecer* la palabra מַצֵּי, «brotar», y ésta es la significación exacta del vocablo enigmático de la *Consolação*.

Además de *ermolhecer* hay dos ejemplos en la misma obra del sustantivo (*h*)*ermolho*, «renuevo, retoño, pimpollo»:

derramarey agoas sobella cousa sequiosa, e rios sobre a secura, derramarey meu espirito sobre a tua semente, e minha bençam sobre teu *ermolho*, e creceram teus filhos, Ysrael, como entre eruas e como salgueiros nos rios das agoas.

(*Consolação*, III, p. LXXII v.)

nam trabalharam em balde nem parirá cõ toruaçã; finalmente sera semente dos benditos de nosso señor, e seu *hermolho* e progenie o mesmo sera cõ elles.

(*Consolação*, III, p. LXXVII r.)

Estas citas son traducciones de Isaías 44,3 e 65,23.

*

* *

Si sólo fuera cuestión de esclarecer el sentido de las palabras *ermolhecer* y *ermolho* en la obra de Samuel Usque, hubiéramos podido detenernos aquí. Pero sería interesante saber también su procedencia. Mendes dos Remedios, el editor de la *Consolação*, se interesa por lo menos, como queda dicho, en este asunto. ¿Son de origen románico o serán tal vez hebraísmos ⁽⁵⁾? Para poder contestar a esta pregunta conviene averiguar si las palabras en cuestión se encuentran en otra parte.

⁽⁴⁾ Véase *Boletim de Filologia*, VIII, 262-266.

⁽⁵⁾ Véase sobre algunos hebraísmos en español *Boletim de Filologia*, VIII, p. 264, n. 3.

*

*

*

Es sabido que la familia a la que pertenecía Samuel Usque fué expulsada de España a consecuencia del edicto de 1492 ⁽⁶⁾. No es, por lo tanto, *a priori* imposible que las palabras que nos ocupan se encuentren en las traducciones al español del Antiguo Testamento ejecutadas en España por judíos y aparentemente destinadas a ser usadas por sus correligionarios en sus estudios bíblicos o exegéticos.

Algunas de estas traducciones se conservan en manuscrito ⁽⁷⁾ y una parte del ms. escurialense I-j-3 fué publicada por Américo Castro y otros en *Biblia medieval romanceada* ⁽⁸⁾. El representante más conocido de las biblias sefardíes es la llamada *Biblia de Ferrara* de 1553 ⁽⁹⁾. Estas traducciones se caracterizan por una fidelidad excesiva al original, lo cual imprime a la versión una fuerte tendencia hebraizante; los traductores habrán creído desfigurar el texto sagrado apartándose demasiado del sentido exacto de las palabras y de la sintaxis hebreas ⁽¹⁰⁾.

Ahora bien, si recorremos las traducciones citadas, hallaremos docenas de ejemplos de las palabras empleadas por Samuel Usque. He aquí primero algunos tomados de la *Biblia medieval romanceada*:

E dixo Dios: *Hermollesca* la tierra *hermollo* yerua engendrante symiente, arbol fructal faziente fructo a su semeiante, que su symiente aya sobre la tierra. Et fue asy.

E saco la tierra *hermollo*...

(Génesis, I, 11, 12)

⁽⁶⁾ Sobre los diferentes miembros de la familia que después de la huida de Portugal se establecieron principalmente en Italia véase *Jewish Encyclopedia*. Puede consultarse también Dr. Cecil Roth, *Salusque Lusitano*, en *The Jewish Quarterly Review*, New Series, XXXIV, number I, Philadelphia, 1943. Debo la última indicación bibliográfica a la benevolencia del profesor Gunnar Tilander.

⁽⁷⁾ Véase S. Berger, *Les Bibles castillanes*, en *Romania*, XXVIII, 1899.

⁽⁸⁾ I, Pentateuco, Buenos Aires, 1927, Facultad de Filosofía y Letras, Biblioteca del Instituto de Filología, I.

⁽⁹⁾ Véase *Jewish Encyclopedia*, III, 195.

⁽¹⁰⁾ Lo mismo ocurre en las traducciones al dialecto judío-alemán llamado *yiddish*, véase *Boletim de Filologia*, VIII, p. 262, n. 3.

E *hermollejo* el sennor Dios de la tierra, todo arbol cobdiçioso de vista e bueno para comer.

(*Génesis*, II, 9)

E en la vit que auia tres bastagos, e ella commo floresçia cresçia el su *hermolho*, madurauan los sus rrazimos vuas.

(*Génesis*, XL, 10)

Et cubrira la color de la tierra, e non podran ver la tierra; e comera lo que quedo en escapamiento, el que vos rremanesçio del pedrisco; e comera a todo el arbol que vos *hermolleçen* del campo.

(*Éxodo*, X, 5.)

Y de la *Biblia de Ferrara* ⁽¹¹⁾:

(¹¹) La confrontación de *Consolação*, III, p. L v. con la *Biblia de Ferrara* puede inducir-nos a creer que Samuel Usque se haya servido de la última:

Consolação :

Florecem maos como eruas e ermolhecem todolos que obram tortura por serem destruidos pera sempre.

Ferrara :

Enflorescer malos como yerua y hermollecen todos obrantes tortura para seren destruydos para siempre.

Pero la comparación de los demás pasajes no permite tal conclusión:

Consolação :

derramarey agoas sobella cousa sequiosa, e rios sobre a secura, derramarey meu esprito sobre a tua semente, e minha bençam sobre teu ermolho, e creçeram teus filhos, Ysrael, como entre eruas e como salgueiros nos rios das agoas.
finalmente sera semente dos benditos de nosso señor, e seu hermolho e progeñie o mesmo sera cõ elles.

Ferrara :

Que vaziare aguas sobre sequioso y destilamientos sobre secura, vaziare mi esprito sobre tu simiente y mi bendición sobre tus hijos, y *hermolleceran* entre yerua como sauzes sobre arroyos de aguas.

... mas simiente de bendichos de A. ellos y sus hijos con ellos.

Hubiera sido interesante comparar estas citas de Samuel Usque con sus correspondencias en los manuscritos de las traducciones sefarditas conservadas en España, pero no estaban a mi alcance.

por que oyste a boz de tu muger y comiste del arbol... maldita la tierra por ti : con dolor la comerás todos días de tus vidas, y espino y cardo *hermolleçera* a ti y comerás a yerua del campo.

(Génesis, III, 17)

Y. A. ⁽¹²⁾ hyzo llouer sobre Sedom y sobre Hamora asufre y fuego... y trastorno a las çiudades estas y a toda la llanura y a todos moradores de las villas, y *hermollo* de la tierra.

(Génesis, XIX, 24-25)

Y he siete espigas subientes en caña vna, sanas y buenas, y he siete espigas menudas y batidas de solano *hermolleçientes* empues ellas.

(Génesis, XLI, 5-7)

vino Moseh a tienda del testamento y he florescia vara de Aharon de casa de Leui, y saco flor y *hermolleçio hermollo* y abroto almendras.

(Número, XVII, 8)

Nuestros vocablos se usan naturalmente también en sentido figurado :

y empeço cabello de su cabeça de *hermolleçer* después que fue trasquilado.

(Jueces, XVI, 22)

y dixo el rey : estad en Yerecho fasta que *hermollesca* vuestra barba.

(II Samuel, X, 5)

En el día esse sera *hermollo* de A. por fermosura y por honrra, y fruto de la tierra por loçania y por gloria a escapamiento de Ysrael.

(Isaías, I, 4)

En los días vinientes arraygara Yahacob, *hermollecera* y florescia Ysrael.

(Isaías, XXVII, 6)

(12) Abreviatura de uno de los nombres hebraicos de Dios (Adonai).

Que como tierra sacara su *hermollo*, y como huerto su sembradura fara *hermollecer*, assi. A. Dio fara *hermollecer* justicia y loor escuenta todas las gentes.

(Isaías, LXI, 11)

En los dias esos y en el tiempo esse fare *hermollecer* a David *hermollo* de justicia.

(Jeremías, XXXIII, 15)

*
* *
*

Esta colección de ejemplos, que no representa más que una pequeña parte de todos los casos, no permite dudar de que las palabras empleadas por Samuel Usque son españolas y no portuguesas. Pero ¿es el esp. *hermollo*, *hermollecer* de origen latino? El hecho de que los vocablos no figuran más que en textos, cuyos autores eran judíos, no puede desde luego excluir la posibilidad de una derivación latina, porque es sabido que los judíos trataron, en sus traducciones del Antiguo Testamento, de evitar en lo posible hebraísmos y de encontrar correspondencias exactas a la palabra hebraica en los idiomas a los cuales traducían. Verdad es que cuando faltaba en el vocabulario de éstos correspondencias exactas se esforzaron en crearlas, pero siempre basándose en el idioma vernáculo.

No hay palabra hebraica que se parezca a *hermollo*, *hermollecer*, es decir, que estas palabras no pueden ser vocablos hebraicos disfrazados de españoles.

Seguramente por hallarse *hermollo* y *hermollecer*, por decirlo así, escondidos en textos poco conocidos, no han despertado, que sepamos, el interés de los romanistas. Los únicos que parecen haber investigado la procedencia de *hermollo* y *hermollecer* respectivamente *ermolho* y *ermolhecer* son el editor de la *Consolação*, Mendes dos Remedios, y Cejador y Frauca, quien cita *hermollo* en su *Vocabulario medieval castellano*, proponiendo a la vez una etimología.

Mendes dos Remedios cree que *ermolhecer* proviene del lat. **MOLLESCERE**, derivación que confrontada con el sentido del verbo, según acabamos de demostrar, no conviene de modo alguno desde el punto de vista semasiológico y que fonéticamente carece de todo fundamento.

Igualmente es de rechazar la propuesta de Cejador y Frauca, quien se atreve a afirmar que *hermollo* proviene de «er(a)mo(n)», palabra que al parecer no existe.

Conociendo la significación de *hermollo* y *hermollecer* salta a la vista que son equivalentes al ital. *germoglio* y *germogliare*, de idéntico sentido.

El verbo italiano se deriva del latín vulgar *GERMINIARE⁽¹³⁾. La disimilación entre las consonantes nasales causó el paso de la *n* a *l* ⁽¹⁴⁾.

Tanto los derivados italianos como los españoles muestran manifiestamente que hubo después labialización de la primera *i*, pasando *GERMILIARE a *GERMOLIARE⁽¹⁵⁾.

Tenemos que partir, pues, de *GERMOLIARE para explicar *hermollecer* y *hermollo*. *GERMOLIARE debía dar **hermojar* en castellano. Para nuestros fines se hace necesario presuponer que haya existido en la península ibérica un verbo **hermollar*, es decir una forma híbrida, en donde la *g* inicial ante *e* inacentuada pasó a *h* según las leyes fonéticas que rigen el desarrollo del castellano, mientras que *ll* no continuó a *j* sino que se quedó como en el aragonés⁽¹⁶⁾.

(13) Véase Meyer-Lübke, *Romanisches etymologisches Woerterbuch*, 3744 y 3745 A.

(14) Es fenómeno del que no faltan ejemplos en las diferentes lenguas románicas. Del español podemos citar *almogenia* con la variante *almogela* en los *Fueros de la Novenera* descubiertos por G. Tilander; *camenya-camilla*, *çanpolla-çanpoña*, ejemplos todos tomados del estudio de A. Steiger *Zur Sprache der Mozaraber*, en *Sache und Wort, Festschrift Jakob Jud, Romania Helvetica*, 20, n. 41, p. 650. El portugués ofrece casos como *Conimbriga* > *Colimbriga* (> *Coimbra*), *canhamaço-calhamaço*, el provenzal *trilhouna* de *trinione*, citado por M. Grammont, *Traité de phonétique*, p. 308, y el francés antiguo *semiller* de *SEMINIARE (REW 7809, donde Meyer-Lübke presupone expresamente disimilación entre *m* y *n*, lo cual cuadraría perfectamente con *GERMINIARE > *GERMILIARE), véase sin embargo la crítica de A. Jeanroy, *Romania* 32, p. 300, quien parte de *SEMINICULA.

(15) Compárese ital. *domani* < DEMANE, *domanda* < DEMANDAT, *romita* < (E)REMITA, *somiglia* < *SIMILIAT, y aragonés *romanir* < REMANERE. — Según Meyer-Lübke, REW 3745 A, *germogliare* representaría un caso de cambio de sufijo, afirmación dudosa con arreglo a las formas hispánicas con -o-.

(16) Sobre formas híbridas en las hablas modernas compárese gall. *coego*, intermedio de *cuello* y el cast. *conejo*, arag. *batajo*, compromiso entre *batallo* y el cast. *badajo*, casos citados por V. García de Diego en *Manual de dialectología española*, Madrid 1946, p. 16. El excelente autor del *Manual* ha tenido la bondad de señalarme por carta otros ejemplos del mismo fenómeno. Transcribo a continuación el párrafo de su carta que trata del asunto: «Abundan, sobre todo

De **hermollar* se derivó el sustantivo postverbal *hermollo*, el cual originó luego *hermollecer* ⁽¹⁷⁾.

*

*

*

Es curioso que *hermollo* y *hermollecer* no aparezcan sino en obras procedentes de los sefarditas españoles. ¿Quiere decir esto que las palabras son neologismos creados por los traductores judíos? Opino que tal suposición hay que rechazarla resueltamente, ya que el gall. *germolo* citado por Meyer-Lübke en REW 3744 no deja dudar de la popularidad de los derivados del lat. *GERMEN* en las hablas de la península ibérica. Al contrario, la conservación de *hermollo* y *hermollecer* en las traducciones sefardíes del Antiguo Testamento debe considerarse como un indicio del fuerte conservatismo lingüístico que caracteriza estas traducciones, conservatismo que salvó del olvido dos palabras que parecen haber sido abandonadas por los no sefarditas ya en el período preliterario. No es imposible que *hermollo* y *hermollecer* hayan sido adoptados de traducciones mucho más antiguas que las que han llegado a nosotros.

en el aragonés y el asturiano las formas híbridas. En el aragonés de Hecho hay lectaria *lichero*, sábana que se usa para ventar el trigo, frente a sus vecinos bien formados *leitera* en Panticosa y *leheytere* en el gascón. Es *leitero* cruzado con el cast. *lecho*. En Aineto (Huesca) hay *zenojo* que es el alto aragonés *zenollo*, *zenullo* de los pueblos próximos contaminado con el cast. *hinojo* < *fenuculu*. En Loarre *restojo* es el *restollo* de la vecindad con *j* del cast. *restrojo*. Que se digne aceptar aquí la expresión pública de mi reconocimiento. — Formas híbridas de los antiguos dialectos las cita también E. Staaff en *Etude sur le dialecte léonais*, p. 237, *leycho*, *peycho*, y añade: «Ces formes doivent probablement être regardées comme les résultats d'une contamination entre deux dialectes. Les formes originaires du dialecte avaient *yf*, phonème qui, sous l'influence des formes castillanes avec *ch*, a été transformé en *ych*».

(17) Como p. e j. *amanecer*, *enmocecer*, *enorgullecer*. Compárese F. Hanssen, *Gramática histórica de la lengua castellana*, § 412: «Corresponden (sc. los derivados en *-escere*) por regla general a adjetivos y a veces a sustantivos: ... *emplumecer*, *anochecer*».

*

*

*

Hemos llegado al final de nuestra demostración, de la que resulta con evidencia que, al usar Samuel Usque *ermolho* y *ermolhecer*, no hizo sino disfrazar de portugueses dos vocablos españoles que adoptó de alguna traducción sefardita del Antiguo Testamento.

Estocolmo.

BERTIL MALER

Etimologia de «Sargaço»

A palavra *sargaço*, como se sabe, encontra-se actualmente em quase todas as línguas cultas do mundo. Além do port. *sargaço* (forma normal, com as variantes *çargaço*, *sargasso*, etc.), há o esp. *sargazo* (correspondente à forma normal portuguesa), o fr. *sargasse*, o it. *sargasso*, o cat. *sargàs*, o ingl. *sargasso* ou *sargassum*, o alem. *Sargasso* ou *Sargassum* e o lat. (moderno) *Sargassum*...

Na acepção geralmente conhecida a palavra designa um género de *Algas* marinhas, da família *Fucaceae* (*fucáceas*), ou cada uma das respectivas plantas (*Sargassum bacciferum* Ag. [anteriormente *Fucus natans* Lin.], *Sargassum vulgare* Ag., etc.). Embora verdadeiras *Algas*, são plantas de aparência superior (parecem ter caule ou ramos, folhas e frutos), próprias dos mares tropicais, mas que se encontram principalmente no célebre *Mar dos Sargaços*.

Em português, porém, não é este o único significado da palavra. Como melhor veremos adiante, desde remotos tempos que ela se usa com o sentido que Cândido de Figueiredo regista (*Novo Dicion.*, 2.^a, ed. e ss.) com a indicação de *prov. beir.* — «Planta montesinha de flor branca e às vezes amarela». Nesta acepção a palavra representa, com efeito, o nome vulgar de algumas plantas *cistáceas*, quer do género *cisto* (*Cistus monspeliensis* Lin., *C. ladaniferus* Lin., etc.), quer do género *heliântemo* (a este pertencem as espécies de flor amarela).

Pelo que respeita à etimologia da palavra, essa ainda não foi devidamente estabelecida, apesar das diversas tentativas neste sentido. Dizendo isto, queremos-nos referir especialmente à etimologia do port. *sargaço*, pois que a origem próxima da palavra nas outras línguas deve estar precisamente no português, conforme já muitos etimologistas reconhecem.

A presente palavra vem registada nos mais antigos Dicionários da Língua Portuguesa ⁽¹⁾, mas sem indicação de qualquer étimo.

(1) Bento Pereira, *Tesouro da Língua Portuguesa* (Lisboa, 1647); R. Bluteau, *Vocabulário Port. e Lat.* (Coimbra-Lisboa, 1712-1721); A. Morais Silva, *Dic. da Líng. Port.* (Lisboa, 1789); etc.

F. S. Constâncio (*Novo Dic.*, 1.^a ed. de 1836) é o primeiro a indicar uma origem (todavia sem fundamento nem autoridade filológica) — o al. «*see gras*» —, admitida logo a seguir por Eduardo de Faria e por J. M. Correia de Lacerda (ambos igualmente sem autoridade filológica). Mais recentemente, Adolfo Coelho (*Dic. Man. Etim.*) limita-se a tirá-la do espanhol (indica um esp. «*zargaso*», que está necessariamente por *sargazo*). A. Nescentes, *Dic. Etim.*, por seu turno, apenas escreve: «**SARGAÇO** — A. Coelho tirou do esp. *zargaso*, aliás *sargazo*. Madureira, *Ortografia*, § 85, faz ver que Bluteau reduziu *çargazo* a *sargazo*. Confundir-se-á com *argazo*? V. Cláudio Basto, *RL*, XIII, 84-8, XIX, 260.»

Cândido de Figueiredo (*Novo Dic.*) adopta também a origem espanhola, *sargazo*, desde a 1.^a edição, o mesmo se dando com os dicionários portugueses e brasileiros mais recentes (de A. Moreno, F. Torrinha, Laudelino Freire, etc.).

F. Krüger, no tomo IV deste *Boletim* (pág. 119/120), apresenta outro étimo: considera *sargazo* «como derivação de *argazo* sob influência de outra palavra, provavelmente *sal*, *salgado*».

Quanto aos dicionários espanhóis: Covarrubias (*Tesoro de la Leng. Cast.*) não cita a palavra; o *Dic. da Acad. Esp.* também a omite até à 11.^a ed.; na 12.^a regista-a mas sem indicar qualquer étimo; na 13.^a pretende tirar a palavra de *alga* (o mesmo se dando com outros dicionários espanhóis); e da 14.^a em diante (até à 17.^a) apenas traz ~~esta indicação — «(En port. *sargazo*)»~~; P. F. Monlau (*Dic. Etim.*) esta indicação — «(En port. *sargazo*)»; P. F. Monlau (*Dic. Etim.*) não consigna a palavra; e F. Diez Mateo (*Dic. Esp. Etim.*) regista-a sem qualquer opinião etimológica (²).

Os dicionários etimológicos franceses (de Littré, Hatzfeld-Darmesteter, O. Bloch-Wartburg, Gamillscheg, etc.) tiram *sargasse* directamente do esp. *sargazo*. Só Hatzfeld-Darmesteter lembra também a possibilidades duma origem portuguesa, escrevendo: «Emprunté de l'espagn. *sargazo* ou du portug. *sargasso*». Quanto à origem remota, O. Bloch dá-lhe obscura — «d'origine obscure» —, e Gamillscheg pretende tirar o espanhol do lat. *sargus* (ou dum tema **sarg-*) com o sufixo *-aceus*.

Os dicionários ingleses que consultámos julgam ter ido definitivamente mais longe. O *Etym. Dict. Engl.*, nova edição, de W. Skeat, além de considerar o ingl. *sargasso* (gulf-weed) oriundo do port. *sargazo*, dá como origem deste o «port. *sargá*, a sort of grapes», e acrescenta, à guisa de justificação: «The gulf-weed has a berry-like airves-

sels, and is also called the *sea-grape*». O *Webster's Dict.* (nova ed.) é, em última análise, da mesma opinião. Segundo ele o ingl. *sargasso* provém também do port. *sargasso*, *sargação*. e este tem origem no próprio «Port. *sargá* or *sargo*, a sort of grape». Só não acrescenta a justificação de Skeat.

Pelo que respeita à origem próxima da palavra nas diversas línguas, é fácil demonstrar que ela se encontra realmente no português *sargação*, anteriormente também escrito *çargação*, *sargasso*, etc.

Como dissemos já, a palavra é muito antiga (e muito vulgar) na nossa língua, principalmente como designação de certos pequenos arbustos ou subarbustos do monte — as plantas *cistáceas* a que já nos referimos. Pelo menos na Beira (mas a palavra é de emprego muito mais geral), inclui não só o que os botânicos consideram *sargação* (*Cistus monspeliensis* Lin.), mas também outras plantas afins (da mesma família), como a *esteva* ou *xara* (*Cistus ladaniferus* Lin.), o *sagão* (*C. hirsutus* Lin.), a *sargaça* (*Helianthemum halimifolium* Pers.), etc.⁽²⁾. Nesta acepção, o port. *sargação* corresponde ao esp. *jaguarzo*, *jara* e *estepa*, ao it. *cisto* ou *cistio*, *brentine*, *imbrentano* ou *imbrentine*, *scornabecco*, etc., ao fr. *ciste*, *mougé* ou *mouché*, *helianthème* ou *fleur du soleil* e *herbe d'or*, ao ingl. *rockrose*, ao al. *Cistrose* ou *Cistenröschen* e *Sonnenröschen*, ao lat. *lada* ou *ledon* e *cisthos* e ao gr. *κίσθος* ou *κίστος*; e *ἡλίανθος*. É de todo o interesse saber-se que, com este significado, a palavra existe na língua portuguesa desde os mais recuados tempos, sendo muito anterior ao período dos Descobrimentos marítimos e, portanto, ao tempo em que tomou a acepção de planta marinha. São prova de antiguidade: o seu uso corrente e bastante geral no interior do País⁽³⁾ — note-se até o prólogo vul-

(2) Roque Barcia (*Dic. Gen. Etim.*), em vez de *sargazo*, traz «*sargán*», que deve ser *gralha*; e, como etimologia, indica «Latim técnico *sargassam* (sic); francês *sargasse*», que não se justifica.

(3) Esta extensão de significado é do nosso conhecimento directo, mas está também implícita nas seguintes palavras do *Novo Dicion.* — «flor branca e às vezes amarela». É que os *sargaços* de flor amarela pertencem ao género *helianthemum*, ao passo que o *sargação* típico, dos botânicos, tem flor branca e pertence ao género *cisto*. Todos estes *sargaços* (do monte) são bastante semelhantes entre si, tanto no porte, ramificação e folhagem, como na natureza do meio em que vivem.

(4) H. Messerschmidt cita a palavra em *Haus und Wirtschaft in der Serra da Estrela* (VOLKSTUM UND KULTUR DER ROM., IV, pg. 83), e Aquilino Ribeiro emprega-a muitas vezes (v. *Cinco Reis de Gente*, 4.^a ed., pág. 149 e 193, *Aldeia*, 3.^a ed., págs. 65, 108, 124, 172, 185, etc.).

gar registado por Cândido de Figueiredo (ob. cit.) «Até nos sargaços me sabem abraços» —; o fácil emprego da palavra por escritores quinhentistas e seiscentistas (João de Barros, como veremos, refere-se implicitamente a este antigo significado nas suas *Décadas da Ásia* e F. Rodrigues Lobo emprega-a na *Égl. II* — «alimpava o meu vestido com sargaços que colhia»); a existência de vários topónimos terrestres nela baseados ⁽⁵⁾; e finalmente o seu registo nos mais antigos dicionários da Língua.

Quanto ao significado, a palavra apresenta até curiosa história lexicográfica. Os Dicionários de Agostinho Barbosa ⁽⁶⁾ e de Bento Pereira ⁽⁷⁾ registam-na com as formas *çargação* e *cergação* ⁽⁸⁾, mas só na acepção de planta terrestre, correspondente ao lat. «*cisthus*» ou «*cisthum*» (forma clássica *cisthos*). A seguir Rafael Bluteau ⁽⁹⁾, depois de preferir a grafia *sargação* a *çargação*, só trata, embora com certo desenvolvimento, do seu significado como planta marinha — como *alga* ⁽¹⁰⁾. Daqui em diante todos os dicionários da Língua Portuguesa

⁽⁵⁾ Notem-se os seguintes topónimos, quase todos longe do mar: *Sargação* (nos concelhos de Felgueiras, Fafe e Lousada); *Sargaçais* (povoação no concelho de Aguiar da Beira); *Sargaçal* (nos concelhos de Felgueiras, Lagos, Santiago de Cacém, Leiria, Vila Nova de Ourém, Penafiel e Penalva do Castelo); *Sargaceira* (em Arcos de Valdevez); *Herdade do Sargacinho* (no concelho de Arraiolos); e *Sargação* (*Casal* ou *Herdade do*) — nos concelhos de Arraiolos e Torres Vedras.

⁽⁶⁾ A. Barbosa, *Dict. Lusit.-Lat.*, Braga, 1611.

⁽⁷⁾ Bento Pereira, *Tesouro Líg. Port.*, Lisboa, 1647, e *Prosodia* (várias edições).

⁽⁸⁾ Além das formas *çargação*, *sargação* (esta normal) ou *sargasso* e *cergação* (equivalente a *sergação*), conhecemos mais as seguintes variantes locais: *sorgação* ou *sorugação* (correspondentes às formas fonéticas de H. Messerschmidt); *serugação* (de Arcozelo-Gouveia, do nosso conhecimento directo); e *soragção* (do Fundão, segundo informe do Dr. José Gomes Brás).

⁽⁹⁾ R. Bluteau, *l. c.*

⁽¹⁰⁾ «SARGAÇO. É uma erva que cobre uma espaçosa e profunda parte do mar da Índia, chamada, em razão da grande quantidade da dita erva, *Mar do Sargação* ou *Volta do Sargação*, de 18 até 30 graus da linha equinocial da parte do Norte. Levanta-se esta erva sobre a superfície do mar à altura de um palmo, tão pegada e liada que cada montão dela parece uma grande mata [...]. Cada pé de folha tem uma baga ou semente, redonda como um grão de pimenta, muito leve e vazia [...]. Desta erva diz João Hugo Lintschotano, *Histor. Orient.* 3 part. pág. 34 (*Lusitani herbam Sargação nominant, quod Nasturtio Aquatico, quod ipsi Sargação indigitant, non admodum dissimilis sit...*)».

passaram a consignar apenas este significado ⁽¹¹⁾. A 1.^a ed. do *Novo Dicion.* de Cândido de Figueiredo também ainda omite a outra acepção, a qual só aparece, como dissemos acima, desde a 2.^a, em lugar secundário e como simples «*prov. beir.*» Devemos, no entanto, notar que o significado primitivo de planta terrestre, embora não definido ou expressamente registado, continuou implícito, pelo menos, no Dicionário de Morais Silva (a principiar na 2.^a ed.) na citação da *Égl. II* de Rodrigues Lobo. É que os *sargaços* «*pastoris*» deste autor não podem ser senão os *sargaços* do monte... Além disso, continua a existir documentada principalmente nos dicionários latino-portugueses como tradução da palavra *cisthos* ou *cisthus* (*sargaço*, espécie de esteva ou planta agreste) ⁽¹²⁾.

Mostrada, assim, a antiguidade e vulgaridade da palavra *sargaço*, em português, como designação de *planta terrestre*, vejamos por que razão ela estendeu o significado à *planta marinha*. Por mais estranho que possa parecer *a priori*, foi nem mais nem menos do que por uma razão de semelhança — por uma surpreendente semelhança morfológica (externa) entre estas *algas* (de aspecto fruticoso) e os *sargaços* do campo, apesar de botânicamente muito diferentes ou muito afastadas ⁽¹³⁾. Na verdade, o corpo deste talófito, que parece constituído por caules ou ramos e por folhas, não faltando mesmo as aparências de frutos (as vesículas aeríferas ou aerocistes), apresenta tal semelhança com o das plantas fanerogâmicas, designadamente com os *sargaços* do monte, que a extensão de significado dada pelos mareantes portugueses não podia ser até mais apropriada. Esta natural explicação já foi dada há muito por João de Barros, o Lívio Por-

⁽¹¹⁾ Como nome de planta marinha, a palavra *sargaço* aparece mencionada principalmente nos Roteiros e Diários dos mareantes portugueses. Vejam-se, por exemplo, *Roteiros Portugueses da Viagem de Lisboa à Índia*, publicados por G. Pereira, Lisboa, 1898 (págs. 19, 26, 28, 75, 88, etc.), e *Diários da Navegação da Carreira da Índia*, public. por Quirino da Fonseca, Lisboa, 1938 (pgs. 56, 57, 58, 78, 81, etc.).

⁽¹²⁾ Agostinho Barbosa, Bento Pereira (*Prosodia*), Pedro José da Fonseca, J. António Ramalho, F. R. dos Santos Saraiva, etc.

Em alguns dicionários portugueses aparece, todavia, em certa altura, o feminino *sargáça* — «Planta cistínea (*Cistus halimifolius*)», hoje «planta cistácea (*Helianthemum halimifolium* Pers.)», que, como dissemos acima, se pode considerar uma espécie de *sargaço* do campo.

⁽¹³⁾ Como se sabe, os *sargaços* marinhos são *plantas criptogâmicas* ou *talófitos* (*algas fucáceas*) e os *sargaços* do monte são *fanerogâmicas* ou *espermatófitos* (plantas *cistáceas* mais ou menos típicas).

tuguês, nas suas DÉCADAS DA ÁSIA (na Déc. II, Liv. VIII, cap. 1.º, publicada em 1553). Ao aludir à *Volta do Sargão* (derrota pelo *Mar dos Sargãos* nas viagens de regresso à Metrópole) e depois de dizer como os marinheiros colhiam o *sargão* (do mar), escreve a esse respeito: «e sem ser çargão, por a semelhança que tem com ele, lhe deram o seu nome»... Quer dizer, a planta marinha (a tal alga de aspecto arbustivo), sem ser verdadeiro *sargão* (o antigo, vulgar e geral *sargão do monte*), recebeu o nome deste pela grande semelhança que com ele apresenta ⁽¹⁴⁾.

Ora, se foram os portugueses que nomearam a planta marinha com uma palavra já portuguesa, não há, não pode haver dúvida de que o vocábulo *sargão* nas línguas modernas (tanto a inglesa ou italiana como a espanhola ou francesa...) é realmente de origem lusa. Ainda que em alguns casos a palavra fosse levada por intermédio de bocas ou de escritos estrangeiros nem por isso a sua fonte deixa de ser portuguesa. É, pois, de origem portuguesa o esp. *sargazo* (<port. normal *sargão*), o fr. *sargasse* (<port. *sargasso* ou *sargão*), a despeito do desusado espanholismo *sargazo*, o it. *sargasso*, o lat. bot. *Sargassum*, o ingl. *sargasso* ou *sargassum* (esta última forma por intermédio do lat. bot.), o al. *Sargasso* ou *Sargassum*, etc. Ao contrário do que indicam os próprios dicionários portugueses modernos, vê-se que é o espanhol que provém do português e não inversamente.

Procuremos agora determinar a origem remota da palavra — o étimo do próprio português *sargão*.

A formação baseada directamente no port. *sarga* (Skeat) ou *sarga*, *sargo* (Webster), teoricamente, parece dar boa conta da palavra, mas, na realidade, está longe de satisfazer. Basta saber-se que *sarga* («*sargo*», neste caso, parece representar simples masc. teórico) é uma palavra sem relevância nenhuma na língua e certamente de emprego muito restrito (desconhecemos até o seu uso). Se a planta marinha houvesse de tomar um nome relacionado com as *uvas*, não faltariam palavras portuguesas muito mais conhecidas e de signi-

⁽¹⁴⁾ Note-se que, para João de Barros, esta explicação pouco mais representava do que a exposição dum facto sensivelmente contemporâneo. Note-se ainda como nas palavras acima está realmente implícito, conforme já lembrámos, o uso antigo e geral de *sargão* na acepção de planta montesinha.

ficado mais característico do que essa ⁽¹⁵⁾. Além disso, já sabemos que o étimo remoto se deve estabelecer, não em relação ao *sargaço* do mar (às suas bagas aparentes), mas ao *sargaço* do monte (o *ciste*, etc. francês ou o *rockrose* inglês).

Dado o sentido primordial de planta terrestre, os termos *alga* e *algaço* ou *argaço* também não podem servir para explicar a palavra. Mesmo em relação à planta marinha a explicação de Krüger seria bastante forçada. A ideia de *sal* ou de *salgado* não tem ali qualquer evidência e a respectiva intervenção fonética (*sal* × *argaço*) não se apresentava muito clara.

Quanto ao *sargus* de Gamillscheg, se já se não justificava bem, semânticamente, em relação ao *sargaço* do mar, muito menos se pode admitir como base do *sargaço* montesinho.

A origem da palavra deverá ser procurada, portanto, em novos domínios.

Do conhecimento que temos dos *sargaços* (dos *sargaços* do campo, entenda-se), quer-nos parecer que o étimo da palavra se baseia também numa curiosa razão de semelhança... Com efeito, se observarmos bem as folhas dos *sargaços* (dos *sargaços* montesinhos em geral) e as compararmos com as dos *salgueiros* (lat. *salix*, esp. *sauce*, *sarga*, etc. fr. *saule*, it. *salcio*, cat. *salze*, ingl. *willow*, al. *Weide*), notaremos entre elas flagrantes semelhanças. Correspondem-se perfeitamente tanto na forma (algumas estreitamente lanceoladas e outras mais curtas e largas), como na cor, etc. (geralmente dum verde carregado na página superior e esbranquiçadas, tomentosas, na página inferior). A palavra deve provir, pois, duma forma **salicaceus*.

Foi certamente desta notável semelhança com as folhas do bem conhecido *salix* (salgueiro) que o povo romano ou romanizado ⁽¹⁶⁾ atribuiu aos pequenos arbustos do monte a designação de **salicaceus* ([*frutex*] **salicaceus*), que facilmente evoluçionava para **salgaço* > *sargaço*.

A formação de derivados latinos desta natureza (do latim literário ou do chamado latim vulgar) era bastante frequente (cp. *algaço*,

(15) Note-se que em português nem sequer têm curso as designações «uva do mar» ou «vide do mar» correspondentes ao inglês *sea-grape*.

Por outro lado, o sufixo *-aço* dentro do português tem geralmente um emprego aumentativo ou pejorativo (Joseph Allen, Jr., *Portuguese Word Formation*, § 3), que se não verifica em *sargaço*.

(16) Talvez aqui mesmo no noroeste da Península Ibérica.

bagajo, engajo, magaja ou margaja, melaço, rabaça, terraço, etc.) e foram eles até que serviram de modelo à nomenclatura das famílias botânicas (*cistáceas, fucáceas, salicáceas*, etc.).

Foneticamente o caso não oferece qualquer dificuldade: o abrandamento do primeiro *c* (ainda intervocálico), a passagem do sufixo *-aceu* a *-aço* e a queda do *i* protónico, dando a fase **salgaço*, são perfeitamente normais em português; e finalmente a rotacização do *l*, mesmo do *l* assim colocado entre vogal e consoante, não é fenómeno raro (cfr. *argajo, armazém, armoles, marmelo, pardo, percebe* ou *perceve, sarga* [esp. e port.?²], *urze, urgueira*, etc.).

Como justificação semântica basta invocar a real e surpreendente semelhança entre as folhas dos *sargaços* e as dos *salgueiros* (*salgueiro, sazeiro, seiceiro, sinceiro*...) a que acima nos referimos. A analogia entre as «coisas» (ou parte delas) justifica naturalmente a relação entre os nomes⁽¹⁷⁾. Esta clara razão pode tornar-se ainda mais aceitável se nos lembrarmos de que há outros derivados portugueses de *salix*, também de base analógica, em que a relação semântica não é, de modo nenhum, mais evidente. Podemos citar: *salgueira* («variedade de uva preta minhota»; «planta mirsinea da Índia Portuguesa»; etc.); *salgueirinha* («planta salicinea», aliás *litrácea* — *Lythrum salicaria* Lin.); *salgueiro* (além da planta típica, *salicácea*: «planta borraginácea»; «planta combretácea», etc.; «espécie de uva do distrito de Aveiro»); e *salicária* (planta *litrácea*, o mesmo que *salgueirinha*)⁽¹⁸⁾.

(17) Para verificação das semelhanças, se não se puderem observar as plantas directamente nos seus meios naturais, consultem-se herbários apropriados.

A semelhança foi também aproveitada pelos botânicos para estabelecerem designações específicas, nomeadamente duma espécie de *sargaço* do monte (*Helianthemum salicifolium* Pers.) e dum *sargaço* do mar (*Fucus salicitolius* Lin., depois *Sargassum salicifolium*, etc.), associando, assim, acidentalmente, por outros motivos, os três géneros de plantas cujos nomes nós acabámos de relacionar semântica e lexicalmente.

(18) Cp. também lat. *salicaria, salicastrum* e *salictarius lupus*.

Nesse caso as palavras *sarga*, *sargaça, sargacinha* e *sargacinho* também provêm de *salix* (ou **salica*), como *sargaço*. Note-se até o paralelismo entre *sarga* («espécie de uva»), *sargacinha* («Espécie de uva»...; «planta medicinal... erva-das-sete-sangrias»; «espécie de ameixa»...) e *sargacinho* (planta borraginácea, o mesmo que erva-das-sete-sangrias), dum lado, e *salgueira, salgueirinha* e *salgueiro* (à parte o significado típico), do outro.

Sargaço será, pois, uma palavra da família do lat. *salix* (salgueiro), com as seguintes fases evolutivas principais: **salicaceu-* (< *salix* + suf. *-aceus*) *~~*salgaço*~~ > port. ~~*sargaço*~~ (planta cistácea dos montes e suf. *-aceus*) > **salgaço* > port. *sargaço* (planta cistácea dos montes e charnecas) > port. **SARGAÇO**, às vezes escrito *sargasso*, etc. (alga fucácea de aspecto arbustivo) > esp. *sargazo* (o mesmo significado de alga fucácea), fr. *sargasse*, it. *sargasso*, cat. *sargàs*, ingl. *sargasso*, al. *Sargasso*, lat. bot. *Sargassum* (género de *Algas Fucáceas* a que pertencem os *sargaços* do mar)...

De futuro estas palavras não deverão faltar em Dicionários da natureza do R. E. W.

*

As considerações sobre *sargaço* feitas acima, convém ainda acrescentar algumas notas principalmente de interesse lexicográfico.

1.^a Ao contrário do que indica Figueiredo, a palavra *sargaço*, na acepção de planta montesinha (de planta cistácea dos montes e charnecas), não é simples «*prov. beir.*», mas termo relevante, bem normal e geral. Note-se que até foi usado por importantes autores antigos de diversos pontos (João de Barros, de Viseu; F. Rodrigues Lobo, de Leiria; Agostinho Barbosa, de Guimarães; Bento Pereira, de Borba, Alentejo), representando o Norte, o Centro e o Sul do país.

2.^a A definição de *sargaço* marinho dada pelo *Novo Dicionário* e seguida por Laudelino Freire, etc. não está certa. Com efeito, em sentido próprio não é o *sargaço* «que cresce sobre os rochedos das costas [...], sendo amiúde arrojado às praias, onde costumam apanhá-lo para adubo», mas a *botelha*, etc. Por isso, também não se pode tomar como sinónimo de *bodelha* (ou *botelha*) ou confundir com esta (confusão que se encontra em quase todos os dicionários portugueses). O *sargaço* (*Sargassum bacciferum* Ag., etc.) e a *botelha* ou *bodelha* (lat. *Fucus vesiculosus* Lin., etc., esp. *fuco*, fr. *varech*, it. *fuco*, *quercia marina*, cat. *fucus*, ingl. *rockweed*, *fucus*, al. *Blasentang*, etc.), apesar de pertencerem à mesma família (a das *fucáceas*), são muito diferentes, têm aspecto morfológico completamente diverso. Os navegadores ou marinheiros portugueses nunca confundiram as plantas nem os respectivos nomes, servindo-lhes mesmo para indicarem diferentes posições das rotas marítimas, principalmente no regresso à Metrópole (depois da *Volta do Sargaço*) — v. *Roteiros e Diários da Navegação*, atrás citados, e cp. nota seguinte.

3.^a É igualmente sem fundamento que se está a tomar a palavra *sargaço* por *argação* ou *algaço* ⁽¹⁹⁾. O termo *argação* ou *algaço* da costa minhota, designação colectiva de toda a vegetação apanhada à beira-mar para adubo das terras — cp. *rapeira* ou *rapilho*, *molicho*, *seba*, etc.), é, em princípio e em rigor, inteiramente distinto de *sargaço*. Mesmo o verdadeiro *sargaço* marinho só muito raras vezes aparece na costa. A esse respeito, veja-se o que diz Cláudio Basto em *Rev. Lus.*, XIII e XIX (s. v. *argação*) ⁽²⁰⁾.

Representa igualmente abuso ou equívoco de lexicógrafos e de cultos ou semicultos o emprego de «*sargaceiro*» por *argaceiro* (= homem do *argação*) ou *moliceiro*...

4.^a A palavra *sarga* («espécie de uva»), como dissemos, não apresenta condições de verdadeira origem directa, recente, de *sargaço*. No entanto, conforme já observámos, devem pertencer ambas à mesma família lexical. É que *sarga* pode muito bem provir de **salica* por *salix* (*R E W*, 7542), a princípio com o significado de *salgueiro*, *salgueira* (significado que se perdeu, sem registo, em português, mas se conservou em espanhol), e depois com o tal sentido de «espécie (ou variedade) de uva» — cp. as acepções de *salgueira*, *salgueiro*, *sargacinha*...

Finalmente a palavra *sargaça*, mencionada acima, tanto pode ter vindo dum latim em -*acea* (convergência do sing. fem. e do plural neut. de -*aceus*) como ser um derivado feminino de *sargaço* (cp. *margaça*, *togaça*, *vidraça*, *linhaça*, *carvalha*/*carvalho*, *machada*/*machado*, *saca*/*saco*, etc.). *Sargacinha* e *sargacinho* serão meros derivados vernáculos respectivamente de *sargaça* e de *sargaço*.

Lisboa.

JOSÉ INÊS LOURO

(19) Cfr. Dicionários e F. Krüger, *Bol. de Filol.*, IV, pág. 119 e ss.

(20) Certamente por influência culta ou literária, já começam a verificar-se cruzamentos de *algaço* ou *argação* com *sargaço*, mesmo na linguagem vulgar. *Salgaço*, citado por Leite de Vasconcelos (*Opúsc.* II, 284 e 286) e por Krüger (lug. cit.), será uma forma desse género, embora secundariamente (nesta confusão de formas ou de pronúncias) também influenciada por *sal*. Escusado seria acrescentar que *algaço* não deve provir de *salgaço* (*sargaço*) por dissimilação, como pretendia Leite de Vasconcelos, mas de *alga*, quer dizer, de **algaceu-* (< *alga*), por seu turno origem de *argação*.

Le portugais *baloço* et le suffixe *-oço*

M. Jaberg, *Revista Portuguesa de Filologia* 1,13 a fait remonter le portugais *baloçar*, *balouçar* «balançar, sacudir» (Figueiredo), que Adolfo Coelho a déjà dérivé du radical *bal* de *combalir* et que Nascentes a tenu pour une transformation de *balançar*, à un latin **bal(l)occiāre*, autre forme de **bal(l)occāre* dont les «anciens descendants» (page 14) sont l'ancien français *balochier* «balancer, flotter, chanceler» Godefroy 1,565a, «baumeln» (c'est-à-dire «pendiller») Tobler-Lommatzsch 1,817, conservé dans les dialectes français du Nord et du Nord-Est (Wartburg FEW 1,219a), le sursilvain *balluccar* «wanken, wackeln» (c'est-à-dire «branler, chanceler») Carigiet et l'italien *baloccare* «spassarsi, trastullarsi» (c'est-à-dire «s'amuser, se divertir») Tommaseo-Bellini 1,850ab, qui signifiait probablement à l'origine, d'après ses parents français et sursilvain, «se divertir en se balançant»; M. Jaberg a fait encore remonter le portugais *baloço* «balanço, acto de agitar, de sacudir; faixa, rede, corda ou tábua suspensa, em que se baloçam as crianças, retoça» (Figueiredo) à un latin **bal(l)occius*, qui, d'après lui, serait à **bal(l)occiāre* «ce que *balocco* est à *baloccare*», c'est-à-dire l'italien *balocco* «trastullo» (en français «divertissement») Tommaseo-Bellini 1,850b à l'italien *baloccare* «trastullarsi». Cette explication des mots portugais par M. Jaberg est très probable; la diffusion des descendants de **balloccāre* sur une aire étendue rend vraisemblable l'avis que **balloccāre* a déjà existé dans le latin vulgaire, spécialement dans celui de l'Italie, de la Rhétie et de la partie septentrionale de la Gaule transalpine. Quelle était la relation historique entre **ballocciāre*, **balloccius* de la Lusitanie et **balloccāre* de ces pays-là? Les faits que le suffixe *-iāre* ne s'ajoutait qu'aux adjectifs et aux participes passés (Meyer-Lübke, *Grammatik der roman. Sprachen* 2,606) et que, d'autrepart, *-ium* dérivait dans le latin ancien et postérieur de thèmes verbaux tant de substantifs désignant l'action elle-même (Leumann, *Lat. Grammatik*, 209;

Meyer-Lübke, Gramm. 2,450) font supposer qu'on ait formé d'abord un *balloccium «action de se balancer» sur *balloccāre (venu de l'Italie centrale à la Lusitanie au temps de la romanisation de ce pays) et qu'on ait remplacé plus tard, en Lusitanie, *balloccāre par *ballocciāre sous l'influence de *balloccium. *Balloccāre «se balancer» fut dérivé de ballāre «danser» (attesté par Saint Augustin) à la base d'une signification «danser en se balançant»; il reste à savoir comment on a formé *balloccāre sur ballāre. Un verbe roman de sens semblable et de formation analogue nous renseignera sur la naissance de *balloccāre; étudions donc la formation de ce verbe-là!

L'ancien gascon *sauticar* «hüpfen, heftig schlagen (vom Herzen)» Levy, Prov. Supplement-Wörterbuch 7,488b, c'est-à-dire «sautiller, battre intensément (en parlant du cœur)» chez Pierre Alphonse, Disciplines de clergie et de moralités traduites en gascon girondin du XIV^e au XV^e siècle (Levy), le moderne *sauticà* «sautiller» en bas Limousin et Gascogne (Mistral), verbe attesté encore indirectement par l'ancien gascon *sauticament* «sautillement, élanement» de l'Elucidari de las proprietatz de totas res naturals (Raynouard 5,141b), «un des monuments les plus importants de l'ancienne langue du comté de Foix» (Appel, ZRPh.13,229) et, par conséquent, texte écrit à la frontière est du domaine gascon, où *sauticament* de la phrase *la qual dolor hom sent ab batement et sauticament* a le même sens figuré que *sauticar* du texte en gascon girondin, et attesté encore par le gascon *sauticaire*, -airo «sautillant, -ante» chez Jacques Jansemin ou Jasmin (Mistral), c'est-à-dire le poète gascon Jacques Boé qui s'appelait Jansemin (Mistral, *jaussemin*) et parlait de *las sauticairos cigalos* «les cigales sautillantes»; l'ancien gascon *sautiquiar* «sautiller» de l'Elucidari (Raynouard, au lieu cité), où un *anheil va... sautiquian* «un agneau va... sautillant», dérivé de *sauticar* à l'aide du suffixe -iar (de -id i ā r e), et le béarnais *sauteriqueià* «sautiller» (Mistral), la fusion du gascon *sautiqueià* (identique à l'ancien gascon *sautiquiar*) et du languedocien *sauterelejà* «sautiller», toutes ces formes gasconnes, dont *sauticamen* et *sautiquiar* seuls ont été mentionnés par Levy dans le «Petit dictionnaire provençal-français», renvoient à un galloroman *salticcāre usité dans l'Aquitaine; (*lo cor*)*sautique* «(le cœur) sautille» des «Disciplines de clergie... en gascon girondin» renvoie à un *salticcāt. Or, à côté du gascon, bas-limousin *sauticà*, ancien gascon *sauticar*, *sautiquiar*, il existe le gascon *sautilhà*, languedocien *sautilhejà*, né de

sautilhà + *ejà* (de - *i d i ã r e*), alpin *sautrilhà*, *sautrihà*, né de *sautilhà* et l'alpin *sauterlejà*, et le provençal *sautilhà* «sautiller (Mistral, *sautihà*), formes d'un verbe qui, par hasard, n'est pas attesté dans les anciens textes conservés, mais s'étend de la Gascogne par le Languedoc à la Provence et aux Alpes. Le français *sautiller*, que les auteurs du Dictionnaire Général n'ont trouvé que chez Furetière, Dictionnaire Universel (1690) et que Gamillscheg, ensuite de cela, a tenu pour n'existant que «depuis le 17^e siècle», n'est attesté, il est vrai, que depuis 1564 par Rabelais (Bloch-Wartburg) et plus tard par Larivey, Les Tromperies I, 1 (Godefroy 10, 633c), manque néanmoins aux textes innombrables rédigés en ancien français, manquait, par conséquent, à l'ancien français parlé et ne fut donc pas «dérivé de *sauter*», comme le Dictionnaire Général dit, ni ne naquit de *sauteler* «sautiller» de l'ancien français et du français vieilli de Régnier, satire XI, ce que disent Littré et Gamillscheg, Littré, pour lequel *sauteler* était «la forme ancienne» de *sautiller*, et Gamillscheg, qui dit que *sautiller* s'est substitué à *sauteler* par un «changement de suffixe»; *sautiller* fut plutôt emprunté aux patois du midi, provint donc du gascon *sautilhà* ou du provençal *sautihà* et n'a fait que «remplacer *sauteler* encore usité en wallon» (Bloch-Wartburg, *sauter*). A côté de *sautilhà*, *sautilhejà*, *sautrilhà*, *sautrihà*, *sautihà* des patois du midi de la France il existe encore l'italien *salticchiare* «sautiller» employé par Vasari, Vite de' più eccellenti pittori, scultori et architetti III, 416 (Tommaso-Bellini 4,520b) et dans la langue moderne (Rigutini e Fanfani; Rigutini-Bulle) et le lucquois *salticchiore* «più frequentativo anche di *salticchiare*» (Nieri, Vocabolario lucchese), dont la désinence -*orare* naquit aussi bien de -*olare* que le lucquois -*oro* des substantifs naquit de -*olo* (Pieri, Archivio Glott. It. 12,117). Le salmantin *saltijón* «saltamontes» (Lamano y Beneite, El dialecto vulgar salmantino), c'est-à-dire «espèce de sauterelle» signifiait «sauteur» à l'origine et n'est donc pas dérivé en -*ón* d'un **saltijo* qui aurait été diminutif de *salto* «saut», comme *abraccio* «embrassement», *acertijo* «devinette», *amasijo* «pétrissage, farine pétrie», *armadijo* «piège», *atadijo* «petit paquet», *regocijo* «joie bruyante, divertissement» (de **gocijo* + *regosto* «jouissance»), *rehendija*, *rendija*, *hendrija* «fente» sont diminutifs de *abrazo* «embrassement», *acierto* «action de deviner», **amaso* «pétrissage», *armado* «action de dresser un piège», *atado* «paquet», *gozo* «joie», **henda*, variante de *fenda* «fente dans les pieux» (Meyer-Lübke Gramm. 2,467-468; Hanssen, Gramática histórica de la lengua cas-

tellana, 144, qui ne cite que *acertijo*, *atadijo*), et qui, par conséquent, aurait signifié «petit saut» et non pas «petit sauteur»; *saltijón* «sauterelle», auparavant «sauteur», contient au contraire le suffixe *-ón* des noms d'agents tels que *llorón* «pleureur, pleurard» (Hanssen, 129) et est, par conséquent, le dérivé en *-ón* d'un ancien verbe **saltijar* «sautiller», qui, paraît-il, a existé autrefois dans le dialecte salmantin. Le florentin *salticchiare* employé par Vasari, le lucquois *salticchi-orare*, le provençal *sautilhà*, le *sautrilhà*, *sautrihà* des dialectes des Alpes, le languedocien *sautilh-ejà*, le gascon *sautilhà*, verbes qui signifient «sautiller», et le salmantin **saltijar* «sautiller» attesté indirectement par le nom d'agent *saltijón* «sauterelle» renvoient à un latin **salticlāre* qui s'étendait de Florence par Lucques, (la Riviera), le midi de la France à la Gascogne et, probablement, de là à Salamanque; à la marge de la partie occidentale de cet espace, plus précisément, de la Gascogne au Bas-Limousin (qui forme actuellement le département de la Corrèze), on disait **salticcāre* d'après les continuateurs romans. Le fait que **salticcāre* s'employait à la marge d'une partie du domaine de **salticlāre*, forme de diffusion plus grande, ce fait rend probable l'avis que **salticcāre* naquit de **salticlāre*. Dans une petite partie de son domaine, **salticlāre* devint **salticcāre* par la chute du deuxième *l*, chute causée par la dissimilation, qui ne pouvait pas frapper le *l* du radical, et par le redoublement ou plutôt l'allongement du *c*. **Salticlat* devint **salticcat*, comme *pōplus* «peuplier» Glosses III 428,67; 538,39; 546,9 (de *pōplus*) devint **plōppus*, base de formes romanes nombreuses, «où la diminution du groupe de consonnes de la finale montre une compensation dans l'allongement du *p*» (Meyer-Lübke, Einführung in das Studium der roman. Sprachwissenschaft³, 177), et comme *tūfera* «truffes» Glosses III 566,43; 591,63; 613,23; 625,35 ou plutôt **tūfra* devint **trūffa*, base du provençal *trufa* «truffe»; la diminution des consonnes finales fut causée dans *pōplus* — **plōppus*, **tūfra* — **trūffa* par le déplacement des consonnes *l*, *r*, dans **salticlat* — **salticcat* par la dissimilation du deuxième *l*. Pour compléter l'explication de **salticcāre* par **salticlāre*, il faut encore justifier la formation de **salticlāre*. Le suffixe *-iclus* étant substitué à *-īclus* assez souvent et surtout en Italie et dans la Gaule transalpine (Meyer-Lübke, Grammatik 2,467), on peut supposer que **salticlat*, **sal-*

tīclāre se soit substitué à *saltīclat, *saltīclāre; dans ce cas, *saltīclāre naquit de *saltīt(u)lāre, dérivé en -ulāre du latin saltitāre «danser», qui signifiait à l'origine «sautiller». Saltitāre fut employé par Arnobius Adversus nationes 2,42; Vopiscus, Aurelianus 6,4; Macrobius, Saturnalia 2,4, 14, exista donc dès le quatrième siècle après J. -Chr.; dans ce temps-là ou plus tard, on pouvait en dériver *saltitūlāre. L'évolution était donc la suivante: saltitāre, *saltitulāre, *saltīclāre, *saltīclāre, *salticcāre.

Retournons maintenant au verbe *balloccāre. Contenant un / dans le radical, *balloccāre pouvait naître de *balloclāre par la même dissimilation que *saltīccāre de *saltīclāre. Il reste à donner l'explication de *balloclāre. L'ancien français *balocher*, *ballocher*, *balocha*, formes attestées de l'infinitif et du passé défini (Godefroy 1,565a), *baloce*, forme de la troisième personne du présent (Tobler-Lommatzsch 1,817), le picard *balocher* de Lille, de la Flandre française, de Saint-Pol-sur-Ternoise (Pas-de-Calais), *balochi* de Roubaix, le normand *ballocher* chez Moisy, *balloquer* de la Vallée d'Yères (Seine-Inférieure), *baloquiei* de La Hague, *balochier* de l'île de Guernesey, le bas-manceau *baloché*, le champenois *baloquer* chez Tarbé, à Reims, à Clairvaux (situé au sud-est de Troyes) et à Mouzon (situé au sud-est de Sedan), formes citées par Wartburg, FEW 1,219a, et *baloché*, *baloque*, les formes de la troisième personne du présent de *balocher*, *baloquer*, d'une part, l'italien *baloccare*, *balòcca* (Petrocchi), d'autre part, renvoient à un latin *ballōccāre, *ballōccat; le picard *baloucher* chez Corblet et dans le rouchi, le patois de Valenciennes (Wartburg) et son présent *balouche* d'une part, le sursilvain *balluccare*, *ballùcca* (Carigiet), qui a la même voyelle tonique que *tuccar*, *tùcca* «toucher, sonner la cloche», *tùc* «coup de cloche» (Carigiet) = italien *toccare*, *tocca*, *tocco*, d'autre part, renvoient à un latin *ballūccāre, *ballūccat. A ce que je viens de dire, *balloccāre pouvait naître de *balloclāre et, de la même manière, *ballūccāre de *ballūclāre. Il reste à savoir si un latin *ballōclāre ou un *ballūclāre est plus vraisemblable.

Or, il y avait dans le latin vulgaire des verbes en -ūclāre d'après leurs continuateurs romans. L'ancien français (*se*) *tantouillier*, *tantouillier* «se barbouiller» (Godefroy 7,643c), verbe employé par

Barthélemy Aneau originaire de Bourges, dans «L'Alector ou le coq», qui a *tantoillier*, par Blaise de Vigenère originaire de Saint-Pourçain-sur-Sioule (situé au sud de Moulins) dans la «Jérusalem délivrée», une traduction de la «Gerusalemme liberata» du Tasse, par Montlyard, sieur de Melleray — c'était Melleray du département de la Sarthe, nord — dans les «Hiéroglyphes de Jean Pierre Valerian» et par le duc de Sully — c'était Sully-sur-Loire situé au sud-est d'Orléans — dans les «Economies royales» (Godefroy), le normand *tantouiller* «éclabousser, barbouiller», qui signifie dans la Vallée d'Yères «remuer, mêler avec la mouvette en parlant d'une sauce», le haut-manceau *tantouiller* «agiter, rouler quelque chose dans l'eau ou dans le vase», le bas-vendômois *se tantouiller les pieds* «se les mouiller en les agitant» (Godefroy) et le saintongeais *tantouillé* «résidus de la préparation du porc qu'on tue dans les campagnes à la Saint-Jean; les restes du sang des boudins sont cuits ensemble et forment une sorte de bouillie épaisse et noire» (Littré), mot qui n'est rien que le participe passé substantivé du verbe, bref, le français *tantouiller* «barbouiller» (dont les significations dialectales naquirent de ce sens originaire en passant par «éclabousser») employé aux seizième et dix-septième siècles comme aujourd'hui dans le Maine, le Vendômois, l'Orléanais, le Berry, le Bourbonnais, le Saintonge, c'est-à-dire dans la partie sud-ouest du domaine français, mais envoyant une ramification à la Vallée d'Yères, et l'ancien provençal *tantolhar* «souiller» employé au participe passé *tantolhatz* par Izarn (qui s'occupait de convertir les Albigeois) dans les «Novas del heretje» 597 (Levy 8,56a), verbe dont les formes accentuées sur le radical avaient un *o* (Levy, Petit dict., qui a muni, cet *o*, il est vrai, d'un point d'interrogation, mais à tort), et le rouergat *se tantoulhà* «se mouiller le bas des vêtements, se crotter» (Mistral), ce verbe français *tantoillier*, *tantouiller* du sud-ouest du domaine de la langue et le verbe provençal *tantolhar* — *tantoulhà* du Rouergue et du territoire des Albigeois ne sont attestés que dans les formes à désinence tonique; mais leur présent était et est *tantoille* — *tantouille*, *tantolha* — *tantoulho*. Ils remontent sans doute à **t a n t ũ c l ā r e* — **t a n t ũ c l a t*. Le radical de *tantouiller* fut qualifié de «unklar», de «peu clair» par Meyer-Lübke, Histor. Gramm. der französ. Sprache 2,135; mais on peut expliquer ce radical. Le latin *tangere* étant attesté dans une demie douzaine d'exemples au sens de «tingere, liquore aspergere, illinere» (Forcellini-Furlanetti-Corradini-Perin 4,663a), le galloroman **t a n t u c l ā r e* naquit probablement

de **tanctulāre*, de **tanctum*, le participe passé de *tangere*; on a remplacé *tactum* par **tanctum* sous l'influence du présent *tangere*, comme on a remplacé *attactum* par **attinctum*, la base de l'ancien provençal *ater(h)*, Appel, Prov. Chrestomathie³, XXXIIIa, et du provençal moderne *aten*, languedocien *atench* «atteint» (Mistral, *ategne*), ou par **attanctum*, la base de l'ancien français *ataint*, *ateint*, Bartsch-Wiese, Chrestomathie de l'ancien français¹², 340, et du français moderne *atteint*. Le latin, qui possédait *missiculāre* «envoyer souvent» et *pensiculāre* «peser souvent», dérivés de *mittere*, *missum* «envoyer» et de *pendere*, *pensum* «peser», pouvait dériver un **tancticulāre* «souiller souvent» de *tangere*, **tanctum* «souiller»: il le transforma plus tard en **tanctulāre*, comme il a remplacé *-iclus* par *-uclus* (Meyer-Lübke, Gramm. 2, 468). **Tan(c)tulāre* était un verbe en *-uclāre* répandu par la partie centrale de la Gaule transalpine.

Meyer-Lübke, Histor. Gramm. der französ. Sprache 2, 135 a expliqué la formation de *tantouiller* bien autrement. Il a dit en allemand que «ouiller, latin *-uclāre* a probablement son point de départ en *tuduculāre*, ancien français *tooillier* «remuer». Par leurs acceptions, *barbouiller* et *tantouiller* «souiller» s'y rattachent». Or, l'ancien français *tooillier* *touoillier*, *toouillier* «remuer, mêler, piler, souiller» (Godefroy 7, 745bc) et le français moderne *touiller* «remuer avec un bâton, en les humectant, les matières qui servent à fabriquer la poudre» ont à leur côté l'ancien français *toeillier* Aloul 961 (fabliau picard de la première moitié du 13^e siècle, Gröber, Grundriss II, 1, 613), *touellier* Aliscans 3653 (texte picard, Gröber, 553), Roman d'Alixandre p. 146, 34; 149, 37 (dans le «Fuerre de Gadres» par Eustache, poète inconnu d'ailleurs, Gröber, 580); Bans de Hénin-Liétard (près de Béthune dans le Pas-de-Calais); *toellier*, *touwellier*, *touwelier* Chartes de Tournai dressées en 1332, 1334, 1386 (Godefroy 7, 745bc), verbe usité surtout dans le domaine du patois picard; *toeiller* existant à côté de *tooillier*, A. Thomas, Essais de philologie française, 392 a fait remonter à juste titre *tooillier*, *touiller* au latin *tudiculāre* «remuer, agiter» ou plutôt «*tudiculā* percutere» (Forcellini), «stampfen» (Georges), c'est-à-dire «écraser» Varron, Menippeae 287 d'après Nonius, 178 M.; Apicius 5, 2 (où *tudiculabis* et *in mortario terēs* des anciennes éditions convient mieux au contexte que *turundabis* de l'édition

d'Apicius 5,191 par Schuch), dérivé de *tudicula* «machine à écraser les olives» Columelle 12,52,7, qui lui-même était le diminutif de *tudes*, *tuditis* «marteau, maillet» féminin et naquit de **tuditula*. Ce n'est que dans l'ancien français qu'on a substitué *tooillier*, *touoillier* à *toeillier*, *toueillier* (conservé dans le patois picard) par un changement du suffixe, probablement sous l'influence de *tantouillier* «éclabousser, barbouiller» de forme semblable et de sens voisin; l'écrasement des matières humectées barbouille les parois du vase, et le normand *tantouiller* «remuer, mêler avec la mouvette» indique l'affinité des acceptions des deux verbes *tant-ouiller* et *tou-ouiller*. On pourrait supposer tout au plus qu'on eût déjà substitué **tuduculāre* à *tudiculāre* sous l'influence de **tantuculāre*, que ce changement de suffixe eût été déjà pratiqué dans une partie du galloroman septentrional. C'est à tort que Meyer-Lübke, REW 4971 a fait remonter l'ancien français *tooillier*, *toeillier* à un latin *tuduculus* «Rührstab», c'est-à-dire «bâton à remuer», en renvoyant à Thomas, Essais, 391, qui n'a point supposé une forme en *-uculus*; les gloses latines ne contenant que *tudicula*, *tudicla*, *todigla*, *tudiculum* (Goetz, Thesaurus glossarum emendatarum II, 372b), Meyer-Lübke, suivi d'Ernout-Meillet, Dict. étymologique de la langue latine¹, 1021;², 1064, a eu tort d'indiquer *tuduculus* sans l'astérisque des formes non attestées. Résumons! **Tantuculāre* était répandu sur le domaine français et le domaine provençal; **tuduculāre* était restreint au domaine français, pourvu qu'il ait déjà existé dans le galloroman. Ces faits rendent invraisemblable la supposition de Meyer-Lübke que **tuduculāre*, ancien français *tooillier* ait été le point de départ des verbes en *-uculāre*, *-ouiller* et ait influé sur **tantuculāre*, *tantouiller*; ces faits rendent plus probable notre supposition à nous, que **tan(c)tuculāre* ait influencé **tudiculāre*.

À côté de *tantoillier* il y avait dans l'ancien français un autre verbe en *-ouillier* ayant une correspondance provençale; *jangoillier* «jaser» employé par le Parisien Gieffroy dans le «Martyre de saint Bacchus» en 1313 (voyez Gröber, Grundriss II, 1, 830) et conservé dans le lyonnais et forézien *jangollier*, *janguouillier* «bavarder, railler» (Godefroy 4,633c), a à son côté l'ancien provençal *se jangolhar* «se moquer» (Levy, Petit dict.) attesté par *s'en janguelh* «qu'il s'en moque» (Raynouard 3,581a). À cause de cette forme à radical tonique, Raynouard a indiqué, à tort, un infinitif *janguelhar*, qui fut cor-

rigé en *jangolhar* par Levy, Petit dict. Ayant cité, avant l'exemple de *jangolhar*, un substantif déverbal *jangluelh* à côté de *janguelh*, Raynouard a indiqué un deuxième infinitif *jangloillar*, qui ne se trouve attesté nulle part et n'est point prouvé par *jangluelh*; l'ancien provençal *jangluelh* «bavardage» (Raynouard 3,580a) et *jangloill* «bavardage» (Levy 4,248a) pouvaient naître d'une fusion de *jangla* «babil» (Raynouard 3,580a; Levy 4,247b) et de *janguelh* (Raynouard 3,581a), **jangoill*, sans qu'un verbe **jangloillar* ait existé. La signification du verbe se *jangolhar* était d'après Raynouard «médire», d'après Levy, Petit dict., «gronder ou se moquer?», celle du substantif *janguelh*, *jangluelh*, *jangloill* d'après Raynouard «caquetage, bavardage, médisance, moquerie», d'après Levy «Geschwätz, törichtes Reden», c'est-à-dire «bavardage, sot discours», et «bavardage» dans le Petit dict.; le verbe *jangler* ayant signifié «bavarder; railler, se moquer» (Raynouard 3,580b; Levy 4,247/248 et Petit dict.), la variante *jango!har* a également passé du sens de «bavarder» à celui de «médire, se moquer». Il reste à savoir comment l'ancien français *jangoillier* «jaser» et l'ancien provençal *se jangolhar* «se moquer» naquirent. Or, à côté de ces verbes il y avait l'ancien français *jangler* «bavarder, railler, médire, aboyer», *soi jangler* «s'amuser à jaser et à rire» (Godefroy 4,632c) et l'ancien provençal *jang'ar* «babiller, bavarder, médire, se moquer» (Raynouard 3,580b; Levy 4,247b), *jangolar* «grogner» (Raynouard 3,581a), «kläffen», c'est-à-dire «japper» (Levy 4,248b, qui cite à tort *s'en janguelh*, forme de *se jangolhar*, sous *jangolar*) et le provençal moderne *gingoulà*, *jargoulà*, périgourdin *ginglà*, languedocien *janglà* «glapir» en parlant d'un chien, «hurler» en parlant des loups, «gémir, se lamenter» (Mistral); tous ces verbes remontent à un galloroman **jangulāre* d'origine francique ou d'autre (Meyer-Lübke, REW 4574). L'existence de **jangulāre* dans le galloroman prouve que *jangoillier* et *jangolhar* remontent à **janguliare*; on a dérivé de **jangulāre* un **jangulium*, base de l'ancien provençal *jang(l)uelh*, *jangloill*, à l'aide du suffixe -*ium* des substantifs déverbaux (Meyer-Lübke, Gramm. der rom. Spr. 2,450), et on a transformé **jangulāre* sur **jangulium* en **janguliāre*. L'ue du substantif *jang(l)uelh* est venu de formes verbales telles que *s'en janguelh*, et l'ue de ces formes verbales à radical tonique se disait à côté de l'o non accentué sur le modèle de

verbes tels que *aduelha* — *adoïhar* «regarde — regarder». *Jangoillier* et *jangoïhar* remontent à un verbe galloroman; mais ce verbe ne se terminait pas en -ucläre.

Les autres verbes français en -ouiller cités par Nyrop, Gramm. hist. de la langue franç. 3,202 et par Meyer-Lübke, Hist. Gramm. der frz. Spr. 2,135 ne remontent pas plus à des verbes galloromans en -ucläre; ils n'ont adopté -ouiller que postérieurement. *Barbouiller*, attesté dès le 14^e siècle (Wartburg FEW 1,444a et Bloch-Wartburg, qui corrigent tacitement l'indication «15^e siècle» du Dict. Gén. et de Gamillscheg), signifiait «barboter» dans le moyen français (Wartburg) et naquit de *baboter* (Gamillscheg) attesté dès le 13^e siècle et, par conséquent, antérieur à *barbouiller*, probablement sous l'influence de *tantouiller* de sens semblable, qui, lui-même, n'est attesté qu'aux 16^e et 17^e siècles, mais dont la correspondance provençale *tantolhar* fut déjà employé par Izarn entre 1260 et 1280 (Eméric-David, Hist. littéraire de la France 19,581). Ce n'est pas «en s'appuyant à souiller, patrouiller» (Gamillscheg) que *barboter* est devenu *barbouiller*, *souiller* ne contenant pas le suffixe -ouiller et *patrouiller* étant plus récent que *barbouiller*; *patrouiller* et sa variante *patouiller* ne sont attestés que dès le 15^e siècle (Bloch-Wartburg, *patte*) et furent inversement «formés avec le suffixe -ouiller de *barbouiller*» (Bloch).

Se ventrouiller naquit de *soi ventreiller* «se coucher sur le ventre» du 12^e siècle (Gamillscheg), mais n'a pas adopté «la forme et la signification actuelles dès le 13^e siècle», mais dans la seconde moitié du 14^e; *se ventroille* (: *se soille*) se trouve chez Gace, Roman des deduis (Godefroy 8,179c), rédigé entre 1359 et 1373 (Werth, Zs. für rom. Phil. 12,393). *Ventrouiller* s'est substitué à *ventreiller* et non pas à *ventrailler*, comme Meyer-Lübke, Hist. Gr. der franz. Spr. 2,135 a dit; *ventraille* Wace, Roman de Rou (Godefroy 8,180a) 1,581 de l'édition d'Andresen, rime à *s'esveille* et fut donc écrit par le scribe pour *ventreille* d'après le substantif *ventraille* «entrailles» Godefroy 8,178c (qui était la fusion de *ventre* et *entrailles*) et de même *se ventraillent* Livre du roy Modus et de la roïne Racio p. par Elzéar Blaze (Werth, Zs. für rom. Phil. 12,383), folio 65r^o (Godefroy) pour *se ventreillent*. *Ventreille*, *ventrillier* du même «Livre» et d'autres textes (Godefroy) remontent à un galloroman **ventriculäre*, dérivé de *ventriculus* «petit ventre»; *ventrille*, *ventreiller* d'autres textes naquirent d'un compromis entre *ventreille* et *ventrillier*. D'après Gamillscheg, *ventreiller* est devenu *ventrouiller* «en s'appuyant à **vautrouiller*», c'est-à-dire à un verbe représenté encore par l'angevin *vadrouiller* «se vautrer» et le rouchi *vafrouiller* «patauger dans l'eau», l'angevin *gadouiller* «remuer l'eau avec la rame» et le suisse *gadrouilli* «troubler l'eau» (Gamillscheg, *vadrouille* et *gadourad*), à un verbe de forme semblable, de sens semblable et de large diffusion; le bas-manceau *se ventrouiller* «se vautrer dans la poussière» (Gamillscheg) ne se dit pas loin de l'Anjou qui possède encore *vadrouiller*.

Vadrouiller, *gadouiller*, *gadrouilli* naquirent par la dissimilation de **vade-louiller* «remuer l'eau avec un balai» dérivé, sur le modèle de l'ancien français *to-ouiller* «remuer», de *vadel* «balai des marins», qui remonte lui-même au francique **wadal*, la correspondance de l'allemand *Wedel* «goupillon» (Gamillscheg, Romania Germanica 1,204); *vadrouille* «tampon de laine fixé au bout d'un bâton pour nettoyer le pont» naquit de *vadel* sous l'influence de *vadrouiller*. *Va-*

drouiller «flâner, rôder», un mot vulgaire du 19^e siècle (Bloch-Wartburg), qui manque au Dict. Gén. et à celui de Gamillscheg, dériverait d'après Bloch de *vadrouille* «tampon de laine» 1690, «mauvais drôle» (Dict. Gén.), «drôlesse» (Bloch) et aurait signifié à l'origine «agir comme une drôlesse»; mais l'angevin *vadrouiller* «se vautrer» et le rouchi *vatrouiller* «patauger dans l'eau» rendent plus probable un sens originaire «patauger» transformé en «flâner dans les rues aux heures avancées» par rapport aux *vadrouilles* «drôlesses».

Bredouiller, qui fut employé par Paré (Godefroy 8,371a) en 1564 (Bloch-Wartburg), naquit de l'ancien français *bredeler* du 13^e siècle (Bloch) et de son continuateur, le moyen français *bredeler* (Gamillscheg), qui fut déjà employé vers 1223 par Gautier de Coincy, Miracles de nostre dame 485, 128 (Godefroy 1,725c; Tobler-Lommatzsch 1,1132) et conservé dans le sud-est et le nord du domaine français et dans le Bas-Maine (Wartburg, FEW 1,540a); *bredeler* fut refait en *bredouiller* sur *gazouiller* qui est attesté dès 1316 (voyez plus bas), deux siècles et demi avant *bredouiller*. Ce ne fut pas «en s'appuyant à *bredouille*» (Gamillscheg) que *bredeler* est devenu *bredouiller*; *bredouille* «sans avoir fait un point au jeu de trictrac», employé en 1534 par Rabelais 1,11 (Dict. Gén.; Bloch-Wartburg) et mal expliqué par Gamillscheg, fut inversement dérivé de *bredouiller* (Wartburg, FEW 1,540a) au sens figuré de «se trouver dans l'embarras» (Dict. Gén.) et signifiait à l'origine «qui est embarrassé» (Bloch-Wartburg).

Gazouiller, employé par Paré en parlant d'oiseaux comme dans la langue actuelle et par Jean Maillart, Comtesse d'Anjou, en 1316 (voyez Gröber, Grundriss II, 1, 773-774) en parlant de personnes (Godefroy 9,690ab), fut dérivé de l'ancien et moyen français *gaser* «babiller doucement», qui fut employé dans la Farce «Frere Fillebert» dans *gaser comme un gay* en parlant d'un oiseau et signifiait sans doute «bavarder»; car *gaser* fut la correspondance normanno-picarde de *jaser* «babiller doucement» en parlant des oiseaux chez Ronsard, Franciade et «bavarder» dans le Jeu d'Adam p. par Luzarche, p. 41 (Godefroy 10,40a). *Gazouiller* avait donc le même sens que *gaser* et sa correspondance francienne *jaser*, qui fut employée au 12^e siècle dans le Jeu d'Adam (Dict. Gén.; Bloch-Wartburg); *gazouiller* fut dérivé de *gaser* et s'est répandu de la Normandie et la Picardie à l'Île de France. Formé sur un territoire restreint et n'ayant pas de correspondance méridionale, *gazouiller* fut probablement dérivé de *gaser* sur le modèle de *jangoiller* «jaser». — *jangler* «bavarder»; *jangoiller* est attesté au même temps (1313) que *gazouiller* (1316), mais a été plus ancien d'après sa correspondance méridionale se *jangolhar*.

Chatouiller est attesté pour le 13^e siècle, directement par *catoiller* de la Complainte de Pierre de la Broce (Godefroy 9,60b), vers 1276 (Gröber, Grundriss II, 1, 887) et indirectement par *catouillement* des Gloses latines-françaises du manuscrit 7679 de la Bibliothèque Nationale (Godefroy); *ilz se catoillent* chez Nicole Oresme, Ethiques d'Aristote, traduites en 1370 (Gröber, Grundriss II, 1, 1073) n'est pas l'exemple le plus ancien, ce que le Dict. Gén. et Bloch-Wartburg disent, et *chatoillera* de la «Maniere de langage», 403 (Tobler-Lommatzsch 2,316), texte rédigé en 1396, l'est encore moins. De même, *catouillement* chez Evrart de Conty (auteur picard), Problèmes d'Aristote (Godefroy 9,60b), publiés en 1390, bref le *catouillement* de 1390 n'est pas le premier exemple de cette forme, ce que Wartburg, FEW 2,510b disait; *catouillement* est déjà attesté

au 13^e siècle (Dict. Gén., sous *chatouillement* ; Bloch-Wartburg). D'autre part il est vrai que *chatollier*, tiré par Godefroy 9,60b d'un manuscrit des «Miracles de nostre dame» de Gautier de Coincy et cité par Wartburg, FEW 2,510a comme forme de Gautier lui-même, ne le fut pas ; Gautier de Coincy, *Miracles de la sainte vierge* p. par Poquet 121, 523 a rimé *cataillier* : *bataillier* (Tobler-Lommatzsch 2,316, ligne 28), a donc employé lui-même une forme *cataillier*, née de *cateillier* sous l'influence de *bataillier* «combattre». Il l'a employée avant 1236, l'an de sa mort ; *chatouiller* n'est attesté que dès 1276 (voyez plus haut). *Chatouillier*, *catoillier*, attestés dès le 13^e siècle, pourraient être aussi anciens que *chatillier*, *chateillier* (Godefroy 2,91a ; 9,60c ; Tobler-L. 2,316,30) et *cattillier*, *cateillier* (Godefroy 9,60bc ; Tobler-L. 2,316), formes conservées dans de nombreux dialectes (Wartburg. FEW 2,511a) ; mais, *c(h)atoillier* fut au contraire plus récent que *c(h)atillier*, parce que la forme en *-oillier* fut restreinte au nord de la France, celle en *-illier* avait ses correspondances dans le provençal *cati(h)à*, *gati(h)à*, le languedocien *catilhà*, le limousin *chassilhà*, l'alpin *gatilhà* (Mistral ; Atlas Ling. de la France, carte 253) et dans le piémontais *gatiè* (Sant'Albino), le milanais *galittà* (Cherubini) né de **gal'ittà*, **gattil'à*. Les formes *gatuyà* du Var, ouest, *gratuyà* du Gard (née de *gatuyà* + *gratà* «gratter»), *gratul'à* d'une partie de la Gascogne (Atlas Ling., 253) se sont substituées à *gratil'à* de la Vaucluse (située entre le Var et le Gard) et d'autres parties de la Gascogne, ancien **gatil'à* sous l'influence de la forme *chatouiller* de la langue littéraire ; les formes calabraises *cattugghinari*, *gattugghiare*, *gattugghiare*, *grattugghiare*, *grattugghiare* proviennent d'une fusion du français *chatouiller* et du provençal *gatilhà* (Rohlf, Diz. delle tre Calabrie 1,27). L'ancien français *c(h)ateillier*, le provençal *cati(l)hà*, *gati(l)hà* et le piémontais *gatiè* remontent du reste à un latin **cattilliāre*, **gattilliāre*, variante de *cattilliāre* «mulierem pede tangere» Eberhardus Bethunensis, Graecismus ed. Wrobel XV, 222, un mot latin qui fut relevé par Wrobel, Rom. Forsch. 3,466 et d'après Wrobel par Wartburg, FEW 2,512b, note 2 ; Wartburg, 510a a supposé une base *katl* «chatouiller». *Chateillier* ne remonte donc pas à un **caticuliāre* ; l'ancien provençal *catiglar*, *castiglar* (Levy 1,228a), le niçois *catigoulà* et le languedocien *cassigoulà* (Mistral) ont substitué «à *-iller* le suffixe *-iculiāre* dans une évolution à moitié savante» (Wartburg 2,512a). *Chatouiller* ne remonte pas plus à un **cattuculiāre*. *Chateillier* est devenu *chatouillier*, peut-être sous l'influence de *jangoillier* «jaser» ; jaser avec une jeune femme et la chatouiller sont deux actions qui se rattachent souvent l'une à l'autre et dont les dénominations s'employaient maintes fois l'une après l'autre.

Parmi tous les verbes en *-ouiller* cités par Meyer-Lübke 2,135, *tantouillier* provenant de **tan(c)tucliāre* est le seul continuateur d'un verbe galloroman en *-ucliāre* ; *jangoillier*, omis du reste par Meyer-Lübke aussi bien que par Nyrop 3, 202, remonte lui aussi à un verbe galloroman, mais à **janguliāre*, non pas à un verbe en *-ucliāre*. Les autres verbes ont emprunté *-ouiller* à *tantouillier* comme *toouillier*, *barbouiller* ; *pat(r)ouiller*, *vadrouiller*, *ventrouiller* ou à *jangoillier* comme *gazouiller*, *bredouiller* ; *chatouiller*.

Adams, Word-formation in Provençal, 351, n'a cité que deux verbes provençaux en *-olhar* : *jangloihar*, qu'il faut corriger avec

Levy en *jangoïhar*, et *tantolhar*, justement les deux verbes que j'ai cités comme preuves de l'ancienneté des verbes français *jangoillier*, *tantouiller*. Il est vrai que Ronjat, Grammaire historique des parlers provençaux modernes 3,406 a cité la continuation moderne d'un troisième verbe provençal en *-olhar*, c'est-à-dire un verbe en *-ouià*, dialectal *-oulhà* : *virouià*, dauphinois *viroulhà* «tourner de ci et de là, pirouetter, tourner» (Mistral), qui a à son côté le moyen français *virouiller* «s'agiter comme une girouette» du Mystère de l'Incarnation et la Nativité (Godefroy 8,260c), représenté en 1474 (Gröber, Grundriss II, 1, 1232), et le (franc-) comtois *viroller* «tourner de côté et d'autre» (que Godefroy 8,259c a cité sous *viroler* et a attribué au Doubs sous *virouiller*); mais *virouià*, *viroulhà*; *virouiller*, *viroller* ont à leur côté l'ancien provençal se *virolar* «se tourner» et son présent (*que*)s *virōla* rimant à *percōla*, *viōla* (Levy 7,52b; 8, 797a), le limousin et niçois *viroulà*, le languedocien *biroulà* «tourner de ci et de là» (Mistral), le morvannais *viroler* «aller en rond», le rouchi *virouler* «tourner de côté et d'autre», le picard *viroler* «voltiger, tourbillonner» (Godefroy 8, 259c sous *viroler* d'autre sens), verbes qui remontent à **vīriolāre* (**vīriōlat*), et proviennent eux-mêmes d'un **vīroliāre* né de **vīriolāre*. L'ancien provençal *virōl* «rotation», *virōla* «jouet d'enfant auquel on imprime un mouvement de rotation» (Levy 8,796b; Petit dict.), le provençal moderne *viròu*, languedocien *virol*, gascon *birol* «toton, moulinet» (Mistral), le moyen français occidental *virollet* «moulin à vent» Rabelais 1,11; Noel du Fail, Baliverneries, 1 (Godefroy 8, 259c) renvoient à **vīriōlum*, **vīriōla*, dérivés de **vīriolāre*. On transforma **vīrulāre* «tourner un peu», diminutif de **vīrāre* (Meyer-Lübke, REW 9300,2), en **vīriolāre* (et puis en **vīrioliāre*) en pensant à *viriola* «petit bracelet» et à un sens «faire un petit cercle». Bref, *virouià* remonte à **vīroliāre* et non pas à **vīruclāre*; **tan(c)tuclāre* a été le seul verbe galloroman en *-uclāre*, dans le midi de la Gaule aussi bien que dans le nord.

Le catalan *batollar* «fer caure les nous, ametlles, batre els llegums; batre el blat per treure'n el gra» (Griera, Tresor), c'est-à-dire «abattre les noix, les amandes, battre les légumes; battre le blé pour en tirer le grain»; *abatollar* «batre les nous de les nogueres» (Griera), c'est-à-dire «abattre des noyers les noix»; l'aragonais *batollar* «varear o sacudir los árboles» (Borao), en français «gauler ou secouer les arbres», verbe que l'Académie a castillanisé en *batojar* en le

déclarant provincial et sans donner un exemple ; *abatollar* «la misma significación» que *abatojar* «agramar ó machacar aluvias u otras legumbres, para que suelten el grano de la vaina ; apalea las nueces, para que caigan del árbol» (Borao), remontent à *a b b a t t u c - l ā r e , *b a t t u c l ā r e , dérivés de *b a t t u c l a qui est conservé dans le catalan *batolla* «barra per a fer caure les nous, ametlles ; instrument per abatre els llegums, el blat» (Griera) et son pluriel *batolles* «instrument per a batre a mà, format per dos pals lligats amb una corretja que, amb un moviment rotatori, piquen les garbes i en fan caure el gra» (Griera), donc «fléau». *B a t t u c l a naquit probablement par un changement de suffixe (échange de -u c l a contre -i c l a) de *b a t t i c l a ; *b a t t i c (u) l a fut dérivé de b a t t e r e «battre» sur le modèle de t u d i c u l a «machine à écraser les olives» — t u n d e r e «battre à coups répétés et avec un instrument contondant, écraser». Huber, Katalan. Grammatik, 218 n'a cité qu'un seul verba en -ollar, non pas *batollar*, mais *empatollar* «verwirren» («embrouiller») qu'il tient pour un simple dérivé de *empatar* «hemmen, unterbrechen» «retenir, interrompre»). Le catalan possédant *patollar* «patschen, hudehn» (Vogel), qui provient du moyen français *patouiller* «patauger», il est probable que *empatollar* «embrouiller» est né d'une fusion de *patollar* «patauger, bâcler (travailler trop à la hâte)» et *empatar* «retenir, interrompre» ; la fusion explique et la forme et le sens de *empatollar*. *Batollar* est le seul continuateur catalan d'un verbe en -u c l ā r e .

Quant à l'espagnol, Hanssen, Gramática histórica de la lengua castellana, 158 n'a cité, lui aussi, qu'un seul verbe en -u c l ā r e : «*abatojar* Borao 141», c'est-à-dire l'aragonais *abatojar*, variante castillanisée de *abatollar* que je viens de discuter ; le nord-est seul du domaine espagnol a eu un verbe en -u c l ā r e : *a b b a t t u c l ā r e . Pour le portugais enfin, Nunes, Compêndio de gramática histórica portuguesa, 398-399 a cité -antar, -entar ; -egar, -gar ; -itar, -ecer parmi les «sufixos verbais de proveniência latina», mais non pas -olhar ; c'est aux philologues portugais d'en dire plus.

Résumons ! Le latin vulgaire de la Gaule a possédé *t a n (c) t u c l ā r e «barbouiller» ; celui du nord-est de la péninsule ibérique a eu *b a t t u c l ā r e «battre le blé avec le fléau», *a b b a t t u c l ā r e «abattre les fruits avec un bâton». D'autre part, des continuateurs romans sûrs de verbes en -o c l ā r e ne me sont point connus. Pour cette raison, un latin *b a l l u c l ā r e est plus probable qu'un *b a l l o c l ā r e .

Comment naquit *balluclāre? Les verbes attestés missiculāre, pensiculāre, dérivés de mittere, missum; pendere, pensum nous ont fait supposer que *tancticulāre, dérivé de tangere, *tanctum, a précédé *tanctuclāre qui a donné *tantoillier*, *tantolhar*; on a donc remplacé -iculāre, -iculat par -uclāre, -uclat dans ce verbe comme -ic(u)lus par -uclus dans tant de substantifs (Meyer-Lübke, Gramm. der rom. Sprachen 2,468) et aussi dans *battic(u)la, imitation de tudicula, *battucla (catalan *batolla*), base de *(ab)batuclāre (voyez ci-dessus). De même que -iculāre par -uclāre, on a remplacé plus tard -eillier par -oillier dans *toeillier* — *tooillier*, *ventreiller* — *ventro(u)iller* où -eillier est venu de -iculāre. Tout cela nous fait supposer que *ballic(u)lāre a précédé *balluclāre. Une autre raison de supposer *ballic(u)lāre s'ajoute à celle que je viens d'exposer. *Salticlāre, dont les continuateurs romans s'étendent de Florence par Lucques au midi de la France, jusqu'à la Gascogne et s'étendaient probablement, à ce que le salmantin *saltijón* «sauterelle» nous dit, jusqu'à Salamanque, a été précédé de *salticlāre (voyez ci-dessus); ballāre «danser» ayant eu le même sens que saltāre, on pouvait dériver un *ballic(u)lāre de ballāre sur le modèle de *salticlāre — saltāre, pour remplacer plus tard -ic(u)lāre par -uclāre. Probablement, on a donc dérivé en Italie et sur la péninsule ibérique sur le modèle de saltāre — *salticlāre de ballāre un *balliclāre; plus tard, on a remplacé *balliclāre, *balliclat par *balluclāre, *balluclat comme -iclus par -uclus. Puis, on a dissimilé le *l* du suffixe contre le *l* du radical en compensant la perte du *l* après le *c* par l'allongement du *c* dans *salticlat — *salticcat et *balluclat — *balluccat. *Ballūccat, *ballūccāre, conservées à la marge de leur domaine, ont donné le sursilvain *ballūcca*, *balluccare* et le picard *balouche*, *baloucher*. Ailleurs, *ballōccat, *balloccāre sont devenus *balloçcat, *balloccāre, en opposant un *o* accentué à l'*o* inaccentué sur le modèle d'autres verbes comme d'autres verbes romans (Brüch, Rom. Forsch. 54,312 et suiv.), et *ballōccat, *ballōccāre, en égalisant les voyelles du radical tonique et du radical atone; ces formes ont donné l'ancien français *baloch*, *baiocher*, le français dialectal *baloch*, *balocher*; *baloque*, *baloquer* et l'italien *balòcca*,

baloccare (voyez au début de cette discussion). En Lusitanie, on a dérivé de *ballūccāre «balancer» un substantif déverbal *ballūccium «action de se balancer»; enfin, on a remplacé *ballūccāre par *ballūcciare sous l'influence de *ballūccium. Le -ccj- de *bracchium*, la vraie forme de ce mot latin (Sommer, *Handbuch*^{2/3}, 201; Stolz-Leumann, *Lat. Gramm.*, 131; Walde-Hofmann, *Lat. etym. Wörterbuch*, 114; Thesaurus II 2156,58 suiv.) ayant donné le portugais *braço* de même que l'ancien espagnol *braço* (Baist, *Grundriss* I²,900; Menéndez Pidal, *Manual*⁶,151, qui expliquent le c par le cci de la forme latine), -ccj- ayant donc donné -ç- et non pas -iç-, *ballūccium, *ballūcciat sont devenus *balôço, *balôça, non pas *baloïço*, *baloïça*. La diphthongue de *baloïço*, *baloïçar* reste à expliquer.

A M. Jaberg, *Rev. Port. de Fil.* 1,22 «*redoïça* et *baloïço* semblent bien être en portugais les désignations les plus anciennes de la balançoire»; mais *redoïça* est, ce qu'il conclut de «sa répartition actuelle», «un mot en recul et son aire a été recouverte en partie par *baloïço*». **Baloça*, **baloçar* furent donc depuis longtemps en contact avec *redoïça*, *redoïçar* et pouvaient devenir *baloïço*, *baloïçar* sous l'influence de *redoïça*, *redoïçar*.

Comme *baloïço*, *baloüço* de **balôço*, *cadoïço*, *cadouço* «cachette de poissons», «provincianismo minhoto e extremenho» (Figueiredo) naquit d'un **cadôço* «cavité du lit d'un fleuve», espagnol *cadozo*, *cadoso* «lugar profundo en el río», ancien *cadoço* Juan Manuel, *Libro de la caza* p. par Baist, 36,24; le zamorano *cadôzo*, *caôzo* «pântano o charco formado en el cauce de los ríos», salmantino *caôzo*, *cahozo* «hondura que se forma en los regatos y ríos», mots recueillis par Menéndez Pidal, *Rev. de Fil. Esp.* 7,25 et provenus de **catucium*; l'aragonais *cadolla* «hoyo o pequeña cavidad abierta en roca viva para recoger agua pluvial o manantial» de La Litera et le catalan *cadolla* «clot... en la terra, que s'omple d'aigua quan plou, clot fet en la roca, que recull i conserva l'aigua de pluja» (Tresor), remontent à **catucula*. Probablement, **catuccium* naquit de **catucula*, **catucula* de **caticula* et **caticula* de *catinus* «plat» et «cavité de rocher» Plin., *Hist. nat.* 34,125 (*in saxorum catinis*) par trois changements de suffixe. *Cadoço*, *cadolla* ne proviennent pas de **cadūceum*, **caducula* proposés par Menéndez Pidal comme dérivés du latin *cadus* «cruche» et acceptés par Meyer-Lübke, *REW* 1456, parce que le *d* intervocalique serait disparu dans le portugais, l'es-

pagnol et le catalan ; ce n'est que dans l'espagnol populaire que le *d* intervocalique provenant de *t* latin s'est perdu (Menéndez Pidal, *Manual*⁶, 100 et note 1), que *cadozo* est devenu *caózo*, écrit quelquefois *cahozo*. Le *t* de **catuccium*, **catucula* a donné régulièrement *d* dans les trois langues. Le *ci* latin (à *c* simple) ayant donné *z*, non pas *ç*, dans l'ancien espagnol (Baist, *Grundriss* I², 900 ; Menéndez Pidal, *Manual*, 149), *cadoço* de Juan Manuel ne peut pas remonter même à **catōceum*, mais seulement à une base en *cci* c'est-à-dire à **catuccium*, parce que **catōccium* aurait réduit *cc* à *c* après la voyelle longue ; **catuccium* rappelle **catucula*, qu'il faut substituer à **caducula* proposé par Menéndez Pidal. Pour le sens, le catalan *cadolla* «cavité dans le rocher, la terre» et l'espagnol *cadozo* «cavité dans le lit du fleuve» pouvaient très bien provenir du latin *catinus* «cavité du rocher» attesté. Enfin, le portugais *cadoiço* naquit d'un **cadôço* de même origine que l'ancien espagnol *cadoço*, probablement, désignant une cavité en forme de plat, sous l'influence de *caçoila* «poêle à frire» (que j'ai essayé d'expliquer dans «Portugal, Festschrift», 97) ; **cadôço* ressemblait à *caçoila* par la forme et le sens original.

Outre *baloïço* et *cadoiço*, les mots *moroïço*, *papoïço*, *pedroïço* et *rodoïça* furent cités par M. Jaberg, 13, comme exemples du suffixe -*oiço* «assez rare en portugais». Or, *moroïço* «monceau», comme prov. beirão «tas de pierres» (Figueiredo), lié à l'espagnol *morón* «montecillo de tierra» et à *morro* «monte o roca de forma redonda», qui a deux *rr* comme les mots romans de la même famille (Meyer-Lübke, *REW* 5762), *moroïço* «forme convexe du sol rocheux» a probablement adopté le suffixe de *cadoiço* «forme concave du sol rocheux» et *pedroïço* «tas de pierres» celui de *moroïço*. *Papoïço* «enflure, tumeur», termo da Bairrada (Figueiredo), fut dérivé de *papo* «jabot d'oiseau», sur le modèle *moroïço* — *morro* «colline», *rodoïça* «cousinet de tête», enfin, de *roda* «roue» sur celui de *pedroïço* — *pedra*, désignant un tas de «trapos torcidos, que se põe na cabeça para sustentar fardos» (Figueiredo). *Figos badalhouços* «figues précoces» à Serra de Santo António (Jaberg), dérivé de *badalo*, a le suffixe de *balouço* ; *badalar* «nous ramène à une signification qui est très près de «se balancer» (Jaberg).